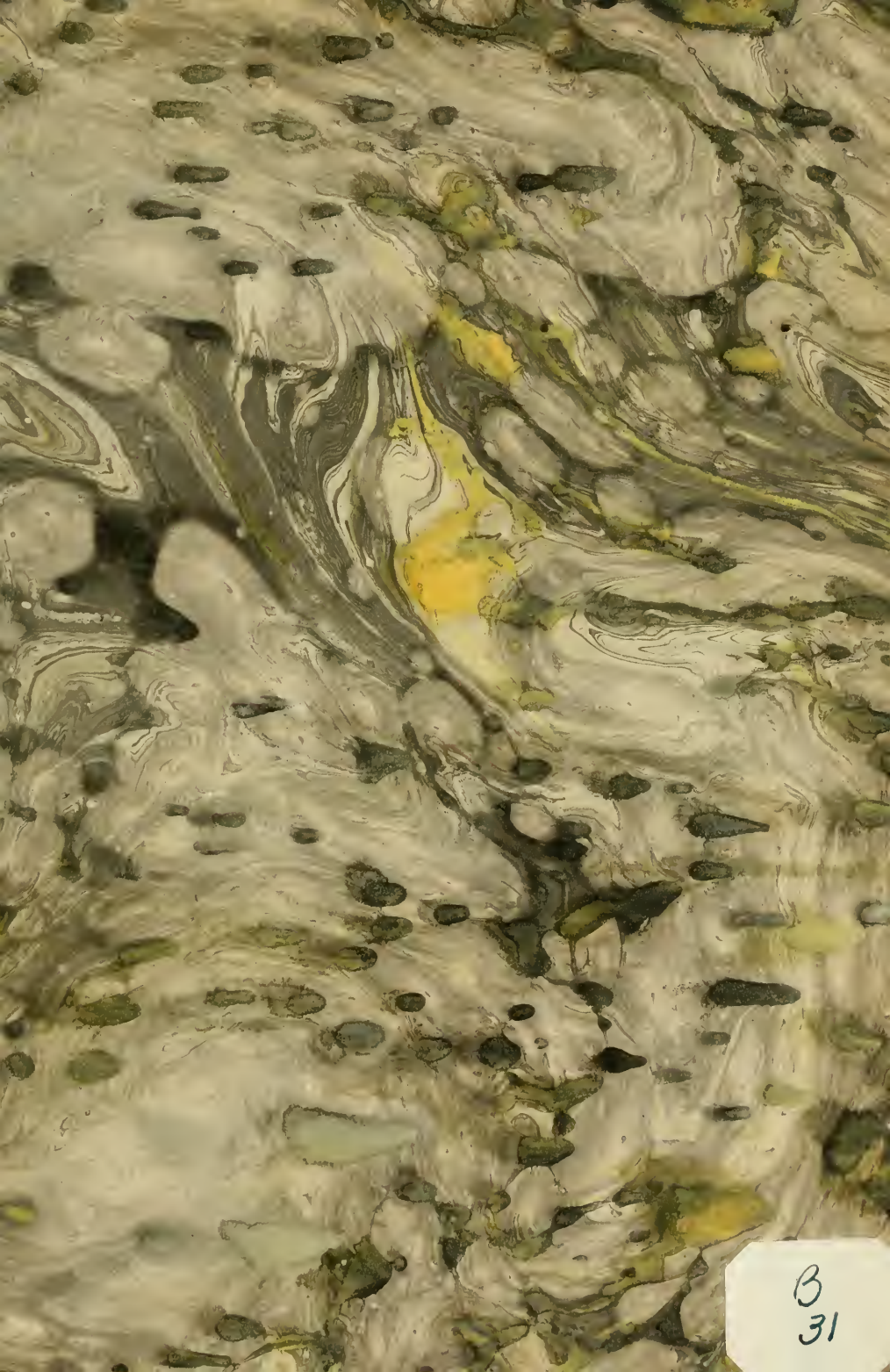
McKEW PARR COLLECTION

MAGELLAN
and the AGE of DISCOVERY

PRESENTED TO
BRANDEIS UNIVERSITY • 1961


B
31

A vida de Nun'alvares

ESTA HE A FIGVRA DO CONDE ESTABRE, AO NATVRAL, QVANDO ESTAVA EM RELIGIAM, NO CARMO DE LIXBOA, ONDE IAZ.

Oliveira Martins.

A VIDA DE NUN'ALVARES

J. P. OLIVEIRA MARTINS

OBRAS COMPLETAS

I. Historia nacional:

Historia da civilisação iberica, 3.ª ed. (1886). 1 vol.
Historia de portugal, 4.ª ed. (1888). 2 vol.
O Brazil e as colonias portuguezas, 3.ª ed. (1888), 1 vol.
Portugal contemporaneo, 2.ª ed. (1883). 2 vol.
Portugal nos mares. (1889). 1 vol.
Camões, os lusiadas e a renascença em portug[illegible] 1 vol.
Navegaciones y descubrimientos [illegible]s portugueses, *(ed. do Ateneo de Madrid,* 1892). 1 vol.
A vida de Nun'alva[illegible] vol.
Os filhos de D. João I

II. Histor[illegible]al

Elementos de anthro[illegible] 3.ª ed. (1885). 1 vol.
As raças humanas e a civilisação primitiva, 2.ª ed. (1893). 2 vol.
Systema dos mythos religiosos, (18[illegible] 1 vol.
Quadro das instituições primitivas. [illegible] ed. (1893). 1 vol.
O regime das riquezas, (1883). 1 vol.
Historia da republica romana, [illegible] 2 vol.
O hellenismo e a civilisação chr[illegible] (1878), 1 vol.
Taboas de chronologia e [illegible] historica, (1884). 1 [illegible]

III. Varia:

A circulação fiduciaria. *Memoria premiada com a medalha de ouro, no concurso de 1878, pela Academia Real das Sciencias de Lisboa,* (1883).
A reorganisação do banco de portugal, *opusculo,* (1877).
O artigo «Banco» do *Dicionario Universal Portuguez,* (1877). 1 vol.
Politica e economia nacional, (1885). 1 vol.
Projecto de lei de fomento rural, *apresentado á camara dos deputados na sessão de 1887.* 1 vol.
Elogio historico de Anselmo J. Braamcamp, *ed. part.* (1886), 1 vol.
Theophilo Braga e o Cancioneiro, *opusculo,* (1869).
O Socialismo (1872-3), 2 vol.
As eleições, *opusculo,* (1878).
Carteira de um jornalista: I. *Portugal em Africa,* (1891). 1 vol.
A Inglaterra de hoje, cartas de um viajante, (1893). 1 vol.

J. P. OLIVEIRA MARTINS

A VIDA

DE

NUN'ALVARES

Historia do estabelecimento da dynastia de Aviz

Desenhos de Casanova

LISBOA
LIVRARIA DE ANTONIO MARIA PEREIRA — EDITOR
50, 52 — Rua Augusta — 52, 54

MDCCCXCIII

Advertencia

Mais de um critico tem notado que a obra por mim publicada com o titulo de *Historia de Portugal* deveria chamar-se antes Considerações, ou Ideas, sobre a historia portugueza. Sem discutir a questão, e registando o carinho com que o publico recebeu esse livro, direi apenas, de passagem, que a pintura synthetica e dramatica da vida de um dos seres collectivos chamados nações suggere ao espirito uma idéa muito mais nitida, real e duradoura, do que a narrativa summaria da successão dos acontecimentos. Tal é decerto a razão do exito da *Historia de Portugal.*

Quanto a mim, não ha meio termo entre esta forma de conceber a historia, e os estudos ou monographias criticas das suas varias epochas, dos seus caracteres mais conspicuos, e dos seus episodios mais salientes. E se, portanto, na *Historia de Portugal* pretendi, conforme o programma traçado a essa obra,

realisar uma especie de pintura mural onde a tragedia portugueza se desenrola, na successão dos seus momentos épicos: n'este livro, e nos *Filhos de D. João I*, que o precederam, o meu intuito foi estudar criticamente o assumpto, investigando-o sob todos os seus aspectos, para que o leitor podesse obter um conhecimento exacto do tempo, dos homens e dos casos escolhidos para assumpto da exploração historica.

Nas breves palavras de explicação que puz á frente dos *Filhos de D. João I,* indiquei os principios a que obedeceu, na sua composição, esse meu trabalho: é pois desnecessario voltar agora a um assumpto já tratado; porque a esses mesmos principios obedeceu egualmente a composição da *Vida de Nun'Alvares.* Quando não tivesse outros motivos para manter o plano seguido, bastava a acceitação benevolente com que foram recebidos *Os filhos de D. João I.*

E já agora, que deixo estudadas a fundação e os primeiros passos da historia da dynastia de Aviz, o meu vivo desejo, e a minha ambição suprema, seria dispor ainda de saude, de vida, de intelligencia e de socego de animo, bastantes, para lhe estudar a duração inteira até a data lugubre de 1580. Esses dois seculos incompletos, momento fugaz no incontavel decurso dos tempos, são porém o bastante para projectar na historia um clarão de luz incomparavel. E, como é facil de perceber, succedem-se durante esse periodo as gerações, trazendo cada uma d'ellas o nome de um heroe que as individualisa: nem podia ser de outro modo, quando a seiva da arvore nacional alimentava uma vegetação pujante.

A' geração de Nun'alvares, que foi o Messias da

patria portugueza, succede a dos filhos do mestre de Aviz. A estes succede a figura tragica de D. João II, em quem renasce o genio do infante D. Henrique, e os pensamentos vagos de seu irmão D. Pedro se formulam por um modo pratico, ou politico, para fundarem o imperialismo idealista. O Principe-perfeito será portanto, se puder ser, o livro que se seguirá a este, estudando a construcção já acabada do imperio portuguez.

Esse imperio teve depois a Asia por theatro. Alexandre resuscitou. Alexandre chamou-se portuguezmente Albuquerque: um nome em que a imaginação individualisa toda a historia magnifica da nossa aventura ultramarina. A' vida de D. João II seguir-se-ha, portanto, a de Affonso de Albuquerque, abrangendo os reinados de D. Manuel e D. João III, com a desorganisação moral e economica da sociedade portugueza e com a transformação do imperialismo politico n'um quasi lamismo thibetano, quando toda a Hespanha foi presa do catholicismo delirante.

Um tal estado de morbidez psychologica é o caracter mais geral da ultima geração do XVI seculo, e é por isso que a figura de D. Sebastião, em quem renasciam anachronicamente os ideaes do mysticismo heroico de outras éras: de D. Sebastião que foi um Nun'alvares posthumo, encerra a galeria dos homens typicos, e completa o quadro de estudos que tracei para ir aproveitando o tempo que ainda me for dado viver.

Se conseguir levar a cabo a empreza, poderei então, conforme o desejo dos meus criticos, mudar á *Historia de Portugal* o titulo em *Introducção* a uma

historia portugueza, perscrutada e narrada em todo o periodo, em que o nosso povo representa um papel eminente e original. Porque antes, durante o periodo affonsino, a historia nacional, além de se confundir com a dos outros estados peninsulares, tem o caracter commum ás nações nascidas sobre as ruinas do imperio romano: um caracter obscuro e confuso em que o movimento anonymo dos interesses e classes é tudo; e esses movimentos collectivos tinha-os estudado já na *Historia da Civilisação iberica*. E' o periodo da constituição nacional. E porque, do meiado do XVII seculo em diante, a historia de Portugal volta a não despertar a curiosidade, senão para o estudo dos casos de pathologia collectiva, já por se não distinguir, nos seus traços geraes, das historias do Meio-dia europeu; já por traduzir apenas uma face particular do movimento mais largo da decomposição geral da Peninsula. E' essa melancolica historia que vem terminar nos episodios tragi-comicos de que se compõe o meu *Portugal contemporaneo*. E' o periodo da decadencia.

Se, portanto, repito e concluo, tiver vida, força, intelligencia e repouso de animo, para acabar de compor a historia do tempo de Aviz, morrerei ao menos com a convicção de não ter sido inteiramente inutil a minha existencia, pois terá servido para comprehender e contar um dos phenomenos mais nobremente interessantes da passagem dos homens sobre a terra.

Retrato d Nun'alvares; da *Chronica do Condestabre*. ed. de 1526

A VIDA DE NUN'ALVARES

I

O prior do Hospital

Meia legua, ou pouco mais, para o norte do Crato, em meio d'essa charneca dilatada que vem das Beiras, e, transposto o oasis do alto-Alemtejo, se alonga até ás serras do Algarve, está a Flôr-da-Rosa, ladeada a nascente pelos montes de Portalegre, levantados contra a fronteira de Castella. As torres quadrangulares e massiças da nova egreja do Hospital, alvas de mocidade, mordem o céo com os dentes das ameias, abrigando na sua sombra poderosa as choças humildes dos caseiros, a quem o prior vae aforando terra, para crear em torno da fundação um nucleo de moradores, como tantas villas que n'esses antigos tempos constantemente nasciam do solo requeimado do Alemtejo. Os reis, os monges militares, os donatarios: todos, estavam apostados, ainda no ultimo quartel do XIV seculo, a consolidar, povoando-a e arroteando-a, a metade agreste do reino alcançada das mãos dos mouros á custa de mil combates, devastada e nua, resequida e deserta, após seculos de incessantes guerras: cemiterio de ruinas onde a

esteva e o tojo encobriam as pedras dos muros derrocados; porque as raizes das antigas arvores, os pavimentos das estradas e os restos das villas romanas, havia muito que, ou se tinham dissolvido no pó da charneca, ou jaziam soterradas n'elle com o perpassar constante do tropel das guerras. Destruida a vegetação, expulsa a gente, sumiu-se a agua para o sub-solo, formaram-se as torrentes com o precipitar das chuvas, abriu chagas a pelle da terra; e o sol, seccando o ar e o chão, pôde estender o seu imperio absoluto sobre a amplitude nua do deserto: nua como a illimitada campina azul do céo, tambem ermo de nuvens.

O Crato era a capital dos estabelecimentos hospitalarios portuguezes. O prior, D. fr. Alvaro Gonsalves Pereira, fundára, em 1356, na Flôr-da-Rosa uma egreja e mosteiro torreado, para ahi dormir o somno eterno sob o patrocinio de Nossa Senhora das Neves [1], ao lado de seus paes, o arcebispo de Braga, D. Gonçalo Pereira, e Tareja Pires Villarinho, a salamanquina, que já repousavam á sombra dos muros espessos da egreja acastellada, como cumpria n'essa região de fronteira, sacudida sempre por álgaras e devastações de inimigos. Ainda, porém, ao cabo de dezesete annos, em 1373, quando o prior resolvera enviar á côrte o seu filho, Nuno, que apenas contava treze annos: ainda então, a traça das construcções não se achava terminada; e do Crato á Flôr-da-Rosa ia com frequencia o prior, já velho, antegostar o socego do tumulo que escolhera, desejoso de que a morte o não surprehendesse antes de vêr terminado o monumento, que devia dar testemunho da sua passagem pelo mundo.

D. fr. Alvaro, homem poderosissimo que já privára com el-rei D. Affonso IV, e depois com el-rei D. Pedro-o-crú, era uma das figuras eminentes do tempo de D. Fernando. Os seus annos, os seus serviços, o seu saber e entendimento davam-lhe essa preferencia: sobretudo as artes da astrolo-

---

[1] Carvalho, *Chorogr.* II, 387.

gia, em que punha um minucioso cuidado, nas suas demoradas praticas com mestre Thomaz, o astrologo da casa [1], traçando os vaticinios do tempo, á luz tenuissima que n'essas épocas de barbarie lobrega annunciava o despontar da claridade racional. N'uma atmosphera de sombra e medo, n'um tempo de incerteza e crueldade, o esforço pessoal e a superstição divinatoria, eram as duas armas com que os homens conseguiam atravessar pelas brenhas da vida, em combates incessantes.

Sabio e valente, o prior era celebrado pela magnanimidade do seu coração, pela largueza do seu espirito, pela generosidade da sua alma. «Partia grandemente o que havia» [2]. Quando a existencia depende do esforço humano e não da estabilidade da machina social, o homem, com os impulsos do seu instincto voluntario, póde expandir á larga os dons que a natureza lhe deu, como arvore bracejando livremente no ar; e mostrar-se qual nasceu e o fizeram, ou na grandeza incoherente de heroe, ou na abjecção monstruosa de malvado. D. fr. Alvaro pertencia á familia dos primeiros. Deixada a natureza ao seu livre curso, não ha moderação, nem caracteres temperados: esta mediania que é a regra nas sociedades bem ordenadas, onde cada qual, ao nascer, encontra preparado o molde a que tem de sujeitar-se desde o berço até á cova. Ai, d'aquelles que vieram fadados para excentricos voluntariosos; ai, tambem,

---

[1] Lopes, *Chron. de D. João I,* prim. parte, xxxiv.

[2] *Chron. do Condestabre*, 1. — Esta chronica é anterior á de Fernão Lopes, que a introduziu no seu texto, copiando-a por vezes quasi litteralmente. Quando as transcripções não bastassem para o provar, demonstra-o a critica e rectificação que Lopes faz varias vezes ao theor da *Chron. do Condestabre.* Por isso recorremos, só em taes casos, a Fernão Lopes; deixando de o fazer, quando elle apenas reproduz. Fernão Lopes, nomeado chronista-mór do reino em 1434, pertenceu á geração immediata á do mestre d'Aviz; e achando, pois, já escripta a *Chron. do Condestabre,* não soffre duvida que este livro é coevo dos acontecimentos que relata, e o mais vetusto monumento da historiographia nacional, em lingua portugueza.

dos que, nas edades tempestuosas do mundo, nasceram sem trazer nos musculos a tempera da energia.

Era um grande braço, era um grande cerebro, era um grande coração, D. fr. Alvaro; e tudo isto era espontaneamente, á lei da natureza, levado pelos impulsos da vontade, pelos assomos do orgulho fidalgo, pela violencia de um temperamento carnal. Na sua longa vida, apesar dos votos proferidos antes dos dezoito annos, que foi quando o fizeram prior do Hospital, teve muitos amores, e trinta e dois filhos, machos e femeas [1]. O mais velho chamava-se

---

[1] *Chron. do Condest.*, 1. — D'estes trinta e dois filhos, os que apparecem mencionados nas chronicas são :

1. Pedr'alvares, n. de Maria Domingues Brandão, solteira; legitimado em Portalegre a 26 de agosto (E. 1395) 1357. Prior do Crato; e em 1384, Mestre da Ordem de Calatrava, em Castella. † em Aljubarrota.

2. Rodrig'alvares, n. de Iria Vicente ; legitimado na mesma occasião. Morgado de Agoas Bellas, senhor de Souzel e de Cerveira.

3. Fernand'alvares, n. de Iria Gonsalves do Carvalhal ; idem. Alcaide-mór de Elvas.

4. Lop'alvares, idem, leg. em Portalegre, a 24 de julho (1399) 1361.

5. Gonçalo Pereira, idem, id. Atouguia, a 15 de setembro (1405) 1367.

6. Vasco Pereira, idem, id. Coimbra, a 8 de setembro (1407) 1369.

7. Ruy Pereira, idem, id. Villa Viçosa, a 8 de janeiro (1413) 1375.

8. Fernão Pereira, idem.

9. Affonso Pereira, idem ?

10. Diog'alvares, idem ?

11. Nun'alvares, idem, id. Portalegre a 24 de julho (1399) 1361.

N'esta lista parece faltarem dois filhos, pois Nun'alvares era o 13.º. Vê-se porém que foi legitimado conjuntamente com seu irmão Lopo; e a julgar pela ordem das legitimações, pelo menos trez irmãos seriam mais novos. Fernão, diz-nos a chronica que o era, o que faz quatro ; e sendo Nun'alvares o 13.º filho, os varões seriam pelo menos dezesete.

As filhas de que ha noticia são :

12. Izabel, c. com Gil Vaz da Cunha, senhor de Basto ;

13. Joanna, c. com o Almirante Pessanha ;

14. Maria ou Ignez, c. com Pedro, ou Rodrigo, Affonso do Cazal.

15. Violante, c. com Martim Gonsalves de Lacerda ;

16. Mecia, c. com Vasco Martins de Altero.

17. Estephania, c. com Alvaro Gil de Carvalho ;

Pedro: Pedro Alvares (filho de Alvaro) ou Pedr'alvares, e foi quem lhe succedeu no priorado; entre os menores estava Nuno, Nuno Alvares, ou Nun'alvares, que nasceu em 1360, dia de S. João, como precursor tambem, no castello do Bomjardim [1], filho d'uma creada da côrte, por nome Iria Gonsalves do Carvalhal. Quando esta aventura paçan teve o seu desfecho com o parto de Iria do Carvalhal no mosteiro do Bomjardim, o pae e o astrologo, D. fr. Alvaro e mestre Thomaz, apressaram-se a tirar o vaticinio do recemnascido, e o oraculo disse que o novo bastardo seria invencivel [2]. Vinha ao mundo com o Precursor; os signos affirmavam um prodigio; o pae exultava, e a mãe sorria, amorosa e melancolica, para o fructo do seu amor sacrilego.

Não é crivel que, por grande que fosse a soltura dos costumes (e não podia ser maior) nas consciencias ennevoadas do tempo não acordasse vislumbre de remorso por peccados tão contra a letra expressa da lei de um Deus, de quem os mais atrevidos tremiam como varas verdes. A prova é que a amante do prior levou a penitenciar-se o melhor da sua vida, sem comer carne, nem beber vinho, du-

---

18. Violante, filha de Iria Gonsalves do Carvalhal, c. com Martim Fernandes, ou Gonsalves de la Cerda.

19. Leonor, c. com Lourenço Mendes de Vasconcellos.

20. Beatriz, c. com Joanne Mendes de Vasconcellos.

21. Theresa, c. com Gonçalo Rodrigues de Abreu, alcaide-mór de Elvas;

22. Anna, c. com José Gonsalves de Basto.

23. Maria c. com Ruy Lopes Cerveira.

Se os varões foram 17, as filhas deviam ser 15: faltam pois 3.

Cf. a *Mon. lusit.* VIII; liv. XXIII, 3. — Santos, errando n'um dia, põe o nascimento de Nun'alvares a 25 de junho; quando o computo exacto, pelo que Lopes diz, na sua *Chron. de D. João I*, dá o dia de S. João, 24. Este erro fôra já rectificado por Sylva, *Memor. de D. João I*, II, p. 118. — V. tambem o sr. Forjaz, *Not. biogr.* (1888) pp. 307.

[1] Lopes, *Chron.*, XXXIII, diz *Bomjardim apar Santarem*. Não é ao lado de Santarem: é Sernache do Bomjardim, junto á Certan.

[2] *Ibid.* XXXIV.

rante quarenta annos, fazendo grandes esmolas e jejuns [1]. Mas o peccado teve sempre uma theoria complicada. Sem penitencia não se ganha o céo, e sem peccado não ha motivo de penitencia. Superior ás forças humanas, fatalidade inevitavel da natureza, para todo o peccado ha perdão: o caso está em fazer por elle! E peccados ha, dignos de benção, desde que foram resgatados. O peccado de amor estava em tal caso, n'um tempo em que a força das coisas levava a reclamar tudo do vigor do braço, da energia do temperamento, da exuberancia das paixões. Era a edade aurea da bastardia.

— E gerar nas minhas entranhas um heroe, pensaria a mãe; espada invencivel como a de Galaaz, o glorioso bastardo de Lançarote do Lago!... E vir á luz no proprio dia do Baptista, o precursor de Christo!... Se não fosse, tambem, o peccado de Eva, nunca o mundo teria commungado no sangue do Redemptor...

O prior, por seu lado, exultava abertamente. Não o assaltavam as duvidas que perseguem a consciencia mais subtil das mulheres. Tomava a vida como o tempo a fazia. Elle proprio, bastardo era tambem.

Fôra seu pae o arcebispo de Braga, D. Gonçalo Pereira, que além jazia na campa da Flôr-da-Rosa, quem o destinára para monge cavalleiro, fazendo-o proferir os votos e alcançando-lhe o priorado do Hospital. Fôra elle que, sendo deão da sé do Porto, expulsára o bispo, e depois o banira de Lisboa [2]. Fôra homem de grandes odios, e de maus figados. O bispo chamava-se fr. Estevam, frade franciscano menor, e era o trigesimo na sé do Porto, sagrado em 1309. Déra ao deão D. Gonçalo a egreja e o mosteiro de S. Salvador de Canedo, na terra da Feira, propriedade do cabido, quando ao tempo viviam na melhor intimidade. O cabido protestou, a camara do Porto interveiu, reclamando

---

[1] *Chron. do Condestabre*, 1.

[2] *Nobil. do conde D. Pedro*, nos. *Portug. mon. hist.*; *Script.*, 284-6.

ambos a expulsão do bispo; mas quem partiu com um conego para Avinhão, a pedir a Clemente v a exautoração de fr. Estevam, foi o proprio deão D. Gonçalo: d'onde se vê quanto alliava a arte para vencer lances difficeis, ao amor entranhado pelas grandezas da terra.

Andava então o mundo transtornado. Com a morte do imperador Henrique vii (1308-14) viera o schisma dos eleitores, e dois imperadores a disputarem a terra: o duque de Austria, Frederico iii, e o da Baviera, Ludovico Pio. A Italia ardia em guerra. Em França morrera Philippe-o-bello (1285-314), ao que se dizia victima da sua guerra aos Templarios. No céo tinham-se visto tres luas, e um grande cometa durante tres mezes. Em 1315 choveu o anno inteiro, sem cessar. A Austria e a Bohemia andavam assoladas por heresias; a Allemanha, o Brabante, a Polonia e a Inglaterra, por fomes e pestes. Clemente v (1305-16) mudára o papado de Roma para Avinhão (1309) e extinguira a ordem dos Templarios (1312), ré de tantos crimes. Mas quando o deão do Porto chegou a Avinhão, já o papa tinha morrido, ficando mais d'um anno vago o solio pontificio. O bispo do Porto teve de sair; conseguindo, porém, ser transferido pelo papa João xxii (1317-34) para Lisboa, onde continuou a administrar os bens do Templo em Portugal, até que, em 1320, D. Diniz fundou com elles a ordem de Christo. O deão estava vingado, mas o odio de D. Gonçalo não estava satisfeito. Embora o papa lhe tivesse dado a mitra de Leão [1], antes

---

[1] Gab. Pereira de Castro, no seu tratado *De manu regia* (n. 76, fol. 234) affirma que o direito de apresentação dos bispos pela corôa, só começou em Portugal no tempo de D. Affonso v. Na Edade-média, diz Cunha (*Catal. dos Bispos do Porto,* part. ii, 15, p. 84) pertenceu sempre aos papas eleger os bispos; porém com o consentimento do papado, tacito e por vezes expresso, o clero juntamente com o povo nomeava os bispos; outras vezes pedia-os o povo, o clero elegia-os, depois o papa confirmava-os. Posteriormente, a faculdade de eleição passou aos cabidos.

Tal era a doutrina. De facto, porém, os reis intervinham nas no-

de lhe dar o arcebispado de Braga, D. Gonçalo, que durante dois annos ficou em Avinhão, perseguiu o bispo fr. Estevam, até que o expulsou de Lisboa para Cuenca [1]. Foi sempre assim o odio ecclesiastico. E D. Gonçalo, o prelado quasi omnipotente, era tambem um politico audaz e habil. Esteve na batalha de Loures, entre D. Diniz e o infante D. Affonso; interveiu para a reconciliação do pae com o filho; e foi quem, sendo este já rei, celebrou as pazes com Affonso-o-bom de Castella (1312-50), o que tomou Algezira aos mouros, em 1344 [2].

Tal era o sangue que girava nas veias do pae de Nun'alvares. E esse sangue ardente vinha em ebulição desde Rodrigo Gonsalves, de Pereira, por via do avô do arcebispo, Pero Rodrigues, o que casou com Estevaninha Ermigia da Teixeira, e matou na lide seu primo Pero Poiares. Rodrigo Gonsalves e seus irmãos, Gonçalo, fundador de Nandim, e Elvira, da Palmeira, descendiam da casa de Cella-nova, transmontanos cruzados de sangue leonez. A historia d'este avô contava-se na familia, como exemplar do genio cruelmente justiceiro. Casára com Ignez Sanchez, e, deixando-a no castello de Lanhoso, soube como ella ahi fazia maldade com um frade de Bouro. Rodrigo Gonsalves foi lá em armas, cercou o castello, e pondo-lhe fogo, fez arder na mesma fogueira a mulher e o frade, e a mais gente, com as bestas, os cães, e tudo quanto havia

---

meações, já apresentando directamente os bispos, já auctorisando as eleições feitas pelos cabidos, na fórma da disciplina antiga, para serem confirmados pelos metropolitas. Nos primeiros reinados, todavia, encontram-se exemplos de bispos nomeados directamente pelos pontifices e consentidos pelos reis. Já os concilios nacionaes tinham caido em desuso, aqui e por toda a parte. Com a pacificação da sociedade, consolidando-se o poder politico, a autonomia internacional da Egreja quasi completa e socialmente benefica, nos tempos da anarchia das invasões e da reconquista, obliterava-se gradualmente. — Cf. Rocha, *Ensaio sobre a hist. do gov. e da leg. etc.* §§ 115 e 16.

1 Cf. Cunha, *Catal. dos bispos do Porto*, part. II, 15, pag. 80 e segg.

2 *Nobil. do conde D. Pedro; ibid.*

dentro [1], para que a chamma consumisse por completo os sacrilegos e a deshonra.

Não faltavam, portanto, sementes de força bravia na ascendencia de Nun'alvares, que vinha ao mundo temperado por tres gerações de tal gente. O pae nascera quando D. Gonçalo ainda não era deão, nem até clerigo: foi nos estudos, em Salamanca, que o futuro arcebispo de Braga *filhou* Tareja Pires Villarinho, e o fez n'ella. O pae metteu-o quasi creança no Hospital, cujo mestre era seu tio avô Estevam Vasques Pimentel, irmão da mãe do arcebispo, Urraca Vasques, da casa dos Pimenteis, casada com o conde de Trastamara D. Gonçalo Pereira, de quem o filho tirou o nome. Cresceu D. fr. Alvaro sob o patrocinio do tio, e quando este morreu, tinha o rapaz dezoito annos, succedeu-lhe no priorado da ordem [2], cuja séde era o Crato.

Governando, pois, a ordem do Hospital desde largos annos, tornára-a como que apanagio da sua familia, tanto lhe augmentára o poder e a riqueza. As cruzes floreteadas do seu brazão viam-se esculpidas n'um sem numero de castellos. Tinha construido o da Amieira, forte e mui formoso; os paços do Bomjardim, junto á sua villa da Certan; a egreja de Santa Maria, em que Deus fazia muitos milagres; e além de outras numerosas obras, rematava o castello da Flôr-da-Rosa [3], o seu mosteiro e egreja, povoando o logar com colonos adscriptos. Da ordem fundada em 1110 por Gérard de Martigue para a Cruzada, havia em cada nação, ou *lingoa*, um prior, balios e commendadores. Havia as *lingoas* da Provença, do Arverno, de França ou de Paris, da Italia, do Aragão, da Allemanha, e de Castella e Portugal. O grão-mestre, a quem se chamava eminencia, governava a ordem superiormente a todas as *lingoas*, emquanto ella manteve o seu caracter cosmopolita, ou internacional. O

---

1 *Nobil. do conde D. Pedro; ibid.*

2 *Chron. do Condestabre*, 1.

3 *Ibid.*

commendador-mór era o *pilar* da *lingoa* da Provença; o marechal, o *pilar* do Arverno; o hospitalario, o da França; o almirante, o da Italia; o conservador-mór, o do Aragão; o balio-mór, o da Inglaterra; e finalmente o de Castella, ao qual primitivamente andava sujeita a *lingoa* portugueza, era o chanceller-mór da ordem. Por todo o mundo, os monges cavalleiros do Hospital, regrantes de Santo Agostinho, levavam, em tempo de paz, o seu manto negro com a cruz de ouro de oito pontas, sobre o lado, e outra cruz sobre o peito. Em todas as batalhas apparecia nas armaduras a grande cruz branca da ordem, e o pendão com as armas: guelas escarlates e cruzes de prata. Eram a milicia de Christo: um dos varios exercitos monasticos, em que o cosmopolitismo europeu se definiu primeiro, sob o influxo da religião, para o resgate da Terra-Santa, onde padecera Christo.

Outra Palestina foi a Hespanha, avassallada tambem pelo Islam; e por isso os exercitos cruzados paravam aqui, nas derrotas das suas viagens do mar do Norte para o Mediterraneo; por isso as ordens hyerosalemitanas, que tamanho papel tiveram na fundação de Portugal, se enraizaram, engrandecendo-se. Expulsos da Palestina os hospitalarios com a conquista da Terra-Santa pelos egypcios (1291), levaram para Chypre o seu tabernaculo; mas tambem d'ahi foram repellidos, indo estabelecer-se em Rhodes (1310)[1]. N'esta época, porém, a *lingoa* de Portugal soffrera uma revolução profunda, desde que el-rei D. Diniz nacionalisára as ordens hyerosalemitanas, collocando-as sob a sua auctoridade real, e transferindo para a cavallaria de Christo os bens do Templo, abolido por Clemente v[2]. Já o Hospital

---

[1] Os hospitalarios ficaram em Rhodes até á conquista da ilha pelos turcos de Solimão, em 1530. Carlos v deu-lhes então a ilha de Malta, d'onde os cavalleiros se ficaram chamando posteriormente, como antes se tinham dito de Rhodes.

[2] 13 de outubro de 1307 é a data da prisão de Jacques de Morlay, grão-mestre, e dos cavalleiros do Templo por Philippe-o-bello de

era entre nós uma milicia particularmente portugueza, sujeita á corôa, como as ordens monasticas não militares, embora no espiritual ligada ao grão-mestrado, quando o prior D. fr. Alvaro Gonsalves foi a Rhodes, «muy grandemente e bem acompanhado» [1], tributar o seu preito de vassallagem.

Mas por isso mesmo que a ordem se tornára portugueza, era no concurso das forças politicas da nação um dos elementos preponderantes, não havendo talvez na côrte cargo mais invejado, nem de maior valia, do que o priorado do Hospital. Entrando em Portugal em 1119, no tempo de el-rei D. Affonso Henriques, a ordem recebera d'este rei e dos seus successores a doação de vinte e uma villas e logares. Os seus dominios concentravam-se no centro do reino, sobre o curso do Tejo e do Zezere, alongando para o sul um braço, e para o norte outro : o primeiro era Montoito, a igual distancia de Evora e do Guadiana; o segundo eram Lobelhe-do-Matto e Ranhados, entre Vizeu e o Mondego. Dominando o valle do Zezere, no curso medio da sua margem direita, possuiam os hospitalarios Alvares e a Pampilhosa, fronteiros aos quaes ficavam na margem esquerda os castellos de Oleiros e do Pedrogão-pequeno. A Certan e o Bomjardim, com Proença-a-nova mais para leste, aninhada no alto dos montes que dividem as aguas do Zezere das do Tejo, continuavam em direcção d'este rio as parelhas de castellos da ordem. Depois vinha o Carvoeiro, n'uma dobra do pendor austral do terreno; depois Belver, a cavalleiro sobre a margem direita do Tejo, em frente do Gavião; depois, acima do Gavião e do lado de Villa-Flor, o castello da Amieira, construido pelo prior D. fr. Alvaro Gonsalves; depois Tolosa; depois o Crato, com Flôr-da-Rosa, e Elvira

---

França. Dos presos, cincoenta e nove foram queimados vivos em Paris em 1314. A abolição da ordem pelo papa é de 6 de maio de 1312, no concilio de Vienna do Delphinado. — Cheruel, *Dicc. hist.* vb.º *Temple.*

[1] *Chron. do Condestabre*, 1.

e a commenda de Cores, e o logar de Aguilheiro, e o concelho da Margem, e o couto da Coutada, e o casal do Monte, e a villa de Ferrajos, com vinte e quatro commendas [1].

Tal era, pois, a familia em que nasceu Nun'alvares.

* * *

A mãe, quando em dezembro de 1372 viu a luz em Coimbra a infanta D. Beatriz, fôra feita sua cuvilheira [2]. Andava, pois, na côrte d'el-rei D. Fernando, onde o exemplo dado pelo soberano, que tirára Leonor Telles a seu marido, sanccionava a licença dos costumes do tempo. Andava na côrte, e lá continuou a ficar: nem o prior hospedava nos mosteiros da ordem as successivas mães dos seus trinta e dois bastardos. Filha do alcaide-mór de Almada, Pedro Gonsalves do Carvalhal [3], que tinha tambem na côrte um filho, Martim Gonsalves, não era nenhuma creatura humilde, sem ser, porém, dama de alta gerarchia.

Em 1373, na época a que nos estamos referindo, contava Nun'alvares treze annos, com a virilidade precoce. Os homens formavam-se muito mais breve n'esses tempos agrestes, de uma barbarie alliada, porém, aos requintes e contradicções inherentes ao periodo de civilisação confusa

---

[1] Severim de Faria, *Not. de Port.*, II, pag. 77.

[2] Na casa da infanta eram aias D. Theresa de Meira, mulher do alcaide-mór de Portel, e Violante Affonso, viuva de Diogo Gomes de Abreu. Camareira-mór, era Maria Affonso, mulher de Vasco Martins de Mello. Cuvilheira, era a amante do prior do Hospital, cujas relações continuaram. — Cf. Santos, *Mon. lusit.* VIII, 29.

[3] Outros querem que Iria Gonsalves fosse filha de Alvaro Gil do Carvalhal, dos senhores de Evora-monte. — Cf. Sant'Anna, *Chron. dos Carmel.* 289.

a que se chama Edade-média. Chocavam-se os elementos de creação espontanea, de violencia pristina e barbara, proprios de povos que emergiam do captiveiro musulmano ao som da guerra, por entre os escombros da civilisação antiga, derruida por completo na Hespanha á mão dos arabes : chocavam-se com as tradições, com as ruinas, com os restos dispersos e pervertidos d'essa Antiguidade, que parecia ás imaginações ter acabado afogada no sangue de Christo. A egreja era o vehiculo da tradição classica, e tambem por isso mesmo, a auctoridade suprema, como representante, na terra, do poder de um Deus temido. Os ministros da religião dominavam as almas por um processo de auto-intimidação, semelhante ao dos feiticeiros primitivos; e se a barbarisação do pensamento e do saber frequentemente rebaixava os dogmas theologicos e os canones rituaes até ao nivel da feiticeria simples: a violencia dos costumes levava os sacerdotes a envergar tambem a armadura e a empunhar a espada, apparecendo soldados n'uma sociedade essencialmente guerreira. D'isto veiu a instituição dos monges militares; e n'este sentido, o prior do Hospital era um homem typo do seu tempo. Era-o tambem, como astrologo; porque a astrologia, exprimindo as ambições do espirito secular, surge como a alvorada do pensamento scientifico desabrochado na Renascença. Era-o, finalmente, na carnalidade dissoluta dos seus costumes, geral a uma época libertina, particularmente na Hespanha, onde o exemplo da polygamia musulmana mais concorria para obscurecer o instincto casto do povo aryano.

Da Edade-média, germinando n'estes elementos sociaes e moraes, brotou a flôr extravagante da Cavallaria, idéa incoherente e superiormente bella, em que as contradicções do pensamento contemporaneo e a noção cahotica da vida e do mundo apparecem sublimadas, aspirando para um ideal indefinido, subindo para as nuvens, como as agulhas dos templos, braços erguidos, de mãos postas, para o céo. O valor e o milagre, o heroe e a protecção de um Deus sempre activo, o destino sacrosanto da vida votada ao res-

gate do tumulo do Redemptor, a definição paradoxal do heroismo pela abnegação e sacrificio, a castidade e a pobreza no imperio desbragado da luxuria e da cubiça: uma como que volta dos sentimentos moraes constitucionaes do tempo, contra a realidade, exagerando a vida activa para a negar absolutamente, extrahindo do naturalismo espontaneo dos costumes um idealismo phantastico: eis ahi o que foi a Cavallaria, que apparece, ao terminar da Edade-média, como flôr da poesia, sempre nihilista.

Foi assim tambem que do herdeiro de Rodrigo Gonsalves, o heroe bravio da tragedia de Lanhoso, do turbulento bispo D. Gonçalo, e do prior, pae de trinta e dois filhos, nasceu Nun'alvares. Trazia hereditariamente comsigo todos os elementos que geraram a Cavallaria, e por isso a flôr incoherente da Edade-média appareceu humanisada no bastardo de D. fr. Alvaro. Os homens superiores são sempre symbolos: nem a superioridade está n'outra coisa. O homem é maior, ou menor, conforme a porção de humanidade que lhe corre na alma. E para que a este caracter typico de Nun'alvares não faltasse um unico traço, veiu tambem ao mundo por bastardia. Porque será que o instincto agudo se compraz na antithese, sublimando quasi sempre a negação da ordem? Será a adivinhação de que essa ordem é apenas abstracta, e um ente de razão, visceralmente opposto á anarchia real das coisas?

Tudo, pois, fadava Nun'alvares para heroe da Cavallaria nacional; e a iniciação que o pae e o seu astrologo pedagogo, mestre Thomaz, lhe deram nos livros da época, definiu, logo desde a infancia, o caracter predestinado do futuro condestavel de D. João I. «Havia grão sabor e usava muito de ouvir e ler livros de historias, especialmente usava mais ler a historia de Galaaz, em que se contem a somma da Tavola Redonda» [1]. Pela primeira vez surgia em Portugal um homem formado pela educação litteraria; mas

---

[1] *Chron. do Condestabre*, IV.

este genero, que posteriormente foi até á cópia servil, iniciava-se de um modo ainda espontaneo. Com o crescer dos annos, Nun'alvares ia creando em si uma natureza nova, assimilando, sem o sentir, a alma phantastica de Galaaz: n'uma confusão de realidade e fabula, n'um mixto de pureza e extravagancia, como tudo quanto o rodeava e lhe constituia o ambiente phantasmagorico da vida. Essas primeiras impressões cunharam-se-lhe de um modo indelevel no espirito infantilmente plastico; e nem de longe sonhava que o facto de se confundir a si com Galaaz, irmãos na bastardia: o facto de ambicionar gloria igual, e ir phantasiando uma existencia semelhante de sacrificios e aventuras: o facto de se estar formando, assim, por educação litteraria, em vez de obedecer espontaneamente á lei da natureza, era o signal certo de que os velhos tempos acabavam com elle.

Surgia, com effeito, uma éra nova para o mundo, para Portugal. Nun'alvares, sem duvida alguma, foi o nosso Messias. Remiu-nos a um tempo do peccado antigo da inconsciencia, definindo claramente o destino piedoso e heroico da vida, sobre o passado de inconsciencia bravia. Remiu Portugal do captiveiro castelhano imminente, abstraindo a nação dos limbos obscuros da politica pessoal dos reis, para a assentar sobre os alicerces firmes da vontade popular; acclamando-a n'um voto de acção heroica, e deixando-a, de pé e armada, prompta para a conquista do seu logar épico na historia da civilisação moderna. Mal pensava em creança Nun'alvares, ao ouvir a historia de Galaaz, cujo «corpo bem talhado e contenente manso» [1] era tambem como o d'elle proprio, que tal seria a sua demanda do Santo-Sepulchro e do Graal de José de Arimathea! As

---

[1] V. a *Historia dos Cavalleiros da Mesa redonda e da demanda do Santo Graal* (ms. da bibl. de Vienna; ed. Karl von Reinhardstoettner) Berlim, 1887. — Cf. Paulin Paris, *Les romans de la table ronde*, Paris, 1872: e o sr. Th. Braga, *Hist. da Universidade*, I, 203.

phantasmagorias que lhe enchiam de assombro educativo a imaginação infantil haviam de tornar-se, porém, em realidades gloriosas. Seria o Galaaz portuguez: não um typo de phantasia, mas sim um homem, com a idéa, porém, doidamente arrebatada pelo mysticismo cavalleiroso. Seria o precursor das gerações alumiadas pelo claro pensamento que na sua infancia, e n'esse signo fatidico traçado á sua vida pela phantasia de um poema, desabrochava com todo o viço e toda a frescura espontanea de uma alma virgem, temperada no aço do heroismo, coroada com assucenas de piedade mystica. A poesia foi, será sempre, iniciadora e medianeira. Por mão d'ella sahia, primeiramente, o pensamento, das nevoas da inconsciencia espontanea e natural, para o reino claro da razão reflexiva.

O logar de Tristão achava-se vago na Mesa redonda dos cavalleiros: foi esse logar que Nun'alvares, ou Galaaz, preencheu. Era um solio perigoso, uma cadeira de morte, que acabava com todos os que n'ella se sentavam. Quando o heroe appareceu na sala, cerraram-se todas as portas e janellas por encanto; mas um raio de sol, entrando milagrosamente, illuminou em cheio a figura do heroe que apparecia armado de loriga e bravoneiras, com dois signaes vermelhos sobre o braço. Por onde entrára? Ninguem o vira. Com elle vinha um ermitão, que assim disse para o rei Arthur:

— Eu te trago o cavalleiro desejado que vem d'el-rei David e de José d'Arimathea, por quem as maravilhas d'esta terra e das outras haverão acima.

E Galaaz sentou-se na cadeira terrivel, dizendo todos compassadamente:

— D. Galaaz, sêde o bem-vindo!

Era aquelle o bastardo de Lançarote do Lago, sobrinho do rei Marte da Cornualha: o cavalleiro de quem Merlim e os prophetas haviam fallado como o que descobriria o Santo Graal, terminando assim as aventuras do reino de Logres. Era elle que havia de descobrir o sacrario da patria, dando a commungar aos seus filhos a hostia santa do

sacrificio; era elle quem terminaria, tambem, as aventuras do reino de Portugal, com façanhas que gradualmente iam avultando na sua imaginação, á medida que os annos cresciam, e, com o crescer, o sol da vida, subindo, ia desmanchando as nevoas da flôr da terra.

Em torno da Mesa sentavam-se, confundidos em admiração, os cento e cincoenta cavalleiros presididos pelo rei Arthur. Eram Booz de Gaunes, o velho pae do presidente e do imperador Alaino de Constantinopla, nascido de uma filha do rei da Gran-Borgonha, que o seduzira por encantamento, obrigando-o a mentir aos votos de castidade; era Percival, de Galles, e Eric, o filho d'el-rei Lot; eram Ganet e Garriet, Leonel e Brandinor, Ocursus-o-negro, Orinides-o-branco, e Sagramor, e Gardamontanha, mais Arnal-o-formoso, com Martel-do-grande-escudo, e os outros em cujo gremio entrava Galaaz — como Nun'alvares, quando o pae o levou á côrte d'el-rei D. Fernando, em 1373.

A idéa da partida para Santarem, á côrte, apparecia-lhe como a do seu heroe para a sala dos cavalleiros: ia sentar-se ahi na cadeira vasia e terrivel, para vencer o Fado n'uma successão de aventuras e façanhas inauditas. Tambem levava uma armadura forjada com o lume da virtude; e mais de uma vez simulára com os ermitões do Bomjardim a scena do cemiterio, quando Galaaz quiz vêr a campa do cavalleiro desleal sobre que os demonios dançavam em permanencia. O defunto gemia agonias no seu tumulo, ensombrado por uma velha arvore, e, soluçando, pedia a Galaaz que se afastasse; mas o cavalleiro impavido levantou a campa, d'onde sahiu um fumo negro como pez, depois chammas, depois o proprio demonio em pé:

— Ai, Galaaz, santa coisa vejo em ti... Vejo-te cercado d'anjos, que não posso durar contra ti. E porém te deixo o meu logar, em que longo tempo folguei...

E foi-se o diabo. No fundo do tumulo estava o defunto armado. E a historia termina dizendo que a campa do moimento demonstra a dureza dos corações que Nosso

Senhor achou no mundo, quando aqui veio, porque «na terra nom achou el se nom duros corações»: e bem parecia, porque o filho não amava o pae, nem o pae o filho, e por isto iam todos ao inferno.

Já as historias tinham um symbolismo moral; e esse momento novo da educação entrava no espirito do nosso heroe, apresentando-lhe a vida como um exercicio de virtude, ensinando-lhe que o merito das acções não está no que são, mas sim no que significam; dizendo-lhe que o supremo destino da existencia é converter os homens ao bem, levantando de sobre elles a campa dos peccados da carne, em corações endurecidos pela vida bravia dos tempos.

Por isso o ermitão acompanhára sempre Galaaz, para lhe mostrar a significação e o alcance dos lances da sua vida aventurosa, como os córos da tragedia antiga, commentando as acções dos heroes. E Nun'alvares relia a falla do ermitão, onde se faz a apotheose da bastardia, considerando-se necessario o peccado de origem para a consummação das façanhas:

— Filho! coisa santa e honrada, flôr e louvor de todos os mancebos, outorga-me, se te praz, que te faça companhia em toda a minha vida, emquanto te pudér seguir... E não sei no mundo que hoje me podesse confortar mais, como vêr tão santo cavalleiro, como tu has de ser. E como tu verás maravilhas que excederás; porque Deus, que te fez nascer em tal peccado, como tu sabes, por mostrar seu grande poder, essa grande virtude te outorgou por sua piedade e pela boa vida que tu começaste de tua meninice até aqui, que te dará poder, e força, e bondade de armas e de ardimento sobre todos os cavalleiros que nunca trouxeram armas no reino de Logres (ou de Portugal?) assim que tu darás acima a todas as outras maravilhas e aventuras, onde todos falleceram e fallecerem. E quero todos teus feitos saber que acabarás, pois foste feito em tal peccado, onde os outros não poderam vir, que foram feitos em leal casamento...

Assim educado, partia Nun'alvares para a côrte aos treze annos. A propria bastardia que, embora corrente e commum no tempo, podia levantar-lhe pensamentos deprimentes do animo, encontrava sancção e apotheose nos livros da sua paixão. Os bastardos eram eleitos. Deus escolhia os manchados por esse peccado de origem. A virtude do peccador é preferente. Ia disposto a exceder todas as façanhas e prodigios, de valor e de abnegação. Floria-lhe o lyrio da virtude candida na alma ingenua; pulava-lhe nas veias o sangue com os impulsos da força exuberante.

*

* *

Dez annos depois de ter acompanhado, em 1340, D. Affonso IV á batalha do Salado, o prior D. fr. Alvaro fôra para Castella, a pedido do rei D. Pedro que era neto do portuguez, e subira ao throno em 1350. Por Castella andára como alliado e amigo de D. João Affonso, senhor de Albuquerque e Medelin, e ambos governavam o reino [1]. Toda a politica terrivel, mas forte, dos primeiros annos do reinado do filho da infanta Maria de Portugal, tragicamente finada em Evora [2], fôra mais ou menos obra dos dois, que representavam em Castella o partido da alliança portugueza. Quasi portuguez era, com effeito, D. João Affonso,

---

[1] *Nobil. do conde D. Pedro*; *ibid.*

[2] Ayala *(Cron. d'el-Rey D. Pedro:* año VIII; c. II) diz que foi Affonso IV de Portugal quem envenenou sua filha, a rainha-mãe de Castella, dando-lhe umas hervas, em Evora, 1357, por causa das noticias que corriam ácerca do successor, ou successores obscuros que a rainha dera ao seu antigo escudeiro e amante, Martim Affonso Tello, morto á sua vista na tomada de Toro, 1356.

neto d'el-rei D. Diniz, por ser filho do bastardo Affonso Sanchez, e portanto sobrinho natural do rei D. Affonso IV e primo de sua filha, a rainha-mãe de Castella. Ambas as familias reinantes andavam tão enlaçadas, e tão penetrados os interesses e as relações das familias patricias, que, se o sentimento senhorial do principado accentuava a separação das duas corôas, póde dizer-se que não existia, nas altas classes, a idéa definida de differenciação nacional. Eram um mesmo povo, com diversos principes.

Os dois proceres portuguezes governavam a Castella de Pedro-o-cru, que subira ao throno com quinze annos, contra o partido do conde de Trastamara. A rainha-viuva reconquistára o poder com a morte do marido, Affonso XI, que a deixára pela amante Leonor de Gusmão, cujo primeiro acto, ao vêr-se só, foi casar seu filho, o conde de Trastamara, que tinha a ordem de Santiago, com a filha do poderoso D. João Manoel. Presa, D. Leonor foi executada logo em 1351; e nas Asturias, o filho, declarando a guerra, provocou um tal impeto da parte do rei, que o pavor das execuções de Burgos levou o rebelde a refugiar-se em Portugal, homisiado. Depois das côrtes de Valladolid, em 1352, e da expedição da Biscaya, a rainha Maria e os seus conselheiros pensaram em casar D. Pedro, negociando a alliança com a cunhada do rei de França, Branca de Bourbon. Vieram logo as vistas, em Ciudad Rodrigo, de Affonso IV com sua filha e seu neto, o tratado de alliança com Portugal, e a reconciliação imposta ao Trastamara que, restabelecido nos seus titulos, partiu para as Asturias, decidido todavia a desforrar-se.

Acto continuo, o rebelde levantou-se em Gijon, a que o rei D. Pedro pôz cêrco e tomou. Trastamara submetteu-se-lhe; e o mesmo succedeu com Maria Padilla, aia da mulher de D. João Affonso de Albuquerque, que o rei tomára por amante em Sahagun. Entretanto, fugia sublevado para o Aragão D. Tello, outro filho de Leonor de Gusmão. Pouco a pouco se encastellavam as nuvens da tempestade em que naufragou o poder portuguez em Castella. Nascia ao rei o

primeiro filho dos amores com Maria Padilla, quando chegava de França a rainha D. Branca, escolhida pelos portuguezes. Recusava-se o rei a recebel-a, enlaçado nos braços da amante que os irmãos instigavam; e tres mezes esteve esperando a rainha, até que afinal D. Pedro se casou um dia, para, no outro, abandonar descaroavelmente a esposa. E o Trastamara D. Henrique, e seu irmão D. Tello, com a vingança da mãe presente, vieram a Valladolid entender-se com os Padillas. Estava tramada a conspiração, e a Castella dividida em dois bandos, um pela esposa abandonada, outro pela amante estremecida; um reunindo, aos filhos de Leonor de Gusmão, os infantes do Aragão e os Lacerdas; outro, alliando ao Albuquerque o mestre de Calatrava e os portuguezes que andavam por Castella, como era o prior D. Alvaro.

Entre ambos, o rei optou pela amante em cujos braços se precipitou em Olmedo. Os Padillas, omnipotentes, reinavam. A gente do Albuquerque, perseguida, homisiava-se. O mestre de Calatrava, D. Alvaro, era assassinado á traição. Depois de arrazar Medelin, D. Pedro desvairado partia contra Albuquerque, onde D. João Affonso se encerrára e onde resistiu, obrigando o rei a retirar, porque a praça fronteiriça dependia por vassallagem de Portugal, apesar de estar em Castella. De Caceres, mandou D. Pedro embaixadores ao avô para que lhe entregassem Albuquerque. Celebrava-se então em Evora (1353) o casamento da neta do rei, D. María, filha de D. Pedro e de Constança Manoel, com o infante do Aragão, marquez de Tortosa; e ás bodas assistiam a rainha Leonor do Aragão, tia do rei castelhano; sua mãe, a rainha viuva D. Maria, cuja influencia acabára no animo do filho; e o proprio D. João Affonso de Albuquerque, exilado. Jantavam em S. Francisco, quando os enviados de Castella chegaram, reclamando de D. João Affonso que fosse defender-se perante o seu rei. Elle retorquiu-lhes com um discurso, e a embaixada partiu sem nada ter conseguido.

Em Castella, entretanto (1354), os filhos de Leonor de

Gusmão viam-se reduzidos á condição de instrumentos da cabala dos Padillas, e conspiravam. Avistaram-se sobre o Caya com o conde Alvaro Pires de Castro, irmão da amante do infante de Portugal, Ignez de Castro, que a esta intriga deveu a morte (1355). Aos amantes offereciam a corôa castelhana, e, levantados em armas os rebeldes, agora alliados ao Albuquerque, faziam do senhorio de D. João Affonso, castelhano por estar em Castella, portuguez pela vassalagem ao rei de Portugal, o campo neutro da rebellião. A rainha D. Maria passava a fronteira, emquanto seu filho obtinha de dois bispos que o casassem com Joanna de Castro, a formosa, declarando nulla a sua alliança com a rainha Branca de Bourbon. Partindo outra vez, no proprio dia do casamento, D. Pedro soube como os conjurados se preparavam em Badajoz para entrar em Castella; mas encontrando em Castro Xeriz a Padilla, de novo se lhe prendeu nos braços, esquecendo para sempre Joanna-a-formosa.

A guerra civil estalava, entretanto, em Castella. De Ciudad Rodrigo, os conjurados intimavam ao rei a união com D. Branca, agora presa em Toledo, para onde tinha vindo de Arevalo. E Toledo pronunciava-se pela prisioneira, e o movimento propagava-se. Foi então que D. Pedro, sentindo o perigo, mandou envenenar o senhor de Albuquerque, antigo companheiro do prior D. Alvaro; mas não lhe valeu isso, porque teve de curvar a cabeça, e ir a Toro, pedir perdão ás duas rainhas, a mãe e a tia, D. Maria e D. Leonor, collocar-se-lhes sob a dependencia, jurar tudo quanto d'elle reclamavam: o abandono da Padilla, a volta a D. Branca.

Succedera antes o caso do enterro tragico de D. João Affonso, que por isso ficou sendo chamado *o do ataude*. Quando morrera da peçonha que o rei lhe mandou dar pelo medico, os seus vassallos prometteram não enterrar o cadaver até que a guerra fosse acabada, conforme elle ordenára em seu testamento. E quando reuniam conselho em campanha, levantavam n'um estrado o ataude, e fallava pelo

defunto Rui Dias Cabeza-de-Vaca, seu mordomo-mór [1]. Em torno da eça, colgada ricamente de pannos de ouro, reuniam-se os rebeldes, que eram cinco mil de cavallo e muita gente de pé. Submettido o rei em Toro e acabada a demanda, os vassallos de D. João Affonso foram enterrar-lhe o cadaver [2].

Mas, dentro em poucos mezes, o rei D. Pedro fugiu de Toro para Segovia, ganhou a si os aragonezes, captou parte dos conjurados, chamou de novo a Padilla, e foi a Burgos, onde, reunindo côrtes, deu largas á sua crueldade. De Burgos, por Toro, que não conseguiu entrar, passou a Toledo como um temporal, cevando-se em sangue, deixando por toda a parte após si um rastro de lagrimas. Tomada Toledo (1355) volta contra Toro, que por fim entra (1356). Ahi acabou Martim Affonso Tello, o amante da rainha mãe, quando a levava pelo braço, sahindo da cidade. Exilada em Portugal, morreu a rainha em Evora de veneno [3].

Estavam esmagados os inimigos; fugitivos todos, a mãe e os irmãos. O Trastamara escapára para França, a servir sob os Armagnacs nas guerras inglezas; sua mulher ficava presa; D. Fradique morria apunhalado (1358) em Sevilha; D. Tello emigrava para Bayona. A rainha do Aragão, primeiro presa, era logo assassinada [4].

Abolida a influencia portugueza em Castella, o prior D. Alvaro regressára de todo a Portugal, quando Affonso IV agonisava [5]; mas decerto viera aqui, antes de 1357, porque foi elle quem defendeu o Porto por occasião do levanta-

---

[1] «E quando avião de aver conselho... fazião nobre estrado de maromaques e de outros panos de ouro e punhão o ataude em meyo. e elles em redor del». — *Nob. do Conde D. Pedro; ibid.*

[2] Cf. Lopes, *Chron. de D. Pedro I*, XVII; nos *Inedditos de hist. port.*, IV, 49-50.

[3] Ayala, *Chron.* etc., an. VIII, 2; e *Nobil.*, etc., XXI.

[4] Cf. Romey, *Hist. d'Esp.*, 13; VIII, pag. 230 *ad fin.*

[5] *Nob. do Conde D. Pedro; ibid.*

mento do infante D. Pedro, a quem o pae mandára matar a amante Ignez de Castro. O Porto estava a esse tempo aberto, com as velhas muralhas desmanteladas; mas o prior arvorou em seus muros os pendões das naus fundeadas no rio, erguendo-os em volta da cidade, e percebendo a sua hoste para a defeza d'esses symbolos sagrados de uma sociedade guerreira. O infante esteve durante duas semanas contra o Porto, sem o poder entrar com a gente de Portugal e Galliza que tomára a sua voz. Entretanto chegou o rei. A cidade estava salva; e d'ahi vieram as pazes entre o pae e o filho, congraçados por intermedio do prior, que assim ganhou a amizade de el-rei D. Pedro...

A caminho de Santarem, D. Alvaro ia contando ao filho os casos posteriores á sua volta de Castella e ao fallecimento d'el-rei D. Affonso IV: como fôra o escambo dos auctores da morte de D. Ignez, e a guerra do Aragão, em que Portugal entrára. As galés portuguezas do Pessanha tinham ido em 1359 bloquear o Ebro e atacar Barcelona; em 360, os irmãos de D. Fradique, assassinado em Sevilha, tinham entrado com os aragonezes em Castella; em 361, proseguindo a guerra, partira de Portugal o mestre d'Aviz com seiscentas lanças; e depois houvera paz, sendo expulsos do Aragão os rebeldes D. Henrique, D. Tello e D. Sancho, com os castelhanos seus parciaes. Morrêra n'esse anno a Padilla de morte natural, e a rainha D. Branca envenenada pelo marido. Eram reis terriveis ambos os Pedros, tanto o de Castella, como o de Portugal!

Logo em 1363, no anno seguinte á contenda de Granada e ao assassinato de Abu-Said, declarára-se a guerra entre a Navarra e a Inglaterra, que ao tempo tinha Bordeus e Bayona, contra o Aragão alliado á França, que da Provença mandara os tres filhos de Leonor de Gusmão com reforços de companhias frankas. Dugueselin viera com elles, trazendo a sua grande companhia, a Branca. Virando-se a Navarra para o inimigo, outra vez, em 1364, o rei de Castella entrou em guerra com o Aragão, e outra armada de galés portuguezas foi em seu auxilio. Tres annos durara a

lucta até ao de 1366, quando Henrique de Trastamara, acclamado rei em Burgos, entrou em Toledo, marchando sobre a Andaluzia em perseguição do rei D. Pedro, perdido. Mandou este sua filha D. Beatriz a Portugal com um grande dote para a casar com o futuro rei D. Fernando, implorando ao pae soccorros, implorando-os ao granadino. Sevilha repelliu-o, e veio correndo atraz da filha encontral-a em Serpa. O rei de Portugal estava então em Vallada; d'ahi mandou recado a Coruche, aos fugitivos, para que não avançassem mais: nem o rei o podia receber, nem o infante queria casar com a filha. Eram assim os homens! O triste rei fugitivo foi bater ás portas de Albuquerque, e não se lhe abriram; depois voltou a Portugal, implorando salvo-conducto para passar á Galliza que lhe era fiel. Acompanharam-no os condes Alvaro Pires de Castro e João Affonso Tello, de Portalegre á Guarda, a Lamego e a Chaves, por onde entrou na Galliza, só com as filhas, abandonado, perdido, sem reino, sem fidalgos. Embarcando na Corunha, foi por mar a Bayona, pedir auxilio ao principe de Galles.

Soccorrido, de regresso, passou o Ebro, descendo os Pyreneus, através da Navarra, cujo rei mais uma vez se bandeára. Encontraram-se os inimigos em Najera (1367) e D. Henrique, derrotado, teve de fugir para o Aragão, e de lá para França. Mais uma vez D. Pedro se via restaurado no poder, mais uma vez a sua sêde de vingança fazia correr sangue; e agora a tantos jorros, que parecia demencia, e muitos pensavam na necessidade de o tutelar. Não o esperava a prisão: esperava-o o punhal vingador do assassinato de D. Fradique. Porque o vencido, alliciando tropas em França, voltava com Duguesclin á Hespanha, que em Burgos e em Cordova, nos dois extremos a um tempo, se pronunciava por elle (1368). Cercando Toledo, em cujo auxilio o rei D. Pedro vinha correndo de Sevilha, o irmão acode a embargar-lhe o passo em Montiel. Combatem. A matança é horrivel: vinte e quatro mil cadaveres alastram o campo, sobre o qual fica victorioso o rei Henrique II. O pobre rei D. Pedro, desbaratado, foge para

Montiel, e dentro do castello morre ás mãos de seu irmão (1369) [1].

Tal era a verdade do mundo, e a historia de perfidias, de violencias, de traições e de baixezas, de luxuria adubada com sangue, que a larga experiencia do prior D. fr. Alvaro narrava ao filho, no instante em que elle, com a imaginação cheia pelos sonhos da Cavallaria, ia entrar na scena em que esperava talhar para si um papel verdadeiramente heroico e santo, como o typo creado pela phantasia do romancista. E com a firmeza dos videntes e a indifferença dos eleitos, Nun'alvares ouvia os casos do tempo, que mais o convenciam da necessidade impreterivel de travar a roda da maldade, estabelecendo o reinado da candidez e da força heroica.

---

[1] Cf. Romey, *Hist. d'Esp.*, XIV; tom. IX, 1 e segg. — O auctor do *Nobiliario* conta assim a historia de D. Pedro de Castella, depois de terminado o valimento do senhor de Albuquerque, o *do ataude*:

Este rrey dom Pedro foi muy justiçoso e temido dos rreys seus visinhos e dos do seu rreyno: e depois que sse del partio dom Joham Affonso d'Alboquerque e de Medelim que o consselhava muy bem e verdadeiramente com gram proll dos fidalgos e dos outros do rreyno ouue priuados que o consselharom muy ma'l, prazemceando e dandolhe maaos consselhos por tirarem dell mercêes fezeromno viuer com grandes peccados filhamdo muitas molheres que lhe foy máa estamça e matou muitos e boos d'alto linhagem antre os quaes matou o iffante dom Fernando e o iffante dom Joham seus vassallos filhos delrrey d'Aragom, e sua madre delles que era sua tia irmãa de seu padre, e matou tres irmãaos seus, filhos delrrey dom Afomsso e outros muytos grandes homeens. E por estes peccados o desemparou Deus e alçousse o rreyno comtra elle: e juntaromsse gentes ao conde dom Amrrique seu irmãao e poseromno fora do rreyno. E el veosse deserdado de todo e foisse ao primçipe de Galez, e leuou duas filhas lidimas e dous filhos de mançeba, e gramde aver que elle avia como quer que delle ficasse muito que cobrou o comde dom Anrrique: e fallou com o prinçepe com muitas lagremas em sa face dizemdo-lhe porque o Deus fezera estremado de bondade antre os boons do mundo, e a fama tall era que avia logar pollo de Deus e por boa estamça de sse doer dos rreys deserdados assy como elle era do seu rreyno, que lhe pedia por sa bomdade o veesse apoderar de seu rreyno e el pera sempre lhe seria mandado e obediemte em todallas cousas

E sentia em si hombros para tamanha empreza. Não tinha o agouro prophetisado que nunca seria vencido?

*

* *

O pobre rei D. Fernando, que subira ao throno (1367) pouco antes da batalha de Najera, não annuiu ás solicitações do vencedor para se alliar com elle: queria seguir a politica abstencionista de seu pae. Mas, depois de Montiel,

---

que fossem de ssa homrra. E o primçepe doemdosse del disse que lhe prazia e veosse logo a Castella com tres mil e quinhemtas lamças: e o comde dom Amrique com os castellãaos foyo rreçeber em Nagera e lidou com el e os castellãaos forom vençidos. E o comde dom Amrrique foysse a Framça, e o prinçepe apoderou elrrey do rreyno, e tirou del sacramento e segurança que nom matasse nenhuns boons nem outras gentes canta pelo que era passado, nem lhes filhasse do seu dereito nem lhes mostrasse sanha saluo fazemdo elles ao deamte feitos per que mereçessem de fazer em elles justiça. E elrrey dom Pedro foysse a Seuilha e rreçeberomno hi e nos outros saluo dom frei Gomçallo Mixia meestre de Samtiago que tiinha a voz do comde dom Anrrique que esteue sempre em Lerena apesar dellrrey doze legoas de Seuilha com mil e dozemtos de cauallo que nunca quiz partir do rreyno. E elrrey dom Pedro pellos seus pecados husou logo daquello que ante husaua a matar muitas gentes e fazer das outras cousas que soya, e as gentes da terra virom que o nom tinham com elle senom serem destroidos, mandarom fallar com Gomçallo Mixia que mandasse chamar o comde dom Amrrique ca o rreyno seu era tamto que veesse, porque viiam este rrey desordenado. E o frey dom Gomçalo Mixia mamdou logo a el. E o comde dom Amrrique veo logo, e veeromsse pera ell a moor parte dos boos do rreyno e alçaromno por rrey: e deitousse logo sobre Toledo por viir lidar elrrey dom Pedro com elle entemdemdo que el seria mal aiudado dos que com elle veessem. E elrrey dom Pedro moueu pera lá com gram parte dos mouros e doutras gentes: e o comde dom Anrrique quamdo soube que hia pera la veeo rreceber em huum logar que chamam Montell e lidarom hi, foy

quando Henrique II ficou dono e senhor da Castella, D. Fernando propôz-se disputar-lh'a como bisneto de Sancho-o-bravo. Alliou-se ao aragonez, pactuando que para elle ficariam Murcia e Cuenca; negociou com o mouro de Granada, que rehouve Algezira. Em 1369 entrou na Galliza e tomou a Corunha.

Mas o rei D. Fernando, se tinha genio governativo, e com este plano castelhano mostrava ter ambições opportunas de estadista, não tinha porém energia para realisar, igual á sua facilidade para conceber. Por isso embarcou e fugiu por mar, logo que o castelhano, trazendo comsigo Duguesclin e as suas companhias frankas, desceu á Galliza. Deu-se então a primeira invasão, tomando os castelhanos Braga e Bragança, e pondo, sem exito, cêrco a Guimarães.

---

vençido elrrey dom Pedro. E elrrey colheosse a hum castello e dom Anrrique çercouo: e elrrey dom Pedro veemdosse aficado mamdou fallar com dom Beltram de Craquim que era francês, homem de muitas gentes que andava com o comde dom Anrrique, prometemdolhe a fazer muitas merçées se o dalli tirasse, e dom Beltram ficou pera o tirar dalli em saluo. E elrrey cuydando que o fezesse assy foysse ao arrayal e meteosse em seu poder: e o comde dom Amrrique soubeo e chegou alli omde estaua e lamçou mãao dell pera lhe dar com huma adaga e dom Pedro lamçou os braços por ell e deitouo no campo ssô ssi mais nom tiinha já com que lhe dar, ca sse o teuera matarao. E os seus do comde dom Amrrique talharomlhe a cabeça e deytaromna na rrua e filharomlhe o corpo e leuaramno ao castello açima das ameas e poseromno amtre duas tauoas. E matou dom Amrrique todos os priuados que o mall comselhauam. Este rrey leixou emxempro pera os rreys averem boos comsselheyros leaaes e emtemdudos e leterados de boa comçiençia e sem prazemtêo: e amtre estes dous homeens boos e de boo sangue e rricos e de gramde estado que lhe digam as cousas sem rreçeo. E por esto o passou mall este rrey dom Pedro que sse meteo em poder d'omeens viis assy como netos de çelorgiãaes e barqueyros que soyam d'amdar em barcas a gaanho e seus falcoeiros e besteiros que soyam a seer. E o rrey a que Deus dá emtemdimento se creer os boons comsselheiros amaloá Deus e os boos do rreyno e todas as outras gemtes assy que sempre viuirá em prazer e quando morrer hiraá á gloria çellestriall. — *Nob. Cond. D. Pedro*, XXI; nos *Port. Mon. Hist.; Script.* 277-8.

A longa indeterminação do destino futuro de Portugal, que durára o periodo inteiro da primeira dynastia, chegava a um momento de crise, no reinado do seu ultimo rei. Ia jogar-se o futuro do reino, entregue ás mãos já provadamente debeis de D. Fernando.

Em 1370, continuando a guerra, o rei de Castella, que fôra cercar Ciudad Rodrigo, então portugueza, como tambem o eram Carmona e Zamora, teve de levantar o cêrco para acudir á Galliza e á Andaluzia, onde a esquadra portugueza bloqueava Sevilha, sendo porém batida em S. Lucar de Barrameda. No anno seguinte, lavraram-se pazes, ou tregoas, por intervenção do papa, ajustando-se o casamento do rei de Portugal com a filha de Henrique II; mas esta promessa não foi cumprida, porque D. Fernando, perdido de amores pela mulher de João Lourenço da Cunha, a tirou ao marido e se casou com ella [1], provocando o protesto e o exilio de seu irmão D. Diniz, filho de Ignez de Castro, o qual mais tarde, depois da tragedia de Maria Telles, se foi reunir em Castella ao outro irmão, D. João. E se a paixão do rei por Leonor Telles o impediu de casar com a filha de Henrique II, foi a mesma causa que o levou a conspirar contra o visinho, promettendo ao duque de Lencastre, casado com D. Constança, filha do rei Pedro de Castella, a corôa d'este reino. E' de agora que se hão de datar as allianças com os inglezes, porque a idéa de os utilisar contra Castella, que foi um dos meios de que o mestre de Aviz veiu a servir-se, com pouco exito, por signal, nasce n'este momento.

Tendo D. Fernando, abruptamente, aprisionado cinco naus biscainhas em Lisboa, Henrique II, em dezembro de 1372, entra em Portugal pela Beira, tomando Pinhel, Celorico, Linhares e Vizeu. Vinham com elle o infante D. Diniz e os mais portuguezes adversos a Leonor Telles. Em fevereiro, os inimigos descem de Coimbra sobre Torres Novas,

---

[1] Outubro de 1371.

e D. Fernando, sem resistir, fecha-se em Santarem [1]. Tal era a situação quando Nun'alvares entrava na côrte pela mão do prior seu pae. Os troços do exercito castelhano desciam o valle do Tejo, a caminho de Lisboa; o rei, inclinado amorosamente para a esposa, sorria de amor, desdenhoso da honra, da guerra, da corôa, e de tudo, na embriaguez absorvente da paixão. Tamanho desvairamento fazia ferver o sangue aos mais fleugmaticos; e o prior, acceso em odio contra o fratricida de Montiel, cheio de esperança no futuro certo d'essa creança, para quem sentia ir-se-lhe escoando a vida, mandou Nun'alvares fóra, em companhia de seu irmão Diog'alvares, a reconhecer as forças dos castelhanos.

Era a primeira vez que o rapaz montava a cavallo em frente do inimigo. O medo de si proprio; o receio de não corresponder ao ideal creado pela imaginação; o desdobramento nitido de duas personalidades, uma que tinha por natureza, outra inventada por deliberação: eis o que revolvia o espirito vibrante de Nun'alvares. Teria hombros para as armas que o pensamento lhe forjára? Poderia o seu animo com a missão, de que se achava investido?... Montou, sahiu, desceu, galopando, a encosta ingreme de Santarem. Correu, observando o inimigo; e nenhum resfriamento lhe enrugava a pelle, nenhuma commoção forte lhe incendiava o sangue. Tudo lhe parecia natural. Estranhava até a sua impassibilidade. Não podia crer que fosse a primeira vez. Quem sabe se, no cerebro, provocando reminiscencias inconscientes, se lhe expandia n'esse instante alguma cellula do sangue de seus avós, costumados a vêr de face os perigos?

Quando os irmãos voltaram da sortida, estavam os reis jantando [1] placidamente; e quizeram saber o resultado da aventura. Que havia? que tinham visto? Nun'alvares com

---

[1] V. Lopes, *Chron. d'el-rei D. Fernando*, nos *Ined.*, IV, *pass.* Cf. Romey, *Hist. d'Esp.*; *ibid.*; bem como C. Ximenez de Sandoval, *Batalla de Aljubarrota*, pag. 17-25.

[2] *Chron. do Condestabre*, II.

uma serenidade encantadora na sua face de creança, onde a barba não despontava ainda, respondeu:

— Nada... Mas esta gente dos castelhanos vem mal acaudelada; poucos e bons, com um bom capitão, bastariam para os desbaratar.

O pae, ouvindo-o, remoçava. Notava-se a singeleza do dizer, sem affectação, nem petulancia. Parecia um homem feito. A rainha achou infinita graça ao rapaz, e, inclinando amorosamente a cabeça para D. Fernando, disse-lhe ao ouvido, como quando lhe segredava amores, que reclamava para si Nun'alvares: queria-o para seu escudeiro.

— Está bem, voltou o rei. E eu tomo Diog'alvares por cavalleiro [1].

Estava então a rainha na plena efflorescencia da sua belleza fascinante. Chamavam-lhe *Flôr de altura* [2] pelo seu porte esbelto e onduloso, como haste de lyrio coroada pela formosa cabeça ruiva, onde tantas ambições realisadas tinham germinado. Sentada no throno, já não ardia em despeitos, nem odios: pelo contrario, queria congraçar toda a gente, insinuar-se, seduzir, conquistar, colleando, com a sua ductilidade de cobra, para envolver os renitentes, como envolvera e manietára o rei D. Fernando, captivo de amor a seus pés.

Nascera de Martim Affonso Tello, no gremio da mais alta gerarchia, filha do amante da rainha Maria de Castella [3], nossa conhecida; ficando orphã em 1356, quando

---

[1] *Chron. do Condest.* II; Lopes, *Chron. de D. João I*, prim. parte, 35.

[2] *Sumario de los reyes de España*, por el dispensero de la reyna D. Leonor de Castilla; *ap.* Sandoval, *Aljubarrota*, 31.

[3] Os Telles provinham do mordomo-mór de D. Affonso IV, que deixára dois filhos e uma filha: 1. João Affonso Tello, que D. Pedro I armou cavalleiro na celebre *kermesse* do Rocio de Lisboa, e que foi conde de Barcellos; 2. Maria Affonso; 3. Martim Affonso Tello, o amante da rainha de Castella, que deixou quatro orphãos: *a)* João Affonso Tello de Menezes, almirante em Portugal, conde de Barcellos, e de Mayorca em Castella; *b)* Maria Telles, casada com o infante D. João e por elle assassinada em Coimbra; *c)* Leonor Telles, rainha

o assassinaram ás portas de Toro, levando a rainha pelo braço, conforme sabemos. Crescendo em graça e seducção, puzeram-lhe o nome de *Flôr de altura*. Casaram-na com João Lourenço da Cunha, homem cynicamente excentrico, e por tanto marido improprio para ella, que tinha na idéa a semente das maiores ambições. Na teia urdida pelos desejos d'essa mulher, o rei D. Fernando cahiu enrodilhado em amor, repellindo a noiva e arriscando a corôa, a um tempo, com a revolução de Lisboa [1] e com a segunda guerra castelhana. Fugindo ao clamor das imprecações, foi o rei casar-se a Leça do Balio, junto ao Porto, por vergonha, provocando o protesto do infante D. Diniz. O marido repudiado passou a Castella, e, fazendo gala da deshonra, apresentava-se por toda a parte, blazonando de minotauro, com duas hastes doiradas na cabeça [2].

Foram crueis os primeiros annos da rainha, porque ninguem lhe perdoava: uns por lhe invejarem a sorte, outros por causa do escandalo. Ella, que não tinha amor pelo rei, vingava-se do tedio d'esse sacrificio, dando largas á sua imaginação doentia de mulher nervosa. Tecia intrigas que se desmanchavam em sangue, como a tragedia do infante D. João, cujo braço armou para apunhalar sua innocente irman. O marido assassino fugiu logo para Castella. A' inveja e ao escandalo juntavam-se, contra a rainha, o horror por essa doidice de sangue que parecia inherente aos costumes patricios, e o desespero do povo, para o qual era ella a causa dos males da guerra, outra vez accesa contra

---

de Portugal; *d)* Gonçalo Telles de Menezes, conde de Neiva. D'estes eram primos-irmãos os dois filhos de João Affonso Tello: *a)* João Affonso de Menezes, primeiro conde de Vianna, morto pelo povo de Penella, na revolução de 1384; e *b)* Affonso Telles de Menezes, que precedeu o primo no condado de Barcellos. — Cf. Santos, *Mon. Lusitana*, VIII; 20, 53.

[1] Sobre este episodio fundou Herculano as suas *Arrhas por foro de Hespanha*.

[2] *Sumario de los reyes de España*, etc.

Castella. A rainha, porém, já não soffria, como no principio, com os despeitos do proximo, porque se deliciava na voluptuosidade dôce da vingança. Subira mais degraus na escala da sua vida pervertida; e, rainha, afeita a mandar, as suas ambições de agora ampliavam-se, vagamente ainda, mas ampliavam-se, com as proporções engrandecidas da nova scena em que se via.

A propria guerra de Castella estava sendo a apotheose de Leonor Telles. Ella, ella só, provocando e derimindo contendas entre principes! ella, obrigando o poderoso rei de Castella a descer a Portugal! ella, vendo-o caminhar contra Lisboa abandonada, e tornar-se o instrumento da sua desforra sobre essa cidade que a abocanhára! A situação das cousas enchia-a de felicidade carinhosa. O desespero de não poder amar esquecia-o, gozando as delicias da vaidade. Por isso, na situação turvamente luminosa da sua alma, sorria como sereia para Nun'alvares, que baixava os olhos, vergonhoso e mesurado [1], depois de ter olhado firme, sem uma contracção na face, para o desfilar terrivel dos esquadrões castelhanos, a caminho de Lisboa.

Seductoramente, a rainha, pondo-lhe a mão, delgada e nervosa, sobre o hombro, disse-lhe que queria armal-o escudeiro. Nun'alvares então estremeceu, lembrando-se de Galaaz. Foi com os labios frios por uma visão de futuros indeterminados que beijou contritamente a mão de Leonor Telles.

Tambem ao bastardo de Lançarote do Lago apparecera a dama, para o armar cavalleiro. Tambem Galaaz fôra á abbadia, e a abbadessa chorava de prazer no meio das suas quatro aias. Os vaticinios da sua vida predestinada iam-se cumprindo assim, pontualmente. Por isso estremecera, quando a rainha lhe disse querer armal-o por suas proprias mãos, como a abbadessa da historia, obrigando Lançarote a armar Galaaz. E interrogado pelo pae, o bastardo respondera:

---

[1] *Chron. do Condestabre*, II.

— Senhor, se vos prouvesse, bem o queria ser, pois não ha cousa no mundo que eu tanto deseje como honra de Cavallaria...

— Filho, disse Lançarote (como elle tantas vezes ouvira dizer ao prior, seu pae) estranhamente vos fez Deus formosa creatura!

E Nun'alvares, erguendo a cabeça, a sorrir, tambem respondia:

— Se Deus me fizer formoso, dar-me-ha bondade, prazendo-lhe. De outro modo, valeria pouco. Mas Elle quererá que eu seja tão bom, e cousa que semelhe á minha linhagem e áquelles d'onde eu venho. Puz a minha esperança em Nosso Senhor...

Logo trabalhou a rainha de achar arnez que servisse a Nun'alvares, tão creança era ainda, e pequeno de estatura como sempre ficou. Alguem lembrou então que havia o arnez do mestre de Aviz, quasi da mesma idade, e pouco antes armado cavalleiro. A rainha morria, encantada, por estes brinquedos... Entretanto os castelhanos saqueavam os suburbios de Lisboa. Foi-se pedir o arnez ao mestre d'Aviz, irmão d'el-rei, e veio. Vestiram-no a Nun'alvares. Servia-lhe. Não parece fatidica esta investidura?

Como Galaaz, Nun'alvares não pôde soffrer de chorar, quando, banhada em agua benta a espada, lh'a cingiram ao cinto, calçando-lhe as esporas. Pôz-se então de joelhos, collocou-lhe a rainha o capacete na cabeça, e desembainhando-lhe a espada, feitas as perguntas rituaes, bateu-lhe com ella os tres golpes sagrados no elmo e no hombro:

— Deus vos faça bom cavalleiro!

Levantou-se armado [1]. Era outro homem. Descera sobre elle a iniciação mystica, sagrando-o. Não havia de falhar a sua sina!

Escudeiro da rainha, o prior obteve do rei que o tomasse

---

[1] V. o ritual em Rodrigues, *Regra da Cavall. e Ordem militar de S. Bento de Aviz*, XII, 42; e *Orden. aff.* I, 63.

por morador em sua casa. Ficou pois no paço com seu tio e aio, o escudeiro Martim Gonsalves do Carvalhal [1], irmão de D. Iria, sua mãe, que tambem no paço andava como cuvilheira da infanta D. Beatriz, creancinha de um anno apenas.

O rei de Castella, entretanto, chegára sobre Lisboa [2]. A maioria dos habitantes tinham-se acolhido ao castello, porque a cidade estava aberta, desmantelados os seus velhos muros mouriscos. Não tinha ainda chegado a armada castelhana; por isso o castello de Lisboa não podia cercar-se de todo, e, reforçados, os portuguezes molestavam o arraial. Henrique II, acampando nos altos de S. Francisco, fronteiros pelo poente ao Castello, mandou queimar as taracenas, ou arsenaes, da praia, com os navios n'ella varados; e quando afinal [3] chegava a Lisboa a esperada esquadra do almirante Boccanegra e apresava as quatro naus portuguezas fundeadas no Tejo, entrava pelo Minho outro exercito invasor.

Portugal estava perdido: valeu-nos a intervenção do cardeal Guido, nuncio do papa. Elle negociou as condições das pazes com o rei Henrique II, que não provocára a guerra, nem tinha em mente a conquista. O rei de Portugal prestaria a Castella cinco galés, quando o de França, alliado do castelhano, carecesse d'ellas; expulsaria D. Fernando de Castro e os mais restos dos parciaes do rei D. Pedro; casaria a infanta sua irmã com o conde D. Sancho, irmão de Henrique II; casaria a filha, D. Beatriz, com o duque de Benavente, bastardo do rei castelhano; e a outra filha, D. Isabel, nascida fóra do casamento, com D. Affonso, outro bastardo do rei Henrique, levando em dote Vizeu, Celorico e Linhares. Era este o grande espinho, por dei-

---

[1] *Chron. do Condestabre*, II; v. tambem Lopes, *Chron.* e a reproducção dos factos em Fr. José P. de Sant'Anna, *Chron. dos Carmel.*, III, § 680-1.

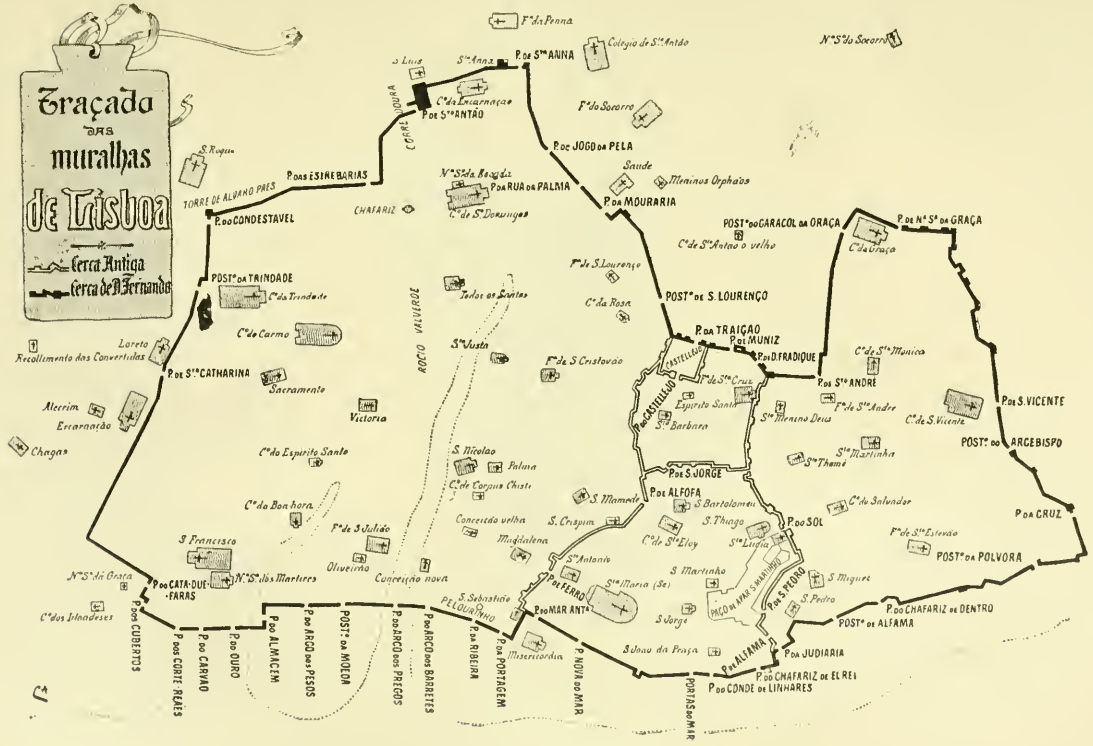
[2] 23 de fevereiro, 1373.

[3] 7 de março.

xar Portugal aberto, pela Beira, á invasão dos castelhanos; mas perdido estava o reino n'esse momento: que remedio senão curvar a cabeça ás ordens do vencedor? Viram-se os dois reis em Vallada e dois dias depois celebraram-se as bodas de D. Sancho com a irmã de D. Fernando. D. Henrique retirou com o seu exercito; Leonor Telles entrou vingada em Lisboa.[1]

Assignatura e sello da rainha Leonor Telles
(Ao Arch. nac.)

[1] Cf. Lopes, *Chron.*; Sandoval, *Aljubarrota.*


Traçado das muralhas de Lisboa
Cerca Antiga
Cerca de D. Fernando
F.ª da Penna
Colegio de S.to Antão
N.ª S.ª do Socorro
S. Luis
S.ta Anna
P. de S.ta ANNA
C.ª da Encarnação
P. de S.to ANTÃO
CORREIA DOURA
F.ª do Socorro
P. de JOGO da PELA
Saude
Meninos Orphãos
P. da MOURARIA
S. Roque
P. das ESTREBARIAS
TORRE DE ALVARO PAES
P. do CONDESTAVEL
CHAFARIZ
N.ª S.ª da Rosada
P. da RUA da PALMA
C.ª de S.ª Domingos
POST.ª do CARACOL da GRAÇA
C.ª de S.to Antão o velho
P. de N.ª S.ª da GRAÇA
C.ª da Graça
POST.ª da TRINDADE
C.ª da Trindade
F.ª de S. Lourenço
Todos os Santos
C.ª da Rosa
POST.ª de S. LOURENÇO
C.ª do Carmo
Loreto
Recollimento das Convertidas
P. de S.ta CATHARINA
S.ta Justa
F.ª de S. Cristovão
P. da TRAIÇAO
P. de MUNIZ
P. de D. FRADIQUE
CASTELLÃO
F.ª de S.ta Cruz
C.ª de S.ta Monica
P. de S.to ANDRE
Sacramento
Victoria
Espirito Santo
P. do CASTELLÃO
S.ta Barbara
S.ta Menino Deus
F.ª de S.to Andre
C.ª de S. Vicente
P. de S. VICENTE
Alecrim
Encarnação
Chagas
C.ª do Espirito Santo
S. Nicolao
Palma
C.ª de Corpus Christi
S.ta Martinha
S.ta Thomé
POST.ª do ARCEBISPO
P. de S. JORGE
P. de ALFOFA
S. Mamede
S. Bartolomeu
C.ª do Salvador
C.ª da Boa hora
Conceição velha
S. Crispim
S. Thiago
P. do SOL
P. da CRUZ
F.ª de S. Julião
Magdalena
C.ª de S.ta Eloy
S.ta Lucia
F.ª de S.to Estevão
S. Francisco
Oliveirão
Conceição nova
S.to Antonio
S. Martinho
POST.ª da POLVORA
N.ª S.ª da Graça
P. do CATA-DUE-FARAS
N.ª S.ª dos Martires
P. de FERRO
S.ta Maria (Se)
PAÇO DE MAR S. MARTINHO
P. de S. PEDRO
S. Miguel
S. Pedro
C.ª dos Ilhandeses
S. Sebastião
PELOURINHO
P. do MAR ANT.º
S. Jorge
P. do CHAFARIZ de DENTRO
POST.ª de ALFAMA
P. dos CUBERTOS
P. dos CORTE REAES
P. do CARVAO
P. do OURO
P. do ALMACEM
P. do ARCO dos PESOS
POST.ª da MOEDA
P. do ARCO dos PREGOS
P. do ARCO dos BARRETES
P. da RIBEIRA
P. da PORTAGEM
Misericordia
P. NOVA do MAR
S. João da Praça
P. de ALFAMA
P. da JUDIARIA
P. do CHAFARIZ de EL REI
P. do CONDE de LINHARES
PORTAS do MAR
ROCIO VALVERDE

II

O fim da dynastia

Os tres ou quatro annos que seguiram a entrada de Nun'alvares na côrte completaram a sua educação. Foram tempos pacificos, mas subterraneamente minados pela imaginação doentia da rainha. Nem a paz, todavia, nem o exemplo das realidades da vida, que o tio e aio lhe ia mostrando, commentando-as com a sua larga experiencia das cousas, abriam brecha na fé illuminada que Nun'alvares puzera em si proprio e no seu destino. Pelo contrario: as lições do presente juntavam-se ás que ouvira ao pae ácerca do passado, para mais o afervorarem na indispensabilidade de uma redempção pela Cavallaria. A impressão recebida na infancia fôra demasiado forte. Quanto peior o mundo lhe apparecesse, melhor tinha de ser elle, para o poder emendar.

Agora, não lhe bastava já o heroismo do braço e a candura da alma. Testemunha do desbragamento de uma côrte licenciosa, pensava que sómente a castidade podia dar aos homens a energia e o valor perdidos. Olhava para o seu modelo, e via como a historia punha na virgindade do heroe a origem dos seus grandes feitos. Relia o caso da filha do rei Brutos que, perdida de amor, se fôra entregar

a Galaaz e, sendo repellida, com a propria espada d'elle se lhe matara aos pés, junto ao leito. «Muitas vezes em si cuidava de ser virgem» [1].

N'isto, pelos meiados de 1377, o prior D. fr. Alvaro, que se sentia morrer, ancioso por deixar estabelecido o filho querido, veiu á côrte, a entender-se com elle.

— Nuno, dizia-lhe o pae, parece-me bem e serviço de Deus e tua honra, que hajas de casar...

Nun'alvares, timido e encolhido perante o pae, baixava a cabeça. Córou e emmudeceu. Não previa a hypothese que lhe transtornava as suas idéas mais cáras. Não tinha palavras, por não ter coragem para expôr ao pae, que se riria d'elle, os sonhos extravagantes da sua ambição. Nunca pensara em mulheres, gastando na caça e em cavalgadas a monte, com os amigos, a exuberancia energica da sua mocidade [2].

— Nuno, voltava o pae carinhosamente, és homem e farás casa. Achei-te a noiva entre Douro e Minho. Mandei lá João Fernandes, o commendador da Flor-da-Rosa e de S. Braz de Lisboa... Ella annuiu, pondo por condição unica a approvação d'el-rei. Já a obtive, e el-rei mandou-a vir á côrte... [3].

Nun'alvares, enfiado, mal ouvia o pae, ennovelando-se-lhe o pensamento em ondas rapidas.

— E' D. Leonor de Alvim, boa, de boas rendas e cabedal: a viuva de Vasco Gonsalves, de Barroso...

— Viuva? ia a dizer subitamente Nun'alvares, mas a palavra, levantando-se-lhe no peito como um botão de agua n'uma nascente, morreu antes de lhe chegar aos beiços.

— Filha de João Pires de Alvim e de D. Branca Pires Coelho, ainda nossos parentes, em quarto grau. Teem escudo esquartelado: nos dois enxadres, vermelho e amarello; e nos contrarios cinco flores de liz de ouro, em

---

[1] *Chron. do Condestabre*, IV.

[2] *Ibid.*

[3] *Ibid.* III.

campo azul [1]. Vae bem com a cruz floreteada dos Pereiras. Já se pediram as dispensas ao papa Gregorio IX: veem a caminho [2]. E' muito nobre dama e de grande virtude; e a minha vontade manda, se a Deus prouver, que te cases com ella. Quero saber de ti o que te parece d'isto.

E calou-se.

Nun'alvares, enleiado, baixinho, moendo as palavras, não poude deixar de responder:

— Senhor, fallaes-me de casamento... Não estava avisado... Porém vos peço, por mercê, que me deis logar para cuidar... Poderei então certamente responder o que julgar...

— Respondes cordatamente, voltou o pae sorrindo.

Separaram-se; mas d'alli o prior foi em procura de Iria Gonsalves, e á mãe do rapaz, com mais desafogo, poz as cousas a limpo, imaginando que a Nun'alvares desagradava a idéa de casar com uma viuva. Não era tal! segredava elle maliciosamente á amante de outros annos, por quem tinha ainda um carinho preferente. A viuva era virgem. O pobre Gonsalves nunca podera ser seu marido. Ella encobria isto por bondade [3], talvez por vergonha, mas o prior sabia-o, de sciencia certa. Dissipasse, portanto, o desgosto do rapaz, pois não havia de quê.

Iria Gonsalves deu o recado ao filho, e não ficou surprehendida quando Nun'alvares, espantado, lhe respondeu que o motivo não era esse. Não queria casar com pessoa alguma, viuva, nem manceba. Então o pae irritou-se com a singularidade do rapaz que assim repudiava um tão excellente casamento, atrevendo-se a resistir-lhe. Não: não podia, e não havia de ser assim. Era pae, e tinha a experiencia da vida. Mas, para não violentar as cousas, chamou dois rapazes, da geração de Nun'alvares, Alvaro Gil de

---

[1] Santos, *Mon. lusit.* VIII; 23, 3.

[2] Sant'Anna, *Chron. dos Carm.* III, 682.

[3] *Chron. do Condestabre*, V; Lopes, *Chron.* I, 35, 6.

Carvalho seu cunhado, casado com uma filha do prior, e Alvaro Pereira, seu primo, o que mais tarde foi marechal da hoste de D. João I, quando Nun'alvares foi condestavel, e encarregou-os de transmittirem a ordem de casamento [1]. O rapaz obedeceu, desolado. Era o primeiro fructo amargo da vida que tragava.

Breve chegou D. Leonor d'Alvim a Villa-Nova-da-Rainha, onde então estava a côrte. Trazia um sequito magestoso de parentes e creados. Chegou tambem a dispensa do papa [2]. D. Fernando e Leonor Telles presidiram ás bodas [3]. Foi uma festa na côrte. Os noivos partiram para o Bomjardim, onde tiveram a lua de mel, e de lá para a quinta de Santa Marinha de Pedrassa, solar de D. Leonor, em Cabeceiras, meia legua acima de Basto, no pendor dos montes que baixam sobre o Tamega [4].

Os tres annos que Nun'alvares passou no Minho, até que os acontecimentos o chamassem a Lisboa em 1379, foram um parenthesis na sua vida predestinada. Por momentos, elle proprio pensava que os sonhos da sua mocidade se tinham varrido; e que a vida consistia em governar a sua casa e augmentar a sua prole. N'esses tres annos teve tres filhos: dois rapazes que logo morreram, e uma menina a quem pozeram os paes o nome de Beatriz, como á infanta. Levava a vida de um fidalgo rural, caçador e monteiro, mais monteiro que caçador, cercado pelos seus doze ou quinze escudeiros, seguido pelos seus vinte ou trinta monteiros de pé. E o tempo corria sereno, farto e feliz. Não tinha ambições, rancores, nem odios. Adoravam-lhe todos a meiguice, a ingenuidade, e o fallar constante-

---

[1] *Chron. do Condestabre*, IV.

[2] A bulla primitiva extraviou-se e foi renovada pela de 26 de setembro de 1387, de Urbano VI, que existia no arch. do Carmo. — Santos, *Chron. Carm.*, III, 682.

[3] 15 de agosto, 1376.

[4] Sant'Anna, *Chron. Carm.* III, 683; Santos, *Mon. lusit.* VIII; 23, c. 3.

mente amigo, cheio de brandura e carinho [1]. Conformára-se com a existencia incolor que o destino, parecendo mentir aos vaticinios, lhe preparára. Por vezes recordava melancolicamente as suas illusões perdidas; mas, apertando contra o peito a filhinha, dissipava a saudade das emprezas sonhadas, glorias entrevistas e fugidas, como nuvens!

*

* *

Por este tempo (1378) finava-se na Amieira o prior do Hospital. Nun'alvares foi, do Minho, assistir ás exequias; e achou-se lá com todos os seus irmãos que eram então dezoito: nove homens, nove mulheres. Dos trinta e dois filhos do prior, quatorze não tinham vingado. Foram exequias solemnes. O defuncto, levado processionalmente, da Amieira á Flôr-da-Rosa, teve segunda apotheose antes de repousar para sempre no seu leito de pedra [2]. Nun'alvares regressou a casa. O rei, para accentuar bem a conta em que tinha o prior e a sua familia, commetteu uma injustiça, tirando a successão do priorado ao commendador de Poiares, Alvaro Gonsalves Camello, a quem de direito pertencia, para a dar a Pedr'alvares, o primogenito do prior [3].

Os tempos d'el-rei D. Pedro, o justiceiro, que fizera do sceptro uma vara de juiz e um vergalho de meirinho, pareciam antiquissimos aos tempos de agora, decorrendo no goso dos prazeres faceis, cheios pela intriga dissipada, presididos por um rei sem nervos senão para se escravisar á mulher que o seduzira e tyrannisava. A

---

[1] Lopes, *Chron.* I, 35; *Chron. do Condestabre*, V.

[2] *Chron. do Condestabre*, VI.

[3] *Ibid.*, VII.

libertinagem da côrte dava o tom aos costumes do povo. Quebrára-se a mola rija do caracter, e a bondade incontestavel do rei era mais um motivo de desordem. Juntava-se-lhe á pusilanimidade intelligente, levando-o a perdoar o que não podia querer corrigir. Imaginava fazer por bem, e de facto tornava-se cumplice de todas as delapidações, de todas as perfidias, de todas as vergonhas do reinado. Os thesouros legados por D. Pedro, que fôra avarento, tinham-se evaporado. Os homens mais mal cotados impavam de cheios, blazonando com importancia. Em lucta, a audacia cynica e a honestidade pusilanime, vencia indisputavelmente a primeira. Os bons não tinham coragem, os maus não tinham rebuço. Chegára-se ao ponto de não ser necessaria a hypocrisia, esse preito involuntario que a maldade presta á virtude. Tudo se desorganisava, tudo se pervertia; só uma cousa era digna de attenção e cuidado: ver que o regabofe durasse, porque para ninguem era duvidoso que as cousas se precipitavam no caminho de um terramoto final. Mas, como os enfermos desenganados a quem se não póde fallar de morte, as classes governantes, sentindo o reino perdido, não toleravam advertencias; e por isso mesmo a sua ancia, a sua furia, era gosar-lhe as agonias, acabar de despojal-o antes que expirasse. Repelliam cruelmente quem quer que trouxesse nos labios palavras de razão. Eram máos prophetas, funebres mensageiros de pessimismo: eram ambiciosos villãos que pretendiam erguer para si um throno, sobre perigos chimericos e males imaginarios. Tudo ia excellentemente, diziam alto; e baixinho, com ares subtis, accrescentavam que os povos só se governam com petas. Outros, na incoherencia do seu juizo desquiciado, architectavam planos, qual d'elles mais atrevidamente insensato, para ver se desencalhavam o barco nacional do atoleiro em que se encravara.

Entre estes, o mais illustre era o Andeiro, João Fernandes, fidalgo gallego valído da rainha. Urdindo intrigas, tecendo mentiras, ingenuamente pervertido pelo desbragamento dos tempos. o Andeiro impunha-se ao rei, que

o conhecia por dentro, com a influencia da sua poderosa clientela e com a protecção declarada da rainha. Animal de sangue frio, sem noção do dever e do respeito, era uma creatura singular, porque succedia não ser mau por temperamento. Natureza incompleta, tornava-se, pelos proprios elementos que lhe faltavam, mais pernicioso ainda; porque a sociedade estava apostada a sanccionar em todos essa propria aberração do homem que tudo mandava. Constitucionalmente descarado, praticava sem esforço as abjecções que ainda doíam á gente apenas pervertida. Nascêra castrado no caracter. Por isso era acclamado. Risonho, em ar de mofa, atravessava o tempo, levando nos labios uma ironia amarella, da côr da sua pelle côr de cera, com a idéa ingenua de que a vida nunca fôra, nem podia ser, outra cousa mais, do que uma trama de intrigas e mentiras, feita com linho ou lan de podridão.

Ora succedeu que, morrendo em Castella Henrique II [1], o rei D. Fernando, cuja intelligencia lhe mostrava Portugal condemnado a encorporar-se na monarchia visinha, entendeu dever preparar as cousas n'esse sentido. Não tinha filho varão a quem deixasse a corôa em herança. Deixal-a á rainha e á filha, seria perdel-a da mesma fórma, mas condemnando o reino ás tropelias de uma crise dolorosa. O Andeiro, com as suas invenções de mau quilate, poria tudo pelas ruas da amargura. Negociou, portanto, com o herdeiro João I, de Castella, a revisão dos tratados de Vallada, de 1373; e a infanta D. Beatriz, em vez de casar com o Benavente, casava com o filho do castelhano e seu herdeiro, recem-nascido, o que depois foi Henrique III. [2]

O Andeiro viera para Portugal em 1369 com D. Fernando, quando este invadira a Galliza, entrando na Corunha. Estivera na côrte até 73, durante o tempo da guerra, e fôra então que ganhára a influencia e reputação de

---

[1] 29 de maio de 1378.

[2] Cf. Sandoval, *Aljubarrota;* Romey, *Hist. d'Esp.; ibid.*

homem capaz de destrinçar as meadas mais emmaranhadas, prestidigitador politico para os lances difficeis, crédor da confiança inteira da rainha. Uma das condições, porém, do tratado de Vallada, tinha sido a expulsão de todos os gallegos (eram vinte e oito,) parciaes do assassinado de Montiel, que andavam em Portugal. Teve portanto o Andeiro de se exilar, embarcando para a Corunha que saqueou; e cheia a bolsa, fôra para Inglaterra viver na casa dos duques de Cambridge e de Lencastre. Conhecia os inglezes dos tratos de 1372, quando o rei de Portugal se alliara ao Lencastre, pela primeira vez, para dividirem entre si a Castella.

Celebradas as bodas da infanta de Portugal com o herdeiro castelhano, Leonor Telles viu ameaçado o futuro da sua vida. O rei, franzino e debil, não podia durar muito, de mais a mais sugeito ao regimen torturante da esposa, que se desesperava por não ter filhos, além d'essa infanta destinada a ser o instrumento da sua perdição. Em taes apuros, era indispensavel romper os ajustes feitos pelo rei, repetir 1372, desencadear outra vez a guerra, recorrer de novo á ambição dos inglezes sobre a corôa de Castella. Ninguem melhor do que o Andeiro servia para taes lances. Escreveu-lhe [1]. Assim, a amarga ironia do mundo queria que a defeza da independencia estivesse solidaria com o capricho de uma mulher hysterica, e nas mãos de um trocatintas! E' que as situações deprimidas levam a consequencias incoherentes. Deus escreve direito por linhas tortas. Mas, se, na acção d'esta tragedia, os motivos determinantes para Leonor Telles eram apenas as paixões humanas, para o Andeiro não era só a obediencia ao instincto individual.

---

[1] Lopes (*Chron. de D. Fern.*, 115) diz que o rei escreveu ao Andeiro. Não é crivel similhante imbecilidade n'um homem intelligente E' facil de ver que o auctor da carta foi a rainha. As chronicas attribuem tudo aos reis em pessoa, e D. Fernando soffreu para a historia todas as consequencias da sua deploravel fraqueza.

Encarnava n'elle o querer collectivo e obscuro da Galliza, que repellia a hegemonia castelhana. Era o ultimo portador do pensamento que desejava a formação de um Portugal gallego, baseado sobre as affinidades de ascendencia ethnica: ultimo, porque d'esta crise sairia a deslocação do centro e coração do reino para Lisboa, e o futuro maritimo designado ao povo portuguez.

Não foi difficil ao Andeiro convencer os inglezes; e munido de cartas largou de Inglaterra, incognito, para o Porto, onde desembarcou. Estava então a côrte em Estremoz. No paço do castello, cujos restos ainda existem, havia e ha uma torre enorme, quadrangular [1], cujos terraços dominam a planicie viçosa do alto-Alemtejo; e cujas fogueiras, nas guerras do tempo, trocavam signaes com os castellos de Evoramonte, do Alandroal, de Villa-Viçosa e de Elvas, de Veiros, de Fronteira e do Vimieiro, nas eminencias dos montes que cercam o horisonte. E' uma construcção altissima, denegrida pelo tempo, cujos ataques desafia com a sua structura cyclopea, sem ornatos, nem phantasias architectonicas. Foi ahi que, chegando a Estremoz, esconderam o Andeiro. Já a esse tempo a rainha, impondo á pusilanimidade de D. Fernando a força de um facto consummado, lhe dera conta do que fizera e da renovação da alliança com os inglezes. Passivo, submisso, o rei curvou mais uma vez a cabeça. Na torre de Estremoz conspiravam, pois, o rei, a rainha, e o Andeiro. Em Inglaterra, morrera Eduardo III, ficando senhores do reino os tios do herdeiro, duques de Cambridge e de Lencastre, casados ambos com duas filhas de Pedro-o-cru. Andeiro tratára o casamento da infanta D. Beatriz com o filho de Cambridge, Eduardo. Assim, Portugal, independente, teria um rei inglez, porque nem o Andeiro, nem a rainha, nem o rei, podiam confiar no exito das revindicações castelhanas.

---

[1] Foi n'essa torre que em 1833 foram trucidados a machado os presos liberaes. Cf. *Portugal contemporaneo*, do A. I, p. 357-60 (2.ª ed.).

Sob o encanto combinado da seducção feminina da rainha e das artes magicas do prestimano que expunha verbosamente, com gestos rapidos e mobilidade na vista, o seu plano, o pobre rei deixava-se penetrar pela tentação que mais uma vez ia lançar o reino em guerra. A esperança de vingar os horrores da queima de Lisboa em 1373, seduzia-o [1]. A rainha e o Andeiro, explorando esse sentimento, apertadas as mãos n'um fim commum, fitaram-se um dia, e pelo espirito de ambos passou uma tentação. Nenhum tinha escrupulos. D'ahi nasceram os amores; e do segredo da conspiração, o adulterio. O pobre rei caíra na ultima desgraça. Para o Andeiro, esse amor era mais uma sorte no curso da sua vida de acrobata, e mais uma vasa no seu jogo de ambicioso. Para a rainha era (quem póde adivinhar?) o meio de ter um filho capaz de lhe assegurar o throno, pois tambem lhe não agradava, naturalmente, a perspectiva de ficar á mercê dos inglezes. Preferia apenas esse mal menor.

Leonor Telles, porém, achou no Andeiro o seu algoz porque, involuntariamente e insensivelmente, viu-se captiva do mesmo encanto que seduzira o rei. Era ella que amava agora — insupportavel creancice! Era ella que praticava escandalos, temeridades sem conto, enlevada, absorvida, seduzida pelas artes serpentinas d'esse homem feito de astucia e manha, ingenuo na perversidade, quasi infantil por vezes, como fructo espontaneo da podridão. Já os amores da rainha não eram mysterio para ninguem. Segredava-se; havia sorrisos de intelligencia na côrte.

Publicamente deshonrado, o rei, cuja bondade pusilanime e cuja intelligencia passiva o tornavam instrumento docil, convocou o conselho e communicou-lhe a sua decisão de declarar guerra a Castella, a sua alliança com os inglezes, e como tirara a filha ao infante castelhano, para a dar ao filho do duque de Cambridge [2]. Era o terceiro

---

[1] Lopes, *Chron. de D. Fernando*, 114.

[2] *Ibid.*

noivo da infanta. Os conselheiros apertavam as mãos na cabeça, perante enormidades taes; mas tibiamente, impotentemente, curvavam-se. Reinava audaz o descaramento. Ninguem se atrevia a protestar. A hombridade, a coragem, a franqueza, e até a abstenção, passavam por excentricidades.

Já a este tempo o Andeiro, terminada a obra, partira incognito até Leiria, onde se apresentou e por comedia o mandaram prender, para o expulsarem, conforme o tratado de 1373. Ainda não estava proclamado o rompimento com Castella. Ia para Inglaterra levar noticias do exito da sua missão [1].

Acto contínuo ao conselho, partindo a côrte para Villa-Viçosa [2], mandaram sair a esquadra para Cadix, a bloquear Sevilha e o Guadalquivir [3]. Commandava-a o conde Affonso Tello, irmão da rainha, fanfarrão que confundia a coragem com a violencia, francamente vicioso, como um barbaro, cheio de gula, devorado por apetites que a irman tinha de saciar, abarrotando-o de dinheiro. Foi com a esquadra, mal armada, ameaçando o mundo; e deu com ella, a seis dias de viagem, no formidavel desastre de Saltes [4] em que ficou n'um instante destruida pelos navios castelhanos. As perdas eram seis mil homens e «seteemta mil dobras que valiam as galés com suas esquipações» [5]. Ainda por cima, a rainha, ao saber o resultado da malfadada expedição, descaroavel para com a afflicção de D. Fernando, lhe dizia com palavras agrestes de despeito:

---

1 Lopes, *Chron. D. Fernando*, 114.

2 7 de junho, 1381.

3 11 de julho.

4 17 de julho.

5 Lopes, *Chron. de D. Fern.* 124-6. O valor da esquadra póde computar-se em dois mil contos, contando a dobra *pé-de-terra* a 2793 rs. (Aragão, *Descr. geral, etc.* II, 237) e decuplicando, para obter o valor relativo.

— Porque vos anojaes, assim, senhor? Pela perda da vossa frota? E como outras novas esperaveis vós d'ella, senão estas?

O triste rei era o bode expiatorio do desespero de todos. Os sentimentos são injustos. Elle não tinha culpa, o desgraçado! Culpada era esta terra que se desconjuntava, perdida. Mas a rainha, implacavel, voltava contra a sua victima o desespero em que ardia. Por causa do rei, a guarnição da armada se fizera a cordel, prendendo lavradores e mesteiraes, gente do campo e das officinas, para os levar a bordo, chusma de enjoados, a atulhar as galés, condemnando-as a uma perdição inevitavel. Tinha razão a rainha; mas quem tinha a culpa? O seu desespero era ver como todas as armas se partiam, nenhum instrumento servia, para pôr por obra os planos da sua imaginação doentia. A sua colera era ver que se afogava irremissivelmente no naufragio do throno portuguez.

Tempo havia que tinha partido por mar para Inglaterra Lourenço Annes Fogaça, afim de tratarem, elle e o Andeiro, os negocios da expedição do alliado [1]. Agora, toda a esperança estava posta n'esse auxilio. O rei de Castella entrára em Portugal por Almeida, e ahi soubera da sua victoria de Saltes; senhor do mar, ser-lhe-hia facil impedir o desembarque dos inglezes. O infante D. João, que andava emigrado em Castella, e invadira o Alemtejo, propoz de lá a D. João I ir a Sevilha e alliciar os prisioneiros portuguezes para com elles vir ao Tejo impôr a paz. Foi, com effeito, e trouxe seis naus a Lisboa; mas foram recebidas a tiros, sendo forçadas a regressar a Sevilha [2].

A' pressa, de Santarem, o rei dispozera a defeza das fronteiras invadidas. Para o Alemtejo mandou o mestre d'Aviz, a guarnecer Elvas, Arronches e Campo-Maior; D. Alvaro Pires de Castro tinha Olivença; Estevam Gon-

---

[1] *Chron. de D. Fernando*, 128.

[2] *Ibid.* 127.

salves, Beja; e Pedr'alvares ficava em Portalegre, mais o irmão Nuno que viera correndo da sua casa da Pedrassa com uma escolta de vinte e cinco lanças e trinta homens de pé [1]. O mestre de Santiago de Castella, Fernando Ansures, estava em Badajoz, esperando as forças do infante D. João, para entrar em Portugal [2].

Capacete e espada do mestre d'Aviz
(no thes. de Alcobaça)

O desastre de Saltes fôra a 17 de julho (1381) e a esquadra castelhana que bloqueava o Tejo, deixou-o aberto para ir comboyar a Sevilha as galés portuguezas tomadas. Foi a sorte dos inglezes do duque de Cambridge que vinham no mar. A 19 aproaram á barra, entrando-a pacificamente, e as forças inglezas desembarcaram a salvamento em Lisboa. O rei descera de Santarem, a recebel-as. Eram quarenta e oito naus, trazendo a bordo o duque e a duqueza de Cambridge: o primeiro, filho de Eduardo II de Inglaterra; a segunda, D. Isabel, filha do castelhano Pedro-o-cru. Vinha com os paes o filhinho de seis annos, Eduardo; vinha o condestavel da armada, William Beocap, mais um bastardo do rei de Inglaterra, mais tres mil homens d'armas e frecheiros. Vinham tambem os gallegos banidos de 1373, João Affonso de Beça, Fernão Rodrigues d'Aça, Martim Paulo, e os outros, com o seu chefe, o Andeiro, á frente. Era tudo gala e festas. Acto continuo,

---

[1] *Chron. do Condestabre*, VII e VIII; e Lopes, *ibid.* 120.

[2] *Chron. do Condest.* VII.

celebraram-se as bodas do principe Eduardo, de seis annos, com a infanta D. Beatriz que tinha outro tanto.

A vinda dos inglezes, porém, trouxe uma nova complicação ás questões portuguezas: foi a religiosa. Na primavera de 1378 morrera em Roma, para onde viera de Avinhão enfermo, o papa Gregorio XI, e o conclave dos cardeaes, funccionando sob a pressão da plebe que reclamava um papa romano — *romano lo volemo!* — elegeu Urbano VI, Bartholomeu Prignano, arcebispo de Bari. Ninguem protestou. Mas o rei de França mandou a Roma os duques de Borgonha e de Anju para o resolverem a voltar para Avinhão. Os cardeaes francezes faziam a mesma exigencia, a que o papa resistia de um modo violento e brusco. Era um espirito hirto que pretendia corrigir a relaxação dos costumes clericaes e cortar cerce pelo mundanismo ecclesiastico. O conflicto declarou-se quando, em julho d'esse anno de 78, os cardeaes francezes e o hespanhol Pedro de Luna se retiraram para Anagni, appellando para Carlos V (de França) contra a eleição do papa, que diziam nulla por ter sido feita sob a pressão da plebe romana. As tropas francezas occuparam o castello de Sant'Angelo; e o papa, abandonado pelos cardeaes, nomeou um collegio cardinalicio novo. De Anagni, os protestantes tinham ido em agosto para Fondi, junto a Napoles, e ahi, reunidos em conclave, elegeram outro papa: Roberto, cardeal de Genebra, francez, sob o nome de Clemente VII. A França, apesar das cartas eloquentes e da propaganda vivissima de Santa Catharina de Senna, reconheceu Clemente VII; mas só a rainha de Napoles e os reis de Chypre e da Escocia seguiram a principio o seu partido; mais tarde entraram n'elle, porém, a Castella e o Aragão, onde todavia grande parte do clero e do povo obedecia a Urbano VI. Nós, que ainda n'esse tempo estavamos no regimen da alliança de 1373, não se tendo ainda roto o casamento de D. Beatriz com o filho do rei de Castella, seguimos o mesmo partido; mas, com a chegada dos inglezes, as cousas mudavam, e por isso nos voltámos para Urbano VI, cujas letras eram em

setembro publicadas em Lisboa, privando de bens e honras o papa Clemente e seus cardeaes e conselheiros [1].

Entretanto, o rei de Castella, depois de tomar Miranda e Almeida não avançava, porque adoecera n'esta cidade, d'onde enviava recado ao duque de Cambridge para o ir combater. O duque não foi, e em resposta ao desafio cavalleiroso do rei castelhano, prendeu-lhe os arautos. Do lado do Alemtejo, porém, as incursões dos inimigos repetiam-se, descendo pela planicie do Sorraia até Coruche. Houve ordem para os fronteiros todos se reunirem em Villa-Viçosa, afim de irem bater o mestre de Santiago em Badajoz. Juntaram-se mil lanças e quatro ou cinco mil besteiros e homens de pé. Nun'alvares ia na vanguarda, na retaguarda da hoste Gonçalo Vaz de Azevedo, privado do rei. Seguiam, ao longo da fronteira, de Villa-Viçosa contra Elvas. Nun'alvares, impaciente, irrequieto, sentindo acordar-lhe no peito as ambições da sua infancia, adiantou-se n'um sobreiral. O sol nascia então, reflectindo os raios horisontaes nas ramadas das arvores. O verniz metallico das folhas reluzia como aço. Além branqueavam as casas de Villa-Viçosa. A alma accendeu-se-lhe em enthusiasmo, desvairando-lhe a vista. Parou. Regressou. Via o sol luzir em lanças: não reparava porém que eram as lanças da carriagem, estendendo-se no couce da hoste. Pulou de con-

---

[1] Lopes, *Chron. de D. Fernando*, 107, 12, e 30. — Cf. Rohrbacher, *Hist. de l'église cath.* xi, liv. 81. — Esta opinião, defendida por D. Rodrigo da Cunha, é contradictada por Santos, (*Mon. lusit.* viii, 42) que pretende não ter o governo de D. Fernando reconhecido nunca o papa de Avinhão, Clemente vii; allegando que a junta dos prelados portuguezes dera obediencia a Urbano vi ainda antes da vinda dos inglezes, isto é, em junho, ou principios de julho, em Santarem. D. Fernando, portanto, nunca teria sido *schismatico*, á castelhana; mas tambem em Castella o clero era pelo de Roma, quando o governo reconhecia o de Avinhão. O rei de Portugal, se não era *schismatico*, permittia que o fosse o bispo de Silves, depois assassinado na sé de Lisboa, por occasião da revolta da cidade, em dezembro de 1383. Provavelmente D. Fernando não era, nem deixava de ser, pessoalmente *schismatico*: era opportunista.

tentamento, com a mocidade dos vinte annos feitos que contava, e foi a galope, levando a boa-nova:

— E' o mestre de Santiago!

Pararam todos, e Gonçalo Vaz reprehendeu-o pelo estouvamento. Era apenas a carriagem. Não era o inimigo. Envergonhado, Nun'alvares tornou ao seu posto, e as tropas entraram em Elvas sem novidade. Sabendo porém ahi que o infante D. João acudia em auxilio de Badajoz com grandes forças, resolveram dissolver a hoste, voltando cada qual á sua fronteira [1]. Tres dias depois, os inimigos vinham pôr cerco a Elvas, contra a qual estiveram por um mez [2]. Nun'alvares chorava lagrimas de desespero.

E que faziam os inglezes? Punham Portugal a saque, em vez de o defenderem, a ponto que o povo pelas aldeias e casaes começou a matar n'elles por fórma que supprimiu um terço [3]. Soccorro não davam. E a estação progredia. Estava entrado o outomno. No Tejo, em frente de Lisboa, fundeava ainda a esquadra que os trouxera; elles andavam dispersos pelo Alemtejo, salteando. Um dia entrou a barra a esquadra castelhana, e para escaparem, os navios inglezes tiveram de subir o Tejo até Sacavem, fechando o rio com correntes de ferro e guarnecendo as margens de gente. Os castelhanos retiraram, e logo em seguida as naus inglezas se fizeram tambem de vela, com os porões cheios de carga. Era meiado de dezembro [4]. A estação não consentia proseguir na campanha: por isso e pela doença, o rei de Castella retirou da fronteira, a preparar-se para a campanha de 82. O seu primeiro acto foi a creação dos cargos militares de condestavel e marechal da hoste, imitando o Aragão que os tomára da França [5].

---

[1] *Chron. do Condestabre*, IX.

[2] Lopes, *Chron. de D. Fernando*, 120; do meiado de julho (13) ao de agosto, 1381.

[3] *Ibid.* 132.

[4] *Ibid.* 133.

[5] Cf. Sandoval, *Aljubarrota*.

* * *

Assim que a esquadra ingleza partiu de Lisboa, D. Fernando e o duque de Cambridge partiram tambem, afinal, para a guerra. Passaram o Natal em Santarem. Logo nos primeiros dias de 1382 estavam em Evora. O exercito alliado aquartelava-se na fronteira. O Andeiro fixara-se em Villa-Viçosa. Em Badajoz continuava o mestre de Santiago de Castella, Pedro Ansures, ameaçando o Alemtejo [1].

Quando a hoste, seis mezes antes, se separára em Elvas e cada um dos capitães portuguezes fôra para o seu posto, Nun'alvares, desesperado, seguiu o irmão a Portalegre, fronteira que lhe tinham marcado. Ia ruminando uma idéa. Já não duvidava do destino que primeiro fôra marcado á sua vida. A imagem de Galaaz, o exemplo do cavalleiro, bastardo e virgem, fadado para as maiores emprezas, assaltava-lhe a imaginação d'onde se varriam as lembranças recentes da mulher e da casa, com o seu afortunado socego e a sua doce quietação... Pois que o mundo desgovernava, cumpria ao esforço individual repôr as cousas como Deus mandava que estivessem. Não se batêra a hoste? Bater-se-ia elle. Dispersava perante o inimigo? Avançaria elle, sósinho, n'um duello singular. Assim o diziam as historias, em que o valor de um homem vinga os erros das sociedades.

Arrebatadamente, sem ouvir ninguem, mandou portanto a Badajoz um cartel ao filho do mestre de Santiago, «para se com elle matar, dez por dez». João de Ansures acceitou logo, nomeando os seus companheiros. Nun'alva-

[1] Lopes, *Chron. de D. Fernando*, 134.

res fez outro tanto, e escolheu Martim Annes de Barbuda, que era commendador de Pedroso, e depois, feito mestre de Alcantara em Castella, foi dos peiores inimigos do condestavel portuguez; Gonçalo Annes de Abreu, senhor de Castello-de-Vide; Vasco Fernandes, Affonso Pires, Vasco Nunes do Outeiro e outros até nove, todos gente da sua casa. Dividiram entre si por egual quanto possuiam, alegremente dispostos para a morte. Nun'alvares reclamou do infante D. João e do mestre de Santiago um salvo-conducto para irem a Badajoz, á lide [1]. Só depois de o ter, se explicou com o irmão mais velho, Pedr'alvares, que pela edade, com effeito, podia ser pae d'elle, e em genio differia tambem muito. Era o que se diz um homem positivo e pratico, egoista sem monstruosidade, pontual sem heroismo, sorrindo das cavallarias do irmão: era um homem *conspicuo*, sem laivos de phantasia, como convinha ao desmanchar de feira que se estava dando. Sabendo a extravagancia do irmão (ninguem a ignorava) socegadamente escrevera a el-rei, e como já tinha no bolso as ordens d'elle, estava risonho quando Nun'alvares veiu dizer-lhe:

— Senhor irmão, bem sabeis que obra tenho começada. A Deus graças, tudo está prompto, nada falta. Peço-vos pois por mercê que me deis logar e licença para terminar este pleito.

— Irmão, respondeu com amorosa ironia Pedr'alvares, bem vejo que a vontade é boa; mas com razão vos posso repetir o adagio «al cuida o baio, e al cuida quem o sella» uma cousa pensa o cavallo, outra o ginete... A verdade é que el-rei soube da obra em que andavas, e, segundo parece, pelo que me escreve, não consente. Manda-me impedir-vos de proseguir... terminou o prior com voz firme, accentuando as palavras.

Nun'alvares conhecia o alcance da phrase sublinhada.

---

[1] *Chron. do Condestabre*, x.

— Portanto, voltou depois de uma pausa: portanto, não se pense mais n'isso; e preparae-vos para irmos a Evora. Vamos em companhia, e já. Assim o manda el-rei.

Sem retorquir uma palavra, Nun'alvares preparou-se e partiram de jornada [1]. Galopando pelas charnecas, o rapaz abraçava-se á esperança de convencer o rei. Não podia acreditar n'uma tal ausencia de virilidade, que nem no proximo se consentisse a coragem. Pois a sua idéa não era uma loucura: prova, o bem que João Ansures a acceitára... Os castelhanos podiam, portanto, bater-se em lide pela honra: os portuguezes, não? Ignorava Nun'alvares que o ultimo requinte das sociedades pervertidas é não terem força para o remorso: por isso não toleram no proximo actos que as condemnem. Afogam-nos em intriga, ou em riso, quando os não podem impedir *per vim*. D. Fernando podia, com a sua auctoridade de rei.

— Dizei-me, Nun'alvares, perguntava-lhe o rei, logo que, chegados, os dois irmãos se apresentaram no paço: dizei-me se de verdade fazias o que começaste?

O rei nem acreditava de todo na possibilidade do acto. Respirando perfidias, suppunha farças. O rapaz, vermelho de vergonha, retorquiu sobresaltadamente:

— Pela nossa fé santa!... de verdade, e com boa e desejada vontade!

— Mas que razão vos movia? perguntava outra vez o rei, surprehendido por esse espectaculo singular de um homem pundonoroso.

— Senhor, voltou Nun'alvares disposto a explicar-se, saiba v. mercê que o meu desejo era servir bem e ser grato a quem tantas mercês dispensou a meu pae, a minha linhagem, e a mim proprio. E isto por dois motivos ..

O rei ouvia com attenção. Para Nun'alvares o rei era um symbolo: o symbolo da nação que consistia no aggregado dos seus proceres. O povo era uma hoste, com o rei

---

[1] *Chron. do Condestabre*, XI.

por capitão. Portugal, e todos os reinos, eram familias com o rei por pae. O bem que os reis faziam constituiam actos publicos. Agradecel-os, defendendo a corôa, muitas vezes até contra o aberto desejo pessoal do soberano, era o primeiro dever civico. Sob diversos aspectos, apparecem as cousas eternamente constantes na substancia.

— E isto por dois motivos. Em primeiro logar, se Deus quizesse que eu levasse a melhor, seria grande o desgosto do mestre de Santiago: assim pagaria o desgosto e o mal que fez em vossa terra... Por agora, não tenho forças para mais...

Calou-se um momento: passava-lhe como um raio pela idéa a prophecia do futuro.

— Em segundo, porque se eu ahi fallecesse, seria com honra, e entendo que bem, porque morria em serviço vosso... Portanto, por mercê vos peço que me deixeis acabar a lide...

Tinha implorações na sua voz bem timbrada e juvenil; quasi que tinha lagrimas nos olhos. O rei, commovido, porque era bom, respondeu-lhe hesitantemente:

— Nun'alvares, vejo e entendo bem que a intenção foi e é muito boa. Agradeço-vos muito. Não me esquecerei. Bem sei que de tal e tão bom creado, que vos fiz, não podia sair senão isto e melhor. Confiei sempre em vós... Mas quero-vos para outros e maiores serviços.

E o rei fez-lhe signal que se levantasse; elle ergueu-se, de ajoelhado que estava, com o rosto caido na mais funda depressão. Pedr'alvares ao lado sorria, e levou-o pelo braço. O rapaz, sem poder tragar a vergonha que lhe inflingiam, recorreu a todos, pediu por toda a parte, como um mendigo, humildemente, que lhe alcançassem licença do rei para ir matar, ou morrer, em serviço d'elle. Foi ter com o duque de Cambridge, foi ter com o condestavel dos inglezes [1], e por toda a parte encontrava a mesma sympa-

---

[1] *Chron. do Condestabre*, XI

thia, o mesmo sorriso benevolo para com a sua extravagancia. Era uma muralha de greda molle, sem resistencia, mas mais invencivel do que os muros de rocha. Quando se lembrava de que os dez de João Ansures o estavam esperando em Badajoz, e de certo chasqueando d'elle, as faces ardiam-lhe em rubor, a cabeça andava-lhe á roda, e sentia dobrar-se-lhe no peito, como para murchar, pendida a haste, essa assucena mystica da Cavallaria que nascera no seu coração banhada com sangue nas raizes. Tão moço e morrer, elle que sonhára futuros brilhantissimos! Podia viver, porém, marcado a fogo por uma affronta á honra? Como era diversa esta *sala* em que se vía, esta *mesa* a que se sentava, da Tavola redonda dos cavalleiros presididos pelo rei Arthur! O Mal, que antes lhe apparecêra abstractamente, com traços phantasmagoricos de demonio, via-o, palpava-o agora. Na sua realidade, mansa e meiga, era infinitamente mais terrivel. Sentia-se esmagado.

Vinha entretanto desabrochando a primavera. Era março, e a 7 surgiu no Tejo a armada castelhana para sitiar Lisboa, forte de oitenta vélas, entre naus e barcas. Gonçalo Mendes de Vasconcellos tinha sido nomeado fronteiro da cidade, d'onde a côrte emigrára. Repetiam-se as scenas de 1373. Os castelhanos desembarcaram livremente a leste, a oeste da cidade que se fechára no seu novo recinto de muros: desembarcaram, pondo tudo em ruinas. Era uma assolação que irradiava, alongando-se, Tejo acima, até Villa Nova da Rainha e para o sul até Palmella [1]. Clamava-se abertamente contra a incapacidade do fronteiro de Lisboa, que foi substituido pelo prior do Hospital, chefe da familia dos Alvares. Com elle vieram os irmãos: Nun'alvares, Diog'alvares, Rodrig'alvares, a quem chamavam *o olhinhos*, mais Fernão e Alvaro Pereira, parentes do prior. A cidade ficava entregue a essa *gens* illustre. Quando chegavam de Santarem, pelos suburbios

---

[1] Lopes, *Chron. de D. Fernando*, 135.

do Lumiar, voltavam os castelhanos de uma *razzia* a Cintra. Foi a primeira refrega. Lisboa sentiu-se n'outras mãos. Os desembarques tornaram-se perigosos. Pedr'alvares tinha-se aposentado no convento de S. Francisco, sobre a collina fronteira ao castello, estabelecendo ahi a sua bandeira [1].

Depois do cerco desgraçado de 1373, Lisboa, nos ultimos dez annos, mudára inteiramente de condições de defeza. A primitiva cidade mourisca assentava, como um capello, sobre o cóne da extrema collina de leste: ultima vertebra do dorso de montes que vem do norte, ainda hoje, como sempre, coroada pelo seu castello. Os muros desciam pelas duas vertentes, rodeando a base da collina que termina contra o rio, pelo poente. Mas nos dois seculos de paz, desde que definitivamente ficára em nosso poder: dois seculos em que nenhuma das guerras do tempo veiu perseguil-a, a cidade expandira-se francamente, não só para fóra dos muros mouriscos, como para além da nova e mais ampla cerca feita por D. Affonso III, de sorte que a guerra de 1373 colheu Lisboa de imprevisto. Fechados no velho recinto, os moradores assistiram desolados á destruição de tudo quanto ficava para fóra d'elle, e viam chorosos os horisontes d'esta incomparavel bahia do Tejo illuminados ás noites pelas fogueiras accesas em todas as direcções. Um dia era o paço de Xabregas que ardia, outra vez Friellas; agora, na outra-banda, era Almada, era Palmella em chammas; logo vinha do nascente o clarão, como ao despontar da aurora, das labaredas de Villa-Nova-da-Rainha... Agora não succedia assim. Os bairros baixos de poente no estuario que se insinuava pelo Rocio, e as encostas fronteiras, coroadas pelo convento de S. Francisco, onde acampava Nun'alvares, estavam abrigadas pelos muros novos. Lisboa duplicára. Em frente da cidade antiga, levantava-se a moderna: uma, tendo por corôa o castello mou-

---

[1] Lopes, *Chron. de D. Fernando*, 136.

risco, signal antigo de seu imperio militar; outra, coroada por um convento, insignia nova do reino christão a que os tempos iam dar um destino proselytico. Entre um e outro monte, a clausura do estuario da baixa, com as suas ribeiras por onde as marés entravam, dir-se-hia que estava indicando tambem a missão maritima escondida ainda pelas nevoas de um futuro, todavia proximo. O governo do rei D. Fernando, desgraçado como se via que era, fazia porém tudo para dar largas á marinha nacional e ao commercio maritimo [1]. Lisboa congregava, pois, os signaes distinctos da vida portugueza, como capital predestinada da futura nação ultramarina. A velha cidadela mourisca, era já um castello, um convento, e um arsenal.

A funebre lição de 1373 não fôra, portanto, perdida. O rei D. Fernando, tão bom administrador como politico infeliz, resolvêra renovar o systema das fortificações do reino. Santarem e Obidos, Ponte-de-Lima e Vianna tiveram muralhas novas. Construira-se o castello de Braga e levantara-se o de Neiva. Cercou-se de muros a Covilhan. Completaram-se as muralhas do Porto, começadas por Affonso IV; reforçaram-se as de Coimbra. Murou-se Almada, Torres-Vedras, Leiria, Alemquer, Evora e Almeida [2]. E, coroando o systema d'estas obras militares, delineou o rei a nova circumvallação de Lisboa, para abrigo da cidade toda. Logo em setembro, apenas terminada a guerra, se começara a obra das novas muralhas, reclamando-se o serviço dos povos dos dois lados do Tejo. Os trabalhos começaram pelos lanços orientaes, porque esses bairros de Lisboa já então eram os mais pobres; e em menos de tres annos [3], isto é, em julho de 75, estava concluida a cerca, com sete mil passos de extensão, setenta e sete torreões e trinta e tres portas, no seu trajecto.

---

1 Cf. *Portugal nos mares*, do A., p. 8 a 20.

2 Santos, *Mon. lusit.*, VIII, 27.

3 Lopes, *Chron. de D. Fernando*, 85.

Pelo oriente, a muralha abrigava o populoso bairro da Alfama, na vertente do monte do Castello, abrangendo, só para este lado, uma área egual, senão maior, á área anterior de Lisboa. Subindo adiante do cáes da Polvora, incluia no seu perimetro o mosteiro de S. Vicente, que nem por isso deixou de continuar a chamar-se *de fóra*, deixando Santa Clara a um tiro de bésta. Entre S. Vicente e a praia, ficava a porta da Cruz; junto ao mosteiro, a porta e o postigo que elle denominava, e mais acima a porta da Graça, na volta dada sobre essa eminencia para incluir o convento. D'ahi a muralha descia; e no bolso da depressão tinha a porta de Santo André, indo entroncar na cerca mourisca de Lisboa á porta de D. Fradique. Entestava então no Castello contra a porta de Martim Moniz, o que, segundo a lenda, se lhe atravessára entre os batentes, quando fôra da tomada aos mouros, fazendo escora, para os portuguezes passarem, da sua vida alli perdida.

Contra o poente, na encosta do monte do Castello, por detraz das torres quadrangulares da Sé, negras dos beijos do vento em dois seculos decorridos, erguia-se o velho paço real que chamavam da Moeda, ou dos Infantes, por terem vivido ahi os filhos de D. Ignez de Castro [1], ou d'apar S. Martinho, por esta egreja, que lhe estava fronteira, se achar ligada ao paço por um arco, ou passadiço. A Sé e o Paço, com as suas torres ponteagudas [2], estavam d'alli presidindo ao borborinhar da cidade que, descendo a contra-encosta, se invertia para os bairros baixos do centro, bairros amphibios, como o futuro proximo da nação. Esta nova zona de Lisboa, campo de Valverde, já designado com o appellativo de *rocio*, eram terras devolutas de que o povo se servia, lavrando ferrageaes e hortas, cozendo telha e tijolo nos fornos que alli havia: logradouro commum, pouco a pouco

---

1 V. de Castilho, *Lisboa Antiga*; part. II; V, 195.

2 V. o panorama de Lisboa nas *Rainhas de Portugal*, (I, 344). do sr. F. Benevides.

expropriado pelos reis, para goso do povo, como, no tempo de D. Diniz, a almoinha ou porto cerrado, doado pelo cabido a D. Pedro Escacho, mestre de Santiago [1]. Estava ainda em parte desaproveitado: faziam ahi o monturo, ou esterquilinio, que o Tejo varria com as marés, duas vezes em cada dia. O esteiro da *baixa* deixava em secco os barcos na vasante; mas quando vinham as chuvas fortes, recebendo as aguas das duas encostas dos montes, e toda a que rebentava de cima pelas goelas abertas para além do Rocio, pelos valles da Mouraria e de Valverde, havia cheias que inundavam tudo. A Corredoura parecia então um rio. Assim fôra na cheia grande de 1343, em que as aguas, insulando o convento de S. Domingos, lhe arrebataram toda a cerca, invadindo as casas e a propria egreja. O convento era uma construcção humilde, terrea e abarracada. El-rei D. Affonso III doara-lhe as terras que ficavam entre a porta de Santo Antão, a Corredoura e o postigo de Sant'Anna, pelos canos da Mouraria, pela egreja de S. Matheus, dando a volta pela Bitesga. Ficavam insuladas, na doação do convento, S. Matheus, as casas que depois foram do conde de Monsanto, e tudo o que mais tarde tomou o Hospital d'El-rei [2]. Pertencia aos frades a encosta nordeste fronteira ao Rocio, sobre o qual o convento avançava, entre os dois valles de Valverde e da Mouraria, como prôa de uma nau. Para a direita distinguia-se, sobre a Mouraria, o campo de Sant'Anna, vestido de olivaes, ermo de casas, coroado apenas pelo santuario que lhe deu o nome. Pelo norte, ficava, em baixo, a ermida da Senhora da Escada, a Senhora favorita da nova Lisboa, agora reconstruida pelo vedor da fazenda d'el-rei D. Fernando, Pedro Affonso, o Mealha, ou «das mealhas» que o fisco arrancava ao povo. Refazendo a ermida, teria elle em mente congraçar-se com a arraya meuda?

---

[1] *Mon. lusit.* V, 140; expr. de 1 de nov. 1311.

[2] Fr. Luiz de Sousa, *Hist. de S. Dom.*; III, 18.

Toda esta parte nova da cidade ficava agora defendida contra os cercos. O muro que vinha do Castello e passava ao arco da Graça, com o postigo de S. Lourenço, descia pela calçada do Jogo-da-pella com a porta d'este nome, com a da Mouraria, até á porta da Palma, detraz do convento de S. Domingos, e tinha ao lado a de Sant'Anna; d'ahi seguia á porta de Santo Antão, cortando a Corredoura, avenida de Lisboa que se estendia para o norte, ladeada pelos altos de Sant'Anna e pelos cumes da lombada sobranceira para além do valle de Arroyos: os cumes da Graça, da Penha, do Monte, branquejando de casaes por entre os olivedos, a internar-se nas aldeias dos saloios para onde emigrára a antiga população mourisca da capital.

Limitando o campo de Valverde, ou do Rocio, pelo norte, e incluindo-o, os muros de Lisboa galgavam a encosta abrupta do monte de S. Roque, onde havia um postigo, e em cujo topo se levantava a torre de Alvaro Paes, personagem eminente da cidade e do tempo, com quem travaremos no logar proprio mais estreitas relações. D'este alto, os muros desciam em linha recta perpendicularmente sobre o rio. A metade da distancia, logo abaixo da Trindade, e olhando em cheio para o poente, ficava a porta de Santa Catharina, por onde se fazia todo o trafego dos suburbios occidentaes, coalhados de hortas, pomares e vinhas até ás alturas de Santos, até ao valle de Alcantara, cujo rio contorna Lisboa por poente e por norte. Para Santos, para Alcantara, a cidade, nascida no Castello, deitava os seus braços ainda infantis; e os limites actuaes das muralhas, na porta de Santa Catharina, eram apenas uma estação transitoria. Lisboa, Portugal, sentiam-se arrastadas ambos pelo vento do destino, para Occidente, para o Mar!

Em baixo, quando voltavam na direcção do nascente pelo Ferregial, contornando o cerro de S. Francisco, tinham os muros a porta do Corpo-Santo, adiante da qual emparelhavam com a rua Nova, principal arteria da Lisboa de agora que desthronára o bairro n'outros tempos elegante

da Alfama. No Pelourinho-velho, onde terminava esta rua, ladeada de arcarias, a povoação dividia-se em dois braços: um subindo pela encosta direito á Alcaçova, ou Castello; outro que ao longo da muralha, em baixo, ia desembocar fóra das portas do Mar, no bairro *extra muros* a que chamavam Villa-nova-de-Gibraltar. Entre os dois braços, ficava a Alfama [1]. E n'esta secção marginal, os muros, deixando de fóra os armazens e taracenas, cada vez mais importantes pelo accrescimo do trafego maritimo da cidade, appareciam repetidamente rasgados por portas e postigos, com prejuizo evidente da defeza. Não menos de quinze se abriam sobre as ribeiras de Lisboa: a porta dos Cobertos e a do Ouro, a do Armazem e a do Arco-dos-Pregos, a dos Barretos, a da Moeda, a da Ribeira, a da Portagem, a do Mar, a do Chafariz-dos-Cavallos, e entre outras, por fim, os postigos da Alfama e da Polvora, pouco áquem do angulo recto com que a muralha dobrava para o norte.

Como defender já então Lisboa sem uma frota? Como atacal-a, senão pelo rio? A extensão de ribeiras, desde o Corpo-Santo até á Alfama, ficava á mercê do inimigo, se se não defendesse com estacadas e navios. O ninho antigo dos mouros, fechado no capello de um monte, rasgára-se; e a cidade tornava-se amphibia, prognosticando os destinos da nação. A guerra de 1373 tivera o merecimento incomparavel de pôr isto a claro, indicando a Portugal o seu futuro; impondo-lhe, com as necessidades da defeza, os elementos de acção futura. Os novos muros defendiam Lisboa por terra; mas quem não vê que essas ameias e baluartes significam bem pouco, agora que o inimigo escolhe o mar para repetir (em 1382) as scenas de dez annos antes? O castelhano está no rio, a bordo das suas galés, ancoradas em frente de Santos. Lisboa inteira, esquecendo o velho berço, como a chrysalida quando rompe o

---

[1] V. as descripções de Lisboa no *Monge de Cister*, de Herculano, cc. x, xv, xviii e xix.

casulo, converte-se para os lados novos, para os altos de S. Roque e S. Francisco, a ver o que os inimigos fazem, nos seus desembarques, pelos casaes e vinhas de Santos, de Alcantara. Por isso a porta de Santa Catharina era o coração excentrico de Lisboa encerrada nos seus novos muros. Por ahi se faziam as sortidas, d'ahi se espiavam as manobras dos inimigos, os seus desembarques, assaltos e rapinas.

Estava-se em agosto, no tempo das uvas; e os castelhanos desembarcavam quasi todos os dias, talando as vinhas e os pomares de fructa. No estado de depressão em que o deixára a aventura do seu duello frustrado, Nun'alvares sentia-se pequeno, com as suas ambições generosas amarrotadas pela realidade dos tempos. Dias seguidos de melancolia negra o tomavam, reconhecendo-se inutil e incapaz de vencer a fatalidade das coisas. Mas esse atrevimento diario dos castelhanos, nas barbas, quasi ás portas da cidade, dentro de cujos muros havia, porém, tanta gente válida, picava-lhe outra vez o sangue, acordando-o e chamando-o para emprezas novas. Uma noite, em segredo, para que o irmão ignorasse, convidou Pedro Affonso do Casal, seu cunhado, a armarem uma cilada. Cheios ambos de enthusiasmo com a travessura, sairam, de noite ainda, pela porta de Santa Catharina. Levavam vinte e quatro de cavallo, trinta besteiros e peões, e foram esconder-se nas vinhas, junto á ponte de Alcantara, por entre os barrancos e vallados do valle escarpado. Calados, quietos, como caçadores no pouso, esperaram que o inimigo viesse. E veiu com effeito. Um troço de castelhanos desembarcou dos bateis, e descuidadamente subiu pelo valle, vindimando as vinhas, saqueando os pomares. A um grito, os portuguezes cairam sobre elles, e repelliram-n'os sobre a praia, obrigando-os a reembarcar.

Nun'alvares voltava socegadamente para Lisboa, mais enfadado do que triste pelo resultado d'essa aventura semsabor, quando, ao chegarem pelas alturas de Santos, de bordo que os tinham visto e já sabiam pelos fugitivos da

temeridade da sortida, mandaram uns duzentos homens embargar-lhes a passagem. Tinham desembarcado na praia, subiam correndo a encosta ingreme de Santos, e, ao vel-os caminhar em guerra, Nun'alvares pulou de contente. Elles pensavam ter segura a presa. Empinado sobre os estribos, com a lança em punho, e nos labios o pregão de guerra, Nun'alvares contava arremetter á frente dos seus; mas que tristeza amarga o invadiu, quando os viu darem costas ao inimigo, e largarem a retroceder, fugindo!... N'um instante, n'um relampago, os episodios simples da sua vida lhe passaram pela idéa, e o sorriso ironico de Pedr'alvares que sabia tomar o pulso á gente. Eram isto, os portuguezes! Rebanho de carneiros poltrões, ralé envilecida pela fraqueza, pelo medo, pelo vicio... N'um instante, n'um relampago, viu a sua vida perdida, e os funebres pensamentos da sua alma, quando o rei lhe impuzera a vergonha de falhar á lide com João Ansures, diziam-lhe agora claramente que o porto para onde caminhára era aquelle — a Morte, de goella escancarada, rugindo pela bocca dos duzentos castelhanos que investiam contra elle.

Enterrou as esporas nas ilhargas do cavallo, apontou a lança, baixou a cabeça, e sósinho investiu. Mas a lança voou logo, partida em hastilhas, e elle então tomou da espada. Estava cercado, como o javali no monte. Em torno, o circulo de lanças apertava-se; por cima choviam as pedras e virotões. Estava irremediavelmente perdido, e ao longe, pelos altos, os companheiros fugidos assistiam-lhe calados ao sacrificio. O circulo estreitava-se cada vez mais. Uma lançada attingiu o cavallo que, em corcovas e galões, obedecia com furia ao freio. Varado, caiu sobre as ancas. Nun'alvares, enleiado na queda, defendia-se ainda com a espada na mão direita solta; mas o instante de morrer chegava, e abençoava-o, por libertal-o de uma vida sem honra.

Mas n'isto, porque toda a cobardia tem um limite e toda a indignidade um remorso, os seus companheiros, que o tinham abandonado, correram a salval-o. Foi neces-

sario que Vasqueannes do Couto, o clerigo em cuja casa Nun'alvares morava, tomasse de uma bésta e lhes exprobasse a vilania. Correram atraz d'elle e contiveram os inimigos. Cortando a cilha do cavallo morto, Nun'alvares poude soltar a espora que o prendia. De pé, tomou uma lança, e seguia a peleja, quando chegaram de Lisboa, em auxilio, Diog'alvares e Fernão Pereira. Batidos, os castelhanos precipitaram-se sobre a praia, nos bateis, e embarcaram [1]. Os portuguezes acolheram-se ao mosteiro de Santos, cuja porta olhava para o rio, antes de tornarem a Lisboa. Mais que nunca, essa noite, Nun'alvares commentava tristemente o misero destino da sua existencia.

*
* *

Em Evora, na côrte, dera-se entretanto o escandalo da nomeação do Andeiro para o condado de Ourem que ficára vago. A paixão da rainha cada vez se acirrava mais, e para acalmar a maledicencia, mandaram vir da Corunha a mulher do novo conde, D. Mor, de quem Leonor Telles fez sua amiga intima [2]. Nada, porém, fazia calar as más linguas n'uma côrte amesquinhada pela dupla incapacidade dos reis: ella com o seu desvairamento, elle com a sua fraqueza bondosa, ambos com a direcção falsa e desgraçada que davam ao governo. Irritada pela maledicencia, enervada pela paixão, Leonor Telles, que no amor verdadeiro pelo conde de Ourem recebia o castigo do mal que

---

[1] *Chron. do Condestabre*, XII; e Lopes, *Chron. de D. Fernando*, 137, 8.

[2] Lopes, *ibid.* 134.

fizera e fazia ao rei, voltava a um estado de excitação permanente, confundindo a sua causa com a do reino, e as consequencias morbidas do seu hysterismo com as tristes consequcienas da crise em que naufragava a dynastia. Quem quer que fallava mal d'ella, estava bandeado com os castelhanos; e como a voz era geral, toda a gente atraiçoava o rei.

A maledicencia, porém, não lhe reprimia o desvairamento da paixão. Ardia no amor do escandalo. Um dia [1], entrava o Andeiro com o conde D. Gonçalo Tello, irmão da rainha, na sala onde esta se achava com as suas aias. Vinham quentes, transpirando. Era julho. Ella, tirando o veu, rasgou-o ao meio, e deu a cada qual sua metade, para se limparem. Emquanto D. Gonçalo esfregava a cara, o Andeiro, á parte, enxugando a face com a outra metade, ajoelhou perante a rainha, e disse-lhe com um riso gaiato:

— Preferia um panno mais usado e mais chegado...

A aia que estava ao lado ouviu o segredo. Era Ignez Affonso, mulher de Gonçalo Vasques de Azevedo, que logo o foi contar ao marido. De bocca em bocca, o dito do brejeiro tornou-se a fabula da côrte, a ponto da rainha levar a mal.

— Bem sei, disse n'um tom duro a Gonçalo Vasques, o que vossa mulher vos contou, mas estae certo que nem vós, nem ella, o não deitastes em poço vasío. Pagal-o-heis bem [2]!

Nas pupillas fusilou-lhe um clarão de luz felina. Havia ás vezes uma expressão de fera, na sua bella cabeça ruiva. A inquietação incessante determinava crises que lhe acalmavam os nervos, e o desvairamento da paixão, accendendo a ira, exigia victimas expiatorias, sem escrupulisar nos meios de vingança. As victimas, n'esse momento escolhidas, foram o Gonçalo Vasques, pelo dito da mulher, e

---

[1] Julho, 1382.

[2] Lopes, *Chron. de D. Fernando*, 139.

o mestre de Aviz que effectivamente fallava por toda a parte da cunhada em termos desabridos, e que mais se voltava ainda contra o Andeiro, e muito mais depois que o tinham feito conde de Ourem.

O mestre de Aviz era então um rapaz de vinte e quatro annos. Nascera em 1358 [1], em Lisboa, dos amores do rei D. Pedro com Thereza Lourenço. Armado cavalleiro de Aviz em creança, fôra aos treze annos, com a mesma edade com que Nun'alvares entrára na côrte, feito mestre d'essa Ordem, em 1371, dois annos antes de Nun'alvares ser escudeiro. Conservavam assim a paridade de distancia, no nascimento e nos começos da vida. Era o vigessimo primeiro mestre da Ordem de S. Bento, instituida por D. Affonso Henriques, á imitação das ordens hyerosalemitanas; e o primeiro mestre fôra D. Pedro Affonso, irmão do fundador da monarchia. Succedia a D. fr. Martinho de Avellar, que morrera em 1363; e tres annos depois d'essa morte, dos oito para os nove, entrára e professára no convento de Aviz o bastardo de D. Pedro, que havia onze annos governava a Ordem como seu mestre [2]. A Ordem

---

[1] 15 de abril. — Lopes, *Chron. de D. João I*, 10 e 192, diz que, na data da acclamação, em Cintra, tinha 26 annos, 11 mezes e 21 dias.

[2] Lopes, *Chron. de D. Pedro*, 1, 43. — Successão dos mestres de Aviz:

1. D. Pedro Affonso, irmão de D. Affonso Henriques, fundador da ordem. Eleito em 1162, proffessou em Alcobaça. † 1165.
2. Gonçalo Viegas, filho de Egas Moniz.
3. D. Fernando Annes. — Doação de *Aviz* (d'onde o titulo) por Affonso II. Era 1249.
4. D. Fernão Rodrigues Monteiro que mudou a sede, de Evora, para Aviz.
5. D. Frei Martim Fernandes que foi na conquista do Algarve por D. Affonso III.
6. D. Fr. Simão Soares † E 1318.
7. D. Fr. Egas Martins † E 1329.
8. D. Fr. João Pires † 1294.
9. D. Fr. Lourenço Affonso † 1310.

andava sujeita ao dom prior de Alcobaça, chefe supremo dos cistercienses portuguezes, a quem todos os regrantes de S. Bento, monges militares, ou monges ecclesiasticos, davam obediencia como grande abbade de Cister [1].

Monge, o mestre d'Aviz, D. João, educara-se n'essa côrte onde a devassidão mesquinha e a fraqueza vil dos caracteres deprimiam e enfesavam quem quer que viesse ao mundo com impetos de o transtornar. Além d'isso, o irmão e rei tratava-o sem importancia [2]: nem de longe admittia a idéa de o vir a ter por successor. Nem pela edade, nem pelas provas dadas: por motivo algum, o filho de Thereza Lourenço se tornava saliente. Tampouco elle proprio pensára nunca no seu destino. Espirito sagaz e ponderado, navegava no meio da côrte, sem impetos de revolta. Era um homem formalmente passivo, mas observador, ruminando sempre o seu pensamento. A sua obediencia era apenas externa. Se tinha a energia limitada pelo ar que se respirava, não tinha o juizo pervertido. Julgava o que via, e vingava-se fallando mal. Vinha-lhe

---

10. D. Fr. Garcia Pires † 1315.

11. D. Fr. Gil Martins † 1316; transferido para o Mestrado de Christo creado por D. Diniz.

12. D. Fr. Vasco Affonso † 1330; renunciou.

13. D. Fr. Gil Perez † 1332.

14. D. Affonso Mendes.

15. D. Fr. Gonçalo Vaz.

16. D. Fr. Estevão Gonçalves Leitão, que foi ao Salado.

17. D. Fr. João Rodrigues Pimentel † 1351.

18. D. Fr. João Affonso.

19. D. Fr. Diogo Garcia.

20. D. Fr. Martinho d'Avellar † 1363.

21. D. João, bastardo de Pedro I e de Theresa Lourenço.

Rodrigues, *Regra da Cavall. e ordem mil. de S. Bento d'Aviz*, I, 6 p. 6 e segg.

[1] *Ibid.* III, 9, pag. 49 v.

[2] «Tant que le roi Ferrand vesqui il ne fit compte de ce batard et n'eut jamais cuidé... que les communautés de son royaume... l'eussent... pris à roi.» — Froissart, *Chron.* III, 28.

isto da sua educação de côrte e dos exemplos com que se tinha formado, sem ter, como Nun'alvares, recebido na infancia a forte iniciação no Ideal. Agora, no côro de clamores contra a rainha, clamava alto; e como era moço, e violento pelo temperamento plebeu, herdado da mãe, a sua voz ouvia-se desentoadamente. Era forte, ossudo, e a face quasi quadrada, sem barba [1], por motivo das ordens, denunciava, na largura das queixadas, a força de uma vontade animal; na proeminencia do mento agudo, no delgado dos beiços e no brilho dos olhos negros, pequeninos e movediços, a perspicacia do faro com que sabia e saberia sempre inclinar-se para onde mais conviesse ao seu interesse pratico, sem nenhum arrebatamento ou illusão, nem no sentido da maldade, porque era uma natureza boa, nem tambem no sentido de nenhuma grande ambição, porque não possuia alma que o impulsionasse. Era um politico, habil, forte, sagaz; sem ser mais nada.

Dispunha, porém, da grande força do politico: explorar

---

[1] V. o retrato de D. João I, da galeria imperial de Vienna, reproduzido á frente do cap. III, de uma photographia mandada tirar expressamente, e que o A. deve ao obsequio do sr. visconde de Valmor, ministro de Portugal em Vienna, a quem n'este logar agradece. Esse retrato, cujo estylo demonstra ser contemporaneo, veiu, para Vienna, do castello de Ambras, junto a Insbruck, onde o archiduque Fernando do Tyrol tinha as suas collecções celebres. Para lá fôra de certo de casa dos duques de Borgonha; e é verosimil suppôr que fosse dadiva de D. João I a sua filha, casada com o duque Philippe-o-bom, sendo talvez obra de Van Eyck um dos da embaixada que veiu buscar a infanta portugueza. Em todo o caso, é pintura do meiado do XV seculo. D. João I veste uma tunica escarlate com golla de pelles, castanhas, sob a qual se vê, contra o pescoço, o vestido inferior de brocado de ouro com desenhos pretos. O fundo é uma tapeçaria de brocado de ouro com ramagens verdes. A côr da pelle é accentuadamente trigueira e avermelhada. A reproducção que vae á frente do cap. III tem um quinto do tamanho natural do quadro que no catalogo de 1884, do museu de Belvedere, *Ambraser Sammlung*, tem a seguinte designação: «n. 48. Johann I Konig von Portugal genaunt der Huechte. Geboren 1350; gestorben 1433.»

as occasiões e os homens, convertendo os acontecimentos e as paixões em beneficio proprio. Vinha-lhe talvez isso da educação monastica. Tinha o instincto ecclesiastico. O bentinho ou escapulario branco, de cruz verde, quatro palmos de comprido, que todos os cavalleiros da Ordem tinham de trazer debaixo das roupas superiores, junto ao peito [1]: esse sello imprimia-lhe caracter. Não lh'o dava menos a cruz, tambem verde, do seu manto (os cavalleiros traziam-na sobre o lado esquerdo; elle, como mestre, ao centro do peito [2]) que não estava fadado a ser-lhe mortalha, segundo a regra da Ordem. Ainda nem sonhava que poderia occupar esse throno oscillante de Portugal; e se alguma vez tal idéa lhe passava pelo espirito, como succedia a todos os bastardos de reis, a distancia era tanta, os impedimentos de tal ordem, que a timidez da sua intelligencia voluntaria dissipava logo semelhante visão. Mas, instinctivamente, sem proposito definido e nitido, deixava-se ir com os acontecimentos; e vendo os balanços da nau do estado, reconhecendo, como todos, a imminencia do naufragio, sabia que, no momento opportuno, encontraria em si a arte e os meios, a ductilidade e a energia necessarias, para fazer com que a sua hora tambem soasse.

Por isso abertamente se pronunciára, collocando-se na vanguarda dos que protestavam contra a deshonestidade da rainha, e contra a vergonha de ter no paço o Andeiro feito conde. Picou-lhe alguma vez o sangue com desejo provocado pela chamma ruiva do olhar da rainha? Havia porventura, embora inconsciente, alguma sombra de ciume no seu protesto, e no seu desdem alguma chispa de despeito? Talvez, porque estava na força da edade, porque era um temperamento carnal, e porque o collear serpentino d'essa mulher perturbava até a gente mais cautelosa e sagaz.

---

[1] *Regra da Cavallaria*, etc. III, 22 pag. 50 v. e 51.
[2] *Ibid.*

Como quer que fosse, Leonor Telles escolhera-o para victima, de braço dado a Gonçalo Vasques. Ambos se bandeavam com os castelhanos: eram prova as cartas que a rainha mandára forjar para perder, a um tempo, o mestre de Aviz e o fidalgo cujo privança com D. Fernando a incommodava. Um dia, em Evora, na presença de toda a côrte e dos inglezes, foram ambos presos, e o carcereiro recebeu ordem regia para os mandar degolar [1]. O carcereiro era Vasco Martins de Mello, quinto senhor de Mello e da Castanheira, guarda-mór do rei D. Fernando, chefe da familia patricia que tão grande papel tivera nos primeiros tempos da monarchia, e á qual o futuro promettia ainda melhores emprezas. Vasco Martins tinha dois filhos: Martim Affonso, da edade de Nun'alvares e seu companheiro constante emquanto andára na côrte; e Vasco Martins a quem chamavam «o moço» para o distinguir do pae, cujo nome tinha. Era o guarda-mór um homem sisudo e prudente; a edade já lhe não permittia intervir efficazmente contra os desmandos da côrte, mas o genio, temperado na escola d'el-rei D. Pedro, não pactuava com os actos que diariamente via praticarem-se. Quando lhe entregaram o alvará mandando degolar os presos, dobrou-o, e foi procurar D. Fernando. Se fosse verdadeira a ordem, diria ao rei que atrocidade commettia; se o não fosse, porque a rainha fazia d'essas todos os dias, punha a claro a intriga. Em todo o caso, não seria executor de semelhante crueldade.

O alvará era falso [2]. O rei ignorava tudo; e apesar de coacto, não quiz sanccional-o. Leonor Telles mandou vir de Santarem seu tio; mas o velho, em vez de a servir, reprehendeu-a com severidade. Appellou a rainha então para o Cambridge, empenhando-se com elle para solicitar do rei a soltura dos presos. Sabia mudar de rumo, quando via de má feição o tempo: outra vez sopraria vento mais propi-

---

[1] Julho. — Lopes, *Chronica de D. Fernando*, 141, 2 e 3.
[2] *Ibid.*, 143.

cio! Ao fim de vinte dias, que tanto durou esta intriga, os presos, já preparados para a fuga de cumplicidade com o carcereiro, foram soltos por ordem do rei, e partiram para o Vimieiro a agradecer-lhe [1].

Moviam-se já para a fronteira as tropas anglo-portuguezas; e, no fim de julho, D. João I, conhecedor do plano dos alliados, que era invadirem Castella pela Estremadura, concentrára as suas forças em Badajoz. Tinha alli cinco mil lanças, milhar e meio de cavallos e peonagem basta. Em Elvas, os alliados dispunham de quatro mil lanças, mil besteiros e a gente de pé correspondente.

A Lisboa, depois da aventura de Santos que não dera a Nun'alvares a morte como premio desejado da affronta que o torturava, chegavam as noticias do movimento da hoste de Evora para Elvas, da incursão feita por Ouguella [2], da concentração dos castelhanos em Badajoz, da imminencia de uma batalha real: e tudo isto enchia de desespero o cavalleiro encerrado dentro dos muros de Lisboa, como nas paredes de uma prisão. Queria ir, queria bater-se, queria morrer!

— Senhor irmão, deixae-me ir, para ser com el-rei na batalha... deixae-me ir, senhor irmão...

A sua voz tinha intonações doces de prece, a que Pedr'alvares retorquia rindo, com um carinho ao mesmo tempo desdenhoso e paternal.

— Nuno, bem vês que não posso fazer mais, senão cumprir o que el-rei manda. Se fizesse o contrario, faltaria. Mas descança. Mercê de Deus, sairá vencedor da batalha... E nós, havendo-nos aqui com a frota, servil-o-hemos tão bem como lá. Portanto, nada de tristezas, nem afflicções.

— Senhor irmão, voltava gravemente Nun'alvares, creio que tudo se deve esquecer e deixar pela batalha em que se acha o nosso rei. Mas se, como alguns querem, a obedien-

---

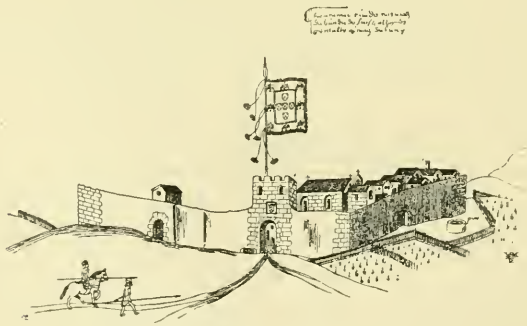
[1] Lopes, *Chron. de D. Fernando*, 144, 5.

[2] *Ibid.* 149.

cia ainda vale mais do que o sacrificio, bem está. Cumpri as ordens. Eu, porém, pequena falta faço n'esta fronteira, onde ha tantos homens bons... Eu faria a maior maldade do mundo não indo á batalha... Deixae-me pois ir; eu vol-o peço por mercê... todos os meus ficarão comvosco... não quero levar comigo mais do que cinco ou seis companheiros...

— Não! respondeu o prior, irritado com a teima. Não deixo, e nem fallemos mais n'isso.

Nun'alvares, pela primeira vez, diante do irmão que lhe occupava o logar vago do pae, sentiu uma onda vermelha de colera subir, a afogar-lhe a garganta. Conteve-se, apertando instinctivamente o punho da espada, e saiu comimpeto, sem responder. O prior, que o conhecia, mandou guardar com cuidado as portas, em especial a de S. Vicente, virada para leste. Sabia que o irmão partira com o proposito firme de fugir. E era verdade : nem as guardas poderam impedir que saisse, porque abriu caminho á força de armas; e depois da rixa, transposta a cerca de Lisboa, largou a galope, direito ao Assumar, caminho de Elvas [1].



O Assumar
(do Livro de Duarte d'Armas, no Arch. nac.)

D. Fernando recebeu-o de braços abertos. A batalha ia

---

[1] *Chron. do Condestabre,* XIII; Lopes, *Chron. de D. Fernando.* 151.

dar-se. El-rei, á moda ingleza, creára tambem para a sua hoste, como fizera o castelhano, os cargos de condestavel e de marechal, nomeando para o primeiro o conde de Arrayolos, D. Alvaro Pires de Castro, e para o segundo Gonçalo Vasques de Azevedo [1], o companheiro de carcere do mestre de Aviz. Os dois exercitos inimigos tinham avançado ambos, e acampavam nas margens oppostas do Caya. Mas, imprevistamente, os castelhanos retiraram para Badajoz — como? porquê? Os portuguezes e os inglezes retiraram tambem para Elvas [2]. A batalha ficava em fumo. Que houvera? Nun'alvares perguntava-o a si proprio, pasmado. Ainda não caía em si do espanto; nem aproximava este caso das singulares circumstancias da sua vida amarrotada pelo destino inimigo: vida que elle sonhára esmaltada com brazões gloriosos... Os castelhanos tinham retirado primeiro: acaso temiam os archeiros inglezes, cujos golpes tinham experimentado em Najera? Ou era D. Fernando que, por doente e anojado com as tropelias dos alliados, não quizera combater [3]? Sendo, porém, assim, como é que o inimigo o soubera, para retirar primeiro? Estava cégo... Ou o mundo, ou elle, andavam desasizados. Por força! para tamanha singularidade alguma intriga se urdira... mais alguma, porque eram sem conto, no fazer e desfazer contínuo da gente, entre que se via perdido. A curiosidade continha-lhe a explosão do genio. Não andava alli o dedo do Andeiro? Eram capazes de tudo! Acabavam com a honra, acabavam com a força, acabavam com o rei, acabavam com o reino... Chegava a acreditar na maior das infamias que corria de bocca em bocca, mas que a sua pureza candida nem podia perceber. Pois o filho que Leonor Telles havia dias tivera, seria do Andeiro? Pois seria verdade que o rei o estrangu-

---

[1] Lopes, *Chron. de D. Fernando*, 150.
[2] Agosto. — Lopes, *ibid.*, 153.
[3] *Ibid.* 154.

lára logo á nascença [1]? Era certo que morrera; certissimo que o rei definhava a olhos vistos, roido pela tisica, ou pela desgraça — quem o sabia?

Esquivo, perdendo-se pelos cantos da cidade, surprehendendo-se a fallar só, com um ar de homem atordoado, Nun'alvares nem deu valor ao contracto de pazes que se assignaram logo [2]. D. Beatriz mudava outra vez de noivo (e não seria a ultima) para casar com o segundo filho do rei D. João, de Castella, Fernando, que viria a herdar Portugal [3]. Os navios e os prisioneiros de Saltes seriam restituidos. Os fidalgos inglezes teriam salvo conducto para voltarem a casa, atravez da Hespanha. A côrte desceu para Rio-Maior, d'onde D. Fernando só saiu para morrer em Lisboa; os soldados inglezes partiram logo d'Elvas, deixando apoz si a esteira de maldições provocadas pelos seus horrores e tropelias de barbaros desaçaimados, vindo a Almada embarcar no Tejo a bordo das naus castelhanas.

Faltava sómente receber das mãos do rei de Castella o infante D. Fernando que ficava, pelo tratado, em Portugal, até que a noiva tivesse edade para casar: doze annos. Mas, quando o rei de Castella voltou, de Badajoz a Toledo, logo ahi encontrou o cadaver ainda quente da rainha que, expirando [4], o deixava viuvo. Ao saber a noticia, o rei D. Fernando voltou ás suas idéas antigas, offerecendo ao pae a infanta destinada ao filho [5], para que Portugal não fosse

---

1 Lopes, *Chron. de D. Fernando*, 150.

2 10 de agosto. — *Ibid.* 155.

3 A substituição do herdeiro de Castella pelo infante D. Fernando «prazia mais a el-rei D. Fernando... pois casando com sua filha ficava rei de Portugal à parte sem misturando o reino com o de Castella.» — Lopes, *Chron. de D. Fernando*, 155. Não parece que o chronista acerte: pelo contrario, tudo leva a crer que D. Fernando procurava facilitar a união a Castella, procurando a rainha impedil-a. Quanto a nós, é a conclusão que sae dos episodios conhecidos d'esta intriga.

4 13 de setembro.

5 *Ibid.* 157.

cair nas mãos do Andeiro, nem nas do mestre de Aviz. Antes nas dos castelhanos!

N'um instante se negociou o casamento; não conseguindo a rainha mais do que certas resalvas, para lhe garantir o futuro, sob côr de o garantir á nação: resalvas illusorias que a força das coisas reduziria a nada. D'este modo se vingava o pobre rei D. Fernando, fazendo o que fez Samsão, quando derruiu o templo dos philisteus. Morria, mas afundava tudo comsigo: o Andeiro que mandava a negociar o novo casamento [1]; o mestre de Aviz, que odiava com desdem; Portugal... e a propria Leonor Telles! Caiam-lhe lagrimas silenciosas pela face, ao recordar-se da sua paixão perdida, e do encanto fascinante d'essa mulher cruel.

No principio de maio (1383) partiu para Castella a infanta que tinha onze annos apenas, levada até Elvas pela rainha, pois o rei, de enfermo, não podia já mover-se. D. João de Castella vinha a Badajoz receber a esposa, ou pupilla, que levava, como cuvilheira, a mãe de Nun'alvares, Iria Gonsalves. Ia Vasco Martins de Mello no sequito; e o Andeiro com a rainha. Os tratados, assignados em Salvaterra, no dia 2 de abril, pelo bispo de Santiago, D. João, embaixador do rei castelhano, estabeleciam que, fallecendo o rei de Portugal sem filho varão, o reino iria aos castelhanos; conservando-se porém immune a autonomia, sob a regencia de Leonor Telles, até que houvesse successor. O successor seria o primogenito de D. Beatriz que, logo aos tres mezes de edade, viria para Portugal crear-se com os avós. Não tendo D. Beatriz filhos, as corôas ficariam unidas. [2] Tal era o contracto que de facto entregava completamente Portugal a Castella, concluindo assim o periodo

---

[1] Janeiro, ou fevereiro. — Lopes, *Chron. de D. Fernando*, 158.

[2] V. o texto do contracto em Sousa, *Historia geneal.; Provas.* II n. 39; 2 de abril 1421 (an. 1383). — Lopes, *Chron. de D. Fernando*, 158, 160 e 5; Santos, *Mon. lusit.*, VIII, 22, cap. 60; Sandoval. *Alfubarrota.*

já bisecular da existencia nacional portugueza. As bodas celebrar-se-hiam em Badajoz no meiado de maio. [1] D. Fernando, immovel em Almada, expectorava progressivamente a vida em accessos de dyspnea repetidos e vomitos de sangue cada vez mais frequentes. Installada regiamente em Elvas, com uma côrte luzidissima, esperando a visita do rei, seu futuro genro, Leonor Telles imperava.

Entre Badajoz e Elvas, na campina que o Caya divide em dois terrenos distinctos e dois reinos separados, acampavam outra vez as hostes visinhas. Para além do Caya, o chão é plano e nú como um deserto, por meio do qual vae correndo o Guadiana, Serena em fóra, até aos montes da Mancha. Badajoz, junto do rio, mal se ergue da planicie confundindo-se com ella no pardo amarellento das muralhas que a cingem, feitas do mesmo barro da côr do solo. Para áquem do Caya, o terreno dobra-se em ondulações que são degraus do throno sobre que Elvas assenta garbosamente. Sente-se o crepitar dos ribeiros no fundo escuro dos valles ensombrados por olivedos que sobem nas encostas dos montes, arredondando-os. Ha meiguice na payzagem. Adivinha-se Portugal; da mesma fórma que, para além, na poeira resequida, enrolando-se em trombas ondeantes no ar, illuminada pelo sol implacavel, se sente a furia castelhana que desvairava o genio politico de Pedro-o-cruel. Tambem a meiguice amaviosa de Portugal transtornara o juizo claro do rei D. Fernando

O rei de Castella saíu de Badajoz para Elvas cavalgando á frente da sua côrte magnifica, para receber a noiva que lhe levava Portugal em dote. Leonor Telles, ladeada pelo Andeiro, cavalgava á frente da côrte portu-

---

[1] A 17. A infanta fôra pela mãe entregue ao noivo, em Elvas, a 14 V. o auto d'esta data, em Sousa *(Hist. geneal.; Provas*, 1, 324) bem como a benção d'arrhas dada aos conjuges, a 17 (*ibid.* 326) e os termos de juramento da nobreza, a 21, 22 de maio *(ibid.* 326-42). Estes diplomas, extrahidos do arch. da casa de Bragança, foram reproduzidos tambem por Santarem, *Corp. diplom. port.*, 1, 574, 5 e 6-85.

gueza para lhes ir ao encontro. Radiava de contentamento a rainha, na plena expansão da sua belleza feminina [1]. O sol incendiava-lhe a cabeça ruiva, fusilando no ouro do manto que vestia, nas joias de que vinha coberta, nos metaes e nos xaireis da mula em que montava. Parecia uma estatua de chamma viva, capitosa e perturbante, em que os olhos de todos os homens se cravavam hypnotisados. A «flor de altura» triumphava n'um throno, rainha indisputada da belleza fascinante. O cortejo castelhano parou ao vêl-a; e o rei apeou-se, vindo galantemente tomar-lhe a redea da mula. Abriram alas os portuguezes. Ella atravessou, levada á redea pelo rei, entre o côro de murmurios de admiração mal reprimida. Sentia-se vencedora, e isso augmentava-lhe a irradiação da face. O seu olhar languido fitava-se com amor nos rostos d'esses homens que a abocanhavam, e, vendo-os baixar as palpebras, rendidos, exultava.

Entraram todos na tenda magnifica onde o banquete estava preparado. Ao fundo, sobre um estrado ou throno, era a mesa dos reis; aos dois lados, perpendicularmente, as dos fidalgos, prolongando-se em todo o comprimento. Eram mezas immensas. Só bispos havia sete: o da Guarda, D. Affonso; o de Lisboa, D. Martinho; o de Coimbra, D. João; o de Avila, D. Diego; o de Calahorra, D. João; o de Soria, D. fr. Affonso; o de Badajoz, D. Fernando. Além d'isso, o arcebispo de Sevilha, D. Pedro.

Assim que os reis se sentaram na sua mesa, a turba dos fidalgos, portuguezes e castelhanos, precipitou-se a occupar os seus logares. Dois rapazes, ao fundo da tenda, observavam o tumulto, com ar casmurro. Um disse para o outro:

— Nós não temos prol, nem honra de aqui estar. Vamo-

---

[1] Suppomos que tivesse, em 1383, de trinta, a trinta e tres annos. Casára em 1368 com João Lourenço da Cunha (Lopes, *Chron. de D. Fern.*, 177) casou em 1371 com D. Fernando. Teria quinze annos, dezeseis, ou dezoito? Ignora-se; mas a edade devia andar dentro d'estes limites. Sabe-se que a casaram novissima com João Lourenço da Cunha.

nos, pois, para a nossa pousada... Mas antes d'isso quero castigar esta gente.

Rompeu bruscamente por entre o enxame dos fidalgos, e alli, defronte dos reis e de todos, foi-se á meza, tomou-lhe um pé, deitando-a a terra com um estalar medonho dos vasos, dos pratos, e das baixellas. Entornaram-se os molhos, partiram-se os copos, rolaram as viandas, n'uma confusão de terramoto; mas a confusão e espanto de toda a gente era maior ainda, perante o atrevimento d'esse doido varrido. Cruzavam-se as interjeições, borburinhava confusa a gente. Uns tinham assomos de indignação, outros vergavam com frouxos de riso. Como se respirava um ar feito de equivocos, doirando o esplendor da festa a incoherencia dos corações, não havia, não podia haver, movimento unanime, nem de applauso, nem de protesto. A surpreza era geral e paralysava a acção, já pela singularidade e atrevimento do acto, já pelo reconhecimento involuntario de que esse acto representava um protesto formal a que mais de um adheria, escondendo-o, porém, no recesso mais intimo do seu pensamento, sem ousar manifestal-o.

Nun'alvares serenamente saía da tenda, vingado da rainha adultera, do amante villão, do castelhano impune: de todos, e do mundo inteiro, tão miseravel e tão mesquinho. Seguia-o submissamente seu irmão Fernão Pereira. No alto da meza, Leonor Telles, mordia os beiços com raiva; tanto mais que, ao lado d'ella, o rei de Castella, tendo indagado quem era o author da façanha, observou-lhe impressionado:

— Homem que tal fez, tem coração para mais.

Do seu lado, o mestre de Aviz não descravou os olhos de sobre Nun'alvares, emquanto elle não desappareceu de todo. E ficou scismando...

Da tenda, Nun'alvares foi á pousada, montou a cavallo, e largou para o Minho [1]. Ia enterrar-se para todo o sem-

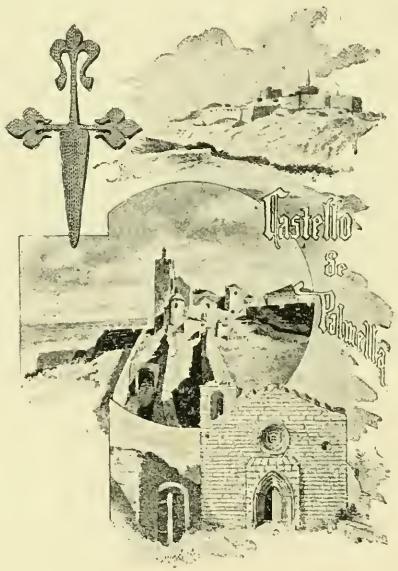
---

[1] *Chron. do Condestabre*, XIV. «E elles se partirom logo com grande assessego, bem como se nom fezessem nenhũa cousa.»

pre em casa. Partia n'um d'esses estados de abatimento mortal do animo, parecendo-lhe que tudo acabára já, e a vida que lhe abria os braços era um mixto phantastico de vasio e nojo. Com a sua alma temperada pela educação ideal da Cavallaria, não o seduziam, nem o consolavam, as caricias do lar, o brando socego dos campos, o esquecimento das cousas, deixando-se vegetar a compasso com o correr das agoas e o crescer das arvores, n'uma inercia abandonada. Ferviam-lhe no peito ardores insaciados e no cerebro dançavam-lhe visões de desespero. Via-se anniquilado para sempre, inteiramente. E não era um homem que succumbia: era um povo inteiro, a honra de uma nação. Este sentimento ainda ignoto, nascido com elle, na sua alma: o sentimento heroico da patria portugueza que o abrazava, fazia-o parecer doido ao commum da gente, affogada nos calculos da intriga, nos impulsos da cobiça, ou nos accessos da ambição mesquinha. Nem a si proprio Nun'alvares se explicava bem; porque as crises do seu desespero pareciam-lhe mortaes, quando eram apenas as dores innominadas da concepção da idéa gerada no seu seio de paracleto nacional. Surgia n'elle e com elle o sentimento novo da patria portugueza. Era o vaso eleito do mysterio augusto da communhão de um povo; e as crises angustiosas da sua vida, fazendo-lhe vibrar todos os nervos, iam cada dia mostrando-lhe mais o destino que o arrastava fatalmente. Nem mulher, nem vaidade, as duas raizes mais fundas da acção humana, podiam dominal-o, porque estava fadado para um voto de santidade superior, holocausto absoluto á patria, transformando-a em ádito do ceu...

Esquecido o episodio importuno com o calor da comida, o banquete seguiu alegremente. O rei de Castella, satisfeito, via realisadas as ambições politicas da sua corôa, já indicada para a obra da absorpção das varias monarchias nascidas na Hespanha durante a reconquista, ainda por acabar. Leonor Telles, confiada na fascinação que tinha, contando com a obediencia da filha, esperava o periodo

da regencia para codilhar o genro, de mãos dadas ao Andeiro. Seguros do seu engano, ambos os rivaes sorriam, fallavam, como amigos, n'uma intimidade que parecia, e era, effusiva. O mestre de Aviz, acompanhando o rei D. João e a infanta D. Beatriz, com o Andeiro, foram dormir a Badajoz; Leonor Telles pernoitou em Elvas [1], para d'ahi vir, por Palmella, a Almada onde agonisava D. Fernando.



1 Lopes, *Chron. de D. Fernando*, 166.

O MESTRE DE AVIZ

III

O Messias de Lisboa

Em Salvaterra, D. Fernando mirrava-se nos frouxos de tosse da tisica, devorado pela febre da doença, e pela outra febre aguda da vergonha e odio contra o amante da rainha. Emquanto elles, em Elvas, faziam gala do seu triumpho, o miserando rei, amarrado ao catre, pendendo já sobre a cova [1], ergueu-se n'um impeto de desespero e vingança. Se tinha de morrer, queria antes ver o Andeiro morto. Galvanisando as poucas forças de que dispunha, chamou o seu escrivão da puridade, e em segredo, apertando-lhe o pulso energicamente, com a falla surda e cortada dos moribundos, ordenou-lhe que dispozesse a partida para Almada, defronte de Lisboa. Levava um plano. Como succede sempre aos tisicos, contava ainda com larga vida.

O seu plano era matar o conde de Ourem. O sicario escolhido era o mestre de Aviz. Porque?... Que motivo elegia assim o Mestre, irmão do rei, em algoz do conde?

---

[1] «Le roy Ferrand chey (tomba) en langueur qui dura plus d'un an et mourut.» — Froissart, *Chron.*, III, 3.º

Sabia acaso D. Fernando que elle acceitaria o funebre encargo? Talvez soubesse. Talvez o ardor com que o mestre de Aviz condemnava o Andeiro nascesse tambem do motivo que a elle, D. Fernando, incendiava o sangue: do ciume. Leonor Telles fascinava e enlouquecia. Talvez o mestre de Aviz estivesse tambem preso nas meadas de uma seducção; e desvairado pelo ciume, o rei esquecia as complicações novas que lhe viriam d'esta cumplicidade, explorando a paixão incestuosa... Mas o escrivão, depois de feita a carta que o rei dictára chamando o irmão, ao passar, de joelhos como estava, o papel para lhe impôr a rubrica, observou timidamente que, sendo grande já no animo do povo o favor do Mestre, commetter-lhe a execução do Andeiro iria sem duvida accrescentar-lhe a força. No ponto em que se achava o reino e a successão, o mesmo era que adoptal-o para herdeiro da corôa [1]. Não seria melhor escolher outro sicario? D. Fernando despedaçou o papel com as suas mãos já transparentes e descarnadas, pelas quaes a luz passava como por uma cambraia. A idéa de ter por successor o filho de Thereza Lourenço parecia-lhe tão extravagante que, sem desdenhar o conselho do seu escrivão, julgava-a inverosimil. Concordou, porém, em escolher outro sicario.

Voltava, entretanto, de Castella, resgatado pelas pazes de Elvas, o bulhento irmão da rainha, João Affonso Tello, que dera com a esquadra portugueza no baixio de Saltes, para a perder. Regresso, via a irmã perdida tambem por essa paixão desvairada que, de um instante para o outro, podia destruir a origem da sua importancia e a fonte dos seus rendimentos. Decidiu matar o Andeiro, ou decidiu antes fazel-o constar á irmã, para que esta revogasse pecuniariamente a decisão? [2] Quando, ao depois, o conde de Ourem voltava de Castella das exequias da rainha, outra vez o Tello recorreu ao plano de o assassinar; e d'esta

---

[1] Lopes, *Chron. de D. João I*, prim. parte. IV.

[2] *Ibid.* II.; e *Chron. de D. Fernando*, 156.

conspirou com Pedr'alvares, o prior do Hospital, com o mestre de Aviz e com Gonsalo Vasques de Azevedo, as principaes figuras da camarilha adversa ao valido. Compraram um sicario que o devia esperar, no caminho, entre Alcobaça e Leiria; mas o Andeiro veiu por outra estrada, e escapou d'est'arte [1]. A sua vida, porém, andava posta a preço. Sabia-o; e o rumo que as cousas tomavam principiava a preoccupar-lhe o animo pouco susceptivel, quer ao medo, quer á vergonha. Os enredos que tecera despreoccupadamente, por instincto e por vaidade quasi pueril, começavam porém a apertar-se em nós que podiam tomal-o pelo gasnate e garrotal-o. Principiava a sentir que n'este jogo de ardís enredára a vida, e assustava-o a idéa de morrer.

Quando o rei, já nas ultimas, veiu em maca de Almada para Lisboa, na segunda metade de setembro, recebeu de chofre a noticia de um novo parto da rainha [2]. Se era verdade que esganára por suas mãos o filho anterior nascido em Elvas, este não careceu matal-o, porque expirou á nascença. Mas o golpe foi de misericordia. O ciume, o odio, o desespero e a vergonha enroscavam-se-lhe como serpentes no peito já vasio de pulmões, no peito desmanchado n'uma pasta de materias decompostas que, impenetraveis ao ar, o suffocavam em accessos dilacerantes. Em vez de respirar, deitava golphadas de sangue, hemoptyses que se formavam com o desfazer dos bronchios no apodrecimento total dos vasos thoracicos. Afilado o nariz, descarnado o mento, sumidos os labios, encovados os olhos, o triste rei, cuja face feminina parecia já cadaverica, dilacerava o peito com as unhas aduncas e recurvadas nos seus dedos longamente resequidos, como a querer abril-o para que o ar entrasse em ondas vivas. Os labios, que tivera rosados, estavam sumidos e brancos, como folhas murchas. Na testa avincavam-se-lhe as rugas que desciam pelas fon-

---

[1] Lopes, *Chron. de D. João I*, prim. parte, III.

[2] 27 de setembro. — Lopes, *Chron. de D. Fernando*, 172.

tes sobre as faces mal barbeadas, e os cabellos louros, cortados curtos [1], empastavam-se-lhe no craneo com as exsudações dos acrescimos. A' cruel tortura physica juntava-se o redemoinho das idéas dançando-lhe pavorosamente no cerebro: o reino perdido, perdida a mulher, o remorso a morder, o terror a chamal-o, com o inferno aberto em chammas para o tragar.

Entrando o outomno, quando as arvores se despem, a vida fugiu-lhe tambem, perdida, sumindo-se para destinos ignotos, folha secca arrastada pelo vento, inclementemente. Uma quinta feira, pela tarde [2], o enfermo que passára a manhã agitado, começou a sentir-se mais opprimido com a insistencia da dyspnea. Revolvia-se no leito, suffocando. Erguia-se, buscando com a elevação o ar que lhe faltava. Fallava a custo, devagarinho, como aragem que vem de longe, coada pelos ramos. Fincava as mãos no leito, fazendo escoras dos braços. A face tinha uma côr violacea, o suor camarinhava-lhe na pelle, alagando-lhe os cabellos sobre a testa e sobre a nuca. Mas o rosto, ainda moço, pois não chegava a contar quarenta annos [3], tinha uma expressão de suavidade bondosa, docemente effeminada; e no cerebro passavam correntes placidas de futuros largos e venturosos. O olhar meigo de victima, innundado em esperança, sublinhava as palavras cortadas, planos chimericos de que os physicos sorriam para dentro, porque o viam perdido.

Na camara, em torno do leito, estava a rainha e a côrte, quando entrou o Andeiro com a sua face deslavada

---

[1] «D Fernando foi o primeiro que usou n'este reino fazer a barba e cortar o cabello: generalisando-se o uso, veiu d'elle os castelhanos chamarem-nos chamorros, ou tosquiados.» — Santos, *Mon. lusit.* VIII, 51.

[2] 22 de outubro de 1383.

[3] Lopes, *Chron. de D. Fernando*, 172, diz que o rei morreu com 52 annos, 10 mezes e 18 dias. E' um erro. D. Fernando nasceu a 31 de outubro de 1345 (Sousa, *Hist. Genea.* I, 415). Em 22 de outubro de 1383 tinha 38 annos menos 9 dias; ou 37 annos, 11 mezes e 22 dias. Este erro, apontado pelo sr. P. Chagas na sua *Hist. de Portugal* (1.ª ed. I, 294, nota) fôra já notado por Santos, *Mon. lusit.* VIII, 51.

e macilenta. Trocou Leonor Telles com elle um relance, que o moribundo colheu no ar. Erguendo-se n'um ultimo arranco, forcejando em vão por articular vozes, arroxeando-se-lhe toda a pelle, o rei, que n'esse instante se sentiu affogado em ciume e em remorso, passando-lhe no cerebro a lembrança de quando o quizera matar e a recordação da sua vergonha, estendeu o braço nú e descarnado apontando o indicador para a porta da sala, por onde o mandava sair [1]. E caiu morto [2].

O Andeiro, curvando a cabeça espavorido, obedeceu, fugindo a encerrar-se no seu castello de Ourem [3]. Era já noite fechada, das sete para as oito, no fim de outubro. Amortalharam logo o cadaver no burel negro do habito franciscano; e no dia immediato, porque a decomposição avançava rapidamente, fizeram-lhe o enterro, trasladando-o para o convento de S. Francisco, na collina fronteira ao paço. A rainha não se atreveu a ir, e por esta falta murmurava fortemente o povo de Lisboa [4].

A impressão produzida pela morte do rei foi indecisa e hesitante. Em primeiro logar, ninguem o chorava, nem havia, com effeito, razão para isso; em segundo, se todos reconheciam a imminencia de uma crise, cada qual, indifferentemente, phantasiava a sua solução. Não havia corrente certa no pensamento, nem unidade no sentir, nem tambem, nas classes dirigentes, capacidade de heroismo e abnegação. O espirito de opposição resumia-se em ditos, mais ou menos causticos, e os egoismos vinham á superficie n'esta ausencia completa de direcção. Assim que a rainha viuva,

---

[1] Lopes, *Chron. de D. João I*, prim. parte, IV.

[2] «Era 1421 annos (1383) quinta feira 22 dias de outubro, ao serão, entre sete e outo horas, se finou este nobre Rey D. Fernando, a quem Deos perdoe, e foi enterrado a sexta feira no mosteiro de São Francisco de Lisboa: he anno de xp.º 1383.» — Arch. nac. *liv.* II *de D. Fernando*, p. 110, traslad. na *Hist. Geneal.*; *Provas*, II, n. 37.

[3] Lopes, *ibid.*

[4] Lopes, *Chron. de D. Fernando*, 172.

como regente, mandou acclamar a filha, em Lisboa, quando o alferes proclamava:

— Arrayal! Arrayal! pela rainha D. Beatriz de Portugal, nossa senhora!

houve um sussurro e sorrisos de ironia. O conde Alvaro Pires de Castro, fingindo que tossia, como os mais, disse baixinho para os visinhos:

— Arrayal, arrayal... cujo for o reino, leval-o-ha... [1]

Quem o levaria? Muita gente pensava, com o irmão de Ignez de Castro, que seria um dos sobrinhos: D. João, ou D. Diniz, homisiados em Castella. Em Santarem houve tumultos no acto da acclamação da rainha, pronunciando-se abertamente o nome do infante D. João [2]. Em Elvas gritaram:

— Arrayal! Arrayal! por Portugal [3]!

Mas a grandissima maioria da gente era pelo que estava. Este movimento de protesto contra a união eventual a Castella localisava-se em Lisboa, e pelo valle do Tejo acima até á fronteira. O norte populoso do reino conservava-se mudo, immovel, indifferente. Nem admira que assim fosse. Para cima do Mondego, era o Portugal velho, semi-gallego, semi-leonez, em cujas populações houvera sempre o sentimento forte da vida local e das franquias municipaes; mas nenhuma aspiração clara para essa idéa da nova patria, que se elaborava em Lisboa, marcando a Portugal um destino ainda incognito, cujo instrumento indispensavel, a dynastia nova, tambem ainda era desconhecida. Ninguem sonhava sequer que o mestre de Aviz seria o successor d'esse rei que, morrendo, fazia como certas plantas que se extinguem ao dar o fructo; porque D. Fernando, fortificando a nova Lisboa e desenvolvendo o Portugal maritimo, creára os elementos da futura vida nacional.

Por toda a parte, o povo (a arraya-meuda, como então se dizia) mais espontaneo, era menos sujeito aos canons da

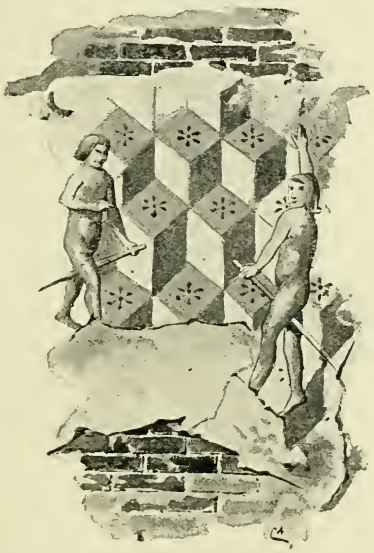
---

[1] Lopes, *Chron. de D. Fernando*, 175.

[2] *Ibid.* 176.

[3] *Ibid.* 177.

fidelidade dynastica e á lealdade que prendia as classes superiores. O legitimismo ligava a fidalguia a D. Beatriz, embora com o risco da união a Castella; e os que punham acima da fidelidade dynastica a idéa da independencia, appellavam para o filho mais velho d'el-rei D. Pedro e de D. Ignez de Castro. Mas em Lisboa, onde o espectaculo da côrte diminuira o respeito, onde vivia a lembrança do tumulto de 1371, e o odio contra Leonor Telles era declarado, o povo agitava-se, repellindo a perspectiva de lhe ficar sob o governo, e esperando a redempção sem saber d'onde. Disse-se depois que, em Evora, uma creança ao nascer, na propria hora da morte de D. Fernando, acclamára em altos brados o mestre d'Aviz; mas milagres d'estes sempre se contam depois, para sanccionar os factos consummados.



Acclamação do mestre de Aviz em Villa Viçosa, segundo a trad. local.

(de um desenho de S. M. a Rainha, reproduzindo a pintura mural, no paço de Villa Viçosa)

Este odio de Lisboa contra a rainha e o seu valido foi, portanto, o que precipitou a revolução, que talvez, porém, se não tivesse declarado, se o rei de Castella procedesse com menos franqueza, encobrindo melhor o seu jogo. Cuidou que Portugal era um fructo maduro, trazido no regaço pela creança de onze annos a que chamava sua esposa; estendeu logo a mão para o colher, desprezando as condições dos tratados, repugnando-lhe ficar na dependencia da sogra. Para se prevenir contra o unico inimigo possivel, quando, em Torrijos, teve noticia da morte do sogro, con-

teve em Toledo, na prisão amiga do Alcazar, o infante D. João; e partindo logo para a sua capital, assistiu ás exequias de D. Fernando e proclamou D. Beatriz rainha de Portugal. Este modo de proceder dissipava os escrupulos no animo dos legitimistas: foi o que succedeu com Vasco Martins de Mello que se recusou a acclamar a rainha, hasteando a bandeira de alferes. Ergueu-a Mendoza, um castelhano; mas o cavallo espantou-se-lhe, atirando-o contra uma esquina, e a bandeira rasgou-se por meio, separando as armas de Castella e Portugal que tinha unidas [1]. Mau prenuncio!

Trazendo comsigo a rainha, D. João de Castella resolveu descer sobre a fronteira para vir tomar posse de Portugal. Acabava o anno de 1383. A crise precipitava-se; a indeterminação tinha de resolver-se.

* * *

No *trintayro* da morte de D. Fernando, a 22 de novembro, Leonor Telles, regente, decidira fazer as exequias solemnes do defuncto, e para isso convocára a Lisboa a fidalguia do reino. O primeiro que veiu foi o conde de Ourem, refeito do susto, na agonia de D. Fernando. Quando a ordem da rainha chegou, a condessa, em casa, pedia-lhe de mãos postas que não fosse, assaltada pelo terror das ameaças que o cercavam. Elle ria. Voltava-lhe a indifferença, e acirrava-o a paixão da intriga. Montou a cavallo e partiu direito a Santarem, onde se hospedou em casa de Gonsalo Vasques, que lhe repetiu as mesmas advertencias. Não fosse, voltasse para Ourem... Elle encolhia os hom-

---

[1] Ayala, *Chron. d'el-rey D. Joan, el prim.* — Cf. Sandoval, *Aljubarrota*.

bros, agradecendo o cuidado; e seguiu. Quando entrou no paço, a rainha deitou-se-lhe ao peito, mordendo-o com beijos.

Elle ria, inaccessivel ao pathetico: ria, com a cabeça outra vez cheia de enredos, de planos, de combinações habeis para illudir o rei de Castella e explorar-lhe a força, contra as velleidades de revolta dos de Lisboa, explorando os patriotas para conter o castelhano; e entre ambos, elles dois, abraçados, iriam gozando o governo, alegremente, á espera do que viesse, de trapaça em trapaça, porque afinal as cousas desemmaranhavam-se por si proprias, quando havia geito e habilidade. A rainha ficava suspensa dos labios inexgotaveis do seu querido, confiando n'elle como n'um deus. Elle, sem inteiramente acreditar nas proprias artes, revia-se extasiado da facilidade com que as expunha, deliciando-se com o despeito dos codilhados. No castello de planos que os dois formavam, o alicerce era chamarem a si o sentimento de protesto que levantava o proceder do rei de Castella, encaminhando-se para Portugal armado, como á conquista. Cobriam-se com o manto do patriotismo. Para isso, mobilisavam as forças do reino e distribuiam as fronteiras [1].

Entre os fidalgos, convocados a Lisbca para as exequias de D. Fernando, estavam naturalmente os Alvares. O chefe da familia, Pedr'alvares, irmão mais velho, prior do Hospital, veiu do Crato. Nun'alvares veiu da sua casa do Minho; mas, presentindo que a morte do rei abria um periodo novo, e que depois dos primeiros episodios da sua vida, agora é que ella tinha de começar de vez: Nun'alvares, excepção unica, apresentou-se em Lisboa com uma escolta de trinta homens de armas e peonagem basta [2]. Este caso fez impressão, e mais ainda o que succedeu depois; porque tendo-o recebido a rainha e tendo-o mandado

---

[1] Lopes, *Chron. de D. João I*, prim. parte, VIII.

[2] *Chron. do Condestabre*, XV.

aboletar e á gente, no paço conceberam a idéa de os desarmar. Para isso, o corregedor procurava distribuir os homens de armas, separando-os; mas os escudeiros de Nun'alvares investiram com o pobre, levando-o em bolandas até ás portas do paço, diante do qual gritava por soccorro. Ao tumulto acudiu a propria rainha, e o corregedor explicou-lhe como fôra ao bairro de Nun'alvares, conforme as ordens d'ella, como tivera de fugir corrido, como alli estava com a pelle salva a grave custo. A rainha, fazendo forças da fraqueza, não insistiu. Nun'alvares, por seu lado, não se deu por entendido [1].

Aturdiam-lhe o animo pensamentos negros. Sentia que afinal se aproximava a hora decisiva fadada para a sua vida, depois de dez annos de alternativas e duvidas, desde que em 1373 viera á côrte, e fôra armado cavalleiro pela propria mão da rainha. Agora, o castelhano batia arrogantemente ás portas da fronteira, deixando preso em Toledo o infante D. João, esperanças da patria; e o pendão de Portugal em perigo, quem o empunhava era um homem vil, o Andeiro, de braço dado com a barregan que precipitára no tumulo o pobre rei D. Fernando. Tal gente não podia remir o reino; e melhor seria perder-se, do que salvar-se para ficar captivo de ambos. Esta situação pungente confrangia-lhe o animo. Taciturno, pesava as soluções possiveis, conversando largamente com o irmão mais velho que não se affligia muito, e, fleugmatico, deixava ás cousas o trabalho de se deslindarem por si, abandonando-se á corrente dos acontecimentos. Já de ha muito que o incommodava essa teima do irmão em querer reformar o mundo; e vendo como eram inuteis os conselhos da sua prudencia, se primeiro se irritára, impaciente, agora nem contestava.

De noite, Nun'alvares não dormia. A obsessão trazia-o

---

[1] *Chron. do Condestabre*, xv; Lopes, *Chron. de D. João I*, prim. parte, v.

n'um estado de inquietação permanente, com os nervos excitados. Tinha visões. Parecia-lhe que as vozes do céo o chamavam, e attribuia a inspiração divina as conclusões ultimas a que chegára a longa elaboração do seu pensamento: matar o Andeiro e acclamar o mestre de Aviz, pois que dos outros filhos d'el-rei D. Pedro, um estava preso, outro, D. Diniz, viera em armas contra Portugal, nas campanhas do reinado findo.

Pela primeira vez se definia a solução da crise, e o revelador era Nun'alvares. A' chamma que lhe crepitava na alma erguia-se illuminado o plano a que a sua vida ia dedicar-se cavalleirosamente, paradoxalmente; porque, no meio da unanimidade apathica e da resignação passiva com que todos acceitavam a dictadura da vileza e a perspectiva do fim do reino, a idéa de uma tal façanha parecia chimerica. Elle, porém, tinha em si o que levanta as montanhas: tinha a fé, e uma virtude immaculada, uma esperança firme, um valor indomavel. Bem sabia que ao mestre de Aviz faltava authoridade; bem sabia que o seu plano, contrario, ao mesmo tempo, ao castelhano e á côrte, ao inimigo interno e ao externo, surgia nú e só, desajudado de todos, sem ponto de apoio positivo em nenhuma força social, escorado apenas no alicerce aereo do seu pensamento.

Ao outro dia, abriu-se com um outro tio que tambem andava na côrte, Ruy Pereira, o qual se não riu: pelo contrario, foi correndo fallar ao mestre de Aviz. Viram-se os tres. O Mestre ficou indeciso.

— Parece-me que já se não murmura tanto da rainha, observou hesitante.

— E' sempre assim, retorquiu Ruy Pereira, sorrindo.

Por fim combinaram alli que, no dia immediato, se mataria o Andeiro. Estivesse prompto, esperando aviso, mandava o Mestre; mas quando Nun'alvares esperava as ordens, veiu-lhe o recado dando o dito por não dito. Exasperado, Nun'alvares saiu a exprobrar ao mestre de Aviz a sua hesitação, e como recuava no momento deci-

sivo. Elle, mollemente, excusava-se, allegando as nenhumas probabilidades de que o assassinato tivesse as consequencias esperadas. Havia em todos um grande abatimento.

Nun'alvares via partir-se-lhe nas mãos o homem que inventára. O idolo tinha os pés de barro. Preferira-o por exclusão de partes, mas reconhecia que nem uma só excepção se dava. Já não havia gente ambiciosa! O medo amesquinhava tudo; por isso a devassidão desbragada reinava omnipotente sobre a pusilanimidade sensata. Pois ninguem se convenceria de que só um acto de loucura heroica seria capaz de aguentar Portugal, no seu caír desolado para os lameiros de um abysmo? Pois não seduzia o mestre de Aviz esse papel que lhe distribuia, de juiz e executor da justiça nacional: defensor de um reino que, lavada a face da nodoa que trazia no throno, poderia apresental-a em cheio ao inimigo externo, combatendo... para morrer? talvez, decerto! Que importava?

Desorientado, Nun'alvares largou no encalço do irmão que, terminadas as exequias, indifferentemente partira a caminho do seu priorado, com escala por Santarem. Alcançou-o em Pontevel, a duas terças partes da jornada, e deitou-se-lhe nos braços. Era no fim de novembro.

Mas, ao mesmo tempo que Nun'alvares chegava, chegava Gonçalo Tenreiro com ordens da rainha, para que o prior regressasse a Lisboa, e com promessas fartas dos beneficios que lhe dispensaria o rei de Castella. Nun'alvares não se conteve. Bramia, apostrophava, intimando ao irmão que não commettesse tal vilanía e aproveitasse o insulto para desmanchar o equivoco, declarando-se abertamente pelo mestre de Aviz; porque a força das cousas havia de vencer-lhe a hesitação do animo, e fóra d'elle não existia salvação possivel. Pedr'alvares não respondeu. Calado, principiava a incommodar-se com a côr que as cousas tomavam. Não respondeu, mas tambem não foi para Lisboa [1].

---

[1] *Chron. do Condestabre,* XVI; Lopes, *Chron.*, V e XXXVII.

Silenciosos, os irmãos seguiram a jornada para Santarem. Um perguntava a si proprio qual seria o resultado de tantas voltas; o outro não ousava interromper o silencio, por ver que a resistencia ás ordens da rainha era um penhor de victoria.

Que fortuna, a d'elle, se podesse converter o irmão á sua fé!

* * *

O temor do mestre de Aviz, que era um politico, estava em que o golpe de assassinato do Andeiro passasse como episodio sem consequencia, por não encontrar echo em nenhum elemento forte, sobre que depois se estribasse o movimento revolucionario. Receiava dar uma estocada no vasio, e ferir-se mortalmente a si.

Ora succedia haver em Lisboa um homem, reliquia dos velhos tempos, ex-chanceller d'el-rei D. Pedro e de seu filho, cujo nome ficára ligado á torre levantada no alto de S. Roque, no traçado das novas muralhas de Lisboa. Era Alvaro Paes. Velho, gottoso, já não podia mover-se da cadeira a que o amarrava a doença; mas o seu espirito sempre moço rejuvenescera com a indignação provocada pelos escandalos do paço. Era o oraculo da vereação de Lisboa, que não movia uma palha sem primeiro lhe pedir o conselho. D. Fernando assim o tinha positivamente recommendado. Estavam pois em suas mãos a burguezia e a plebe, que em 1371 tinham dado a medida de quanto eram capazes. Privava com toda a gente grada da côrte; e ultimamente, a paridade no odio estreitára as suas relações com o conde de Barcellos, João Affonso Tello, que jurava pela morte do Andeiro, talvez por elle moderar a generosidade da rainha. Conspiravam ambos, e ambos consideravam tambem o mestre de Aviz como o unico executor

possivel. Alvaro Paes, entrevado, insistia com o conde para que visse o Mestre; mas o Tello respondia com razão que era inutil fallar-lhe elle. O melhor seria vir o Mestre a vêl-o; descendo, como por acaso, quando saísse de passeio. Assim foi.

Avisado, o mestre de Aviz apresentou-se em casa do ex-chanceller, e abertamente lhe disse que nada podia fazer-se sem o concurso do povo da cidade. Alvaro Paes prometteu-lh'o. Elle hesitou ainda, mas recusar outra vez, seria perder a partida que já se apresentava com alguns elementos de exito. Disse que sim; e esta annuencia transtornou o velho. Erguendo-se da cadeira, faiscando-lhe nos olhos a alegria, inclinou-se para o Mestre e beijou-o no rosto, dizendo:

— Ora vejo eu, filho! senhor! a differença que ha dos filhos dos reis aos dos outros homens! [1]

Cerravam-se, pois, as malhas da intriga que sobre o cadaver do Andeiro levantaria o throno de Aviz. Nunca foi mais verdadeiro o ditado de que Deus escreve direito por linhas tortas. A visão de Nun'alvares, o odio de Alvaro Paes, a cobiça do conde de Barcellos: o bem e o mal, a luz e a sombra: tudo se conspirava para o fim que parecia fatidicamente destinado. Seguro do apoio da plebe de Lisboa, d'esta vez o mestre de Aviz decidiu passar o Rubicon. Nun'alvares tinha partido, e não havia tempo para demoras. Chamou Ruy Pereira, e disse-lhe que o instante chegára. Com o Tello combinou o plano, approvando a idéa d'elle, que no meio da sua violencia, muitas vezes simulada, era manhoso como um touro matreiro. Assim que, lá dentro do paço, o mestre de Aviz *começasse em esto de poer mão;* assim que désse o primeiro golpe, o seu pagem largaria a galope pela cidade, bradando por soccorro, dizendo que no paço o queriam matar. Alvaro Paes, prevenido, e fazendo um supremo esforço, sairia á rua,

---

[1] Lopes, *Chron.* VI, VII.

concitando as turbas e caminhando com ellas contra o paço.

O mestre de Aviz foi, com effeito, e despediu-se da rainha, levando as suas cartas e alvarás para o commando militar que lhe tinham destinado no Alemtejo. Foi, com effeito, mas não teve coragem para commetter o assassinato. Ou era temor das consequencias, ou repugnancia do acto. Foi, e partiu [1]; parando em Santo Antonio do Tojal, tres legoas de Lisboa. Parando, é um erro, porque o seu animo não parava, dilacerado entre o receio e a ambição. A empreza era louca. De que lhe servia a populaça de Lisboa, contra o reino inteiro e contra as forças de Castella? Mas, no ponto a que as cousas tinham chegado, estava perdido em qualquer caso, porque, se recuasse, e o denunciassem, pagaria o temor com a vida. Tudo e todos se conspiravam, fadando-o para assassino do Andeiro, desde o rei D. Fernando, até Nun'alvares, até ao conde de Barcellos, até Alvaro Paes! Era esse o destino da sua vida. Seria o alicerce da sua fortuna? ou o degrau ensanguentado que o levaria á cova? Vendo tudo vermelho de sangue, para qualquer lado que se tornasse; considerando-se perdido se recuasse, e considerando que só a audacia podia salval-o, deixou a sua gente no Tojal e voltou só a Lisboa, onde chegou já de noite, e o fez saber logo á rainha e ao valido, reclamando para o dia immediato uma entrevista, afim, dizia, de rever certos pontos nas instrucções que levava [2]. Regressou taciturno ao Tojal, d'onde veiu na manhã seguinte com a sua gente armada. Adiante mandou um correio avisar Alvaro Paes. Pararam ás portas do paço e apeiaram-se, subindo com elle uns vinte: o commendador de Juromenha, Fernão Alvares; Lourenço Martins, de Leiria; Vasco Lourenço, Lopo Vasques, Ruy Pereira, e outros. Era cedo: horas de terça, das nove para as dez.

---

[1] 5 de dezembro, 1383.

[2] Lopes, *Chron.*, IX.

O Mestre, pallido, mas sereno, avançava tragicamente á frente dos seus. Trazia o crime escripto na face. Ninguem proferia uma palavra. Bateram rijo á porta da sala onde estava a rainha. O porteiro, abrindo, e vendo o grupo em armas, quiz vedar a entrada. Forçaram-n'a, e o Mestre avançou com serenidade, curvando-se reverente perante a rainha. Atraz, os seus companheiros formavam em linha, immoveis contra a parede.

A rainha attonita, vagamente assustada, fitava o Mestre, sem articular palavra. Estava sentada no estrado com as suas donas, vestida de burel negro; de joelhos, ao lado, o Andeiro, com um gibão vermelho, e atabarda de panno preto fino, com alhetas e mangas. Era um bello homem, no pleno viço dos seus quarenta annos. A rainha ficava mais formosa ainda com o luto, realçando sobre o preto [1] a irradiação fulva dos seus cabellos ruivos. Ambos estacaram; e automaticamente as pessoas presentes, o conde de Barcellos e D. Alvaro Pires de Castro que sabiam a que o Mestre vinha, Fernão Affonso da Camara e Vasco Peres com outros que o ignoravam, recuaram contra a parede, aguardando o que succederia.

Cobrando animo, o Andeiro ergueu-se; e a rainha, mandando sentar o Mestre, disse-lhe:

— E pois, irmão, que é isso? A que tornastes de vosso caminho?

---

[1] Parece que esta época marca a transição da côr branca para a preta nos lutos. O costume antigo portuguez era o burel branco, ou almarfaga, almaffega, almafegua, pois todas estas fórmas se encontram. (Cf. Viterbo, *Elucidario*, etc. ad vv.) A' morte de D. João I «el-rei tomou doo de preto e os ifantes tomaram burel, segundo sempre *até aqui* se costumou.» (Pina, *Chron. de D. Duarte*, II) O burel branco e grosseiro de que nossos maiores faziam o seu dó — diz a *Orden.* liv. V, tit. CXII § 1. Todavia, a palavra *dó* significa em regra, na linguagem dos chronistas do tempo, luto negro, porque, sendo branco diz-se expressamente burel. Em Castella era uso o negro. Nas exequias de D. Fernando em Toledo, «el-rey leuaua hũ sayo preto, & a rainha hia em hũas andas vestida dalmafega preta... Os portuguezes que cõ ella

Elle, descosidamente, sem tirar a vista do Andeiro, embora o não podesse fitar, respondeu que a fronteira era grande, a gente pouca... A rainha, fingindo concordar, observava-o e cogitava. Mandou chamar o escrivão da puridade, para que revisse o conto dos vassallos, dando ao Mestre quantos e quaes quizesse...

Depois d'esta primeira escaramuça, os animos estavam menos opprimidos. Talvez, afinal, o Mestre não viesse com intuitos funestos! Cercavam-n'o os fidalgos e fallavam-lhe. O Andeiro convidava-o para jantarem juntos. O Tello queria-o para si, mas elle disse-lhe surdamente:

— Conde, ide-vos d'aqui, que logo quero matar o Andeiro...

— Não vou, respondeu o Tello; fico para vos ajudar.

— Não, ide; esperae-me para jantar, que eu, querendo Deus, tanto que isto for feito, logo irei comer comvosco...

Tinha um leve tremor nos cantos da bocca, e o olhar incerto. Por cautella, o Andeiro, á parte, mandava armar os seus homens que saíram. A rainha, olhando os do Mestre, dizia:

— Santa Maria, val! Como os inglezes teem muito bom costume, que quando são em tempo de paz, não trazem armas, mas boas roupas alvas como donzellas... e quando são na guerra então põem as armas e usam d'ellas como todo o mundo sabe...

ãdauam leuauão burel branco vestido.» (Lopes, *Chron. de D. João I*, prim. parte. LV.) A's exequias do mesmo rei vinha o conde de Ourem, de negro, á castelhana, mas um amigo «começou de o prasmar, porque trazia preto & não burel, como os outros, & fez-lho então uestir.» (*Ibid.* VIII) Na scena a que o texto se refere, o chronista diz «a rainha estaua com *dó*.» (*Ibid.* X) Entendemos que era negro. E mais ainda porque adiante, contando a partida de Leonor Telles, de Alemquer para Santarem, diz expressamente que «ella hia sobre huma mula de albarda coberta com hũ muyto grande manto *preto*, de maneira que lhe não parecia o rosto.» (*Ibid.* XXXI) D'onde inferimos que os reis já usavam luto negro á moda de Castella, emquanto os infantes e a côrte o usavam de burel branco á moda antiga portugueza.

Dizia isto desaffectadamente, embora o final da phrase podesse tomar-se por offensa; dizia-o com distracção fingida. O coração batia-lhe apressadamente.

— Senhora, respondeu nervoso o Mestre, é mui grande verdade. Porém fazem isso porque teem guerras a miude, e poucas vezes paz. Podem-n'o mui bem fazer. Mas a nós é pelo contrario: temos pelo geral paz, e poucas vezes guerra. Se no tempo da paz não usassemos armas, quando viesse a guerra, não as poderiamos supportar.

A rainha, fingindo ouvil-o, não dera por uma unica das palavras da resposta. Elle, emquanto fallava, via atravez das palpebras, ora o Andeiro, ora os cumplices. O conde de Barcellos saíu, preferindo não assistir ao desenlace da tragedia. O de Ourem, verde com o excesso da sua pallidez de cera, impacientava-se com a demora dos que mandára armarem-se. Com voz já trémula, disse para o Mestre:

— Vós, senhor, todavia, haveis de comer comigo...

— Não comerei, respondeu elle affirmativamente. Tenho-o feito n'outra parte...

— Sim, comereis... voltou, insistindo, o Andeiro. E emquanto fallaes, irei eu mandar preparal-o.

Ia escapar-se. O seu ultimo pensamento era fugir. O Mestre tomou-lhe o pulso e apertou-o com energia, conservando-o preso. Elle tremia; os olhos embaciaram-se-lhe.

— Não vás, disse o Mestre com imperio. Quero dizer-vos uma cousa antes de partir... Já são horas de comer.

Despediu-se então da rainha, tomou o Andeiro pela mão, e levou-o, seguido pelos seus homens, á sala immediata, cujas portas abriam sobre o terraço que dava para o rio [1]. Leonor Telles, de pé, com os olhos cravados no chão

---

[1] Resa a tradição que esta sala é a n.º 1 ou *das columnas*, na prisão actual do Limoeiro, installada sobre os restos do paço antigo. O terraço dava sobre o sul para o rio, porque d'alli fallou depois o Mestre, por fogos, para Almada com Nun'alvares: «Mandou accender muitas tochas no grande cirado dos Paços DelRey... por os verem de Palmella.» — Lopes, *Chron.* CXLVII.

e o indicador cruzado sobre os labios, parecia uma estatua. O Andeiro, confiando ainda na sua sorte, saía quasi risonho pela mão do Mestre que o levava para o vão de uma janella, e como «mais tinha em vontade de o matar do que de estar com elle em razões» tirou de um cutello e vibrou-lhe um golpe á cabeça. Atordoou-o, não o matou. Os outros correram sobre elle, e, quando fugia em direcção da camara da rainha, Ruy Pereira com uma estocada estendeu-o morto. O Mestre não consentiu que lhe tocassem mais. Mandou cerrar as portas do paço e soltar o pagem pela cidade, clamando por soccorro.

— Correi ao Mestre, que o matam no paço!

As passadas, o tinir dos ferros e o baque do corpo da victima despertaram a rainha da sua cogitação.

— Que é? perguntou para as aias, distraídamente, pois não carecia da resposta.

Mas quando ellas foram ver e voltaram, já o paço inteiro andava em tumulto, dizendo que o Andeiro fôra assassinado. Leonor Telles ainda n'esse momento poude conter-se.

— Santa Maria, val!... Mataram-me n'elle um bom servidor... E sem o merecer... Mataram-n'o, bem sei por que... Mas prometto a Deus que ámanhã irei a S. Francisco, e mandarei fazer uma fogueira, e farei ahi taes provas, quaes nunca mulher fez por estas cousas...

As aias rodeavam-n'a afflictas. Ella fallava-lhes, alludindo ao seu peccado. Bem sabia que o Andeiro morrera *por elo;* mas contava enganar o proprio Deus nos seus juizos, appellando para a prova do fogo, para se desculpar perante as aias. Nenhuma d'ellas acreditava na innocencia da rainha. Calavam-se. Ella tornou, aterrada:

— Vão perguntar ao Mestre, se eu hei de morrer...

Saíram, correndo.

O Mestre, sósinho no terraço do palacio, via de longe, e sem ser visto, o tumulto do povo que se desenroscava pelas ruas da cidade. Scismava. Era aquelle o momento critico da sua vida.

— Dizei lá á rainha, minha senhora, respondeu, que Deus me guarde de mal... Socegue em sua camara... Não haja temor algum... porque eu não vim aqui para lhe empecer, mas para fazer isto a este homem que m'o tinha bem merecido...

Mansamente as despediu, e quando a rainha ouviu a resposta, mais senhora de si, voltou:

— Pois que assim é, dizei-lhe que me desembarace estes paços.

Com effeito, o tumulto que fôra crescendo, era agora atroador. Tendo os conspiradores fechado todas as portas, a gente de dentro, no terror da morte, começou estonteada a fugir. Uns escapavam-se pelos telhados, outros precipitavam-se pelas janellas, outros galgando as escadas arrepellavam-se, amontoando-se contra as portas trancadas, n'um clamor animal de gente desesperada. Diziam que o paço ardia por dentro, quando o verdadeiro incendio estava fóra.

O pagem que fôra correndo a galope, gritando pelas ruas direito á casa de Alvaro Paes, accendera a labareda. Cada grito era uma faulha que caía em moita de lenha secca. O Paes, entrevado, desceu tropegamente as escadas e montou a cavallo. Na rua havia multidões.

— Corramos ao Mestre, amigos.. ao Mestre que é filho d'el-rei D. Pedro!

— Quem o matou?... Porque o mataram?

— Foi o Andeiro... Por ordem da rainha...

A turba rugia como uma fera. Ameaçadores, levantavam os punhos ao ar. Cada qual armava-se conforme podia. Caminhando para o paço, a onda levada por Alvaro Paes engrossava em volume e em furia. Eram homens, eram mulheres, eram creanças: o povo inteiro desenfreado n'um accesso de colera que os beleguins da vereação excitavam, insinuando-se por entre a multidão. Em frente do paço, dando com as portas fechadas, n'um momento appareceram montes de rama para lhes pôr fogo.

— Que é do Mestre?

— Quem cerrou as portas?

Uma vozearia immensa, cortada pelos gritos agudos das mulheres, com insultos á rainha, imprecações contra o Andeiro, com grunhidos e interjeições brutaes, acompanhava a faina louca. Vinham achas, vinha carqueja. O palacio, crivado de gente, nas janellas e nos telhados, parecia uma fortaleza assaltada. Agitando os braços, escancarando a bocca, esgaseados no olhar, trasmudada a face, das janellas, dos terraços, dos telhados, gritavam que o Mestre estava são e vivo: o Andeiro é que morrera. Ninguem se entendia, porém, no meio do tumulto desvairado. Pareciam doidos soltos. Até que, á força de gritarem, alguem ouviu e respondeu:

— Pois se é vivo, appareça!

Já o matto ardia em molhos, encostado ás portas, e a chamma viva começava a estalar largando rolos de fumo negro, quando o Mestre appareceu á janella grande do palacio:

— Amigos, pacificae-vos... Estou vivo e são, a Deus graças...

Não o reconheciam bem, por entre a fumarada.

— E' elle!

— Não é elle!

— O mal que fez foi não matar logo a aleivosa...

— Depois de matar el-rei, queria matar o Mestre.

— Ha de acabar mal.

— Saí d'esses paços abominados!

Verificando que era effectivamente o Mestre, muitos choravam de contentamento. E entre effusões de abraços e parabens, acclamado e levado em triumpho, o Mestre desceu á rua, encaminhando-se para o paço do Almirante, residencia do inchado vencido de Saltes, o conde Affonso Tello. As janellas enchiam-se de gente saudando-o, os sinos todos repicavam doidamente, porque Alvaro Paes tinha providenciado as cousas. A' porta do paço, no Rocio, vieram sobresaltadamente dizer ao Mestre:

— Acudi, que vão matar o bispo.

Mas o Tello, travando-lhe do braço e levando-o para dentro, observou:

— Deixal-o; não faltam bispos!

Era que Alvaro Paes e a sua gente, descendo de S. Martinho, logo alli cerca, tinham visto que as torres da Sé não repicavam, á maneira das outras egrejas. O bispo, que era castelhano, de Zamora, e, transferido de Silves para Lisboa, mantinha obediencia ao papa de Avinhão, mandára fechar as portas da egreja e estava lá dentro nas torres encastellado com o cabido. Arrombaram as portas, galgaram á torre. Cá de fóra, na praça, gritavam pelo bispo:

— Venha abaixo!... senão vamos nós lá.

E havia chufas e gargalhadas.

Effectivamente atiraram o bispo D. Martinho do alto da torre, depois atiraram o prior de Guimarães, depois atiraram o tabellião de Silves; e a cada um que caía despedaçado, eram vaias, eram clamores de delirio. Ao bispo despiram-n'o, e nú, com um baraço ás pernas, foi arrastado pela ralé até ao Rocio, onde um arauto improvisado lançou este pregão:

— Justiça que manda fazer Nosso Senhor o papa Urbano Sexto a este traidor scismatico e castellão, por não andar bem com a Santa Madre Egreja... [1]

D'esta fórma, a todos os motivos anteriores da revolução, juntava-se o motivo religioso. Castella era, como

---

[1] A Santa Madre Egreja absolveu o crime pelo breve do papa Urbano VI, de 2 de novembro do VIII anno do pontificado (1385) perdoando aos cidadãos de Lisboa João da Veiga, Silvestre Esteves, Estevam Affonso e seus sequazes as penas, porque «incendidos em zelo de devoção mataram os schismaticos Martinho, bispo que foi do Algarve, e Gonçalo Vaz, prior que foi da Egreja de Santa Maria de Guimarães, da diocese de Braga, que intentavam entregar a cidade de Lisboa nas mãos dos schismaticos, pela qual traição estavam escondidos nos tectos da egreja de Lisboa, d'onde os precipitaram no adro da mesma Egreja.» — Doc. em Freire de Oliveira, *Elem. para a historia do mun. de Lisboa*, I, 281. Cf. Sylva, *Mem. de D. João I*, IV n. 5.

sabemos, pelo papa francez de Avinhão; Portugal declarara-se pelo papa de Roma. A revolução tomava a côr de uma guerra santa.

Emquanto na praça a turba fazia as exequias ao bispo, no paço do Almirante, acabado o jantar, o Mestre, o Tello, e o conde Alvaro Pires de Castro, que se via já tio do futuro rei, com Ruy Pereira, ambos recem-chegados, conversavam sobre os casos do dia. Observava o Mestre que a rainha devia estar afflicta e sobresaltada, e todos concordavam em que era bom ir pedir-lhe perdão. Foram, mas, por cautela, armados.

Ella estava succumbida, sentada, com a cabeça sobre as mãos, apoiados os cotovellos nos joelhos, toda vestida de luto, chorando. Vendo-os entrar, não se conteve. Ergueu-se, e fusilando colera dos olhos avançou para elles interpellando-os:

— Que desmesura é agora essa?... Que entrada n'esta camara?... Pois havemos de todos nós reunir-nos em conselho?

Indicava o irmão, indicava o cunhado que lhe apparecia vermelho de sangue do amante, indicava o tio do infante D. João, presumptivo successor da corôa: involvia todos n'um olhar fatal, espantada com a idéa singular de juntos governarem o reino sobre os cadaveres, ainda quentes, do rei enterrado hontem, do valido morto hoje a cutiladas...

Elles não responderam. Houve um silencio. A rainha então, rindo nervosamente, observou-lhes:

— Vamos... Já que Deus assim o quer, ficae.

Fez-lhes signal para que se sentassem.

O conde Alvaro Pires, julgando-se alli a primeira pessoa, disse para o Mestre com ar protector:

— Dizei á rainha o porque aqui viestes... Depois fallaremos no resto.

Impassivel, Leonor Telles viu o Mestre ajoelhar perante ella:

— Senhora, só quem não erra, não tem de que pedir

perdão. Eu que vos faltei, venho imploral-o. Deus sabe que a minha tenção não foi offender-vos, nem pungir-vos; mas isto que eu fiz, succedeu ter de fazel-o em vossos paços... Perdoae-me, pois este homem que matei, matei-o por segurança da minha vida... E pelo matar em vossos paços vos peço que me perdoeis; não por outra cousa; pois a morte que lhe dei, Deus, sabedor de todas as cousas, bem sabe que, muito ha, elle a tinha merecido. Perdoae-me, pois; e se o quizerdes fazer, ainda me chegará Deus a tempo de vol-o pagar, cumprindo as vossas ordens e pondo-me ao vosso serviço...

A face larga e quadrada do Mestre, a sua face forte estava serena; e a bocca delgada e longa sobre a qual o nariz agudo esmagava o beiço, com uma expressão de intelligencia penetrante, movia-se apenas, ciciando as palavras ditas n'um tom monotono de melopea.

A rainha, immovel, não respondia uma palavra, a ponto de o conde Alvaro Pires, sempre importante e protector, observar:

— Que é isto, senhora? Não respondeis ao que o Mestre vos diz? Recusaes-lhe o perdão?... Entendo que disse bem. Não ha homem, por theudo que seja, que não erre. E quem erra, pede perdão. E pois que vol-o pede, deveis perdoar, mormente sendo filho de rei. E por fim o erro não foi agora tamanho, nem feito por má intenção, que elle não possa de futuro remil-o com os serviços que vos faça.

A rainha fitava-os quasi com escarneo. Respondeu ao conde com um olhar desdenhosamente ironico. E continuando calada, interveiu o irmão, o Tello, n'um rompante:

— Que cousa é esta? Porque não perdoaes ao Mestre? Diz o conde muito bem: deve-se perdão a todos; e elle é filho de rei; e ha de servir-nos com bons merecimentos... Vamos, acabae com isso: já é tempo.

Ella então, pausadamente, syllabando as palavras com escarneo amargo, disse:

— Mas para que é pedir perdão? E a que veem todas

estas fallas? Elle já se perdoou a si. E sois vós, meu irmão, que o reclamaes! Parece-me demasia dar-lhe o que já tem... Deixemo-nos d'isto... Tratemos de outras cousas... mais urgentes e interessantes.

O Mestre, erguendo-se, concordou:

— Se isso vos anoja, não se falle n'isso mais... Diga v. mercê...

— Fallemos, tornou a rainha, no que dizem de el-rei de Castella querer vir a este reino antes do tempo marcado nos tratados...

— Boa cousa é de se fallar, posto que já assaz tratada. Entendo que lhe deveis enviar recado para que o não faça; e elle, como homem de razão que é, não o fará desde que lh'o pedirdes.

— Supponhamos que lh'o peço, e elle se recusa a fazel-o.

— Em tal caso havia que juntar as vossas gentes e embargar-lhe á força a vinda.

A rainha soltou uma gargalhada franca:

— Oh que boa razão essa! Quando el-rei estava vivo, e vós todos com elle, não o podestes fazer. Agora que elle morreu, e toda a esperança está soterrada na sua cova...

Ria, ria, soltamente, a rainha.

O conde Alvaro Pires, homem grave e cheio de si, offendido, disse para o Mestre:

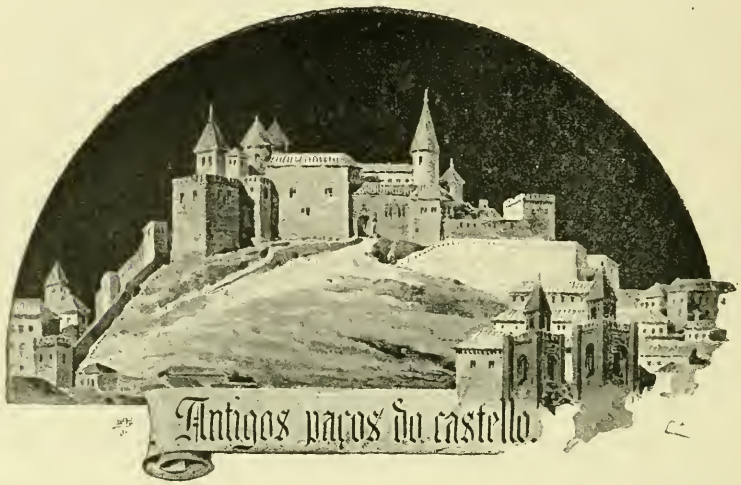
— Vamo-nos: vejo que não agradam aqui as palavras que proferimos.

Saíram.

A rainha, pensativa outra vez, seguia-os a distancia, automaticamente, arrastando os seus véus de luto, com o indicador curvado sobre os labios, na cabeça pendida para diante. De repente, estacou perante um vulto negro atravessado no chão sobre poças de sangue coalhado: era o cadaver do Andeiro, coberto com uma manta. Estacou; e soltando os braços, desfazendo os cabellos, avançando como louca, para os fidalgos que saíam, rugia como leôa a quem roubaram o ninho:

— Santa Maria! Santa Maria!... que medonha cruel-

dade!... E não tendes dó d'esse homem morto com tamanha vilania!... Era fidalgo como vós!... Apiedae-vos!... Enterrae-o sequer... dae-lhe uma cova ao menos...



(Do mappa de Lisboa, na Viagem de Filippe II, de Lavanha.)

Os fidalgos, tendo parado um momento, viraram costas, encolhendo os hombros. O Tello, homem decidido, mudava de rumo, reconhecendo que a irmã já lhe não podia ser boa. O conde Alvaro Pires ajustava sentenças graves, encobrindo a esperança de se ver tio do rei futuro. O mestre de Aviz, sereno, calculava as probabilidades do resultado do dia.

Debruçada sobre o cadaver, a rainha chorava francamente. A' noite mandou-o enterrar a furto na egreja de S. Martinho, paredes meias com o paço, e mudou de residencia para a Alcaçova, no castello [1].

---

[1] Lopes, *Chron.*, x a xiv.

*

Lisboa estava anarchisada. Os artifices tinham posto de lado a ferramenta e andavam em bandos, excitados, discutindo a cousa publica. A fallacia substituia o trabalho, e a ociosidade alimentava o odio contra quem quer que não adherisse ao movimento. Cada qual tinha a sua idéa e dava a sua sentença. Entregar o reino ao castelhano, não! A D. Leonor, nunca! Ao infante D. João? sim; mas como resgatal-o da prisão de Toledo? Ao mestre de Aviz, então?...

— *Hum... m...* Havia duvidas. Não estavam preparados para essa surpreza; mas a idéa começava a germinar.

O melhor era deixar seguir o curso das cousas e ver o que saía d'essa agitação anarchica. A ociosidade e o orgulho de se verem arbitros dos destinos do reino, com o poder nas mãos, dava-lhes coragem para investirem contra os unicos capitalistas do tempo, os judeus, cujo dinheiro era uma tentação, e cujo rei, D. David Negro, antigo thesoureiro-mór de D. Fernando, e seu privado, possuia em Lisboa fartos bens. Saquear-lh'os, traria a abundancia a todos: ao Mestre, e a elles.

Os judeus, ameaçados, correram a pedir protecção ao Mestre que lhes respondeu:

— Vão ter com a rainha!

Mas afinal, sem ser ainda rei, nem regente, nem cousa alguma, inclinando já para a direita, lançou um pregão em seu nome, prohibindo assaltar os judeus. Esta primeira usurpação de poder despegou muitas lingoas.

— Tomemos este homem por senhor, e alcemol-o a rei... diziam, quando elle passava nas ruas, montado na sua mula negra, distribuindo cortezias e carinhos á gente que se amontoava, seguindo-o.

O principio da legitimidade, religioso para a aristocracia, na qual se conservavam as velhas crenças familiaes e consanguineas, não estava ainda enraizado no sentimento popular, como depois foi. Rei, queria dizer chefe e defensor. As idéas politicas eram espontaneamente democraticas.

Ouvindo-se acclamado, o Mestre «fechava-se a sorrir» [1] pensando comsigo que as cousas se encaminhavam no sentido d'aquella vaga esperança que largo tempo lhe andára sacudindo a ambição. Sem atrevimento decidido para definir o seu pensamento quasi inconsciente, medindo com lucidez os riscos da aventura, deixava-se ir «louvando muito a Deos em seu coração, que tal desejo punha no povo». [2]

A rainha, entretanto, no seu paço da Alcaçova, ia deixando correr os dias, esperando o momento da vingança infallivel que viria com o castelhano. Duas semanas tinham passado, depois do funesto dia 6, e n'esse prazo, serenado o animo, dissimulando o odio pela cidade que outra vez a repellia, pelo Mestre que se tornara o seu algoz, tramava de novo a fugida, preparando a sua segunda hegira. De madrugada, um dia, [3] subitamente partiram n'um galope até Alverca, e d'alli a Alemquer, logar forte de que tinha o commando Gonçalo Mendes. Ao receber a rainha, quando se apeava da sua mula, disse-lhe este:

— Minha senhora: agora entendo eu bem que estaes segura... em Lisboa, não. [4]

Ella sorriu, agradecendo. Em Alemquer passou o Natal, e dias depois partiu para Santarem, [2] a esperar a filha e o genro.

Com a rainha tinham saido de Lisboa póde dizer-se todos, incluindo os assassinos do Andeiro, salvo Ruy Pereira. O Tello, dando outra vez balanço ás cousas, voltára-se de novo para a irmã. Vasco Pires de Camões

---

1 Lopes, *Chron.* XV.

2 *Ibid.*

3 15 de dezembro.

4 Lopes, *Chron.*, XVII, XVIII.

ficava guardando Alemquer. Gonçalo Vasques tinha a alcaidaria de Santarem. Iam com a rainha, além de seus irmãos, os condes D. Affonso Tello e D. Gonçalo, o almirante micer Lançarote Pessanha, João Affonso Pimentel, João Gonsalves, de Obidos, o mestre de Santiago, os Tavoras, Ayres Vasques, de Alvalade, o anadel-mór João Gonsalves: toda a fidalguia; mais o corregedor Gil Eannes, o veador da fazenda; mais os da casa do desembargo; mais finalmente os judeus grados de ambas as judiarias de Lisboa, uma na Alfama, outra á Conceição-velha, [1] capitaneados pelo thesoureiro d'el-rei D. Fernando. Tinham arrancado a rodela, a estrella, ou a meia lua de panno vermelho [2] para não serem reconhecidos; e D. Judas disfarçara-se em pagem com uma lança na mão e na cabeça um barrete. [3] Toda essa fina-flor da sociedade sommava pouquissima gente, como é natural. [4] Formavam um breve cortejo á rainha que o presidia, montada na sua mula, involvida toda n'um manto negro que lhe tapava o rosto e caia de ambos os lados até ao chão, cobrindo as ilhargas do animal. Em Santarem, foi hospedar-se para casa do alcaide, o Tello para a Alcaçova; e D. Gonçalo, sabendo como o rei de Castella passara a fronteira, partiu logo para Coimbra, a esperal-o.

Com a fugida da rainha, a situação de Lisboa e do Mestre simplificava-se, mas não se póde dizer que melhorasse. O plano do Mestre era, segundo se vê claramente, levar a rainha a oppôr-se á invasão castelhana, governando elle de facto o reino. Mais tarde, o tempo diria o que era possivel. Os politicos, geralmente, não teem planos de largo alcance: teem o instincto de um destino e a decisão immediata. Mas a fuga da rainha transtornava esta decisão; e o Mestre via-se isolado á frente da turba de Lisboa,

---

1 Oliveira, *Elem.* etc. I, 299.

2 *Ibid.* 297.

3 Lopes, *Chron.*, XVII.

4 Lopes, *Chron.* XXXI.

sem ter no reino quem o seguisse, sem poder, nem querer declarar-se, com a hostilidade de todos os elementos conservadores, com a antipathia do sentimento legitimista: sem ter, sequer, na propria Lisboa, o castello que continuava a reconhecer a auctoridade da rainha. E o rei de Castella estava a entrar em Portugal...

Via-se perdido, dissipada em vento a vaga esperança; via-se ridiculo, tomado por um ambicioso vulgar; via-se captivo d'essa plebe impotente e desvairada que o acclamava, acclamando a grosseria dos seus proprios desejos... No rio estava a levantar ferro uma nau, de viagem para Inglaterra: o melhor era partir, fugir, dando costas aos seus sonhos mallogrados.

Alguem foi contar a decisão a Alvaro Paes, e este pulou de colera e susto. Perdido o Mestre, estava elle perdido, e apavorava-o a idéa de bailar n'um patibulo com as pernas tropegas. Nos momentos crueis de angustia, quando o medo ennegrecia os ares, essa gente simples valia-se da protecção dos oraculos e dos calmantes da superstição. Entre os santões milagreiros que ao tempo havia em Lisboa, os emparedados tinham a preferencia. Havia pelo menos tres, sustentados pelo concelho, e que eram objecto da veneração unanime: Margarida Annes, Maria Esteves [1] e um fr. João que chamavam da Barroca, do logar onde se installara.

Corria assim a historia: era castelhano e vivia em Jerusalem emparedado n'um muro, quando uma visão lhe disse que descesse a Jaffa, onde encontraria nau prestes a trazel-o a Lisboa. Saiu da cella, embarcou, e chegando ao anoitecer, pediu que o levassem a uma alta barroca em frente da porta de Santa Catharina, já fóra dos novos muros da cidade; [2] havia ahi uma pequena casa que se murou, deixando aberta apenas uma fresta por onde lhe davam de comer.

---

[1] Lopes, *Chron.* I.I.

[2] Ainda hoje existe, no bairro-alto, a rua da Barroca.

Tinha fama de santo e fazia muitos milagres, o emparedado da Barroca. Alvaro Paes convenceu o Mestre a il-o consultar, o que este fez convictamente. Dissuadiu-o o emparedado do proposito da fuga. Ficasse. Confiasse em Deus. Tivesse coragem e proseguisse, começando por tomar o castello. Deu-lhe até o risco de um artificio, uma *gata*, engenho com que bateria a muralha. [1] O mestre de Aviz saiu d'alli confortado, e abandonou a tentação de emigrar. Lisboa pertencia-lhe; por ella jogaria a vida.

Alvaro Paes era quem n'esses dias o conduzia. O seu genio astuto transparece em todas as decisões, destinadas a congraçar a revolução com os dois partidos nacionaes: a rainha, e o infante D. João, candidato ao throno. Mandaram a Toledo um enviado a dizer que tudo quanto em Lisboa se fazia era por elle; e o infante deu em resposta que proseguissem, pois só assim, depois de acclamado rei, poderia ser solto. Com o mensageiro veiu para o Mestre o primeiro marido da rainha, João Lourenço da Cunha, o das hastes de ouro. Mentira ou verdade, a noticia d'esta embaixada trazia muitos para o Mestre, cuidando que trabalhavam pelo infante D. João [2]. Por outro lado, Alvaro Paes foi, em pessoa, a Alemquer, pedir á rainha a sua mão para o Mestre, a quem tinha convencido facilmente da opportunidade do acto.

Alvaro Paes levara comsigo Alvaro Gonsalves Camello, o que depois succedeu no priorado do Hospital a Pedr'alvares. A rainha nem sequer lhes deu resposta; mandou-os sair em paz, porque não chegára ainda a hora do ajuste de contas; mas, promettendo-o, dizia para os seus:

— De Lisboa não quero outra cousa senão o bacinete e a cota de Alvaro Paes...

— Que armas preciosas são essas? perguntava o Tello.

— Não ha dinheiro que m'as pague...

O bacinete do Paes era a sua calva luzidia.

---

[1] Lopes, *Chron.*, XXI a XXV.

[2] *Ibid.* XXIX.

Quando esta conversa lhe chegou aos ouvidos, o ex-chanceller, vendo o amor que a rainha lhe tinha á cabeça, largou de Alemquer a unhas de cavallo. O Tello, impando, commentava:

— Bem vejo como Castella é contra Portugal, e Portugal contra si mesmo... Devia entender que tal sandice, qual levantam dois sapateiros e dois alfayates, querendo tomar o Mestre por senhor, não é cousa para ir por diante!... [1]

Feliz, cruzava as mãos sobre o estomago cheio, aquecido com a idéa de que o castelhano batia á porta. A irmã escrevera ao rei de Castella, já de Santarem, entregando-se-lhe á discreção [2]. Escrevera-lhe para a Guarda, cujo bispo, confessor de D. Beatriz, lhe abrira as portas. Passára o rei a fronteira com uma simples escolta de trinta lanças, nos primeiros dias de janeiro. A' Guarda chegaram logo, porém, as quinhentas lanças do conde de Mayorca, pequeno exercito de dois ou tres mil homens [3]. Dos Mellos, poderosos fidalgos da Beira, Martim Affonso, o companheiro de infancia de Nun'alvares, senhor de Celorico e Linhares, e que mais tarde seria o braço direito do futuro condestavel, apressou-se a ir prestar homenagem ao rei de Castella; contra a opinião de Vasco Martins que se absteve. Trancoso não se entregou [4]. Miranda deu-a o conde de Vianna [5]. A adhesão não era unanime. O particularismo portuguez encontrava na infracção dos tratados um motivo bastante para basear a resistencia, ou pelo menos a abstenção. Estes symptomas repetiram-se durante a jornada até Santarem. Coimbra, onde estava já o conde de Neiva, irmão da rainha Leonor, com seu tio Gonçalo Mendes de

---

[1] Lopes, *Chron.*, XXVI.

[2] Lopes, *Chron.*, LXII. V. a carta, janeiro 1384, em Lozano, *Reyes nuevos de Toledo*, III, 7; trad. por Santos, *Mon. lusit.*, VIII; 23, 8.

[3] Sandoval. *Aljubarrota.*

[4] Lopes, *Chron.* LVII a LX.

[5] *Ibid.* LXIII.

Vasconcellos, cerrou as portas á passagem. Em Thomar o mestre de Christo, Lopo Dias de Sousa, fez outro tanto.

Com o resultado da embaixada de Alvaro Paes a Alemquer, os animos em Lisboa tinham subido a uma tal excitação que obrigava a sair immediatamente, do terreno dubio e indeciso das combinações, para os actos decisivamente revolucionarios. Açulado, o povo reunia-se no Rocio, junto a S. Domingos, *ágora* d'esta Athenas occidental, e acclamava o Mestre «Defensor e Regedor do reino.» Eram os alfayates e sapateiros de que ria o Tello, a arraya-miuda de Lisboa, perante quem o mestre de Aviz fôra contar como quizera saír do reino, como ficára por ser instado, insistindo sobre a passividade do seu proceder com a sua perfeita habilidade de demagogo, sabedor de que a plebe, para ser mandada, carece de acreditar que manda e tem um servo no seu tyranno. No dia seguinte, escoltado pela turba, o mestre de Aviz apresentou-se á camara do concelho, para dizer como fôra acclamado na vespera defensor e regedor do reino; mas a burguezia lisbonense, cautelosa, hesitante, temia-se da aventura. Ninguem erguia a voz, segredavam aos ouvidos, relembravam os casos anteriores, as vinganças da rainha, quando fôra a revolta pelo seu casamento. Fóra, porém, o povo gritava e invadia a sala. Ia á frente o tanoeiro Affonso Eannes que, já na vespera, em S. Domingos, se evidenciára. Pondo a mão nos copos da espada que tinha á cinta, plebeamente, interpellava os do concelho:

— Que estaes vós outros assim cuidando, que não outorgaes o que outorgaram quantos aqui estão?... Tinha que ver!... Ainda duvidaes tomar o Mestre por defensor e regedor, que tome o cargo de defender esta cidade e a vósoutros? Parece que não sois portuguezes.

E como ninguem respondesse, continuou:

— Que estaes fazendo?... Quereis, ou não quereis, outorgar o que vos dizem?... N'isto eu não aventuro mais do que esta goela; e quem não quizer ir comnosco pagal-o-ha pela sua, antes que nos vamos d'aqui...

Esta ameaça, provocando um trovão de applausos, decidiu o concelho, e o Mestre foi proclamado regedor e defensor do reino, desapossando a rainha do titulo que adoptára ao enviuvar [1]. Constituiu-se logo o governo. Era chanceller-mór o doutor João das Regras, que no anno anterior voltára das escolas da Italia, e a isso, e a ser enteado de Alvaro Paes, devia a importancia. Ladeavam o doutor, primeiro, o arcebispo de Braga, D. Lourenço, com quem travaremos, a seu tempo, conhecimento mais estreito; e João Affonso d'Azambuja, João d'Azambuja, ou João Esteves d'Azambuja, clerigo, da creação do mestre d'Aviz e seu amigo de infancia, sobrinho do alcaide-mór de Lisboa, João Esteves, o *privado*, que devera a alcunha ao valimento com os reis D. Pedro e D. Fernando. A revolução, incipiente, levantal-o-hia ás maximas dignidades: bispo de Silves, do Porto, de Coimbra, acabou cardeal de S. Pedro *ad vincula*, em 1411 [2]. Depois, era o primo do futuro cardeal, Lourenço Esteves, filho do *privado;* depois, o licenciado João Gil; depois, o doutor Martim Affonso da Maia [3], Ruy Pereira, tio de Nun'alvares, Alvaro Paes e Alvaro Vaz de Goes [4]. Era tudo gente nova, do clero e da burguezia letrada, que subia ao poder com a revolução: fidalgos, homens de armas, não havia quasi. Para a thesouraria foi um inglez, micer Percival, occupar o logar de D. Judas, fugido com a rainha. Lopo Martins teve a corregedoria; e o Torrado o almoxarifado das casas e tendas [5]. Para sanccionar o poder dos auctores da revolução e galardoar o serviço dos artifices, instituiu-se a casa dos Vinte-e-quatro, com dois homens de cada mister [6], conselho novo de deputados

---

1 16 dezembro 1421-1383. — Cf. J. P. Ribeiro, *Diss. Chron. e crit.*, II, 207; Lopes, *Chron.*, XXVII.

2 Sylva, *Mem. de D. João I*, II, 93.

3 Lopes, *Chron.*, XXVIII.

4 *Chron. do Condestabre*, XX.

5 *Ibid.*

6 «Faziam os Vinte e quatro do povo as suas sessões em casa pro-

do trabalho, posto ao lado da vereação antiga, representante archaica dos collegios populares de anciãos: para assignalar tambem, com esta assumpção, o caracter democratico dos tempos novos. Affonso Eannes era juiz do povo. Fez-se uma bandeira nova, em que o Mestre juntou, aos castellos velhos de Portugal, a cruz de Christo [1], signo que levaria o nome portuguez pelos mares e terras do globo inteiro. Na haste d'essa bandeira via-se pintada a imagem do infante D. João, preso, com cadeias ao pescoço [2]. Continuava o equivoco, explorava-se a lealdade.

Já o Mestre estava eleito, quando chegaram enviados com cartas da rainha. Elle recebeu-as em publico, e, sem as lêr, rasgou-as, no meio das acclamações populares [3]. Valia-se de todos os meios com uma arte perfeita. Soltava as velas do barco da sua aventura, incerto ainda da derrota, e sobretudo ignorante de quantas e que enormes e gloriosas consequencias preparavam os acontecimentos mesquinhos dos ultimos dias. Muitos emigravam para Alemquer com medo, levando quanto podiam, escondendo o resto. As cobiças andavam accesas, e Alvaro Paes, com a sua experiencia manhosa, aconselhava o Mestre:

— Senhor, fazei por esta guiza: dae aquillo que vosso não é; e promettei o que não tendes, e perdoae a quem

---

pria que tinham no Rocio d'esta côrte, junto á Egreja do Hospital de Todos os Santos... e n'ella se achava, entre outras muitas pinturas, um retabulo com o retrato do Sr. Rei D. João I, de gloriosa memoria, e nelle um letreiro que declarava ter sido o dito Senhor o fundador do tribunal da casa dos Vinte e quatro, cuja fundação fez no anno de 1422, concedendo logo muitos e grandes privilegios, e nomeando para primeiro juiz do povo Affonso Annes, do officio de tanoeiro». — *Liv. de Reg. da Casa dos Vinte e Quatro*, II, fol. 1. ap. Oliveira, *Elem.* etc. I, 283.

[1] Lopes, *Chron.*, XXVIII.

[2] «E' ficieron facer un pendon á Quinas de Portugal, é en la vara del pendon era pintado el infante Don Juan, como estaba preso, en cadenas». — Ayala, *Chron.*

[3] Lopes, *Chron.* XXVIII.

vos não faltou... Ser-vos-ha de grande ajuda n'este negocio em que sois posto.

O Mestre seguia pontualmente o conselho, perdoando tudo, dando tudo, promettendo tudo. Todos os crimes commettidos até ao dia fatidico da morte do Andeiro foram amnistiados; todos os bens dos fugidos de Lisboa foram confiscados. Assim succedeu com o thesouro do Tello, escondido pela condessa nos sotãos de S. Domingos [1]. Foi repartido. Era uma razzia geral. Dos confiscos, os denunciantes, ou aprehensores, tinham o quinto. Os vencedores impavam. Mas nem com isso o thesouro se enchia, nem se acudia ás necessidades da defeza, imminente como estava a guerra.

Todas as artes, todas as praticas, todos os expedientes das situações criticas appareciam naturalmente; mas não se via esse calor enthusiasta das revoluções destinadas a vingar, nem a fé que levanta montanhas. Era um formigueiro de politicos, mais ou menos habeis, capazes de se defenderem, incapazes de arrastar comsigo um povo em direcção nitidamente definida. Faltava á revolução um braço, e ao Messias de Lisboa um S. Paulo.

* * *

Deixámos Nun'alvares em Santarem, oscillando entre o desanimo, provocado pela renuncia do mestre de Aviz a lançar-se na revolução, e o desejo de trazer o irmão para si, quando o viu convidado pelas cartas da rainha, recebidas em Pontevel. Dormiam os irmãos no mosteiro de Santa Maria de Palhaes [2]. N'esse ponto incomparavel

---

[1] Lopes, *Chron.*, XXVIII.

[2] *Chron. do Condestabre*, XVII

de Portugal, com o Tejo alastrado diante dos olhos, com as linhas de salgueiros e faias cortando os horisontes largos, com os montes distantes limitando amplamente a paysagem, scenario feito para alargar os corações mais pequenos, retemperavam-se as forças d'aquelle que aspirava a pôl-as todas ao serviço da sua patria. Cheia a idéa com as visões da infancia, enchia-se tambem com as impressões d'essa allucinação que a paysagem creadora accorda nas almas sensiveis. Longas horas, largas tardes, consumia, perdendo-se pelos desvios da planicie que margina o Tejo; e de uma vez, ao tornar a casa, reparou n'uma espada muito guarnecida que em Santa Iria, na Ribeira, um alfageme tinha exposta [1]. Parou, olhou... Subitamente lhe acudiram á idéa as lembranças de Galaaz e da sua espada milagrosa, cravada por Merlim n'uma penha, com a bainha fluctuando no ar. A espada do melhor cavalleiro! só elle poderia saccal-a da rocha!... Lançarote desistira, Galvão tambem; mas quando o rei Arthur levou Galaaz, acompanhado pela rainha e por toda a Tavola Redonda, o cavalleiro saccou sem custo a espada e a bainha...

E Nun'alvares mirava a espada do alfageme.

Lembrava-se do que a donzella dissera ao rei Arthur:

— Sabei que esta espada, tão formosa e tão limpa, será toda tinta de sangue quente e vermelho, tanto que a tiver na mão aquelle que fará a maravilha...

E via a espada tingir-se de vermelho, escorrendo sangue... Adiantou um passo, entrou na venda:

— Alfageme, formosa espada é esta... Quereria que assim corregesses a minha. Pódes?

— Melhor ainda; mandae ámanhã por ella.

Essa noite levou Nun'alvares a sonhar com a espada de Merlim e com o escudo branco milagroso, de detraz

---

[1] Sobre este episodio compoz Garrett a fabula do seu *Alfageme de Santarem*.

do altar, que ahi deixara el-rei Bandemagur, ferido no encontro com o cavalleiro: o escudo de Galaaz! Josepho, o filho de José de Arimathea, dera como talisman ao rei Evalac, da cidade de Sarag, um cendal branco com a cruz vermelha; pregou-o o rei no escudo, e viu Christo cravado de pés e mãos a gottejar sangue. E venceu os inimigos. A cruz vermelha era de sangue, sempre fresco, sempre vermelho...

Quando, no dia seguinte, Nun'alvares foi pela sua espada e a viu, pasmou. Não a reconhecia, tão bella estava! A folha era a mesma, tres dedos de largura; mas cegava de brilhante: parecia de fogo! De um lado tinha a marca do alfageme: uma cruz, com uma estrella na extremidade da haste maior e a legenda:

Excelsus super omnes gentes, Dominus;

do opposto tinha a cruz floreteada dos Alvares, enlaçada em letras que diziam:

Dom Nuno Alves

e por cima o santo nome de

Maria [1]

Nun'alvares empunhava-a com amor. Crescia-lhe a fé em si proprio, mirando-se na sua espada. O alfageme namorava-o, encantado com essa ingenuidade heroica...

— Quanto devo, alfageme?

— Senhor, respondeu elle rendido, eu por agora não quero de vós nenhuma paga... Ide muito embora; por aqui tornareis conde de Ourem: então me pagareis.

— Não me chames senhor, porque o não sou: quero que vos paguem bem...

— Senhor, eu vos digo verdade, e assim será cedo. [2]

---

[1] Sant'Anna, *Chron. Carm.*, III, § 1045,6.

[2] *Chron. do Condestabre*, XVII; Lopes, *Chron.*, XXXV I.

Inutil a insistencia, Nun'alvares recolheu orgulhoso com o seu thesouro — a espada de Merlim! — mas scismando no dizer do alfageme:

— Conde de Ourem... o Andeiro...

Ennovelavam-se-lhe na idéa pensamentos confusos, sem atinar com a chave do enygma, perdendo-se em conjecturas, quando, ao chegar a casa, soube a grande nova: o mestre de Aviz assassinara em Lisboa o Andeiro! Cumpriam-se os destinos! O alfageme sabia-o de certo já...

Fóra de si, exaltado, correu ao irmão prior:

— Isto é obra de Deus que se lembra de nós... Em Lisboa levantam o Mestre por defensor do reino contra Castella... Por mercê, peço, rogo, imploro: vinde para o Mestre... Ajudemol-o a defender o reino...

Reservado, Pedr'alvares respondia:

— Cousa perigosa e muito mau principio... D'ahi virão grandes damnos... Não tem sizo quem pensa que tal feito ha de ir adiante...

— Não é mal, não; tornava Nun'alvares. O Mestre tinha a vingar a honra d'el-rei seu irmão, e a defender o reino que seus avós com grande trabalho ganharam. Portugal sempre foi reino isento para si, e não é razão de o deixar de ser agora.

— Tal cousa não é para fallar, acudiu Pedr'alvares com preoccupação; pois Portugal não está em ponto de se defender de rei tão poderoso como o de Castella; e de mais, com a maior parte de Portugal que lhe dá homenagem, segundo os tratados...

— Essas menagens não são de guardar, pois se el-rei quebra os tratados, todos os fidalgos podem ser com o Mestre, sem vergonha. Juntam-se mil homens de armas com basta peonagem: podemos dar batalha... Mais vale que o Mestre combata, do que ficarmos sujeitos aos castelhanos que usarão de nós a seu livre talante.

A loucura de Nun'alvares mostrava ser a summa sabedoria. Só a audacia, em certos momentos, é acertada. Não sabendo que responder, o irmão enfadou-se:

— As cousas não estão para obras d'essas... Não fallemos portanto em taes historias [1].

Nun'alvares, convencido que era inutil teimar, appellou para o outro irmão, Diog'alvares, e resolveu-o a largarem ambos para Lisboa; mas Diogo, tendo o prior, da Gollegã, seguido para leste, á sua fronteria de Portalegre, arrependeu-se, deixando Nun'alvares em Pontevel só, para ir ter com o irmão mais velho [2]. Vendo-se abandonado pelos irmãos, chamou a gente que trazia e fallou-lhes com a eloquencia espontanea, forte e simples, bordada em parabolas expressivas: o dom do verbo que a sua fé lhe punha nos labios:

— Amigos, quero contar-vos um grande e secreto feito que trago em meu coração... E' isto. Vejo diante de mim um poço enorme, profundissimo, todo trévas. Diz-me a razão que homem que lá salte, não escapa: salvo por grande milagre e mercê de Deus... E todavia o coração diz-me que não posso deixar de saltar... Ha já dias que sois meus companheiros, tendo provado o vosso bom desejo ácerca dos meus actos: é necessario que vos mostre para onde vamos... Eu quero dar o salto: quem quizer saltar comigo, tel-o-hei em grande bem e estremado serviço. Quem não quizer, largue; e faça de si o que mais lhe aprouver...

— Nun'alvares, respondeu timidamente um, bem sabeis que somos vossos; mas isto de que nos fallaes é assim escuro e tão mau de entender, que nenhum de nós sabe que vos responda... Explicae melhor, e então responderemos.

— Amigos, o poço fundo e escuro que tenho diante dos olhos é a grande demanda do Mestre contra el-rei de Castella, para a defeza do reino. Quem n'ella entrar, arrisca tudo; nem é de crer que escape senão por graça de Deus.

---

[1] Lopes, *Chron.* XXXVII; *Chron. do Condestabre*, XVII.

[2] *Chron. do Condestabre*, XVIII.

Eu vou para o Mestre: por isso agora vos pergunto se vos convem acompanhar-me.

— Nun'alvares, somos vossos. Onde fordes, iremos: onde quer que seja, por vossa honra e proveito, promptos a dar o corpo e a vida em vosso serviço [1].

Nun'alvares abraçou-os a todos, com lagrimas de gratidão nos olhos. Estava formado o nucleo do exercito que havia de vencer Aljubarrota; e das ruinas da nação portugueza brotava uma flor nova, cheia de viço e pujança. Mal sonhava o Mestre, debatendo-se com os politicos de Lisboa, que em Pontevel, áquella hora, lhe nascia a alvorada da victoria! E' que, entre os dois processos que ha para levar as almas de homens, sempre indecisas entre a luz e a sombra: o de as levantar pela franqueza forte, e o de as vencer pela astucia habil, o primeiro é incomparavelmente mais efficaz, nos momentos de crise profunda como aquelle a que Portugal chegára...

Seguiram pela estrada de Lisboa, estava a rainha ainda em Alemquer. Podia prendel-os, mas deixou-os passar: tão seguro tinha o exito. Pernoitaram em Alverca, dormindo armados, com os cavallos sellados, decididos antes a morrer, do que a deixarem-se prender [2]. Na manhã seguinte, continuaram a marcha, e a rainha, em Alemquer, sabendo que passavam, dizia:

— Viste nunca tal sandice do Nuno que eu criei tamanino! Deixou o prior, seu irmão, com quem ia, e agora vae-se a Lisboa, para o Mestre... [3].

Entraram na cidade, e o mestre de Aviz, exultando de contentamento por ver a seu lado uma espada, collocou logo Nun'alvares no conselho.

Dias depois chegava a Lisboa, tambem, Iria Gonsalves, vinda de Castella, por via de Portalegre, com recado do

---

[1] Lopes, *Chron.*, XXXVIII.
[2] *Chron. do Condestabre*, XVIII.
[3] *Ibid.*, LX.

rei e do prior para dissuadir Nun'alvares da loucura em que se embarcara. Sabendo da sua chegada, o filho foi vêr a mãe [1]. Prometteu-lhe ella o condado de Viaña e terras e rendas: quanto quizesse. Estava auctorisada a fazel-o. Pelo amor de Deus, pelo amor por ella, não persistisse em similhante loucura!

— Deus não queira, respondeu Nun'alvares gravemente, que por dadivas e largas promessas, eu vá contra a terra que me creou. Por ella darei os meus dias e derramarei o meu sangue.

A mãe, piedosa como era, comprehendeu a religião do filho. Fitou com um olhar de candida vaidade o fructo das suas entranhas, e disse-lhe:

— Filho, rogo-vos e encommendo-vos, pela minha benção, que, pois escolhestes o Mestre para o servir, o sirvaes verdadeiramente e não vos aparteis nunca d'elle, em caso algum... E eu farei que venha para vós Fernand'alvares, vosso irmão, de companheiro.

E partiu para levar a resposta a Portalegre, e trazer Fernand'alvares que entregou ao irmão [2].

Debatia-se então em Lisboa o caminho a seguir nas circumstancias cada dia mais graves. Outra vez surgia a idéa de que o Mestre não esperasse pelo rei de Castella; que embarcasse para Inglaterra, d'onde voltaria com gente e armas para conquistar o reino. Era o caminho dos tibios; mas Nun'alvares, arrastando comsigo Ruy Pereira, João das Regras, Alvaro Paes, e outros, votava pela acção immediata e energica: o assalto do castello de Lisboa, a occupação fronteira de Almada, e um reconhecimento contra Alemquer, d'onde a rainha partira já para Santarem. Primeiro, o castello.

— Não se anoje v. mercê, dizia Nun'alvares ao Mestre. Deus que vos deu a cidade, vos dará o castello.

---

[1] Lopes, *Chron.* XXXIX.

[2] *Chron. do Condestabre*, XIX.

A sua mocidade rejuvenescia o proximo; a sua fé aquecia os tibios. O Mestre, agora crente e alegre, sentia em si uma alma nova. Nun'alvares era para elle tudo: o futuro, a esperança... Tanto, que essa amisade já provocava despeitos e invejas, de que o futuro condestavel porém ria abertamente. Não havia no seu peito logar para mesquinharias, que só cabem nas almas pequenas. Conspirava-se já na sombra: elle desmanchava as tramas com gargalhadas, e proseguia, forte, alegre, crente, sempre egual no meio dos perigos que o não assoberbavam, porque o medo sómente invade as consciencias confusas.

E concordando o Mestre, Nun'alvares houve o castello com ameaças: não foi mister disparar um tiro [1]. Dois dias depois, no primeiro do anno novo, foram ambos, o Mestre e Nun'alvares, e tomaram posse de Almada [2]. Immediatamente largaram contra Alemquer, com duzentas ou trezentas lanças, mas a aproximação de um esquadrão de castelhanos, vindos de Santarem, onde chegára [3] o rei, levantou um panico. Assim mesmo, por isso mesmo, Nun'alvares queria dar assalto; mas o Mestre receiou e retirou com o resto das forças [4].

Entretanto, o echo da revolução de Lisboa soára por todo o reino, acordando as energias entorpecidas: acordando-as de um modo anarchico e sanguinario. Por toda a parte, a arraya-meuda via no *mexias de Lisboa* um redemptor, desenfreando-se quando podia, umas vezes com o motivo, outras com o pretexto, de que os grandes queriam, como queriam effectivamente, entregar o reino a Castella. Ao labeu de traidores juntavam o de schismaticos, contra as classes dirigentes. A guerra era ao mesmo tempo patriotica, social, e religiosa. Amotinadas, as plebes, em

---

[1] 30 dezembro, 1383; Lopes, *Chron.*, XLI e II; *Chron. do Condestabre*, XX.

[2] Lopes, *Chron.*, LII.

[3] 13 de janeiro, 1384.

[4] Lopes, *Chron.*, XLII, V.

Beja, quando chegaram as cartas da rainha, mandando acolher de braços abertos os castelhanos, tomaram á força d'armas o castello; e o alcaide, Gonçalo Vasques de Mello, para salvar a vida, teve de fugir. Mais infeliz, o almirante Pessanha, que foram prender a Ourique, morreu no castello assassinado [1]. Assim caíram tambem os castellos de Estremoz e de Portalegre, onde Pedr'alvares tinha a séde da sua fronteira. Em Estremoz, os sitiantes levaram diante de si as mulheres e os filhos dos cercados, para serem por elles victimados, se resistissem [2]. Em Evora, a revolução tinha por chefes um cabreiro e um alfayate, seguidos por uma turba avinhada, que foi ao convento de S. Bento; e como a abbadessa lhes chamasse bebados, invadiram a egreja, o côro, as cellas, trazendo a abbadessa, que para se defender tomára o calix do altar, para o meio da egreja, despindo-a, e expondo-a nua pelas ruas, matando-a ás cutiladas [3]. O Alemtejo era o baluarte da revolução. No norte, só o Porto proclamára o mestre de Aviz; e um que se recusára a levar a bandeira, quando acclamavam o Regedor do reino, foi feito em pedaços [4]. O centro do reino não bolia: apenas em Penella o povo tinha trucidado o conde de Vianna, João Affonso Tello, primo da rainha.

A gente avisada, a gente de juizo, considerava uma loucura criminosa o que succedia em Lisboa. Os roubos, os assassinatos, a anarchia e o ridiculo affastavam-n'os do *mexias*, com razão, porque essas cousas são sempre más e repugnantes; sem ella, porque os movimentos profundos das sociedades importarão sempre taes desvios, emquanto a razão humana não tiver o alcance de uma força collectiva — o que provavelmente será nunca!

Por isso, quando todos viam tudo perdido, é que tudo

---

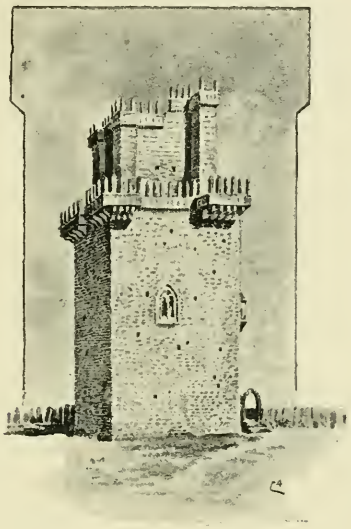
1 Lopes, XLIII.

2 *Ibid.*, XLIV.

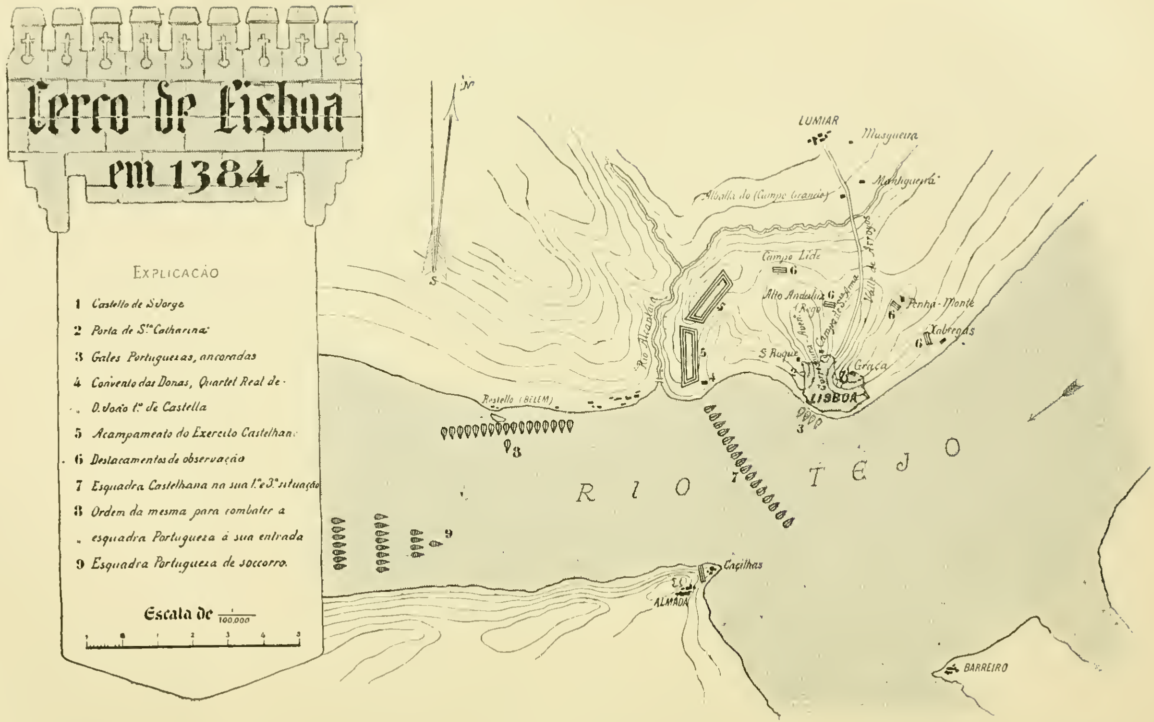
3 11 de janeiro. *Ibid.*, XLV.

4 *Ibid.*, XLVII; fins de dezembro. Cf. Santos, *Mon. lusit.*, VIII; 23, 11.

estava salvo. A sociedade antiga submergia-se, revolvendo o lodo em que resvalava. Levantando-se, o novo Portugal surgia salpicado de lama, mas coroado de fé, levado pela mão da juventude. Nun'alvares tinha vinte e tres annos, o *mexias* vinte e cinco. Era uma rapaziada épica.



Torre de Beja


Cerco de Lisboa
em 1384
Explicação
1 Castello de S. Jorge
2 Porta de S.ta Catharina
3 Gales Portuguezas, ancoradas
4 Convento das Donas, Quartel Real de D. João 1.º de Castella
5 Acampamento do Exercito Castelhano
6 Destacamentos de observação
7 Esquadra Castelhana na sua 1.ª e 3.ª situação
8 Ordem da mesma para combater a esquadra Portugueza á sua entrada
9 Esquadra Portugueza de soccorro.
Escala de 1/100.000
LUMIAR
Musgueira
Alvalla do (Campo Grande)
Campo Lide
Alto Andaluz
Penha-Monte
Xabregas
Valle de Arroyos
S. Roque
Graça
LISBOA
Rio Alcantara
Restello (BELEM)
RIO TEJO
Cacilhas
ALMADA
BARREIRO

IV

A guerra

O conde de Mayorca, general do pequeno exercito com que D. João de Castella entrára em Santarem, chamava-se Pedr'alvares de Lara, e nascera bastardo de João Nunes de Lara. Era grande personagem, celebrado pela sua bravura guerreira. Olhava com sobranceria desdenhosa a gente que se agitava em Lisboa; e não havia para elle duvida no resultado immediato da pendencia, logo que se decidissem a prolongar até á capital o passeio militar feito desde a Guarda. Por isso, quando Annequim, o bobo ou jogral que em Santarem divertia a côrte, noticiou um dia a sua idéa de ir a Lisboa folgar com o *mexias*, o Mayorca, a rir, disse-lhe:

— Has de fazer-me um favor. Dize ao Mestre que, se elle nega que fez traição e maldade em alvoroçar este reino para se apoderar d'elle, contra seu dono, eu lhe porei o corpo sobre ello, e lh'o farei reconhecer.

O Annequim deu o recado, cartel de desafio offensivo, enviado assim por um jogral, por escarneo; e Nun'alvares que estava ao lado respondeu:

— Dize-lhe lá que sou eu que lhe quero pôr o corpo de mui boa mente.

Quando o jogral levou a resposta, o conde perguntou com emphase:

— Mas quem é esse Nun'alvares ?

— Irmão de Pedr'alvares, o prior do Hospital.

— Não conheço... Com o Mestre não duvidava pôr o corpo. Ambos somos bastardos, e vimos de reis. [1]

A segunda metade de janeiro passou-se em hesitações. Os castelhanos não desciam de Santarem; os de Lisboa procuravam sem exito expandir-se. A Lisboa chegavam muitos convites de Santarem para que o Mestre lá fosse expulsar os castelhanos; mas não faltava quem considerasse esses convites ardilosos. Uma vez, porém, chegou-se a organisar a expedição que pelo Tejo acima foi em barcas até Mugem, mas que teve de regressar por falta de agua [2] e talvez tambem pelo receio do resultado. Em Lisboa, escasseavam mantimentos para o cerco, julgado, e com razão, imminente. Nun'alvares saíu com trezentas lanças, em sortida a Cintra que era castelhana, para os haver; mas assaltou-os a noticia, chegada de Alemquer, de que uma força de mil lanças, com o mestre de Santiago, D. Pedro Cabeza-de-Vaca, o camareiro Velasco, e Sarmiento, fronteiro ou *adelantado* de Galliza, vinha contra Lisboa para começar o cerco. Debandaram quasi todos. Nun'alvares entrou na cidade, a passo, com sessenta lanças apenas. [3] No dia seguinte, as forças castelhanas chegavam, com effeito, ao Lumiar, destroçando em Alvalade [4] o esquadrão de gente com que fora reconhecel-as João Fernandes Moreira que ali morreu. Os castelhanos avançaram, chegando á vista

---

[1] Lopes, *Chron.* LXXI, rectifica d'este modo a *Chron. do Condestabre*, XXII, onde se conta o episodio como segundo desafio proposto por Nun'alvares.

[2] *Chron. do Condestabre*, XXIII.

[3] 8 de fevereiro. — *Ibid.* XXIV; Lopes, *Chron.* LXXII.

[4] Campo-grande.

de Lisboa pela estrada que segue as cumiadas da Penha, do Monte, e da Graça. O Mestre, com Nun'alvares, saiu da cidade em força de trezentas lanças, ordenando, n'uma lombada acima da egreja de S. Lazaro, obra de dois tiros de besta das muralhas, a batalha que os inimigos não quizeram dar, retirando. [1]

O apparecimento dos castelhanos, embora não fosse imprevisto, surprehendeu, pois novidades crueis doem sempre, ainda quando são esperadas. Agitava-se muito mais a gente que rodeava o Mestre; e entre ella o conde Alvaro Pires de Castro, que ficára na esperança da acclamação do sobrinho, sorria importantemente de tudo quanto via, encobrindo com o seu desdem affectado, a fraqueza que tambem lhe vinha da edade. Tornava-se insupportavel a sua dicacidade constante e a sua basofia incommoda. Nada fazia senão dar conselhos, e queria portanto que nada se fizesse. Quando se discutia a sortida no encalço dos castelhanos que tinham retirado, elle demorava-se a retratar os tres capitães inimigos: «O mestre de Santiago... que menino! O Velasco? um parvo. O Sarmiento? um cachopo!» [2]. A sortida não alcançou o inimigo que, feito o reconhecimento, partiu para Alemquer e Torres Novas.

O conde Alvaro Pires, condestavel nomeado por D. Fernando, era o candidato que os invejosos da preferencia do Mestre por Nun'alvares oppunham a este para o commando militar, celebrando a sua edade, a sua experiencia, a grandeza do seu nome. João das Regras, iniciando a rivalidade que o futuro monarcha já ponderava, arvorava-se em chefe da facção [3] contra a qual Nun'alvares, despido de ambições pessoaes, se limitava a oppor o seu riso franco, a sua decisão aberta, desmanchando todas as intrigas com a limpidez alegre do seu proceder. Os adversarios insinuavam a desconfiança no animo do Mestre. O

---

[1] Lopes, *Chron.* LXXV; *Chron. do Condestabre*, XXIV.

[2] Lopes, *Chron.*, LXXVI.

[3] *Ibid.*, LII e LXXXVIII.

facto de ter os irmãos do lado opposto não dava garantias sobre a duração da fidelidade de Nun'alvares, dizia João das Regras; [1] mas o Mestre ouvia e calava, mostrando a superioridade e a lucidez do seu genio politico. Nem diminuia a Nun'alvares a confiança, nem verberava os seus detractores, porque de todos carecia. Cada vez mostrava mais corresponder ás exigencias do encargo que tomara.

Um dia, no conselho, em Almada, perante as observações timidamente prolixas e tão ociosas como pedantes, do conde Alvaro Pires, Nun'alvares, que habitualmente se ria, não se conteve, e disse-lhe com crueldade que quem estava alli, era para servir com boa e verdadeira vontade, e não para entorpecer as vontades alheias com receios, com temores, com palavras inuteis. Quem tinha medo do rei de Castella, ou de outro qualquer rei, ficava mal no conselho. Não havia tempo de discutir: era andar e seguir até á morte. Deus que dera á empreza um tal começo, guardal-a-hia até ao fim; havia logar para todos que quizessem servir boa e lealmente.

O conde, fóra de si com o atrevimento do rapaz, ergueu-se rubro e colerico. Que ousadia era essa? Que fallar tão solto? Pois não se envergonhava Nun'alvares de arrostar assim com elle?

— Não, nem me pesa, senão por ser pouco; respondeu firme e distrahidamente.

D. Pedro, filho do conde, interveiu fulo, avançando com palavras grossas...

— Digo-vos, voltou-lhe Nun'alvares serenamente, o que a vosso pae disse. Nem d'elle, nem de vós, tenho vergonha... Disse-o, porque o devia dizer, a bem do serviço do Mestre, meu senhor.

Crescendo o tumulto, o Mestre metteu-se de permeio, pondo termo á altercação. [2] Resolveu-se em conselho armar

---

[1] Lopes, *Chron.*, I XXXVIII.

[2] *Chron. do Condestabre*, XXV; Lopes, *Chron.*, LXXVI.

no Tejo, que ainda estava livre, sete naus, treze galés e uma galeota, para o defender contra a esquadra castelhana, para manter por mar communicações com o Porto, para as manter com o Alemtejo, atravez do rio. Lisboa e o seu porto tornavam-se, por tal fórma, a chave do plano da campanha e o proprio coração de Portugal, d'onde as vibrações se communicavam para o norte, para o sul. Resolveu-se mais reforçar Almada, que a arraya-meuda defendera contra os grados da terra, quando queriam apoderar-se do castello para a rainha. [1] Resolveu-se, finalmente, nomear Nun'alvares fronteiro do Alemtejo, todo insurreccionado já. O facto de a rainha, em Santarem, se ter inteiramente entregue aos castelhanos supprimia o argumento da legalidade e os escrupulos dos hesitantes.

A ultima resolução do Mestre satisfazia a todos, e primeiro que ninguem a Nun'alvares, que ia livremente dar largas á exuberancia forte do seu genio, revelando a sua capacidade de guerreiro, até ahi não demonstrada; satisfazia tambem João das Regras, embora se lhe tivesse opposto, [2] pois se via livre d'elle no conselho; satisfazia os interesses da causa que ia recrutar no Alemtejo um exercito, impossivel de organisar em Lisboa. Tudo isto percebera a lucidez politica do Mestre. Só não satisfazia a vaidade senil do conde irmão de Ignez de Castro, que se via já governando o Alemtejo por conta de seu sobrinho preso em Toledo, e, quem sabe? collocando-se-lhe no throno durante o impedimento.

Diariamente chegavam a Lisboa noticias dos logares novos que no Alemtejo tomavam a voz do Mestre, e com isto chegava a certeza de que os castelhanos preparavam por essa fronteira uma invasão. Ao Crato, onde o prior Pedr'alvares estava por Castella, tinham chegado forças; e o almirante inimigo, Fernão Sanches de Tovar, depois de em

---

[1] *Chron. do Condestabre*, XXVI.

[2] Lopes, *Chron.* LXXVIII.

Sevilha armar a esquadra que vinha contra Lisboa, avançava com tropas sobre Valencia de Alcantara, para se reunir ao mestre d'essa ordem. Pedr'alvares, do Crato, com o conde de Niebla, submetteriam o Alemtejo, vindo reunir-se depois ás forças reaes em Lisboa. [1]

Deram duzentas lanças a Nun'alvares para defender o Alemtejo contra o poder dos castelhanos. Todos os rivaes, satisfeitos, estavam certos de que se acabava assim com esse rapaz insupportavel. Quando foi á rua Nova receber do thesoureiro o soldo para a sua gente, o filho do conde Alvaro Pires armou desordem, sem consequencia. O Mestre acompanhou o novo fronteiro a Almada, onde se separaram, regressando um a Lisboa, seguindo o outro a sua jornada para Coina. Ahi parou; e o Mestre foi lá vel-o ainda, n'uma galé, e jantar com elle. [2] Depois, sósinho, tinha diante de si o vasto lançol de pinhaes que se desdobra desde a serra da Arrabida até ao Tejo, fechado o horisonte pela cortina azul dos montes empinados. Esse muro espesso levantava-se, encobrindo o destino que Deus lhe reservava para a sua empreza, involvído nas prégas fundas do negro manto de arvores que tambem encobriam o solo...

Era então Nun'alvares um rapaz de vinte e quatro annos, mediano de estatura e delgado de fórmas. Branco, de rosto comprido, nariz longo e afilado, tinha expressa na physionomia, como faculdade dominante, a decisão. A bocca era pequena, o mento breve, o labio superior curto. Debaixo dos sobrecilios, fortemente arqueados, luziam fundos os olhos, pequenos. Os cabellos e a barba, ruivos. Via-se-lhe no rosto um mixto de energia grave e bondade candida, com uma vaga expressão poetica de ambições innominadas que

---

[1] Lopes, *Chron.* LXXXVIII.

[2] *Chron. do Condestabre*, XXVII. A chron. falla de uma chegada de navios castelhanos ao Tejo e de uma descida de Nun'alvares para os tomar. Lopes, *Chron.* LXXXIX, contesta a exactidão, eliminando o episodio. — Cf. Sant'Anna, *Chron. Carm.* III, § 703.

se revelavam nas rugas precoces da testa e no apanhado da pelle sobre as fontes. A combinação dos seus pensamentos dava-lhe, na vida, com uma mansidão discreta, uma alegria constante, e esse descanço activo, proprio de todos os homens fortes. Só os fracos se confundem; só os vasios se atarefam. Vendo-se, pela primeira vez, á frente de uma hoste, olhava para os seus como companheiros, como amigos, como irmãos, votados a um destino commum. O mando, por ser digno e capaz de o exercer, não o ensoberbecia: irmanava-o com aquelles sobre quem mandava. A confraternidade guerreira era para elle uma religião. Tinha a caridade illimitada. O commando firmava-se na franqueza e lealdade do fim, e na auctoridade do exemplo. Com estas duas armas levantaria a disciplina ás proporções da dedicação, alcançando da sua gente o summo do sacrificio. Para além das qualidades humanas do seu caracter, tinha o predicado superior de ser um illuminado. A sua fé em Deus era a chamma em que ardia a sua dedicação patriotica e a sua energia militar. A religião era a raiz: a virtude, a coragem, o civismo, os ramos da arvore da sua vida, iniciada pela revelação mystica da Cavallaria. Salvando Portugal, levantando um throno ao mestre d'Aviz, cumpria a empreza que lhe fora marcada; mas essa empreza, transcendentalisando-se, importava a propria exaltação da sua alma no seio de Deus amado. Por isso a hoste parecia já um côro, e o arrayal um claustro. Ouvia duas missas todos os dias, e todas as festas se guardavam, assistindo com tochas os homens d'armas. [1] Julgava-se fadado por Deus para o cumprimento das suas ordens na terra; e Portugal via-o engrandecido ás proporções de um povo eleito. As idéas da Cavallaria transcendentalisavam-se-lhe no espirito; e no milagroso escudo branco, onde a imagem da Cruz, de José de Arimathea, vertia sempre sangue, via escripta a redempção d'este povo, cujo futuro magnifico lhe germinava na

---

[1] Lopes, *Chron.*, CXCIII.

idéa, desabrochado em symbolos piedosamente heroicos...

E diante dos olhos tinha o immenso muro da serra, erguendo-se do manto negro dos pinhaes; e parecia-lhe que tambem se erguia, assim, do chão negro dos tempos que pisava, a montanha tambem azul da sua fé, n'uma ascenção magnifica para a gloria e para Deus.

* * *

E' porém tempo de voltarmos atraz, para saber o que, entretanto, succedera em Santarem, depois da chegada do rei de Castella.

O rei D. João, que n'uma grande penuria e a muito custo, organisara a expedição a Portugal, sendo forçado a tomar quatro mil marcos de prata do thesouro do santuario de Guadalupe, com grave escandalo do povo que a isso attribuia depois o mallogro da empreza: [1] o rei D. João atravessara Portugal desde a Guarda, chegando com D. Beatriz a Santarem, como sabemos, no meiado de janeiro.

Pararam os reis fóra da villa, n'uma grande chan fronteira á porta do castello, esperando a visita de Leonor Telles que, toda coberta de luto, pelo braço de Vasco Martim de Camões, saíu *de má mente* [2] a cumprimental-os. Abraçaram-se. Ella queixava-se do mestre de Aviz, por lhe ter matado, nos proprios paços, o conde João Fernandes, expulsando-a depois, a ella e aos seus, de Lisboa... O rei contestou que para a vingar chegava, e para lhe dar prazer e honra... Mas, tanto o genro como a sogra, reciprocamente, desconfiavam. A rainha não importava, pois era uma creança de doze annos, obediente e docil ás

---

[1] Cf. Sandoval, *Aljubarrota.*

[2] Lopes, *Chron.*, LXV.

ordens do marido que podia ser pae. Leonor Telles queria e pensava tornar para Santarem que julgava sua, mas o castelhano logo alli lhe fez sentir que o dono era elle. Com bons modos, o rei e a rainha, cada qual tomou por seu braço a viuva, levando-a juntos para o convento de S. Domingos onde estavam alojados. E pozeram duzentas lanças de guarda de honra a Leonor Telles, de facto prisioneira. Essa propria noite a obrigaram a assignar a renuncia aos seus direitos. No dia seguinte, os castelhanos tomavam posse de Santarem. [1] Ninguem boliu, todos se submetteram, acclamando o novo pendão em que se viam jungidos os brazões de Portugal e Castella. De toda a côrte e altos tribunaes, apenas o chanceller-mór, Lourenço Annes Fogaça, e Gonçalo Pires se escaparam para Lisboa, allegando a necessidade de lá irem pelas mulheres que tinham deixado. [2] Estavam com o rei de Castella todos os fidalgos portuguezes: os tres Alvares, Pedro o prior, com Diogo e com Fernão; os condes de Vianna e de Ceia, D. Henrique Manoel; os Mellos, Vasco Martins, Martim Affonso com o filho; os Vasques, Martim e Gil; o Cunha, Vasco Martins; e João Rodrigues Portocarreiro, e Martim Gonsalves de Athayde; os Sousas, Fernão Gil e Gonçalo Rodrigues, e Affonso Gomes da Silva, e João Gonsalves de Teixeda, senhor de Obidos, e o senhor de Alemquer, Vasco Pires de Camões, e o de Torres Novas, Gonçalo Vasques de Azevedo. [3] Pode dizer-se que, salvo o Porto e Lisboa, com as terras do Alemtejo que se tinham pronunciado, todo o reino se conservava firme, embora hesitante, como o tinham provado os factos da marcha desde a Guarda, cuja reproducção viria accentuar-se todos os dias. No Minho, Braga, Guimarães, Valença, Vianna: tudo, fóra o Porto, reconhecia o rei de Castella. Em Traz-os-Montes não havia defecções.

---

[1] Lopes, *Chron.*, LXVI.

[2] *Ibid.* LXVII. Proximamente um mez depois, nos principios de fevereiro, parte de Lisboa o Fogaça em embaixada a Inglaterra.

[3] *Ibid.* LXVIII.

Na Beira, tinha a Guarda, Celorico, a Covilhan, Almeida, Sabugal, Monsanto, Castello-Rodrigo: todas as praças fortes da fronteira. No Alemtejo, conservava ainda o Crato, Castello-de-Vide, Arronches, Alegrete, Amieira, Monforte, Campo-Maior, Villa-Viçosa, Mertola, Olivença, Portel. [1] Eram, em somma, perto de sessenta logares fortes, onde as guarnições continham a arraya-meuda, por toda a parte eivada de um desejo ardente de se pronunciar pelo *mexias* de Lisboa.

D'aqui se vê o melindre da situação, e como reclamava, por parte do rei de Castella, uma arte, de que o seu excessivo desdem pelo movimento revolucionario da nação lhe não deixava dar provas, ainda quando tivesse, que não tinha, capacidade para as dar. O primeiro erro fora entrar em Portugal armado para tomar posse do reino, contra os tratados; o segundo era agora proceder, como estava procedendo para com a sogra, sem rebuço, nem deferencia. Os escrupulos da lealdade fidalga dissipavam-se, e os que se não rebellavam, abstinham-se, descontentes e envergonhados da triste figura que faziam. O rei ia-os despedindo, mandando-os para as suas alcaidarias; mas elles, ou fomenavam a defecção das guarnições, ou não achavam meios de as conter. Foi o que succedeu, entre outros, aos de Gonçalo Vasques que não quizeram receber o soldo, desertando para Buarcos, onde mais tarde embarcaram na frota do Porto para Lisboa. [2] Porque não eram só os castelhanos: eram os bandos perdidos das companhias frankas do Richon e do Partenay que o rei de Castella trouxera comsigo, e que, tendo vindo, apesar dos conselhos em contrario do conde de Foix, [3] já em Santarem tratavam a terra

---

[1] Lopes, *Chron.* LXIX.

[2] *Ibid.*, LXVIII.

[3] «Et cette opinion mit bien avant le comte de Foix à ses gens, quand il les ot (eut) mandé á Orthez et il leur donna à diner et ils prindrent (prirent) congé à lui, car de toutes ces besognes de Portugal et de Castille il était suffisammant informé. Et leur avait dit: «Seigneurs,

como conquista, saqueando-a, e provocando tumultos populares sangrentos. [1]

Leonor Telles, raivosa, via-se presa no laço que armara para se libertar do mestre de Aviz, chamando em auxilio o genro. Genro e filha, eram os seus carcereiros. Imaginara governal-os, e achava-se escrava de ambos. Desesperada, procurava conflictos, exacerbando o rei de Castella com o seu genio e com os seus continuos escandalos. Succedeu então morrer o rabbi-mór de Castella. Os dois grandes judeus portuguezes, D. Judas [2] e D. David-o-negro, tinham grande valimento, um com a rainha mãe, outro com a filha. D. Judas fôra thesoureiro d'elrei D. Fernando. D. David, seu almoxarife, tinha por mulher uma D. Cimfa, e além das suas casas da synagoga grande de Lisboa, a que se chamava Villa-nova-de-Gibraltar, pois d'ali provinha a colonia judia lisbonense, possuia extensas propriedades em Lisboa e em Almada: propriedades que, a esse proprio tempo, o mestre de Aviz confiscava, doando-as a Nun'alvares. [3] D. Judas era o valido

---

demeurez ; vous ne vous avez que faire d'embesogner de la guerre de Castille et de Portugal. Car sachez par verité que le roi de Portugal ni la reine de Castille, qui fut fille du roi Ferrant de Portugal, n'ont nul droit à la couronne de Portugal ; et est une guerre commencée par esredrie (heresie) et ennemie chose ; si vous en pourrait bien mésavenir et à ceux qui s'en embesogneront.» Ses gens avaient répondu que, puis qu'ils avaient reçu et pris l'argent d'un antel (semblable) seigneur comme le roi Jean de Castille, ils l'iraient servir et desservir (meriter).» — Froissart, *Chron.* III, *c.* 28.

[1] Froissart, *Chron. ibid.*

[2] Judah Aben-Mosseh Navarro. — Cf. Rios. *Hist. jud.*, II, 278.

[3] Os bens de David-o-negro foram doados em 6 de março pelo mestre d'Aviz a Nun'alvares : n'esses terrenos construiu depois o condestavel o convento do Carmo. A mulher e os filhos de D David tinham, porém, ficado em Lisboa, e pozeram embargos á doação. Seguiu-se pleito que terminou por composição, em 1393, ficando ella com os bens de Almada, e Nun'alvares com os de Lisboa, de Camarate e os foros de Sacavem, etc. — Cf. Sant'Anna, *Chron. Carm.* III, §§ 843-54. — Eis-aqui o texto da doação a Nun'alvares :

«Dom João pela graça de Deos Mestre da Cavallaria da Ordem de Aviz e filho do muy nobre Rey D. Pedro, e Regedor e Defensor dos

da mãe, D. David o da filha; e ambos queriam para si a realeza dos judeus de Castella. O rei optou pela esposa, e para a sogra este caso foi a gota de agua que fez transbordar o calix da sua amargura. Sonhando já com a desforra, perdera a medida, nas palavras e nos actos, dizendo abertamente aos fidalgos que se fossem para o Mestre. Ella, se podesse, ia. [1] E ia, decerto. Muitos, desenganados, acceitavam o conselho: entre outros, os Mellos que desde então adheriram ao Mestre.

O rei, ás objurgatorias violentas com que Leonor Telles lhe exprobrava o seu procedimento, conservando-a positivamente encarcerada, respondia-lhe que era para bem d'ella, para sua melhor segurança. [2] Cuidados mais graves o preoccupavam. De todas as terras que se tinham recusado, ou a reconhecel-o, ou a abrir as portas ás suas guarnições, Coimbra, onde estava por alcaide o conde de Neiva, D. Gonçalo, irmão da sogra, era-lhe indispensavel tel-a, uma vez que havia de cercar Lisboa, porque, na estrada

---

Reynos de Portugal e do Algarve. Aquantos esta Carta virem fazemos saber que nós, querendo fazer graça e mercê a Nuno Alvares Pereira, nosso vassalo, e darmos-lhe doação comprida logo d'este dia para todo sempre a el e a todos seus successores que depois de el vierem, de todos os bens de raiz de David Negro Almoxarife que foy del-Rey Dom Fernando nosso irmão, que Deos perdoe e aja nos ditos Reynos, assim os que el regia á sua mão e havia posse, como outros quaesquer bens que outras pessoas quaesquer e de qualquer condição trouxessem ou ministrassem por el. Os quaes bens nós lhe mandamos tomar por muitos desserviços que fez a nós e a esta cidade, e damos-lhe completo poder para el aver os ditos bens e cobrar a posse dellos e fazer dellos e em ellos todo aquelle que lhe prouger como de sua propria possessom. E mandamos que por virtude desta nossa carta el por si ou por quem el em seu nome posse tome e possa tomar a posse e a propriedade dos ditos bens sem outra auctoridade de nenhuma Justiça... etc. Dante em Lisboa seis dias de Março. Era de mil quatro centos e vinte e dois» (1422-1384). — Confirm. pela carta de 30 de março de 1427-1389; doc. x, § 853, pag. 812.

[1] Lopes, *Chron.* LXXVII.

[2] *Ibid.*, LXXVIII.

militar da Beira, marcava um ponto estrategico. D. Gonçalo instava de lá para que o rei se apresentasse, pois sem a sua presença não podia com a força da arraya-meuda desatinada. Ao mesmo tempo, porém, a irmã escrevia-lhe que não désse o castello;[1] e para toda a parte escrevia que resistissem, pois a sua desistencia da regencia era nulla, por ter sido saccada á força.

O rei decidiu-se a ir a Coimbra, levando comsigo as rainhas, uma a seu lado, a outra presa. Partiu por Torres-Novas e por Thomar que outra vez se lhe fechou. Alojou-se nos palacios e conventos da margem esquerda do Mondego, acampando o exercito pela encosta até ao areal, contra a ponte. Commandado pelo conde de Mayorca, abriu este logo as negociações com o de Neiva. Leonor Telles, por seu lado, desdobava a meada da intriga nas barbas do genro para o perder. Explorando os amores da sua aia, D. Beatriz de Castro, filha do conde de Arrayolos; fazendo perder a cabeça ao filho de D. Fradique, victimado por Pedro-o-cruel em Sevilha: ao conde de Trastamara, que n'um instante se achou seduzido pelo capitoso encanto da rainha, fez do amante da aia e do seu proprio apaixonado os instrumentos do seu plano, que era fugirem todos para dentro de Coimbra, alçarem-se com a cidade, proclamarem-se reis de Portugal ambos, o Trastamara e D. Leonor, que se lhe entregaria nos braços, em paga, casando-se. O sangue do rei de Castella, assassinado, seria as arrhas do casamento. Doido de amor, o Trastamara fugiu para Coimbra. D. Gonçalo entrou na conspiração que durante dias foi caminhando, até que D. Judas lhe descobriu a trama, e, em paga da nomeação alcançada, denunciou tudo ao rei. O Trastamara fugiu para o Porto, ficando sob a prisão protectora dos do mestre de Aviz. A rainha D. Leonor foi d'alli enviada para o seu carcere de Tordesillas, onde vi-

[1] V. as cartas ao conde de Neiva e a seu tio Gonçalo Mendes de Vasconcellos, que mandava na cidade, em Sylva, *Mem. de D. João I*; III, 211.

veu vinte annos ainda, mas sumindo-se para sempre da scena. [1]

Sem forças bastantes para levar Coimbra pelas armas, o rei, já contente por ter escapado á conspiração, regressou a Santarem, [2] pedindo para Castella um reforço de mil lanças. Cada vez mais a questão de Portugal, que a principio se lhe apresentára como um passeio militar simples: cada vez se complicava mais. E as difficuldades eram enormes, na penuria e na desordem em que a Castella se achava! Não podia recuar, porém, nem o caso era para isso. A eliminação da sogra simplificava o problema, com effeito; mas a verdade é que, desligando a fidalguia dos laços da legalidade, levantava o mestre de Aviz, de chefe da arraya-meuda de Lisboa, a defensor do reino, quer dizer, de todas as suas classes. O movimento que principiára por um tumulto da plebe, encaminhava-se para uma guerra de independencia. Os pronunciamentos repetiam-se. A propria Coimbra, com o seu conde, se declarava pelo Mestre. [3]

Esperando que chegasse ao Tejo a esquadra para bloquear Lisboa e fechar o cêrco, isolando a cidade, o rei de Castella mandou adiantar as suas forças por Alemquer, Obidos e Bombarral, assentando as tendas reaes na Arruda, com a vanguarda.

* * *

Emquanto, ao norte do Tejo, os castelhanos occupavam a Extremadura littoral, isolando Lisboa da Beira, ao sul

---

[1] Lopes, *Chron.* LXXVIII a LXXXV. — Cf. Sandoval, *Aljubarrota.* — Leonor Telles morreu em 1405.

[2] 10 de março.

[3] A 19 de maio já Coimbra é pelo Mestre.

Nun'alvares, largando de Coina para Setubal, iniciava a primeira campanha da guerra.

Setubal, indecisa ainda por quem se pronunciaria, não deixou entrar Nun'alvares, obrigando-o a acampar contra Palmella, [1] provavelmente n'essa garganta das Necessidades, declives orientaes do monte de S. Luiz que é o ultimo da serrania da Arrabida. Do seu arrayal, Nun'alvares podia alongar a vista para as duas bacias do Tejo e do Sado, amplamente abertas a seus pés, com as vastidões adustas do Alemtejo para sul, até ao cabo de S. Vicente; com a muralha de Cintra fechando o horisonte contra o norte; com o valle do Tejo amenamente espraiado até Santarem, onde o inimigo estabelecera o seu alcaçar. Prudente, o capitão em quem as artes da guerra brotavam do instincto herdado, excitadas por uma idéa firme, fechava-se no seu arrayal, guardando-o dia e noite. Sentia o melindre da sua situação, perante inimigos incomparavelmente mais fortes, no meio de populações hesitantes, senão hostis, com tropas improvisadas para quem o medo era um habito e que o primeiro desaire faria debandar, pois não tinham aquelle ardor de fé em que sentia consumir-se. Media bem o alcance da empreza em que se mettera, poço sem fundo sobre que largava o salto, e do qual só a graça de Deus o podia salvar. Cumpria-lhe, primeiro que tudo, educar a sua hoste, dar-lhe elasticidade e força para resistir ás provas. A lentidão da marcha era intencional e educativa.

Desfraldado diante da sua tenda, abria-se ao vento o pendão santo que ideara. Era uma bandeira branca, dividida ao centro em quatro campos por uma cruz vermelha: a cruz do escudo de Galaaz, tinta no sangue do Redemptor. Em cada quarto havia uma imagem piedosa, e nos quatro cantos outros tantos escudos da linhagem de Nun'alvares. No primeiro quarto, o superior, junto á haste,

---

[1] *Chron. do Condestabre*, XXVIII.

via-se Jesus Christo crucificado e aos pés da Cruz sua mãe, a Virgem Maria, de um lado, e do outro S. João, o discipulo amado. No segundo quarto, superior, estava a Virgem, com o Menino ao collo. No terceiro, inferior, S. Jorge de joelhos resando a Deus, de mãos postas. No quarto, finalmente, o apostolo das Hespanhas, S. Thiago, na mesma attitude. [1] A' sombra d'esta bandeira, Nun'alvares fallou á sua pequena hoste, expondo-lhe os trabalhos que os esperavam. Tinham de ser como uma familia; considerar-se como um rebanho unido para atravessar por uma região de feras. Indicasse cada qual, por ordem de terras d'onde provinham, Lisboa, Evora, Beja e outras, um deputado que deliberasse com elle em conselho. [2] Nomeado o conselho, instituiu os cargos: o alferes, o meirinho, o thesoureiro, o prégador. [3] A hoste era uma pequena cidade ambulante.

Essa noite, alta noite, Lourenço Fernandes, com grande alarido, acordou todo o arrayal. Eram os castelhanos de Santarem! Vira-lhes os fogos proximos! Era Pero Sarmiento com trezentas lanças! As trombetas acordavam os éccos dos montes com os seus rugidos longos. Toda a hoste, n'um pulo, estava a pé, em armas; e assim ficaram até que amanheceu. Viu-se então que eram almocreves, fazendo ao lume a meijoada... Nun'alvares sorria contente da prova armada com o ardil. [4]

Largaram d'alli para Montemor-o-novo que se deu ao Mestre, e no dia seguinte foram dormir a Evora. Nun'alvares deitou pregão para alistar soldados, mas não vieram mais que trinta. Com duzentos que levava e a peonagem, compunham um milhar de homens. [5] A populaça de Evora, espessa para a desordem, mostrava-se rara para o sacrificio

---

[1] Lopes, *Chron.*, LXXXIX.

[2] *Ibid.* XCII.

[3] *Ibid.* XCIII.

[4] *Ibid.* XCI; *Chron. do Condestabre,* XXVIII.

[5] *Chron. do Condestabre,* XXVIII; Lopes, *Chron.*, XCI I.

Quando a revolução encontrava um braço, as linguas emmudeciam e as unhas embainhavam-se. De Evora, foi sobre Estremoz, onde soube da chegada dos castellanos ao Crato. Approximava-se o momento do conflicto, o instante cruel de vir ás mãos com seu proprio irmão... Acampou no arrabalde e entrincheirou toda a villa, preparando-a para a defeza. Deitou pregão, mas foi como em Evora: foi peior. Ninguem acudiu, nem de Elvas, nem de Beja. Todavia Evora, Elvas, Beja, tinham acclamado o Mestre defensor e regedor do reino. Se não fosse a sua fé desabrida, declarar-se-hia vencido pelo desgosto que o invadia...

No Crato estavam já, com o prior do Hospital, o mestre d'Alcantara, que se intitulava mestre de Aviz, e Pero Gonsalves fronteiro da Andaluzia.[1] Esperavam o resto das forças convocadas para a sujeição do Alemtejo.

Dentro de Estremoz, Nun'alvares debatia-se contra a incredulidade timida da população. Diziam-lhe que era uma doidice varrida ir contra os do Crato. Contavam o melhor de mil lanças, bem corregidas; e peonagem, santo Deus! Depois, está com elles Pedr'alvares, vosso irmão, e apertavam, attonitos, as mãos á cabeça!... O peior era que a incredulidade da gente podia communicar-se-lhe á hoste, desfazendo o que se fizera nos dias de marcha em commum. Appellou então para a imaginação, esperando o exito da eloquencia. Formou a sua gente no rocio da villa, fazendo *alardo*, ou revista. Era um pobre exercito: trezentos de cavallo, dos quaes só cento e oitenta tinham bacinetes: os mais levavam na cabeça gorros por capacetes; cem besteiros, e um milhar de homens de pé. Não havia mais? Havia elle, Nun'alvares!

Expoz, chã e popularmente, a situação nitida e crua, como era. Queria buscar os castelhanos do Crato, e batel-os. Queria, e fal-o-hia. Estava certo da victoria.

— São muitos os castelhanos? Maior honra para nós.

---

[1] *Chron. do Condestabre*, XXVIII; Lopes, *Chron.* XCII.

Veem com elles meus irmãos? Já os não conheço por taes... Em verdade vos juro que ainda que ahi viesse meu pae, seria contra elle!... A' frente da minha bandeira, estarei o primeiro. Quem tiver medo, vá-se com Deus, que eu e esses poucos e bons portuguezes lhes poremos a praça. Os que quizerem vir comigo passem áquem d'este rego d'agua: os outros fiquem além...

Ondulou a mó do povo, como seara batida por uma viração: passava-lhes pela alma uma aragem de cousas inominadamente seductoras. Ondulou e inclinou, transpondo todos o ribeiro, [1] apesar de terem quasi certeza da morte.

Depois, reflectindo, arrependiam-se. A' noite, já o arraval dormia, Alvaro Coitado veiu afflicto acordar Nun'alvares. Eram dois, d'Elvas, que já tinham os cavallos sellados para fugir. N'um pulo, Nun'alvares saiu.

— O' irmãos amigos! dizia-lhes com desolação carinhosa; e para vós é tal obra! Deixares a honra que Deus vos prepara, faltares ao promettido, e tornares para vossas casas...

Envergonhados, os homens desistiram. [2] E, receioso, Nun'alvares mandou logo tocar as trombetas, formar o pequeno exercito, e partir, de noite ainda, em direcção de Fronteira, junto ao Crato. A rapidez da acção era o meio unico de evitar que se lhe fundisse a hoste. No caminho, de manhã, toparam com um escudeiro que vinha em sentido opposto: vinha do irmão advertir Nun'alvares que não commettesse similhante loucura. Viesse para elles: estavam alli, a legoa e meia, dentro de Fronteira.

— Ruy Gonçalves (assim se chamava o escudeiro) peço-vos, respondeu tristemente Nun'alvares, que digaes ao prior meu irmão que eu n'este feito não quero seu conselho... E que o repita a esses outros senhores... Apercebam-se para a batalha, que é o meu maior desejo...

---

[1] *Chron. do Condestabre,* XXVIII; Lopes, *Chron.*, XCIII.

[2] Lopes, *Chron.*, XCIV.

Fazei isto que vos digo, observou Nun'alvares, perante a hesitação do escudeiro; fazei-o por mim e pelo pão que já em minha casa comestes... Ide, ide com este recado; ide o mais depressa, até rebentar o cavallo; ide, e não ireis tão breve que eu, mercê de Deus, não esteja mui perto. Ide...

Acabava nervosamente a resposta. E o escudeiro, vendo accender-se-lhe a colera nos olhos, virou o cavallo e largou a galope. [1] Ia dar-se a primeira batalha. Entrara a semana santa. Era quarta feira de trevas, dia 6 de abril... [2]

O unico preito que em Portugal a guerra pagava ao luxo, n'esses tempos remotos, eram as *longas*, ou trompas de prata, herdadas dos mouros e tornadas celebres pelo excentrico amor d'el-rei D. Pedro que deu valimento aos seus trombeteiros, João Matheus e Lourenço Palos. [3] A rigorosa pragmatica das côrtes de Elvas, em 1361, abrangia, com os trajos civis, os militares, prohibindo as douraduras nos fatos, nas armas e nos jaezes dos cavallos e mulas. Os fidalgos só podiam usar prateados. Os mecanicos não podiam trazer borzeguins, nem cervilheiras, nem pantufos, nem chapins; nem as mulheres podiam usar véos de seda, nem golpes nas saias; nem os lavradores tinham de usar senão burel, e pardo, e fustão; nem a seda podia servir senão para gibões e carapuços, de escudeiros para cima, e o brocado e broslado ficavam absolutamente prohibidos. [4] Além d'isso, o uso dos cabellos cortados rentes, que dera aos portuguezes o nome de chamorros na bocca dos castelhanos, concorria para imprimir um aspecto soturno. Apesar do mal cumpridas que as pragmaticas foram sempre, o burel de uso geral dava ao povo um ar triste

---

1 Lopes, *Chron.*, XCV.

2 Cf. *L'art de verifier les dates*, etc. taboa de p. 28 (ed. Paris, 1770) a paschoa é a 10 de abril em 1384.

3 Lopes, *Chron. de el-rei D. Pedro*, (nos *Ined.* da Academia) XIV.

4 Santarem, *Mem. das Côrtes*, II, 178 e segg.; capitulos d'Elvas.

que não contrastava com a côr geralmente terrosa da pelle e com a physionomia grave, especialmente a alemtejana. De populares e alemtejanos se compunha a hoste de Nun'alvares, mal armada, defensiva e offensivamente. Era uma guerrilha.

Foram os inglezes que, no tempo de D. Fernando, alteraram o equipamento da milicia nacional. A' velha capellina, gorra de ferro unida á testa, achatada e posta sobre uma coifa de malha, [1] substituiram-se os bacinetes e barbudas, capacetes de ferro estofados para não molestar a cabeça, e com uma viseira forte a que chamavam cára. Em logar da coifa, havia um amplo cabeção de malha de ferro que se dizia camal. [2] Bacinetes e barbudas terminavam em ponta no alto da cabeça. Elmo, era a expressão generica para toda a especie de capacetes; morrião dizia-se quando, no alto, o elmo era adornado com cimeira. Chamava-se barbote á cinta de metal que prendia o elmo sob o queixo; gorjal á peça de defeza da garganta; e visagem, ou viseira, se dizia tambem a cara, tecida de arcos de ferro e articulada para subir ou descer á vontade.

Da mesma fórma, as velhas armaduras de malha de ferro tinham sido substituidas, no meiado do XIV seculo, pelas de chapa, imitadas porventura dos orientaes. A loriga, primeiro de grossas escamas de couro ou estreitos anneis de ferro, e depois entretecida de malha, foi gradualmente sendo substituida, na metade inferior das pernas, e mais tarde nas coxas, depois nos braços, afinal no tronco, por chapas de ferro batido. Chamava-se couraça ás que revestiam o tronco, assentes sobre um corpete de couro, até á cintura, d'onde pendia a escarcella, fraldão, ou tonelete, feito de malhas pendentes como saio, ou de chapas que se articulavam nas peças inferiores do arnez, ou armadura completa. As chapas dos braços diziam-se braçaes, bracel-

---

[1] Lopes, *Chron. de D. Fernando*, LXXXVII.

[2] «E nós chamamos agora ás barbudas, bacinetes de camal». — Lopes, *Chron.* seg. parte, 1.

lones, ou mangotes; as luvas, manoplas; coxotes eram as armaduras das coxas; e grevas, ou canelleiras. as das pernas. Por cima da armadura, vestiam os cavalleiros a cota de panno com as suas armas bordadas; e em casa, ou para comer, despiam as armaduras envergando o mantão, roupão, ou gibão, tambem com brazões e motos bordados.

Os peões usavam só elmo e couraça. A lança, a espada, a facha, armavam offensivamente o cavalleiro; o besteiro de cavallo, ou de pé, jogava béstas e fundas; a peonagem levava piques, fundas e pedras. [1]

O commando da hoste em campanha, mobilisados os contingentes dos vassallos, as mesnadas dos concelhos [2] e os besteiros contiados ou arrolados pelos anadeis que eram, no XIV seculo, o embryão dos exercitos permanentes posteriores: o commando pertencia ao rei que o exercia por via do seu condestavel, generalissimo, e do marechal a cujas ordens ficavam o coudel-mór com a cavallaria, e o anadel-mór dos besteiros. Condestavel e marechal [3] eram, como já dissemos, cargos novos em Portugal, pois só em 1382 D. Fernando os instituira por imitação ingleza, nomeando primeiro condestavel o conde de Arrayolos, Alvaro

---

[1] Cf. Herculano, *Armas, etc.*, no *Panorama*, I.

[2] Em Portugal, onde o feodalismo nunca tomou raizes, os exercitos formavam-se com os contingentes dos senhores e dos concelhos, sim, mas essas tropas recebiam soldo do rei. Cada vassallo tinha fixado o *conto* das lanças com que devia vir á guerra, e por ellas recebia soldo ou *contia* (Lopes, *Chron.*, seg. parte, CLXXXI e II). O serviço das tropas concelhias era gratuito nas primeiras seis semanas de campanha; mas além d'ellas recebiam soldo como os vassallos (V. Santarem, *Mem. das Côrtes*, II, doc. de p. 47). Cf. o sr. Gama Barros, *Hist. da Adm. publ. etc.*, I, 194-6. «As *lanças*, parte eram d'el-rei, parte dos senhores de terras, e outras dos concelhos e villas, mas a todos, depois que entravam em campanha, pagava el-rei soldo». — *Regra da milicia ant.*, § 4; (arch. d'Alcobaca) em Santos, *Mon Lusit.*, VIII, 48.

[3] V. as attribuições respectivas, na *Orden.* liv. I, tit. 52, 3. — Cf. Severim de Faria, *Not. de Portugal*, II, p. 36 e segg. e o sr. Christovam Ayres, na sua *Hist. da Cavall*, I.

Pires de Castro, nosso conhecido, e a quem havia de succeder o seu rival, Nun'alvares.

A unidade tactica era a lança, correspondendo a um certo numero de lanças, ou homens d'armas montados, o quadruplo, ou o quintuplo effectivo. Cada cavalleiro levava sempre comsigo o peão da lança, o do cavallo, o que o acompanhava no ardor da peleja, e em caso de queda o erguia. Em regra, uma lança tinha comsigo dois besteiros, um pagem e um escudeiro. [1] Em marcha, ou acampado, o conjuncto de lanças, ou hoste, formava em quatro ou cinco corpos, ou batalhas, a saber: a vanguarda, ou dianteira; a rectaguarda, ou çaga; e as alas direita e esquerda, ou costaneiras [2] O quinto corpo formava, no centro, a batalha media. Na dianteira ia, com o condestavel, a flôr das tropas, fidalgos escolhidos; na çaga, sob o commando de algum bastardo de sangue real, os fidalgos menores; as costaneiras eram commandadas pelos infantes. Cem ou cento e cincoenta lanças, isto é, de quinhentos a oitocentos homens, formavam uma companha, com o seu pendão especial, dividida em secções de cinco, dez e cincoenta lanças.

Havia varios modos de combater, segundo as necessidades do logar e da occasião. Um era o az, formatura em linha extensa a um de fundo; outro era a mó, formatura circular contra os movimentos involventes do inimigo; outro

---

[1] ... «a quem el-rei pagava *contias* que eram certas rendas com obrigação de servirem na guerra e trazerem comsigo tantos soldados armados conforme era a *contia* que recebiam; e a estes chamavam lanças: por onde, quando nas historias se lêr que iam na hoste tantas mil lanças, entenda-se soldados a cavallo, que pelejavam com lanças, porque os de pé usavam de dardos, fundas, béstas, virotões, páos tostados e outras similhantes, a que chamavam *armatoste*, isto é, armas de arremeço». — *Regim. de milicia ant.*, § 4; (arch. de Alcobaça) em Santos, *Mon. lusit.*, VIII, 84.

[2] Dianteira, Çaga e Costaneiras eram os nomes antigos, da Vanguarda, Retaguarda, e Alas, nomes novos introduzidos pelos inglezes do duque de Cambridge. — Lopes, *Chron.* seg. parte, XXXII.

a cerca, ou quadrado, de tres de fundo em cada face, deixando livre o centro; outro a cunha, ou cabeça-de-porco, formatura triangular, começando por tres lanças a dobrar, e ordinariamente empregada contra o inimigo estendido em az, ou linha; outro, finalmente, era o tropel, para consummar a debandada de forças hesitantes.

Ainda n'esta epocha, em Portugal, a peonagem ou infanteria, que veiu a ser, com o tempo, a força castelhana de que se serviu Carlos V para dominar a Europa, não tinha, como já os inglezes tinham, uma tactica independente. Os archeiros inglezes, varando a cavallaria franceza, pareciam invenciveis na guerra do tempo; e provavelmente Nun'alvares, pelo que ouvira, e talvez aprendesse com alguns dos guerreiros do duque de Cambridge, ideara o plano de applicar a innovação em Portugal. Consistia ella na formatura em muro, cerca, ou quadrado, defendido para fóra por uma sebe de lanças ou piques, cravados obliquamente no chão. Por detraz das lanças, os besteiros e fundibularios jogavam settas, pedras, e virotões.

E esta novidade tactica,[1] em que punha toda a sua temeraria esperança, se demonstrava de um modo novo o genio do guerreiro, provava tambem a confiança cega que, ainda antes da primeira victoria, sabia incutir nos seus.

Avistaram-se os inimigos a meia legoa de Fronteira, para o sul, contra Estremoz, d'onde Nun'alvares ia, n'um logar que chamavam os Atoleiros. Mandou logo apeiar toda a sua cavallaria improvisada, mal armada, incapaz por todos os motivos de resistir ao choque dos esquadrões castelhanos, segundo todos com razão prognosticavam. Dividiu-a em vanguarda, retaguarda e alas direita e esquerda, formando as quatro faces de um quadrado, ou cerca.

---

[1] «Onde aqui notae que Nuno Aluarez foí o primeiro que, de memoria dos homẽes até este tempo, poz batalha em Portugal por terra & a vẽceo». — Lopes, *Chron.*, CXV.

Mandou cravar obliquamente as lanças, tecendo uma sebe viva, porque cada lança tinha um braço de homem a aguental-a. Por detraz da linha de lanças formavam os besteiros e fundibularios. A hoste era uma fortaleza palpitante. [1] Dentro d'ella, Nun'alvares, a cavallo na sua mula, com gesto alegre, serenamente mandava, aconselhava, prevenia:

—Amigos, lembrae-vos em vossos corações quatro cousas: a primeira, encommendar-vos a Deus e á Virgem sua mãe; a segunda, que estamos aqui para servir o Mestre e ganhar honra; a terceira, que nos defendemos a nós, a nossas casas, á terra que possuimos, buscando livrar-nos da sujeição que nos querem impôr; a quarta, finalmente, paciencia, coragem. É ter na idea a porfia em pelejar, não uma hora, mas um dia... o que for necessario.

Vendo tudo a postos e firmes, desceu da mula, apeando-se diante da sua bandeira symbolica. Estava em jejum. Ajoelhou. Toda a hoste, de joelhos em terra, com as mãos alçadas ao céo, resava perante a bandeira desfraldada ao vento. Havia lagrimas mudas em muitas faces, e mais de um beijava a terra, contando com a sepultura. Era uma calada tragica... Ao longe vinha reboando o tropear dos castelhanos, com tinir de ferros, avançando. Em pé, Nun'alvares poz na cabeça o bacinete, sem cara, tomou a lança das mãos do pagem, e com firmeza disse:

—Amigos, nenhum duvide de mim. Deus ajudará a todos os que me ajudarem. Deus vos tomará conta da minha morte, se aqui morrer por vossas culpas.

---

[1] E' provavel que os Atoleiros fiquem entre as ribeiras de Lupe e de Anna Loura, que ambas vasam na ribeira Grande, a primeira a jusante, a segunda a montante de Fronteira. O acampamento de Nun'alvares provavelmente foi sobre o caminho de Veiros, porque, a distancia de proximamente meia legua, o terreno sóbe e Nun'alvares teria escolhido uma posição favoravel. Veremos como em Aljubarrota se repete a operação. A batalha dos Atoleiros é um prologo e um ensaio.

Tinha na face a illuminação dos eleitos. Fallava pela sua lingua alguma voz superior aos homens. Os soldados vergavam sob um dominio que lhes impunha a coragem e a decisão para morrer. Quando se calou, os contos das lanças e os arcos das béstas gemiam sob a pressão das mãos, apertando catalepticamente. A hoste era uma alma só, vibrante sob o olhar do heroe; um corpo obediente, disposto a morrer combatendo. Isto dizia tragicamente o silencio, quando a amplidão concava da charneca, batida como por um martello enorme, reboou com o grito de

—Castilla! Santiago!

solto por quatro ou cinco milhares de boccas. [1] O clamor immenso abafava o tropear dos cavallos, o sibilar dos tiros, o tilintar dos ferros. O sol que já ia alto incendiava o aço das armas e armaduras.

Ao trovão ostentoso dos castelhanos, eccoando longamente, succedeu o grito surdo dos portuguezes

—Portugal! S. Jorge!

Em tropel, porque desdenhavam d'esse punhado obscuro de gentes bisonhas, commandadas por um fedelho: em tropel caiu a cavallaria castelhana, bradando, sobre a sebe de lanças inclinadas para os receber. Mas os cavallos, varados nos peitos, empinavam-se, contorcendo-se com a dor e derribando os cavalleiros que recebiam em cheio os dardos e virotões despedidos pelas fileiras interiores da peonagem, por cima da linha dos homens d'armas. Assim morreram o Mestre de Alcantara e o clavicularío Ruy Gonçalves; Pero Gonsalves, de Sevilha, *adelantado*, ou fronteiro da Andaluzia; Gonsalo de Aza, Julião de Lerma, e muitos mais; assim foram postos fora de combate, feridos, o conde de Niebla, o almirante Tovar, o Mestre de Santiago, Garcia Gonsalves de Grijalva, e, com varios outros personagens, o proprio irmão de Nun'alvares, prior do Hospital. Havia no campo uma centena de mortos.

---

[1] Eram 1:000 lanças. — Cf. Sandoval. *Aljubarrota.*

Vendo o destroço, Nun'alvares tomou a offensiva, convertendo a desordem em debandada. A batalha durára apenas o tempo de duas cargas. Alguns convidavam o almirante Tovar a que voltasse.

—Homem morto não cobra soldo,[1] respondia elle enfadado. Ande a bandeira. Exercito desbaratado não vem outra vez a talho.

E galopavam desesperadamente pela charneca, abandonando a peonagem á sua sorte misera. Nun'alvares montou á pressa, montaram as suas lanças, e, n'uma corrida, varreu-se o campo. Foram dormir a Fronteira, onde Vasco Porcalho dizia mal á sua vida por não ter estado na batalha.[2] Os fugitivos tinham-se acolhido, uns ao Crato, outros a Monforte. Estava ahi o Barbuda. No dia seguinte, Nun'alvares foi lá, na esperança de que a villa se lhe abrisse. Fecharam-se porém dentro das muralhas, e o capitão perdeu um dia, esperando. Retirou, por não ter meio de dar assalto á villa. No dia immediato, foi a pé e descalço, em romagem a Santa Maria do Assumar, duas leguas de Monforte, e achou a egreja profanada pelas béstas dos castelhanos que d'ella tinham feito estrebaria. Elle proprio ajudou tambem a tirar para fora o esterco, humildemente. N'esta hora, talvez, formou o voto de construir o templo que ahi levantou depois.[3] Em seguida foi a Arronches: a guarnição castelhana encerrou-se no castello, mas por fim renderam-se, dando-lhes Nun'alvares salvo conducto para voltarem a seus penates. Depois de Arronches, foi Alegrete que se lhe entregou.[4] Assegurada assim a zona extrema do alto Alemtejo, com a victoria dos Atoleiros, Nun'alvares regressou a Evora.

---

1 Gato escaldado, de agua fria tem medo.

2 *Chron. do Condestabre,* XXVIII; Lopes, *Chron.* XCVI.

3 Cada batalha tem a sua egreja votiva. A de Atoleiros é o Assumar, a de Aljubarrota é S. Jorge, e a de Valverde é o Carmo, conforme veremos.

4 Lopes, *Chron.*, XCVII.

*

* *

Que succedia entretanto em Lisboa?

Quando a noticia do desastre dos Atoleiros chegou ao quartel real da Arruda, D. João de Castella, vendo que a paralisação forçada pela demora da esquadra lhe prejudicava os movimentos, decidiu avançar. Dois mezes, março e abril, se tinham perdido sem adiantar um passo; cada dia se pronunciavam pelo inimigo novas terras; e a campanha, agora, começava por um desaire. O exercito avançou das linhas de Arruda-Bombarral-Torres contra Lisboa, acampando no Lumiar. Nos primeiros dias de maio, [1] occuparam o alto da Senhora-do-Monte e lançaram um reconhecimento contra Lisboa, assaltando a porta de Santo Agostinho, ou postigo da Graça, no braço extremo que as muralhas da cidade ahi deitavam para o norte, sobre a cumiada. Foram rechassados, perdendo o capitão Ramirez de Arellano que ficou prisioneiro.

Oito dias depois, [2] em vez de chegar a esquadra castelhana, partiu do Tejo a portugueza com o novo almirante Gonçalo Rodrigues de Sousa, alcaide de Monsaraz, para ir ao Porto buscar gente e mantimentos e regressar de conserva com as naus alli armadas. [3] Já havia uma frota; e para pôr a nado as doze galés portuguezas concorrera sobre tudo o desembaraço incançavel do arcebispo de Braga, D. Lourenço, parcial enthusiasta do Mestre, um dos seus braços direitos, que encontraremos mais de uma vez, no decurso d'esta historia, acceso em furor guerreiro, com uma coragem friamente alegre, e uma actividade indomavel.

---

[1] 6 de maio.

[2] 14 de maio.

[3] Lopes, *Chron.* CXII, III.

Dera-lhe o Mestre o cargo de prover aos armamentos navaes, e elle não parava, a cavallo sempre, correndo as ribeiras da cidade, de cota de armas, com o roxete por cima, em vez de manto, e uma lança apontada, galopando. Frades, clerigos, toda a milicia da egreja punha em acção; e quando algum queria eximir-se, invocando a tonsura, respondia desabridamente:

— E eu que sou arcebispo?... E' mais que frade. [1] Adiante!

Passava como uma rajada; e o facto é que as doze naus ficaram promptas em breves dias. Essa expedição naval chegou a ponto para affastar os gallegos que, de São Romão, ameaçavam o Porto e tiveram de fugir acossados, transpondo o Leça. Era a gente do arcebispo de Santiago, D. João Manrique. Tinham entrado pelo Minho, com setecentas lanças e dois mil peões. Por outro lado, em Santo Thyrso, andava o bando de Fernando Affonso, de Zamora, roubando, e dizendo-se, ora por Castella, ora pelo Mestre, segundo o sabor das terras. [2]

Entretanto, parecia que a Providencia olhava por Lisboa, trazendo-lhe o mar á bocca soccorros successivos. Um dia foram duas naus de genovezes, carregadas de pannos e de prata. [3] Outra vez [4] era o temporal que mettia pela barra dentro uma frota castelhana: cinco baxins, uma galé e uma grande nau com farinha e peixe secco. A galé pôde safar-se, á força de remos, picando as amarras; mas os outros navios foram tomados, á vista do Mestre, que do Castello seguia a peleja. Queriam os negociantes comprar a presa, mas o Mestre não deixou, observando a rir que era uma providencia, o peixe, para a quaresma que os esperava. Finalmente, o temporal com que a frota portugueza saía para o Porto, obrigou tambem tres naus castelhanas que,

---

1 Lopes, *Chron.* CXI.

2 *Ibid.* CXVIII a XXII.

3 *Ibid.*, CX.

4 1 de fevereiro; *ibid.*, LXX.

com farinha e mantimentos para o exercito, esperavam a esquadra fóra da barra, a entral-a, varando em terra em Oeiras. As tripulações fugiram para Cintra, que era inimiga. [1] Não houve mais que recolher e armazenar essa nova provisão de mantimentos.

O mar que assim tomava, na revolução, um papel cada vez maior, prenunciando destinos futuros, permittia ao governo de Lisboa entabolar relações com a Inglaterra, cujas pretenções castelhanas eram sabidas. Já em dezembro tinham partido para lá com cartas, implorando licença para alliciar gente, Lourenço Martins, creado do Mestre, e o inglez Thomaz Daniel. [2] Em fevereiro partiu de Lisboa a embaixada, embarcando no Porto em março, [3] na nau ingleza *Lincoln*, notada pela sua boa structura. [4] Iam Fernando Affonso de Albuquerque, mestre de Santiago, e Lourenço Annes Fogaça, [5] o que vimos escapar-se de Santarem, quando Leonor Telles teve de abdicar. O Fogaça era diplomata de valor já provado: fôra a Castella e a Pariz, celebrando ahi a alliança de D. Fernando com o duque de Anju. Fallava

---

1 Lopes, *Chron.* CXII.

2 *Ibid.*, XLVIII.

3 *Ibid.*, LXXIX indica a éra de 1421=1383; mas em 31 de março d'esse anno ainda D. Fernando era vivo. Evidentemente é 1422=1384.

4 Froissart, *Chron.* III, 39: «Qui va de toutes ventes et plus surement que nulle autre.»

5 Lopes, *Chron.*, XLVIII. — «Lors furent nommés et fut accordé par deliberation du conseil et arret que le grand maitre de Saint-Jacques du royaume de Portugal et Laurentien Fougasse (Lourenço Annes Fogaça) un moult sage et discret écuyer et qui bel et bien savait parler français iraient en ce message en Angleterre; car à l'avis du conseil du roi de Portugal on n'y pouvait envoyer pour le present gens qui point mieux sauraient faire besogne.»

Vão os embaixadores embarcar ao Porto «et entrerent au vaisel et escliperent em mer et singlerent à pouvoir vers le royaume d'Angleterre; et furent trois jours en mer absents de toute terre et en véaient que ciel et eau et au quart jour virent Cornouaille.» Chegaram «au havre de Hantonne (Southampton) et là ancrerent.» Foram

muito bem francez. [1] A negociação pactuava que o mestre de Aviz ajudaria o duque de Lencastre a revindicar para sua mulher D. Constança a corôa de Castella, prestando Ricardo I ao governo de Lisboa um soccorro de setecentas lanças e quatro mil besteiros que viriam commandados pelo duque de Cambridge, e permittindo, além d'isso, que os legados portuguezes recrutassem a gente que podessem. Esta segunda expedição do duque de Cambridge ficou addiada pelos casos da Escocia, onde se renovara a guerra com a França, não chegando a realisar-se; mas Lourenço Martins, embarcado em Plymouth, vinha no mar com um reforço de gente e dinheiro, portador de cartas do rei de Inglaterra para o Mestre. [2] A embaixada continuava em Londres.

Dentro dos muros de Lisboa, o trabalhar era incessante, o borborinho immenso. Levas de gente dos arrabaldes transpunham diariamente os muros, vindo de todos os lados: de Xabregas pela porta da Cruz; de Santa Clara pelas de S. Vicente, na face oriental da cidade; de Alvalade, [3] do Monte, da Penha, pela porta de Santo Agostinho, ou da Graça; de Campolide e de Arroyos, seguindo pela Corredoura, pelas portas de Santo Antão, na face norte de Lisboa; e finalmente dos lados occidentaes de Santos, de Alcantara até ao Restello, pela porta de Santa Catharina e postigos visinhos de S. Roque e da Trindade. Eram manadas de homens, de mulheres, com enxames de filhos nos braços, aos hombros, chorando e gritando; era uma tor-

---

por terra a Londres descendo «en Grecerche (Grace Church) à l'hotel aù Faucon sus Thomelin de Vincestre (Winchester).» O rei de Inglatérra e os seus tios, Lencastre, Cambridge, York, Glocester, estavam em Londres com o rei. De tarde os embaixadores portuguezes foram ao paço com as cartas que levavam, sendo recebidos por Lencastre; e no dia seguinte levados por elle ao rei em Westminster. — Froissart, *Chron.*, III, 29.

1 Lopes, *Chron.*, XLVI.

2 *Ibid.*, XCVIII.

3 Campo-grande.

rente que não parava, de dia, de noite, com récuas de bestas carregadas de mobilias e alfayas «dorida cousa de esguardar [1]» por que em todos ardia o terror presente das crueldades de 1373, havia dez annos apenas! Nas ribeiras não era menor o borborinho da multidão que se precipitava sobre as faluas e barcos para passar a Setubal e Palmella, além do rio, fugindo ás cruezas do cerco já começado. [2]

Nos que ficavam, havia a decisão firme de defender até á ultima a cidade que se tornara o baluarte da independencia. As setenta e sete torres dos muros estavam reforçadas com remanchões de madeira, bem fornecidos de escudos, lanças, dardos e béstas de torno, com abundancia de virotões, e de bacinetes e armaduras. Das trinta e oito portas da cidade, doze estavam todo o dia abertas. Junto da porta de Santa Catharina, havia uma ambulancia. Começara-se já a barbacan contra o muro, desde esta porta até á torre de Alvaro Paes, pois se sabia que, apoiado na esquadra, o lado de Alcantara era o escolhido pelo inimigo para o seu arrayal. Contra o Tejo, na Ribeira, havia por fóra dos muros uma forte estacada que para cima se prolongava até Santa Clara, e para baixo até Santos. Eram pontas agudas de toros para impedir a marcha dos cavallos, e forçar a peonagem a desfazer a formatura; nos vãos das estacas havia pedra britada que na maré alta impedia aos barcos approximar-se. No cimo das torres soltavam-se ao vento os pendões de S. Jorge, da Cidade, do Reino e dos Senhores e Capitães; no ar soltava-se o rebate dos sinos das quadrilhas de homens d'armas, commandado pelo bronze sonoro das torres ponteagudas da Sé. Nem de dia, nem de noite, descançava o Mestre, correndo a toda a parte, ubiquo: de dia á luz do sol, de noite á luz das tochas, sem conhecer somno. Os *mesteres*, ou officios, formavam corpos armados; a caza dos Vinte-e-quatro transformara-se

---

[1] Lopes, *Chron.*, CXXI.

[2] *Ibid.*, CXVI.

n'um conselho de guerra. Os clerigos e frades, arregaçado o habito, trabalhavam com as armas ao lado, manejando, ora a cruz, ora o alvião, ora a bésta. A plataforma dos muros coroava-se de gente excitada pelo cantar do vento nas bandeiras, pelo cantar dos sinos que lhes alegrava os corações, pelo cantar das trombetas de guerra: bramidos longos que revolviam a alma e traziam brados á bocca, por onde vomitavam injurias e apupos, esgrimindo espadas e lanças, perante as rondas das mulheres que seguiam acarretando pedra, e cantando tambem:

Esta és Lisboa prezada...
Miralda e deixalda,
Si quisieredes carnero
Qual dieran al Andero;
Si quisieredes cabrito,
Qual dieran al Arçobispo... [1]

As gargalhadas e chufas grosseiras, com ditos equivocos ás raparigas, acolhiam as trovas, celebrando os assassinatos de dezembro e o sangue que regara as raizes da revolução.

Como um tyranno antigo, o mestre d'Aviz firmava a sua força, demagogicamente, na plebe que o acclamara. Lisboa parecia Syracusa, ou Roma nas mãos de Mario. Esmagavam os ricos com impostos [2] e confiscos, isentando os moradores da capital, em todo o reino, da portagem, usagem, costumagem, ou de qualquer tributo pelo que levassem em transito. [3] Pontualmente se seguia o

---

[1] Lopes, *Chron.*, cxvi.

[2] *Carta* de 1 de abril 1422=1384 á cid. de Lisboa «que os ricos e grandes, poderosos que sejam, que paguem em ellas, cada um pelas quantias que houverem por seus bens, assim como pagam e fazem pagar os pobres e mesteiraes da dita cidade, e que d'isto hajam estylo dos fidalgos que de sempre foram em ello privilegiados e os doutores.» — Em Oliveira, *Elementos para a hist. do mun. de Lisboa*; I, 40.

[3] *Carta* de 7 de abril 1422=1384 á cid. de Lisboa: «... consirando como a muy nobre çidade de lisboa he a mayor e a mais prinçipall de todos os ditos Regnos e como os moradores della defenderom a

conselho de Alvaro Paes, dando o que se não tinha. Por outro lado, batiam moeda, cerceando o valor á antiga [1] e tranqueando a todos o lucro da nova cunhagem da prata fraca. [2] Por outro lado ainda, lançava-se um emprestimo forçado, dando a cidade cem mil libras, os judeus setenta marcos de prata, a Sé e as outras egrejas duzentos e oitenta e sete, e o proprio Mestre os novecentos que tinha em sua casa. [3] As alfayas tornavam-se em moeda, e os reaes novos, como talismans, traziam-nos ao pescoço: livravam de dores. [4] Uma atmosphera de milagre involvia a cidade, á qual o Mestre surgia revestido de caracteres quasi sobrenaturaes, como um Messias. Lisboa parecia Jerusalem; os castelhanos como os exercitos de Nabucodonosor, ou de Pompeu, ou Tito. De Montemor chegara havia dias um homem com certidões de como, no meiado de abril (11) uma segunda feira, ahi chovera cera: trazia pedaços que

---

elRey don anrrique e a elRey dom Joham de castella ẽ tempo que a frota jouue sob ella, fazendo todo esto aa custa dos moradores da dita çidade, e como dona lionor, molher que sse dizia delRey dom Fernando queria sujugar estes Reynos ao Reyno de Castella e o fazer a sseos moradores da dita çidade nom foram que a defenderom cõ seus corpos e aueres, e por muyto serviço que a nos fezerom e aos reis honde nos vimos...» — *Ibid.*, I, 254.

[1] «Mandou lavrar «*reaes de prata*... de nove e cinco dinheiros e por o lavramento que mandava fazer de menos de lei gançava para as despezas». — Lopes, *Chron.*, L. — «Item. O dito senhor mudou muitas vezes as moedas, *in quantitate et valore*, pondo certas estimações de moedas antigas, nas quaes moedas erão feitos os contractos; e aonde havia quatro marcos de prata de moeda antiga por as ditas estimações das moedas novas se torna a marco e meio de prata, etc.» — Cunha, *Hist. de Braga*, XX, § 29.

[2] Lopes, *ibid.*, LI; aproveitaram-se da faculdade, além do concelho de Lisboa, João das Regras, author da idea, e outros.

[3] O marco tinha 72 reaes, a 104 rs. O seu valor de 7$500 rs. ha de talvez decuplicar-se para se avaliar a potencia compradora actual Cf. Aragão, *Descr. geral*, etc. I, 35 e segg. 206-7 e I, 250. — Lopes *Chron.*, XLIX.

[4] Lopes, *Chron.*, I.

mostrava á gente pasmada de uma tão clara prova da protecção do ceu. [1] Agora era o caso que na vespera enchera de assombro os sitiados. Á meia noite, as roldas dos muros, do lado de S. Vicente, viram erguerem-se vinte espectros, vestidos de alvas brancas, como padres. Os quatro da frente traziam nas mãos cirios accesos, e iam e vinham em procissão, entrando na egreja e psalmeando soturnamente. Tocaram as roldas os sinos de rebate, veiu gente, os espectros sumiram-se; mas logo as pontas das lanças, nas torres, appareceram incendiadas em fogo que durou uma hora. [2] Com um terror alegre, feito de esperanças, os corações batiam confiados na protecção divina. E o verdadeiro milagre que o Mestre via estar-se dando, era o crescer a resistencia no reino; eram as terras que diariamente se pronunciavam por elle; eram os auxilios que lhe vinham no mar, do Porto e de Inglaterra.

Primeiro chegou, porém, parte da esperada esquadra castelhana [3] forte de treze galés e uma galeota. No dia seguinte o exercito avançou do seu acampamento do Lumiar. Marchando pela cumiada de nordeste, alastrou-se pelos altos do Monte, talando hortas e vinhas, descendo até S. Domingos, no fundo do valle, para intimar á gente das torres que dissessem ao Mestre como el-rei vinha alli e queria entrar na cidade. Dos muros receberam-nos a tiro, e os castelhanos recuaram. Tornearam a cidade, dando-lhe a volta pelo norte, e já invadiam os suburbios occidentaes, assolando tudo, como uma cheia. O Mestre, do alto da torre de Alvaro Paes, observava. Fernand'alvares, o irmão de Nun'alvares que a mãe conseguira trazer para Lisboa, sahiu pela porta de Santa Catharina; acossado pelo inimigo, voltava fugindo, e, no encalço, os castelhanos estavam a ponto de entrar, quando o Mestre, correndo

---

1 Lopes, *Chron.*, CXII.

2 *Ibid.*, CXI[illegible].

3 26 de maio.

da torre, fechou por suas mãos as portas. [1] Foi esta a primeira escaramuça, em que os castelhanos perderam o alcaide dos donzeis. [2]

No dia immediato entravam a barra as naus da esquadra, quarenta ao todo, entre grandes e pequenas. Ao mesmo tempo, o rei de Castella estabelecia o seu arrayal, apoiando a ala esquerda sobre o rio, e subindo pelas cumiadas de além de Santos, pelos altos da Estrella e do Rato, em curva até Campolide. Fechava-se o cerco, por terra e mar. A tenda real estava no convento das donas de Santos, sobranceiro ao rio, que os navios castelhanos alinhados vedavam de um a outro lado, ligados de amura a amura por grossos cabos. [3] Contra a ribeira, impotentes, atracavam quatro galés portuguezas. Almada fora occupada, salvo o castello; e um destacamento no pontal de Cacilhas, posto alli para impedir as communicações com Lisboa, dava a mão á esquadra que, do outro lado, a dava á tenda real de Santos. Pelo norte e leste de Lisboa, completavam o cerco os destacamentos successivos do alto de Campolide na ala direita do arrayal; do alto de Andaluz, dominando o valle por onde seguia a Corredoura; do alto do Monte, a cavalleiro sobre a baixa de Arroyos; e finalmente, na encosta que desce para o Tejo, o destacamento por cima de Xabregas. [4]

O arrayal castelhano era uma cidade improvisada. O rei, do Lumiar, escrevera para Castella reclamando tropas insistentemente: viessem correndo, a marchas de sete legoas por dia. [5] Veiu tudo. Veiu o principe Carlos de Navarra, veiu o novo mestre de Alcantara Gonçalo Nuñes Guzman, vieram de França tresentas lanças das melhores que tinha

---

[1] Lopes, *Chron.*, cxiv. 28 de maio.

[2] Sandoval, *Aljubarrota*.

[3] Lopes, *Chron.*, cxv.

[4] Sandoval, *ibid.* V. os mappas topographicos, de p. 44.

[5] V. a carta de 20 de maio a Murcia, em Cascales, *Disc. hist.*, cit. por Sandoval, *ibid.*

o Béarn, apesar da reluctancia do conde Gaston de Foix. Era um exercito de vinte e cinco mil homens. [1] Era uma cidade arruada e garridamente empavezada, porque ninguem duvidava do exito da empreza. Havia trombetas, pendões, musica e festas por todos os lados. Havia tavolagens bastas, ruas de mulheres mundanarias, como nas cidades, e *cambadores* em abundancia para troca do ouro e prata que rodava a flux. Só faltava calçado: do mais havia tudo, desde o necessario até ao luxo superfluo, como a agua de rosas que corria em bica. Pro forma e não por outro motivo, pois não havia que temer, o arrayal fôra apalancado por um pequeno vallo. [2] Ninguem pensava em assaltos: era apenas uma estação aprazivel nas immediações de Lisboa, terreno magnifico, céo incomparavel, paysagens seductoras, primavera luminosa, jogo, banquetes, mulheres: assistindo de braços cruzados ás contorsões da cidade que, fechada no seu cinto de pedra, estoiraria inevitavelmente com fome. Nem material de cerco tinham trazido: apenas os utensilios para o assalto, escadas e manteletes.

*

* *

Mas Nun'alvares que em Evora estava ocioso, sabendo do cerco de Lisboa e do equipamento da frota no Porto, não se continha, quando lhe chegaram cartas do Mestre para que partisse, embarcando na frota e trazendo-a depressa ao Tejo, para libertar as communicações de Lisboa. Acto continuo, repartiu com a sua gente o pouco

---

[1] Lopes, *Chron.*, cxv, diz 5000 lanças, mais a gente de Santarem e outros logares, 1000 ginetes, 6000 besteiros, e peões sem conto. — Froissart diz de 20 a 30000 homens. — Cf. Sandoval, *ibid.*

[2] Lopes, *ibid.*

ouro que o Mestre lhe enviava,[1] e largou com duzentas lanças,[2] mandando adiante emissarios para que do Porto não saissem sem elle chegar. Em Thomar avistou-se com o mestre de Christo:

— Que vos parece d'estes estranhos feitos?

— Louvado Deus, respondeu Nun'alvares, sem se apeiar; os começos parecem bons... Os fins melhores serão!

E seguiu na carreira, direito a Coimbra, cujo castello era ainda por D. Beatriz. Tinha-o a condessa, mulher do alcaide de Cintra, que sabendo da penuria em que vinha essa gente, teve tentações de os prender. Sem dinheiro, os soldados arranjavam de comer conforme podiam,[3] e Nun'alvares vendeu a prata de que dispunha, e extorquiu um subsidio dos homens-bons de Coimbra. Mas o peior foi que a viagem se frustrou, porque, no Porto, largaram logo[4] para Buarcos, assim que tiveram noticia da ida de Nun'alvares. Os invejosos não queriam quem lhes fizesse sombra. E tendo elle avisado para Buarcos que o aguardassem, fizeram o mesmo que no Porto: largaram logo na volta de Lisboa.

Nun'alvares regressou, portanto, descendo até Torres Novas, que por D. Beatriz tinha o seu amigo Gonçalo Vaz de Azevedo, a ver se o convencia a pronunciar-se pelo Mestre; mas a penuria em que Nun'alvares vinha era mau argumento, e o Azevedo respondeu-lhe que sim: depois de o Mestre ter vencido. Ouvindo o conselho da hoste sobre a ida contra Lisboa, votaram contra. Que havia a fazer? Regressar ao Alemtejo, esperar. Viraram para leste direitos a Thomar, desmantelados como iam. Ahi o judeu D. David, cujos bens Nun'alvares havia de herdar, se herdasse, aproximou-se d'elle sorrindo unctuosamente, choca-

---

[1] «Ca el nom preçaua outro tesouro.» — *Chron. do Condest.*, XXX.

[2] A *Chron. do Condestabre* diz 80; Lopes, *Chron.* CXXVI diz 200 «e quem menos escreve erra em seu escrever».

[3] «Alguns tiravam a penha de sobre as armas o que haviam de comer.» — Lopes, *Chron.* CXXVII.

[4] Principios de junho.

lhando a bolsa. Tinha ali mil dobras d'el-rei de Castella... mil dobras de ouro d'el-rei D. Pedro, como já se não cunhavam, agora que só havia prata.[1] Sem o maltratar, Nun'alvares observou-lhe que só recebia dinheiro d'aquelles a quem servia.[2] Seguiu para Constança, onde soube que uns castelhanos do Crato queriam descer a Santarem. Armou-lhes embuscada, acampando escondido n'um freixial. Quando viu na estrada os grandes pós da gente, alegremente despiu o mantão, envergando o arnez. Sellaram os cavallos, sem ruido. Preparam-se para o assalto, além do outeiro que se mettia de permeio entre elles e a estrada. Surdamente subiram ao cómoro, e do alto, com um grande alarido de trombetas, cairam como raio sobre o inimigo incauto, que deixou umas dezenas de mortos e feridos e o grande despojo de bestas, ouro e prata, dinheiros e roupas, com que se foram a Evora.[3] Chegado ahi, voltou-se Nun'alvares para Monsaraz que o escudeiro do alcaide tinha por conta do amo com voz por Castella,[4] mas onde os mantimentos escasseavam. Mandou soltar umas vacas fora e quando saiam a buscal-as, a sua gente entrou no castello, expulsou a guarnição, e tomou conta da terra.[5] Renasciam-lhe na idéa as invenções remotas de Viriato, ou de Sertorio. Outra vez em Evora, soube de um Castanheda que viera a Badajoz para o buscar, porque a sua fama já se alongava

---

[1] A dobra de ouro de 92,1 grãos, ou 50 ao marco, do valor de 82 soldos corresponde a 2$793 rs. da nossa moeda. 1000 são 2:793$000, e multiplicando por dez para ter o valor comparado temos 28 contos de réis, para comprar o guerrilheiro. Outros se venderam por mais, e tambem por menos, nos nossos dias.

[2] Lopes, *Chron.* CXXVIII; *Chron. do Condestabre*, XXX.

[3] *Chron. do Condestabre*, XXXI; Lopes. *Chron.* CXXIX.

[4] O alcaide era Gonçalo Roiz de Sousa *(Chron. do Condestabre*, XXXII*)* o proprio almirante da esquadra mandada pelo Mestre ao Porto, que se bandeara para o inimigo, e em cujo logar no Porto collocaram o conde D. Gonçalo, fugido de Coimbra, como sabemos.

[5] *Chron. do Condestabre*, XXXII; Lopes, *Chron.* CXLIII.

por Castella. Foi-lhe ao encontro em Elvas, onde recebeu o arauto inimigo, dizendo-lhe que sim, acceitava o repto: prazia-lhe muito a vinda, e ia preparar-lhe de jantar. Tocou logo a reunir. Largaram para Badajoz na piugada do arauto; encontraram-se, combateram, e os castelhanos recolheram a Badajoz, deixando uns vinte prisioneiros. [1]

Era indispensavel supprimir o foco de resistencia, que Nun'alvares mantinha acceso no Alemtejo, para dobrar os animos rebeldes de Lisboa. O marechal do exercito castelhano, Pero Ruiz Sarmiento, foi, pois, destacado de Lisboa com mil e quinhentas lanças, seiscentos ginetes de cavallaria mourisca, e peonagem correspondente: uns oito mil homens, para se reunirem no Crato ás forças de Pedr'alvares e varrerem o Alemtejo. Sabedor d'isto, Nun'alvares largou d'Elvas, correndo a impedir a juncção; mas em Ponte-do-Sor soube que chegava tarde. Os castelhanos já tinham passado para leste. [2] Não dispondo de forças bastantes, retirou para Evora, a refazer o seu exercito. Ahi recebeu as cartas em que o Mestre, com o dinheiro que lhe enviava, o advertia de que mais seiscentas lanças iam a caminho do Crato.

Nun'alvares lançou o bando pela comarca, chamando gente: reuniu mil e quinhentas lanças e cinco mil besteiros e homens de pé. Já os castelhanos, saídos do Crato, marchavam para o sul, contra Evora. Vinham, com o marechal Sarmiento, o novo mestre de Alcantara, o Barbuda, o Castanheda (do encontro de Badajoz) mais o conde de Niebla e o prior do Hospital, Pedr'alvares. Traziam duas mil e quinhentas lanças, seiscentos ginetes, e, com peonagem e besteiros, seriam, ao todo, uns doze mil homens, a que Nun'alvares só tinha metade para oppor.

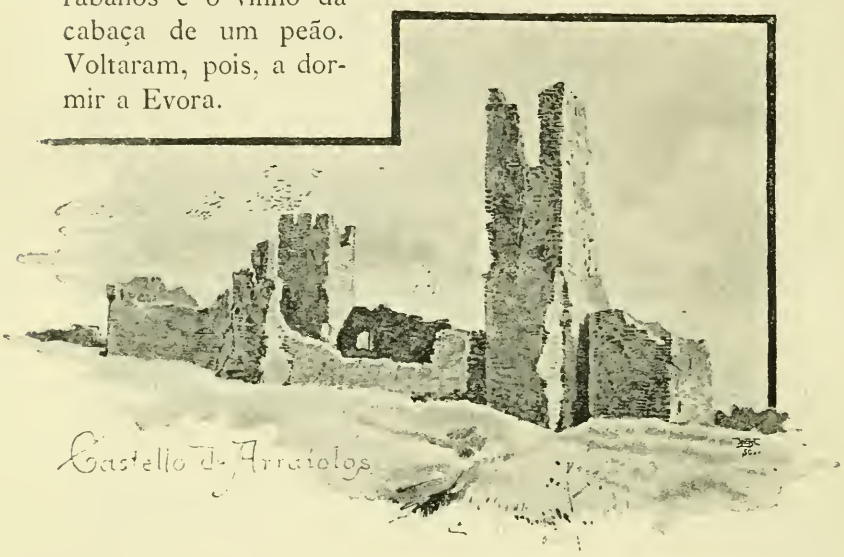
Um dia, ao saír da missa, com a mesa posta para

---

[1] *Chron. do Condestabre*, XXXIII; Lopes, *Chron.* CXLIV.

[2] *Chron. do Condestabre*, XXXIV; Lopes, *Chron.* CXLV. — Cf. Sandoval, *Aljubarrota*.

comer, veem dizer-lhe que os castelhanos estavam entre Arrayolos, o Vimieiro e Evora-monte. N'um pulo, deixando o jantar, montou a cavallo, formou o exercito, e largaram. Foram até uma quinta chamada da Oliveira, sem verem o inimigo. A defensiva impunha-se-lhe, com a escassa força que tinha. E a fome apertava com todos, porque nem bagagens levavam. No lugar não acharam mais que uns rabanos e o vinho da cabaça de um peão. Voltaram, pois, a dormir a Evora.



E na madrugada seguinte, avançando até duas legoas de Evora para o norte, no logar de Divor, alcançaram os castelhanos formados em ordem de batalha. O combate porem não se deu. A lembrança dos Atoleiros intimidava-os. Mandaram um parlamentario a Nun'alvares com os recados do costume: Viesse para elles, era loucura a resistencia. E o Sarmiento, escarmentado, para o caso de recusa ao convite, mandava-lhe pelo arauto um montante, desafiando-o pessoalmente, que o queria açoitar no campo como creança.

Nun'alvares sorriu da prosapia, sem azedume, calculando prudentemente o lance decisivo em que estava mettido. Mandou recolher o arauto, guardou a espada, e, no dia

seguinte despediu-o, dizendo-lhe que se fosse com Deus e respondesse ao seu amigo Pero Sarmiento, e a todos os seus capitães, que viessem ao campo quando quizessem, e ahi o achariam prompto sempre...

Tinha ganho um dia, sem arriscar um lance temerario. Tinha ganho o perceber a hesitação receiosa do inimigo. Não confiava na solidez das suas tropas. Por cousa alguma tomaria a offensiva, e, não sendo atacado, retirou para Evora, depois de ter estado dois dias, esperando. Necessitava dar rações á gente que partira sem bagagens. Saindo ao depois ainda, viu que os castelhanos tinham retirado sobre Vianna. Julgavam que a hoste portugueza se fundira sem combate, o que até certo ponto era verdade; porque, desejando Nun'alvares ir contra Vianna, não achou comsigo mais de tresentas lanças: muitos haviam desertado, escondendo-se pelos tojos da charneca e pelos vinhedos. Era uma crise de depressão provocada pela prudencia de Nun'alvares que, tão habil quanto audaz, evitava assim um choque possivelmente funesto á sua causa. Cumpria agora defender o terreno ganho; não era, como em abril, havia pouco mais de dois mezes, quando cumpria jogar tudo, para marcar a primeira vasa.

Sarmiento, com o Castanheda e setecentas lanças, tornaram a Lisboa. Arrayolos ficou em poder dos castelhanos. O grosso das forças regressava ao Crato. [1] Terminára a correria, e, se os castelhanos não tinham sido vencidos, elles que vinham a vencer, nem combateram. Por isso o rei recebeu com desagrado o seu marechal.

*
* *

No sul, mallograva-se a campanha; em Lisboa os sitiados porfiavam na resistencia; o norte fôra varrido de

1 *Chron. do Conlestabre*, XXXIV; Lopes, *Chron.* CXLVI.

gallegos pela gente do Porto que se não poupara a sacrificios, para armar a esquadra, [1] ainda no mar, navegando de conserva com a de Lisboa a libertar a cidade cercada. O rei de Castella não tinha motivos para applaudir o caminho que as cousas levavam. Se todo o norte do reino se conservava firme, o Porto, porém, dava provas de uma adhesão decidida ao partido do Mestre. [2] Tinham acolhido de braços abertos o conde D. Pedro de Trastamara, fugido de Coimbra, quando fôra da conspiração, subsidiando-o para ir ter com o Mestre a Thomar, e ligar-se-lhe. [3] Tinham mandado por sua propria conta a Inglaterra um bispo alistar soldados. [4] Tinham prestado ao Mestre as mercadorias carregadas para Ingla-

---

[1] D. Duarte, mais tarde, reconhece estes serviços nas seguintes palavras: «asi em tomarem sua voz, quando o (D. João I) Deos trouxe á governança d'estes Reynos, como a requerer a Fidalgos e a grandes Senhores que tivessem sua vox dando-lhes muitos dinheyros e pagando-lhes grande soldo, asy como fizerão a Ruy Pereira e a outros Fidalgos, que mandarão com grande Armada a descercar Lisboa onde El-Rey jazia cercado d'El-Rey de Castella, seu adversario, e que despenderão em aquella armada, per conto, trinta e duas mil livras d'affonsys e que depois derão a Gonçalo Vaz Coutinho por hir com elles ataa o Castello da Feira mil livras da dita moeda porque doutra guisa ho não quisera fazer.» — Carta de D. Duarte ao concelho do Porto; em Estremoz, 12 abril 1436. — Em J. P. Ribeiro, *Diss. Chron.*, app. 86. T. I, 320.

[2] «por quanto a mor parte dos Fidalgos era contraria a El-Rey, em tanto, que todos os que tinhão Villas e Castellos antre Douro e Minho, os derão a El-Rey de Castella, que não ficou, salvo o Porto e Monção que não tinhão capitão sobre si.» — *Ibid.*

[3] «Fizeram grande despeza com o conde D. Pedro (Trastamara) que estivera grande tempo na cidade, regardandosse a Cídade delle, porque não sabia como vinha, ataa que El-Rey o mandara chamar a Thomar, e que lhe derão tres mil livras d'Afonsys para o caminho». — Este conde D. Pedro, filho do mestre de Santiago, D. Fradique, assassinado por D. Pedro-o-cruel em Sevilha, era neto do rei D. Affonso e de Leonor de Guzman. Estavam com elle dois irmãos, ambos do nome de Affonso Henriques, e o segundo nascido de uma judia.— *Ibid.*—Cf. Lopes, *Chron.* CXXV.

[4] «e que ainda mandarão hum Bispo a Inglaterra, por tirarem Ingresses, per ajuda da defensão da Cidade e da terra... e que tiverão

terra afim de, com o producto d'ellas, occorrer aos alistamentos de tropa, dando além d'isso mil e quinhentos marcos de prata. [1] Finalmente, a mais de uma dedicação e fidelidade estremadas, tinham gasto sommas relativamente enormes que attingiam mais de cinco mil marcos de prata e mais de trinta mil crusados de seis ao marco, [2] moeda nova que o Mestre cunhara com o signo sacrosanto da Redempção. Tinham comprado o conde D. Gonçalo Tello que ficára em Coimbra, depois da retirada do rei de Castella, [3] e que se passara para o Mestre mediante a promessa de lhe dar as terras que tinham sido da rainha D. Leonor, sua irmã: terras já promettidas a Nun'alvares, mas de que este desistiu sem um momento de hesitação, quando o Mestre lhe escrevera para Evora a tal respeito. [4] Tinham comprado a peso de ouro o conde, pagando-lhe as suas successivas necessidades, como n'aquelle dia em que, por falta de «pós para a cozinha,» se queria ir, sendo forçoso acudir-lhe com

---

estos Ingresses muitos tempos com sigo, pagando lhes grande soldo cada mez em que gastarão muito.» — *Ibid.*

[1] «E outrosy acorrerão a El-Rey com as suas mercadorias que tinham carregadas que lhe derão em Inglaterra dez mil francos com que mandou vir muitos Ingresses archeiros e homens d'armas pera defensão do Reyno.» — «E além destas e doutras infindas despezas que fizerão por ter sua vox lhe emprestaram mil e quinhentos marcos de prata de que ainda a muitos he devido gram contia.» — *Ibid.*

[2] «Estas livras anumeradas, contheudas com este privilegio, que são 39:200 a rezão de 20 libras por marco de prata, montam 1:960 marcos. E nos 10 mil francos a razão de seis franqos por marco, monta 1:666 marcos de prata. E os que se emprestarão são 1:600 marcos de prata, somão todas estas despezas anumeradas 5:126 (alias 5:226) marcos de prata, sem as que não tem numero. E monta toda esta prata, a 6 cruzados por marco de prata, 30$756 (alias 31:356) cruzados, e muito sangue derramado e mortes de muito bons e leaes, por serviço de seu Rey e Senhor e por sua liberdade.» — *Ibid.* — Os 5:226 marcos a 7$500 réis representam 39:195$000 réis. Se os decuplicarmos, temos 400 contos de réis, como valor effectivo das contribuições do Porto.

[3] Lopes, *Chron.* CXXIII

[4] *Ibid.*, CXXIV.

mil libras affonsinhas. [1] Pareciam-se ambos, os irmãos de Leonor Telles... D. Gonçalo, no Porto, substituira o Sousa, demittido, no commando das galés da esquadra que, antes de vir para Lisboa, saira a varrer as costas da Galliza, sob as ordens do conde D. Pedro de Trastamara.

Eram seis as galés d'essa divisão. Foram a Bayona, á Corunha, a Betanços, devastando as rias abertas da costa extrema de nordeste, em paga das correrias feitas no interior do Minho. Na *Victoria* ia o Manoel Lançarote, filho do antigo almirante morto em Beja, com Antão Vasques, Ayres Pires de Camões (ja dos Camões se tinham passado para o Mestre); na *S. Jorge*, ia Lourenço Mendes; na *S. João* Vasco Philippe; e na *Bemaventurada* e na *Sant'Anna*, dois dos Mellos, da ultima geração, que abertamente se tinham pronunciado: Gonçalo Vasques, e Vasco Martins, *o moço*. [2]

Terminada a expedição do norte, rematados os equipamentos, a esquadra portugueza, reunida no Douro, apressou a partida quando soube da aproximação de Nun'alvares, segundo vimos. Desceu a costa até Buarcos, e tambem ahi se escapou, fugindo ao fronteiro do Alemtejo. Eram dezesete naus, e outras tantas galés, sob o commando do conde D. Gonçalo. O conde D. Pedro ficara no Porto, ferido, do torneio com o irmão, á volta da Galliza. As galés vinham bem; as naus, porém, sem gente, mal equipadas. Traziam a bordo um João Ramalho, mercador rico do Porto, homem entendido nas cousas do mar. A esquadra deu fundo em Cascaes n'um domingo. [3]

---

[1] «E como outro sy enviarão muitos dinheiros e pannos a Coimbra ao Conde Dom Gonçalo que tivesse a vox d'El-Rey com quantos podesse aver e fizerão no vir á Cidade honde lhe davão quanto havia mister; e por que se hum dia fingio que queria partir por que lhe não davão poos pera a cozinha deram-lhe mil libras d'Afonsys.» — *Carta* de D. Duarte; *ibid.*

[2] Lopes, *Chron.*, cxxv.

[3] 17 de junho Lopes.—*Chron.* cxxxi. *a.* O n. cxxxi está repetido na num. dos capp.

Assim que a noticia chegou, os castelhanos moveram a sua frota da posição que tinha atravez do rio, estendendo-a em linha prolongada com a praia do Restello, de proas viradas para o sul. Mandaram duas galés á barra a reconhecer as forças do inimigo. Reuniram conselho em Santos: o almirante Tovar, Pero Affonso de Ribera, o Velasco, Fernando Alvares de Toledo, o conde de Mayorca: todos os capitães do exercito, [1] pois, na guerra do tempo, os navios eram ainda apenas um meio de locomoção costeira. Tactica naval propriamente dita, não existia. Combatia-se no mar como em terra, com os mesmos capitães e as mesmas artes. No conselho, alguns opinavam que se devia sair e combater no mar a esquadra portugueza. O Velasco, desanimado, preferia as pazes: tinha receio de Nun'alvares que julgava estar a bordo; [2] mas este conselho timido foi repellido pelo rei. Tão pouco foi acceite o conselho ousado de sair. Resolveu-se esperar a entrada da frota, e, dobrando sobre ella a linha dos navios estendida em frente do Restello, involvel-a e anniquilal-a.

Por seu lado, na propria noite da chegada, saía de Cascaes n'um batel o João Ramalho, Tejo acima — já a manobra inimiga o deixara franco — para conferenciar com o Mestre, e saber o que fariam. O plano assente foi o seguinte: subir o rio em linha de parelhas, uma galé do lado do inimigo, uma nau do lado de Almada. D'este modo, impediriam os castelhanos de realisar a sua manobra involvente. De Lisboa, o Mestre sairia com tropas para guarnecer as naus. [3] Voltou a Cascaes o Ramalho com as instrucções; e em Lisboa a noticia propagou-se como relampago. Estavam livres da fome! Exultava a cidade inteira: abriam-se as janellas, atulhavam-se as ruas, borborinhava o povo, soltavam-se as linguas, enchiam-se as egrejas; havia preces,

---

[1] Lopes, *Chron.*, CXXX.
[2] *Ibid.*, CXXXI.
[3] *Ibid.* CXXXI *a*.

havia canticos, havia lagrimas de alegria e esperança. A cidade inteira, palpitante, debatia-se entre a fé no dia seguinte e o temor da esquadra castelhana — que era tão forte! Crivada de luzes a escuridão da noite, com as candeias e tochas por toda a parte accesas,[1] a aurora que vinha surgindo, a recortar no céu as torres de S. Vicente, enchia de animo a gente commovida pela esperança.

Era o signal de novos dias de fortuna... O Mestre em pessoa quiz ir á ribeira, para armar os barcos que haviam de levar gente ás naus: quiz ir, e foi, apesar das resistencias.[2] A maré vasava e havia calma. A manhã apparecia pesada, com o ceu turvo de nuvens. Já todos os altos e todos os muros da cidade estavam apinhados de gente para ver o drama que ia passar-se no rio: prologo de tantos momentos futuros de anciedade épica! Do pardo lançol das aguas esperavam a salvação, mirando-se na sua superficie muda, tornando os olhares ao céo, da mesma fórma enygmatico. As nuvens tumidas corriam levadas pelo vento de oeste que principiava a soprar. Com os filhos ao collo, as mães, chorosas, batiam nos peitos, ajoelhadas, erguendo-lhes as mãos para o alto, a implorar pela bocca innocente das creanças o soccorro bemdito da Madre-de-Deus e de S. Vicente, padroeiro, cujas torres se erguiam sobre o fundo do ar encinzeirado.

Com o voltar da maré, pelas nove da manhã, a esquadra portugueza entrou a barra. Já o vento soprava rijamente de oeste impellindo á feição as naus. O rio estava encapellado. Á frente vinha a nau *Milheira*, do commando de Ruy Pereira, tio de Nun'alvares, o que atravessou o Andeiro com a estocada que o matou. Trazia sessenta homens e quarenta besteiros. Seguiam-na quatro naus tambem armadas, a *Estrella*, a *Farinheira*, a *Sangrenta*, e outra.

---

[1] Lopes, *Chron.*, CXXXII.

[2] *Ibid.* CXXXIII.

As mais doze vinham atraz; e as galés remavam cobertas de pendões, empavezadas.[1] Por seu lado, na ribeira, embarcava o Mestre nos quatro navios de que dispunha, com gente de soccorro; mas o vento e a maré ponteiros não deixavam governar: dois barcos foram rio acima, os outros dois vararam sem poder sair. O Mestre, afflicto, desembarcou.[2] Era o segundo revez: o primeiro fôra não vir Nun'alvares!

Logo que Ruy Pereira chegou com a *Milheira* á altura do flanco da armada castelhana, orçou para ella, seguido pelas quatro naus da vanguarda. Entretanto as galés, á voga arrancada, e as outras naus com maré e vento de feição, subiam pelo lado do sul o rio. Vendo porém os inimigos immoveis, Ruy Pereira arribou, para se reunir á esquadra. N'esse momento, o almirante castelhano entendeu opportuno sair, para se prolongar com os navios portuguezes em linha parallela por barlavento, vedando-lhes a communicação com Lisboa. Vendo a manobra, Ruy Pereira, para a impedir, metteu de ló no bordo de norte, e, cortando a linha castelhana, abordou a nau almirante inimiga *S. Juan de Arena*, fazendo outro tanto as suas outras quatro naus. Este episodio salvador permittiu ao grosso da esquadra portugueza escapar, rio acima, sem combater. Mas as cinco naus, e os navios castelhanos que por todos os lados as abalroavam, foram, n'um feixe, levados pelo vento e pela maré, esbarrar no pontal de Cacilhas. A lucta era brava, mormente na nau *Milheira*, onde Ruy Pereira, depois de muito combater, recebia um virote na fronte, caindo para o lado, morto. Assim acabou o tio de Nun'alvares, sacrificando-se para salvar a sua frota. A nau rendeu-se, renderam-se mais duas; mas as outras duas salvaram-se, bem como o grosso da esquadra que, subindo o Tejo, encalhava na praia, desde as Taracenas até á porta do Mar,

---

[1] Lopes, *Chron.*, CXXXIII.

[2] *Ibid.*

desembarcando a gente e mantimentos ao abrigo dos muros e das estacadas exteriores. [1]

Com a sua timidez, os castelhanos tinham perdido a partida, porque a esquadra portugueza, embora varada na ribeira de Lisboa, não estava destruida, e poderia servir para qualquer eventualidade, como de facto veiu a servir: tinham-na perdido, por que o soccorro de gente e munições entrava na cidade, embora, devendo ella cair pela fome e não por assaltos, o augmento de bocas fosse mais prejudicial, do que era vantajoso o subsidio trazido ás provisões. Por outro lado, porém, é certo que, evitando o risco de um combate naval no mar das Berlengas, os castelhanos procediam pelo seguro e conseguiam reduzir á impotencia immediata as forças maritimas inimigas, varadas na praia e captivas. O principal objectivo da expedição, que era destruir a armada castelhana e acabar com o bloqueio do Tejo, esse, não se alcançara por fórma alguma.

Pelo contrario. No dia immediato á batalha, a armada castelhana voltou a formar, fechando o rio entre Santos e Cacilhas; e na semana seguinte, chegando mais vinte e uma naus e tres galés, estendeu outra linha, desde Cataquefarás até á porta da Cruz, ao longo das ribeiras da cidade. [2] Lisboa ficava mais apertada ainda. O castello de Almada que resistira até então, rendeu-se, depois do episodio mallogrado de Diogo Lopes Pacheco, o matador de Ignez de Castro que, aos oitenta annos, veiu de Castella entregar-se ao Mestre. [3] N'esta situação cruelmente desolada, em que os mais fortes vacillavam, apenas a noticia da tomada de Ourem pelo mestre de Christo, [4] luzia como um signal de esperança fugaz.

---

[1] Lopes, *Chron.* CXXXIII.—Cf. *Mon. lus.*, VIII 22 a 24; Faria, *Not. de Port.*, II § 15; Quintella, *Annaes da mar. port.* I, 48 e segg.; bem como Sandoval, *Aljubarrota.*

[2] Lopes, *Chron.* CXXXV a VII.—O total das forças navaes castelhanas eram 61 naus, 16 galés, 1 galeaça e varias carracas.

[3] *Ibid.* CXXXVII.—Almada cahiu nos ultimos dias de julho.

[4] 11 de julho.—Lopes, *Chron. ibid.*

*
* *

Nun'alvares, em Evora, estremeceu ao saber que resultado fora o da expedição naval: annulada a esquadra, mais bocas em Lisboa, morto seu tio Ruy Pereira! Para isso o não tinham querido deixar vir a bordo! para isso lhe tinham fugido, no Porto, em Buarcos! Agora, encerrados em Lisboa, cingidos pelo cordão da esquadra e do exercito inimigo, que salvação podia haver? Nenhuma, talvez; mas por isso mesmo lhe pulava o sangue, e se via forçado a partir para o centro da acção. Ignorava tudo [1] quanto ia dentro de Lisboa; mas para saber partia, confiando no acaso, esperando na sorte. N'um galope seguido, elle e a sua gente transpozeram a distancia de Evora a Palmella, onde entraram, porque era pelo Mestre. [2] Ahi accenderam fogos, avisando Lisboa da chegada. Mas essas *fumaças* avisaram tambem os tres capitães que guardavam o castello de Almada: o Sarmiento, o Castanheira e o *adelantado* de Leão. Almada era o objectivo de Nun'alvares: queria aproximar-se de Lisboa, ver se quebrava o annel de ferro do cerco. Tinha intelligencias na villa.

Era no fim de agosto, [3] quando Nun'alvares, saindo a monte pelas charnecas de Azeitão, matou um porco. Sorriu-lhe a idea de o mandar de presente ao Sarmiento, em paga da espada de Evora; mas os peões que o levaram deixaram-no em Cacilhas para o inimigo ahi o ir buscar.

---

[1] Lopes, *Chron.* CXLII a VII, contesta, a narrativa da *Chron. de Condestabre*, XXXV, que attribue a vinda a chamamento do Mestre que Nun'alvares em vão esperara tres noutes no Montijo.

[2] Da mesma forma Lopes, CXLVII, contesta a versão da tomada de Palmella, na *Chron. do Condestabre, ibid.*

[3] No dia 31.

O bom humor não abandonava o heroe, nem nos lances mais crueis; até parece que, inaccessivel á desesperança, a alegria requintava com a dureza da situação. Queria apoderar-se de Almada, mas depois de retribuir com mofa o desafio de Evora. A experiencia da vida petrificára já as phantasias cavalheirescas da juventude. N'um anno aprendera mais do que em todos os anteriores da sua existencia: aprendera a conhecer os homens, mas sem ficar sendo como elles. Amava-os, sim, os que não odiava; mas sentia em si proprio alguma coisa que o levantava mais alto. Já sabia mandar, vencer, dominar gente; mas as duras artes do mundo, em vez de o confundir com elle, collocavam-n'o á parte. A sua personalidade, evolvendo-se, não se amesquinhava. Das nuvens por onde andara — e recordava-se do que o pae então lhe dizia, e das brigas com o irmão — não se sentia caído; e reconhecendo que a razão das coisas estava do lado d'elles, guardava para si, intimamente, essa razão ideal que só agora via definir-se de um modo positivo e não em chimeras, como nos tempos transactos da sua mocidade.

Queria apoderar-se de Almada, e para isso largou de Palmella, de noite, para caír sobre a villa ao romper d'alva. Com o fim de evitar as avançadas e esculcas dos castelhanos em Coina, o seu plano era dar a volta pela serra de Azeitão, nas abas da Arrabida, até ao Calhariz, e, deixando Cezimbra á esquerda, transpondo o vasto lançol das charnecas e pinhaes na sua maior largura, surgir contra Almada, pelo sul. Ninguem por ahi o esperaria. Mas, tendo errado o caminho, na planicie de areias alluviaes, onde as estradas se confundem todas, succedeu vir já o sol a nascer, quando estava ainda a uma legua de Almada, e não pelo sul, mas por leste, no Alfeite. Ahi encontrou uma patrulha inimiga que acordou gritando:

— Castilla! Castilla!

Nun'alvares apeou-se e investiu de lança em riste seguido pelos seus. Os trinta homens da guarda castelhana fugiram correndo na estrada em direcção a Cacilhas, per-

seguidos; e pela estrada seguiram até Almada, onde Nun'alvares entrou. A guarnição da terra encerrou-se no castello; o invasor foi acampar junto d'uns moinhos, no alto, ao cabo da villa, com a sua bandeira desfraldada e as trombetas atroando os ares, mesmo em frente do arrayal do rei, em Santos.

No acampamento, estranhando o caso, attribuiram-no a guarnição mal paga que reclamava soldo; mas na sua tenda o rei, inquieto, mandou pelo Sarmiento que, embora tivesse o commando, não estava no seu posto. Que seria aquillo? Elle, que o sabia, respondeu:

— Fareja-me que deve ser Nun'alvares.

— Em verdade, boa resposta é essa... Sois fronteiro d'esse logar, e soffreis tal baldão de um escudeiro de cinco rocins.

— Não está máo escudeiro, senhor... Pois agradecei a Deus e a este rio que vae de permeio, que de outra fórma aqui mesmo vos viria buscar.

Embarcou, resmungando, o Sarmiento; mas quando chegou a Almada, já Nun'alvares com a grande preza, que de tarde foi dividir em Palmella, estava socegadamente jantando em Coina. [1] A' noite, mandou accender outra vez as

---

1 As duas cartas que vão transcriptas, datadas de 20 de setembro, e que se acham em Sant'Anna, *Chron. Carm.*, III §§ 1049, 1050, referem-se porventura a este episodio. De 20 de setembro não podem ser porem; porque as cartas dizem expressamente respeito ao cerco e n'essa data já elle estava levantado, como veremos. Eis as cartas que, verdadeiras ou apocriphas, concordam nos pormenores com os factos sabidos, não se descortinando que intuito poderia ter levado a forjal-as:

«Muy presado e honrado senhor: O vosso fiel e bom e de paz amigo se encommenda muito em vossa mercê, como aquelle que sempre sam e será mentres a vida acabe: Antes dontem e dalva saiu Lopo Sarmento com cento e vinte de mulas e outros quaes besteiros da malveira para a prover mantença de comida, a mesma sazom o Luna e os mais avinhados com elle que á sazom seriam outros quaes atá duzentos de mulas, peoens, besteiros, em demanda por lide. De bom prol o Luna hee, mas foeo em mengada que como le vide lo re-

fogueiras do castello para que o vissem de Lisboa, e de cá responderam-lhe, illuminando com tochas o terraço do paço. D'ahi, espraiando o olhar pela amplidão negra do Tejo, o Mestre via além, do outro lado, luzirem como estrellas os fogos distantes. E no meio dos seus, meigamente, memorava a dedicação e a candura, a fortaleza e a virtude de Nun'alvares, que vinha em ultima extremidade a soccorrel-os, na angustia da situação crudelissima em que se

---

cevi azinha e bem presto e travando me com el por ser tão bem avido, picole de lombo o Sarmento e quedaron jazidos hua boa quarentena sem papear, y los que pudieron irse no lo figeron bem em no lo fagerem que a beem seoo pezar quedarõ mal concertados, que ao tempo da-lide vindo de recolhença o Sarmento lhe fez com que leixarõo de seo todo, por mais milhor livrarem as vidas y servio de al lo que quedó que ben mengo haviamos dello. Beem devieis agradecer a mim ser eoo o que volo figera saber sim ser por escribido, mas o logo não he de feição para ello. Da munta da vossa saude saber bẽe quero, e que la logredes boa haberei bem folgança. Nõo ha ca otro mal que de falta de comida, que nõ son homẽes avindos a pesquizala, se nõo a fam de lide. Com mũ peligro vai esta, e no logo que ajades le dai mui presta responça sem demorança, que bem rezeloso quedo de nõo. Y para firmaçon dello respondede aqui de feiçon, que boa certeza aja dello y o Senhor Deos vos dee muy de sua mercẽ y vitoira escontra os inimigos. dante em Almada vinte andados de setembro... Ao vosso servir. *Numalves Pereira.*

Honrado e prezado capitaõo e de grandes forças. Vosso bõo amigo o Mestre haa graõo folgança y invia muy do seu amor, avendo por mercede do Senhor Deos noosso a boa jazença y andança voosa que he em defençõo dos naturais y da patria de que sondes hũo bẽe honrado fijo. De novamente desque vos escrevi a postrera nove dias andados com este nõo uvo mas que por escrevimento do... Dalba fazerme saber que a teimação que havia era em graõo pezar meo e perdison que el bem poderia avençarme con el-Rey de guisason que quedasse beẽ e seẽ mengca a minha prol y que de todo volo figesse saber. O trompeta que veoo volveo com a responça beẽ e avante soube ouve grão pesar dello. Non hey mor marteyro que as pregarias das femeas aun que o Bispo le daa bõo consolo com o seu bõo sizo. A doença he mũ grande y por falta de mantença e de agua que temos vedados os canos dela, mas sõo de certo sabedor, naoo he menor a que jaz no arrabalde inimigo que ha dia em que vaoõ quarenta e tal mais ao seminteiro. Como lo pedides vai a responça y bem presto pelo

achavam. Recolhendo-se, sentia como que a protecção de um anjo-da-guarda, a defendel-o! [1]

Pelas ruas, exultante, o povo gritava:

— Nun'alvares! Nun'alvares!

celebrando a chegada [2] de um salvador. Nas luzes de Palmella, em que se iam todos os olhos, viam tremer uma esperança.

Setembro entrava, assim, com um clarão de alegria no meio das tribulações do povo. Seis dias antes, no sabbado, [3] houvera um assalto, em que o Mestre esteve a ponto de perder a vida. Ao mesmo tempo que as galés castelhanas, aproveitando o preamar de agoas vivas, largavam de madrugada, simulando um exercicio, para cairem sobre os navios portuguezes encalhados na ribeira, junto ao paço da Madeira, o conde de Mayorca, á frente de um corpo de tropas escolhidas, assaltava a porta de Santa Catharina. O assalto foi repellido, mas no rio a peleja tornou-se mais brava. Tocavam desesperadamente a rebate os sinos da Sé; corria em ondas o povo, a vêr o combate que ao mesmo tempo se feria em dois pontos. As galés castelhanas harpoavam os navios portuguezes, e a lucta amphibia travava-se de dentro dos navios encalhados e amarrados, resguardados com estacadas, e agora cheios da gente que os defendia. A ribeira, onde o Mestre descera, estava coalhada de povo. Elle andava a cavallo dentro de agua, com-

---

mensageiro nõo fazer mingoa y por abastança de todo, y que som entregado da vosa me queda della o voso selo. A lide nõo he maldosa, nẽe quitar a nada o seoo, mas he defender nõo quitem do nosso. O Senhor fazerá o que bem for a sua mercẽe. Dante dito dia xx andados de setembro e feita por Gil Godinho... O defensor *Joanne* Mestre Daviz.

[1] «Assi esteve o Mestre em hum boom espaço, fallando com os seus nos feitos de Nuno Alvares, com aquelle doce arrezoar, & louuores taes, que este leal seridor merecia de se lhe dizer; deshi se recolheo pera sua camera.» — Lopes, *Chron.*, CXLVII.

[2] *Chron. do Condestabre*, XXXV; Lopes, *Chron.* CXLVII.

[3] 27 de agosto.

mandando a acção, de bacinete sem cara. Subito, o cavallo topou n'uma das estacas cravadas na praia, e caiu, arrastando comsigo o cavalleiro. Um grito immenso soltou-se de todas as boccas; mas foi instantaneo, porque logo o Mestre se ergueu de pé, com a agoa pela barba... O rio sorvia os que tombavam, uns affogados, outros mortos pelos tiros. A surpreza falhara, e as galés inimigas retiravam, por fim, deixando-nos uma, cujo capitão morrera. Quando a maré baixou, retiraram-se os cadaveres para os enterrar.[1]

Esta victoria, porém, era inutil para os cercados, irremediavelmente perdidos, se não fosse a invasão da peste que assaltara o arrayal castelhano, ceifando basto com a foice da morte na longa ceara do exercito.

Absolutamente fechado o cerco, não entrava em Lisboa um fio; e da esquadra entretinham-se de noite na caça dos catraios miseraveis que se sumiam, como formigas, levando, pelo rio, desgraçados fugindo á fome. Nas praias do nascente, até Xabregas, havia procissões de gente com os olhos ávidos cravados na agua, a ver se algum barco vinha com uns grãos de trigo. E algum chegava por vezes, salvo com risco de vidas. A miseria era immensa, e nos pobres a fome crudelissima. Davam-se casos de deserção para o inimigo, mas raros. Tinham-se expulso da cidade as bocas inuteis: os judeus, e as moças do mundo que os castelhanos receberam amigamente. O trigo pagava-se a quatro libras o alqueire, e o melhor por quarenta soldos; a canada de vinho por tres e quatro libras; as gallinhas a quarenta soldos; os ovos a soldo; boi que apparecia trazido pelos almograves, valia quatorze dobras cruzadas.[2] Faziam pão de bagaço

---

[1] Lopes, *Chron.*, CXXXIX.— Cf. Quintella *Annaes*, etc., I, 54,5.

[2] Eis aqui a reducção á equivalencia actual, decuplicando :

Alqueire de trigo 4 libras, ou	rs.	1117
Canada de vinho 3 a 4 libras	»	837 a 1117
Gallinhas 40 soldos	»	10$800
Ovos 1 soldo	»	270
Boi 14 dobras	»	391$020

de azeitona, de malvas, de raizes de ervas. Esgaravatavam o chão dos celleiros, como gallinhas, para buscar algum bago de trigo que devoravam. E esta fome cruel não vinha da duração do cerco, mas da immensa gente que de fóra se acolhera á cidade, e do supplemento, ainda em cima, trazido pela esquadra. A mendicidade era enorme. A mortalidade maior. Acabavam inchados como odres, da agua que bebiam para matar a sede produzida pelas hervas devoradas. Por toda a parte havia gente chorando: mães com o leite secco, vendo ao collo os filhos morrer: mães seguidas pela ninhada das creanças a bradar por pão e arrepelando-se nas invocações da morte, correndo ás egrejas em rezas e procissões—que todavia cessavam, suspendendo-se as lastimas, quando os sinos tocavam, convocando a gente aos muros para as escaramuças diariamente repetidas com uma firmeza alegre, sempre egual [1]

Ninguem fallasse em capitulação. Mordidos pela peste, os castelhanos pensavam, porém, em pazes, e tinham já mandado propol-as ao Mestre, ficando a governar Portugal dois regentes: um por elle, outro pelo rei de Castella. O Mestre respondeu que não: havia de elle governar o reino até a rainha D. Beatriz ter filho, segundo o tratado; haviam de os castelhanos retirar. E emquanto estas negociações inuteis andavam, Pedr'alvares, preoccupado com o irmão que estava em Palmella, mandou lá um correio a dizer-lhe, antecipando, que a avença estava feita, e elle, Nun'alvares, posto de parte. Vendo que não podia deixar de ser falso, Nun'alvares despediu o correio com a resposta: O que Mestre fizesse estava bem feito; mas era maravilha que, andando o mano ha tão pouco com os castelhanos, já soubesse tantas castelhanarias... Ninguem fallasse em capitulação a Lisboa. Renderem-se, nunca. O aperto da situa-

---

Entrando 100.000 libras em 1000 dobras (Lopes, *Chron.* XLIX) e valendo a dobra 2$793 rs. (Aragão, *Descr. geral,* etc. II, 247) cada libra valeria 27,93 rs.

[1] Lopes, *Chron.*, CXLVIII.

ção suggeria, pelo contrario, idéas extremas e extravagantes: queimar as naus encalhadas, fugir para o Alemtejo, dar a mão por cima do rio a Nun'alvares,[1] luminosa esperança de azas abertas, no seu ninho de Palmella, para os proteger! Mas tal idéa era uma loucura, vedado como o rio estava pela armada castelhana. Traições, caso raro! houve uma unica: a do filho do conde de Arrayolos, o inchado Alvaro Pires de Castro: aquelle filho, por nome D. Pedro, que depois da rixa com Nun'alvares no conselho de Almada o provocara á rua Nova, quando elle partia pela primeira vez para o Alemtejo. Denunciou-o *in articulo mortis* João Lourenço da Cunha, o primeiro marido de Leonor Telles. Queria entregar ao inimigo a porta de Santo Agostinho e o muro de Santo André que defendia com um troço de castelhanos, assoldados desde o tempo das guerras de D. Fernando. O Mestre rendeu as guarnições; o traidor fugiu.[2]

Mas, se a situação de Lisboa era cruel, a dos sitiantes dia a dia se tornava peior. O exercito trouxera comsigo a semente da peste, nos navios, ou nos batalhões. Era a peste bubonica, ou landre. Tomava o corpo um abatimento mortal, e dores fortissimas a cabeça. Os homens ficavam estonteados com os olhos envidraçados e fundos, a falla tremula, o andar vacillante, parecendo ébrios. Logo vinham nauseas, vomitos, calafrios; as pupillas injectavam-se, os olhos enchiam-se de sangue, as feições todas se deformavam: era obra de poucas semanas. A' medida que o assalto crescia, a febre queimava, declarando-se, com as hemorrhagias, a gangrena no pulmão; e os infelizes, delirando, n'um paroxismo de agitação quasi infernal, com os beiços e a lingua inchados, cobertos de placas brancas, passavam rapido para o periodo de estupor final em que a morte negra se declarava com o apparecimento dos tumores ou tramas na garganta, nos sovacos e nas articulações

---

[1] Lopes, *Chron.* CXLI, II.

[2] *Ibid.* CXXXVIII.

das pernas. Acabavam uns em subito collapso, outros convulsionados, gangrenados os bubões,[1] desmanchado o corpo inteiro n'uma podridão horrivel de ver, que empestava o ar.

Já em julho a doença tomara um caracter pernicioso, convertendo-se em agosto n'uma epidemia horrivel. Primeiro morria a soldadesca; mas agora invadia os grandes. Houvera um eclypse do sol[2] que os astrologos diziam presagiar mortandade na corte, apavorando mais os animos a circumstancia milagrosa de a peste não tocar nos portuguezes que andavam com o inimigo... Tinham morrido os dois mestres successivos de Santiago, o Cabeza-de-Vaca e Ruy Gonzales de Mexia; morrera o almirante Tovar, e o Velasco, camareiro-mór; ambos os marechaes, Pedro Ruiz Sarmiento e Fernão Alvarez de Toledo; e o commendador mór de Castella, D. Pedro Ruiz Sandoval, mais o conde de Mayorca, D. Pedro Nunez de Lara. E tudo isto repentinamente, de ataques subitos que em horas precipitavam na morte os tocados pela vara do anjo negro da peste. Levavam os cadaveres a Cintra, ou a Alemquer. Abriam-nos, salgavam-nos, deixando-os em ataudes ao ar; ou cosiam-nos consumindo as carnes, para os levar, salgados ou em esqueleto, ás terras d'onde eram. Morriam no fim de agosto a duas centenas por dia, e as baixas totaes subiam já a dois mil homens.[3] Coincidia este horror da peste com a chegada de Nun'alvares a Palmella; e quando lhe viram o pendão arvorado em Almada e as trombetas a atroar os ares, os supersticiosos cuidaram que vinha como um anjo de exterminio, mandado por Deus: tal era o terror que infundia o seu nome! Bem dissera o Sarmiento ao rei, nas vesperas de morrer, o desgraçado! que por fortuna estava de permeio o Tejo... Mas as agoas do rio não impediam

---

[1] V. em Greisinger, *Tr. des malad. infect.* (trad. fr.) p. 501 e segg., os symptomas da peste bubonica.

[2] 19 de agosto. — Lopes, *Chron.*, CXXXVIII.

[3] *Ibid.* CXLIX; cf. Sandoval, *Aljubarrota.*

a passagem aos éccos das trombetas, soando como clarins da morte. Com a chegada de Nun'alvares precipitava-se o desenlace da tragedia.

Nos primeiros dias de setembro, os reis de Castella passaram o rio, para Almada. [1] Carlos de Navarra teimava com o rei para que levantasse o cerco. Elle resistia: Lisboa em breve teria de render-se; partir seria perder tudo... Era um sabbado, quando a rainha Beatriz caíu enferma. Então o rei decidiu-se, ordenando a partida. No domingo [2] levantaram o acampamento de oeste da cidade, deitando fogo a tudo. Ardeu a noite inteira e «era um dos grandes fogos que os homens virão». [3] O rei foi dormir essa noite ao mosteiro de Santo Antão, extra-muros, na estrada da Corredoura. No dia seguinte, ao partir, voltava-se ameaçadoramente contra Lisboa, cerrados os punhos, a exclamar:

—Tanta mercê me faça Deos, que ainda te eu veja lavrada de ferros de arado!

A rainha ia n'uma liteira, enferma. Na terça feira, 5, foram dormir á Sapataria. Ao chegar a Torres, a rainha parecia agonisar. Ainda o rei alli queria demorar-se, a ver se a epidemia passava; mas adoeceu tambem. Decidiu-se então a marchar sobre Santarem, partindo com a corte para Castella, e deixando em Vallada os restos combalidos do exercito. Alemquer, Cintra, as duas Torres: os postos principaes a norte e nordeste de Lisboa, ficavam nas mãos dos castelhanos. Era um desastre sério, mas não uma guerra perdida. Em frente de Lisboa fundeava a armada.

Vendo da Outra-banda o incendio do arrayal, Nun'alvares julgou que Lisboa ardia. Tel-a-hiam entrado os castelhanos? Foi uma noite de angustia. De manhan, á maneira que a alvorada despia os mantos negros da cidade, erguendo-a, branca e nua, como de um banho, sobre o Tejo, [4]

---

[1] 1 ou 2 de setembro.

[2] 3 de setembro.

[3] Lopes, *Chron.* CL; *Chron. do Condestabre,* XXXVI.

[4] Lopes, *ibid.* CL; *Chron. do Condestabre, ibid.* XXXVI.

Nun'alvares sentia despir-se-lhe tambem o coração da escura sombra de duvida em que o tivera. Os castelhanos fugiam? cumpria, já, já, embargar-lhes a marcha. Immediatamente escreveu para Lisboa ao Mestre, que lhe mandou esperal-o. Contrariado, ficou; ficou por tres semanas, consumindo a sua impaciencia perante a cortina cerrada das naus que, interpondo-se, impediam communicar com Lisboa. Afinal, uma noite, quasi só, decidiu-se a arriscar a aventura: embarcou em Aldeagallega n'um batel [1] e quando, involvido na treva, se aproximava da linha das naus inimigas, vogando já entre ellas, mandou tocar rijo as trombetas que atroaram a noite, infundindo um terror vago nas tripulações.

— Que é? Quem é? Será o anjo da peste? Será a trombeta do juizo derradeiro, chamando-nos tambem á morte? Este era o bramir da peste, quando soltou o seu vôo medonho, ceifando com as garras aduncas a flor da gente castelhana... Que é? Quem é?... Será Nun'alvares?

Mas, no meio do acordar estremunhado e confuso dos inimigos, Nun'alvares ia já longe, de voga arrancada, com proa ao caes da Ribeira. [2] Clareava o dia, quando punha o pé em terra. Trazia comsigo o montante que Pero Sarmiento lhe mandara *de gajas* para a batalha de Evora. Saltou n'uma mula, e, mettendo pela rua Nova, e d'alli pelas que seguiam no sopé dos bairros de S. Francisco e da Pedreira, foi a Valverde ouvir missa em N. Senhora da Escada. Satisfeito o primeiro tributo, dirigiu-se a S. Martinho, a pagar o segundo: ver o Mestre. Mas já a este tempo se espalhara, com os raios do sol erguendo-se, a noticia da chegada do anjo bom de Lisboa. Levava apoz si um sequito a acclamal-o; as mulheres penduravam-se ás janellas, saudando-o. Era milagre o ter atravessado o rio... Chegava com o sol! vinha com a liberdade! trouxera nas mãos

---

[1] Meia noite, 30 setembro. — Lopes, *Chron.*, CLII.

[2] *Chron. do Condestabre*, XXXVI.

os raios da peste vingadora que só fulminava os inimigos!... O sol revia-se-lhe na belleza da face, o azul dos seus olhos era como o do ceu. Adoravam-no, divinisando-o. E a verdade, todavia, é que pouco ou nada podera fazer; mas a multidão presentia, adivinhava, que tinha o seu melhor escudo na fé viva d'esse homem intemeratamente heroico; e que as azas do seu pensamento tinham salvo por um milagre Lisboa, e salvariam o reino: salval-os-hiam a todos, nas provações duras que estavam para vir — muitas, muitas ainda...

Quando chegou em frente do paço, o Mestre desceu a recebel-o. Choravam ambos ao abraçarem-se. Tudo eram ruinas em volta; mas, de pé, a torre eburnea da esperança enchia-lhes as almas de effusão melancolica. Ajoelhou Nun'alvares, para beijar as mãos do Mestre; mas este não o consentiu, e levantando-o, beijaram-se nas faces. [1] Então entraram a discutir as cousas e as medidas a tomar. [2] Nun'alvares queria que sem detença largassem em perseguição do rei de Castella [3]; o que era, porém, absolutamente impossivel. Mais tarde, depois... Agora urgia dar satisfação a Lisboa pelo muito que penara. Os homens não eram como Nun'alvares, insensiveis ao soffrimento, nem feitos de abnegação votiva. Firme e lealmente, já que tinha ao lado a sua espada, o Mestre desceu outra vez ao adro de S. Domingos: ahi onde fôra eleito defensor; e n'esse *forum* ou *ágora* de Lisboa, em meio do povo que o acclamara, fallou á multidão, dizendo-lhe cruamente como o que tinham soffrido era apenas o prologo de mais duras provas. Maiores trabalhos os esperavam ainda. Não o tinham deixado partir quando elle quizera: agora tivessem coragem... [4] Esta corda vibrava afinada no momento em que, passado o perigo immediato, todos

---

1 Lopes, *Chron.*, CLIII.

2 2-6 de outubro. — *Ibid.*, CLIV.

3 *Chron. do Condestabre,* XXXVI.

4 Lopes, *Chron.*, CLIV.

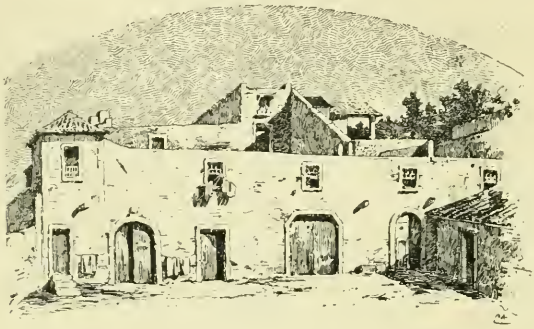
eram mais ou menos heroes, e, cheios de firmeza, o que a alma sentimental lhes estava pedindo eram perigos, emprezas, façanhas. O *meeting* teve um exito completo, e d'elle saiu o Mestre ungido rei.

No paço todos lhe juraram homenagem: Nun'alvares, o conde D. Gonçalo, o novo prior do Hospital D. fr. Alvaro Gonsalves, Diogo Lopes Pacheco, arrastando os seus oitenta annos: todos os do conselho, e os mais, resolvendo-se a reunião de côrtes em Coimbra, e decidindo-se galardoar Lisboa, pelos seus serviços e heroicidade, com a suppressão dos impostos do relego, das jugadas de pão e de vinho, do mordomado, anuduvas, açougagem, sellario, mealharia, sondos, e alcavalla, [1] doando á cidade as casas onde se cobravam taes direitos, assim como os do trigo, e o paço das fangas da farinha e dos carniceiros, e mais as dezeseis tendas da mercearia até á porta das Carnicerias, que se mandaram derribar para aformoseamento

---

[1] O relego *(reletum)* era o direito pelo qual o soberano, nos seus reguengos, vendia o vinho, com exclusão de outro qualquer, durante um certo prazo *(Orden. man.* liv. II, tit. 34). As jugadas, ou censo, eram a contribuição predial de rendimento, variavelmente fixadas nos contractos de colonia. *(Ibid.* liv. II, tit. 23) A alcavalla que se conservou com este nome em Castella, e em Portugal passou a chamar-se siza, era, diz Arguelles *(Dicc. de hacienda*, ad. verb.) «un derecho que se cobra sobre el valor de todas las cosas muebles, immuebles y semovientes que se venden ó permutan;» era o nosso actual imposto de registo ou transmissão. A açougagem correspondia ao que chamamos hoje real d'agua: imposto de venda sobre generos alimentares, como carnes, fructas, peixe, legumes, hortaliças, etc.; valia o mesmo que brancagem. A annudua, ou adua, ou anuduva, ou adnuba, ou annadua, pois de todos estes modos se dizia e de outros ainda, consistia na contribuição lançada para a reparação das obras de defeza militar, representando a remissão do serviço pessoal primitivo, para o mesmo fim. (Cf. Viterbo, *Elucidario* ad vv.) Não podemos apurar o que fossem o mordomado, o sellario, a mealharia e os sondos. Mas do exposto basta para se inferir que Lisboa ficava, pode dizer-se, isenta do pagamento de contribuições, gozando já os seus moradores em todo o reino a isenção da portagem.

e alargamento da praça. Mais desejavam os de Lisboa que se derribasse o Castello, inutil para a defeza, perigoso para a autonomia do municipio, que d'esta contenda saía com foros, quasi, de cidade livre, cidade privilegiada de certo. Foi derribado o Castello. [1] Foi garantido que a Universidade, trazida em 1377 para Lisboa por D. Fernando, não voltaria mais para Coimbra. [2]



Pateo das Escolas-geraes

Mas Nun'alvares insistia que, urgentemente, e antes de mais nada, partissem no encalço dos castelhanos. A politica, a administração, não o seduziam. A guerra era para elle tudo. Quando terminasse, havia um meio facil e simples de usufruir a victoria: morrer!... O Mestre disse-lhe que voltasse a Palmella, e o esperasse. Juntos iriam contra os castelhanos, cortar-lhes o passo na Cham-do-Couce, á saída de Santarem. [3] Mas já era tarde, porque apressadamente o rei de Castella tinha partido.

---

[1] Lopes, *Chron.*, CLIV.

[2] «Fazemos saber que por honra e exalçamento da mui nobre cidade de Lisboa e Universidade e Estudo d'ella, confirmamos e approvamos os mandados sobreditos e outorgamos ser perpetuado e que stee perpetuamente o dito Estudo em a cidade de Lisboa e non se mude d'ella d'este dia para todo o sempre... etc.» — *Carta* do Mestre de Aviz, 3 de outubro de 1384; no *Livro Verde*, fl. 44 v. e 45; em Th. Braga, *Hist. da Univers. de Coimbra*, I, 130.

[3] Lopes, *Chron.*, CLIV.

Indeciso quanto ao seguimento da guerra, Nun'alvares partiu de Lisboa para Evora,[1] sua fronteira, por Setubal, depois de dar a volta á bacia do Tejo, a montante, pela barca de Mugem, talvez. Antevia um episodio pouco interessante, qual era a reunião das côrtes e as fallacias dos letrados. Olhava com amor a sua espada, que ficaria inerte por algum tempo... E occorria-lhe a idéa de que ainda não pagara ao alfageme... Com effeito, já era conde de Ourem.[2] Durante os apertos do cerco, o Mestre nunca o esquecera. Era conde de Ourem, com todos os bens que tinham sido do Andeiro. Tanta riqueza ganha com a guerra!.. Surgia-lhe na mente o problema de saber o que faria com ella, se se vencesse; porque, por emquanto, o Mestre não podia dar senão promessas. Novos pensamentos e complicações se lhe ennovelavam no cerebro...

A sua vida ia-se desdobrando imprevistamente. Dissipavam-se-lhe na imaginação as imagens poeticas dos seus romances infantis, prosaicamente esbatidas desde o dia em que a obediencia filial o obrigára a abandonar o ideal do bastardo casto, fadado para a Cavallaria. Tinha mulher e filhos, fizera casa, segundo as regras da vida commum; e á medida que a força das cousas o punha em communhão com a realidade pachorrenta da existencia, a conformidade vinha, não sem uma certa melancolia saudosa pelos dias dos sonhos radiantes de esperança phantastica. A vida

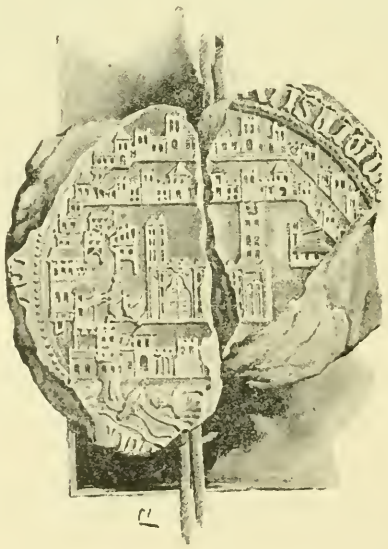
---

[1] Lopes, *Chron.*, CLIV; *Chron. do Condestabre*, XXXVI.

[2] Carta em que «Dom Johão pella graça de Deos Filho do muy nobre Rey D. Pedro, Meestre da cavallaria da Ordem Daviz Defensor e Regedor dos Regnos de Portugal e do Algarve» pelos «serviços e galardão» faz «pura doação entre vivos» a Nun'alvares do «condado de ourem e todas as terras villas e logares que ao dito condado pertenciam e de todas as terras que o conde João Fernandes Andeiro avia por qualquer guisa que fosse e de Villa uiçosa, Borba, Estremoz, Evoramonte, Montemor o novo, Almada, Collares, Unhos, Friellas, Camarate e Bouças...» etc. — Lisboa 1 de julho de 1422 = 1384; extractada dos arch. da casa de Bragança; em Sousa, *Hist. Geneal.* Provas; liv. VI, n.º 34.

é sempre assim, para os que nasceram dotados de coração: o dissipar de uma esperança, formada n'um instante passageiro de fortuna; o preço de amargura com que se paga, em largos dias, um momento fugaz de intensa bem-aventurança.

Nos homens, como Nun'alvares, temperados pela energia, esse proprio estado de abatimento em que nos deixam as illusões perdidas, é um incentivo á acção, em vez de ser um convite á desesperança. Livre a sua imaginação da embriaguez cavalheiresca, avigorado o seu pensamento no trato rudo com os homens durante os vae-vens da guerra: agora, n'este momento, em que pela primeira entrevia a realisação da empreza, já o pensamento agudo se levantava para lhe perguntar: e depois?



Sello de Lisboa. 1532
(do *Arch. nac.*)

Do *Urbium præcipuarum theatrum*, de Jorge Braunio (1572-1618.)

V

O throno de Aviz

Assim que a esquadra castelhana levantou ferro de Lisboa e saiu a barra, [1] a cidade respirou, afinal, libertada. Tinham sido quasi dois mezes [2] de indecisão angustiosa, depois do levantamento do cerco por terra e da partida do exercito: dois mezes, porém, dos quaes se não perdera um só dia nos preparativos da lucta a que o cerco, milagrosamente acabado, fora apenas uma introducção.

Ardia o arrayal em chammas, incendiando todo o horisonte do poente, e as torres das egrejas cantavam marcando o compasso á procissão de penitencia e graças que da Sé caminhava na direcção d'esse brazeiro medonho, descalços todos, o bispo nos seus trajos pontificaes, e o Mestre nos seus habitos militares, seguidos pela cleresia, pela tropa, pelo povo: Lisboa inteira, penitente e agradecida a Deus que a salvara. *Misericordiam fecit nobiscum!* exclamara no

---

1 28 de outubro.

2 55 dias; de 3 de setembro a 28 de outubro.

pulpito, o orador, lembrando aos ouvintes o cerco similhante de Samaria, e o de Jerusalem por Senacherib, e o de Bethulia por Holophernes, com a historia tragica de Judith. [1] O povo intimamente se acreditava protegido por Deus, que repellia o papa diabolico dos scismaticos, Clemente VII, de Avinhão. A guerra apparecia-lhe abençoada por muitos titulos: era a vingança dos crimes monstruosos do reinado precedente; era a redempção da plebe que ganhava foros de fidalguia; era a liberdade contra o dominio de Castella; era, finalmente, acima de tudo isto, a guerra santa ordenada por Deus para a defesa da Egreja fundada por Jesus Christo. Duvidava d'isso alguem, quando, apoz o eclypse annunciador, viera o anjo da peste exterminar os batalhões dos scismaticos?

Dispersos e vencidos, não pelo ferro, mas pelo flagello divino, esses exercitos despedaçados lá se iam arrastando a caminho da fronteira, levando cada mesnada o ataude do seu senhor n'uma azemola, vestidos de dó, carpindo. [2] Em Santarem, o rei de Castella nomeara as alcaidarias das terras que mantinham a sua voz, e eram muitas; fazendo mestre de Calatrava a Pedr'alvares, [3] impenitentemente rebelde ao exemplo do irmão mais moço. Mas não era possivel esconder o abatimento dos animos e a penuria absoluta. Cortava-se a baixella á thesoura, para haver prata com que pagar o soldo ás guarnições. [4] Até ao fim de setembro ficou o rei em Santarem, passando então a Torres Novas, onde se organisou o prestito funebre do regresso [5] á fronteira, com o rei e a sua côrte na retaguarda, seguindo a procissão dos mortos. No fronteira debandaram, cada

---

[1] Lopes, *Chron.*, CLI.

[2] «A qual percissam era triste & dorida de ver.» — Lopes, *Chron.*, CLVI.

[3] *Ibid.*

[4] Lopes, *Chron.*, CLV.

[5] 14 de outubro.

qual para suas terras, indo o rei em romaria a Guadalupe, [1] acaso pedir perdão pelas pratas que roubara ao thesouro de N. Senhora: talvez por isso o resultado da campanha tinha sido tão funesto... De caminho, em Ciudad-Rodrigo, escrevera o rei á cidade de Leon, dando-lhe conta do cerco e enumerando as terras que mantinham a sua voz. [2] Em volta de Lisboa, cingindo-a, eram Santarem, Cintra, Torres-Vedras, Obidos, Atouguia, com mil e seis centas lanças, oitocentos besteiros e dois mil peões. Entre as praças que rodeavam Lisboa, n'um circuito de oito a dez legoas, não havia castello que não lhe obedecesse. Em Santarem, ficava Diogo Sarmiento com seiscentas lanças e trezentos besteiros. Entre-Douro-e-Minho, salvo o Porto, tudo era d'elle: havia ahi quinhentas lanças e outros tantos peões. Em Traz-os-Montes, tinha tambem tudo; e trezentas lanças com quinhentos peões. Em Riba-Coa, quatrocentas lanças e meio milhar de peões. Ao todo, ficava em Portugal com setenta e uma villas e castellos, e guarnições de nove mil homens, dos quaes metade seriam castelhanos, metade portuguezes. [3] O mallogro do cerco fora uma grande desgraça, mas por forma alguma estava perdida a empreza. De Guadalupe, o rei seguia para Sevilha, [4] a preparar a campanha do novo anno já começado.

É verdade que o rei tinha todo o norte, todo o centro de Portugal, mas não tinha Lisboa, nem o Porto: faltavam-lhe as chaves da cidadella lusitana. E o sul do Tejo não se pode dizer que o tivesse, [5] porque nem tinha Evora, nem Beja, nem Estremoz, nem Portalegre: nenhuma das prin-

---

[1] 19 de novembro.

[2] V. a carta (22 ou 25 outubro) em Sandoval, *Aljubarrota*, 60.

[3] 3500 lanças, 1700 besteiros, 3900 peões = 9100 homens. *Ibid.*

[4] Janeiro, 1385.

[5] Entre Tejo e Guadiana obedeciam a Castella: Portel, Villa-Viçoza, Olivença, Campo-Maior, Monforte, Crato, Marvão, Mora, Almada, Ouguella, Alter-do-Chão, Pedrosa (?), Belver, Nodar (?) com 700 lanças, 400 besteiros e 1000 peões. — *Carta*, cit.; *ibid.*

cipaes terras; e porque, n'esse foco da resistencia á conquista, estava de pé e armado Nun'alvares, o invencivel, que não vergava ao peso de nenhum desanimo, e em cuja idea a defeza do reino consistia n'uma offensiva temeraria, e a tactica salvadora na repetição das ignoradas façanhas de Viriato e de Sertorio, apellando para os ardis e correrias, fugindo á guerra classica dos cercos e batalhas, n'um paiz que tem por fortalezas os desvios das suas montanhas e como batalhões o genio agudo dos seus guerrilheiros.

Assim que voltou de Lisboa, sem poder levar a gente de lá a cair sobre o inimigo que retirava esfarrapado, Nun'alvares, de Evora, começou a namorar Portel que, contra a fronteira do Guadiana, interrompia a estrada de Beja amiga. Em Portel estava de alcaide Fernão Gonsalves de Sousa que dera a villa ao rei de Castella, mas, segundo a regra, a arraya-meuda era pelo Mestre: por isso o alcaide confiscara todas as armas. Tinha comsigo, a seu lado, o commendador-mór de Santiago de Castella, Garcia Fernandez, o que depois foi mestre da ordem. A guarnição mixta, de portuguezes e castelhanos, contava mais de cem lanças com peonagem basta. Fernão Gonsalves era um pobre homem, velho residuo da côrte ensandecida de D. Fernando, que a mulher, creada antiga da infanta D. Beatriz, levava pelo beiço. Ella induzira o marido a declarar-se por Castella, doida com a promessa feita de lhe darem Zafra e Segura.

N'esta situação, Nun'alvares deitou as suas redes. Tinha tanta astucia para tramar um ardil, como coragem e franqueza para fallar a um homem. O seu genio, verdadeiramente fecundo, era como a argila que se molda na mão do artista. A mesma boca d'onde vimos sairem tantas palavras inflammadas que incendiavam corações e lh'os depunham rendidos aos pés, era a que agora ciciava o plano urdido com o padre Matheus de Portel, para com cera tirar o molde das fechaduras das portas. E trouxe-o. Fizeram-se em Evora chaves falsas. Dentro da villa havia in-

telligencias seguras. A senha era a palavra *rapoza*... E uma madrugada, quando tudo dormia, abriram-se as portas, e, como um raio, Nun'alvares e os seus entraram na villa, acordando-a com um estampido de trovão.

—Castilla! Castilla! gritava attonita a gente, saltando das camas em camisa, a fugir.

Mas a cheia entrava, alastrando tudo, prendendo os castelhanos, encurralando a povoação no castello que, ao aclarar do dia, se levantava do seio de uma columna de fumo, com as fogueiras que Nun'alvares lhe mandara accender ás portas. Titubeando, Fernão Gonsalves appareceu na barreira para os lados de Beja. Cá de baixo, Nun'alvares dizia-lhe com uma melancolia ironica:

—Forte erro! Tão bom e de tão boa linhagem: faz pena. Teres Portel e Villalva e Villaruiva... e ires dal-as ao rei de Castella... O Mestre dá-te isso, e mais ainda, homem!

A labareda subia, o fumo suffocava. O alcaide afflicto, sem coragem para gracejos, perguntava as condições da capitulação. Dessorara-se-lhe a fanfarronice, com que, no principio, brandindo ferros, chamava bebados aos assaltantes.

—Ouve os teus homens, e digam o que querem; objectou Nun'alvares.

O alcaide, transido, foi consultar; e os castelhanos responderam que, se os deixassem ir salvos para casa, e Nun'alvares jurasse fazel-o, lhe entregariam o castello.

Sairam com as suas armas, protegidos por uma escolta portugueza até ao Guadiana. Levaram tudo o que tinham, salvo uma cota e uma espada do commendador-mór de Santiago que Fernand'alvares, irmão de Nun'alvares e seu companheiro n'esta jornada, escondeu e roubou para si. Portel, com o seu castello, ficou para o Mestre. O alcaide, saindo com os castelhanos, dizia mal da sua sorte, amarfanhando a mulher que o levara áquella situação. Arrastava a velha comsigo, cantarolando, á moda do povo:

Pois Marina bailou...
Tome o que ganhou!
Melhor era Portel e Villaruiva,
P... velha;
Que não Zafra e Segura...
Tome o que ganhou! [1]

A gente ria do desespero do velho e do silencio da mulher, farrapos vis de uma côrte que já se sumira perdida na labareda do Portugal novo, crepitante como a chamma lambendo os muros negros do castello de Portel.

De volta a Evora, entrada já a segunda metade de dezembro, [2] começou Nun'alvares a pensar em Villa-Viçosa. Foi a Elvas e expulsou de lá os que se pronunciavam por Castella. No caminho, viu ao irmão as armas de Garcia Fernandes, roubadas em Portel. Reprehendeu-o severamente, affligindo-o esse acto do unico irmão que reconhecia como tal. Eram, com um anno de differença, [3] os dois filhos de Iria Gonsalves: unicos tambem do lado do Mestre: os outros, meio-irmãos pelo sangue, tinham desertado a patria por Castella.

Villa-Viçosa queria tel-a, como tivera Portel. Estava lá, de alcaide, Vasco Porcalho, commendador-mór de Aviz, com cento e meio de lanças. Lançou a sua rede e vieram tres homens-bons, que talvez porém fossem espias vendidos ao alcaide, [4] offerecer-lhe uma porta. Acceitou; e, para combinarem o ajuste, saiu de Elvas ao campo, mas o alferes deixou quebrar a haste da bandeira: mau agouro!

Substituiu-se a haste; e de noite partiram. De Elvas a Villa-Viçosa é um passeio: cinco leguas, tres horas de caminho. Acamparam silenciosamente no arrabalde. Não

---

[1] *Chron. do Condestabre* XXXVII; Lopes, *Chron.*, CLVII.

[2] Lopes, *Chron.*, CLXXI, diz que foi emquanto o Mestre estava sobre Torres Novas, i. e., depois de 10 de dezembro.

[3] *Ibid.* e CLXXII.

[4] *Ibid.*

bolia uma folha, não luzia uma luz, não soava um murmurio. Era uma calada mortal. Apenas, lá para os lados de Castella, o ceo começava a ganhar um tom de aço... Pé ante pé, Fernand'alvares e Alvaro Coitado, foram contra a porta que os esperava aberta, como uma goela negra de sombra. Por cima da quadra abobadada havia uma torre, e na abobada uma grande boca aberta para o alto... Mas em cima nada bolia. Ninguem os esperava para os esmagar, lançando-lhes pedras ou lume... Pé ante pé, olhando para a abobada e para a sua boca negra, avançavam os dois. De repente ouviu-se um ranger aspero, e despenhou-se uma lage que tombou em cheio sobre Fernand'alvares, escachando-lhe com o bacinete a cabeça e estendendo-o morto, a elle e a um escudeiro que o seguia.

— Castilla! Castilla! gritaram logo dentro; e com a luz do dia que começava, apparecia a mó do povo em tumulto, cercando e prendendo o Coitado, ferido por um estilhaço da lage.

Nun'alvares correu a pé para investir, mas a sua gente agarrou-o á força. Succumbido, retirou para Borba, com as viboras do remorso a morder-lhe o peito. Fôra o roubo das armas de Portel! Deus punia logo os peccados. A virtude e a candidez d'alma eram condições indispensaveis ao exito. Pobre desgraçado!.. De Borba, mandou pedir o cadaver do irmão, e, chorando, enterrou-o em S. Francisco de Estremoz. [1] Ainda voltou contra Villa-Viçosa, e poz-lhe cerco, mas nada conseguiu; [2] apenas obteve libertar o Coitado, roubando-o, n'uma embuscada, á escolta que o levava a Olivença, caminho de Castella. [3]

D'ahi veiu a Elvas, de Elvas a Lisboa, com uma guerrilha de sessenta mulas, gente armada de cotas e braçaes. Em Lisboa soube como se apromptavam para cair sobre

---

[1] *Chron. do Condestabre*, XXXVIII.

[2] *Ibid.*, XXXIX; Lopes. *Chron.*, CLXXII.

[3] *Ibid.*, XL.

o Mestre, que então cercava Torres-Vedras, as forças de Santarem, de Cintra e de Obidos: ao todo seiscentas lanças. [1]

Ainda a esquadra castelhana não tinha largado do Tejo, saira o mestre de Aviz de Lisboa, a vêr se tomava Cintra, [2] mas voltou acossado por uma tempestade sem ter conseguido o intento. Depois, no proprio dia em que os navios inimigos partiram, [3] passou o rio e apoderou-se de Almada. Logo organisou um corpo de exercito com material de cerco, em que entravam os trons ou bombardas, e foi contra Alemquer. Ahi se lhe apresentou o conde D. Pedro, de volta do Porto, já curado da ferida que o não deixára vir na armada, e depois de alguns combates, a terra capitulou, entregando-se o alcaide, Vasco Pires de Camões. [4] De Alemquer, no proposito de libertar Lisboa do circulo de fortalezas inimigas que lhe vedavam as communicações com o centro e o norte do reino: de Alemquer, passou o Mestre a Torres-Vedras, estabelecendo contra a villa um cêrco em regra, [5] segundo a arte militar do tempo.

Mas a demora de taes operações, a fortaleza da praça que o alcaide castelhano João Duque defendia habilmente, o receio dos inimigos visinhos, de Santarem, de Obidos, de Cintra, que de um momento para o outro podiam tornar os sitiantes em cercados: tudo isso dava plenamente razão a Nun'alvares de condemnar os processos da guerra classica, preferindo confiar tudo á aventura, ao imprevisto, ao arrojo, e á decisão fulminante. Politicamente, tambem, a razão estava do seu lado; pois no espirito geral havia a certeza de que apenas a sorte salvára Portugal da campanha passada; mas que nada salvaria o Mestre da invasão

---

[1] Lopes, *Chron.*, XLI.
[2] 24 de outubro. *Ibid.*, CLXIV.
[3] 28 de outubro. *Ibid.*, CLXV.
[4] 10 de dezembro; *Ibid.*, CLXVI, VII e VIII.
[5] *Ibid.* CLXIX.

esperada para este anno de 1385, que estava raiando. O partido não tinha consistencia. As incontestaveis e quasi milagrosas vantagens alcançadas não conseguiam varrer a hesitação, prompta a transformar-se em defecções no animo da gente graúda que circumdava o Mestre, educada como fôra na eschola de perfidias do reinado anterior. Em Alemquer, por exemplo, houvera que confiar imprudentemente a terra ao proprio alcaide vencido, Vasco Pires de Camões. Por isso, acertadamente, Leonor Telles, commentando os casos de Portugal, dissera um dia:

— Pobre Mestre, como anda vendido, e não o sabe!

— Porque? perguntaram-lhe.

— Porque de quantos dentes tem na boca, todos lhe abalam: salvo um! [1]

Era Nun'alvares.

Era Nun'alvares que, em Lisboa, á volta de Elvas, recebia em cheio o diluvio de noticias funestas: o Mestre ameaçado em Torres pelas forças reunidas de Santarem, de Obidos e de Cintra; a queima das duas galés e da nau portugueza, no mar, á vista de Lisboa, pela divisão castelhana que bloqueava a barra; o desbarato do mestre de Christo e do novo prior do Hospital, Alvaro Gonçalo Camelo, no cêrco de Torres-Novas, surprehendidos pelas lanças castelhanas de Santarem e aprisionados. Inquieto, com a ferida do desastre de Villa Viçosa ainda a sangrar, Nun'alvares não se deteve, e immediatamente partiu para Torres.

Quando lá chegou, sobre todas estas nuvens, estoirou como um raio, a conspiração tramada para matar o Mestre. [2] Dos dois Gonsalves, Ayres e Garcia, o primeiro tinha o castello de Gaya que deixára sob a guarda da mulher; mas o povo, vexado com exacções, fez com que do Porto fossem lá, e roubassem e arrazassem tudo. Amargamente

---

[1] Lopes, *Chron.*, CLXXXV.

[2] 8 de janeiro, 1385.

o Ayres queixava-se ao Mestre que, impotente para conter os desmandos da arraya-meuda, se limitava a prometter outros castellos. Ambos os Gonsalves estavam na conspiração com o conde D. Gonçalo e o conde D. Pedro, nossos conhecidos da traição de Coimbra contra o rei de Castella. Havia muita mais gente. Era um vespeiro que se soltava, e sob pena de acabar tudo em confusão, tornava-se indispensavel mostrar força, usar de crueldade, para infundir medo. Alemquer tinha-se pronunciado de novo por Castella: [1] o Camões bandeara-se outra vez.

O conde D. Gonçalo e o Ayres foram presos e mandados para Evora; [2] o conde D. Pedro, João Affonso de Beça, e outros, conseguiram escapar para os castelhanos. Garcia Gonsalves foi queimado vivo. [3] Em frente da fogueira, no alto das muralhas, João Duque mandava, por desforra, cortar as mãos e os narizes a seis captivos portuguezes, enviando-os assim ao Mestre que, por seu turno, mettia na bolsa da ballista uns prisioneiros castelhanos, e, retezada a corda, solto o tiro, arremessava-os pelo ar, como virotões, para dentro da villa, onde caíam feitos em postas. [4] A guerra tornava-se descaroavel. Perante as traições vela a face a humanidade. Os bens dos conspiradores foram confiscados. Lopo Dias de Azevedo teve os do Beça; Vasco Martins de Mello os do conde D. Pedro. [5]

Nun'alvares concordou em que, depois d'isto, era necessario levantar o cêrco sem demora, e ir cobrar alentos novos, agora que se procedera a essa depuração inevitavel da ralé de gente velha da côrte de Leonor Telles, seus

---

[1] 21 de janeiro; Lopes, *Chron.*, CLXXXVI.

[2] *Ibid.*, CLXXXV.

[3] «Acabado seu confesso, leuaramno ao fogo que já era prestes e ataramno a um esteio onde ardendo fez máo fim da sua vida.» — *Ibid.* CLXXXIV.

[4] *Ibid.*

[5] «Por quanto nos trazia bastecido de morte e treiçam e a condessa era em esto consentydoura.» — *Ibid.*, CLXXXV.

parentes e parciaes, educados na eschola da intriga vil. Sem esperar pelos castelhanos de Santarem, era mister partir, e já, para Coimbra ás côrtes, convocadas para confirmarem na regencia o mestre de Aviz, ou... acclamal-o rei! Desde o primeiro dia, nas cogitações nocturnas de novembro, havia mais de um anno já, pelas exequias d'el-rei D. Fernando: desde esse primeiro dia, Nun'alvares lhe tinha construido o throno.

Quando os camponezes da comarca viram que se levantava o cêrco [1] e o Mestre os deixava abandonados ás razzias depredadoras dos castelhanos, soltou-se um côro de afflicção. Vinham de toda a parte em bandos, homens, mulheres, creanças, ninhadas de gente miseravel, acolher-se á protecção do exercito que, para as suas seiscentas lanças, tinha apenas cento e meio de bestas. A marcha era um exodo. Despovoava-se a região inteira. Cada qual buscava um protector e um amigo. Um cego que, na sua escuridão, ouvia o que se passava, de braços erguidos implorava a chorar que o salvassem. Nun'alvares tomou d'elle e collocou-o na anca da sua mula.—«Oo que humano e caridoso senor!» exclama a chronica... Sentia-se, n'este lance de afflicção desolada, vibrar quentemente a caridade humana, e uma angustia immensa responder á crueldade bravia da vespera. Eram as dôres do nascer de uma nação.

Exercito e povo, como os filhos de Israel no deserto, levados por Moysés, caminhavam a pequenas jornadas de duas ou tres legoas. Passaram no Cadaval; passaram ao lado de Obidos inimiga; passaram por Leiria que lhes fechou as portas; mas quando se approximavam de Coimbra, as creanças todas da terra sairam a receber o Mestre, cantando:

— Em boa hora venha o nosso rei! [2]

Antes que as côrtes fizessem a eleição, fazia-a a infancia.

---

[1] 15 fevereiro, 1385.

[2] *Chron. do Condestabre*, XLI; Lopes, *Chron.*, CLXXIII.

*
* *

Na estrada de Coimbra[1] era uma procissão compacta de povo em festa. Danças, musicas, trebelhos e momices: a gente delirava, parecendo-lhe um dia de redempção. Toda a cleresia ia á frente, de cruz alçada, commandando o prestito que se alongava por uma legoa para áquem do Mondego. Quando a vanguarda da hoste que vinha arrastando comsigo a cauda miseravel da gente de Torres, se encontrou com a procissão festiva de Coimbra, o choque produziu faiscas e um trovão de acclamações:

—Portugal! Portugal! por el-rei D. João!

—Em boa hora venha o nosso rei!

Lado a lado, o Mestre e Nun'alvares, trocavam olhares de victoria, e, ao apeiarem-se das mulas, Nun'alvares, com uma illuminação de fé nas pupillas, disse baixo para o Mestre:

—Deus falla pela boca do povo...

A pé, beijaram reverentemente a cruz, e a procissão virou, indo todos com o povo para a cidade em marcha triumphal.

Entrados, porém, em Coimbra, o alcaide do castello, Gonçalo Mendes de Vasconcellos, fechou-o, declarando que, não sendo pelos castelhanos, pois el-rei de Castella quebrara os tratados, tinha-o pela rainha regente D. Leonor. Era a voz da homenagem fidalga, inaccessivel á comprehensão das novas definições juridicas do tempo. As côrtes convocadas traziam, porém, claro o sentimento de serem uma assembléa nacional, base de todo o poder poli-

---

1 3 de março, 1385.

tico, transferido pela crise para a nação; pois que as velhas formulas do direito oriundo da ascendencia e firmado na homenagem, a constituição aristocratica herdada dos tempos antigos, tinham miseravelmente naufragado no esphacelamento dos ultimos annos, arrastando o reino a guerras insensatas e lançando a côrte n'um abysmo de abjecção. Os procuradores de Lisboa e das mais terras levavam poderes para alçarem rei o Mestre,[1] sem attenção a nenhuns outros dictames, ou escrupulos. O braço popular era uma convenção; a crise definia-se como uma revolução.

E este movimento espontaneo encontrava appoio, não só n'aquella parte da fidalguia que, como Nun'alvares, se decidia por sentimento, mas na classe nova dos juristas que começava a destacar-se da egreja com a secularisação do direito, e que aprendia nos velhos textos romanos a doutrina classica da soberania abstracta da lei, superior e estranha aos privilegios da stirpe: da soberania do povo, ou da nação, elegendo o seu Cesar, independente dos principios consuetudinarios da hereditariedade barbara. Encontrava appoio ainda no clero, sociedade religiosa fundada no seio da sociedade civil: sociedade democratica nascida antes dos tempos em que os barbaros tinham substituido, ao direito antigo, as suas formulas consanguineamente aristocraticas.

Essas proprias côrtes que agora, em Coimbra, arrogavam a si tamanhos poderes, invertendo a ordem das cousas, tornando-se origem da soberania e o rei seu delegado, em vez de se conservarem, como eram antes, assembléas que o rei convocava e que ao rei apresentavam submissamente os seus artigos: essas proprias côrtes alongavam para o passado duas raizes parallelas. Uma internava-se no solo antigo do direito romano; outra brotava das instituições bastardas nascidas com o absolutismo imperial, na decadencia do Imperio. Uma era a Aula-regia, ou conselho

---

[1] Lopes, *Chron.*, CLXXIV.

aulico, formado com o pessoal palaciano do autocrata que o ouvia, quando era inclinado ao bem e prudente na maneira de governar. Outra eram os concilios ecclesiasticos, que na Hespanha tinham, pela força das cousas, encorporado em si a representação nacional; constituindo-se em poder conservador da authoridade e da ordem, quando, na escura crise da queda do imperio romano, a Hespanha, invadida por suevos e vandalos, caía a pedaços anarchisada; até que os wisigodos se apoderaram d'ella, e, convertido ao catholicismo, Reccaredo fundou o seu imperio appoiado á egreja, appoiando-se nos concilios representativos do sentir piedoso das populações. [1]

Pois eram estes sentimentos de origem que, mais ou menos conscientemente, acordavam no animo dos deputados, reunidos em Coimbra para pôr termo á situação critica, a que levara a nação o procedimento da rainha viuva, presa em Castella por castigo, e o modo como o seu genro faltava aos tratados. Nos procuradores das villas havia um partido só: o da monarchia nova. A grandeza, porém, dividia-se em duas fracções: uma concorde com o povo; outra apresentando a candidatura do infante D. João, filho de Ignez de Castro. Os Cunhas poderosos da Beira eram chefes d'este partido, que invocava o direito de hereditariedade legitima, na falta da successão directa, prejudicada pelos actos do rei de Castella. Vasco Martins da Cunha, o velho, e seu filho Martim Vasques representavam a familia. As côrtes, de resto, não eram numerosas: pouco mais de um cento de homens de todos os tres braços do reino: clero, nobreza e povo. [2] Das villas e cidades com voz em côrtes, setenta conservavam-se pelo castelhano; representadas havia apenas trinta e uma, [3] por cincoenta

---

[1] Sobre as origens das côrtes nos estados da Hespanha, póde ver-se a *Hist. da Civil. iberica*, do A. (3.ª ed.) pp. 54-9 e 169-73.

[2] 12 vogaes do Clero, 72 da nobreza e 50 procuradores de villas. — Cf. Santos, *Mon. lusit.*, VIII, 23; 29 e 33.

[3] Lisboa, Evora, Porto, Coimbra, Silves, Elvas, Thomar, Abrantes,

procuradores; e d'esse numero, mais de metade, dezeseis, eram do Alemtejo. Fidalgos havia setenta e dois. [1]

Figurava á frente d'elles o bisneto de Affonso III, Vasco Affonso de Sousa; seguia-se o alcaide de Coimbra, Gonçalo Mendes de Vasconcellos, com seus filhos, Mem Rodrigues, o commandante da ala dos namorados em Aljubarrota, e Ruy Mendes; depois vinha Vasco Martins da Cunha, *o velho,* chefe da poderosa familia dos Vasques, senhores da Beira, cujos capitães eram os filhos: Martim, Vasco Martins, Lopo e Gil Vasques; depois os dois filhos de Martim Affonso de Mello, o que fôra quarto senhor de Mello: Vasco Martins, *o velho*, que em Evora salvara na prisão o Mestre d'Aviz das tramas da rainha; e Martim, do nome do pae, o que se arrependia agora de ter ido á Guarda beijar a mão ao rei de Castella. Ambos traziam os filhos: Martim, um que tinha, Pedro Affonso; Vasco tres, Gonçalo Vaz, Martim Affonso e Vasco Martins, *o moço*, destinado a um fim cruel no dia futuro de Aljubarrota. Nun'alvares tinha comsigo apenas, da numerosa prole dos Pereiras, seu tio Alvaro, o irmão de Ruy Pereira,

---

Lamego, Portalegre, Penella, Montemor-o-velho, Celorico, Pinhel, Soure, Pombal, Cacem, Setubal, Serpa, Aviz, Monsaraz, Marialva, Evora-monte, Fronteira, Niza, Castello-de-Vide, Alegrete, Monsanto, Penamacor, Amieira, Mourão. — *Ibid.*

1 — 1 Vasco Martins de Souza — 2 Gonçalo Mendes de Vasconcellos — 3 Vasco Martins da Cunha, o velho — 4 Nun'alvares — 5 Gonçalo Gomes da Silva — 6 Vasco Martins de Mello, o velho — 7 Martim Vasques da Cunha — 8 Martim Affonso de Souza — 9 Gonçalo Vasques Coutinho — 10 Affonso Furtado de Mendonça — 11 Alvaro Pereira — 12 João Rodrigues Pereira — 13 Diogo Lopes Pacheco — 14 João Fernandes Pacheco — 15 Lopo Fernandes Pacheco — 16 Mem Rodrigues de Vasconcellos — 17 Ruy Mendes de Vasconcellos — 18 Vasco Martins da Cunha — 19 Fernão Vasques de Rezende — 20 Lopo Vasques da Cunha — 21 Pedro Affonso de Mello — 22 João Gomes da Silva — 23 Estevão Vasques de Goes — 24 Vasco Martins de Mello — 25 Martim Affonso Valente — 26 Alvaro da Cunha — 27 Alvaro Dias de Ulveira — 28 Alvaro Gonçalves — 29 Estevam Vasques Philippe — 30 Martim Gil — 31 Gonçalo Annes Homem — 32 Estevam Annes de

morto no anno anterior no combate naval do Tejo, e seu primo João Rodrigues. O velho Diogo Lopes Pacheco escorava-se contra os dois filhos, João e Lopo. O primeiro marido de Leonor Telles estava representado pelo filho, Alvaro da Cunha; e o almirante assassinado em Beja, nos primeiros dias da revolução, por seu filho tambem, Manuel Paçanha.

A egreja, porém, adherira completamente: pelo menos o episcopado, a cuja frente apparecia o denodado arcebispo de Braga, D. Lourenço, que já vimos em Lisboa, equipando a frota, e veremos com a cara fendida por um gilvaz, no dia proximo de Aljubarrota. D. Lourenço, o Lançarote Vicente, da Lourinhan, dirigia a acção que o clero tinha na revolução portugueza. Em primeiro logar, era um iniciado na sciencia nova do direito: cursara as Universidades de Montpellier, de Tolosa e de Pariz; de lá fôra a Bolonha receber as licções de Baldo. Voltando á patria, D. Fernando fel-o conego em Lisboa, d'ahi subiu a bispo do Porto, de lá ao arcebispado de Braga. Em segundo logar, era um acerrimo defensor do papa de Roma contra os scis-

---

Gauderiz — 33 Gil Martins Doutel — 34 Gonçalo Fernandes de Curutelo — 35 Ruy Vasques de Castellobranco — 36 Gonçalo Vasques Callado — 37 Affonso Annes — 38 Alvaro Gil Cabral — 39 Martim Affonso de Mello, o moço — 40 Affonso Vasques Correia — 41 Fernão Gonsalves — 42 Alvaro Garcia de Faria — 43 Lourenço Mendes de Carvalho — 44 Pedro Lourenço de Tavora — 45 Ruy Lourenço de Tavora — 46 Affonso Pires da Charneca — 47 Nuno Viegas, o moço — 48 Gil Vasques da Cunha — 49 Ruy Gomes de Chaves — 50 Diogo Nunes — 51 Affonso Annes Nogueira — 52 Pedro Vasques de Pedr'alçada — 53 Fernando Nunes Homem — 54 Alvaro Gonsalves Coitado — 55 Gonçalo Gonsalves Borges — 56 Gonçalo Vaz de Mello — 57 Egas Coelho — 58 Antão Vaz de Almada — 59 Gonçalo Annes — 60 Lopo Dias de Azevedo — 61 João Vasques Michão — 62 Gomes Martins de Lemos — 63 Ruy Cravo — 64 João Rodrigues Guarda — 65 Nuno Fernandes de Cordovelas — 66 Ruy de Andrade — 67 Garcia Soeiro — 68 Diogo Alvares — 69 Martim Gonsalves — 70 João Gomes — 71 Manoel Paçanha — 72 Garcia Pires.

Et multi alii generosi Domicelli. — *Ibid.*

maticos; e as suas luctas com o bispo de Silves, D. Martinho, o que morreu em Lisboa, precipitado das torres da Sé, no dia da morte do Andeiro, tinham dado brado em Portugal, em Avinhão, e em Roma. Deposto da sua sé de Braga, fôra a Roma, e obtendo de Urbano VI, em 1379, a revogação da sentença, voltara a Portugal, retomara o arcebispado, e tornara-se o principal instigador da decisão do rei D. Fernando de abandonar a politica de abstenção seguida na lucta papal, declarando-se abertamente por Urbano VI. [1] O Mestre de Aviz chamava-lhe um dos olhos da sua cara: o outro era Nun'alvares.

Com D. Lourenço estava o bispo novo de Lisboa, D. João Annes Escudeiro; o do Porto, D. João; o de Lamego, D. Lourenço; o da Guarda, D. fr. Vasco; o de Evora, D. João; o de Silves, D. Payo de Meira; o deão de Coimbra, Ruy Lourenço, pelo diocesano impossibilitado; e ao lado dos oito bispos portuguezes, via-se o de Ciudad-Rodrigo que não reconhecera Clemente VII e andava em Portugal. O clero regular mandava o poderoso D. fr. João d'Ornellas, abbade de Alcobaça; mais o abbade de S. João d'Alpendorada, D. Affonso; o de Bostello, D. João; e D. Vasco, prior-mór de Santa Cruz de Coimbra. [2]

Ao lado do Regedor do reino, o seu conselho apparecia como os ministerios modernos perante os parlamentos. O conselho eram os juristas presididos por João das Regras, que vimos ter sido chamado logo em dezembro de 1383. Se em Nun'alvares tinha a monarchia nova a sua espada, enflorando o cesarismo democratico com a assucena da Cavallaria, e prendendo assim, poeticamente, ao passado aristocratico, a revolução popular: João das Regras era a penna e a voz de um regimen diverso, politicamente forçado a pactuar com a tradição barbara dos privilegios medievaes, fundados na consanguinidade, mas essencial-

---

[1] Cf. Sylva, *Mem. D. João I;* II, 92.

[2] Lopes, *Chron.*, CLXXV.

mente sectario do regalismo, pela doutrina classica da soberania do povo representado symbolicamente na pessoa do principe. Os dois pilares da monarchia nova, a Cavallaria e o Cesarismo, humanisados de um modo eminente e singular em Nun'alvares e em João das Regras, eram constitucionalmente contradictorios. Eram antipathicos á generosidade espontanea do cavalleiro, para quem a vida consistia nos impetos do sentimento augusto, os processos e o temperamento critico do letrado, pesando, julgando, distinguindo, e sentenciando friamente as cousas. Os elementos politicos, nunca, em tempo algum, porém, se apresentaram absolutamente inclinados e accordes n'uma direcção exclusiva, porque a sociedade real consiste em stratos sobrepostos com indole e inclinação vária. As exigencias do tempo forçavam a conciliar o inconciliavel theoricamente, fazendo collaborar o enthusiasmo da Cavallaria, flor em que desabrochava a Edade-media ao morrer, com o Cesarismo, idea que despontava no horisonte politico como aurora dos largos dias da Renascença.

A espada abençoada, o pendão crivado de symbolos hieraticos: toda a pompa d'esse antigo symbolismo poetico da vida, havia de conciliar-se com a pacatez prosaica do letrado abancado á mesa, perante livros erriçados de textos, involvido na sua loba negra, com o barrete em vez de morrião, a penna em vez do montante, a grenha cortada curta à moda dos portuguezes *chamorros*, [1] em logar dos longos

---

[1] E' proximamente como Herculano pinta o letrado no *Monge de Cister*, xv. Ahi o autor dá a João das Regras a edade de 60 annos, no anno de 1388, em que a novella se passa.

João das Regras voltou de Bolonha em 1382 e casou-se depois : é crivel que se casasse depois dos 54 annos ? Sylva *(Mem. D. João I;* II, 94) diz que, no testamento de 1388 = 1350, o avô chama a João das Regras, *Joãosinho ;* se este diminuitivo exprime dez annos, em 1385 o chanceller teria 45 annos, e 49 em 1389, quando casou com D. Leonor da Cunha. Isto parece mais verosimil. Mas a versão seguida por Herculano vem de J. Anastacio de Figueiredo, na sua *Introd. do dir. justin. em Portugal (Mem. de litt. da Acad.* I, 293; § XXVII) que da eda-

cabellos, symbolo da nobreza, sobre uma face a que a edade, a observação e o estudo imprimiam rugas profundas, e em que os cantos da boca, accentuando-se sob o nariz recurvo, davam á physionomia um ar de ave nocturna, em vez do ar de aguia do guerreiro, soltando o vôo da sua vontade nos ceus turvos da sociedade em confusão.

Ora o indicio seguro do genio politico do mestre d'Aviz está na discrição com que, appoiando-se aos dois pilares do seu throno, nunca se deixou esmagar por nenhum d'elles; e soube sempre ponderal-os e equilibral-os, passando por sobre ambos como a cornija passa em cima das columnas que a supportam. Se um dos pilares faltasse: a Cavallaria, ou o Regalismo, o edificio desequilibrado cairia em ruinas, desmanchado n'uma aventura quasi quixotesca, ou amarrotado em papeis pela facha d'armas dos fidalgos rebellados.

João das Regras fôra filho de Affonso Annes, por alcunha *o das regras*, ou *das leis*, e de Sentil Esteves. Em rapaz, o pae, que assistira ao reinado de Affonso IV e vivia em Lisboa como uma das pessoas gradas da freguezia de Santa Marinha, destinando-o para a profissão nova de legista, mandara-o estudar a Bolonha, na eschola do celebre Bartholo que ahi explicava, com espanto do mundo culto, as Instituições do direito romano, ressuscitando o codigo de Justiniano. Quando voltou de Italia, em 1382, havia tres annos apenas, já o pae tinha morrido; e a mãe, viuva, tornara a casar com Alvaro Paes, [1] o author da revolução de Lisboa. Será temerario suppor que, nos acontecimentos do fim de 1383, o enteado tivesse intervindo, commentando os despeitos voluntariosos do burocrata aposentado com as maximas do direito novo aprendido em Bolonha? Não é, decerto; antes é mais verosimil acredital-o

---

de da morte de João das Regras, 80 annos em 1404, deduz a do nascimento em 1324, a de 31 ou 32 annos á morte do seu mestre Bartholo, em 1355 ou 6; e finalmente a de 61 annos em 1385.

[1] Sousa, *Hist. geneal.*, XI, pp. 790, 1, 2, 3.

do que attribuir a escolha, que logo o mestre d'Aviz fez d'elle para seu conselheiro, ao exclusivo patronato do padrasto.

Por diversas vias e de modos varios se levantavam parallelamente as duas grandes columnas da monarchia d'Aviz, Nun'alvares, João das Regras; trazendo cada uma d'ellas, como supporte á construcção, as idéas tambem novas da Cavallaria, um, do Cesarismo, o outro.

A batalha que agora havia a ferir era incruenta. Tinha a palavra o legista, que principiou o seu discurso ás côrtes estabelecendo os termos do pleito da successão da corôa. Dizia-se não haver herdeiros por direito? Era um erro: pelo contrario, havia muitos...

Habilmente, escolhia este terreno perante uma assembléa dominada, em parte, pelo escrupulo da legitimidade. As suas idéas fundamentaes acerca do principado e da origem do direito politico, não eram para alli: guardava-as cuidadosamente no peito. Dirigia-o o faro de advogado politico; não obedecia ao conselho de jurista letrado. Levantava em seguida outra questão prévia:

—Dizem muitos que, visto o desaccordo, devemos socegar primeiro o reino: depois elegeremos o rei...

Era outro erro. Estavam alli cincoenta procuradores de villas e cidades: deviam primeiro que tudo achar quem os defendesse. Como podia, sem isso, alcançar-se o socego? Era indispensavel escolher um dos herdeiros naturaes do throno. Qual? Havia tres: o rei de Castella, primo-irmão d'el-rei D. Fernando e casado, além d'isso, com a filha do mesmo rei e sua herdeira; o infante D. João e o infante D. Diniz, ambos filhos de D. Pedro e de D. Ignez de Castro. Herdeiros não faltavam, [1] mas de facto o throno achava-se vago. Como primo, o rei de Castella não podia herdar, havendo herdeiros mais proximos, que eram os irmãos. Herdaria como genro? Tambem não, por que el-rei não

---

[1] Lopes, *Chron.*, CLXXVI.

podia casar com Leonor Telles; [1] e ainda quando fosse legitima a filha, ainda assim, não o era pela lei salica para succeder e herdar o throno.

Depois, o orador alongava-se, discutindo o casamento d'el-rei D. Fernando com Leonor Telles, mostrando como era duas vezes irrito e nullo, pelo parentesco, e por ella ser casada. [2] Espraiava-se por este thema facil, para ganhar a confiança da assembléa, que appoiava unanimemente. O rei de Castella, além d'isso, *britara* os tratos de 1383. E o papa Urbano, nosso pastor, mandava-nos perseguir os scismaticos como herejes, excomungados e membros talhados da egreja: como tomariamos para rei a cabeça de tanta maldade? [3]

Todos concordavam que a hypothese do rei de Castella estava prejudicada, por muitos motivos.

Vamos agora aos filhos de D. Ignez de Castro. Era, porém, certo que a mãe fosse mulher d'el-rei D. Pedro? Não era. Quando infante, D. Pedro recusara-se a casar por ella ser bastarda. Nunca em vida d'el-rei D. Affonso IV constou que tivesse havido casamento. Só depois de D. Pedro ser rei, se começou a chamar infantes a esses seus filhos. El-rei D. Affonso mandara matar a mãe, considerando-a manceba. A declaração posthuma do casamento era uma comedia pura: «Ora vede vós, valha Deus, que historia esta para nenhum homem sizudo haver de crer!» Nem se indicava o dia, nem sequer o mez, e era incerto o anno do casamento... [4]

O orador ia penetrando no amago da questão e media os passos, no meio do silencio hostil dos parciaes do in-

---

[1] «Et quoique plusieurs tinssent l'opinion de cette dame, si la nommaient les autres batarde, car elle fut fille d'une dame de Portugal laquelle avait encore son mari vivant (João Lourenço da Cunha)... Batarde et plus que batarde. (adulterina)» — Froissard, *Chron.*, III, 28.

[2] Lopes, *Chron.*, CLXXVII.

[3] *Ibid.*, CLXXVIII.

[4] *Ibid.*, CLXXIX.

fante D. João. Contestando a existencia do casamento de Ignez de Castro, preparava a paridade de condição dos dois filhos, homonymos, d'el-rei D. Pedro: eram ambos bastardos.

Mas, dêmos que se tivesse casado: seria valido tal casamento? Não; não podia sel-o, porque Ignez de Castro fôra madrinha do filho legitimo de D. Pedro e D. Constança, o infante D. Luiz. Compadre e comadre não podiam casar... E depois, tanto um como outro dos filhos de Ignez de Castro tinham vindo em armas contra o reino: «Muito mal fariamos elegendo rei quem assim se desnaturou.» [1]

Sem formular conclusão, terminou o discurso. Por exclusão de partes, não havia, porém, senão um rei possivel. Em contrario não havia argumentos; mas como havia má vontade de parte da assembléa, esta dividia-se em facções, agitando-se e repisando o assumpto, dias atraz de dias, sem adiantar um passo, excitando-se as paixões, acordando os interesses e os despeitos, n'uma confusão que podia acabar mal. Martim Vasques, bulhento e teimoso, recordava os actos do mestre d'Aviz e a embaixada que de Lisboa mandara a Toledo confessar homenagem ao infante D. João. Era uma traição roubar-lhe agora a corôa, depois de ter ganho, á sombra do nome d'elle, a força de que dispunha. Excedia-se nas palavras, vituperava o procedimento do Mestre, concluindo:

—Podeis fazer rei quem vos aprouver: porém eu que sou um homem, embora a minha voz valha pouco, servirei e ajudarei a defender o reino, até morrer... Mas consentir que seja rei o Mestre, isso nunca o hei de dizer!

E, n'estes termos, a decisão não chegava. Já os procuradores das terras deliberavam separadamente dos outros estados. A fidalguia agrupava-se dividida. As côrtes desconjuntavam-se. O bom senso dizia que era tolice combate-

---

[1] Lopes, *Chron.*, CLXXXVII.

rem por D. João que estava preso. Acabemos com isto, elejamos o Mestre: «Rei para rei, e al para nada!» [1]

Nun'alvares perdia inteiramente a paciencia com essas discussões ociosas, e mais de uma vez esteve a ponto de se travar de razões com os Vasques. O Mestre recommendava-lhe que sobretudo não houvesse desavenças, observando-lhe cautelosamente que os Vasques dispunham de todas as Beiras, com as muitas fortalezas que tinham. Nun'alvares, impaciente, voltava:

— Mas, senhor, não ha aqui mais ninguem contra, nem que obste a serdes rei, salvo este roncador do Martim Vasques... Deixae-me, que vol-o despacho de seu estorvo...

— Por fórma alguma, respondia o Mestre inquieto com a impaciencia de Nun'alvares. Haja temperança e prudencia.

Appellou então de novo o Mestre para a eloquencia do seu chanceller, que lhe dizia:

— Senhor: bom trabalho me deu já mostrar por vivas razões e direitos que estes reinos são de todo vagos, e a eleição d'elles fica livre ao povo... [2]

Voltaria porém a campo, dar nova batalha. E apresentou-se nas côrtes sobraçando velhos rolos de pergaminho amarellento; e começou por dizer que os parciaes do infante D. João faziam como os judeus, esperando em vão pelo Messias, eternamente. Depois, desenrolou os pergaminhos: eram bullas e cartas, diplomas antigos; era a carta ao papa a pedir licença para o casamento, licença que nunca veiu; eram as provas irrefragaveis de que nunca existira o casamento de Ignez de Castro, de que os infantes não eram taes infantes, de que o throno, sem a minima duvida, vagara... Abstivera-se de, a principio, mostrar estes documentos para evitar aos infantes o desdouro. [3]

---

1 Lopes, *Chron.*, CLXXVIII.

2 *Ibid.*

3 *Ibid*, CLXXXIX-CXC.

A batalha estava ganha. Havia em todos um assombro de vencidos. Nun'alvares fitava o rosto agudo do chanceller, interrogativamente, perguntando a si proprio que força nova era essa, a da dialectica, e que singular poder estava nascendo de taes homens que se erguiam da confusão negra dos scribas, até ahi arrolados na domesticidade anonyma da fidalguia? *Cedant arma togae...*

— Elejamos pois rei, voltou o doutor depois de uma pausa, aquelle que cumpre, para não cairmos na sujeição de nossos inimigos scismaticos. [1]

Aquelle?... mas quem? Não o disse, nem era mister. O nome estava na boca de todos. Foram d'alli direitos pedir-lhe que acceitasse a corôa. O mestre d'Aviz fez-se rogado. Allegou a bastardia, defeito de nascença; allegou os votos que lhe impediam ter mulher. Insistiram: na Egreja havia remedio para tudo. E quando, terminada a ceremonia, disse que sim, Nun'alvares, exultando de contentamento por ver afinal realisada a sua idéa, como o amor generoso e espontaneo da paternidade ideal, largou a gritar:

— D'esta vez, meu senhor, o Mestre será rei a prazer de Deus, e peze a quem pezar!

As côrtes acclamaram immediatamente o novo soberano portuguez; [2] mas os termos d'essa acclamação mostram com evidencia o caracter da nova monarchia, que era um principado popular. O rei formaria o seu conselho com cidadãos das principaes cidades do reino, escolhidos nas propostas formuladas em listas triplices; ouviria os povos em todos os negocios que lhes tocassem; não lançaria tributos sem os consultar e sem que elle e o conselho buscassem os meios mais suaves de contribuição; não faria a

---

[1] Lopes, *Chron.*, CXCI.

[2] 6 abril 1385 (E. 1423) tinha D. João I 26 annos, 11 mezes e 21 dias. — Lopes, *Chron.*, CXCII. — V. o instrumento da eleição de D. João I nas Côrtes, *(Arch. nac.)* l. IV dos reis, p. 1; o texto e a traducção em vulgar, em Souza, *Hist. Geneal.*, *Provas*, III n. 2 e 2 *a*; em Santos, *Mon. lusit.*, VIII, p. 786 a 9; e em Sylva, *Mem.*, IV, docc. n. 7 e 8.

guerra, nem a paz, sem consentimento das côrtes. [1] E a monarchia nova fielmente cumpriu, durante dois ou tres reinados successivos, os compromissos formaes de Coimbra.

No dia immediato, [2] D. João I nomeou os principaes cargos do estado: Nun'alvares, condestavel e mordomo mór; Alvaro Pereira, marechal da hoste; Gil Vasques da Cunha, alferes mór; João Fernandes Pacheco, guarda mór; Ruy Mendes de Vasconcellos, meirinho mór d'Entre-Douro-e-Minho; Nuno Viegas, de Tras-os-Montes; Affonso Furtado, capitão do mar; Estevam Vasques Philippe, anadel mór; e assim por diante, incluindo o conselho, no qual entrava o arcebispo de Braga, D. Lourenço Vicente; e João das Regras ficava exercendo o cargo de chanceller, na ausencia de Lourenço Annes Fogaça, embaixador em Inglaterra, [3] a quem o novo rei enviava poderes para celebrar allianças e obter novos auxilios, alem d'aquelles que já se sabia terem chegado ao Tejo, cinco dias antes. Para Lisboa escrevia confirmando todos os foros e isenções concedidos, e delimitando o termo da cidade, [4] que se coroava capital com a acclamação da monarchia nova. E por todo o reino as terras fieis á independencia sanccionaram o acto das côrtes, proclamando D. João I.

---

[1] Cf. Soares da Sylva, *Mem. D. João I,* liv. I, 4², § 284. V. os capitulos de Lisboa, condições da acclamação.

[2] Lopes, *Chron.*, CXCIII, diz que Nun'alvares foi nomeado condestavel aos 24 annos, 9 mezes e 11 dias. Tendo nascido em 24 de junho de 1360, é facil ver que o dia das nomeações é 7 de abril, o immediato á acclamação.

[3] *Ibid.*, parte seg., I.

[4] *Ibid.*, II, III. V. a Carta de 10 de abril, em Santos., *Mon. lusit.*, VIII; 23; 23-32.

* * *

A acclamação de Coimbra fôra na quinta feira depois de Paschoa: no domingo de festa chegara ao Tejo uma náu e uma barca, vindas de Plymouth, com duzentas lanças e duzentos archeiros inglezes (pagos por um trimestre, a contar de sexta feira antes de Ramos) quatrocentos moios de trigo, e muita farinha e toicinho. A Setubal tinha ido parar um navio pequeno, com quarenta e cinco lanças e outros tantos archeiros; ao Porto uma náu, com cento e cincoenta lanças e numero egual de archeiros. Os quatro navios traziam de Inglaterra para Portugal setecentos soldados contratados pelos emissarios do governo.

No Tejo, tinham agora os castelhanos uma pequena frota de dez galés de observação, mantendo um bloqueio, inefficaz todavia, como este caso o mostrou. Porque de tarde, apontando á barra os dois navios inglezes, a náu fundeou áquem de S. Julião, e a barca, tocada pelo vento, subiu o rio, vindo fundear junto do Hospital d'Elrei. Os remos das galés não a tinham podido alcançar antes; e depois, n'um breve combate de uma hora, ás settadas, tiveram de retirar, perdida uma galé e batidas as mais. Já a náu, amainando o vento, subia lentamente o rio, e quatro das galés castelhanas acostavam-na desfraldando bandeira portugueza, a convidal-a a esperar; mas o ardil foi conhecido e começou o combate, chegando em reforço as outras quatro galés que poderam escapar das settadas da barca. A lucta foi renhida, e não havia em Lisboa egreja que não estivesse atulhada de gente, fazendo promessas e penitencias, rezando ladainhas e invocando os seus santos: principalmente S. Lourenço, senhor dos ventos, S. Vicente, patrono e defensor da cidade. Afinal a náu conseguiu escapar, as galés, batidas,

retiraram para o Restello com os mortos que alta noute vieram depois enterrar a Santa Catharina. [1]

Desembarcou a salvo a gente e os mantimentos, indo os homens [2] para Evora encorporar-se nas forças do condestavel, depois de montados e equipados. Os embaixadores portuguezes em Inglaterra, o Mestre de Santiago e Lourenço Fogaça, tinham assignado a liga com o rei britannico, obri-

---

[1] Extracto da carta do conego de Lisboa, Gonçalo Domingues, ao abbade de Alcobaça, D. João d'Ornellas, 3 de abril, 1385; em Lopes *Chron.*, IV.

«... hũa nao, & hũa barca nas quais vẽ duzentas lanças & duzentos flecheiros pagados o primeiro quarteiro que se começou sesta feira ante Ramos. E vem em ella quatrocentos moyos de trigo & muita farinha & toicinhos.

«... A hora depois de vespora enuiou Deos vento de sua graça á barca por a qual razom as gales lhe derão lugar, seguindo para longe & como amainou junto ao Hospital d'Elrey chegaram as gales e combatendo-a com as setas: pero hũa que mais se chegou houue per seu barato de não estar muito acerqua della & partiose com salsa pimentada que queima bẽ, ca, segum dizem, o Patrõ foi morto & outros muitos. Das outras que arredadas estauão muitos forom mortos & os demais feridos com flechas que erom lançadas por a galé a longo... Este combate derom por espaço de hũa hora.

«... a náo ficou em Sam Gião... leixa-se acalmar o vento de guisa que a náo nom podia bem uir... Vindo-se a náo para a Villa mui passo ca o vento era muy pequeno: chegarom a ella quatro galés combatendoa muy fortemente & deshi as outras quatro galés por tal guisa que todos os da cidade desesperauam della & nom ficaua Igreja que nom fosse chea de companha, hu se faziam muitas inclinações, promettendo muitos votos de missas, jejuns, romarias, ferindose muitos peitos, cantandose muitas litanias... cada hum chamando o santo em que mayor deuoçom auia & especialmente São Lourenço Senhor dos ventos & Sam Vicente Patrom e defensor da cidade... (Batidas as gales) para Restello se forom hu estiuerom atá despois meia noute que se forom a Sancta Catherina a enterrar os mortos...

«As nouas senhor som: Um bom navio pequeno em que uinham 45 lanças e outros tantos frecheiros aportou a Setuual em saluo... outra náo em que vinham 150 lanças com seus frecheiros será já no Porto.»

[2] Froissart, *Chron.*, III, 28, diz que, do total de 700, eram 500 soldados mercenarios e o resto voluntarios.

gando-se este a mandar setecentos homens combater por sua conta em Portugal, e Portugal a mandar-lhe a elle, tambem gratuitamente, dez galés de guerra. Perante a Inglaterra, eramos nós então a potencia maritima.

Mas estas galés castelhanas que de tão pequeno fructo provaram ser em Lisboa, faziam parte da nova frota de doze galés e vinte naus destinadas ao bloqueio do Tejo, e que não conseguia sair de todo de Sevilha. Ahi adoecera o rei de Castella na primavera que em Portugal aproveitavam habilmente, valendo-se da inercia forçada do inimigo. Em janeiro escrevera o rei, de Talavera, pedindo soccorros á Castella inteira, para refazer o exercito ceifado pela peste no verão anterior; em abril deixava por fim Sevilha e de Cordova ordenava ao arcebispo de Toledo que concentrasse as forças na fronteira de Portugal. O rei, com os mestres de Alcantara e Calatrava, reunia em Badajoz um pequeno exercito de seis mil homens [1] com o qual ia pôr cerco a Elvas. Ahi porem lhe chegou a noticia do desaire de Trancoso. Levantou o cerco e marchou para Alcantara, sobre o Tejo, deixando em Badajoz um corpo de observação, e dando a mão a Ciudad-Rodrigo, onde se concentravam as forças castelhanas do exercito de invasão.

Que fôra, porém, o desaire de Trancoso?

E' mister, para o sabermos, contar as operações immediatas á acclamação de Coimbra. Fechado esse episodio breve, outra vez as togas tinham de ceder o passo ás armas.

De Coimbra, o novo rei e o seu condestavel marcharam sobre o Porto, dispostos a emprehender a campanha do Minho, ganhando essa comarca em que nem uma unica terra adherira ao movimento da revolução. Nun'alvares foi adiante. Diversos motivos lhe apressavam a marcha. Sabia que a frota castelhana bloqueava outra vez o Tejo, e queria armar no Porto uma esquadra para a bater. Dir-se-hia que

---

[1] 1500 lanças, 600 cavallos e peonagem.—Cf. Sandoval, *Aljubarrota*.

um fado invisivel o chamava para o mar: o mesmo fado, ainda encoberto, dos destinos nacionaes na vespera de florir. Dir-se-hia que a força das coisas o impedia sempre de embarcar, furtando-o á morte gloriosa de seu tio na batalha naval do anno anterior: à morte gloriosa e triumphante d'este povo portuguez, mais tarde afogado no oceano... Chamavam-n'o ao Porto a mulher e a filha, D. Leonor e D. Beatriz, de quem a guerra o tinha separado durante longos mezes, e que, pouco havia, tinham vindo para ahi fugidas, furtivamente de Guimarães, onde imperava o castelhano. [1]

O Porto não deu a Nun'alvares a frota que elle pedia, mas deu-lhe um forte soccorro de dinheiro para a campanha do Minho. [2] Faltavam-lhe cavallos para organisar a sua força, faltava-lhe gente: uma vez mais, tinha de improvisar a hoste; e largou de Leça-do-Balio para o norte com cento e meio de cavallos, o resto a pé. Ia em romaria á Galliza, ao mosteiro de Santiago; de caminho encavalgaria a tropa, recrutaria homens, e á mercê da aventura, iria tomando para o seu rei as mais terras que podesse. [3] Ao largar do Porto, a azemola da bagagem do condestavel caíu redondamente morta: «Agouro!» diziam muitos, retrocedendo. Mas, depois, o diabo em pessoa veiu confessar que matara alli a azemola, para ver se Nun'alvares não partia. Enganou-se. Elle, sorrindo, deixando atraz os medrosos, seguiu a pernoitar em Leça, junto á egreja acastellada do balio, onde quinze annos antes, nos tempos da sua meninice, o rei D. Fernando fôra casar-se, fugidamente, com Leonor Telles. O valle fundo e fechado de arvoredo, ladeado pelas colinas por onde correm as duas estradas, de Vianna a poente, de

---

[1] *Chron. do Condestabre*, XLIII.

[2] *Ibid.* — «... que ainda ao muito honrado senhor conde que então hera, Nuno Alvares, porque era muito a serviço de ElRey e de seu serviço, lhe offerecerão e mandarão a elle e a sua mulher que chegarão á cidade mil e dozentas livras da dita moeda.. » — Carta de D. Duarte, em Ribeiro, *Diss. Chron.* I, 320.

[3] *Chron. do Condestabre*, XLIII; Lopes, *Chron.*, V.

Braga a nascente, apparecia-lhe de manhã envolto em densa nevoa... Que sorte o esperava pelo meio d'essa comarca, involvida tambem nas nevoas da impenitencia castelhana?

Chegou-lhe um magote de quarenta escudeiros portuguezes e gallegos com gente de pé: bom prenuncio. Cavalgou, seguindo para o norte. Todos os dias a hoste engrossava com recrutas novos. Em frente de Neiva parou, tomou o castello, e deixou lá seu cunhado, Pedr'affonso do Casal, por alcaide, levando um saque abundante. Quando chegou a Darque, na margem do Lima fronteira a Vianna, a guerrilha era um pequeno exercito: levava quatrocentas lanças com bacinetes levantados; tinha a seus lados, com a bandeira, o alferes Diogo Gil, e o gigante seu escudeiro, o Fernandes, a maior estampa de homem que havia no reino. Darque rendeu-se logo; mas Vianna foi necessario leval-a de assalto, assalto renhido em que ficaram o alferes e o escudeiro gigante. [1] Demorou-se em Vianna tres ou quatro dias; depois seguiu na jornada. Cerveira, Caminha, Monção, entregaram-se-lhe. Parou nos limites do reino, sobre o Minho: entraria em Galliza? [2] Reuniu o conselho. O rio levava muita agua: não havia vau. Construiam almadias para o passarem, quando chegou de Guimarães recado do rei para ir a Braga, que podia haver-se. Virou logo para o sul, deixando Santiago em paz; e n'um galope seguido, apresentou-se em frente da cidade metropolitana que entrou. [3]

N'este ponto, é mister contar o que fez D. João I depois que partiu de Coimbra para o Porto.

Era a primeira vez que alli ia, e levava o coração cheio de agradecimento por que, dos degraus do seu throno, se o primeiro lh'o levantara Lisboa, o segundo devia-o ao Porto. A cidade, tambem, vendo acclamada a sua dedicação no

---

1 *Chron. do Condestabre*, XLIII; Lopes, *Chron.*, VII.

2 *Ibid.*, XLIV; Lopes, *ibid.*, VIII.

3 *Ibid.*, X. VI; *ibid.*, VIII.

rei que a visitava já coroado, empenhara-se em festejar a vinda, engrinaldando-se de flores. Cessara todo o trabalho havia muitos dias: ou antes, moirejava-se ardente e exclusivamente em adornar a flor do Douro, para que as aguas sombrias do rio, n'esse dia, espelhassem côres garridas. Os navios com os mastros vestidos de murta, carregados de bandeiras, faziam do ancoradouro uma floresta, por meio da qual vogavam barcos, com musicas e pendões ávante. Nas ruas não se viam pedras: só flores e ramos; de lado a lado, pendiam velarios de folhagem, como sombreiros. As portas abriam-se de par em par, engrinaldadas de louro. Era maio, e a primavera que floria na terra, floria no coração dos burgueses, inundados de esperançosa alegria. Ás janellas das casas, abertas de cima a baixo, as raparigas sorrindo, com os peitos cobertos pelas rendas de oiro, em cruzes, corações e crescentes, suspensos de pesados grilhões rutilantes, apoiavam os braços nas colchas que vestiam as paredes, velando a côr triste do granito. Pelas ruas o povo espesso circulava, cantando, rindo, trocando ditos com as moças, para as janellas, das janellas, misturando o requebro doce do amor, acordado pela primavera, com a alegria da visita do novo rei, tão rapaz! tão formoso!.. o novo rei que melhor os defendia e protegia, acclamado como vinha. Aqui, além, por toda a parte, havia mastros e cordas armadas para os jogos gymnasticos; havia danças, rodas de raparigas trigueiras, beijadas pelo sol na penugem avelludada da pelle, como pecegos maduros pelo verão, ou louras de olhos azues como a flor de linho nos lameiros, ensopados em agoa. O ar cantava com as notas frescamente agudas das lavradeiras, vindas das aldeias, abrindo ao sol, entre os labios vermelhos de saude, escrinios purpurinos, os fios de perolas das dentaduras eburneas.

Na Ribeira, em baixo, ás portas da cidade, os homens-bons em vestes de gala, com o bispo D. João, de pontifical á frente, esquecidas as rixas constantes do paço e do burgo, esperavam a chegada de rei; e quando elle surgiu

do lado de Gaya, o rio tremeu com o estrondo unisono das trombetas que, repetindo-se, abalava a floresta dos mastros e o enxame das bandeiras, voando como aves multicolores no céo azul, inundado de luz.

Passou o rio o batel do rei, que entrou na cidade a pé, entre a vozeria dos vivas, chovendo sobre elle rosas, chovendo-lhe dos olhos lagrimas [1] de commoção pathetica.

A sua primeira visita foi para a mulher de Nun'alvares que ficára no Porto, emquanto o marido, esquivo a festas, andava pelo Minho, conquistando-o para o rei que, se já tinha corôa, reino ainda não tinha. [2]

* * *

No Porto, D. João I travou relações com um Affonso Lourenço, fidalgo da guarnição de Guimarães, que se comprometteu a dar-lhe a terra, atraiçoando o seu alcaide Ayres Gomes da Silva, então ausente, e substituido por um parente da mulher de Nun'alvares, Gonçalo Pires Coelho. Seguiu, portanto, para lá com um pequeno troço de trezentos homens e entrou por surpreza na cidade, cujo povo o acclamou. A guarnição e o alcaide fortificaram-se no castello, a que o rei poz cerco. [3] Mas n'isto chegaram noticias de razzia medonha que os castelhanos tinham feito

---

[1] Lopes, *Chron.*, IX.

[2] A *Chron. do Condestabre* diz que, n'esta occasião, D. João I doou a Nun'alvares Bouças, a terra de Basto, ribeira de Pena e o Barroso, com Barcellos e o condado. Lopes porém (IX) rectifica, transferindo a doação para depois da batalha de Aljubarrota. E' verdade que faz simultanea a doação do condado de Ourem, que sabemos ser anterior.

[3] Lopes, *Chron.* X, XI; *Chron. do Condestabre*, XLVI.

na Beira. Destacado pelo arcebispo de Toledo, D. João Tenorio, o fronteiro João Rodrigues Castanheda com forças consideraveis [1] viera de Almeida, que era castelhana, sobre Pinhel e Trancoso, descendo até Vizeu. Incendiou e poz a saque a cidade aberta, e da gente, a que não coube na sé, onde se fortificaram, fugiu espavorida para os montes. [2] Esta catastrophe reboou por todo o norte, e D. João I, de Guimarães, mandou pedir soccorros de dinheiro ao Porto que lh'os deu, [3] e enviou á Beira João Fernandes Pacheco a congraçar os Vasques, despeitados pelas questões da acclamação, como vimos, para que levantassem a comarca e vingassem a ousadia. Os Vasques cumpriram o seu dever, e, juntando trezentas lanças, foram no encalço do inimigo, colhendo-o a meia legoa de Trancoso. Deu-se ahi o combate a pé (segundo a arte que tão bem provara nos Atoleiros) junto ao ribeiro de Freches, para o sul, na direcção de Celorico, ao pé da egreja de S. Marcos: deu-se contra o querer dos castelhanos que procuraram evital-o; e resultou do combate morrerem o Castanheda e mais capitães, recobrar-se o saque e os prisioneiros, fugindo á desfilada os pagens e azemeis com os cavallos, assim que viram pronunciar-se a victoria pelos portuguezes. [4] Em Alcantara, o rei de Castella, impaciente por transpor a fronteira e encetar a campanha, recebeu afflicto a noticia d'este grande desastre. E' verdade que pelo mesmo tempo chegavam novas do sul, mais animadoras. Uma era o levantamento do cerco posto a Mertola pelos portuguezes, que Alvar Perez de Gusman, chegado de Sevilha em soccorro, batera por completo. Outra era a tomada do com-

---

[1] 400 lanças, 200 cavallos, 2000 besteiros e peões.—Cf. Sandoval, *Aljubarrota*.

[2] Lopes, *Chron.*, XIX.

[3] «E tambem mandarão muitos dinheiros a Gonçalo Vaas Coutinho e a Martim Vaas da Cunha por terem a batalha de Trancoso.» — Carta de D. Duarte ; em Ribeiro, *Diss. Chron.*, I, 320.

[4] Lopes, *Chron.* XX, XXI. Cf. Sandoval, *Aljubarrota*.

boio de Vasco Gil de Carvalho, entre Evora e Arronches, pelos capitães de Badajoz, desbaratando a força que o levava e semeando o terror na comarca. Estes dois episodios favoraveis na fronteira do Alemtejo não compensavam por forma alguma, porém, o desastre soffrido na Beira. Tornava-se urgente transpor a fronteira e resolver o pleito.

Já então era entrado o mez de junho e corriam as tregoas de trinta dias que os do castello de Guimarães tinham proposto a D. João I, e elle acceite, para pedirem auxilio a Castella, obrigando-se a renderem-se, se em tal prazo não viesse o soccorro. [1] Foi n'este intervallo que D. João I mandou ao Minho chamar Nun'alvares para vir sobre Braga, onde o deixámos senhor da cidade, cercando o castello. Levava quatro engenhos de bater, e, depois de um assalto que durou duas noites e um dia, o castello rendeu-se-lhe. [2] No seu giro pelo Minho, até á fronteira, subindo pelo littoral, voltando pelo interior, Nun'alvares submettera-o, com aquella audacia e rapidez fulminante que caracterisam todas as suas campanhas. O seu genio militar dizia-lhe que, nas condições politicas da guerra, cumprindo aproveitar a disposição impressionavel mas inconsistente das populações, o meio de fazer servir esse elemento quasi unico de exito, era proceder arrojadamente, temerariamente; porque a inferioridade de forças organisadas e o receio, natural na gente pacifica, tornavam perigosas e quasi inevitavelmente perdidas as operações regulares em batalhas campaes, e sobretudo em cercos de cidades fortificadas: tivera a prova d'isso no mallogrado cerco de Villa-Viçosa. Tivera o rei maior prova, e muito mais cruel, no mallogro do cerco de Torres, felizmente esquecido pelos actos decisivos immediatos: a acclamação em Coimbra, e agora a conquista do Minho.

Entretanto, chegava a resposta natural do rei de Castella

---

[1] Lopes, *Chron.*, XII.

[2] *Ibid.* XIV; *Chron. do Condestabre*, XLVI.

que em trinta dias não podia soccorrer Guimarães; e Nun'alvares que já lá estava, de volta de Braga, conseguiu convencer o parente de sua mulher a que se entregasse, [1] o que foi feito. Guimarães ficou em poder de D. João I, e por isto davam todos graças á Senhora-da-Oliveira, oraculo antiquissimo da terra.

Na disposição em que Portugal se achava, no estado em que se encontram sempre os povos em revolução, o exito é o melhor instrumento para alcançar vantagens ulteriores. Se não fossem as guarnições castelhanas que infundiam medo, todas, todas as terras do Minho, antes esquivas, se entregariam a D. João I, depois da tomada de Vianna, de Braga, de Guimarães, de Valença e de Monção. Com as guarnições, porém, nos castellos, a arrayameuda só podia recorrer aos ardis e traições que tinham permittido occupar tantos pontos. Foi o que se repetiu em Ponte-de-Lima, d'onde um frade e um homem-bom vieram a Guimarães offerecer ao rei uma porta. Foram ambos, o rei e Nun'alvares: foram de madrugada, entraram, combateram, assaltaram as torres que tomaram á viva força, incendiando-as [2] por uma d'essas escuras manhãs de nevoa, tão frequentes no Minho. De Ponte-de-Lima voltaram ambos a Braga, onde o rei se hospedou em casa do seu condestavel. [3]

Ahi os colheu a noticia de que o rei de Castella, com o seu exercito, passara a fronteira por Badajoz. Era pois de crer que a invasão se desse agora pelo Alemtejo, com o objectivo de Lisboa, onde toda a frota castelhana [4] estava já bloqueando o Tejo. Rapidamente, portanto, largaram para o Porto, [5] e, reunindo as tropas que ahi havia,

---

1 *Chron. do Condestabre*, XLVI; Lopes, *Chron.*, XIII.

2 *Ibid.* XVI, XVII, XVIII.

3 *Chron. do Condestabre*, XLVII.

4 40 naus grandes, 12 barcas, 10 galés, 3 lenhatos, 5 barchotes. Lopes, *Chron.* XXII.

5 8 de junho.

marcharam sobre Coimbra, [1] onde os veiu encontrar um embaixador do rei de Navarra, propondo secretamente alliança: negocio que todavia não foi por diante. [2] De Coimbra, seguiram por Penella e Thomar, direito a Torres-Novas, inimiga, que de caminho tomaram e saquearam. [3] Ahi se lhes reuniu Alvaro Vasques Correia, alcaide de Abrantes, chegado com a sua gente; e juntos desceram á Gollegã para passarem o Tejo.

Na idéa de que os castelhanos vinham vindo pelo Alemtejo, direito a Lisboa, o plano de campanha era vedar-lhes o caminho; mas a passagem do Tejo, no vau de Santa-Iria-pequena, em frente de Santarem, principal baluarte das forças inimigas, parecia empreza arriscada: uma batalha quasi certa. Por isso, formaram o arrayal em combate: a vanguarda, onde ia o condestavel, ladeado pelos dois Mellos, Vasco e Martim, agora seus companheiros fieis e braços direitos; as alas, e a retaguarda com o rei. Formaram o arrayal na Gollegan, junto á barca de Arrayolos, e em ordem de batalha foram descendo a margem do Tejo. No caminho, as avançadas chocaram-se com um destacamento saido de Santarem, sob o commando de Alvaro Gonçalves de Sandoval; mas esta *trigosa esporada* [4] em que o condestavel nem chegou a entrar, foi facilmente repellida. Levavam seiscentas lanças: dois milhares e meio, ou tres milhares de homens. Na passagem do vau do Tejo, em frente de Santarem, não houve batalha: apenas escaramuças com os pelotões castelhanos que saiam *á herva*, em busca de forragens. N'uma d'estas, porém, Vasco Martins de Mello, a cavallo, já no rio, esteve a ponto de ser victima, se lhe não acodem o irmão Martim e o proprio Nun'alvares. [5]

---

[1] 14 de junho.
[2] Lopes, *Chron.*, XXII.
[3] *Ibid.*
[4] Lopes, *Chron.* XXIII.
[5] *Ibid.*; *Chron. do Condestabre*, XLVIII.

Passaram o Tejo para o sul. O rei foi pernoitar á leziria da Condessa, e ao outro dia entraram em Mugem. [1] Ahi, porém, souberam que a noticia da entrada do rei de Castella pelo Alemtejo era falsa: ao contrario, o exercito inimigo estava concentrado em Ciudad-Rodrigo e a estrada da invasão seria este anno, como no anterior, a da Beira, ao longo do valle do Mondego. Que havia a fazer, senão regressarem? Fôra trabalho perdido essa longa marcha, cujos resultados se sentiam no cançaço da gente e na falta de provisões. Mas o mal estava feito, e cumpria remedial-o breve. Por isso, logo alli, passaram outra vez o Tejo para norte, [2] indo acampar no Cartaxo e descendo sobre Alemquer, onde Vasco Pires de Camões, bandeado outra vez por Castella, se lhes apresentava hostil. Havia fome, e a voracidade dos auxiliares inglezes não a tolerava: desconheceram sempre a sobriedade do meridional que se alimenta de sol e ar, rindo, cantando, combatendo com o estomago vasio. De uma vez, á propria meza do condestavel foram tirar o pão, deixando-o comer a carne só, mas «com grande riso e sabor.» [3]

Acampado no seu *real* de apar Alemquer, [4] D. João I, sem se incommodar com as escaramuças e sortidas do Camões, decidiu concentrar alli as forças da Extremadura, esperando os contingentes que lhe vinham de Lisboa; e entretanto despachou o condestavel para o Alemtejo, a congregar gente. De Alemquer, o rei subiria para Abrantes, ponto de juncção marcado a Nun'alvares. [5]

Largou, portanto, Nun'alvares a passar o Tejo para o sul, no porto de Mugem: levava comsigo trezentas lanças que regressaram na maior parte a Alemquer, effectuada a

---

1 Lopes, *Chron.* XXIV.
2 *Ibid.*
3 *Ibid.*
4 *Chron. do Condestabre*, XLIX.
5 Lopes, *ibid.*

passagem do rio, [1] seguindo para o Alemtejo com uma escolta de trinta apenas. No dia seguinte, estava em Salvaterra, no outro em Montemór, recebendo a afflictiva noticia do desbarato de Vasco Gil de Carvalho, entre Evora e Arronches, como já mencionámos; no dia immediato chegava a Evora, onde recolheu os restos d'essa hoste desarmada. D'ahi lançou o pregão chamando gente: Arme-se cada qual como poder; tragam chuços, piques, foices: tragam os braços apenas: tudo serve! O momento decisivo aproxima-se. O throno acclamado em Coimbra, tem de ser baptisado em sangue... De Evora foi a Extremoz, agitando toda a comarca, batendo a todas as portas. Conseguiu, ainda assim, reunir quinhentos homens d'armas e dois milhares de besteiros e peões, [2] quando lhe appareceu Martim Affonso de Mello, que vinha a toda a brida de Abrantes, chamal-o de parte do rei: Os castelhanos tinham entrado pela Beira, estavam em Celorico, a caminho de Coimbra.

D. João I, em Alemquer, reunira os beirões dos Vasques, vencedores de Trancoso, a gente da Extremadura, um cento de lanças que Lisboa tinha mandado, e marchára para cima, passado o Tejo, por Almeirim e pela Chamusca, até Abrantes, onde esperava as forças alemtejanas do condestavel. Chegando a Abrantes, [3] aos poucos dias, soube da entrada dos castelhanos: foi então que despachou para o Alemtejo o Mello, a chamar o condestavel apressadamente. [4]

Chegava a hora decisiva. Coimbra, onde, mezes antes, a nova monarchia nascera, era agora o theatro da acção

---

[1] A *Chron. do Condestabre,* XLIX, diz que a gente lhe desertou com medo dos castelhanos. Lopes, *ibid.* contesta verosimilmente: a força acompanhou-o só até á passagem do rio, emquanto havia perigo de serem assaltados.

[2] *Chron. do Condestabre* XLIX; Lopes, *Chron.* XXV.

[3] 11 de julho.

[4] Lopes, *Chron.* XXV; *Chron. do Condestabre,* XLIX.

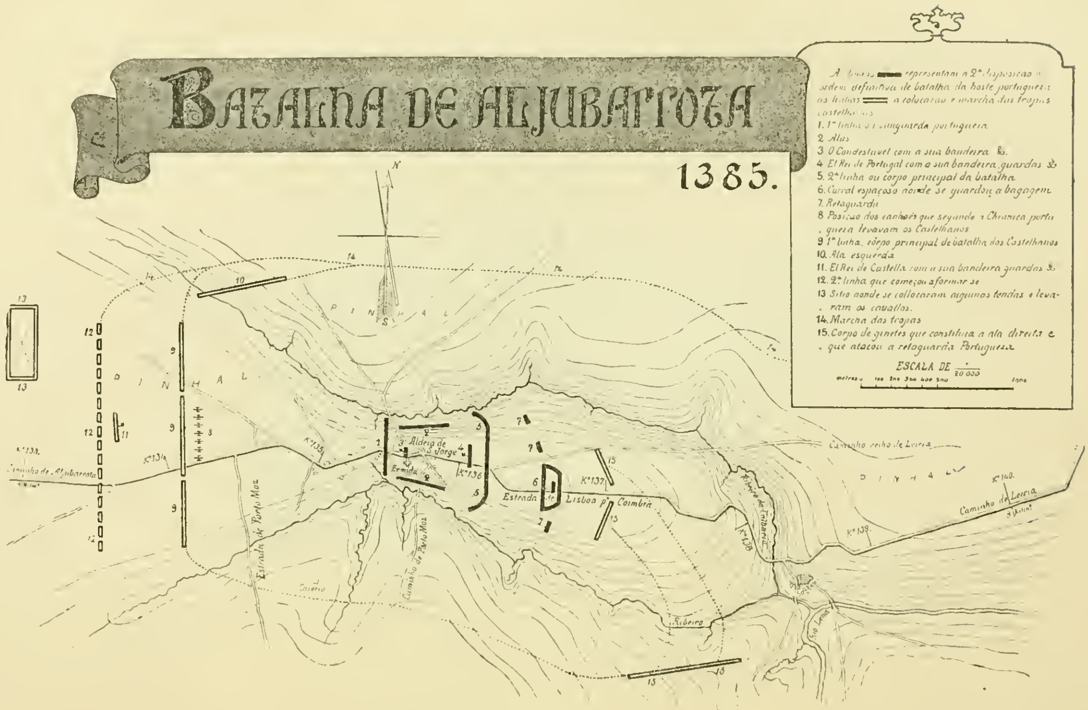
tragica. As baixas da cidade, deitadas sobre o Mondego, aninhado em salgueiraes, referviam agora no immenso tumulto da marcha do exercito invasor. Era verão: passara a epocha do derreter das neves, quando as torrentes da serra se precipitam, e de repente a cheia gallopa, inundando de lado a lado o amplo alvéo do rio. Entre estirados bancos de areia côr de ouro espreguiçavam-se os filetes de agoa, deslizando mansamente, ladeados pelas duas alas cerradas de folhagem verde, onde cantam os rouxinoes nos ninhos. Levantam-se ambas as margens com uma inclinação media: nem tamanha que aterre o animo, nem tão branda que alargue a alma: o bastante para a enlanguescer, na embriaguez de uma tristeza suave. Os choupos e os salgueiros, beijados pelo vento, vão cantando com os rouxínoes; beijados pela agua, vão chorando, pendentes, com o rio que passa fugindo esquivo. Por cima veste as terras o lançol pardo das oliveiras; como soluços e interrogações crueis, erguem-se os vultos negros dos cyprestes, esculcas mysteriosamente enygmaticos, de pé, sobre a crista das ribas do sul, cravados no ceu. Confrange-se o coração com ternura: a vida vê-se tristemente doce; arrazam-se os olhos de lagrimas; invade a alma uma saudade vaga, sem angustias dilacerantes, com um entorpecimento dolorido...

Mas, do lado opposto, agora, ferve a guerra: torrentes de homens armados desceram dos montes e invadiram os campos, á maneira da cheia quando rola em ondas as neves derretidas. A cidade, fechada como um crustaceo no seu cinto de muralhas, erguendo no alto o seu castello, assiste ao rolar da onda guerreira que passa triumphante e estrepitosa, dominando por um dia a placidez triste do valle. Os gritos de guerra, as acclamações enganadoras de uma victoria segura, o fragor das armas, o tropear dos cavallos, açoitam o ar dolente; e o contraste da natureza e do homem é tragico, porque essa gente, suppondo marchar alegre para a victoria, vae a caminho da morte: morte funebre e sem gloria.

A sorte estava jogada; e assim que a cheia passou, os

rouxinoes nos seus ninhos continuaram cantando, e o Mondego correndo, elegiaco e saudoso, como a alma portugueza.

Coimbra. Arco de Almedina


BATALHA DE ALJUBARROTA
1385.
representam a 2ª disposição e
ordem definitiva de batalha da hoste portugueza
a collocação e marcha das tropas
1. 1ª linha ou vanguarda portugueza
2 Alas
3 O Condestavel com a sua bandeira &.
4 El Rei de Portugal com a sua bandeira, guardas &
5. 2ª linha ou corpo principal da batalha
6. Curral espaçoso aonde se guardou a bagagem
7. Retaguarda
8 Posição dos canhões que segundo a Chronica portu-
. gueza levavam os Castelhanos
9 1ª linha, côrpo principal de batalha dos Castelhanos
10. Ala esquerda
11. El Rei de Castella com a sua bandeira guardas &
12. 2ª linha que começou a formar se
13 Sitio aonde se collocaram algumas tendas e leva-
. ram os cavallos.
14. Marcha das tropas
15. Corpo de ginetes que constituia a ala direita e
. que atacou a retaguarda Portugueza
ESCALA DE 1/20 000
metros 0 100 200 300 400 500 1000
N
PINHAL
Aldeia de S. Jorge
Ermida
K° 136
K° 137
K° 138
K° 139
K° 140
K° 135
K° 134
Estrada de Lisboa p.ª Coimbra
Estrada de Porto Moz
Caminho de Porto Moz
Caminho velho de Leiria
Caminho de Leiria
Caminho de Aljubarrota
Ribeira de Calvaria
Ribeiro
Rio Lena
Casal

VI

Aljubarrota

A noticia da entrada do rei de Castella soou em Lisboa como um dobre de finados, acordando as lembranças das torturas do cerco, havia quasi um anno. Agitavam a memoria os soffrimentos, referindo-se pavorosamente os episodios funebres d'esse tempo, já meio esquecidos com o inverno que passara, com a primavera que tinha florido, cheia de esperanças de que a guerra ficasse limitada aos assaltos e correrias fronteiriças. Mas não: o rei de Castella repetia a sua investida, e o terror vago invadia os espiritos, porque, em verdade, apesar da acclamação de Coimbra, a situação positiva do reino era proximamente egual, salvo a conquista do Minho por Nun'alvares, e a de Portel na fronteira do Guadiana.

Confiança, a confiança que ha na consciencia da força, não existia. Mas havia a fé: a esperança n'um milagre como aquelle que o anno passado salvara Lisboa, semeando a peste nos arrayaes inimigos. Qual seria o milagre salvador de agora? Ninguem podia dizel-o; mas confiavam todos, que um milagre viria; porque D. João I

parecia predestinado, e o seu condestavel figurava-se ás imaginações attonitas como um anjo vindo do céo, S. Miguel, ou S. Thiago, armado pela mão de Deus, para o combate, com energias invenciveis.

Corria, piedosamente, a lenda do fradinho franciscano de Guimarães que, tempos antes, a rainha de Castella, D. Joanna, cheia de escrupulos pelas questões da successão papal, mandára consultar ácerca do scisma. Aos enviados, o fradinho, como um santo e um propheta, respondera antes de lhe fallarem:

—Sabei que a rainha que vos mandou, morreu; e que o vosso rei D. João não dará obediencia ao papa Urbano, e por isso Deus o castigará.

Attonitos, os emissarios partiram: era verdade, a rainha tinha morrido.[1] Seria verdade, o castigo promettido? Havia de sel-o. Deus era pelo papa Urbano. Deus era comnosco, contra os castelhanos scismaticos. Mas Deus queria uma fé limpa das superstições obscuras que perturbam a piedade cristallina. Crescendo o perigo, depurava-se a devoção, porque as almas são agulhas mysticas, adelgaçadas conforme sobem... Por isso o conselho de pessoas honestas, religiosos e doutores, mestres na theologia sagrada, afim de chamar Deus em nossa ajuda e amansal-o de alguma sanha que contra nós por nossos peccados tivesse,[2] prohibira em Lisboa as velhas praticas gentilicas: procissões pagans do primeiro de janeiro, do primeiro de maio, dia de Santa-Cruz, em que o povo alegremente dava largas ao naturalismo, casando por forma, em verdade incongruente, a triste religião do Crucificado com as costumeiras antigas, raizes esfarrapadas de tempos ignotos em que se divinisara a alegria de viver. Os tempos agora eram outros: só com tristeza e penitencia se ganhava o céo, e antes do céo, a salvação na terra, vencendo os castelhanos.

---

[1] Gaspar Estaço, *Antiguidades de Port.*, etc.

[2] Lopes, *Chron.*, XLI.

Os feitiços, os esconjuros, a evocação do demonio, as encantações, as benzedeiras, as caratolas, os sonhos, o lançar de rodas ou fortes: essas praticas da superstição simples, com que nas occasiões ordinarias da existencia se apellava para a protecção do diabo, ou se lhe perguntava o segredo do futuro, estavam tambem prohibidas agora que, na angustia de uma crise suprema, nenhum espirito, senão o puro espirito de Deus omnipotente, era capaz de salvar o reino por um milagre estupendo. A crueldade da crise abria assim os olhos da devoção, dando aos homens a segunda vista para repellirem as nevoas de animismo, em que o espirito insipiente os encerrava. Nem incantações, nem carpir de finados, nem depennarem-se: nada, senão a oração fervorosa e a penitencia intima. Estavam ordenadas tres grandes procissões: na Sé, em louvor da circumcisão de Christo; em Santa-Maria-da-Escada, devoção da Madre-de Deus; e a da Santa Cruz. Lisboa, com o medo da volta dos castelhanos, ardia em piedade pura, esperando um milagre, e pondo de lado as praticas e superstições mais ou menos demoniacas. [1]

Esse milagre havia de o fazer Deus por intervenção do rei e do condestavel, que andavam lá por fora para vedar

---

[1] Dias depois, no proprio dia da batalha: «Segunda-feira vespora de Santa Maria de agosto depois de comer que foram catorze dias de agosto era de mil quatrocentos vinte e tres annos, estando todos juntamente. . acordaram...» os do concelho da cidade em fazer um estatuto, prohibindo a idolatria e maleficios, mayas, janeiras e mais ritos pagãos:

«considrando o perigo em que esta cidade e todo o reino ora está que é cercado por mar e por terra e o Rey de Castella é dentro em este reino antre o qual e nosso Senhor Elrey se espera cada dia batalha, *etc.*»

O Estatuto, porém, só se publicou depois, porque adiante diz: «Porque em aquelle dia e hora que esto foi ordenado.. vespora de Santa Maria de agosto, logo como sairam das Vesperas na Sé, em a qual hora se comessou a batalha, *etc.*»

V. o Estatuto, em Sylva, *Mem.*, IV, doc. n. 37.

a passagem ao castelhano, e impedil-o de vir outra vez arrasar toda a volta de Lisboa, cingindo a cidade n'um circulo de ferro e fogo para a rebentar com fome.

E ambos andavam com effeito em jornadas trigosas para salvar Lisboa. Ao receber o recado em Estremoz, Nun'alvares, com sessenta lanças, partiu logo contra Aviz. d'alli a Ponte-do-Sor, de lá a Abrantes. [1] Acampou duas legoas ao sul, e foi ao *real* de D. João I. No dia seguinte, chegaram ao acampamento as tropas que reunira no Alemtejo: uns tres mil homens, seiscentos de armas, trezentos besteiros, dois mil peões. [2] Que havia a fazer? A opinião geral era que se invadisse a Andaluzia, forçando assim o castelhano a retroceder. Offerecer-lhe batalha, interpondo-se-lhe na marcha sobre Lisboa, parecia loucura. [3] Já era agosto: o rei de Castella estava, então, em Coimbra.

Nun'alvares, chegando, verberou a opinião dos timidos. Já por timidez, o anno passado, o não tinham deixado cair sobre o exercito inimigo que debandava. Agora, não. Era condestavel: queria exercer o posto. [4] Entrar na Andalu-

---

[1] Sousa, na sua *Hist. Geneal.*, v, 92, diz que, em Abrantes, a 20 de julho 1423 = 1385, o mestre deu a Fernão Pereira, os bens que haviam sido de Paio Rodrigues Marinho, alcaide mór de Campo Maior, a quem foram tirados por entregar o seu castello ao rei de Castella. Deve haver erro de data, porque na indicada já o mestre era rei. Em todo o caso, Iria Gonsalves herdou os bens e doou-os em 1439=1401 a fr. Gonçalo e seus companheiros, eremitas da Serra de Ossa, do lugar de Valle-de-Flores, junto á ribeira de Niza. (*Provas,* liv. vi, 33.) A' mesma Iria Gonsalves, mãe de Nun'alvares, fez o Mestre doação (Portalegre, 30 julho 1423 = 1385, data egualmente errada, pois ao tempo estava em Abrantes) do quinto do que tinha em Portalegre e Alegrete, bem como do juro e herdade, para ella e seus successores, da portagem de Marvão com suas rendas «por muitos e estremados serviços que nós e estes reinos recebemos e entendemos receber dos que d'ella descendem.» — Arch. nac.; chanc. D. João I; 1 fol. 97 e 149. V. *Hist. Geneal.*, v, 91.

[2] *Chron. do Condestabre*, c; Lopes, *Chron.*, xxv.

[3] Lopes, *Chron.* xxx.

[4] Estas são as funcções do Condestavel: «A elle dá el-rei as or-

zia, indo a Sevilha cortar duas oliveiras podres, equivalia a perder Lisboa, e, perdida Lisboa, estava o reino perdido. Era isto o que queriam? Abandonar Lisboa, sem capitão, á mercê da fome? Nunca! Tinha promettido por cartas á cidade que vedaria a passagem ao castelhano... E havia de deixal-a tomar, pisar como a cães, saqueal-a? Não, nunca! Se el-rei não quizesse, iria elle, elle só; mas mudar de proposito, não mudava. [1]

E como o conselho se não demovesse do proposito da invasão na Andaluzia, antes rosnasse injurias contra a attitude quasi rebelde de Nun'alvares, este partiu, a cumprir o promettido. Foi ao seu arrayal, sellaram os cavallos, e em breves horas estavam a caminho de Thomar, por onde o rei de Castella vinha. [2] Os do conselho apertavam as mãos na cabeça perante a grande loucura. João das Regras era homem de prudencia quieta, antipathico á audacia, methodico; irritava-o o desembaraço do condestavel, e tinha-lhe inveja á sorte, esperando sempre que, dia mais, dia menos, o juizo tomasse a desforra, precipitando-o de vez. Seria agora?

D. João I, na ponderação constante do seu animo, não

---

dens do que se deve fazer no exercito e elle as commette ao Marichal para que as execute e a elle pertence fazer os coudeis dos besteiros e dos homens de pé, cada um com 30 soldados. Assinam os quadrilheiros que ham de repartir os despojos das batalhas e saco dos logares. Antes de partir para o exercito, manda os descobridores do campo e almoçadens a segurar os caminhos e de lá as guias para a vanguarda e capitães para cavalgadas, aposentador para alojar o campo e guardas e roldas e escutas para de noite, e lhes dá o nome (santo, senha). Por sua ordem se reconhecem os logares que se hão de cercar. Em todos os casos que succedem no exercito, assim civeis como crimes, he suprema justiça, para o que nomeia ouvidor e meirinho, e a elle vem por appelação os feitos do Marichal: em os civeis não ha do Condestavel apellação». — Sev. Faria, *Not. Port.*, II, p. 36-7. V. as funcções do condestavel e do marechal da hoste no *Reg. da milicia ant.* (Arch. d'Alcobaça) em Santos, *Mon. lus.*, VIII, 48.

[1] Lopes, *Chron.*, XXX.

[2] *Ibid.*, XXXI; *Chron. do Condestabre*, LI.

poude deixar de surprehender-se. Os reis nunca estimam os excessos de zelo. E no conselho fulminavam pelas costas Nun'alvares como rebelde e insubmisso á vontade soberana. Era uma crise grave para o novo rei: um momento em que via estar-se-lhe jogando a sua corôa de quatro mezes. Soccorrendo-se ao expediente mais facil, despediu um do conselho, João Affonso de Santarem, a encontrar Nun'alvares no caminho, e ordenar-lhe que regressasse. Regressaria? Entretanto, no conselho, oscillava em debates a balança, sobre cujos pratos Nun'alvares deitara o peso da sua espada. O rei inclinava para esse lado, e um jurista perspicaz, o doutor Gil de Ocem, formulou:

— Senhor, tomae os dados na mão, cuidando que jogaes com elrei de Castella, e, lançando-os pelo taboleiro, ponde este feito em sorte de batalha; e se vos vier de retorno lançaes o melhor encontro que nunca lançou rei que n'esta terra fosse; e posto que lanceis azar, não podeis sair senão com honra.

D. João I sorriu: [1] já tinha o temperamento regio, affeito á lisonja. Quem melhor pensava, era quem pensava como elle. E pesando tudo bem, a razão estava por Nun'alvares. João das Regras roia as unhas... Ou se havia de jogar tudo n'uma cartada, ou tudo estava perdido; porque as vantagens até alli alcançadas eram mais apparentes do que reaes. Despachou ainda o rei outro emissario a Nun'alvares, para que voltasse; mas, agora, já com o proposito de largarem reunidos para a Extremadura. E por isso não o affligiu demasiado o recado do seu condestavel: «Não era homem de muitos conselhos; tinha determinado não deixar passar el-rei de Castella: não mudava; por mercê, deixasse-o ir no seu caminho; com a sua gente se haveria; ia d'alli pernoitar á ribeira de Abrançalha; [2] esperaria recado; se o rei quizesse vir, encontrar-se-hiam em Thomar.» [3] D.

---

[1] Lopes, *Chron.*, XXXI.

[2] *Chron. do Condestabre*, LI.

[3] Lopes, *Chron.*, XXXI.

João I annuiu. Mandou-lhe resposta que o esperasse em Thomar. Com a sua decisão, Nun'alvares arrastava comsigo os homens que por timidos se perdiam, para o campo em que todos se salvaram.

Emquanto esperava o rei que vinha de Abrantes [1] ao seu encontro, Nun'alvares despachou tres escudeiros ao arrayal inimigo, que então estava em Soure, passado o Mondego. Um dos emissarios levava uma carta para o rei de Castella, intimando-o a que evacuasse o reino, sob pena de batalha; os outros iam de espias, tratar de haver alguma lingua. O rei de Castella contestou sem arrogancias, convidando benevolamente o condestavel a submetter-se. [2]

---

[1] Partiu a 8 de agosto.— *Mem. da bat. Aljubarr.* (arch. d'Alcobaça) na *Mon. lusit.*, VII, pp. 789-90.

[2] *Ibid.* XXXII; *Chron. do Condestabre* II; as duas cartas, segundo o texto de Ayala (*Chron. de D. Juan I, ann.* VII, *12*) são as seguintes:

Carta de Nun'alvares:

«Diredes al Rey de Castilla que mi senhor el Rey de Portugal é todos los suyos naturales del su Regno de Portogal que estan con el, le dicen de parte de Dios é de Sant Jorge que el non quiera estroir la su terra de Portogal; e que por servicio de Dios, seyendo guardada la honra de mi Señor el Rey de Portogal, é fincando el Rey mi Señor Rey de Portogal que el fará con el Rey de Castilla buena avenencia aquella que fuere razonable. E non queriendo el Rey de Castilla dexar nin desembargar, é partir-se del dicho Regno de Portogal libremente, mi Señor el Rey de Portogal lo pone en la mano de Dios, é lo quiere librar por batalla é quiere sobre esto atender el juicio de Dios.»

Resposta do rei de Castella:

«Decid vos a Nuño Alvarez Pereyra que el sabe bien como yo casé con la Reyna Doña Beatriz mi muyer fija del Rey Don Ferrando de Portogal é fice bodas con ella en la mi cibdad de Badajoz, é el Maestre Davis, que se llama Rey é todos los otros grandes del Regno de Portogal vinieron y, é le besaron la mano por su Reyna, é Señora del dicho Regno de Portogal, é a mi asi como su marido, despues de los dias del Rey Don Ferrando, é de esto ficieron sus ciertos tratos é juraron sobre el cuerpo de Dios. E que yo he derecho á este Regno de Portogal por la dicha Doña Beatriz mi muger: é si el dicho Maestre Davis, é los que con el son quieren venir a la mi merced, non catando el mucho deservicio que me han fecho é facen, yo partiré

Chegou D. João I e a sua hoste; e, reunidas as forças com que se ia arrostar o poder inimigo, via-se a pequenez dos meios. Fidalgos eram raros: [1] andavam com o castelhano D. Pedro de Castro, o filho do conde Alvaro Pires de Castro; Pedr'alvares, que o rei de Castella fizera mestre de Calatrava, e seu irmão Diog'alvares; andavam Gonçalo Vasques de Azevedo e seu filho; Garcia Rodrigues Taborda, alcaide de Leiria; e tantos, que do lado do nosso D. João I apenas se viam os tres Mellos, Vasco Martins *o velho*, com os dois filhos; os Vasconcellos, Mem Rodrigues e Ruy Mendes; Martim Affonso de Sousa, Lopo Vasques da Cunha, e poucos mais, além da gente nova ennobrecida pela revolução: os legistas João das Regras, João Affonso de Santarem, Gil de Ocem, Affonso Annes. [2] Não faltava o pujante arcebispo de Braga D. Lourenço. Era, emfim, um pequeno exercito bisonho, mal armado, sem homogeneidade: tropas improvisadas n'um instante, não excedendo em numero a dez mil homens, [3] que em seguida á revista

---

con ellos este Regno, asi en tierras, como en oficios grandes, é honradas mercedes; en guisa que ellos sean pagados. E si esto non quisieren, salvo perseverar en su rebeldia é desobediencia, é lo quieren librar por batalla, yo tengo que Dios me ajudará con el buen derecho que yo he: é que yo los iré buscar.»

[1] «Certamente eram mui poucos, ca pela maior parte quantos no reino hauia todos se lançaram com seu adversario.» — Lopes, *Chron.*, XXXIX.

[2] *Ibid.*

[3] Ayala conta 12:200, sendo 2:200 h. d'armas e 10:000 besteiros e peões; Froissart conta 10:000; Lopes (*Chron.*, XXVII) conta 7:000, a saber: 1:700 lanças, 800 besteiros, 4:500 peões. Ayala, como é sabido, assistiu á batalha no exercito castelhano; Lopes é quasi contemporaneo; Froissart conta o que ouviu a uma testemunha ocular. Estudando meudamente este ponto, Sandoval (*Aljubarrota*, 177) dá a seguinte composição ao exercito portuguez: 4:000 h. do rei; 2:000 h. reunidos no Porto, Coimbra, etc. até Alemquer; 121 h. ahi vindos de Lisboa; 2:900 h. trazidos por Nun'alvares do Alemtejo; 1:000 h. reunidos, depois da revista de Thomar, em Alcobaça e de Porto-de-Moz; 362 h. id. da Beira. Total, 10:000 h. dos quaes 3:000 não combatentes. São pois 7:000 combatentes, o que confirma Lopes.

ou *alardo* passado em Thomar foram divididos em quatro corpos: o primeiro, da guarda real, com duzentos; o segundo, do condestavel, com dois mil; o terceiro, dos besteiros inglezes, com setecentos; o ultimo, da peonagem, com sete mil. D'este effectivo de dez mil homens, só dois terços eram combatentes.

Nem a confiança que a força dá, nem o esplendor dos brazões heraldicos, nem o prestigio da tradição soberana: nada vinha augmentar as condições de exito á hoste, pequena e humilde, dos portuguezes, improvisada em parte da nação, com um rei improvisado tambem, levado por um condestavel de vinte e cinco annos, de que até os proprios parciaes, se não escarneciam por que tinham medo, desdenhavam constantemente.

Por tudo isto, os emissarios que voltaram com as respostas do rei de Castella, vinham transidos de susto, com os olhos ainda assombrados pela força grandiosa d'esse exercito fidalgo, triplo em numero — e tão magnifico!

— No dia em que cheguei, contava o arauto, el rei fazia alardo: são até sete mil lanças, e dois mil ginetes, e bestaria e peonagem tanta, que não me atrevo a pôr conto. Um espanto, os pagens e outras gentes da carriagem! Vi na vanguarda D. Pedro, filho do marquez de Vilhena, condestavel de Castella, ao lado de Pedr'alvares que fizeram mestre de Calatrava. N'uma ala vi D. Gonçalo Nunes, mestre de Alcantara, e D. Pedro Dias, prior de S. João. Só João de Velasco, pagem-mór de elrei e que lhe leva o bacinete, tem quinhentas lanças...

Nun'alvares ouvindo-o, pensativo, contestou-lhe com decisão terminante:

— Do que viste, nem migalha... a ninguem o digas. Ao contrario, dize que a gente é muita, mas mal corregida... e descoroçoada.[1]

Quando Nun'alvares mandava, era obedecido.

---

[1] Lopes, *Chron.*, XXXIII; *Chron. do Condestabre*, LI.

De Thomar marcharam sobre Ourem, uma sexta feira, [1] acampando ao pé do castello contra Athouguia-das-cabras, entre as cumiadas bravias erriçadas de matto virgem, d'onde se levantou um corço que correu o arrayal todo e veiu cair lanceado junto á tenda do rei. [2] A gente bisonha viu n'isto um bom agouro, e cobrou um certo animo.

* * *

Chegava então o rei de Castella a Leiria. Era tambem um rapaz: vinte e seis annos; um anno mais do que Nun'alvares, um anno menos do que o nosso D. João I. Era um rapaz louro, grave, pequeno de estatura, bom de indole, porém de saude enfermiça, e por isso muito infeliz, birrento, indeciso, inerte, discutindo tudo, apezar de ser taciturno por habito. [3] Havia duas semanas que o não deixavam as febres, e tinha de acompanhar a marcha n'uma liteira.

No principio de julho, [4] passara a fronteira sem esperar o contingente do infante de Navarra (talvez por não confiar muito na sua fidelidade) nem o infante D. João que mandára buscar ao castello de Almonacid para o trazer comsigo, desfazendo assim os escrupulos dos seus parciaes. Estava decidido que fariam uma segunda campanha formal, aban-

---

[1] 11 de agosto.

[2] Lopes, *ibid.*; *Chron. do Condestabre*, LI.

[3] Ayala, *Chron.*, etc., descreve-o assim: «Era no grande de cuerpo é blanco, é rubio, é manso, é socegado, é franco, é de buena consciencia, é home que se pagava mucho de estar en consejo é avia muchas dolencias.»— «Era nuestro Rey D. Juan hombre de pocas palabras, nada zalamero, manso si y afable, pero poco activo.» — Lozano, *Los reyes nuevos*, etc., III, 7.

[4] A 8.

donado o parecer contrario dos que opinavam pelas cavalgadas e almogaravias. [1] De Almeida foi a Trancoso, destruindo ahi a ermida de S. Marcos, junto da qual, em maio, tinha sido a cruel matança em desforra do incendio de Vizeu. De Trancoso foi a Celorico, tomou por assalto o castello, e permaneceu ahi dez dias. [2] Aggravaram-se-lhe os soffrimentos a ponto que, receiando morrer, lavrou o seu testamento, [3] dispondo que em tal caso o papa sentenciaria a quem Portugal havia de pertencer, se á rainha, se ao infante Henrique, herdeiro: sendo á rainha, cumpria-lhe a ella indemnisar os gastos da guerra. Declarava mais que, se prendera o infante D. João em Toledo, não fora por elle o merecer, mas só para que não estorvasse a revindicação dos seus direitos legitimos.

No primeiro dia de agosto, melhorando, saiu de Celorico, ainda assim levado em liteira, descendo o valle do Mondego, pacificamente, em jornadas militares curtas. Chegaram a Coimbra. O rio, com a estiagem, ia quasi secco, de fórma que as bagagens passaram-nas sob os arcos da ponte. A jornada parecia um facil passeio militar; todos contavam regressar breve a casa, terminada a empreza. Quando atravessavam Coimbra, na rua direita, em frente da porta de Almedina, houve uma pequena escaramuça, reprimida severamente. Os camponezes, tambem, saqueavam quanto podiam a cauda perdida das bagagens, apesar da repressão desapiedada dos invasores, que decepavam mãos e cortavam linguas, incendiando as egrejas [4] como scismaticos, e deixando apoz si um rastro de terror que levava todas as aldeias a fecharem-se hermeticamente, sumindo-se a gente á passagem. Os arrabaldes de Coimbra,

---

1 Lopes, *Chron.*, XXVII, VIII.

2 de 2 de julho a 1 de agosto. — Lopes, *Chron.*, XXIX.

3 Ayala, *Chron. de D. Enrique III;* em Lozano, *Los reyes nuevos de Toledo*, está o traslado do testamento de 21 de julho a 1 de agosto. — Cf. Sandoval, *Aljubarrota*, 117.

4 Lopes, *Chron.*, XXIX.

onde descançaram uns dias, ficaram cruelmente assolados.

O primeiro objectivo da marcha fôra Santarem, e com isso contava o nosso D. João I, ao escolher Abrantes para a concentração das suas forças; mas em Coimbra, talvez por saber o inimigo em Abrantes, resolveu o castelhano marchar sobre Lisboa pela Estremadura littoral, em vez de procurar o Tejo e descer-lhe pela margem. De Coimbra, portanto, dirigiram-se a Leiria, por Soure, onde pernoitaram, [1] e onde veiu encontral-os a carta de Nun'alvares, de Thomar. Ao outro dia estavam em Pombal; no immediato em Leiria, [2] ao tempo em que o exercito portuguez acampava em Ourem. As estradas pisadas inversamente pelos dois exercitos formam os dois lados de um triangulo obtuso, cujo vertice se encontra ao sul de Leiria: é o campo de batalha para a defeza de Lisboa contra o inimigo que vem de Coimbra. [3]

O alcaide de Leiria recusou-se a abrir a cidade aos castelhanos; mas não a fornecer-lhes viveres e o que quizessem. [4] Tinha a terra por D. Beatriz e era portuguez, o alcaide Garcia Taborda; mas era castelhano por partido e por isso já o vimos no exercito inimigo. Abundavam exemplos d'estes, de coherencia prudente, para se acharem sempre do lado do vencedor.

Na varzea de Leiria, com frente ao sul, formou o exercito castelhano em seis corpos. O primeiro era o dos homens d'armas da guarda real: senhores, pagens, donzeis, forte de novecentos homens, com todo o luxo e esplendor da cavallaria castelhana: armaduras reluzentes, bacinetes

---

[1] 7-8 agosto.

[2] 10 e 11 de agosto.

[3] Aujubarrota feriu-se proximamente no Chão-da-Feira, ahi onde em 1837 (junho 12) os marechaes Terceira e Saldanha se encontraram com as tropas do governo, não chegando a haver batalha por se recusarem a isso os soldados. — Cf. *Portugal contemp.*, do A., II, 94-8.

[4] Lopes, *Chron.*, XXIX.

emplumados, pendões e bandeiras, á frente das quaes se erguiam os balsões reaes com as armas de Castella e Portugal, leões e quinas unidas, e barras de ouro e barras de prata symbolicas dos dois reinos; pendões de campo verde com um falcão de azas abertas no meio, segurando com a garra adunca o motto *En bon point.* [1] O segundo corpo era o das lanças e peões das ordens militares de Santiago, Calatrava e Alcantara, sob cujo mestre estava o esquadrão de *jinetes* da Andaluzia, mouros ou guerreando á mourisca: [2] milicia ligeira de corredores que no campo executavam a *phantasia*, emquanto os cavalleiros chapeados de ferro avançavam como rocha, em columna cerrada. O segundo corpo contava dois mil homens. O terceiro incluia, no seu effectivo de doze mil homens, as mesnadas, lanças e peões, (na razão de quatro dos segundos para uma das primeiras) dos senhores e cavalleiros, dos prelados e mosteiros, com seus balsões e insignias. No quarto, forte de quatorze mil homens, entravam os contingentes das cidades, villas e concelhos: tropas de toda a especie, desde os homens de armas e os *jinetes* andaluzes, até aos peões besteiros e lanceiros, armados de fundas, chuços, dardos, virotes, ou simples paos tostados. Depois, no quinto, vinham as companhias auxiliares, frankos do Béarn e da Gascunha, em numero de dois mil, e finalmente os portuguezes que seguiam as partes de Castella, em numero de um milhar. Com estes elementos se compunha o effectivo total de trinta e dois

---

[1] Lopes, *Chron.*, XLVIII

[2] Na sua carta de 10 de janeiro á cidade de Murcia (em Cascales, *Disc. hist.*, etc.) o rei de Castella reclama 150 besteiros e 150 lanças, sendo *mouros* 18 besteiros e 16 lanças. — Cf. Sandoval, *Aljubarrota*, 115. Dos *jinetes* andaluzes diz Froissart, *Chron*, III, 15:

«Uray est que de premiere uenue, à cheual, ils sont de grãd volonté, de grãd bobant & de grande courage & hautain, à leur auantage & se combattent assez bien à cheual, mais si trestost qu'ils ont getté deux où trois dards & donné un coup d'espée & voyent que leurs ennemis ne se desconfisent, ils se doutent & retournent les freins de leurs chevaux & se sauve qui sauuoer se peut.»

mil homens do exercito castelhano, [1] dos quaes todavia só vinte mil eram combatentes. Doze mil, eram os pagens, creados, azemeis, vivandeiros, curadores, mancebas, serventes e mais gente necessaria ao comboyo de setecentas carretas, de innumeras bestas de carga, de oito mil cabeças de gado, bois e carneiros, que formavam a cauda interminavel do exercito, «cousa espantosa de ver.» [2] Por sobre tudo isto, trazia o castelhano, como terrivel novidade que afinal falhou, dezeseis *trons* ou bombardas, peças de artilheria rudimentares de madeira, arcadas de ferro.

Em ordem de batalha, a vanguarda castelhana compunha-se de mil e seiscentas lanças em linha dobrada, commandadas pelo condestavel D. Pedro, filho do marquez de Vilhena, tendo por alferes Diogo Furtado que hasteava o pendão com as armas unidas de Castella e Portugal. Formavam na vanguarda os portuguezes parciaes de Castella, Diog'alvares, João Affonso Tello (que o rei fizera conde de Mayorca) Vasco Pires de Camões, os Azevedos, os alcaides de Leiria e Obidos, e muitos mais. Na ala direita, do mestre de Alcantara, estavam os homens d'armas gascões; na esquerda Pedr'alvares, mestre de Calatrava. A retaguarda, onde ia o rei, contava tres mil lanças dobradas entre as quaes formava a flor da fidalguia castelhana [3] ostentando a riqueza nas armaduras, o orgulho nos balsões heraldicos e nos plumões dos bacinetes erguidos com imperio no ar.

Mas esta enorme força dirigida por um rei meticuloso e doente, que raro saía da liteira, soffria da falta de com-

---

[1] E' o numero em que fixa Sandoval. (*Aljubarrota*, 117) A *Chron. de S. Denis* dá 10:800; Froissart 22:000; Lopes (xxxvii) 30:000. Tomando este numero, Sandoval deduz os 6:000 de Carlos de Navarra que só depois da batalha entraram em Portugal; mas junta 8:000 das guarnições que se encorporaram em Celorico e da guarnição da armada do Tejo.

[2] Lopes, *Chron.* xxxviii. E' o unico chron. que falla dos *trons*, ou bombardas.

[3] Lopes, *Chron.*, xxviii.

mando, porque toda a gente de valor pode dizer-se que morrera da peste, no anno antecedente, em Lisboa. [1] O exercito era mais vistoso do que forte, pois a direcção oscillava entre a temeridade tonta dos estouvados e a hesitação dos medrosos, ou commodistas. Era porém necessario o sangue-frio perspicaz de um Nun'alvares, para se não atemorisar com tamanho apparato, seguro de que uma lançada traspassaria, fazendo cair por terra, esse balão inchado de força apparente, em realidade fragil.

No sabbado, D. João I, ainda em Ourem, mandou ao arrayal de Leiria um novo arauto que voltou com resposta egual á de Soure, e egualmente attonito da força castelhana. Estes emissarios, denunciando o temor do nosso lado, ainda mais enchiam de segurança o inimigo. [2] Tal sentimento o perdeu, porque sobre os seus e os contrarios o espirito de Nun'alvares pairava, auscultando o medo de uns e a basofia de outros, e fazendo servir ambos para o exito dos seus designios.

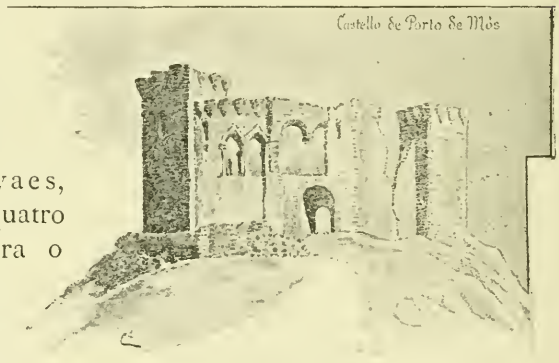
---

[1] Ayala, *Chron.*, diz : «Habia pocos ó ningunos caudillos en la hueste que pusiesen en ella recabdo cual cumplia, porque los que la sabian ordenar eran muertos en la pestilencia que fuera sobre Lisboa... (os capitães) eran mancebos que no se habian visto en guerras nin en batallas.»

[2] «Nouvelles vinrent au roi de Castille ce vendredi au matin là où il se tenait que les Portingalois et le roi Jean que ceux de Lusebonne avaient couronné etaient hors de Lusebonne et chevauchaient vers lui. Ces nouvelles s'épandirent tantot parmi leur ost, dont eurent Espagnols, Français, Gascons, moult grand' joie et dirent entr' eux : «Vela en ces Lusebonnais vaillant' gent quand ils viennent combattre. Or tot mettons-nous sur les champs et les encloons (enfermons) si nous pouvons, avant qu'ils ne retournent en leur ville ; car si nous pouvons, jamais pié ne retournera en Lusebonne.» Adonc fut ordonné et publié parmi l'ost à trompettes, que le samedi au matin on fut tout pret à pied et à cheval et que le roi partirait et irait combattre ses ennemis. Tous se ordonnèrent et montrèrent qu'ils avaient grand' joie de cette journée et de cette aventure.» — Froissart, *Chron.*, III, 21.

*
* *

A varzea consideravel que cerca Leiria e acompanha para o norte o valle do Liz, estende-se oppostamente, obra de tres legoas, até Porto-de-Moz, cujo castello, no covão da veiga, é flanqueado por uma platea de montes, rostros avançados para o norte pelos alicerces da serra dos Albardos, que se escoam no Lena, mandando os seus tributos ao Liz, junto a Leiria.



A Porto-de-Moz transferiram os portuguezes, no proprio sabbado, os seus arrayaes, transpondo as quatro legoas que para o poente, dista Ourem. Em Porto-de-Moz interceptavam já o caminho de Lisboa, embora ladeassem um tanto, pelo norte, a estrada de Alcobaça. Para esperarem o inimigo e impedir-lhe violentamente a passagem, Porto-de-Moz tinha este senão. No domingo, depois de missas, o condestavel saiu, pois, com uma escolta de cem cavalleiros, de cotas e braçaes, a reconhecer as eminencias por onde, ao sul, o caminho seguia. [1] Ninguem lhe embaraçou os movimentos; ninguem dos inimigos pensou em occupar essas alturas fortes, que á primeira vista estavam

---

[1] *Chron. do Condestabre*, LI.

indicadas para a peleja: tanta era a confiança descuidada dos castelhanos na sua força irresistivel. Nun'alvares regressou socegadamente a Porto-de-Moz. O sitio do arrayal estava achado, e o plano da batalha construido.

Os montes da serra dos Albardos: a Azelha, os Penedos-negros, o Cabeço-grande, alinham-se do sul para norte, desde o valle de Chiqueda por onde corre o Coa direito a Alcobaça, até ao contra-forte extremo do poente de Porto-de-Moz que se precipita abruptamente sobre a varzea do Lena, em frente do logar de Carvoeiro. [1] Esta cortina de montes veda absolutamente a passagem para o nascente, ensombrando a paysagem com as suas cumiadas agrestes. [2] Para o poente, descae o chão n'um terraço levemente ondulado, que se prolonga desde o contra-forte fronteiro a Leiria até ao logar de Aljubarrota, distante do arrancar da serra obra de uma legoa. E' uma planicie batida, de duas legoas de comprido, que se ergue em esporão como um promontorio sobre a varzea do Lena, por um lado, e do outro sobre o lançol de terrenos baixos, estirados para o poente até á costa. Assentam por ahi o Juncal, Alpedriz, Pizões, Cós, Maiorga, Atahija, Bemposta, Chiqueda, em volta de Aljubarrota: povoações dos abbades de Alcobaça, senhores poderosos da terra que D. Affonso Henriques lhes doara em 1153 e 1183 [3] para a

---

[1] Ahi foi construida a cathedral da Batalha.

[2] Azelha 600 m. Penedos-negros 545 m. Cabeço-grande 373 m.

[3] Cf. Viterbo, *Elucidario*, v.° *Aljamas*, judiaria, recinto ou bairro de judeus. Aljubarrota encontra-se tambem com a forma de Aljamarota. Aljuba era uma veste mourisca comprida e com mangas. Para a formação da palavra, v. as analogas: Capa-rota, junto de Pombal, Çapata-rota, junto da Guarda, etc. Aljubarrota com Alvorminha e Cós fôra povoada em 1248 pelos cistercienses de Alcobaça: ainda a ordem não tinha esquecido os preceitos da regra de S. Bento, que deram de si a cultura maravilhosa, perante a qual se extasiava, no fim do seculo XVIII, o inglez Beckford.

desbravarem e colonisarem. De Aljubarrota para o sul, o terreno abre-se e descae, mais ou menos suavemente, uma legoa cheia até Alcobaça, no valle do Coa. [1] Pode dizer-se que a chan avança em cunha contra Leiria, ampliando-se largamente o terreno nas visinhanças de Alcobaça, e ligando-se á chapada de Chiqueda, alongada para leste, a montante do Coa, outra legoa.

Na ponta d'esta cunha ou lança, debruçada sobre o logar de Carvoeiro, juntam-se as aguas de dois ribeiros que, fundidos, vão vasar no Lena. Ladeado por esses dois fossos naturaes, o monte, na sua base, medirá um kilometro, e subindo e apertando-se, comprimido entre os ribeiros, na cumiada onde está a aldeia de S. Jorge, [2] não tem mais da decima parte d'esta largura. E' como a porta de um baluarte, e foi ahi, nos declives voltados ao norte, contra Leiria, que Nun'alvares decidiu assentar o seu arrayal, esperando os castelhanos. De um e outro lado da garganta em que ambos os ribeiros estrangulam o terreno, descem abruptamente cortes ou barrancos sulcados pelas chuvas, e que no inverno são torrentes. Transposta a garganta em S. Jorge, os ribeiros, divergindo, encaminham-se para a origem, levantando rapidamente o leito e abrindo uma chapada ampla que vae subindo gradualmente até ao alto da Cumeira, para d'ahi se inclinar sobre Aljubarrota.

O baluarte erguido pela natureza, para Nun'alvares defender a independencia do reino, levanta-se setenta ou oitenta metros sobre a varzea, por onde o inimigo tinha de vir contra o promontorio, ladeada de ambas as partes por fossos naturaes de ribeiros sobre que as margens se pre-

---

[1] Aljubarrota 189 m. Alcobaça 62 m.; a distancia de um a outro ponto, em linha recta, é de cerca de 6 kilom.

[2] 13,5 kilom. de Leiria; 2,5 da Batalha; 12 de Aljubarrota; 5 de Porto-de-Moz; 19 da costa. Cf. os planos da batalha em Sandoval, *Aljubarrota*, que o A. verificou sobre o terreno. V. tambem a interessante monographia do sr. M. Vieira da Natividade, *A batalha de Aljubarrota* (Alcobaça, 1891) em carta ao A. que n'este logar a agradece.

cipitam escarpadamente abruptas. Na retaguarda, o terreno estrangulado fórma uma porta, defendida por cortes e barrancos. [1] O baluarte era, pois, um fojo para essa fera temivel, cujos dentes tinham tamanho corte, cujas garras tão grande presa: cujos olhos alcançavam, como os do lynce, ver na sombra; ou os da aguia, pairando nos altos, distinguir os movimentos da caça, e despenhar-se fulminantemente sobre ella. Assim o caçador portuguez, trilhando os matagaes de charneca bravia, por entre as urzes e medonhos do arvoredo cerrado, antevia o salto planeado para o dia seguinte, sobre os esquadrões rutilantes da cavallaria inimiga, inchados de confiança.

Concentrado, mas seguro de si, Nun'alvares regressou com a escolta a Porto-de-Moz, [2] e essa noite não dormiu. Ainda era negro, ainda a alvorada não despontava, mandou tocar as trombetas e preparar a partida. Os padres resavam missas, os soldados commungavam, precavendo-se para morrer. Quando o céo começou a branquear, largaram para o logar escolhido, a uma pequena legoa de distancia, mas por caminhos invios sulcados de barrancos, na charneca espessa. A marcha seguia pela calada do matto como uma expedição surda de caçadores. O rei, na retaguarda, deixava-se levar, approvando. [3] Quando chegaram á chapada d'onde os arredores começavam a desenhar-se alumiados pela luz do dia nascente, D. João I sentiu den-

---

1 «Ellos se puzieron aquel dia desde la mañana en una Plaza fuerte entre dos arroyos de fondo cada uno diez o doce brazas, y cuando nuestra gente aí llegó y vieron que no les podian acometer por alli, hubimos todos de rodear para venir á ellos por otra parte que nos pareció ser más llano; e cuando llegámos á aquel Lugar era ya hora de visperas y nuestra gente estaba muy cansada.» — Carta do rei de Castella a Murcia; (29 agosto, 1385, de Sevilha) em Cascales, *Disc. hist.*; transcr. em Santos, *Mon. port.* VIII; e em Sandoval, *Aljubarrota.* — Ayala (*Chron. de D. João I*, ann. VII, 13) diz do local que «de las dos partes era llano e de las otras dos partes avia dos valles.»

2 Lopes, *Chron.*, XXXIII; *Chron. do Condestabre*, LI.

3 Lopes, *ibid.*

tro de si a confiança crescer, como uma alvorada tambem. Aquella posição era inconquistavel.

No meiado de agosto, ás cinco da manhan, é dia claro. Começaram logo a dispor a batalha, construindo o acampamento. Na vanguarda, contra Leiria, d'onde haviam de vir os castelhanos, já sobre os primeiros socalcos da encosta abrupta, dispoz o condestavel os seus homens d'armas: seiscentas lanças que, com os peões, sommavam mais de dois mil e quinhentos. Em baixo, lá no fundo, corria para o Lena o ribeiro da Calvaria.

Na ala esquerda, contra o poente, ao mesmo nivel, estendiam-se os *namorados*, com os Vasconcellos, Mem Rodrigues e Ruy Mendes, levando a bandeira o alferes Alvar'eannes de Sarnache, creado do rei e anadel mór dos besteiros de cavallo.[1] Contava duzentas lanças essa ala onde estava reunida a flor dos rapazes cavalleiros, que levavam por guia o grande pendão verde de Alvar'eannes e multidão de bandeiras alegres com motos allusivos aos seus amores. Dobrando para o poente, a mesma ribeira corria em baixo, lá no fundo.

Na ala direita misturavam-se com os portuguezes os auxiliares estrangeiros. Antão Vasques, o galhofeiro, estava ao lado de João de Montferrat, veterano de sete batalhas, que assistira ao dia epico de Poitiers.[2] A força era egual: duzentas lanças, novecentos homens. Tinham um grande pendão com S. Jorge, e outros balsões á mistura, livremente, pois, não havendo rei-d'armas, nem arauto, n'essa côrte hontem nascida no intervallo de duas batalhas, faltava a etiqueta, e cada qual se armava e preparava com as insignias preferidas. A unidade estava no pensamento firme do rei, na audacia heroica do condestavel... Lá em baixo, no fundo, corria o outro ribeiro, que em frente da vanguarda

---

[1] V. o epitaphio da sua sepultura no convento das freiras de Villanova, Porto. — Cf. Sousa, *Hist. de S. Domingos*, IV, 5.

[2] 1356.

se fundia com o de poente junto de Carvoeiro, aninhado contra as margens do Lena. Mas d'este lado, para além do fosso, levantava-se empinada a contra-encosta ensombrada de matto; ao passo que, em frente da ala direita, o terreno desdobrava-se largamente. Por detraz dos homens d'armas das alas formavam os besteiros e peonagem, mas não por detraz da vanguarda «ca nom cumpriam em tal logar.» [1]

Ao fundo, cortando a chapada de lado a lado, fechando o quadrado pelo sul, estava com a retaguarda o rei, forte de uns cinco mil homens, ou setecentas lanças; e no couce de tudo, já perto de S. Jorge, onde a chan se estrangula, tinham feito um curral para a bagagem e para o gado, (porque a batalha havia de ferir-se a pé, como já succedera no dia dos Atoleiros [2]) defendendo-o com peões e besteiros que assim guardavam a retaguarda da hoste.

Era já dia claro; e o sol alto, por essas manhãs de agosto, começa logo a morder. De castelhanos não havia noticia. Para além do Lena, as dobras do terreno, fechadas de matto, escondiam os horisontes. O rei, trazendo sobre a armadura um loudel bordado com palmas verdes cercando escudos de S. Jorge, na cabeça o bacinete cylindrico, [3] armava cavalleiros: entre elles Vasco de Lobeira, futuro auctor do *Amadis de Gaula*, tronco dos romances de cavallaria peninsulares. Tinha ao lado o arcebispo de Braga, D. Lourenço, nosso conhecido, pittorescamente arranjado; levava no elmo, em vez de pluma, uma imagem da Virgem, e o roquete de bispo por loudel sobre a cota d'armas. Diante d'elle um clerigo erguia a cruz primacial,

---

[1] Lopes, *Chron.*, xxxviii.

[2] O costume de esperar a pé o choque da cavallaria vinha usando-se na Europa desde o principio do seculo. Vira-se em Crecy e Poitiers (1346, 1356) fôra empregado em 1382 em Rosbecque pelos francezes contra os flamengos, mas só se generalisou depois de Azincourt (1415), data em que se accentua a supremacia da infanteria.

[3] O que se conserva no thesouro da Batalha.

á imitação do seu predecessor que fôra ao Salado com o Santo-Lenho de Portel. Havia a maior extravagancia nas armas e armaduras: bacinetes de camal, com caras ou sem ellas, solhas, loudeis, cotas, faldões, panceiras, lanças, fachas de ferro e de chumbo, machados: todas as armas, de todos os feitios, mostrando, na sua variedade confusa, a desordem com que tudo se improvisara á vontade de cada qual: desordem, porém, sob que palpitava um pensamento firme e creador.

Ao inverso do que succedia no magnifico exercito castelhano em que a ordem era só apparente, aqui era-o só a desordem. Lá, o exercito avançava trazido por um rei enfermo, cercado de povo inexperiente. Aqui, o rei era um rapaz educado pela vida, friamente forte; e o condestavel, escolhendo o logar do combate, déra a medida do seu genio, até por se defender contra o medo dos seus, encurralando-os n'um local d'onde não havia fugir senão para o inimigo. As debandadas provocadas pelo panico eram impossiveis n'essa chapada cercada de despenhadeiros, fechada nas costas por uma garganta breve.

Arvorada a sua bandeira santa, aquella que primeiro se desfraldara ao sul do Tejo, quando partia para os Atoleiros, Nun'alvares, junto d'essa garganta estreita, de joelhos, resava fervorosamente. Trazia uma jaqueta de lã verde bordada de rosas sobre a armadura completa; á cinta levava a espada que o alfageme lhe corregera em Santarem, e uma adaga que só tirava quando ouvia missa. Orava fervorosamente, promettendo á Virgem um templo em Ceiça, ao pé de Ourem, e a S. Jorge outro, alli mesmo, no logar que os seus joelhos pisavam. [1]

Quando se erguia, reconfortado pela oração, um tropel de gritos, com o tilintar de ferros, soou. Eram os castelhanos? Não. Eram os filhos de Diogo Lopes Pacheco, che-

---

[1] A egreja de Santa Maria de Ceiça começou-a em 1393; a ermida de S. Jorge existe ainda na aldeia d'esse nome.

gados á ultima hora de Porto-de-Moz. Vinham da Beira a galope. Na vespera, dia e noite, tinham galgado vinte legoas. Traziam umas sessenta lanças e cem peões com escudos... Mas, n'isto, ouvia-se um trovão reboar, e dir-se-hia que a terra inteira se movia, atroada com o strepito das trombetas. O inimigo vinha... Nos braços tremulos do pae quasi decrepito, o filho de Diogo Lopes, Egas Coelho, dizia-lhe:

— Não haja medo por serem muitos. Conheço-os bem... Ha dois mezes que em Trancoso lavei as mãos no sangue d'elles. O que ha de custar é a chacina, porque são tantos! [1]

Do lado opposto, nas costas de Aljubarrota, invisivel pelo valle de Chiqueda, o abbade de Alcobaça, D. João d'Ornellas, esperava occulto, mas armado, o resultado da jornada. Entretanto mandara seu irmão Martim, com os contos de gente arrolada nos coutos da ordem. [2] Entravam no arraval pela retaguarda. Eram dois contingentes que chegavam no proprio instante em que a lucta ia travar-se.

Nun'alvares fallava na vanguarda. O rei pallido fitava os olhos no espectaculo magnifico da varzea desenrolada em frente, a seus pés, e cheia de lado a lado pela inundação do exercito inimigo, que atroava os ares com os gritos de guerra e com o estrondear metallico das trombetas. Eram dez horas; o sol alto dava-lhes de frente e incendiava o aço das armas e armaduras, deixando á sombra dos montes sobranceiros a hoste soturna dos portuguezes. Pareciam ondas de lume vivo. A' frente galopavam cem ginetes exploradores, involvidos n'um novello de pó, armados á mourisca, n'uma *phantasia;* depois vinha o mestre de Alcantara com a vanguarda: cavallaria pesada de homens-d'armas cobertos de ferro, cavallaria ligeira de ginetes andaluzes; depois o grosso do exercito com os auxiliares francezes, as

---

[1] Lopes, *Chron.* XL.

[2] V. *Alcobaça illustr.*, 218. — Cf. a monogr. do sr. Natividade, *cit.*

lanças e homens-d'armas de Castella, o rei e a sua guarda; depois a bagagem real e o trem das dezeseis bombardas; depois, os peões e besteiros; finalmente, o comboyo de carretas, azemolas, gado, creados, guardado no couce pelo resto dos peões e alguns ginetes. Nem sequer tinham formado em batalha: vinham em ordem de marcha, tanta era a sua illusoria confiança. Coalhavam todo o campo, até onde a vista alcançava, multiplicando-os ainda os raios do sol faiscando nas armas. [1] Eram uma onda rolando pela varzea, ameaçadora, de goela aberta para tragar a terra e os montes...

Porque pára? porque hesita?

Parecia como quando o vento vário inclina diversamente sobre uma ceara; as messes de homens balouçavam; a inundação de gente estacava contra um obstaculo.

Com effeito, os exploradores, vendo os nossos fortificados no alto da collina, pararam; e o movimento communicou-se a todo o exercito. Este caso imprevisto trouxe hesitações. Suspendeu-se a marcha; e em torno do rei de Castella, ardendo em febre, reuniu-se o conselho para deliberar. Lá no alto, ao lado de D. João I, estava o veterano João de Montferrat que lhe dizia com segurança, como se elle carecesse de animo:

— Senhor, sede mui certo e sem nenhuma duvida que haveis de vencer esta batalha. Estive já em sete, e agora são oito: e digo que nunca vi figuras de homens tão ledos, sendo tão poucos, e forçados a esperar tanto tempo.

— Isso creio eu, respondeu o rei; creio em Deus e na Virgem Maria que assim será como dizeis. Boas alviçaras vos prometto pela prophecia.

A pallidez do rei era fome, não era susto. Sendo vespera da Senhora-de-agosto, jejuavam todos: não tinham almoçado, e era mais de meio-dia. Abrazava o calor. Os castelhanos começavam a mover-se: para onde? A curio-

---

[1] Lopes, *Chron.*, XXXIV.

sidade, succedendo á ancia da imminencia do combate, fazia-lhes impar de satisfação os estomagos vasios. Este principio de victoria enchia-os de vaidade e riso. Vasco Martins de Mello, o moço, jurava que havia de prender o rei de Castella, ou pelo menos por-lhe as mãos em cima. Martim Affonso de Sousa promettia uma *quarentena* á sua boa amiga, a abbadessa de Rio Tinto, se escapasse da batalha. [1]

E o sentimento geral estava n'esta exclamação, que acudia á boca de todos:

— O' pesar do demo! já não querem pelejar. [2]

*
* *

Não queriam pelejar? Não, não era assim; mas, não se atrevendo a investir de face com a forte posição elegida por Nun'alvares, resolveram torneal-a pelo poente, subindo o curso do ribeiro da Calvaria, e vindo atacar pela retaguarda o arrayal portuguez. Observando a manobra, Nun'alvares immediatamente ordenou uma nova disposição invertida. Ao mesmo tempo que os castelhanos desenvolviam a marcha contornante, [3] o nosso condestavel fazia frente á retaguarda, invertendo as alas. D'esta fórma desapparecia a vantagem da posição sobre as eminencias escarpadas, porque do lado de Aljubarrota as gargantas dos

---

[1] Lopes, *Chron.*, XXXVIII.

[2] *Ibid.*, XXXIV.

[3] Pelos sitios actuaes de Alto-da-Cruz e Valle-d'Agua, para vir collocar-se em linha de combate, ao sul do arrayal, entre Fornos-de-Telha e Calvaria. Este itinerario indicado pelo sr. Natividade na carta cit. coincide com a theoria de Sandoval. Tudo o confirma.

ribeiros parallelos, subindo, depois de estrangularem a chapada no ponto onde estava o condestavel, abrem-se, aplanando o chão, e alargando-o em ondulações suaves. Alli não havia, com effeito, segundo o chronista diz, [1] a melhoria do campo que os portuguezes tinham primeiro escolhido: tudo era um terreno egual e sem estorvos. Era: mas só para as evoluções do exercito castelhano; porque o arrayal portuguez, com a vanguarda na estreita garganta de S. Jorge, ladeada pelos barrancos fundos das duas vertentes, apenas dava ao inimigo, que não podia involver a hoste com a sua multidão, uma frente de ataque estreitissima, onde o numero perdia o valor. O que antes, de manhan, servia para fechar a retirada aos seus, prevenindo-os contra os assaltos do medo, servia agora a Nun'alvares de porta estreita, que não podia ser torneada: porta do baluarte onde se encastellara.

Porventura a nova situação era ainda preferivel. Rapidamente, silenciosamente, sem que o inimigo o impedisse, Nun'alvares, com a sua vanguarda, foi postar-se na estreita garganta, por entre a retaguarda do rei que abriu alas para os deixar passar, fechando-as logo e avançando para diante do curral das bagagens, com a frente agora voltada ao sul. As duas alas, esquerda e direita, avançaram ladeando os ribeiros, para cerrarem o novo quadrado. O curral, no mesmo sitio, ficou defendido por troços de peões, que dos dois lados fechavam a chapada na sua maior largura. [2] Assim, a hoste portugueza, primeiro voltada como a ponta de uma lança para o lado de Leiria, voltava-se agora, pelo conto, contra o lado de Aljubarrota, com a mesma formatura e distancias proximamente eguaes.

---

[1] Lopes, *Chron.*, XXXVIII.

[2] Esta theoria da batalha é a que se encontra na obra do general Sandoval, *Aljubarrota:* é a unica possivelmente plausivel, perante os textos e perante a inspecção do terreno que o A. fez ainda antes de ter estudado a obra cit. Sem ter conhecimento d'esse trabalho, o A. formulara já para si conclusões identicas, vendo-as assim confirmadas por uma auctoridade militar eminente.

A retaguarda estava defendida pelos entrincheiramentos do curral; os flancos pelas alas, a cavalleiro sobre encostas escarpadas e quasi inaccessiveis, com os fossos naturaes dos ribeiros a isolal-as; a vanguarda, finalmente, apertada no estrangulamento da chapada entre os dois ribeiros, reforçava-se ainda com uma cava, ou fosso, e talas de arvores, [1] aproveitando os barrancos do terreno e os matagaes da charneca, por conselho dos inglezes auxiliares. Os homens-d'armas alinhavam-se compactamente, a quatro e seis de fundo; detraz d'elles os besteiros, intercalando-se nos claros, conforme os accidentes do campo, e por vezes avançando, jogariam as fundas e béstas; preenchendo os intervallos do muro continuo de lanças que, em riste, sob o braço, alongadas o mais possivel, esperavam com firmeza o embate da cavallaria inimiga, para inclinar sobre a frente, impellidas pelos do fundo. Nun'alvares estava em toda a parte, recommendando sangue-frio e coragem. Sobre as cabeças da muralha de gente ondeavam os pendões, e as trombetas esperavam o signal, para soltarem o seu grito de guerra atroador.

Entretanto, a serpente immensa do exercito inimigo vinha desenrolando as suas voltas pelos lados do poente, para onde o sol inclinava já com força, dando agora em

---

[1] Lopes, na sua *Chron.* não menciona esta circumstancia; mas o texto que citamos acima não contradiz o que depõem Froissart e os castelhanos.

«Car, combien qu'ils (les anglais) ne fussent qu'un petit (nombre) si voulait le Roy grandement ouurer par leur conseil. Lors firent ils, au costé deuers les champs, abbattre les arbres, & coucher de trauers, à fin que de plain on ne peust sur eux cheuaucher & laisserent un chemin qui n'estoit pas d'entrée trop large & meirēt ce qu'il auoiēt, tan d'Archers que d'Arbalestiers sur les deux aelles de ce chemin.» — Froissart, *Chron.* III, 14.

«...los quales estaban puestos en un gran recuesto que ende estaba, é fecho un muy fuerte palenque al derredor de su real é fechas muchas fosas cubiertas con ramas.» — *Sumario de los Reyes de España*, por el dispensero de la reyna doña Leonor; ed. de 1781, de D Eugenio de Llaguno Amirola.

cheio no arrayal portuguez. Já a primeira linha castelhana, precedida pelas bombardas, formava em frente da vanguarda, a distancia de dois tiros de bésta,[1] occupando de lado a lado toda a planicie; já detraz do rei e da guarda real começava a formar-se arrastadamente a segunda linha parallela; mas ainda a longa cauda do exercito vinha movendo-se em marcha. Já a ala esquerda formara no seu posto, para as bandas do poente; e a direita, constituida pela vanguarda do mestre de Alcantara, D. Gonçalo de Guzman, com os cavalleiros e ginetes, tinha avançado pelas encostas ingremes do nascente, contornando as posições portuguezas, e surgindo perante o curral das bagagens, na extrema retaguarda. Quando os primeiros ginetes appareceram, os peões bisonhos vacillaram. Uns trinta, vencidos pelo medo, saltaram por sobre as sebes e largaram fugindo, perseguidos pelos batedores que os levaram contra uns vallados silvados, matando-os alli como rezes. Os mais, vendo isso, raciocinaram como Nun'alvares queria, munindo-se contra o panico:

— Antes morrer como homens, do que acabar como porcos...[2]

Do lado opposto, avançavam das linhas castelhanas no largo espaço franco, tres parlamentarios: o marechal de Castella, Diogo Fernandes; o chronista Ayala; e Diog'alvares que, primeiro, desejava fallar ao irmão. Chamado, D. João I disse ao condestavel:

— Colhei-vos a um cavallo, e ide ver que vos quer vosso irmão.

Nun'alvares desceu da mula, montou a cavallo, e foi. O irmão disse-lhe o que tantas vezes tinha ouvido já: Entre abraços e saudades, convidava-o a passar-se. Estavam irremediavelmente perdidos: se eram um contra dez! Seria um escarneo. Ninguem escaparia. E el-rei de Castella es-

---

[1] 1000 a 1500 m.

[2] Lopes, *Chron.*, XLII.

tava prompto a dar-lhe quanto quizesse... Nun'alvares, com tristeza secca, respondeu que não, [1] e voltou.

Os parlamentarios tornaram á tenda real com a resposta. [2] O pobre rei, tirado das andas, para se manter de pé, tinha de encostar-se a um cavalleiro: ardia em febre e a custo podia fallar. [3] Assim ouviu os debates e presidiu ao conselho. Uns queriam que se combatesse, outros que se esperasse. [4] Entretanto, o dia declinava apressadamente. Os parlamentarios, impressionados pela decisão observada, opinavam que se addiasse a batalha: era tarde, hora de vesperas; o exercito estava extenuado pela marcha e pelo calor, sem ter comido, nem bebido, todo o dia; ainda o grosso da peonagem não tinha chegado, ainda vinha na marcha; ainda a segunda linha de ataque não podera formar; [5] e além d'isso as alas estavam paralysadas pelo fosso fundo dos ribeiros, que as não deixava manobrar contra os inimigos. [6] Esperasse-se, portanto, porque a fome obrigaria os portuguezes a desentrincheirar-se, ou a hoste se dissolveria por si. João de Ria, veterano embranquecido em muitos combates, legado do rei de França, annuia a este

---

1 Lopes, *Chron.*, xxxiv. *Chron. do Condestabre*, li.

2 «E los caballeros de Castilla que todo esto fablaron aquel dia con Nuño Alvarez cataron e avisaronse bien de la ordenança que temian los de Portugal, e venieron-se para el Rey.» — Ayala, *Chron.* ann. vii, 13.

3 «Elrey Don Juan estaba en el campo echado é acostado a un Caballero é mui doliente, que apenas podia fablar...» — Ayala, *ibid.*, 14. — Lopes, *Chron.* xxxv.

4 «...cá unos decian que fuesen a acometer á los de Portugal... e otros decian que nó.» — Ayala, *ibid.* 14.

5 «El dia es ya muy baxo, ca és hora de visperas: é demas vos ni vuestras gentes non han hoy comido ni bebido nin tan solamente agoa, maguer face gran calentura, é estan enojados del camino que han andado; é aun pieza de los Omes de pié Ballesteros y Lanceros no son llegados, cá vienen con las acemilas é con las carretas de la hueste.» — Ayala, *Ibid.*

6 «... ca las alas de los vuestros tienen delante dos vallas que non pueden pasar para acometer á vuestros enemigos. — «*Ibid.*; cf. Lopes, *Chron.*, xxxv.

parecer, contando, como nas batalhas havidas contra o rei Eduardo de Inglaterra e contra o principe de Galles, seu filho, os reis de França se tinham perdido sempre por precipitação. [1] O rei conformou-se com este parecer, e ordenou que se não combatesse; mas não lhe cumpriram a ordem. [2]

Da vanguarda castelhana só a terça parte, ao centro, podia caber na frente de ataque. Diante d'ella estavam os dezeseis trons. Viam-se ahi os portuguezes inimigos: Diog'alvares, mais João Affonso Tello, irmão da rainha Leonor e cumplice do Mestre no assassinato do Andeiro: viam-se João de Ria e os irmãos Boil, á testa dos corpos auxiliares; o Mendoza, o prior de S. João, D. Pedro Dias, o Sandoval: portuguezes, castelhanos, francezes, n'um corpo de seis mil cavalleiros, commandados pelo filho do condestavel de Castella, D. Pedro, marquez de Vilhena. Na ala esquerda, dobrada sobre o ribeiro de poente, commandava Pedr'alvares, mestre de Calatrava; na direita, que já torneara pelo nascente o arrayal, o mestre de Alcantara fazia aos nossos o inestimavel serviço de os conter, encurralando-os, e forçando-os a vender cára a

---

[1] «...en las batallas que los Reyes de Francia mis señores, el Rey Don Phelipe é el Rey Don Juan ovieron con el Rey Eduarte de Inglaterra é con el Principe de Gales su fijo, perdieron las batallas los Reys de Francia é fué todo por non tener buena ordenanza en su batalla...» — Ayala, *ibid.*

[2] «Entonces los mas de los cavalleros que con nosotros estaban, que se habian visto en otras batallas, acordaban que no diese esta en aquel dia; lo uno porque nuestra gente iba fatigada, y lo otro para mirar la gente Portuguesa como estaba. Mas toda la otra nuestra gente con la voluntad que habian de pelear *fueron se sin nuestro acuerdo alla* y nos hallamos con ellos aunque con mucha flaqueza que habia 14 dias que ibamos camino de litera y por esta causa no podiamos entender ninguna cosa del campo como cumplia á nuestro servicio.» — *Carta* a Murcia, *cit.* — Lopes, *Chron.*, xxxvi, diz que no conselho foi João Affonso Tello quem reclamou se combatesse logo e que o rei ordenou o combate. Não parece exacto, nem é provavel.

vida [1] Um tiro atraz da vanguarda estava o rei com o seu mordomo-mór Mendoza, o chronista Ayala, o marechal Sarmiento, e o Manrique, fronteiro de Castella. As forças que iam chegando, formavam na segunda linha posterior; mas a peonagem arrastava-se, os comboyos e azemolas vinham distantes ainda, a impaciencia era grande, a confusão maior, e o dia «tão derribado que passavam horas de vespera.» [2]

O Tello, sempre fanfarrão e espectaculoso, mandou a Nun'alvares um escudeiro com uma espada de armas guarnecida, a reptal-o. Nun'alvares devolveu-lhe em troco uma boa facha de chumbo. [3] Andavam já virotões no ar, e o condestavel a cavallo, na vanguarda, confortando a gente, trazia um escudo para se defender dos tiros. Recommendava muito a firmeza: quando os castelhanos arremetessem, adiantassem as lanças, apertando-as rijo contra o cotovello. A grita era forte: alaridos e apupos. E para os lados do mar, o sol ia baixando rapidamente. A confusão crescia. D. João I lançava sobre o peito uma cruz vermelha; e ao lado do rei o arcebispo, com o seu roquete sobre a armadura e a Virgem por pluma no elmo, precedido da cruz alçada, ia de uns a outros, por toda a parte, confessando e absolvendo, em nome do papa Urbano; recommendando muito que dissessem repetidas vezes:

—*Et verbum caro factum est...*

O que os rapazes traduziam, a rir:

—Muito caro feito é este.

O arcebispo sorria tambem, e seguia ávante.

E a batalha? Caía a tarde sem chegar: cairia a noite insipidamente? Nun'alvares, preoccupado, temia-o. Se se

---

[1] «E esto es contra buena ordenanza que los antiguos mandaron guardar en las batallas que nunca ome debe poner a su enemigo en las espaldas ninguna pelea por le dar logar para foir.» — Carta a Murcia, *cit.*

[2] Lopes, *Chron.*, XLII.

[3] *Ibid.*

não combatesse, estavam perdidos. A gente debandava, escondida com a treva. Impaciente, mordia os beiços.

De subito, quando já não havia uma hora de sol, troou um ruido singular, estampido secco, a que os ouvidos não estavam costumados. Eram os trons, que se esvaiam em fumo, sem fazer damno. Só uma bala de pedra matou um inglez, e outra dois escudeiros; mas esses escudeiros eram irmãos e reus, ambos, do assassinato de um clerigo á missa.

— Castigo de Deus! pensava a gente pasmada.

E no mesmo momento soou um clamor infernal:

— *A ellos! a ellos!*

e com um desabar de trombetas, a cavallaria da vanguarda inimiga, vindo á frente o Tello e os portuguezes de lança em riste, [1] precipitou-se contra a gente de Nun'alvares, cuja face afinal se illuminava de alegria. Não fora possivel conter o estouvamento ardente da rapaziada. O Manrique e o Sarmiento, confundindo a prudencia com a cobardia, [2] tinham arrastado comsigo a vanguarda castelhana. [3] Viam-nos vir, galopando e avançando no terreno franco entre os dois exercitos, [4] por entre o matto que dava pela cintura aos homens de pé. Com a vanguarda, em cujo centro estavam os portuguezes, abalava tambem a ala esquerda castelhana commandada por Pedr'alvares. Viam-nos vir, gritando, espumantes, por Castella e Santiago; e respondiam-lhes soturnamente com o grito de Portugal e S. Jorge.

---

1 Lopes, *Chron.*, XLII.

2 Ayala, *Chron.*, ann. VII, 14.

3 Froissart insinua que os castelhanos deixaram de aguentar o ataque dos francezes por odio, perdendo assim a batalha: versão que se funda apenas no despeito natural do narrador.

«Bien est verité que la premiere bataille dont je fay mention (que ces Chevaliers de France & de Béarn conduisoyent) cuidoient etre autrement & plus prestement confortez des Espaignols, qu'ils ne furent, car se le Roy de Castille & sa grande route (ou bien auoit vingt mille hommes) fussent venus par une autre part: assaillir les Portugalois, on dit bien que la iournée estoit pour eux.» — *Chron.*, III, 15.

4 Dois tiros de bésta: 1000 ou 1500 m.

As vozes, as trombetas, o alarido da gente, o tropear dos cavallos, o tilintar dos ferros, ensurdeciam. Viam-nos vir, e viam como, afunilando-se cada vez mais o terreno, a linha extensa dos cavalleiros se curvava, diminuindo sempre a frente de batalha, augmentando o *magote* ou macisso, mó espessa de guerreiros que, desordenada e violentamente, caminhava para elles. [1] E quando a onda de gente enfurecida esbarrou contra a vanguarda onde estava Nun'alvares, apesar da desordem, apesar dos cortes do terreno, [2] apesar da resistencia desesperada, a vanguarda portugueza cedeu, recuando no centro, e curvando-se concavamente. Vendo isto, as duas alas portuguezes que, sem combater, porque não podiam ser atacadas, observavam, giraram e vieram alinhar-se detraz da vanguarda que cedia. [3] Ao mesmo tempo D. João I avançava da retaguarda em reforço das linhas do seu condestavel, rotas.

---

[1] «Em passando começaram de se fazer ficadiços uns tras de outros, assim das azes como das alas de guisa que a sua vanguarda que era muito mais cumprida, e as alas tão grandes que bem podiam abraçar a batalha dos portuguezes, ficou tão curta d'aquella guisa que a de Portugal tinha já vantagem d'ella ; e ficou assim grossa e ancha em espessura de gentes que havia um lanço de pedra dos primeiros aos dianteiros. Isto foi especialmente em direito da estrada por hũ costumavam caminhar em tanto que a vanguarda e retaguarda se fez toda uma.» — Lopes, *Chron.*, XLII.

[2] «Despues que los nuestros se vieron fronte a fronte con ellos, hallaron tres cosas : la una un monte cortado que les daba hasta la cinta; y la segunda, en la frente de su batalla una cava tan alta como un hombre hasta la garganta ; y la tercera, que la frente de su esquadron estaba tan cercada por los arroyos que la tenian al rededor que no habia de frente de 340 a 400 lanças. Pero aunque esto estaba assi y los nuestros vieron todas estas dificultades no dexaron de acometer los y por nuestros pecados fuimos vencidos.» — Carta a Murcia, *cit.*

[3] Lopes (XLII,) mencionando o movimento, diz que as alas «ficarom entonces entre a vanguarda e a retaguarda.» — «E asi fué... que las dos alas de la batalla del Rey no pudieron pelear que cada una de ellas falló un valle que no pudo pasar... e en las dos alas de los enemigos estaban muchos omes de pie é tenian muchas piedras e gran ballesteria los quales ficieron grand daño en los de la avanguarda del Rey...» Ayala, *Chron*, 14.

Foi então o grande alarido da batalha. Apertados n'um estreito logar, a cavallo e a pé, homens-d'armas e peões, cruzavam os golpes. Os portuguezes de Castella, vindo no centro da vanguarda e ficando por isso á frente do *magote*, estavam no coração da peleja, que, dos lados, os ginetes castelhanos, destacados, acirravam. Mas o enorme bulcão de homens, cavallos, armas, coberto por uma nuvem de dardos e settas, revolvia-se impenetravel na sua furia. Os inimigos, achando uma lucta corpo a corpo tinham deitado fóra as longas lanças de combate, ou tinham-

lhes partido os contos: pelejavam com fachas, espadas, e estoques. Os episodios homericos repetiam-se. Juncavam o solo muitos cadaveres. A imaginação accendia-se, e os milagres, povoando o ar, traziam das nuvens os santos á peleja. Nun'alvares via uma lança descer do ceu e bater em cheio em seu irmão Pedr'alvares, o mestre de Calatrava, que tombava morto. [1] Revolvia-se a mó dos combatentes em torno da capella de S. Jorge: ao lado fluctuava ao vento, desfraldada, a bandeira mystica do condestavel.

---

[1] Lopes, *Chron.*, XLVI.

'Té que uma grossa lança assaz ligeira
Sem se ver d'onde fôra despedida
Derriba em terra o misero Pereira
Que co'o novo mestrado perde a vida.

F. R. Lobo, *O Condestabre.*

Uma cutilada fizera voar o elmo encimado pela Virgem: o elmo do nosso arcebispo D. Lourenço, que tinha um gilvaz na cara e a orelha cortada, deitando ribeiradas de sangue. [1] Guevara, o roncador Guevara, untava a face com sangue, dizendo que se tingia com a gente que matava. D. Pedro, ouvindo-o, deu-lhe um golpe de travez que o decapitou. [2] Velasquez, o grande caçador, Sanchez de Toledo, o letrado, Galvez, o *Sem-medo*, Montanchez, Oropesa, Mondoñedo, acabaram todos n'um feixe ás mãos de um só, o Antonio. [3] Salazar, o grão taful, o mais celebre rufião de Sevilha, abandonado pela amante e arruinado, investiu com o Gaspar que o levantou nos braços e o matou, a pernear, com a propria espada d'elle. [4] Hilario morreu murmurando o nome da sua Antonia. [5] O Lopo e o Vicente, Orestes e Pylades de Lisboa, que tinham jurado morrer juntos, acabaram abraçados. [6] O Giraldo, sem escudo, das muitas cutiladas que levara, tomou-o do Perez, matando-o; e mataram-no a elle, rompendo-lhe o mesmo escudo com uma estocada, e mettendo-lh'o em hastilhas pela barriga dentro. [7] Mem Rodrigues, lavado em sangue, deixava um rastro por onde passava. O Tello era morto; os Tabordas, Gonçalo Vasques, D. João, senhor de Galliza, Pero Dias, o conde de Vilhalpandos, Manrique: [8] castelhanos e portuguezes de Castella, caiam por terra agonisantes. D. Pedro, conde de Vilhena e condestavel, jogava a vida a golpes de facha com os Vasconcellos e com Vasco Martins de Mello que o mataram. [9]

---

1 Carta do Arcebispo ao abbade de Alcobaça, 26 agosto, 1423=1385 em Lopes, *ibid. ad fin.*; transcr. por Sylva. *Memor.* etc.

2 Camões, *Lusiadas;* est. omitt., XL *b.*

3 *Ibid.*, XL *a.*

4 *Ibid.*, XL *d, e, f.*

5 *Ibid.*, XXXV, *c.*

6 *Ibid.*, XXXV, *b.*

7 *Ibid.*, XXXV, *a.*

8 Lopes, *Chron.*, XLV.

9 Lobo, *Condestabre*

E quando a vanguarda portugueza cedia, Nun'alvares, fitando a sua bandeira desfraldada ao vento, via-a cercada por um bando de pombas brancas que o enchiam de valorosa esperança. O rei vinha correndo da retaguarda em seu auxilio, guiado pela Senhora-da-Oliveira, de braços abertos... S. Bernardo apparecia tambem, empunhando o baculo n'um braço de monge, d'onde caia um paludamento retinto em sangue. O ceo abria-se para guiar a idea allucinada pelo fragor da lucta e o braço hirto nos crispamentos do instincto organico. Vinha o rei correndo e combatendo no meio da horrenda baralha, quando o Sandoval, aparando-lhe um golpe de facha, o desarmou, fazendo-o cair de joelhos. Estava por terra: ia morrer? Não; ergueu-se n'um salto, a investir; mas já o Macedo varara o castelhano com uma estocada deixando-o estendido. [1] E com o soccorro da retaguarda, reforçada pelas alas, todos os portuguezes, reunidos, repelliram gradualmente os inimigos triturando gente e cavallos, castelhanos e francezes, [2] n'uma confusão medonha de ver.

Observando que a balança pendia contra elle, o rei de Castella, içado em braços a uma mula, [3] ardendo em

---

[1] Lopes, *Chron.*, XLII; cf. Ericeira, *Vida e acções de D. João I*, 241.

[2] «Là venoient Gens-d'armes Anglois (si peu qu'il en y avoit) & avecques eux Portugalois & Lissebonois, en escriant leur cri, Nostre-Dame de Portugal, qui tenoient en leur poings lances allilées de fers de Bordeaux, trenchans & persans tout autre qui abbattoyent, & poulsoyent, & nauroyent Chevaliers et Escuyers. Là fut le Sire de Lanach de Bearn, abbattu et sa banniere conquise, & fiancé prisonnier, & de ses gẽs grande foison morts & pris D'autre part Messire Jehan de Re (Ria), Messire Geoffroy Richon, Messire Geoffroy de Partenay & tous leur gens, estoient entrez en ce fort, à telle peine q leurs chevaux (qui estoiẽt naurez du trait des Archers) cheoient dessous eux. Là estoint Gens-d'armes de leur costé en grand danger, car ils ne pouuoient aider l'un à l'autre, & si ne se pouuoyent élargir pour eux defiendre, & combattre à leur volonté & vous dy que Portugalois (qui virent le méchef avenir sur les premers requerents) y furent aussi frais, & aussi legers à combattre, que nulles gens pourroyent estre.» — Froissart, *Chron.*, III, 15.

[3] «E el Rey, al comienzo de la batalla, como estaba flaco, leva-

febre, ordenou que a segunda linha avançasse, desenvolvendo-se em crescente, á moda dos arabes, para involver os portuguezes. Mas essa segunda linha não estava formada ainda; ainda o couce do exercito com muita peonagem não concluira a marcha; avisinhava-se a noite; e o movimento para avante chocava-se com o movimento de recuo, já declarado nos combatentes.

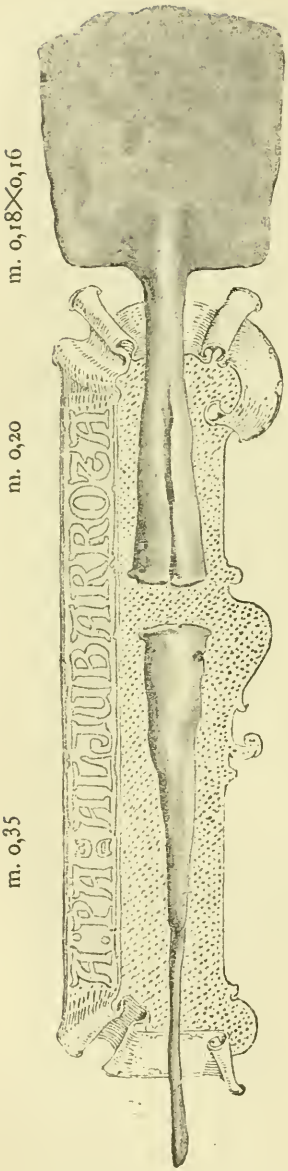
O Mestre de Alcantara, porem, com a sua cavallaria de homens-d'armas e ginetes, que torneara, como vimos, o arrayal portuguez por leste, assaltava-lhe, entretanto, sem exito a estacada do couce, no curral das bagagens onde os besteiros e peões se viam em perigo. A batalha que se vencia na frente, podia tornar-se em derrota pelas costas. [1] Nun'alvares correu lá. Estava a pé: tomou o cavallo do commendador-mor de Christo, Pero Botelho. [2] Foi lá, restabeleceu os animos, repelliu os assaltantes, conjurou o perigo. E tornando á vanguarda, excitando o valor até á loucura, impelliu-a contra o inimigo, obrigando-o a retroceder. Restabeleciam-se as linhas de batalha; oscillava favoravelmente a grande ceara de gente em armas; pendia do lado de Castella, começando a fraquejar e a ceder... A victoria estava ganha. Encerrado no seu fojo, o condestavel obtinha a victoria, n'esse dia que ia caindo rapidamente, realisadas, uma a uma, as suas previsões,

---

ronle en unas andas Caballeros que eran ordenados para la guarda de su cuerpo: é desque vieron la batalla vuelta, pusieronle en una mula: é quando vieron que las gentes del Rey se retraian é muchos dellos cavalgaban para se ir del campo, estonce pusieron al Rey en un Caballo e sacaronle del campo, maguer estaba muy doliente.» — Ayala, *Chron.*, ann. VII, 15.

[1] Froissart diz que os portuguezes, ameaçados, ordenaram a matança dos prisioneiros feitos no primeiro assalto. Nem Ayala, nem Lopes dizem, porém, nada a tal respeito. Teriam sido 300 escudeiros e muitos mais cavalleiros, entre elles Mess. Jehan de Ria; deplorando o chronista o acto, não pela deshumanidade, mas por que os podiam ter resgatado uns por outros, por 400.000 fr.

[2] Lopes, *Chron.*, XLV.



desde o instante em que, rompendo com o conselho e com o rei, abalara de Abrantes, disposto a impedir aos castelhanos a marcha sobre Lisboa.

E toda esta batalha, tão longa a contar: momento de vida intensa em que as linhas valem por annos, durara apenas meia hora. [1] Anoitecia. [2] A hesitação na vanguarda tornára-se em retirada.

—Já fogem! já fogem! gritavam do lado de cá; e a retirada transformava-se n'um debandar doido, procurando cada qual a sua besta para correr mais rapido, perdendo-se pelos mattos, assustando o crepusculo com um sussurro monstruoso de gritos de afflicção e interjeições de anciedade. A bandeira de Castella tombara por terra: o dragão mordia o pó, as divisas dilacerava-as o matto espesinhado, retinto em sangue. Os largos campos para os lados de Alcobaça palpitavam com a gente dispersa fugitiva, escondendo-se pela charneca, involvendo-se nas dobras do

---

1 «Nom durou a batalha espaço de meia pequena hora atá mostrar-se de todo ser perdida». — Lopes, *Chron*, XLV. «E duró la porfia de la batalla... media hora asaz pequeña.» — Ayala, *ibid.*, 15.

2 Quando o ataque rompeu «si estoit iá basse vespre & presque soleil rescousant.» — Froissart, *Chron.*, II, 15.

manto da noite que vinha descendo. Acordavam as aldeias dos coutos de Alcobaça, e os aldeões que o medo fechara em casa, saiam a ceifar na ceara afflicta dos desgarrados, matando e roubando. A padeira, em Aljubarrota, dizia-se que matara sete com a pá do forno.

Encerrado no seu fojo, o condestavel, sem se embriagar de vaidade com a victoria, [1] temendo com razão uma volta do inimigo no dia seguinte, não desamparava o trabalho da defeza, insistindo no seu plano. A maxima parte da peonagem castelhana não entrara na acção, e vendo-a perdida, abandonara as bagagens, retrogradando a fugir pelo caminho de Leiria, por onde viera. Por outro lado, o mestre de Alcantara, com a sua cavallaria intacta, ficava ainda sobre o campo, recolhendo os fugitivos. O desastre fôra apenas uma surpreza; as perdas, embora consideraveis, não eram bastantes para anniquilar o exercito. Quando, ao ver consummada a derrota, depois de em vão tentar defender as tendas do rei fugido, o mestre de Alcantara marchou na esteira d'elle para Santarem, levava quatro a cinco mil cavallos bem ordenados. Por isso Nun'alvares, prudentemente, fechava o seu arrayal, pondo-lhe guardas: esculcas e vigias, [2] para o que désse e viesse, deixando livremente fugir quem fugia.

Fóra do arrayal, porém, D. João I, com Vasco Martins de Mello, o pae, e outros mais, incluindo o veterano Montferrat, e o Bernardo Sola, capitães vindos na frota de Inglaterra, descançava, observando o espectaculo medonho do campo de batalha alastrado de mortos, ouvindo-se ainda, aqui e além, na escuridão da noite, gritos de pelejas, disputando com furor o saque. A bagagem castelhana era enorme, as tendas reaes riquissimas. Cruzava o ar o som dos galopes dos cavallos fugindo, e á luz dos archotes

---

[1] ...«mas eu lhes disse que não iam elles de cá enxotados de geito que esperassem *rexoxó*.» — Carta do arcebispo, *cit.* Não acreditava na volta dos castelhanos.

[2] Lopes, *Chron.*, XLVI.

accesos, em torno do rei vencedor, vogavam sombras de gente correndo. Como pios de aves, ouviam-se lugubremente gemidos de agonisantes. Um vulto que passava reconheceu-o o rei: era Diog'alvares, que Egas Coelho trazia preso:

— O' Diog'alvares aqui sois vós?

Abraçaram-se. O rei, no seu contentamento, promettia ser-lhe melhor amigo do que elle fôra servidor, quando chegaram clamores de que assaltavam o condestavel. D. João I partiu açodado, e, na confusão, a gente, vendo armas castelhanas a Diog'alvares, alli o matou. [1]

O rebate era falso: ninguem atacara Nun'alvares. O rei voltou, e, rodeado pelos seus capitães, recolhia as prendas que lhe traziam do saque das tendas. Vasco Martins de Mello perguntava pelo filho que, fiel á palavra dada, largara a galope no encalço do rei fugitivo. Computavam as perdas, entre mortos e feridos, sem ainda conhecerem ao certo o numero das victimas. [2] Apenas registavam os nomes dos principaes. A leva dos prisioneiros era enorme... Trouxeram ao rei os balsões e bandeiras de Castella; trouxeram-lhe o oratorio de prata da capella real, uma Biblia e um relicario precioso, e o proprio sceptro castelhano de cristal engastado em ouro com lavores delicadissimos; [3] trouxeram-lhe um falcão perdido da falcoa-

---

[1] Lopes, *Chron.*, XLV.

[2] Na sua carta a Lisboa, cit. por (Lopes *Chron.* XLV) D. João I diz que morreram 2500 castelhanos. Froissart (III, 16) vae além:

«Y eut là enuiron cinq cens Cheualiers & bien autant ou plus d'Escuyers & environ six ou sept mille d'autres gens. Dieu en ait les poures ames.» — Sandoval, *Aljubarrota*, 234, calcula assim as perdas: 3000 no campo de batalha e outros tantos na fuga pelos arredores, mortos; prisioneiros, 4000; dispersos, 3000. Com o mestre de Alcantara retiraram para Santarem 8000, e 11000 para Leiria, encorporando-se depois na Beira ao exercito do principe Carlos de Navarra. A somma são os 32000 h., total do exercito.

[3] O oratorio, ou tryptico, foi doado á egreja de Nossa Senhora da Oliveira em Guimarães; a Biblia foi para o coro d'Alcobaça; e o relicario deu-o o rei a Nun'alvares; o relicario e o sceptro foram depois

ria real inimiga e os colossaes caldeirões de cobre da cosinha, que logo alli destinou para os frades de Alcobaça, visinhos. Era um monte de despojos opimos; mas nenhum encheu de maior alegria o rei, do que a bandeira de Castella, verde, com o dragão bordado, que Antão Vasques lhe trazia aos hombros, vestido com ella, a dançar. Dando-lh'a, disse-lhe:

— Tomae, senhor, essa bandeira do maior inimigo que no mundo tinheis. [1]

E affastou-se, bailando, á luz dos archotes, entre as fortes gargalhadas dos guerreiros contentes.

Alta a noite já, Nun'alvares veiu abraçar o rei á sua tenda, [2] levantada, segundo o estylo, sobre o logar do arrayal inimigo. Não se sabe que palavras trocaram, nem é licito invental-as, embora o seja suppol-as. Regressou ao acampamento a dormir um somno breve, e, de madrugada, ao alongar a vista em procura do inimigo, cautelosamente, como animal de monte perseguido, viu apenas a multidão confusa dos aldeões saqueando a carriagem dispersa, o lançol dos cadaveres juncando o chão, o sangue escorrendo em ribeiros, os lobos pelo largo cevando-se, no ar os milhafres avidos em bandos, e um cheiro acre de matança. Respirava o halito da morte crua.

Era terça feira, e dia de Nossa Senhora, a quem se devia a victoria; e como o inimigo fugira, foi elle em romaria a Ourem, sosinho... Pela primeira vez visitava o seu condado. Ia triste. Passavam-lhe na idéa visões turvas ácerca das glorias do mundo, e da vaidade das cousas. Dois irmãos lhe tinham morrido na vespera. Vendo-o passar, a gente segredava que ia a Ourem enterrar piedosamente Pedr'alvares. [3] E não era verdade, porque

---

para o Carmo, que mais tarde Nun'alvares fundou em Lisboa. — Sant'Anna *Chron. Carm.*, III § 1040.

[1] Lopes, *Chron.*, XLV.

[2] *Ibid.* XLVI

[3] *Ibid.*, e *Chron. do Condestabre*, LI.

Deus, ao matal-o, consumira-lhe o cadaver que nunca appareceu.

*

* *

Quando a bandeira de Castella tombou por terra em frente da tenda real, e a vanguarda começou a recuar, confundindo-se tudo n'uma desordem varrida, passaram o rei, da mula onde o tinham içado, para um cavallo de boas pernas, [1] e deram o signal da debandada. Largaram a todo o galope na direcção de San-

---

[1] Pero Gonzales de Mendoza, mordomo do rei de Castella, deu-lhe lhe o seu cavallo para que fugisse, e entrou na batalha a pé, morrendo. Hurtado de Velarde celebra o feito n'estes versos :

El caballo vos han muerto:
Sobid, Rey, en mi caballo;
Y si no podeis sobir,
Llegad, sobiros he en brazos.
Poned un pie en el estribo,
Y el otro sobre mis manos:
Mirad que carga el gentio:
Aunque yo muera, libradvos,
Un poco es blando de boca
Bien como á tal sofrenadlo:
Afirmadvos en la silla:
Dadle rienda, picad largo.
No os adeudo com tal fecho
A que me quedeis mirando,
Que tal escatima debe
A su Rey un buen vasalo.
Y si es deuda que os la debo
Non diran que non la pago.
Ni las dueñas de mi tierra,
Que á sus maridos fidalgos
Los dexé en el campo muertos,
Y vivo del campo salgo.
E a Diagote os encomiendo
Mirad por el, que es mochacho:
Sed padre y amparo suyo:

tarem, [1] nove legoas de caminho. Tornavam irremediavel a derrota preparada pela impericia, pela vaidade e pela precipitação; transformando em debandada, o que não passava até alli de um desaire sem maior importancia.

Vasco Martins de Mello, o moço, que viu abalar o rei, lembrando-se do juramento feito, saltou n'um cavallo e seguiu á desfilada perto de uma legoa, mettendo-se loucamente entre os da escolta. A cruz de S. Jorge que levava, denunciou-o, e galopando mataram-no. [2] Com mais de tres horas de corrida, o pobre rei chegou a Santarem n'um feixe, pela meia noite, dando punhadas de desespero na cara, escondendo-se contra as paredes envergonhado, chorando e gritando, que fazia dó vel-o. Pela hora em que chegava a Santarem, largava por fim, com egual destino, do campo da batalha, o mestre de Alcantara á frente da sua cavallaria intacta, recolhendo os fugitivos pelo caminho, como pastor a um rebanho tresmalhado. Mas quando, pela manhan do dia de Nossa Senhora, o Guzman chegou a Santarem, onde não cessava de entrar gente fugida, já o rei, sabedor da gravidade incomparavel do desastre, [3] tinha

---

Y a Dios que va en nuestro amparo.
Dixo el valiente Alaves,
Señor de Fita y Buytrago,
Al rey Don Juan el Primero
Y entro se á morir lidiando.

Salaz. de Mendoza, *Cron. del Gran Card.*

[1] «Ainsi fuyoient l'un ça, l'autre là, comme gẽs desconfits & ébahis : mais la greigneur partie s'en allerent á Sainct Irain : où le Roy vint le soir tout ebahy & tout eperdu.»—Froissart, *Chron.*, III, 16 ; Lopes, *Chron.*, XLIII.

[2] Lopes, *ibid.*

[3] «A cette heure qu'il entra en la ville de Santarem ne savait il pas encore le grand dommage que il avait eu et reçu, mais il le scut le dimanche, car il envoya ses herauts chercher les morts et cuidait bien que la greigneur (majeure) partie des barons et des chevaliers que les hérauts trouverent morts sur la place fussent prisonniers aux Portingalois ; mais non etaient, ainsi comme il apparait. Or fut il durement courroucé, et tant, qu'on ne le pouvait rapaiser ni reconforter quand

embarcado para Lisboa. Seguiu portanto para leste, regressando a Castella, e dando costas a Portugal. Com elle foi a guarnição de Santarem, que ficou livre. Estavam lá dentro presos, do cerco de Torres-Novas, o mestre de Christo e o prior D. Alvaro Gonsalves, com outro irmão de Nun'alvares, Rodrig'alvares; e á meia noite, quando o rei de Castella chegara, tinham julgado acabados os seus dias. Mas o rei, tão afflicto estava, que nem podia pensar em vinganças, de modo que, ao perguntarem-lhe os cortezãos o que se faria dos presos, respondeu enfadado que os levasse o diabo.

— Dae-os ao demo: deixae-me! [1]

Partido o rei, partido o mestre de Alcantara com a guarnição, os presos, anciosamente, quebraram os ferros, soltaram-se, tomaram posse da villa, dando largas ao povo que se engurgitava de saque, roubando e matando nos castelhanos tresmalhados. [2] O rei de Castella descia o Tejo n'um batel, em demanda da esquadra fundeada em frente de Lisboa. Embarcara mal tinha chegado, de noite ainda, e ia a bordo como um defuncto, coberto o rosto, e quatro tochas accesas adiante. Na terça-feira, [3] em Lisboa, levaram-no para bordo da nau de Pero Afan de Ribeira, que na quinta largou para Sevilha, [4] escoltada por tres ga-

---

les herauts retournèrent et rapporterent les certaines nouvelles des occis; et dit et jura que jamais il n'aurait joie quand tant de noble chevalerie etait morte par sa coulpe (faute) et que ce ne faisait point à recouvrer (remedier). «Non, disait le roi, se je avais conquis tout le royaume de Portugal.» — Froissart, *Chron.*, III, 21.

[1] Lopes, *Chron.*, L.

[2] *Ibid.*

[3] Dia 15, de N. Senhora.

[4] «Nos, viendo nuestra gente desbaratada y rota, fuimonos para Santarem y de alli nos venimos por mar á Lisboa en un barco armado, para nuestra flota, porquanto por nuestra enfermedad no podiamos subir a cavallo. Estubimos asi dos dias y mandamos quedar alli nuestra flota y hacer algunas cosas que complian a nuestro servicio; y mucha gente nuestra de los que estaban en nuestro Reyno de Portugal se

lés. Estava terminada a campanha; estava consummada a desgraça. As guarnições castelhanas das terras de Portugal, debandando, fugiam; os alcaides portuguezes pronunciavam-se. O resultado de Aljubarrota era fulminante como uma estocada no coração.

No sabbado, [1] entrava D. João I em Santarem já rei verdadeiro: trazia a corôa baptisada em sangue. A villa apresentava um aspecto singular, com as egrejas e conventos atulhados de castelhanos que buscavam azylo n'esses logares sagrados. Mas a multidão dos prisioneiros era cada vez maior. Vinham de toda a parte em rebanhos. Levavam-nos em grandes manadas, acorrentados, beber ao Tejo. De comer não havia para tantissima gente. Em taes apuros, o rei fez da clemencia instrumento, e, com o maior juizo, mandou a chusma livre para Castella, [2] guardando apenas os que valiam resgate. [3] Iniciava por este acto a politica prudente de que sempre, ao depois, usou com o visinho, fugindo systematicamente a ter com elle contendas perigosas. Politico, não tinha a paixão da guerra; mas, por agora, a guerra era indispensavel para segurar o throno.

Terça, quarta e quinta-feira da semana genesiaca da sua dynastia, passara-as o rei, segundo a regra da Cavallaria, sobre o campo de batalha para confirmar a victoria, mostrando claramente que ninguem se atrevia a disputar-lh'a. A noite de quinta, fora dormil-a a Alcobaça, hospedando-se em casa do D. João d'Ornellas, seu prior, pois o mestre d'Aviz era monge de Cister. Em Alcobaça repartiu o despojo opiparo. Acampou a hoste perto do

---

fueron á nuestra flota; y venimonos despues é Sevilla en tres galeras y llegamos aqui lunes 22 (alíás 21) de agosto, donde nos fue forzado detenernos aqui por la grande enfermedad que teniamos y por ordenar algunas cosas que cumplia.» — Carta do rei a Murcia, *cit.* — Lopes, *Chron.*, XLIV.

[1] 19 de agosto.

[2] Lopes, *Chron.*, LI.

[3] Entre estes contava-se o chronista Ayala que historiou a campanha.

mosteiro, junto á ponte, no valle de Chiqueda, que tambem estava coalhado de mortos, já nús, da chacina feita, por occasião da debandada, pelos colonos dos coutos capitaneados pelo abbade, irmão do prior. Mandou o rei enterrar os mortos, cujo fetido empestava o ar. [1] De Alcobaça, mandou a Lisboa as bandeiras tomadas na batalha.

Na capital, logo na terça-feira, emquanto o povo na Sé cantava em côro a *Salve-Regina*, implorando a Virgem, correra o rumor vago da victoria. Era o dia de Nossa Senhora, e ella queria que fosse de festa. Viera um homem de Alemquer com a noticia. Quarta-feira de manhansinha, chegou outro homem, de Oeiras, prisioneiro escapado que contava ter visto o rei de Castella embarcar: tel-o visto com os seus olhos que a terra havia de comer... Não havia que duvidar: era verdade, uma tão grande fortuna! Estavam salvos, estavam livres! Abraçavam-se, choravam, bailavam, impensadamente, n'uma effusão de alegria communicativa. Sairam em procissão com os dois favoritos dos tempos novos, S. Jorge e Nossa-Senhora-da-Escada. Homens, mulheres, clerigos e frades, cantando acções de graças, iam todos descalços. E quando chegaram as bandeiras que o rei mandava de Alcobaça, outra procissão saiu a recebel-as, e ao passarem na Ribeira, em frente das galés castelhanas, erguendo-as para as mostrar e rojando-as no chão com orgulho, fustigavam os navios com vaias e apupos. [2]

---

[1] Lopes, *Chron.*, x. vi.

[2] Lopes, *Chron.*, xlvii e viii. — «...et se mirent en chemin devers Lusebonne et le mardi le roi entra en la ville atout (avec) grand peuple et à grand' gloire et à grand triomphe. Et fui mené à (avec) grand' foison de ménestrels et à processions de toutes les gens des eglises de Lusebonne qui etaient venues à l'encontre de lui jusques au palais. Et en chevauchant parmi les rues, toutes gens et mêmement enfans faisaient au roi fete, honneur, inclination et révérence et criaient et disaient à haute voix: «Vive le noble roi de Portugal auquel Dieu a fait tant de graces qu'il lui a donné victoire sur le puissant roi de Castille et a obtenu la place et déconfit ses ennemis!»

Par cette belle journée que le roi Jean de Portugal ot sur le roi

Não se deteve D. João I em Alcobaça: logo no sabbado partia para Santarem, onde o encontrámos. De Alcobaça para a Nazareth seguia, com a cara rachada pelo gilvaz, o nosso arcebispo D. Lourenço; e ahi iam encontral-os os Vaz, o João e o Antão: o das rebolarias, que trouxera aos hombros, dançando, a bandeira de Castella de presente a D. João I. Seguiam para Lisboa, a ver como se havia de liquidar a frota inimiga no Tejo. [1] Era de opinião o prelado que isso não devia affligir, por irem os castelhanos enxotados de geito, que não era de crer que tornassem por desforra, ou *rexoxó*. Com effeito, as guarnições todas debandavam: Leiria, Obidos, Alemquer, Torres-Vedras, Cintra. Lisboa estava livre. E no Alemtejo succedia o mesmo. O Crato, Monforte, Villa-Viçosa, Mourão: [2] tudo obedecia ao novo rei. Porém a frota levou ainda quasi um mez, a partir do Tejo. [3] Dias antes, tinham evacuado o reino as forças do principe de Navarra, depois de terem descido até Lamego.

Em Santarem, D. João I, com grave escandalo de João das Regras e dos juristas, repartia o reino com quem lh'o ajudara a ganhar. D'antes, segundo a regra de Alvaro Paes, dava-se o que se não tinha; mas agora a victoria sellava a posse. Vasco Martins de Mello, o pae (que o filho morrera da sua loucura) teve Santarem. [4] Nun'alvares foi confirmado no condado de Ourem e em todas as doações anteriores, accrescentadas com Porto-de-Moz e o Rabaçal, Alvaiazere e Terra-de-Pena, e a de Basto, com Barroso e o Arco-de-Bau-

---

Jean de Castille en ce temps que je vous recorde, eschey (arriva)-t-il tellement en la grace et en l'amour de tout le royame de Portugal, que tous ceux qui, par avant la bataille dissimulaient à l'encontre de lui, vinrent à Lusebonne lui faire serment et hommage et lui dirent qu'il etait digne de vivre et que Dieu l'aimait quand il avait déconfit plus puissant roi qu'il n'etait, et que bien etait digne de porter couronne.» —Froissart, *Chron.*, III, 21.

[1] *Carta do arcebispo, cit.*

[2] Lopes, *Chron.*, LXI.

[3] 14 de setembro.

[4] Lopes, *Chron.*, LII.

lhe, dadas já, ou promettidas, no Porto a D. Leonor de Alvim; foi confirmado no condado de Barcellos, com Portel, Sacavem e os seus reguengos e o serviço real dos judeus de Lisboa e seu termo. Era a mais opipara das doações, cuja renda os invejosos calculavam acima de dezeseis mil dobras. [1] Havia, porém, muitas outras: a todos; e tantas que a corôa ficava sem nada, e o rei sem reino, como observava desoladamente João das Regras. Havia repetidos confiscos aos parciaes de Castella; e em Santarem, onde o estrangeiro tanto tempo imperara, essas transferencias de bens eram numerosissimas. Certo escudeiro vinha pedir para si os haveres d'aquelle alfageme que preparara, nas vesperas

---

[1] A carta de Santarem, a 20 de agosto, fazendo doações novas e ratificando as antigas, é a seguinte:

«... damus ei & donamus & facimus publicam donationem inter vivos de jure & hæreditate, in æternum de istis Villis & locis cum suis Castellis quæ sequntur. Primo Villaviçosa e Borba, Estremoz, Evoramonte, Portel, Montemor ho novo, Almada, Sacavem, cum suis Reguengis, Frielas, e Unhos, e Camarate, e Collares cum suis terminis, e Reguengis & servitium reale Judæorum Civitatis Ulisbonæ, & sui termini & comitatum de Ourem, cum omnibus terris, Villis, & locis, quas Joannes Fernandes de Andeiro habebat tempore suæ mortis, qualicumque modo & Porto de Mos, e o Rabaçal, e Bouças, e Alvayazere, e terram de Penna, e terram de Basto cum Archo de Baulhi, & terram de Barroso, quas Villas & loca cum suis Castellis & terminis & territoriis ei damus ut dictum est cum omni sua jurisdictione Civili, & Criminali, mero, & mixto imperio... & etiam damus ei in præstimonio omnes redditus & jura quos habemus, & jure debemus habere in Civitate de Silvis & Loulé & in suis terminis... Data in Santarem vigessima dia Augusti. Rex mandavit. Fernão Domingues a fez anno millessimo quadragentessimo vigessimo tertio. (1423=1385) *Arch. nac.* liv. D. João I, 1 p. 87 v.»

Vem transcripta em Sant'Anna, *Chron. Carm.*, docc., IV, § 747, p. 802; em Sousa, *Hist. Geneal.*, Provas, VI, 35; e em Sylva, *Mem., etc.*, doc. n.º 28. — Lopes, *Chron.*, III, ennumera todas as doações de 20 de agosto como novas, quando, na maior parte, são apenas ratificações.

As 16:000 dobras, a serem das pé-de-terra de D. Fernando, do valor de 2$793 rs. (Aragão, *Descr. geral*, II, 237) valiam rs. 44:688$000 theoricos, ou decuplicando, o correspondente a 450 contos de réis da nossa moeda. E não parece excessivo.

d'esta lucta começar, a espada de Nun'alvares, recusando-se a receber a paga antes de o ver conde de Ourem. Quem diria então o que hoje era uma verdade?.. E D. João I, ignorante d'isto, confiscou os bens ao alfageme que passava por castelhano, dando-os ao escudeiro; mas a mulher do armeiro reclamou então do condestavel o preço devido, pois que se cumprira o vaticinio. Não a reduzissem á miseria, mercê de uma vilania. Intercedendo Nun'alvares, foram os bens restituidos. [1]

De Santarem, Nun'alvares partiu para o sul. A guerra não estava acabada por se ter vencido a batalha. Era necessario, ao contrario, não adormecer agora sobre os louros. Despediu-se do rei, e partiu. D. João I, de Santarem, largou em sentido opposto. Ia saldar contas com o ceo que tanto o protegera. Ia a pé, com um cento de bésteiros, em romaria a Nossa-Senhora-da-Oliveira, de Guimarães. A primeira marcha foi a Leiria, onde negociou o resgate do chronista Ayala por trinta mil dobras cruzadas e trinta cavallos: dez mil dobras recebeu-as em prisioneiros portuguezes, o resto em ouro. De Leiria foi a Coimbra; de Coimbra ao Porto, onde soube do que Nun'alvares entretanto fizera, entrando em Castella pelo Alemtejo e vencendo a jornada de Valverde. Galardoou-o, ampliando-lhe, ou ratificando-lhe, o condado de Barcellos. [2] Do Porto seguiu para Guimarães, e, cumprido o voto, ordenada a edificação da nova capella, resolveu levantar á Virgem um templo magnifico no proprio logar em que ella fizera o milagre de lhe dar a victoria; [3] resolvendo ao mesmo tempo penetrar pelo norte em Castella, como o condestavel fazia pelo sul. Já no in-

---

[1] *Chron. do Condestabre*, LII; Lopes, *Chron.* I.41.

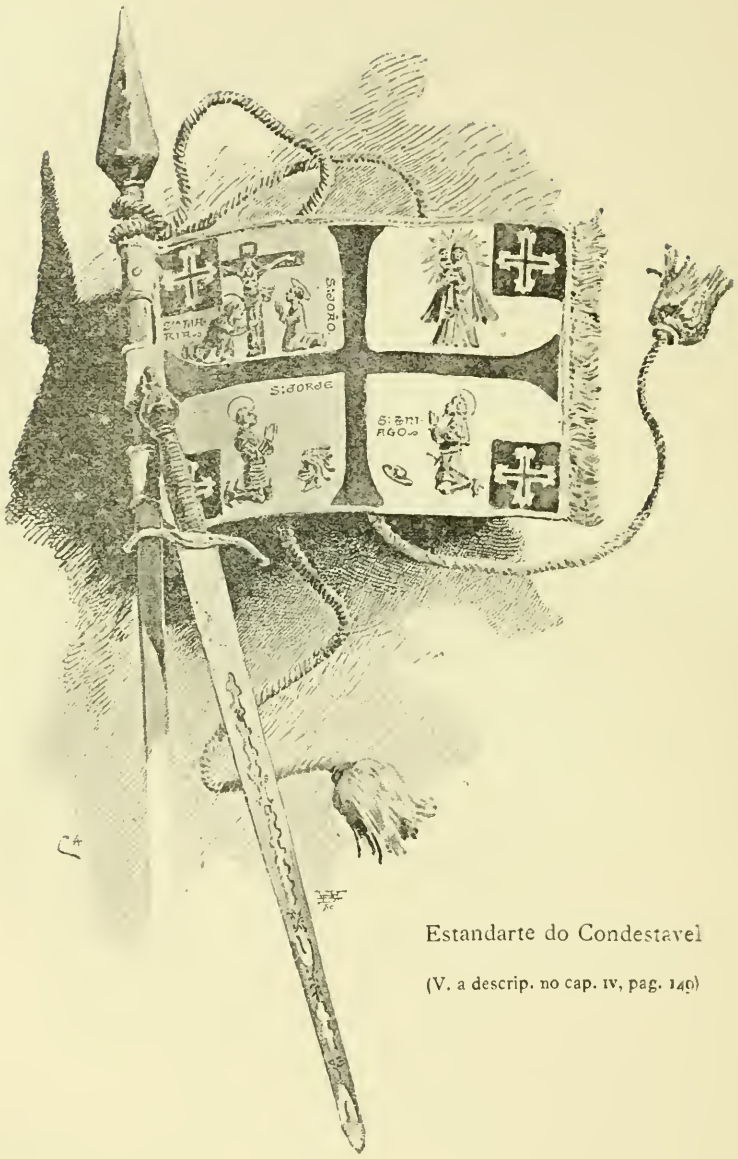
[2] Sant'Anna, *Chron. Carm.*, III, § II, 760.

[3] As obras de Guimarães só começaram dois annos depois, em 1387. A carta regia relativa ao mosteiro da Batalha, que o manda edificar, doando-o á ordem de S. Domingos, é de 4 de abril 1426=1388, datada do Porto.—Cf. Fr. Luiz de Sousa, *Hist de S. Domingos*, I. 184.

verno,[1] em Villa Real, chamou da Beira os Vasques: necessitava primeiro haver Chaves, que teimava em não ceder. Pelo Natal começava o cerco.[2]

Caldeirão de Alcobaça
Diam. max. *m.* 1,30

[1] Dezembro.
[2] Lopes, *Chron.*, LXII e III.



Estandarte do Condestavel

(V. a descrip. no cap. IV, pag. 140)

VII

Valverde

Assim que o rei e o condestavel se separaram em Santarem, ambos decididos a aproveitar a impressão fulminante de Aljubarrota: [1] emquanto D. João I proseguia para o norte a rematar a conquista do reino; Nun'alvares passava ao sul do Tejo, para entrar em Castella com uma álgara ou correria devastadora, segundo a moda de guerrear herdada dos mouros, e conservada sempre na Hespanha. Eram principios de setembro, quando Nun'alvares foi de Evora a Extremoz, onde mandara concentrar as suas tropas: um milhar de lanças, com dois mil peões e bésteiros. [2] Os preparativos da campanha levaram até ao fim do mez. Largaram de Extremoz por Villa-Viçosa, contra o Guadiana que transpuzeram [3] junto a Badajoz, acampando já em Castella. Na vanguarda da hoste ia Nun'al-

---

[1] Lopes, *Chron.*, I III-IV.

[2] *Ibid.*, LIV. — A *Chron. do Condestabre*, LIII, diz 800 lanças e 6:000 peões.

[3] 2 de outubro.

vares com o seu alferes Diogo Gil; na retaguarda o novo prior do Hospital, Alvaro Gonsalves Camelo; n'uma das alas Martim Affonso de Mello, e na outra Gonçalo Annes, de Castello-de-Vide. [1] No acampamento, d'entre as moitas da charneca, levantou-se um javardo, como em Ourem, nas vesperas de Aljubarrota: bom agouro! Lancearam-no alegres. Iam seguros do exito e senhores de si. Do Guadiana, largaram pela charneca fóra, direito a sueste, e, passando entre Olivença e Valverde-de-Leganez, foram entrar no Almendral. [2] Tinham andado oito legoas. Inimigos não se viam. A terra era um logar aberto de lavradores pacificos, recheiada de adegas e talhas bojudas, onde guardavam o vinho acre mas capitoso da região: foi um dia de S. Martinho para a tropa. Cosido o vinho com o somno, na manhã seguinte, formando em guerra, largaram para leste, direito á Parra, quatro leguas curtas. Iam devastando e assolando o chão que pisavam.

Na Parra, porém, ao chegarem, viram cavallos pelo alto da serra. Era o Barbuda, Martim Annes, pouco havia (já depois de Aljubarrota) nomeado mestre de Alcantara, pela transferencia de Gonçalo Nuñez de Guzman para Calatrava, mestrado vago pela morte de Pedr'alvares na batalha. Vinha do seu castello de Faria, o Barbuda, com trezentas lanças, não para combater, que não podia, mas para espiar os invasores: para lhes picar a retaguarda; para os acompanhar, como um condor, do alto dos montes, prompto a cair sobre elles, assim que chegassem os reforços esperados, ou que vissem o inimigo abarbado com algum obstaculo grave. Como Annibal na Italia, seguia Nun'alvares talando os campos: nas serras, o Barbuda repetia Fabio Maximo, o *cunctator*, esperando a desforra que não veiu.

Com o inimigo á vista, sem o poder chamar ao campo, dos altos onde se refugiava, Nun'alvares proseguiu livre-

---

[1] Lopes, *Chron.*, LIII; *Chron. do Condestabre*, LIII; cf. Sylva, *Mem.*, *etc.*, II, 140.

[2] 3 de outubro.

mente para o sul. Da Parra foi a Zafra, [1] outras quatro legoas; e d'ahi, tornando para leste, largou contra Fuente-del-Maestre, no curso medio do Matachel que leva ao Guadiana os seus tributos austraes: oito legoas de correria no coração da Estremadura. Já a fronteira ficava distante mais de vinte legoas; iam seguidos por um comboyo enorme de gados e despojos; não tinham ainda ferido um só combate; mas pelo alto das serras o Barbuda espiava-lhes as passadas... Da Fuente, voltando para o sul, foram subindo o curso do Matachel, por Almendralejo e Usagre, até Villa-Garcia que fica perto de Llerena, nas cabeceiras da torrente, caudalosa durante as chuvas invernaes, agora porém secca, mostrando apenas, outomnalmente, aqui e além, breves charcos ou ganglios, ligados entre si por filetes de agoa, ás vezes invisiveis. Por entre as pedras do leito, a adelfa ou cevadilha, loureiro cor-de-rosa, sorvia essas lagrimas de agoa perdidas na charneca adusta, transformando-as em sorrisos de flores carminadas como labios.

De Villa-Garcia, que era logar forte, senhorio de D. Gonçalo Fernandes, (o que foi depois mestre de Santiago) fugira toda a guarnição apavorada. Acharam o castello deserto. [2] Fraternisando com a população, a tropa espalhava-se pela aldeia; e Nun'alvares, incerto do destino que daria á sua marcha, pensava em ir d'alli para o norte do Guadiana, em romaria a Santa-Maria-de-Guadalupe. [3] Trilhava livremente a Estremadura; Castella, abatida, era sua...

N'isto, as dobras dos montes soaram com um estampido de trombetas. Descia de lá o Barbuda a offerecer batalha? Não. Era apenas um arauto que mandava a Nun'alvares. O condestavel, sentado, com a mão apoiada na espada, tendo em volta de si os seus capitães, recebeu o arauto que de joelhos, sobraçando um feixe de varas, se aproximava humildemente. Vinha em nome dos senhores de Castella de-

---

[1] 5 de outubro.

[2] Lopes, *Chron.*, LV; *Chron. do Condestabre*, LIII.

[3] *Ibid.*, LIV.

safiar o condestavel: cada vara era o symbolo de uma espada.

—Senhor condestavel: o mestre de Santiago, D. Pedro Muñoz, meu amo, ouvindo dizer como sois em sua terra e lhe fazeis estrago n'ella, vos manda desafiar, e vos envia esta vara...

E apresentava-a ao condestavel que, tomando a, respondia:

—Sede bem vindo com taes novas...

—Senhor condestavel: o conde de Niebla, D. João Affonso de Guzman, ouvindo dizer como andaes na terra d'elrei, seu senhor, roubando e destruindo, como não deveis: vos envia esta vara...

Repetiu-se a scena. Gravemente, o condestavel passava á mão esquerda as varas que recebia com a direita.

—Senhor condestavel: o mestre de Calatrava, D. Gonçalo Nuñez de Guzman, sabendo como entrastes pela terra d'elrei seu senhor, pela damnar e destruir, vos manda desafiar, e vos envia esta vara...

E assim por diante, o arauto foi entregando as varas todas, symbolos das espadas que se estavam desembainhando para virem colher o invasor em meio da sua correria, abafando-o por uma vez, e concluindo com esse terror que fazia gelar nas veias o sangue castelhano. Em quanto fosse vivo, invencivel como era, a guerra não poderia terminar. Duas campanhas reaes, dois annos successivos, tinham consummado a ruina das forças castelhanas. Agora, porém, que Nun'alvares comettera a temeridade de se internar tão longe em Castella, era o momento unico de o matar. De toda a parte vinham contingentes: o mólho das varas do arauto era basto. Vinham as lanças do mestre de Alcantara, que desde a Parra tinha acompanhado a hoste como os lobos quando seguem os rebanhos; vinham os mestres de Santiago e Calatrava; vinha o conde de Medina Cœli, D. Gastão de la Cerda; vinha o senhor de Marchena, e o de Aguilar, com seus irmãos D. Diogo e D. Gonçalo; vinham até os Vinte-e-Quatro de Sevilha que traziam

o pendão da cidade... Quando foi entregue a ultima vara, [1] e concluida a longa enumeração dos desafios, Nun'alvares, placidamente, empunhando o feixe e fitando a sorrir o arauto ajoelhado, disse-lhe:

— Amigo meu, sede bem vindo com as novas que trazeis. Nenhumas me podiam alegrar mais do que essas do desafio... Dizei-o ao mestre de Alcantara, meu senhor e amigo...

Voltando-se para os seus, Nun'alvares continuou:

— Vedes, amigos, como é certo o que eu vos dizia estes dias? que o mestre, meu senhor e meu amigo, não me havia de deixar passar por esta terra, sem nos pôr batalha. Ora é mister que nos façamos prestes para elia. Quem tão boas novas nos trouxe, razão é que tenha boas alviçaras...

Mandou dar cem dobras ao arauto, e, emquanto elle as recebia, disse-lhe:

— Dizei ao mestre, meu senhor e meu amigo, e aos senhores que com elle são, quanto lhes agradeço os seus desafios... e mais ainda as varas que me mandaram... e com que em breve os zurzirei!

De pé, com o feixe das varas apertado na mão, fustigava o ar alegremente. A ironia involvia-o n'uma aureola. Attingia essa culminação suprema da victoria sobre o mundo e sobre a idéa. Ria triumphante! Os symbolos archaicos tinham perdido já o seu valor mystico. As varas não eram espadas; as palavras não eram sacramentos. O vento agreste da guerra varrera por completo o nevoeiro dos mythos em que, segundo os velhos usos encanecidos, a existencia fidalga se estribava. As varas eram apenas varas, com que se fustigavam os inimigos por mofa, antes de os trucidar a valer com os rijos montantes de ferro. Como ficava longe o tempo infantil em que mandara desafiar

---

[1] O catalogo dos symbolos guerreiros do desafio é numerosissimo, e nos usos da Europa medieval encontra-se mais de uma vez a vara. V. Grimm, *Teut. myth.*, na trad. Stalybrass, 4 vol., 1880-8; e Michelet, *Orig. du droit français*, Paris, 1837, pag. 287 e segg.; cf. *Quadro das Inst. primit.*, do A. (2.ª ed., 1893).

tambem o filho do Ansures, em Badajoz! Como a imagem phantastica do Galaaz dos seus primeiros annos lhe provocava hoje, conhecedor da vida, e do mundo, e dos homens, um sorriso de desdem e accessos de ironia!

Dissipadas as illusões juvenis, os homens, ou caíam na brutalidade, ou transportavam-se, pela allucinação poetica, ás regiões phantasticas da transcendencia. Levado pela Cavallaria, Nun'alvares subia ás espheras do patriotismo e da fé. Por isso, conscio da grande obra que praticara, libertando um povo e levantando um throno ao eleito de Portugal, já os reptos e as façanhas o não enchiam de ardor sagrado, pois acima da patria tinha uma só aspiração, o ceu, e acima do rei via uma só imagem, Deus. A semente de nobreza desabrochara em flor de Cavallaria na sua alma, para gerar o fructo da dedicação patriotica; ultimando-se no mysticismo catholico, legado ou testamento que os tempos novos deixariam em herança aos vindouros. Assim, a vida do heroe se tornava cyclica, e, encerrando as éras passadas do naturalismo bravio da Edade-media, iniciava os tempos doirados da fé peninsular, com a empreza da redempção nacional.

O grande dia de Aljubarrota, momento critico de que saira victoriosa a sua temeridade, e por isso consolidada a sua fé, fora para Nun'alvares decisivo, e explica a ironia placida com que, agora, em Villa-Garcia, acceitava o repto dos capitães da Castella quasi inteira. Nenhum receio, duvida alguma tinha do exito. A sua fé, antes de Aljubarrota, era feita de esperança: agora, era uma confiança firme, irreductivel, na sorte. Feliz gente, ditosos tempos, em que o mundo surgia assim harmonicamente bello, e o homem transitava por elle com a segurança no rumo e a certeza no porto de um destino idealmente abençoado!

Acceite o repto e contando com a batalha, cortou de Villa-Garcia para o norte, descendo a esteira do Guadamez, direito ao Guadiana, longo trajecto de mais de quinze legoas, ao cabo das quaes entrou em Magacela. Já o mestre de Alcantara, o Barbuda *cunctator*, seguia os invasores

com o triplo da sua primitiva hoste, mas sem se atrever a mudar de tactica. Pacientemente ia pelos altos, espiando o novo Annibal. De Magacela, Nun'alvares seguiu contra o Guadiana com intenção de o passar. Entrou em Villa-nueva-de-la-Serena, e d'ahi desceu pela margem esquerda do rio, deixando Medellin de lado, em demanda de um bom vau.

Entre Medellin e Merida, o Guadiana descreve um lacete, avançando para o sul n'uma volta aguda em cujo vertice desemboca o ribeiro de Matachel, dias antes pisado por Nun'alvares. A juzante da foz, na margem opposta, fica o lugar de Valverde (de Merida), no quasi promontorio que a terra faz alli sobre a campina. O cabo dos montes graniticos da margem direita do Guadiana levanta-se com erupções de porphiros, repellindo para sul o rio no seu curso, e obrigando-o a cingil-o, beijando-lhe as faldas. Erguendo no ar limpido as suas cristas desnudadas pelas chuvas e doiradas pelo tempo que vestiu a serra de uma patina fulva onde o sol se espelha, o monte em cujo sopé, pelo poente, assenta Merida, contra o Guadiana, estrangula ahi a extensa planicie, alluvial ou lacustre, que desde a fronteira portugueza vem ladeando o rio até Merida, e de Merida se alarga outra vez até a região dos montes manchegos, com o nome de Serena. Dir-se-hia que Nun'alvares, escolhendo este passo para vadear o Guadiana, quiz que a ultima crise grave da sua vida militar se desse no ponto, em que tambem a natureza fez crise, lançando aos ares uma erupção de rocha ignea.

Quando acampou na margem esquerda, a juzante da boca do Matachel, viu nos altos fronteiros o Barbuda, esperando-o, com uma hoste de um milhar de lanças. Um dia passaram, contemplando-se, os inimigos. [1] De noite, Nun'alvares preparou tudo para a batalha do dia seguinte, em que se contava com a chegada das hostes de Sevilha e Cordova, de Jaen, da Mancha, e do Aragão, fortes de mui-

---

1 *Chron. do Condestabre,* LIV ; Lopes, *Chron.*, LV.

tos milhares de homens. [1] Sabia-se isso pelos prisioneiros feitos, e a noticia das forças que vinham a perseguil-os apavorava mais de um animo valoroso. No ardor da vespera do combate, Affonso Pires, o Negro, que era um escudeiro de boa nota, veiu ter com Nun'alvares, dizer-lhe:

— Eu, senhor, de vossos conselhos não sei cousa senão a certeza de amanhan vermos bem quem ama o vosso serviço e a propria honra. Os castelhanos são aqui ao pé de vós mais bastos que as hervas. Digo-vos que parte dos gados já nol-os levaram...

Era pela noite velha, e o silencio da natureza acordava com o borborinho dos guerreiros, preparando-se escusamente para o combate, assim que a aurora rompesse. No negrume do ar soavam ferros retinindo, e o trotar de cavallos em marcha. Palpitava a escuridão com ancia. Os castelhanos esperados tinham chegado, mordendo a cauda das bagagens da hoste portugueza, que torneavam, indo occupar os socalcos do promontorio fronteiro. Invertiam-se as situações de Aljubarrota: era Nun'alvares que agora tinha a vencer a passagem, contra uma posição forte, habilmente preparada. Mas a hoste portugueza, nas mãos do condestavel, punhado de gente aguerrida e submissa ao mando do capitão predestinado, em nada se parecia com o exercito, brilhante mas sem consistencia, do rei de Castella.

Serenamente, Nun'alvares, pondo a mão no hombro do seu escudeiro, lhe respondeu:

— Affonso Pires, amigo: ora prouvesse Deus de serem aqui as gentes de todo o reino de Castella, pois com a graça de Deus, maior seria a honra... Nem por levarem algum gado, é cousa que monte... [2]

Vinha rompendo a manhan. [3]

Formou a hoste em quadrado, e largou a caminho de

---

[1] Lopes, LVI, diz 30 a 33:000 homens; Sandoval, *Aljubarrota*, reduz o numero a 3 ou 4:000.

[2] *Chron. do Condestabre*, LIV.

[3] 15 ou 16 de outubro.

Valverde, em demanda do vau, perigoso e bravo, unico, porém, n'essa zona do Guadiana. Ficava o porto a legoa e meia do arrayal onde tinham pernoitado. E quando desembocaram sobre a margem do rio para o passar, viram-se por todos os lados cercados. Dos inimigos, uns tinham-se encastellado nos socalcos da margem direita, em frente, e esperavam; e com os outros, da margem esquerda, mettiam a hoste portugueza entre dois braços de uma terrivel tenaz de ferro prompta a tritural-a. Cingidos, apertados contra o rio, impellidos a passal-o, para irem cair nas goelas abertas do lado fronteiro, «pareciam os portuguezes, em meio dos inimigos, uma pequena eira em espaçoso campo.» [1] Cerrado e impenetravel, porém, o quadrado portuguez avançava compactamente, como uma tromba, repellindo a nuvem de lanças, de settas, de pedras e virotões, que de todos os lados a assaltava, cruzando-se no ar. De roldão, impellidos pela força propria e pela dos inimigos, precipitaram-se sobre o rio; e sem quebrar a ordem de batalha, fortaleza ambulante cujas muralhas vivas incluiam as bagagens, passaram o vau, continuando a marcha, rompendo sobre as encostas da margem direita, como um bando de javalis por entre as esquadras dos caçadores.

Em degraus, ou socalcos sobrepostos se levantava o monte, e cada terraço era uma fortaleza. Tres degraus houve que tomar á força de armas, antes que podessem encontrar chão firme para combater; e emquanto iam subindo por entre inimigos, a retaguarda era assaltada vivamente pelos que, da margem esquerda, tinham passado o rio atraz da hoste portugueza. A tenaz de ferro não partia: os seus braços deslocavam-se com o caminhar, até alli victorioso, d'essa fortaleza ambulante e irreductivel. Ora na vanguarda, ora na retaguarda da hoste, presente sempre onde o risco era maior, Nun'alvares resumia em si o genio, a alma, o proprio coração do milhar de homens, que batia ao compasso do seu coração placidamente impellido pela fé.

---

1 Lopes, *Chron.*, I VI. — Cf. Sylva, *Mem.*, *etc.*, II, 140.

Tinha então vinte e cinco annos, mas a grandeza do sentimento, multiplicando o tempo, dava-lhe a edade de um homem feito. Sempre alegre, sempre sereno, sempre egual, apparecia nas maiores crises gracioso e mesurado, mas ferreamente energico e decidido. A obediencia que lhe davam compunha-se ao mesmo tempo de medo e amor. Os homens, como a natureza os faz, podem repartir-se em duas grandes familias: a dos que nascem para mandar, e a dos que nascem para obedecer. Uns são pastores, outros rebanho. Nun'alvares nascera com o instincto do mando; e sem uma duvida no seu pensamento, sem uma nuvem no seu coração, sem um remorso na sua memoria: firme, inteiro, inquebrantavel, intemerato e inaccessivel, imperava naturalmente, governando pela expansão da sympathia communicativa. D'ahi lhe vinha o bom-humor constante, a humanidade altiva da sua alma, e o espirito pratico dos seus actos. Porque, se, nos momentos criticos, a allucinação mystica lhe dava como que uma segunda-vista, acreditando ouvir as vozes divinas a inspiral-o e dirigil-o no secreto mysterio da prece; e se essa tensão vibrante do espirito o temperava como aço para resistir ás maximas violencias da sorte inimiga: na vida commum, era como toda a gente simples, sem ponta de extravagancia, ou singularidade.

Não havia capitão mais habil para entreter intrigas, trazendo escuitas com os inimigos, por conhecer seus feitos; não havia quem melhor soubesse impor-se rindo, levando por bem o proximo a submetter-se-lhe á vontade; não havia homem mais particular e meticuloso nas minudencias da guerra, corrigindo, emendando, intervindo sempre, e vendo tudo por seus proprios olhos que tinham, com a amplidão da aguia, a agudeza do lynce.

A guerra não era para elle uma paixão, nem o combate uma embriaguez, nem a gloria um fim. A guerra era apenas o meio de chegar ao destino da redempção do reino; e gloria só a via seductora nas revelações do céo para onde a sua alma piedosa batia em permanencia as azas. Por isso, nas proprias correrias, como esta que agora entrava

no momento perigosamente critico, não consentia que a gente de guerra queimasse aldeias, nem cearas, tirando o pão aos pobres. Vencia humanamente. E quando algum se excedia, a disciplina de ferro decretava a morte do reu, não se escusando elle proprio a castigar por suas mãos. Se punia as depredações, mais punia ainda os sacrilegios. Se defendia os miseraveis, maior era o seu carinho para com as mulheres e as creanças, que acolhia e asylava, restaurando-as nas suas casas, quando o cyclone da guerra, tremendo, tinha passado. De uma vez, entravam n'uma aldeia em que se celebrava um noivado. Captivos todos, Nun'alvares mandou vir os noivos, mandou continuar a ceremonia, «tornou-lhe a fazer sua festa e officio, cantando os seus n'ella,» [1] e apadrinhou a boda. Por isso o proprio povo inimigo adorava esse capitão, a quem os seus obedeciam religiosamente.

Este é o adverbio que resume a phisionomia de Nun'alvares. Tudo para elle era religioso, desde os costumes privados, até a disciplina guerreira, até o culto da patria, até o amor do rei, até finalmente a propria vida que votara a uma missão transcendente. Por isso, respirando uma atmosphera de ideal, a sua face se illuminava com uma auréola de alegria, ás vezes ironica, e as suas mãos se abriam sempre para derramar em volta de si o manná da bondade piedosa. De tudo quanto a chronica nos conta d'elle, ha de inferir-se que nunca a especie humana produziu exemplar mais bello da alliança do heroismo e da santidade: nunca, portanto, os homens viram de tal forma enlaçadas as duas agulhas culminantes que da terra sobem a penetrar nos ceus...

O instante de paragem havido no combate permittiu-nos observar o capitão que tinha rapidamente, já no alto do cerro, occupado posições fronteiras ás dos mestres de Calatrava, Alcantara e Santiago, com o grosso das forças

---

[1] Lopes, *Chron.*, cc.

castelhanas. Mas foi um instante só, porque a hoste portugueza arremeteu logo contra os inimigos da vanguarda, fustigada ao mesmo tempo pelos que a seguiam na marcha. Então o combate ganhou o seu momento culminante. As settas, os dardos, as pedras, as lanças,[1] formavam sobre o monte coroado pelos combatentes como que uma couraça de escamas scintillantes em perpetua agitação, e de sob ella reboava pelos ares o trovão medonho das juras e imprecações de guerra, com o tenir das armas, o estalar dos golpes, o gemer dos feridos, o soluçar dos agonisantes: tudo revolvido n'uma onda que descia sobre a campina, alastrando-a de horror.

Uma setta, sibilando, veiu cravar-se n'um pé a Nun'alvares. Ferido, assim mesmo correu á retaguarda d'onde vinham gritos de perdição: as fileiras vergavam sob o ataque sempre renovado, batendo-as como catapulta contra muralhas de pedra. Reforçou os animos, avivou a coragem, partiu: da vanguarda chamavam-no... Mas desapparecera... Já a hoste portugueza não avançava: fixara-se no chão como petrificada, obedecendo ao impulso contrario dos inimigos, que de ambos os lados a assaltavam. Começava a surgir o terror vago da derrota. N'uns empallideciam as faces, n'outros redobrava a furia; mas quando chamavam por Nun'alvares, e não o viam, gelava-se-lhes o sangue, sentindo-se orphãos. Para onde fora? Morrera? Fugira? Não; não podia ser... Um milagre talvez: Deus tel-o-hia arrebatado ao ceu, livrando-o á morte e á deshonra que viam imminentes no crescer cada vez mais temivel dos inimigos contra os muros hesitantes do quadrado portuguez... Sumira-se! Buscavam-no por toda a parte, n'uma angustia summa, com o medo cruel de perderem um pae. No recinto do quadrado, dentro da

---

[1] «Alli verias repartir pedradas e lançadas e settadas que davam sem dó, uns por se defender, outros por tomar.» — *Chron. do Condestatre*, LIV. — «Eram em tanto servidos avondo de lanças e dardos e muitos virotões.» — Lopes, *Chron*, LVII.

hoste, não estava. Sairam para fóra, lateralmente, a procural-o na charneca, por entre os dentes empinados da rocha que afflorava. Entretanto o combate feria-se cada vez mais rijo. Ruy Gonsalves, de subito, deparou com elle.

Ao lado estava a mula e o pagem que a tinha á mão, segurando a lança e o braçal do condestavel. Nun'alvares, de joelhos, entre dois penedos, com as mãos postas e os olhos no ceu, resava. Pendia-lhe ao peito o relicario do rei de Castella, tomado em Aljubarrota, e que D. João I lhe dera. Pertencera a Burgos, d'onde o castelhano o trouxera como talisman. Continha um espinho da corôa do Redemptor, uns ossos de martyres, e um dos trinta dinheiros de ouro por que Judas vendera o seu Mestre. Era uma joia preciosa de prata cinzelada a buril, suspensa por cadeias, para se deitar ao pescoço: [1] era o talisman de Nun'alvares que entrara com elle na batalha. Agora, na angustia de a ver arriscada, transportava-se em extase para Deus, orando. O seu rosto, banhado por uma illuminação intima, com os olhos cravados no céo e os labios entreabertos, dizia a Ruy Gonsalves, parado a contemplal-o, que n'aquelle instante o condestavel fallava com Deus, transportado em alma ao céo. O extase, e este silencio do escudeiro, contrastavam com o fragor medonho da batalha que se feria ao lado... Erguido nas azas da poesia, Nun'alvares transformára as phantasias cavalheirescas da sua educação n'um realismo piedoso e pratico, d'onde provinha, ao mesmo tempo, a sua arte de guerreiro e a sua allucinação de santo... Deus assegurava-lhe n'esse instante que venceria a batalha, rematando por um verdadeiro milagre a sua doida aventura; elle em paga promettia á Virgem levantar-lhe em Lisboa um templo magnifico. [2] O realismo mystico transportava, assim, para a piedade transcendente, as normas da vida mundana, transfigurada. Entre o céo e a terra, negociavam-se ajustes.

---

[1] V. Sant'Anna, *Chron. Carm.*, II, 979.

[2] O Carmo, de Lisboa, procede d'este voto, e não de Aljubarrota. Cf. Sant'Anna, *Chron. Carm.*, III, 284, 5, 6.

Passado o primeiro espanto, Ruy Gonsalves, afflicto e acordado pelo trovão constante da batalha, arrancou n'um grito:

— Estamos perdidos!

Nun'alvares, fitando-o distrahidamente, com uma voz pausada, tornou-lhe:

— Ruy Gonsalves, amigo... ainda não é tempo. Aguardae um pouco, e acabarei de orar.

Mas, n'isto, já outros tinham descoberto o condestavel, e, açodado, offegante, Gonçalo Annes que vinha adiante, gritava, atropellando as palavras brutalmente:

— Nada de rezas... que morremos todos!

Elle, voltando a face e emmudecendo-o com a fascinação do olhar, tornou:

— Ainda não é tempo, amigo...

Caiu no extase. Em volta, os seus caiam n'um desespero mudo, misturado de espanto. Que homem singular, mas seductor!

De repente, Nun'alvares, como que acordando, ergueu-se. O accesso de hypnose passara. Ergueu-se, firmou-se nos pés, distendeu os braços, fixou a vista, armou o ouvido: a batalha rugia medonha! Em frente, na crista do monte, recortando-se no azul do ceu, destacava-se mais alta a bandeira do mestre de Santiago. Pondo a mão esquerda no hombro do seu alferes Diogo Gil, apontando com a direita, disse-lhe:

— Vês as bandeiras que estão no cómoro d'aquelle monte?... a mais alta deve ser a do mestre de Santiago... vês?

— Senhor, vejo.

— Pois andae lá com essa minha e vamos junto d'ella... Amigos, avante! Cada um seja para quatro!

Largaram, guiados pela bandeira sagrada do condestavel, partida por quatro campos em que se confundiam aereamente, batidos pelo vento, as imagens da alma mystica, os brazões do sangue fidalgo, perfumes de santidade, reptos de heroismo, concatenados pelos braços vermelhos da cruz

floreteada dos Pereiras, fundindo assim, phantasmagoricamente, o céo e a terra, involvendo tudo n'uma atmosphera de milagre e allucinação. Uma rajada de fé passava pelos cerebros rudos, dando aos nervos de cada braço rigeza cataleptica e força mais que humana. A ondulação magnetica passara do condestavel para o grupo dos que o cercavam, e, correndo todos loucamente, a encorporar-se na hoste, passava ao corpo inteiro do exercito, que arremeteu com furia, levando perante si, de roldão, toda a gente inimiga, n'um arranco de violencia hysterica. A batalha estava ganha, o campo ficava livre, o milagre consummara-se.

As mesnadas do conde de Niebla, dos tres mestres da cavallaria castelhana, dos Guzmans e dos mais fidalgos, rotas, galopavam fugindo pela campina, como rebanhos tresmalhados. A peonagem obscura sumia-se por entre as moitas da charneca, escondendo-se para salvar a vida. Quando os restos do brilhante exercito entraram claudicando em Merida, perguntavam a um cavalleiro:

— Então como se houveram com o condestavel?

— Bem: sacrificou-se-lhe um cordeiro — o mestre de Santiago [1] — e voltamos para casa.

Nun'alvares pernoitou em Valverde, e na manhan seguinte [2] passava em Merida, a duas leguas, descendo socegadamente o curso do Guadiana direito a Elvas, onde entrou, concluidos os dezoito dias da correria [3] com um saque abundante. Maior, porém, era ainda a licção que, para lhe formar a alma, no seu desenvolvimento espontaneo, trazia do momento critico de Valverde, em que vira, aberto o ceu, definir-se-lhe o Universo como uma gloria, e a vida e o mundo, reduzidos a areia que o vento levanta, a sombra que a aragem dissipa, apparecerem-lhe como simples visualidades. Invertia-se-lhe claramente no espirito

---

[1] O mestre de Santiago ficou entre os mortos no campo da batalha. — Cf. Ayala, *Chron.*, año VIII, 18.

[2] 16 ou 17 de outubro.

[3] A 20 de outubro.

a ordem natural das coisas: real era o ceo, ficção a realidade. A remota imagem de Galaar, por onde primeiro afeiçoara a sua, subtilisava-se; e o cavalleiro heroe tomava uma phisionomia archangelicamente indefinida. Faltava que os annos lhe deitassem aos hombros a cogula de monge, enterrando-o na sua cella de pedra, e dando-lhe, com essa encarnação nova, a vida hieratica das figuras que se destacam piedosamente por entre as vergonteas cerradas da vegetação fria das cathedraes.

(Na casa do Capitulo da Batalha)

(Reprod. de um desenho de Simão Beninc no ms. n. 12531, *portug. drawings,* tab. VIII, do museu britann. de Londres)

VIII

Os inglezes

O primeiro, ou um dos primeiros actos de D. João I, depois de Aljubarrota, foi dar noticia da victoria para Inglaterra, onde os seus embaixadores, D. Fernando de Albuquerque, filho de Affonso, o *do ataude*, e Lourenço Fogaça, alliciavam gente e negociavam a alliança. Ao duque de Lencastre escrevia [1], convidando-o a vir tomar conta da corôa castelhana, repetindo a empreza do de Cambridge no tempo d'el-rei D. Fernando, com probabilidades superiores de exito.

Effectivamente, a destruição dos dois exercitos castelhanos de 1384 e 1385 tinha abatido de um modo completo a força dos nossos inimigos. De Sevilha, para onde o rei vencido foi por mar, embarcando em Lisboa, como vimos, escrevera cartas aos reinos e senhorios da sua corôa, convocando para logo [2] as côrtes nacionaes em Valladolid. Temendo, por outro lado, a mais que provavel investida do pretendente inglez, cujas allianças com o rebelde de Por-

---

1 Froissart, *Chron.*, III, 29.

2 1 de outubro.

tugal conhecia, escreveu ao rei de França [1] e ao papa de Avinhão, implorando soccorros. A Castella inteira, commovida por tão grandes desastres, entrava em desespero. Em Avila, para onde fôra a rainha D. Beatriz, o povo alvorotou-se, querendo matal-a e aos portuguezes que a seguiam. A custo o arcebispo de Toledo conseguiu apasiguar a furia da plebe. Havia o sentimento profundo de um ultrage á honra de Castella. [2] Nas côrtes, em Valladolid, o rei apresentou-se vestido de dó, e ordenaram-se penitencias, jejuns, procissões, e um luto geral que durou dois annos, até ás côrtes de Briviesca, em 1387, para obter do ceu a vingança do ultrage e restituir a sua honra á corôa de Castella. [3] O que affectava particularmente os brios castelhanos, fazendo-os considerar as derrotas, sobre calamidades, como ultrages, era a desdenhosa idea que ingenuamente faziam da força portugueza. Envergonhava-os verem-se vencidos por este punhado de rebeldes occidentaes, côrte subalterna que, dia mais, dia menos, havia de ser absorvida pelo movimento de expansão já declarado como destino ao velho throno reconquistador da Hespanha: o throno de Leão e Castella. Este sentimento era tão verdadeiro e intimo que o manifestavam ruidosamente; e foram necessarios largos annos, antes de se convencerem da necessidade de reconhecer a independencia do reino portuguez, fa-

---

[1] «Voici maintenant qu'on nous annonce que les Anglais viennent pour anéantir le reste de nos forces et s'approchent à grandes journées. Notre épuisment ne nous permettra point de les repousser si vous ne nous portez secours.» — Carta a Carlos VI de França, na *Chron. de Charles VI*, par les rel. de S.t Denis, trad de Bellaguet; I liv. VII, 5.

[2] ... «vino tan gran perdida al nuestro regno, de tantos e de tan grandes e tan buenos caualleros e escuderos como son muertos en esta guerra e otro si porque en nuestro tiempo vino tal desonrra e quebranto a todos los de nuestro rregno.» — Cortes de Valladolid, 1385, nas *Cortes de los ant. reynos de Leon y Castilla*, pub. pela Real Acad. de Hist; Madrid, 1863.

[3] ... «la desonrra de Castilla fuesse vengada... porque la corona de Castilla sea rrestituyda en su onrra.» — *Ibid.*

dado, por seu turno, para coroar a obra da reconquista com a epopeia das descobertas. Queria o destino que os dois braços da Hespanha se não fundissem, pois cada qual tinha a realisar uma face da mesma obra. [1]

O papa Clemente VII respondeu ao castelhano consolando-o [2]; o rei de França, temendo que os seus inimigos inglezes se apoderassem da Hespanha, assegurou logo um soccorro de duas mil lanças, pagas á sua propria custa. [3] Pelo mesmo tempo, porém, em que o castelhano obtinha a certeza do soccorro francez, chegava ao arrayal de Chaves, onde D. João I e o condestavel estavam cercando a terra, um emissario inglez, desembarcado no Porto, com a noticia da armada que o duque de Lencastre aprestava e o pedido do duque para lhe mandarem navios [4], tanta era a força com que vinha a conquistar a corôa castelhana

---

[1] «... mas parece que Deos, por seus occultos mysterios, não quiz então (Affonso V, em Toro) nem depois permittir que a corôa delles (reinos de Castella e Leão) se ajuntasse á de Portugal, porque separados estes Reinos, seu santo Nome por cada um delles fosse, como o cada dia he, mais conhecido, exaltado, e glorificado; o que por industria e trabalho dos Reys destes dois Reynos, do Oriente ao Occidente vae em tanto crescimento, que se Deos, por nossos peccados, não quizer fechar à nação Castelhana e Portugueza as portas que lhes, por sua graça, quiz abrir, dos mares e terras que tem achado, se pode esperar que em brevamente o Universo seja descuberto, e n'elle ouvida e recebida sua santa Fé.» — Dam. Goes, *Chron. do Principe D. Joam*, LVI, *ad fin.*

[2] V. a carta do anti-papa, nov. ou dez. de 1385, em Ayala, *Chron.*, *etc.*, año VII, 3.

[3] «Todo lo que yo he es muy presto para su ayuda é para su honra, é para su placer. E que yo le fago cierto que luego le enviaré dos mil lanzas de los mejores Caballeros é Escuderos que yo tengo: e que los enviaré con otros capitanes, los quales seran á su mandamiento, asi como de mi mismo. Otrosi que yo le quiero dar para sueldo destas dos mil lanzas cien mil francos de oro que luego sean aqui pagados porque la gente de armas que a el ha de ir non se detenga. E caso quél oviese menester mayor ayuda, yo estó presto para lo facer, fasta que yo por mi cuerpo lo oviese de cumplir.» — Carta, *ibid.*, 2.

[4] Lopes, *Chron.*, I XV.

Immediatamente se expediram ordens para que Affonso Furtado largasse de Lisboa com seis galés e doze náus a buscar o duque a Inglaterra. Começara já o anno de 1386.

Esperava-se que a intervenção ingleza rematasse decisivamente a obra da independencia iniciada pela dynastia nova, e assente já sobre os alicerces de duas campanhas reaes: a de 1384, vencida pela Providencia que desencadeara a peste; e a de 1385, vencida em Aljubarrota pela arte de Nun'alvares. Seguindo a politica adoptada no reinado anterior, aproveitando a questão da herança de D. Pedro-o-cruel, Portugal, explorando a sua posição maritima, pedia por mar auxilio á Inglaterra, para se defender contra o estado central da peninsula hispanica. E Castella pedia-o á França visinha, que n'esses tempos, invadida pelos inglezes, mais ameaçada e quasi perdida estaria, se a corôa castelhana fosse cair sobre a cabeça de um dos duques saxonios. Por tal fórma, a questão de Portugal era, pela primeira vez, o que tantas vezes foi depois: um episodio na grande contenda da influencia occidental europea, debatida entre a França e a Inglaterra, quando o mundo culto podia dizer-se limitado áquem Rheno; e quando, no equilibrio das nações modernas, nem a Allemanha, nem a Russia, intervinham predominantemente.

A politica internacional de D. João I estava indicada, e até imposta pelas circumstancias. A alliança ingleza era a ancora que prendia á praia lusitana a nau ainda imperfeita da nação portugueza, ameaçada de naufragio com os temporaes de leste. Convidando o duque de Lencastre a vir tomar conta da corôa castelhana, talvez D. João I nem acreditasse completamente no exito da empreza, nem sequer o desejasse; mas os inglezes que vinham revindicar para si proprios o throno, eram inimigos novos do seu inimigo, e alliados na campanha ainda não resolvida, apesar da serie de victorias que assignalavam os dois annos de guerra. Por isso, immediatamente satisfez o pedido de navios, e, de par em par, abriu os braços á expedição annunciada, preparando-se para cooperar com ella.

Quer perdessem, quer ganhassem, o proveito para Portugal era certo: acaso seria maior ainda se perdessem, do que se ganhassem. Se a Castella caisse nas mãos de inglezes, a sorte da França ficaria arriscada; e perante uma tal grandeza de forças, Portugal baquearia.

A alliança ingleza, portanto, servia para conter as ambições castelhanas: mas só para isto. O procedimento posterior de D. João I, sempre aberto á paz, sem abusar da victoria; sempre retrahido perante os inglezes, sem faltar aos pactos da alliança: mostra como, no seu alto espirito politico, a situação particular de Portugal se desenhava nitidamente. Era necessario conservar o throno castelhano, mas enfraquecido; e para isso era mister dar a mão ao inglez, mas contendo-lhe as ambições.

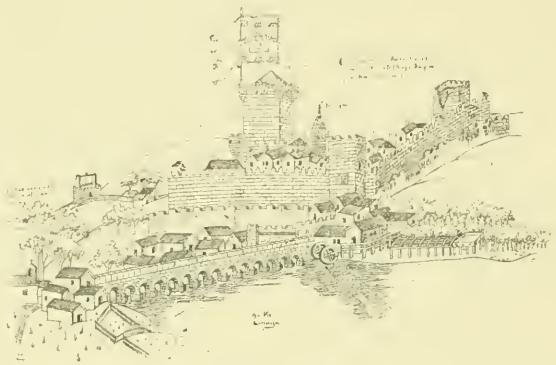
Por seu lado, os inglezes não podiam desconhecer que serviço estavam prestando á revolução portugueza, permittindo o aliciamento de tropas, e organisando a expedição do Lencastre; e sabendo-se que importancia tinha já a marinha portugueza, então sem duvida superior á dos futuros dominadores dos mares, comprehende-se a razão de ser da primeira convenção com Ricardo II, celebrada em Londres pelos representantes de Portugal. [1] Por virtude d'ella, D. João I prestava ao seu alliado o auxilio de forças navaes para as emprezas em que andava empenhado. Não ha, com effeito, compensação no corpo do tratado pois a compensação real estava nos factos simultaneos cujo alcance para o exito da quasi temeraria revolução portugueza era palpavel, e n'um sentido decisiva.

Um mez antes da assignatura da convenção de Londres, e quando em Inglaterra se aprestava a expedição do

---

[1] 9 de maio de 1386. V. o texto em Rymer, *Fœdera*, VII, 521; trad. no livro do sr. conde de Villa Franca, *D. João I e a all. ingleza*. Essa convenção precede o tratado de alliança de 1 de dez. 1387, pub. por Sylva, (*Mem.* IV, doc. n. 32); a carta autorisando as pazes com Castella, de 9 dez.; (*ibid.*, n. 33); e a carta de alliança e a renovação, com Henrique IV, celebradas em Londres por João Gomes da Silva e o dr. Martim d'Ocem (*ibid.*, n. 34 e 35.)

duque de Lencastre, caía afinal Chaves nas mãos de D. João I, depois de quatro mezes, ou mais, de aturado cerco. [1] Em dezembro, o rei chamara, do Alemtejo, Nun'alvares, que veiu correndo, do Porto, com uma escolta de vinte lanças, e d'ahi partiu sobre Chaves. O grosso das tropas mandara-o, sob o commando de seu tio, Martim Gonsalves do Carvalhal, para Castellãos. [2] Bragança era castelhana, e, submettido como estava o sul, castigados em Valverde os caudilhos inimigos d'essa fronteira, cumpria agora rematar a conquista de Traz-os-Montes.



Chaves
(do *Livro de Duarte d'Armas*, no Arch. nac.)

Chaves, porém, resistia, mais do que se esperava. Tinham a praça o portuguez Martim Gonsalves de Athayde e o castelhano Vasco Gomes de Xexos. O rei acampava na formosa veiga do Tamega, sobre a qual Chaves se levanta como um promontorio. Via-se a necessidade de um cerco em regra; e a lembrança do mallogro das campanhas d'esse genero, principalmente a ultima, a de Torres, na primavera do anno anterior, desanimava muitos e des-

---

[1] Lopes, *Chron.*, LXIX.
[2] *Ibid.* LXVI; *Chron. do Condestabre*, LV.

agradava sobre tudo a Nun'alvares. D. João I chamara reforços de todo o sul. Lisboa, Coimbra e outros concelhos tinham mandado os seus contingentes. Vasco Martins de Mello viera de Santarem com a sua tropa. [1] Mas fevereiro, março, tinham corrido sem que a villa se rendesse. Finalmente, expirando o praso de *pleitesia*, concedido pelos sitiantes para os cercados obterem resposta do rei de Castella, que não podia vir soccorrel-os, capitulou Chaves. [2] D. João I, tendo celebrado a chegada de Nun'alvares com um presente a sua mãe, [3] deu-lhe a elle [4] a villa. O condestavel partiu logo ao encontro do tio, em Castellãos, para ir contra Bragança, e de lá pelo reino de Leão dentro, a repetir, sobre o norte, a estocada seis mezes antes vibrada no sul.

* * *

Bragança, porém, não se lhe entregou. Foram inuteis as seducções para render o alcaide João Affonso Pimentel, [5] e por isso Nun'alvares desceu com a sua hoste para o valle da Villariça, indo ao encontro de D. João I que, de Chaves, proseguia para leste. A caminho, o condestavel, vendo afrouxar a disciplina com a prolongação de uma guerra afortunada, varreu do acampamento as mulheres, e distribuiu castigos. Antão Vasques d'Almada, que por folia tomara a um pobre homem o vinho da sua adega, teve de o

---

[1] Lopes, *Chron.*, LXV e VI.

[2] *Ibid.*, LXIX.

[3] Doação, em tença, do dizimo da lenha e carvão que vinha a Lisboa, a Iria Gonsalves do Carvalhal; 15 janeiro 1424=1386. — Sousa, *Hist. Geneal.*, V, 91.

[4] Lopes, *Chron.*, LXIX.

[5] *Chron. do Condestabre*, LV; Lopes, *Chron.*, LXX.

pagar do seu bolso e soffrer uma reprimenda. [1] Costumados á vida mais livre da côrte, nos exercitos reaes, os capitães resistiam, e alguns largavam para a frente, indo a Chaves queixar-se ao rei. Nun'alvares, sereno, proseguia: as invejas não o mordiam, os despeitos não o incommodavam. O commum da gente ignorava os planos intimos, successivos, em que o espirito se lhe desdobrava, subindo a alturas d'onde as miserias humanas nem sequer podiam provocar resentimentos, por apparecerem confusas como formigueiros minusculos.

Na veiga opipara da Villariça juntaram-se as forças do rei e do condestavel. Era maio: as cearãs estavam maduras, e a natureza alegre cantava. Entre as varzeas louras de trigo via-se o mais bello exercito que até então se conseguira reunir. [2] A revista, ou *alardo*, parecia um triumpho. O rei, imitando Nun'alvares, prohibira tambem na campanha o jogo e banira a concubinagem. Por cumulo de fortuna, o Pimentel de Bragança, temendo com razão que fossem ter com elle, submetteu-se. [3] Nada havia já que fazer em Traz-os-Montes: podiam passar a fronteira e tomar a offensiva em territorio inimigo. Desceram, portanto, para o sul, ao longo da raia, e passaram o Douro, provavelmente na Barca d'Alva, seguindo a jornada por Castello-Melhor que lhes dava obediencia, e deixando Castello-Rodrigo para mais tarde, depois de tomada Almeida que assaltaram logo. [4] Entrada Almeida, e submettendo-se Ciudad-Rodrigo, D. João I, para penetrar em Castella, dividiu o seu exercito em tres corpos: deu um ao condes-

---

[1] Cf. Sylva, *Mem., etc.*, II, 142; Lopes, *Chron.*, LXX: «porquanto os de sua companhia traziam todos mancebas, tambem os que eram casados como os que o não eram, ordenou que nenhum d'ahi em diante nom trouxesse mulher comsigo e se alguma fosse mais achada no arrayal que fosse logo açoutada publicamente por ello.»

[2] Lopes, *Chron.*, LXXI. 4:500 lanças e peonagem; talvez 20 ou 25:000 homens.

[3] Lopes, *Chron.*, LXXII.

[4] *Ibid.*, LXXIII.

tavel, na frente; deu outro aos rivaes de Nun'alvares, os Vasques, Martim e Gonçalo, que dispunham da Beira e era mistér congraçar; [1] guardou para si o terceiro, a retaguarda; marcando, como ponto de juncção, Coria, sobre o Alagon, abaixo de Plasencia. [2] Os Vasques adiantaram-se á vanguarda do condestavel, para lhe prejudicar a campanha, tomando os pontos avançados da estrada: Fiollosa e San-Felice. Era uma rivalidade que vinha desde o conflicto do anno anterior. nas côrtes de Coimbra, e que, exacerbada, querem alguns que fosse até ao ponto de conspirarem contra a vida de Nun'alvares. Elle fingia não ver, simulava ignorar, e proseguia. Mas n'estas campanhas em que não tinha o commando supremo, o seu genio imperial sentia-se acanhado sob a direcção do rei, adstricto a contemporisar com todas as forças, por vezes hostís, que lhe consolidavam o throno, ainda sem raizes.

As duas aldeias, porém, recusaram-se a receber os Vasques: só se entregariam a Nun'alvares. Força foi, portanto, esperal-o. [3] De San-Felice, o condestavel continuou para Fuenteguinaldo, onde se demorou tres dias, a castigar um escudeiro, Gonçalo Gil de Veiros, que roubara sacrilegamente o calix de uma egreja. Preso, tinha-o mandado queimar; mas livrou-o da morte, já perto da fogueira, banindo-o. [4] Quanto mais incerta era a harmonia no commando, maior tinha de ser a disciplina na obediencia. A longa marcha de cerca de quarenta legoas na região da raia, descendo para o sul, fóra até ahi cortada apenas por incidentes mesquinhos; e o objectivo que levavam não en-

---

[1] No Porto (1424=1386) D. João I doara a Martim Vasques o morgado de Santo Eutropio, em Lisboa, «pela ida para Castella, terra de nossos inimigos, de Catalina Dias e Urraca Fernandes, sua mãe, que o dito morgado e hospital tinham.»—V. a Carta, em Sousa, *Hist. Geneal; Provas*, XIII, 3; e tom. XI, 786.

[2] Lopes, *Chron.*, LXXIV.

[3] *Ibid.*

[4] Cf. Sylva, *Mem. etc.*, II, 143; *Chron. do Condestabre*, LVI.

thusiasmava o ardor do condestavel. Ia, cumprindo um dever; mas sem aquella espontaneidade ardente que nos espiritos rijamente temperados vem com a responsabilidade do mando.

De Fuenteguinaldo seguiram para Robleda, nos pendores setentrionaes da serra de Jatama, que divide n'esse ponto a bacia do Douro da do Tejo. Entravam n'uma região alpestre, penetrando em valles formosissimos e pingues, onde as forragens abundavam. Robleda está nas cabeceiras do Agueda, confluente do Douro; e sobre a varzea de Valdarrago, na escosta da serra, agrupavam-se as aldeias de Valderenho, dominadas pelo castello de Santivanhes, da ordem de Alcantara. Dobrando para oeste, a contornar os pendores da serra, foram sair a Gata, nas nascentes do ribeiro que leva as aguas ao Alagon, que as leva ao Tejo. Desceram o valle ingreme até á foz, pouco acima da qual, na margem esquerda do Alagon, assenta Coria, destino ultimo da jornada. Na passagem da serra tinham soffrido com os temporaes. De uma vez, a ventania arrasou a tenda do condestavel. [1]

Quando Nun'alvares assentou o seu arrayal contra Coria, estava o rei de Castella em Burgos. De lá mandou o arcebispo de Toledo com milhar e meio de lanças em soccorro da cidade ameaçada; mas retiraram prudentemente sobre Salamanca, não se atrevendo a investir com o exercito portuguez que já tinha todas as suas forças reunidas. No dia immediato ao da chegada do condestavel, chegara o rei com a retaguarda. O exercito inteiro da revista da Villariça estava junto, sob os muros de Coria. [2]

Junho entrara já; o calor apertava. Estabelecia-se o cerco; destacavam-se álgaras até Plasencia, pelo valle do Alagon acima, para forragearem mantimentos. Deu-se um assalto, mas foi repellido. Os sitiantes não traziam comsigo

---

[1] *Chron. do Condestabre*, LVI.

[2] Lopes, *Chron.*, LXXV.

o pesado material dos cercos. A empreza oscillava, desprovida de direcção firme e energica. Nun'alvares, obedecendo, dizia porém ser loucura estar matando gente inutilmente contra os muros. Para elle, os cercos eram erros. Via claramente que, na insufficiencia de meios de um exercito improvisado sobre um reino vacillante, só as correrias aventurosas, os voos rapidos, as temeridades ousadas, podiam ser fecundas: [1] e nunca, a guerra, segundo as regras classicas da arte, apparatosas e graves, que seduziam a imaginação menos aguda do moço rei.

Depois de mallogrado o assalto, D. João I, na sua tenda, queixava-se melancolicamente:

— Grande falta nos fizeram hoje os bons cavalleiros da Tavola-redonda: se aqui fossem, de certo tomavamos este logar...

Nun'alvares, para quem a Cavallaria fôra mais do que uma formula de guerra e de côrte, calou-se. A Tavola-redonda, para elle, era já um altar sagrado; e a imagem do Galaaz da sua mocidade transfigurara-se por duas vias: transcendentalisando-se sob o influxo do pensamento, dissipando-se no contacto com a realidade. A imagem desvanecera-se, a ficção apagara-se, depois de o ter levado pela mão, como uma sombra, até ás portas do Reino-de-Deus. Mem Rodrigues, porém, o alferes da ala dos namorados, rapaz alegre, de lingua solta e coração ardente, respondeu quasi atrevidamente ao rei:

— Senhor, não fizeram aqui mingoa os cavalleiros da Tavola-redonda. Aqui está Martim Vasques, tão bom como Dom Galaaz, e Gonçalo, melhor do que Dom Tristão. Eis aqui João Fernandes Pacheco, egual de Lançarote; e estou eu que valho tanto como Dom Quea... Não fizeram mingoa os cavalleiros que dizeis: o que nos faltou aqui foi o bom rei Arthur, flôr-de-lyz, senhor d'elles, que conhecia os bons servidores...

---

[1] Lopes, *Chron.*, LXXVI.

Mem Rodrigues, rindo, estendia a mão para pedir. Não ficava isso mal na côrte; mas o rei, fazendo-se desentendido, respondeu:

— Nem eu excluia esse, que era cavalleiro da Tavola-redonda como cada um dos outros. [1]

A côrte de D. João I era como todas, sempre. O egoismo trajava as galas do requinte. Na Cavallaria estava o bom tom, e nos romances do cyclo de Arthur, a litteratura da moda. O requinte trazia comsigo a frivolidade. Quando nos lembramos de Valverde e da oração fervorosa entre os dentes da rocha dioritica do promontorio do Guadiana: erupção ignea da terra sobre a qual, em throno condigno, se dava a erupção de uma alma para o ceu; quando comparamos as correrias terriveis, quasi funebres, da phalange do condestavel; ou a vespera de Aljubarrota no medo horrivel da morte: com esta expedição de Coria, cerco similhante a um sarau, exercito já convertido n'uma côrte pela doçura inebriante da victoria da vespera: comprehendemos, perante o contraste, o silencio do condestavel. A Cavallaria não fôra para elle um divertimento, mas uma iniciação; a guerra não era um torneio, mas uma empreza dura e pratica; a vida não a olhava como um prazer, mas sim como um voto de dedicação extreme para a conquista do ceu. O silencio de Nun'alvares, no cerco de Coria, é revelador.

D. João I, porém, tinha a virtude de reconhecer a superioridade do seu condestavel. Junto d'elle sentia-se pequeno; mas conservava a fleugma necessaria para comprehender que essa mesquinhez era essencial á erecção do seu throno. Para consolidar a auctoridade sobre homens, é necessario ser-se até certo ponto como elles, reconhecendo porém a inferioridade do facto; pois a genialidade é inadequada ao exercicio da politica. E vendo que a empreza de Coria não adiantava; observando como os calores e as febres do es-

---

[1] Lopes, *Chron*, LXXVI.

tio fundiam, junto dos muros inaccessiveis, as hostes levantadas com tamanho sacrificio; considerando como o cerco durava já quasi um mez, sem se impedir sequer a entrada de reforços e mantimentos na cidade: o rei decidiu retirar. Julho começara, quando o exercito portuguez levantou arrayaes, passando a fronteira em Penamacor.

Ahi o exercito se separou. Licencearam-se em parte os contingentes dos concelhos, retiraram os fidalgos com as suas mesnadas. Nun'alvares seguiu por Ourem, e pela Certan, para o Alemtejo. [1] D. João I foi a Guimarães com o tio do condestavel, Alvaro Pereira, o marechal, que morreu na jornada. De Guimarães, o rei voltou a Lamego, onde concentrou forças para observar a fronteira. Constava que as lanças francezas já tinham entrado em Castella. [2] E os inglezes do duque de Lencastre? Vinham no mar; já tinham saido de Plymouth.

* * *

N'isto chegaram a Lamego, pelos fins de julho, João Gil do Porto e o escudeiro Gomes Eannes, portadores de cartas do duque, desembarcado, dias antes, na Corunha. [3] Vinha a armada portugueza de Affonso Furtado que levara a Inglaterra a noticia de Aljubarrota; e com ella uma grande frota de poderosos navios, [4] e uns milhares de ho-

---

1 *Chron. do Condestabre*, LVI.

2 Lopes, *Chron.*, LXXVIII.

3 *Ibid.*, XC. — 25 de julho.

4 180 navios, ao todo. «As naus eram de maravilhosa grandesa e structura; as galés traziam boas tripulações: a maxima de 300 remeiros, a minima de 180. (Virorum fortium manu bene refertæ. Quarum quædam cum CCC remigibus & minima earum cum centum

mens-d'armas. [1] Na ria de Betanzos tinham tomado seis galés castelhanas. A Corunha entregara-se sem resistir, descarregando em paz os navios. Vinham a bordo os duques de Lencastre e as suas filhas, com uma côrte numerosa, convencidos de que, para obter a corôa castelhana, bastava estender a mão. Vinha João de Hollanda, conde de Huntingon, irmão do rei de Inglaterra; vinha o duque de Leicester, e o condestavel britannico; e regressavam á patria, depois de mais de tres annos de ausencia, [2] os plenipotenciarios portuguezes, Lourenço Annes Fogaça e o mestre de Santiago. Este falleceu logo, deixando a filha que houvera de uma ingleza; [3] o primeiro foi directamente ao Porto ver-se com D. João I, que descera açodado de Lamego. O duque e os inglezes do seu exercito penetraram seguidamente na Galliza, que abria os braços ao marido de D. Constança, confiada na queda do representante da dynastia espuria de Trastamara, depois do golpe terrivel de Aljubarrota. Santiago rendeu-se á filha do assassinado de Montiel. [4] Tanta era a segurança, que a armada, em que tinham vindo, regressou a Inglaterra. Faltava sómente unirem-se as forças alliadas dos portuguezes, para penetrarem juntos em Castella, e n'este sentido levara cartas e instrucções o Fogaça.

Por seu lado, o castelhano, esperando a chegada do duque de Bourbon com as duas mil lanças de Carlos VI de França, instava com a Galliza para que resistisse; sem ousar tomar a offensiva, emquanto demorava os movimentos

---

octiginta.—Knyghton, *De Event. Angliæ*, col. 2676.) A esquadra portugueza do Furtado constava de 6 galés e 12 naus.

[1] Variam os numeros. Knyghton, *ibid.*, diz 2:000 h. d'armas e 8:000 archeiros: Froissart *(Chron.,* III, 32) 3:200 lanças e 3:000 archeiros; Lopes, *(Chron.,* LXXXIII) 2:000 lanças e 3:000 archeiros; Froissart, *ibid.*, diz que, na sua casa, o duque trazia mil creados.

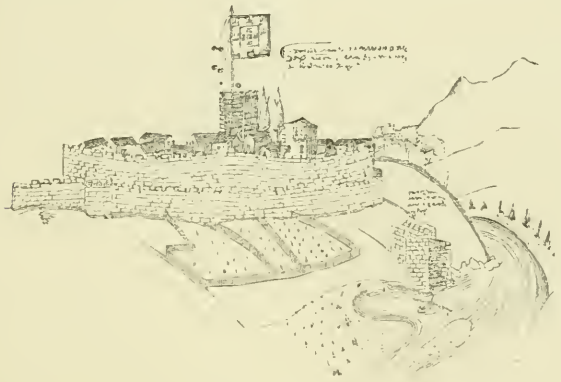
[2] ... «tinham ficado 3 annos, 3 mezes e 25 dias em Inglaterra.»—Lopes, *Chron.,* XC.

[3] *Ibid.*

[4] *Ibid.*

do inimigo, entretendo negociações. [1] E D. João I, no Porto, depois de ter mandado por Nun'alvares ao Alemtejo, [2] despachou para a Galliza, a comprimentar o duque, Vasco Martins de Mello e o plenipotenciario Fogaça, com cartas e instrucções relativas á entrevista que teria logar na fronteira do Minho. [3] Já então principiava a tratar-se o casamento do novo rei de Portugal com a filha do duque, D. Philippa.

Entretanto, de Santiago, os inglezes proseguiam para o sul, atravessando a Galliza, direitos á raia portugueza. Tinham parado em Cela-Nova, deixando Orense atraz. Agosto, setembro e já parte de outubro, eram passados. Do Porto, D. João I largou, e, no caminho, em Ponte-da-Barca, encontrou Nun'alvares; [4] juntos seguiram para o Minho. Em Cela-Nova ficaram a duqueza e as filhas, adiantando-se o duque sobre Melgaço, obra de seis legoas. Do lado opposto, D. João I e o condestavel subiam o Minho



Monção

(do *Livro de Duarte d'Armas*, no Arch. nac.)

por Monção. «E indo assim seu caminho da parte d'aquem

---

[1] Lopes, *Chron.*, LXXXIX.

[2] *Chron. do Condestabre*, LVII

[3] Lopes, *Chron.*, XCI.

[4] *Ibid.*, XCII; *Chron. do Condestabre*, LVII; cf. Froissart, *Chron.*, III, 38.

da Ponte-do-Muro, o duque appareceu da outra parte que vinha por apar de Melgaço.» [1] Era dia de Todos-os-Santos. Viam-se pela primeira vez, o duque, e os dois rapazes, [2] senhores de Portugal. O inglez era homem feito, [3] alto, e esguio como um pinheiro: [4] passava por ser a creatura mais libertina da Inglaterra.

Encontravam-se, contrastando, na varzea dilatada do Minho, a côrte esplendida dos inglezes e a hoste soturna portugueza. D. João I levava comsigo quinhentas lanças, dois mil homens, e quarenta cavallos d'estado, de telizes bordados com as armas e a *tenção* do rei. Sobre os loudeis de fustão branco rutilavam, cor de sangue, as cruzes de S. Jorge, [5] encobrindo as cotas enferrujadas e rotas pelo serviço de uma guerra tão demorada: cotas pobre e ingenuamente mosqueadas de ornatos e brazões quasi barbaros, ou simples lorigas de couro atanado, ou *pratas* chapeadas que cobriam o tronco, [6] sem gala nem esplendor: vestuario guerreiro constante [7] d'esta gente pequena, trigueira e bisonha, affeita á guerra bravia e ainda ignorante do luxo e das doçuras da vida. Apenas D. João I, completamente armado, salvo o bacinete que substituira por uma gorra, levava loudel [8] de seda. [9] Do lado opposto, os

---

1 Lopes, *Chron.*, XCII.

2 26, 28 annos.

3 46 annos; nascera em Gand, em 1340; cf. Imhoff. *Hist. gen.*, I, 6, tab. 7.

4 Este Dom Johão. Duque de Alencastro, era homem de bem feitos membros, comprido & direitos & nom de tantas carnes como requeria a grandeza do seu corpo... & de boa palavra nom muite trigosa: misurado & de boas condições.» — Lopes, *Chron.*, LXXXIX. — Cf. *Os filhos de D. João I*, do A, p. 5, 6.

5 Lopes, *Chron.* XCII.

6 Cf. *Ord. aff.* I, tit. 71; cap. 1.

7 Lopes, *Chron.*, X.

8 Brial ou manto sem mangas, que se vestia sobre a cota. — *Ord. aff.*; *ibid.*

9 Lopes, *Chron.*, XCII.

inglezes «flor da cavallaria do mundo» [1] traziam meio cento de barões e cavalleiros herculeos, azues e louros, com trezentos homens d'armas e seiscentos archeiros de pé e de cavallo: os terriveis archeiros montados, que o condestavel João de Hollanda commandava. [2] O luxo dos mantos, ou jorneas, de velludo de França, de pannos de Flandres, bordados e farpados, a prata e ouro, [3] cobrindo as armaduras reluzentes: a attitude imperial das cabeças, erguendo os barretes emplumados, e o desdem protector dos olhares, enchiam a nossa gente de um retrahimento invejoso, agravado pela separação forçada que impunha o desconhecimento reciproco da lingua.

N'esse dia, o duque deu de jantar ao rei, nas tendas improvisadas, mas tão deslumbrantes de baixellas e tapeçarias, [4] que se diria ser festa n'um dos opulentos palacios inglezes. No salão do banquete, ao fundo e transversalmente, estava a meza real sobre um tapete de flores, sob um docel de bandeiras de brocado de ouro com as armas de Inglaterra, França e Castella esquartelladas: leopardos, leões e flores-de-lyz. Ladeavam-na bufetes com as iguarias e baixellas, guardados por archeiros gigantes, empunhando arcos da altura de um homem; [5] e detraz dos bufetes erguiam-se tablados, um com as trombetas e atabales, outro com os menestreis e cantores, que se alternavam durante o festim, atroando-o com o estampido agudo dos metaes e o rufo surdo das caixas, ou embalando-o com os córos dos cantores e as toadas rimadas, á moda arabe, das cantigas dos trovadores. No centro da *alta-meza*, n'um logar

---

[1] Lopes, *Chron.*, XLIII.

[2] Froissart, *Chron.* III, 38.

[3] «Os do duque traziam cotas e braçaes com jorneas bordadas e outras farpadas, assaz de vistosos e bem corregidos.» — Lopes, *Chron.* XCII.

[4] «Et etoient... chambres et salles toutes parées de l'armoirie et des draps de haute lice et de broderie du duc.» — Froissart, *Chron.* III, 38.

[5] Seis pés = m. 1,80.

eminente, sentava-se o rei de Portugal; ao lado, mais baixo, o duque de Lencastre. [1] Com ambos, comiam os bispos de Braga, do Porto, e outro; e os dois condestaveis Nun'alvares, e João de Hollanda, irmão do rei de Inglaterra. Lopo Fernandes Pacheco, um dos filhos de Diogo Lopes, era o escanção do rei; o cavalleiro Thierry de Saumaire, do Hainaut, era o do duque.

Ao longo do salão, dos dois lados, ficavam, perpendicularmente sobre a primeira, as duas mezas da côrte. Na da direita, o centro de honra era para as «santas ordens da cavallaria» portugueza. Faltavam porém os mestres: o de Santiago, D. Fernando Affonso d'Albuquerque, morrera ao voltar de Inglaterra, terminada a sua missão; o de Christo, D. Lopo Dias de Sousa, jazia enfermo em Thomar; de Aviz era mestre ainda o rei. Em logar dos mestres, portanto, sentavam-se D. fr. Fernão Rodrigues de Siqueira, commendador-mór d'Aviz e futuro regente de Portugal, durante a empreza de Ceuta; e o velho Diogo Lopes Pacheco, salvo, pela revolução, do exilio em que expiava o assassinio de D. Ignez de Castro. Ficava-lhe ao lado o filho João Fernandes: o outro era o escanção do rei. Do lado opposto, sentava-se Vasco Martins de Mello, o *velho;* depois Lopo Dias de Azevedo, cujo avô morrera em Aljubarrota; depois Gil Vasques da Cunha, alferes mór, e os mais: velhos de cabeças pendidas coroadas de cans, rapazes no viço da vida: os detritos do Portugal remoto, e os rebentos da nação nova que n'esse dia, illuminada pelo clarão da victoria, tomava assento ao banquete dos povos da Europa.

Em frente, a mesa opposta era a do clero, presidida pelo abbade de Alcobaça, D. João de Ornellas, o poderoso senhor de quinze villas e dois castellos, fronteiro de quatro portos na costa. Sentavam-se com elle o prior de

---

[1] «Le roi de Portugal au milieu de la table et le duc de Lancaster un petit au dessous de lui.» — Froissart., *Chron.* III, 38.

Santa Cruz de Coimbra, e, além dos clerigos, varios fidalgos: João Rodrigues de Sà, João Gomes da Silva, copeiro-mór, Mem Rodrigues de Vasconcellos, que depois foi mestre de Santiago, e outros. [1] De pé, em volta das mezas, os fidalgos inglezes serviam as poderosas iguarias do banquete aos seus convidados portuguezes. E pelas aberturas das tapeçarias suspensas, entrava a luz doce de uma tarde outomnal na veiga opipara do Minho, onde o povo bisonho dos camponezes se acotovelava, com os olhos esbugalhados de cobiça e gula, vendo, ouvindo, cheirando, a riqueza quasi phantastica, a musica estonteadora, e os manjares successivos que se serviam: [2] iguarias extravagantes, em que o réquinte do luxo se casava incongruentemente com a barberie, n'essa epocha indecisa e confusa entre a tradição da Antiguidade culta e as lembranças actuaes do viver desvairado nas guerras e depredações. A antithese e o grotesco, expressão typica da Edade-media, viam-se nas jogralidades e truanices com que os chocarreiros e histriões provocavam o riso animal, nas bocas escancaradas para ingerir avidamente: riso efficaz e digestivo, sobre estomagos repletos.

Aos histriões e arautos, mandou o duque distribuir duzentos *nobres* de ouro. [3] Para o povo amontoado, ficavam os restos do banquete opiparo. E quando, terminado o festim, o mordomo do duque entregou ao arauto a dadiva, elle avançou para a meza real, gritando:

— Grandeza! grandeza! do mui alto e muito poderoso senhor João de Gaunt, rei de Castella e Leão, duque de Lencastre.

E todos os arautos e menestreis gritaram em còro:

---

[1] Froissart, *Chron.* III, 28.

[2] «Le diner fut grand et bel et bien estouffé de toutes choses et y ot la grand foison de menestrieux qui firent leur metier.» — Froissart, *Chron.* III, 28.

[3] *Ibid.*

— Grandeza! grandeza! [1]

Começava a escurecer. O susurro era grande. Os fidalgos saiam, digerindo. O povo entrava, como uma cheia, para devorar os restos.

No dia seguinte, os portuguezes banquetearam os inglezes, retribuindo a festa. A tenda do rei de Castella, tomada em Aljubarrota, e que servira para as conferencias, [2] não chegava: ampliaram-na com caramanchões de ramos e folhagens, ao longo da margem. [3] A' falta de opulencia, a festa apresentava o cunho de simplicidade pittoresca e forte, quasi épica. Nun'alvares era o vedor. [4] A comida foi tambem opipara. [5]

Terminada a conferencia, o rei voltou ao Porto, [6] e Nun'alvares com um cento de lanças foi acompanhar á Galliza o duque, [7] regressando ao Alemtejo a organisar a sua hoste para a campanha do anno novo. [8]

Que se ajustara na conferencia?

Em primeiro logar, o duque de Lencastre, pretendente á corôa castelhana, abdicava dos allegados direitos d'esta sobre Portugal, reconhecendo a monarchia de Aviz; em segundo logar, cederia ao seu alliado portuguez certas praças rayanas, assim que se sentasse no throno castelhano; em terceiro logar, e em compensação, D. João I prestaria ao alliado um contingente de duas mil lanças, mil bestei-

---

1 *Du devoir et de l'off. des her.*, in Ducange, *Diss. sur l'hist. de S. Loys, etc.* Coll. Petitot, III., 101. — Cf. Villa Franca, *D. João I e a all. ing.*

2 Lopes, *Chron.* XCII «.. naquella tenda *hu forom os conselhos.*»

3 «Avoit on sur les champs fait feuillées et logis grands et plantureux de la partie du roi de Portugal et là alla diner le duc avecques le roi.» — Froissart, *Chron.* III, 38.

4 «Nuno Alvares Pereira, condestabre de Portugal era alli Veedor.» — Lopes, *Chron.* XCVIII.

5 «Lequel diner fut tres bel et bien ordonné de toutes choses.» — Froissart III, 38.

6 Lopes, *Chron.* XCIV. — 10 de novembro.

7 Froissart. *Chron.*, III, 38.

8 1387.

ros e dois mil peões, mantidos á propria custa, desde o primeiro dia das oitavas do Natal, até o fim de agosto do anno futuro; em quarto e ultimo logar, finalmente, D. João I casaria com a filha do duque, D. Philippa, [1] preferindo-a á outra, que depois foi rainha de Castella, por esta ser filha de D. Constança, e poderem vir d'ahi complicações even - uaes com o reino visinho.

Esta preferencia está-nos revelando o intimo pensamento da politica de D. João I, e explicando o segredo da sua attitude posterior com os alliados. Parece fóra de duvida que D. João I não acreditava no exito da revindicação da corôa castelhana pelo duque de Lencastre, e é natural que a não desejasse. Convinha-lhe mais, para a consolidação do seu throno, ter em Castella a monarchia que estava, do que substituil-a pelos inglezes que, no dia seguinte á enthronisação, de alliados, se tornariam inimigos a cuja mercê ficaria. Convinha-lhe, porém, era-lhe até in - dispensavel, usar d'essa arma antipathica dos inglezes, para ameaçar e conter com elles os castelhanos. Não o cegavam os louros ceifados em Aljubarrota. Castella fôra vencida, mas não ficara rendida. Com as forças do reino inimigo, com o proposito irritado do seu rei, poderia ver-se forçado a jogar outra vez n'uma cartada tudo quanto havia ganho. E podia perdel-o. Por isso não queria para si a filha do segundo matrimonio do duque, a filha de D. Constança, porque, tornando-o um quasi pretendente á corôa de Castella, crearia um novo motivo de hostilidade irreconciliavel. D. Philippa, alheia a essa ascendencia, não acarretava similhantes complicações.

Ainda assim, D. João I não se submetteu de bom grado á idéa do casamento. Porque? Por ter ordens, como mestre d'Aviz? Não é natural. A consciencia do tempo não se offendia com taes obices, de resto eliminados sempre por quem os podia supprimir: o papa. Com effeito, Urbano VI

---

[1] Lopes, *Chron.* XCIII.

não recusou a absolvição. [1] Seria pelas suas relações amorosas com a filha de Pero Esteves, Ignez Pires, de quem tinha dois filhos: [2] D. Affonso, o futuro conde de Barcellos e duque de Bragança, e D. Beatriz que veiu a casar com o conde de Arundel? Tampouco; pois as mancebias constituiam laços, parallelos sempre ao casamento. A repugnancia do rei, [3] portanto, ha de filiar-se ainda nas razões de ordem politica. Talvez entendesse que o casamento o ligava demais ao alliado, de que apenas se queria servir para enfraquecer o inimigo, não para o esmagar.

Como quer que fosse, porém, teve de se casar, encarregando ao arcebispo de Braga e a João Rodrigues de Sá a missão de lhe ir buscar a noiva a Cela-Nova, onde o duque tinha a côrte, ou acampamento. Trouxeram-na para o Porto, hospedando-a no paço do bispo. [4] Já Nun'alvares regressara do Alemtejo para a campanha do norte, quando, no dia da Purificação, [5] o rei se casou no Porto apressadamente. Tinha de ser; não podia addiar-se mais, porque entrava a septuagesima. [6] E todavia este casamento, feito assim, contra vontade, foi o acto porventura mais fecundo em consequencias felizes para o rei de Portugal! Tanto as decisões dos homens, ainda as que parecem mais seguras, por pensadas e deliberadas, estão sujeitas á acção de causas imprevistas...

Já o rei estava casado, quando chegou o contingente levantado por Nun'alvares no Alemtejo: mil e duzentas lanças com os seus besteiros e peões. [7] Preparavam-se as

---

[1] V. as bullas de absolvição em Sylva, *Mem. etc.;* doc. 9 e 10, no vol. IV.

[2] V. as *Mem.* sobre o casamento e nascimento do primeiro duque de Bragança, em Sylva, *Mem. etc.*; doc. 14, n. 8, no vol. IV.

[3] «Il s'etoit un petit dissimulé devers le duc de Lancastre de non sitot prendre sa fille pour mouiller.» — Froissart, *Chron.*, III, 52.

[4] Lopes, *Chron*, XCIV.

[5] 2 de fevereiro, 1387.

[6] Lopes, *Chron.* XCV a VIII; Cf. *Os filhos de D. João I*, do A. p. 7 a 10.

[7] *Chron do Condestabre*, LVII.

tropas para a campanha. Já deviam ter saido havia dois mezes, pelo Natal, conforme os tratados. Já as amendoeiras começavam a florir no valle agreste do Douro. A primavera tornava.

* * *

O duque de Lencastre não protestara contra este addiamento de mais de dois mezes no romper da campanha, porque o rei de Castella, esperando os soccorros francezes, o entretinha offerecendo-lhe a mão do seu herdeiro para D. Catharina, a filha de D. Constança, ainda solteira, e portanto a successão da corôa. Mallogrando-se porém as negociações, e resolvido a entrar em campo, o duque avançara de Cela-Nova para leste, transpondo a fronteira portugueza, para fazer a juncção, com as forças alliadas, em Bragança. Pelo meiado de março chegava com o resto do seu exercito a Castro-d'Avellans. Tinham desembarcado cinco mil homens; mas a campanha da Galliza e as doenças reduziam já essa força á quarta parte, metade lanças, metade archeiros. Tres quartas partes tinham morrido. Dias depois, chegou D. João I com a rainha e o condestavel, adiante de uma hoste de tres mil lanças, dois mil bésteiros, quatro mil peões: nove mil homens, numero superior ao convencionado, porque o rei, sabedor dos tratos em que o duque andara, mais se tinha de acautellar ainda, em terra inimiga. Transpozeram juntos o Sabor, avançando para a fronteira até Babe, onde se fez a juncção das forças. Ahi o duque assignou o termo de desistencia aos seus direitos eventuaes sobre Portugal, conforme as convenções de novembro em Ponte-de-Muro, [1] para obtem-

[1] 26 de março. V. o termo em Sylva, *Mem. etc.* doc. n. 11, no tom. IV p. 67-71.

perar á frieza desconfiada de D. João I. A rainha voltou, n'esse dia, de Babe para Coimbra. Na vespera [1] o exercito alliado, pouco mais de dez mil homens, transpuzera a fronteira por Alcanizes. O rei e o duque iam juntos na retaguarda. Na ala direita iam o prior do Hospital, os Vasques, e a cavallaria de Christo (sem o mestre que enfermava em suas terras) levando um grande *prumão* n'uma lança d'armas, pois a ordem perdera a bandeira, quando o seu mestre fôra preso, com o prior do Crato, em Torres-Novas. Na ala esquerda iam Gonçalo Vasques Coutinho, Mem Rodrigues de Vasconcellos, e outros. Entre as duas alas formava a bagagem. E na vanguarda, que o rei quizera dar ao duque, mas que Nun'alvares lhe não cedeu, ia, com o condestavel inglez João de Hollanda, o nosso, cuja fronteira alemtejana Vasco Martins de Mello, com seus filhos Gonçalo e Martim, ficava guardando. [2]

A marcha invasora não encontrava obstaculos. O rei de Castella, impossibilitado de resistir, emquanto lhe não chegassem os soccorros de França, mandara as guarnições das terras encerrarem-se nos castellos, abandonando o campo á depredação dos inimigos que, subindo o valle do Esla, se dirigiram a Benavente, obra de oito legoas da fronteira. Na vespera de Ramos [3] tinham transposto a ribeira de Palomino abaixo de Tabara; tres dias depois assaltavam Benavente, sendo repellidos. Benavente, defendida pelo seu duque, está quasi no centro da linha de fortalezas que, descendo de norte a sul, desde Leon até Salamanca, defendia a fronteira. Em Salamanca estava o infante D. João, filho de Ignez de Castro, livre desde que o mestre de Aviz se proclamara rei; mais acima, em Zamora e Toro, sobre o Douro, commandava o mestre de Santiago; e para Leon fôra o proprio rei de Castella.

---

[1] 25 de março,

[2] Lopes, *Chron.* XCIX e C.

[3] 31 de março.

Repellidos de Benavente, os invasores proseguiram pelos dois valles em que as cabeceiras do Esla alli se dividem, avançando n'um por Matilla até Valderas, n'outro até Roales, levando por toda a parte o saque e o incendio. Mas, quer n'um, quer n'outro ponto, a marcha invasora teve de retroceder perante a resistencia que lhe oppunha o duque de Benavente. Voltaram, pois, ao ponto de partida, consumidas duas semanas n'estas correrias inuteis, e, cercando Benavente, conseguiram entral-a. No saque, brigaram inglezes e portuguezes. De Benavente, obliquando ao sul, foram sobre Villalpando que tambem tomaram; mas o rei de Castella, deixando Leon, viera pelo interior com as forças disponiveis reforçar as guarnições da linha do Douro, appoiadas, na retaguarda, sobre Salamanca. Todos os dias esperava a chegada dos francezes. [1]

A campanha estava paralysada. Nem uma cidade castelhana se pronunciava pela filha de D. Pedro I. O exercito alliado, victorioso, era todavia impotente para vencer a resistencia passiva do inimigo que, aconselhado pelos archeiros francos, se soccorria á tactica salvadora da França depois de Crecy e Poitiers, fechando-se nas suas fortalezas, picando constantemente a marcha aos anglo-lusos com o esquadrão de quinhentas lanças do duque de Benavente. De Villalpando, ainda fizeram uma excursão até Castro-Verde; mas o unico resultado foi a morte de Gonçalo Vasques Coutinho. Ruy Mendes de Vasconcellos morreu de um virotão que se lhe pegou por cima do mangote. D. João I, satisfeito por ver as cousas seguirem a seu talante, dizia ao Lencastre que era impossivel tomar as cidades castelhanas, uma por uma. Ninguem se pronunciava; o exercito fundia-se. O calor, [2] a

---

[1] Lopes, *Chron.*, CI a CX.

[2] «Anglois étaient là nourris d'ardeur et de chaleur... Ils mourroient sur le chemim de chaud... avoient... fièvres et frissons par les grandes chaleurs.» — Froissart, *Chron.*, III, 78.

embriaguez, [1] a dysenteria [2] e a peste [3] collaboravam. Não estava indicada a retirada? Fosse a Inglaterra buscar novas forças. Havia fome; os campos que pisavam tinham-se esgotado. As doenças ferviam, dizimando o exercito; e os que a morte poupava, acabavam assassinados á traição pelas devezas perdidas. [4] O inimigo não queria jogar a sua sorte n'uma batalha campal. E o casamento de D. Catharina?

No estado a que as cousas tinham chegado, esta idéa não deixava de sorrir ao inglez. A situação aggravava-se todos os dias. Maio entrara já. Os calores apertavam; se os portuguezes, affeitos ao clima, não soffriam com elles, para os inglezes eram mortaes as insolações. [5] E, se os nossos alliados, inteiramente perdidos de desanimo, [6] perderam de todo a esperança quando viram cair enfermo o proprio duque, [7] os portuguezes, assaltados pela noticia da entrada dos castelhanos na Beira e da tomada de Campo-maior pelo mestre de Calatrava, desejavam pôr termo rapido á campanha. De commum accordo decidiram retirar sem demora.

---

[1] «Les vins ardents et forts leur rompoient les tetes et sechoient les entrailles.» — Froissart, *Chron.*, III, 78. — «Ces archers buvoient tant qu'ils se couchoient les plus du temp ivres» — *Ibid.* 23.

[2] «Huus morrion de pestelença e outros de correnca.» — Lopes, *Chron.*, C.

[3] Moururent de la morille douze barons d'Angleterre et bien quatre vingt chevaliers et plus de deux cents écuyers tous gentils hommes... d'archers et telles gens plus de cinqcents.» — Froissart, *Chron.* III, 70.

[4] «D'elles matauam (os castelhanos) por esses boscoens & deuezas os que achauom andar buscando mantimento pela terra.» — Lopes, *Chron.*, C.

[5] «Ceux de Portugal portoient assez bien cette peine car ils sont durs et secs et faits à l'air de Castille.» — Froissart, *Chron.* III, 79.

[6] «Il n'y avoit si preux, si riche, ni si joli qu'il ne fut en grand effroi de lui-même et qui attendit autre chose que la mort.» — *Ibid.*

[7] Le duc chey en langueur et en maladie... très perilleuse.» — *Ibid.*. 81.

Marcharam, pois, rapidamente para o sul, sobre o Douro, que passaram duas legoas acima de Zamora, contra Santa-Maria-do-Viso. Era meiado de maio.[1] D'ahi, seguindo na mesma direcção, por Corrales, foram cruzar o Tormes, entre Ledesma e Salamanca, d'onde o infante D. João saiu com trezentas lanças, que Nun'alvares varreu para longe.[2] Passado o Tormes, na marcha parallela á fronteira, dobraram francamente para oeste, em direcção de Almeida. Quando tinham de cruzar o Agueda, proximo de Ciudad-Rodrigo, o infante D. João, com mais forças, intentou cortar em dois o exercito alliado na passagem do rio, não o conseguindo, porém, apezar da rija batalha ahi ferida; e quando, vencedores, acamparam contra Ciudad-Rodrigo, o duque e os inglezes decidiram partir por Castella com cartas de salvo-conducto que tinham do rei, para irem por terra até á Gascunha. D. João I, surprehendido, teve de supportar a sem ceremonia do alliado, que fingia achar natural a defecção.[3]

De Aldea-do-bispo, junto de cuja ponte se dera a batalha do Agueda, D. João I passou o Valle-da-Mula, entrando em Almeida. Estava em Portugal, quando por fim chegavam a Logroño, já tarde e inutilmente, as duas mil lanças do duque de Bourbon, que retiraram a França, sem combater.[4] De Almeida, o rei foi a Trancoso, desolado pela maneira como o sogro o burlara, quando era elle que queria exploral-o. A campanha acabava sem grave transtorno para o castelhano, junto do qual o duque negociava, agora que perdera as maiores esperanças, o casamen-

---

1 Dia 15. — Lopes, *Chron.*, CXI.

2 *Ibid.*

3 «Elrei ficou maravilhado quando uia tal partida e o duque e sua mulher não mostraram que faziam d'isso conta.» — Lopes, *Chron.*, CXIII.

4 *Ibid.*, CXIV.

to da filha. Nun'alvares partira logo de Almeida para o seu posto alemtejano;[1] e o rei, depois de uma romaria a Guimarães, recolhia a Coimbra, onde tinha a esposa. A meia jornada do Porto, no Curval, adoeceu com febres.[2] Trouxeram-no a Coimbra quasi morto; mandaram chamar o condestavel que veiu correndo. Terminaria assim, estupidamente, a empreza de longos e duros annos de combates e sacrificios? A pobre rainha já se considerava na viuvez. Debulhada em lagrimas, foi provavelmente ella que pediu ao pae para vir a Coimbra, de Castella onde rematava a expedição, negociando o casamento[3] da segunda filha com o herdeiro da corôa, D. Henrique.

D. João I salvou-se; o duque partiu para o Porto, a embarcar nas galés do Furtado com proa a Bayona; o condestavel regressou por Ourem ao Alemtejo,[4] onde, porém, a sua demora não excedeu tres mezes, porque em dezembro estava com o rei nas côrtes de Braga.

* * *

Foi um mez de crise, dezembro. Procurador dos fidalgos nas côrtes, Nun'alvares, cuja personalidade integra não se moldava a ser voz de ninguem, mas unicamente o defensor das idéas proprias, parece não ter agradado, no modo como apresentou os seus capitulos ao rei. Offendido, proferiu uma sentença classica, lição eterna para o manejar de homens: «Quem serve o commum, não serve nenhum!»[5] Mas o golpe inesperado que o feriu em

---

[1] *Chron. do Condestabre*, LVII.

[2] «Grande dor de quentura.»—Fins de julho.—Lopes, *Chron.* CXVI.

[3] *Ibid.*, CXIX,XX.

[4] *Chron. do Condestabre*, LVII.

[5] Lopes, *Chron.*, CXXXI; *Chron. do Condestabre*, LVIII.

Braga foi a morte prematura da mulher, cujo cadaver conduziu ao Porto, para lhe dar o jazigo escolhido pela fallecida em seu testamento.[1] A filha orphan foi para Lisboa viver na companhia da avó, Iria Gonsalves.[2] A rainha D. Philippa, com a sua idea de casar toda a gente, queria logo dar outra esposa ao condestavel, viuvo aos vinte e seis annos; mas viuvo carnalmente estava elle desde muito, e por verdadeira esposa tinha só a sua espada, ou antes, a illuminação interior do seu espirito. A noiva era D. Beatriz de Castro, filha do conde Alvaro Pires de Castro, o que tanto lhe embaraçara os primeiros momentos da sua vida activa, em 1384: havia já quatro annos, que pareciam quatro seculos—tantas voltas dera o mundo! Esquivamente respondeu á rainha:

—Para offerecer a D. Brites os braços, era preciso que estivessem desarmados, e não convem ainda largar a espada.[3]

Perseguido pela teima insistente da boa ingleza, fugiu de Braga. Franzida a testa, dizia comsigo que, n'essa terra, pairava sempre sobre elle uma nuvem negra.[4] Tornado ao seu Alemtejo luminoso e amplo, desabafava, respirando a pulmões cheios. Sem dar treguas a si proprio, sabendo em Evora que o mestre de Santiago se preparava para vir assolar Estremoz, arrolou gente, levantou a comarca e impediu a invasão.[5] Mas logo de Ourique lhe pediram soc-

---

[1] D. Leonor jaz sepultada no convento das dominicas de Villa Nova de Gaya, fundado por sua avó. João Pires d'Alvim e sua mulher D. Branca, paes de D. Leonor, tinham beneficiado muito o mosteiro de *Corpus*. O viuvo, em cumprimento do testamento de sua mulher, deu ás freiras a quinta de Reboredo, no Barroso, junto a um sitio onde ellas já tinham outra. —Fr. Luis de Sousa, *Hist. de S. Domingos*, I, liv. IV, 5; *Mon. lusit.* VIII, 23,3; Sant'Anna, *Chron. Carm.* III, § 2, 686.

[2] *Chron. do Condestabre*, LVIII.

[3] Sant'Anna, *Chron. Carm.* III, 938.

[4] *Chron. do Condestabre*, LVIII.

[5] *Ibid.*, LIX; Lopes, *Chron.*, CXXXIII.—Fevereiro (?) de 1388.

corro contra o conde de Niebla. Largou do Redondo, entrou em Monsaraz, onde soube da *razzia* feita por castelhanos e gascões na Vidigueira:[1] tinham saqueado a terra, levando a gente captiva para Villa-nueva-del-Fresno, além da fronteira. Estavam impando de alegria, alli, a quatro legoas. Largou. De madrugada, achava-se em frente da torre da villa, onde o gaudio originava o descuido Deixaram a distancia os cavallos; avançaram a pé, escondidamente, e de repente com um bradar tremendo:

— Portugal! Portugal!

entraram ás estocadas pelas ruas, assaltando a torre. Ahi foi Nun'alvares ferido n'uma coxa: o virote esfarrapou-lhe a sella da mula. Mas todos os captivos da Vidigueira regressaram a casa libertos.[2]

Emquanto Nunalvares assim defendia o sul do reino, D. João I, ao norte, ia, de Braga, cercar Melgaço.[3] Repellido o assalto, passou o Minho, tomou Salvatierra, na Galliza, em frente de Monção, e voltou contra Melgaço que se rendeu depois de um ataque terrivel.[4] Consolidada a fronteira do Minho, o rei desceu a Lisboa, e passou ao Alemtejo, a unir-se ao condestavel para a tomada de Campomaior. Era agosto. Aos tres mezes, depois de varias correrias, Campo-maior capitulava.[5] No sul acontecia como no norte: os castelhanos eram varridos para além da fronteira; mas, não bastando estes ultimos episodios da guerra defensiva para convencer o inimigo a pactuar, D. João I, que toda a primeira metade do anno seguinte se conservou quieto, foi no verão pôr cerco a Tuy.[6] Tomava a offensiva. Não era uma correria franca; era o assalto e a conquista de

---

1 Lopes, *Chron.*, CXXXII.

2 *Chron. do Condestabre*, LIX.

3 Janeiro.—Lopes, *Chron.*, CXXXIV a VI.

4 3 de março.

5 15 de outubro.— *Chron. do Condestabre*, LX; Lopes, *Chron.*, CXL.

6 Agosto, 2?, de 1389.

outra cidade (já tinha Salvatierra) além do Minho, na Galliza, para onde porventura houvesse renascido o velho pensamento de estender o Portugal historico. Tuy capitulou antes que, descidos de Leão, onde o rei castelhano estava, chegassem os soccorros enviados.

Esta nova estocada decidiu o inimigo a negociar as primeiras tregoas. Veiu a Braga, entender-se com D. João I, fr. Fernando de Illescas, confessor do rei de Castella. O nosso nomeou o prior do Hospital, fr. Alvaro Gonsalves e o diplomata Fogaça, para negociarem «amor e avença.» [1] Assignou-se a tregoa em Monção: [2] durava por tres annos, devolvendo cada qual as praças que retinha para além das fronteiras dos dois reinos, e ficando neutralisadas Miranda-do-Douro e o Sabugal, nas mãos do prior do Hospital. Expirados os primeiros tres annos, a tregoa, a não ser denunciada, duraria por outros tres. A guerra tinha de facto acabado, e a nova dynastia era virtualmente reconhecida.

Um anno depois, morria de subito, derribado por um cavallo, o rei castelhano. [3] Tinha onze annos apenas o marido de D. Catharina, successor do reino. Nos dois thronos, de Castella e Portugal, sentavam-se as duas filhas do duque de Lencastre. Quando, em 1393, expiraram os primeiros tres annos da tregoa, a regencia de Castella renovou-os por onze. [4] Era de facto a paz; mas sem o reconhecimento formal do novo rei.

A jornada do duque de Lencastre a Hespanha, se lhe

---

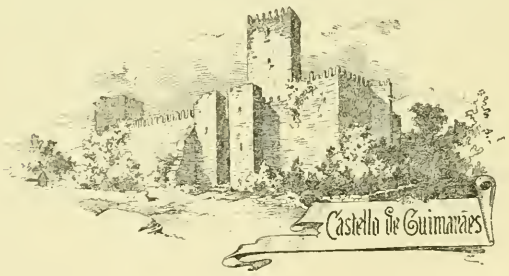
[1] Lopes, *Chron.*, CXLI.

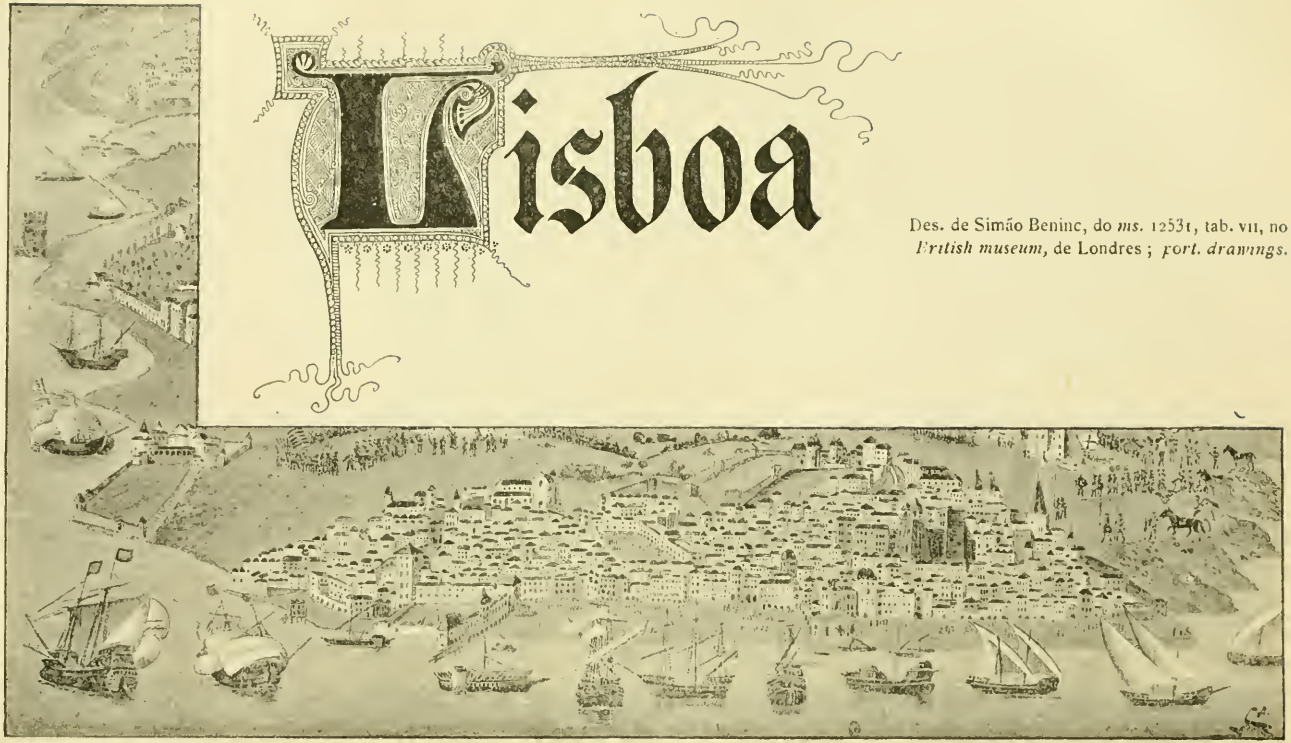
[2] *Ibid.* — 29 de novembro. Cf. Sylva, *Mem. etc.*, II, 948.

[3] 9 de outubro 1390, em Alcalá, com 32 annos de edade e 11 de reinado. — *Ibid*, CXLVII.

[4] 15 de maio. — *Ibid.*, CL. Onze annos a correr, com quatro decorridos, elevavam a tregoa a quinze. Sabugal e Miranda, que em 1390 tinham ficado neutralisados, voltavam a Portugal; estatuia-se a troca e libertação dos prisioneiros de guerra; e entregavam-se refens, substituidos de 4 em 4 annos, ao prior do Hospital. Os negociadores foram este e João das Regras. Cf. Sylva, *Mem. etc.*, II, 950.

não dera, portanto, a corôa de Pedro I, permittira-lhe collocar no throno portuguez uma filha, e outra no primeiro degrau do castelhano, a que breve subiu tambem. Rainhas, as duas irmãs inglezas, nos dois principaes estados da Hespanha: este facto contribuiu poderosamente para o estabelecimento da nova dynastia de Aviz, levantada porém sobre os escudos da vontade nacional com o heroismo do condestavel, e com o tacto do Defensor do reino. Apesar de todos os contratempos, a expedição mallograda de João de Gaunt não deixou de produzir um resultado efficaz para elle, porque lhe coroou rainhas ambas as filhas; e para nós, porque essa irmandade real ultimou a pendencia de longos annos, e o abençoado casamento de D. João I produziu a pleiade gloriosa dos seus filhos.




Lisboa

Des. de Simão Beninc, do *ms.* 12531, tab. VII, no *British museum*, de Londres ; *port. drawings.*

IX

A sociedade nova

Pactuada a tregoa por onze annos, estava segura a paz: ao menos, emquanto não crescesse o rei de Castella, Henrique III, que tinha onze annos tambem. Da longa tormenta da ultima década, Portugal saía remoçado e retemperado. A guerra, assolando e destruindo tudo, victimara de primazia o que encontrara mais caduco e mais minado. Só lhe resistira quem provára energia superior. A crise fora tambem uma revolução: novas idéas, novas classes, subiam ás eminencias do poder com o rei levantado sobre as ruinas do principio vetusto da hereditariedade, pelo direito aristocratico do sangue. D. João I era como um Cesar, acclamado pelo povo; era como um dos innumeros principes que brotavam das agitações democraticas da Italia, preparando o advento do imperialismo classico, de que Machiavel foi o doutor, e, entre nós, o segundo João foi o prototypo. Mas esta definição pura e completa da idéa monarchica andava ainda enfeixada nas indeterminações do começo. O throno de D. João I, erguido militarmente por uma democracia, buscava a sua força e assen-

tava os seus alicerces, sobre a antiga instituição das côrtes nacionaes que, tendo acclamado o rei, eram reconhecidas como origem da soberania. Os legistas, procurando, porém, esse ponto de appoio, para vencerem a velha sociedade aristocratica, procediam com astucia consciente, pois guardavam para si, sem a propor, nem defender, a conclusão absolutista das doutrinas quasi religiosamente aprendidas nas escolas da Italia, onde tinham professado o direito antigo.

Depois de uma guerra de dez annos, coisa singular! o throno implantado á força de batalhas, regado com sangue, erguido sobre lanças e escudos, não era uma monarchia aristocratica e militar: d'onde se vê que força tem a tendencia natural dos tempos; vendo-se tambem a perspicacia politica do principe que lhes sabia descortinar a direcção. A revolução lançava, de vez e violentamente, para o passado historico o naturalismo medieval, e o seu direito baseado na consanguinidade. Portugal resurgia inspirado por uma alma nova, em que, á luz da philosophia renascente, o Estado se desenhava como um edificio ideal, creado pela arte do homem. Era a idéa classica, voltando sobre a noite medieval, como o sol volta na successão constante dos dias.

Da velha sociedade aristocratica, alluida nas suas raizes que penetravam no tempo, até as edades remotas da conquista wisigoda: d'essa côrte de barões e cavalleiros armados, para quem a nobreza violenta dos instinctos espontaneos era a suprema auréola: nada, pode dizer-se, restava, desde que a monarchia antiga se dissolvera no estonteamento que tinha assignalado o governo d'el-rei D. Fernando. Contra a soltura dos costumes fidalgos, ultimo termo da decomposição do naturalismo espontaneo de outras edades, reagia a severidade dos costumes novos; e contra o desbragamento e violencia do mando dos senhores quasi feodaes do passado, levantava-se agora a auctoridade monarchica, reclamando para si, com os textos do direito classico, o imperio em toda a extensão do reino.

As armas haviam de ceder ás togas; e o rei que fôra, n'outros tempos, o general, ou chefe, dos barões, apparecia agora de samarra, como um legista, á frente da sua cohorte de juristas. Imperar não era sómente combater, nem administrar mais ou menos habilmente um senhorio: o imperio consistia na affirmação terminante e absoluta do poder eminente da Corôa sobre todas as terras, e sobre todos os vassallos.

Nos dez annos de guerra, sob a pressão de condições criticas, o Mestre d'Aviz fôra forçado a repartir o reino em pedaços, para ter quem o seguisse; fôra forçado a abdicar dos seus direitos em favor das cidades e villas que se pronunciavam por elle. Agora, feita a paz, começava outra lucta; porque esse throno, engrandecido pela doutrina nova, apparecia, afinal, como a sombra de uma realidade, sem direitos a exercer, sem beneficios a fruir, sem força effectiva sobre que appoiar o exercicio do governo. O sceptro estava partido em hastilhas, o manto despedaçado em retalhos: exactamente quando, na mente que animava o poder, esse sceptro havia de ser uma vara de juiz, não uma espada de cavalleiro; e esse manto havia de cobrir todo o paiz para estabelecer á sombra d'elle o reinado da fortuna e da ordem. A nova monarchia, embora nascida da guerra, era essencialmente pacifica.

Que restava, pois? que logar deixavam á sociedade antiga dos guerreiros?.. Nenhum? Não; porque revoluções tão profundas, nos habitos e na constituição organica das sociedades, não se rematam radicalmente. O papel da milicia era enorme, como força indispensavel n'um reino sempre ameaçado; mas a milicia baixava ás condições de um serviço publico, em vez de ser a expressão gloriosa da sociedade. O logar da nobreza era eminente, pela extensão das suas riquezas; mas a nobreza havia de entrar no regimen commum da vassallagem, em vez de ser, como fôra, nos seus senhorios, uma imagem reduzida do throno. E a guerra, a stirpe, a aventura, a conquista: o conjunto de caracteres da sociedade antiga e sua corôa de ideal, ficavam

coroando ainda a sociedade nova, mais prosaica, ou antes philosophica: mas como uma corôa aeria, esbatida, fugitiva: uma corôa de poesia apenas, saudade inconsciente do passado, sem alcance maior no presente, e já sem significado para o futuro do povo portuguez. O idealismo classico tomára posse de nós, vencendo com a monarchia nova; e o destino maritimo, que dormitara nos seculos da elaboração historica, ia dentro de poucos annos imprimir o cunho original proprio á nação remoçada, reconstituida, e já verdadeiramente autonoma, que saía da paz de 1393.

Agente principal, apostolo fervente, braço denodadamente forte, espirito quasi prophetico da revolução, Nun'alvares, porem, era a sua victima gloriosa. N'este momento da paz, começa para elle uma outra vida. Symbolo superior de toda a realidade, principia a morrer no instante em que vê realisado o plano heroico da sua existencia. A victoria é para elle o fim. Vendo de pé, real e verdadeiro, em fórma e em essencia, o seu ideal da independencia alcançado, sente a sua missão terminada, a sua existencia vasia, o céo a chamal-o: outras ambições, outras esperanças, outros ideaes... A antiga sociedade aristocratica, d'onde procedia, já desde a infancia lhe apparecia transformada n'uma nuvem poetica, embalsamada pelos aromas inebriantes do nardo mystico da Cavallaria. Não tinha já realidade verdadeira para elle que, na santidade ingenita da sua alma, repellia a desordem dos costumes e das idéas fidalgas, cuja decomposição vira em creança na corte d'el-rei D. Fernando. Mas a sociedade nova dos legistas: esse culto, muitas vezes pharisaico dado a uns textos desenterrados do passado; essa quasi endeusação de um homem elevado ás proporções de symbolo; esse processo de comprehensão racional das cousas, alicerce profundo, raiz primaria da sociedade nova, que abandonava a vida espontanea, natural ou mystica, pela vida pratica da observação e do estudo, desentranhando de si as leis, sem recorrer ao milagre: tudo isso, e mais a cohorte dos legis-

tas, enfronhados em textos e livros, meticulosos, rabujentos, pedantes, e antipathicos para as naturezas dos illuminados e dos heroes: fazia-o scismar longas horas na singularidade das cousas humanas... A guerra estava acabada, mas o vencedor não era elle; apesar de ter vencido nos Atoleiros, pela primeira vez, em Aljubarrota, em Valverde —em toda a parte, protegido sempre por Deus que puzera a peito cumprir o vaticinio lavrado quando nascera.

Não comprehendia a sociedade nova. O rei que sonhara, quando, primeiro, nos paços de apar S. Martinho lhe viera a idéa de levantar um throno ao Mestre: o rei da sua idéa, não era aquelle. Se o via e lhe fallava, abraçando-se e recordando os transes crueis dos dez ultimos annos, o homem parecia-lhe o mesmo, e o seu amor por elle renascia cada vez mais forte. Mas, quando, longe, se demorava a revolver na imaginação o curso das cousas, reconhecia que as suas esperanças ambiciosas de um reinado ideal se sumiam nos ares com o dissipar do clamor das batalhas, perdido pelos desvios reconcavos das serras. A assucena branca da sua primitiva ingenuidade, colorindo-se de vermelho no fragor da guerra, subira tão alto na haste, que transpozera as nuvens; e agora, cada vez mais bella e perfumada, attrahia-o para outros mundos, ethereos — o mundo que está para além da campa, ou para áquem, no quasi tumulo de um claustro.

A Cavallaria da sua infancia transformara-se em Devoção, no periodo heroico da sua vida. Agora que a guerra acabara, sem comprehender, nem amar a sociedade que saía d'ella, a aspiração da sua alma era a Morte; mas não o aniquilamento. Era a morte christã, ressurreição n'um empyreo de bondade e virtude absolutas; negação do mundo terrestre, em nome do mundo ideal concebido pela imaginação santa.

Este estado mental do condestavel, que principiou a definir-se no dia em que, depois da viagem tormentosa de dez annos, a nau da sua vida deu fundo no porto, é tambem, ou antes, ia ser o estado da consciencia collectiva

em Portugal. Ainda n'isto Nun'alvares apparece como um precursor. Pois quando a nação, reconstituida pela crise d'onde agora a vemos sair, se lança á viagem dupla da constituição do imperialismo politico e da descoberta dos mundos ignotos; quando se lança no mar ardente da fé, e quando chega ao porto do destino na sua viagem épica: tambem cáe de bruços no chão, acclamando a Morte, e esperando a fortuna do passamento. Felizes d'aquelles a quem foi dado realisar os seus desejos epicos! Lagrimas abençoadas as dos que, vendo desfazer-se em fumo a imagem d'esses desejos, tinham em si a capacidade de transformar o fumo em ambições novas, e os desenganos em esperanças doiradas!

* * *

Estas notas que ahi ficam representam, porém, mais um prenuncio, do que uma definição exacta do estado de espirito de Nun'alvares, n'este momento da sua vida. Os actos posteriores d'ella, todavia, claramente indicam a natureza dos pensamentos que agora se lhe haviam de ennovelar no cerebro. Nos homens sinceros e sinceramente espontaneos, os actos e os sentimentos misturam-se, por vezes, de um modo incoherente para os que, julgando por si proprios, pensam que todos, calculadamente, procedem como actores, representando um certo papel. Não é assim. Felizmente, a humanidade não se compõe só de histriões; embora n'ella predominem, com effeito, os que tomam a vida como uma comedia.

Qualquer que fosse o desgosto do condestavel perante a sociedade nova, o facto é que se não demittiu no dia em que a paz, consolidando a monarchia, parecia tornar dispensavel a acção do seu braço invencivel. Não se demittiu: pelo contrario, collaborou na obra pacifica da reorganisação

das instituições nacionaes, tomando a si o plano da creação do primeiro exercito real e permanente, que substituia as antigas levas dos fidalgos e concelhos, base primaria do particularismo medieval. Pela organisação de Nun'alvares, o rei teria sempre sob as suas ordens immediatas tres mil e duzentas lanças, doze ou quinze mil homens effectivos: quinhentas a cargo dos capitães, duas mil e quatrocentas dos escudeiros, trezentas das ordens militares: Christo e Santiago a cem, Aviz oitenta, Hospital vinte. Por outro lado, haveria sempre armamento em arsenaes dispersos por todo o reino; mil e quinhentos arnezes, ou armaduras completas, distribuidos d'esta fórma: quinhentos ao rei; cincoenta, ao condestavel, ao infante D. Affonso, bastardo de D. João I, aos mestres de Christo e Santiago, aos arcebispos de Lisboa e de Braga, e aos bispos de Coimbra e de Evora; quarenta ao mestre de Aviz; trinta, ao bispo do Porto, ao prior de Santa Cruz e a Gonçalo Vasques Coutinho, senhor da Beira; vinte, finalmente, ao prior do Crato, ou do Hospital, aos bispos de Silves, de Vizeu, da Guarda, e de Lamego, e ao abbade de Alcobaça. [1] D'esta fórma o reino ficava permanentemente armado para a defeza, e o rei deixava de estar á mercê dos contingentes dos vassallos. A creação de um exercito permanente era a affirmação pratica das doutrinas prégadas pelos doutores. Nun'alvares collaborava na construcção da sociedade nova: tão grande é o impulso que a força das cousas exerce. Por seu lado, os povos acceitavam de bom grado a instituição, cujo alcance não parece ter sido apreciado, reclamando apenas certas garantias no recrutamento. [2]

---

[1] Lopes, *Chron.*, CCIII

[2] «Que os coudeis não avaliassem só por si os bens para lançarem cavallos e armas e o fizessem com a assistencia de uma pessoa nomeada pelos concelhos.

«Que nas avaliações para se lançarem cavallos e armas se tivesse contemplação com os bens que os contiados depois de os terem, largassem aos filhos.

E ao mesmo tempo que assim se prevenia contra a renovação das hostilidades, embora considerasse assegurada a paz, Nun'alvares entendeu chegado o momento de começar a distribuição dos quantiosos bens que, no decurso da guerra, lhe tinham sido doados. Desinteressado, começava a dar, e foi dando até o ponto de apenas guardar para si a estamenha negra de um habito... Os primeiros crédores eram os seus companheiros de guerra, socios das victorias e batalhas. Instituira a sua hoste, no momento em que o vimos largar de Coina para Setubal, na campanha que levou á victoria dos Atoleiros, inicio glorioso de uma epopeia: instituira-a como uma associação de irmãos votados a um mesmo fado. Os dez annos da guerra via-os como uma álgara maior, mais dilatada, em que o despojo a repartir eram as doações repetidas com que o rei o beneficiára, a elle sim, mas não podia separar-se de todos os que com elle tinham partilhado nos trabalhos. Assim como á volta da correria se repartiam os gados e alfaias do saque, assim agora queria repartir as terras e rendas, considerando-se como um socio na companha de guerreiros. Envergonhava-se de se vêr tão rico, no meio dos seus companheiros de armas. Transferiu pois a cada qual um lote, sem esquecer a conveniencia e o dever da defeza: deu as terras e rendas em prestamo, ou concessão revogavel e condicional, fixando a esses, que ficavam sendo seus vassallos, o numero de homens-d'armas que tinham de man-

---

«Que os coudeis não podessem refusar os cavallos depois de recebidos em alardos, salvo sendo incapazes para servir.

«Que os coudeis não fizessem mais de tres vezes alardo ao anno.

«Que não forcem a ter cavallo nem armas os que não tiverem ao menos 10:000 libras em bens, não entrando n'estes as casas em que morassem e que valessem ao menos 6:000.»—Capp. das côrtes de 1432-1394; em Santarem, *Mem. para a hist. e theoria das Côrtes geraes*, I, 20.

ter para o serviço do rei. [1] Era o complemento da sua reforma militar.

Mas um tal acto açulou a inveja que desde o primeiro dia acordara e fôra crescendo progressivamente, á medida que cresciam os feitos do condestavel e os beneficios com que o rei o enchia. As doações eram tantas, que fora necessario englobar tudo n'uma confirmação nova. [2] Metade do reino pertencia-lhe: tinha tres condados, o de Ourem,

---

[1] *Chron. do Condestabre*, LXI; Lopes, *Chron.*, CLXII. — Eis aqui o rol dos donatarios:

1. Gonçalo Annes de Abreu: Alter-do-Chão com o castello e as rendas;
2. Lopo Gonsalves: a alcaidaria de Estremoz;
3. Martim Gonsalves do Carvalhal, seu tio: Evora-Monte e suas rendas;
4. João Gonsalves da Ramada: as rendas de Borba;
5. Rodrig'alvares Pimentel: Monsaraz;
6. Fernão Domingues, seu thesoureiro: as rendas de Villa-de-Frades e parte das de Portel;
7. Affonso Esteves Perdigão: parte das rendas da Vidigueira;
8. Lourenço Annes Azeiteiro: as rendas de Montemor-o-novo;
9. Rodrigo Affonso de Coimbra: Vill'alva e Villa-ruiva;
10. Pedro Annes Lobato: Almada (Lopes, *ibid.*, diz Almeida);
11. João Affonso, seu contador: a barca de Sacavem;
12. Estevão Annes Berbereta, de Lisboa: o reguengo de Alviella;
13. Pedro Affonso do Casal: as rendas de Porto-de-Moz e Rio-Maior;
14. Alvaro Pereira: Alvaiazere;
15. Mem Rodrigues de Vasconcellos: o Rabaçal;
16. Martim Gonsalves Alcoforado: a terra de Baltar;
17. João Gonsalves, seu meirinho: o Arco-de-Baulhe;
18. Affonso Pires, seu vedor: as rendas de Basto e de Ribeira-de-Pena;
19. Gil Vaz Faiam: as rendas de Barcellos;
20. Diogo Gil Dayrão, seu alferes: Montalegre com a terra de Barroso;
21. Vasco Machado, seu pagem: chaves com todas as suas rendas.

[2] V. a carta regia de Lisboa, 30 março, 1427 = 1389, em Sylva, *Mem. etc.* doc. 29; tom. IV.

o de Barcellos, o de Arrayolos; tinha os senhorios de Braga, Guimarães, Chaves, Montalegre, Porto-de-Moz, Ourem, Almada, Montemor-o-novo, Arrayolos, Evora-Monte, Estremoz, Borba, Villa-Viçosa, Souzel, Alter-do-Chão, Monsaraz, Portel, Loulé; tinha innumeros reguengos, e infinitas rendas em logares chãos. [1] O Alto-Minho, Traz-os-Montes, o Alemtejo, pertenciam-lhe. Chegava a dizer-se que D. João I pactuara com elle, quando em 1384, havia dez annos, o mandara fronteiro para o Alemtejo, dividirem o reino, por metades, entre ambos. [2] E agora, a inveja que se mordera com o enriquecimento do condestavel, não podia soffrer o exemplo unico de desprendimento dado por elle. Doiam-se pelo ver engrandecido com a riqueza: mais se doiam vendo-o exaltado pela abnegação; porque o acto praticado para com os companheiros erguia-o acima do nivel commum dos vassallos, inspirados pela idéa geral do ganho, para a esphera superior dos principes, ennobrecida pela munificencia.

Este despeito invejoso dos fidalgos, homens-d'armas seus consocios, era partilhado e acirrado pela classe togada, a quem o novo rei dava um papel eminente na regencia do reino, e a cuja frente, como chefe, se apresentava o perfil adunco de João das Regras. A renovação do direito politico, pela resurreição ampla da jurisprudencia cesarista do imperio romano, era a vida-nova e a ambição geral das monarchias do occidente europeu. O movimento a que a revolução permittia dar a victoria em Portugal, aqui mesmo lançava porém raizes largamente dilatadas pelos tempos anteriores. Logo desde o principio da monarchia, as escolas de direito da Europa tinham influido entre nós com o valimento de D. João Peculiar na côrte d'el-rei Affonso Henriques, que fizera esse letrado *in utroque jure* bispo do Porto e depois arcebispo de Braga. Mas ainda en-

---

[1] Lopes, *Chron.*, CLIII.

[2] *Ibid.*

tão o direito se não emancipara dos canones, nem os doutores tinham saído da Egreja, nem as escolas dos claustros. Sob a égide religiosa, balbuciava o pensamento secular. Toda a sociedade se resumia no dualismo da cruz e da espada: ainda se não pensava que, ao lado dos sagrados canones, se levantariam as letras profanas para transformar, no imperio dos povos, a espada do guerreiro em vara de juiz.

Mas a introducção do fermento que agora levedava o pão espiritual da sociedade nova, continuara sem se interromper. Na côrte do fundador vê-se ao lado de D. João Peculiar, *mestre* Alberto. D. Sancho I manda vir de Milão o jurisconsulto celebre Leonardo, de quem fez seu conselheiro. O filho e herdeiro segue o exemplo. A invasão cresce, as ideas modificam-se; sem chegar a haver, porém, revolução nas leis que, indecisas, continuam a reproduzir o direito mixto das côrtes peninsulares e os usos e costumes da tradição. N'essa epocha fecundamente agitada do reinado de D. Fernando, a crise das instituições pode já dizer-se declarada, e decerto contribuia para exacerbar a crise politica. Secularisado o direito, os antigos moldes das instituições partiam-se; e se o espirito novo não encontrava na sociedade, orphan de um braço forte que a impellisse na direcção marcada, meios indispensaveis á revolução, os elementos d'ella accumulavam-se todos os dias.

Nas suas repetidas viagens a Roma, os bispos traziam de França e da Italia as novissimas compilações da epocha: o Graciano, o *Speculator* de Durand, as obras de Alberico de Rosate: [1] manuscriptos preciosos, objectos raros ou unicos, pois não havia ainda imprensa, que eram conservados religiosamente e perscrutados com avidez. Cres-

---

[1] Villa Nova Portugal (*Da introd. do dir. rom. em Port.*; nas *Mem. de litt.* da Acad. de Lisboa; v, 377-420) junta o nome de Guido Pape. Não deve ser, porque o author das *Decisiones Gratiano politanae* (Grenoble, 1490) viveu de 1402 a 1477, florescendo na segunda metade do seculo xv.

cia o numero dos doutores que vinham de fóra exercer o logar de lentes, ou *ledores*, assim das leis, como das decretaes, mórmente desde que os estudos se tinham transportado de Coimbra para Lisboa; augmentando tambem o numero dos que de Portugal iam aos reinos estrangeiros ler as leis e aprender *um e outro direito*, nas Universidades famosas. [1] Já sabemos que João das Regras chegara a Lisboa, regresso da Italia, na vespera da revolução de 1383; e introduzido logo no conselho do mestre d'Aviz, cuja eleição ao throno consummou em Coimbra dois annos depois, foi nomeado pelo rei seu chanceller, cargo que mais tarde alliou com o de reitor da Universidade de Lisboa. [2] Por este facto simples se ha de inferir que importancia eminente o logar tinha, e que papel preponderante a classe dos legistas exercia na sociedade nova.

Ao lado do rei e do seu chanceller, formando um corpo, realmente intruso no quadro da velha côrte, estavam, rivaes do clero e da nobreza, os legistas seculares. O seu numero, a sua authoridade, o seu saber, e o facto d'essa sciencia ser o melhor escudo para as ambições monarchicas, davam-lhes o poder real, consagrando por outra fórma esse imperio do pensamento que em tempos anteriores armara o braço da Egreja. Sem tonsura, secularisados na maior parte já, os doutores mostravam, nos seus trajos quasi ecclesiasticos, a origem d'onde provinham; e se isso lhes dava um ar equivoco perante o clero, perante a nobreza tornava-os ridiculos a preoccupação de se afidalgarem. Mas o equivoco da sua posição era apenas exterior e apparente; porque, de facto, a força e o futuro estavam com esses interpretes agudos de uns textos que surgiam para remodelar as nações, no momento em que, terminado o cháos medieval, ellas pediam uma estabilidade, paz e

---

[1] Figueiredo, *Introd. do Dir. de Justin. em Port.*; nas *Mem. de litt.* da Acad. de Lisboa; I, 258-338.

[2] Th. Braga, *Hist. da Universidade*; I, 132-4.

ordem, que só lhes podia dar a monarchia armada com as doutrinas cesaristas do direito antigo.

Ao lado do rei, coroado pelo povo em revolução, formavam em cohorte os do conselho soberano: Martim Affonso, João Affonso d'Azambuja (que, segundo a tradição, era ainda clerigo, e foi bispo) Affonso Annes *das leis*, o doutor Fernando Affonso da Silveira, o doutor Gil Martins e Vasco Peres, que foram depois ambos embaixadores ao concilio de Constancia,[1] e os dois Ocens, pae e filho, Gil e Martim,[2] o que junto de D. Duarte herdaria o cargo de

---

[1] 1414.

[2] Figueiredo, *ibid.*, não menciona o segundo, que talvez só entrasse no conselho por morte do pae, em 1387. Os Ocens tinham capella propria no convento de S. Domingos de Santarem. O tumulo do dr. Gil, que com os mais da familia estão hoje em S. João do Alporão, egreja convertida em museu districtal, achava-se logo á direita da porta lateral da egreja. Tem a fórma de cofre apainelado, assente sobre leões, ornado apenas com os escudos e uma facha onde se lê a seguinte inscripção em gothico maiusculo: « ✣ Aqui : jaz : o doutor : dom : gil ‖ dosem : caualeiro : que : foe : da fala : e : do : conselho : do mui nobre : rei ‖ dom joham : de portuga ‖ i : q. pasou : na era : de : mil : e : cc.c : e xx : v : (1425=1387) anos : do mez : de : novembro. — »

O filho, Martim d'Ocem, foi, como Lançarote Pessanha, um dos legistas diplomatas de D. João I. Já o pae fora a Castella na embaixada de 1371 para as pazes. Martim, em 1400, vae com D. João Esteves d'Azambuja (arcebispo de Lisboa e depois cardeal) e com João Vasques da Cunha, a Segovia, a negociar a tregoa de dez annos com Castella; depois vae, em 1404, por morte de Ricardo II de Inglaterra, a Londres, ratificar a alliança anglo-portugueza com Henrique IV; depois, em 1405, volta a Inglaterra com João Vaz d'Almada para tratar o casamento da infanta bastarda D. Beatriz com o conde de Arundel; depois ainda, em 1411, em 1418 e em 1419, é um dos negociadores do tratado final de paz com Castella.

A inscripção do tumulo de Martim d'Ocem diz assim: «Aqui jaz o muy honrado famoso doutor Mtỹ dosẽ do cõselho do mui alto e poderoso prĩcipe rey dõ Johã e do ifãte eduarte seu filho primogenito e seu chãcarel moor o qual pelo seu mãdadº foy põ veses em ẽbaixada aos reinos de inglaterra e de castella os quaes tºuxe a boa fy foi com elle na filhada de cepta õde foy põ Sor. Ifãnte armado caualeiro e asy

João das Regras. Nas duas casas da Justiça, ou Relações, julgavam superiormente os juizes escolhidos pelo rei; e entre elles estava o doutor Mangancha, futuro enviado de D. Duarte ao concilio de Basilea,[1] futuro braço do infante D. Pedro na sua triste revolução de Lisboa.[2] Alem dos conselheiros e desembargadores das Relações, o quadro dos legistas contava mais o licenceado Vasco Gil de Pedroso, por cuja mão corriam todas as petições feitas á coroa; o licenciado João Gil, provedor, ou ministro da fazenda; o bacharel Alvaro Pires, que era conego da Sé de Lisboa, e exercia o cargo de juiz dos feitos; o doutor João Mendes. corregedor da côrte, e os seus ajudantes Ruy e Vasco Fernandes.[3] Tal era o pessoal novo que substituia, nos cargos palatinos, os herdeiros da Aula regia dos guerreiros, perante a qual se rojava de joelhos, como um podengo, o thesoureiro judeu.

Á frente d'esta cohorte, o chanceller, enteado de Alvaro Paes, já rico pela herança da mãe fallecida[4] e forte pelo valimento do rei; dispensando protecção ao clero,[5] e seu alliado contra a nobreza; representante, como herdeiro de seu tio Lopo Affonso, legista celebre da epocha an-

---

ell como todo seu linhagẽ foro sẽpre mui priuados ebuidores dos rex destes reinos e finou aos vinte e tres dias de fev.º ë de mil $\frac{c}{iiii}$ xxxi anos.» (1431=1?93)

Gil d'Ocem tinha outro filho por nome João, cuja campa se acha com estas; e d'outro ainda ha noticia: Pedro Gil, a quem D. João I deu os direitos das quintas das Chantas, de Santarem.

[1] 1439.

[2] Cf. *Os filhos de D. João I*, do A, p. 291.

[3] Figueiredo, *ibid.*, 289.

[4] 9 de julho de 1428 = 1390. Sentil Esteves, a viuva de Alvaro Paes em segundas nupcias, deixou tudo ao filho. V. o testamento nas *Provas* da *Hist. Geneal.*, t. xiii; n.º 9.

[5] Os dominicos de Lisboa queriam uma casa de campo, e para isso recorreram a João das Regras, por cujo valimento alcançaram o paço de Bemfica, obra d'elrei D. Diniz. A doação data de 22 de maio de 1437 = 1399. Cf. Sousa, *Hist. de S. Dom.*, II, liv. 2, 17.

terior, a tradição do elemento que agora attingia o poder: João das Regras, para hombrear com a fidalguia de sangue que o olhava desdenhosamente, só esperava a occasião, que veiu breve, de contrair uma alliança tão nobre, como opulenta.[1]

Eis ahi, portanto, o poder novo que Nun'alvares encontrava pela frente, e contra o qual não valiam as armas que tão bem manejava. De todas as batalhas da sua vida, nenhuma se lhe affigurava mais temivel que o combate com essa legião mesquinha da gente de garnacha negra, em que o seu espirito fidalgo não comprehendia que houvesse capacidade de resistencia. Se nem os conhecia! Se desdenhava d'elles, do alto da sua grandeza poetica e moralmente fidalga! Nem concebia como o rei lhes dispensasse tamanha attenção... Eram scribas desprezivels. Duas vezes roçara, no intervallo das batalhas, pelas questões de palavras e textos doutoraes: uma fôra nas côrtes de Coimbra, outra nas côrtes de Braga; e de ambas estivera para haver sangue, porque a tinta dos seus traslados era rubra e quente, e afiado o gume da sua penna. Ousarem contestar-lhe o direito de dar o que lhe pertencia: de dar o que era muito seu, porque lh'o dera el-rei, e dera-lh'o em paga de todas as victorias successivas sobre que lhe erguera o throno!.. Quem fizera D. João I, senão elle? Não tinha o direito de dividir com

---

[1] Essa occasião chegou depressa, pelo seu casamento com D. Leonor da Cunha, filha de Martim Vasques. Bandeando-se este por Castella em 1397, quando se renovaram as hostilidades, e confiscando-se-lhe os bens, D. João I deu á mulher de João das Regras, Payo Delgado, Santa Barbara e Santo Eutropio, morgados que eram do pae. — Sousa, *Hist. Geneal.* XI, 788-9; v. a carta de doação nas *Provas*, l. XIII, n.º 6. — Enviuvando em 1404, a esposa de João das Regras tornou a casar com o senhor do Cadaval (*Hist. geneal.* XI, 785-6). Morreu o chanceller a 3 de maio de 1404 e jaz no convento dominico de Bemfica, onde ainda hoje se lhe pode ver o tumulo descripto por fr. Luiz de Sousa na sua *Hist. de S. Domingos*, liv. II, 17; p. 176 do III tom., na ed. de 1866.

os seus companheiros de armas o despojo da guerra? Pois dando-os em prestamo, com a obrigação de armarem lanças para o rei, não continuava ainda a obra da redempção do reino? Julgavam acabada a guerra, e portanto dispensaveis os braços armados? Mas a paz era apenas uma tregua: ver-se-hia, quando o rei de Castella tivesse edade de governar...

A opposição que se levantava ás doações de Nun'alvares enchia-lhe o espirito de confusão. Não chegava a comprehender. Parecia-lhe tudo obra da inveja e da maldade. Outro rebellar-se-hia, como depois fez o duque de Braganca perante D. João II; ou bandear-se hia por Castella, como o sogro de João das Regras. Mas elle que era um santo, quando percebeu que o mundo mudára, mais se affastou d'elle pelo não comprehender; e mais se abraçou á idéa da Morte, no desprendimento successivo de tudo quanto alcançára. Realisa-la como estava a obra da sua vida, começava a não ter ouvidos senão para as vozes que o reclamavam do ceu. Em vez de se rebellar, despojou-se, como veremos; mas antes revindicaria o que julgava o seu direito. Tocarem com um dedo sequer, esses homens de garnacha, no peito armado do condestavel? Isso não! O seu orgulho de sangue rebellava-se: logo a candura santa da sua alma se submetteria, mas voluntaria, espontaneamente, por um acto de abnegação...

* * *

Todavia, perante a crueldade nua das cousas reaes, tantas vezes em conflicto com as aspirações da alma poetica, era João das Regras quem tinha razão. Os tempos haviam mudado. A revolução de que Nun'alvares fôra o primeiro heroe, mas que apenas via como a implantação do reinado da virtude forte, importava a mudança radical da antiga

ordem das cousas. Passo a passo, dia a dia, os legistas, explorando as compilações juridicas, tiravam de lá novidades que o rei applicava legislativamente. No fragor das campanhas, cheios com o orgulho das victorias, os fidalgos não davam pelo alcance d'esses papeis desdenhados que lhes iam, porém, destruindo o poderio. Prohibia-se-lhes tomarem posse dos beneficios e rendas dos mosteiros, á morte dos prelados; prohibia se o exigirem das terras por onde passavam que lhes dessem bairros á parte, fazendo-os pousar nas estalagens; prohibiam-se as depredações e saques em plena paz, tirando mantimentos a seus donos nos logares por onde passavam: [1] cohibia-se, n'uma palavra, a serie de violencias e extorsões com que a fidalguia, por systema, esmagava esse povo de quem o rei agora se declarava protector, em paga do serviço de lhe levantar o throno.

A reférma das instituições militares, de que Nun'alvares não desdenhava a paternidade, trazia porém implicitas consequencias cujo alcance talvez não medisse. Desde que o exercito ficava permanente e assoldado pelo rei, em vez de formado com os contingentes dos vassallos, mais ou menos soberanos nos seus senhorios e honras, força era separar o poder militar da jurisdicção civil, centralisando esta ultima na corôa, do mesmo modo que succedia ao primeiro. D'ahi veiu a instituição das *correições regulares*, por via das quaes a cohorte dos legistas se espalhava por todo o reino, inquirindo e julgando as pendencias soberanamente. Por outro lado, a despeza do exercito creava a necessidade de augmentar os redditos da corôa, até então limitados ao usofructo dos bens realengos e dos direitos magestaticos, como a cunhagem da moeda: veiu d'ahi a instituição do imposto da siza, que desde logo ficou perpetuamente na corôa para as despezas publicas; veiu o augmento do imposto predial da jugada; veiu a imposição do

---

[1] Portugal, *Mem.*, *cit*,

sal; veiu o imposto de transmissão sobre as heranças dos mouros: veiu a revisão e assignação das regalias. Bolindo-se no direito de propriedade, base sagrada da sociedade aristocratica, e alicerce da propria soberania, as tentações augmentavam; sob a inspiração das doutrinas cesaristas da Antiguidade, o apetite aguçava-se, e a idea de annular as exorbitantes doações feitas durante a guerra, fazia crescer agua na boca aos constructores da monarchia nova.

Veiu d'essa origem a lei *mental*, excluindo da successão das doações regias todos os herdeiros que não fossem primogenitos e varões, e determinando a reversão á coroa na falta d'estes. [1] Filiava-se tambem na nova organisação militar esta reforma, pois, sendo immediato ao rei e pago por elle todo o exercito, tornava-se desnecessaria a lei da Avoenga, que conservava os bens herdados nas familias, substituindo-se-lhe o uso da instituição dos morgados. [2] O antigo baluarte da sociedade patriarchal ou aristocratica, assente sobre a propriedade hereditaria e soberana, era assim entrado por varias bréchas. Ao alicerce da propriedade e do sangue, a sociedade nova substituia o do estado; e o principio da utilidade primava sobre o da nobreza. As necessidades do tempo conservavam ainda instituições militares, mas transformando-as essencialmente, e demittindo-as, do posto soberano, para o logar subalterno de braço armado do rei: Cesar, ou protector do povo. Com a instituição da siza, veiu a abolição das alfandegas internas para os generos estrangeiros; estabelecendo-se a circulação livre em todo o reino, economicamente unificado sob o poder soberano da Corôa. Com a lei *mental* que, diminuindo o senhorio na propriedade, reclamava o fomento da lavoura, veiu a abolição das servidões pessoaes para os filhos dos lavradores; veiu a lei das

---

[1] *Os filhos de D. João I*, do A., p. 182. — Cf. Rocha, *Ensaio sobre o gov. e leg.*, etc. § 144.

[2] Portugal, *Mem. cit.*

sesmarias,[1] reformada porém de modo que só feria o dominio, sem offender a liberdade pessoal, como no tempo d'el-rei D. Fernando succedia.[2]

Tal era o corpo da legislação social que o chanceller codificara, emquanto se feriam as duras pelejas da guerra castelhana. O pensamento juridico da Antiguidade vencia, e a monarchia nova levantava-se sobre uma sociedade renovada. O direito romano servia de texto para os pleitos: á camara de Lisboa, mandava o rei dois livros com as leis do codigo Justiniano, a glossa e as conclusões de Bartholo, «para por ellas se fazerem livrar os feitos e dar as sentenças.»[3] Conservar-se-hiam chumbados por cadeias ás paredes, como verdadeiros thesouros.

Tal era a situação, perante que Nun'alvares, obedecendo ao fidalgo e generoso impulso do seu coração, publicava a lista de doações, repartindo com os seus companheiros d'armas o espolio de dez annos de campanhas. João da Regras saltou indignado. Um similhante acto contradizia, destruia, pulverisava por completo o systema da sua edificação laboriosa. Era uma affirmação terminante e positiva de soberania aristocratica: uma insurreição formal contra o direito novo da monarchia recem-nascida, e que, amparando-a no berço, elle amamentava como carinhosa mãe. Mais o irritava ainda, não encontrar pela frente uma extorsão ou um latrocinio a punir, mas sim um acto de estupenda generosidade, que era louvado e celebrado por todos,[4] exaltando-se a grandeza d'animo e o desprendimento do condestavel. E' verdade que

---

[1] Cf. Carvalho, *Obs. hist. e crit. sobre as Sesm.*, 18-30.

[2] Portugal, *ibid.*

[3] «E vos põe estes livros na camara d'esse concelho, presos por uma cadeia bem grande e longa. E não os deixeis ver a ninguem, salvo áquelles que feitos houverem ou a seus procuradores, ou se tiverem de haver alguns feitos.» — F. Oliveira, *Annaes do mun. de Lisboa*, I, 312.

[4] Lopes, *Chron.*, CLIII.

os invejosos, calculando os bens de Nun'alvares, aproveitavam o episodio para lamentar capciosamente, como o prior D. Alvaro Gonsalves Camello fazia ao rei,[1] que tendo elle já tres filhos, em vesperas de outro,[2] o reino assim desbaratado não chegava para dotar os infantes: era indispensavel rehaver o que fora dado temerariamente. Allegava o prior o exemplo d'el-rei D. Diniz, que em 1283 revogara todas as doações dos ultimos quatro annos, quando aos dezoito começou a reinar. Aqui, porém, o caso era diverso. Havia de o rei subscrever, com a propria mão que assignara a dadiva?

Não. Ao espirito perspicaz de D. João I não podia sorrir semelhante alvitre, de monstruosa ingratidão; nem é crivel que o chanceller desposasse opiniões loucamente extremas e inspiradas principalmente na inveja cobiçosa. Elle que ideara a lei *mental*, achava porém que o acto do condestavel, patenteando abertamente a gravidade do caso, permittiria fazer alguma cousa, applicar alguma medida geral, que corrigisse as consequencias, com effeito funestas, da liberalidade irreflectida. El-rei não queria tirar nada do que dera; mas não se podiam expropriar, ou resgatar as concessões?[3] Estes conflictos de propriedade, depois do periodo revolto da guerra, deviam liquidar-se. Sentenciara-se já contra Nun'alvares o pleito que elle trazia com a camara de Lisboa, sobre os reguengos de Sacavem, Camarate, Friellas e a Charneca, nos suburbios da cidade.[4] Do seu condestavel nada temia o rei, por saber como

---

[1] Lopes, *Chron.*, CLIII.

[2] *Ibid.* — Esta referencia permitte datar o conflicto que é, portanto, de 1395, quando a rainha andava gravida da infanta D. Branca. Os tres filhos são: D. Duarte (1391), D. Pedro (1392), D. Henrique (1394). O primogenito, D. Affonso (1391) morrera já, em 1392. — Cf. Sylva, *Mem. etc*, II, 144.

[3] Lopes, *Chron*, CL II.

[4] V. a carta de sentença, 13 de abril de 1429=1391, em F. Oliveira, *Annaes, etc*, I, 290 — «E estando o ffeito em esto termho nos demos

era a nobreza e a dedicação personificadas; mas a medida que se lhe applicasse, applicar-se-hia tambem aos mais.

Rebelde aos argumentos da inveja cobiçosa, D. João I dava de certo ouvidos firmes aos conselhos do chanceller, que lhe mostrava o caracter absolutamente anarchico das doações do condestavel, e o conflicto aberto com toda a legislação novissima. Sanccional-as, seria o mesmo que rasgar por completo quanto se tinha feito, voltando ao estado antigo. O condestavel dera as terras em prestamo aos seus companheiros, que ficariam sendo seus vassallos, obrigados a acorrerem á lide com certos homens d'armas, como nos velhos tempos. Mas se agora as lanças do reino formavam todas com vassallos a quem o rei dava *contias*, ou soldo? Haveria dois reis no reino? E dois exercitos: o do rei, e o do condestavel? Pois, segundo a lei nova, nenhum fidalgo podia ter vassallos: só os tinha o rei.[1] O serviço da milicia destacara-se do senhorio das terras. Fruissem muito embora os fidalgos as rendas das doações; mas a milicia, mas a soberania e a vassallagem, eram apanagio exclusivo da Corôa. Consentir á fidalguia ter vassallos seus proprios, e gente acontiada sua, era restaurar os tempos antigos e as desordens constantes de que tinham enfermado. Rei, havia de ser um unico: suzerano de todos os vassallos, chefe da milicia inteira do reino. As relações dos fidalgos com os rendeiros, ou usufructuarios das suas terras, limitavam-se exclusivamente ao foro civil, perdendo o caracter antigo de soberanas.

Que era de facto o prestamo? Podia ser uma consigna-

---

procuração ao doutor Johã das Regras, que dissesse da nossa parte ao dito Ouidor que nõ conhoçesse mais deste ffeito ca nos o qriamos livrar ssomariamente cõ os do nosso consselho;.. E vistas as cartas das doações... Julgamos que a dita çidade aja as jurisdições dos ditos lugares livremente, e husse dellas ssem embargo das cartas das doações mostradas da parte do dito conde e ssem embargo d'aquillo que da ssua parte he dito.»

[1] Portugal, *Mem. cit.*

ção vitalicia, não só de pensão em dinheiro, certa e sabida, mas tambem de qualquer fazenda, cujos fructos e rendimentos, colhidos pelo prestameiro, revertiam em sua utilidade e proveito. Era um contracto civil, em que o directo senhorio se reconhecia com alguma foragem.[1] Sanccionar-lhe o caracter soberano, creando á moda feodal o foro em vassallagem, e a pensão em serviço militar, como queria o condestavel, não! não podia ser. As doações que o rei fazia dividiam-se em duas naturezas: eram dominios allodiaes, ou meros senhorios; eram propriedades *divisas*, ou propriedades *solariegas*. As primeiras davam-se em titulo perpetuo, ou irrevogavel, com faculdade de dispor d'ellas por herança, ou por actos *inter vivos:* eram as de *juro de herdade*, em que o dono só tinha o governo dos habitantes, com a parte dos fructos, fixada pelo foral, ou pelo costume. As segundas chamavam-se *prestamos*, *commendas*, *honras*: chamavam-se até *feodos*, (embora o feodalismo puro nunca tivesse existido entre nós)[2] palavras que significam eventualidade e condições no dominio, ou participação de outrem no exercicio d'elle. Davam-se em *juro de herdade* todos os bens e direitos: terras, senhorios de villas, rendas reaes, alcaidarias, fortalezas; mas já de ha muito era tendencia dos monarchas não dar as ultimas senão em *prestamo*.[3] Porque? porque o serviço militar, alicerce da soberania, encaminhava-se para o ponto onde agora se chegava, tornando-o exercicio exclusivo da Corôa: concluia João das Regras com intimativa. Se se dá, como se deu muita cousa, sem a clausula expressa da reversão, os donatarios contam desde logo com a propriedade hereditaria, embora o titulo

---

[1] Viterbo, *Elucid.*; v.º Prestamo, Aprestamo; synon. Atondo.

[2] V. Herculano, *Da exist. ou não exist. do feudal. em Portugal;* nos *Opp.*; v, 193-310; tambem *Apont. para a hist. dos bens da corôa e foraes;* vi, 195-322.

[3] Cf. Cardenas, *Ensayo sobre la hist. de la prop. terr. en España*; i, 249 a 52.

a não crie: Por isso, é indispensavel a lei *mental*, accrescentava o chanceller triumphantemente.

Estes argumentos quadravam a D. João I, que convocou os seus fidalgos para o paço da Serra, onde estava, a fim de lhes propor a compra, ou resgate, de muitas das doações tumultuariamente feitas durante a guerra. [1] Se Nun'alvares annuisse ao convite e á proposta, ficariam desde logo annulladas as doações temerarias que fizera, e que eram a ordem-do-dia na côrte, exaltando uns a generosidade fidalga do condestavel, taxando outros o seu acto de quasi felonia. O condestavel apresentou-se na côrte e sentidamente representou ao rei que não podia desistir dos bens que tinha, uns de prestamo, outros de juro e herdade: houvera-os em paga de serviços, distribuira-os legitimamente: não podia ceder do que já lhe não pertencia; e o que lhe restava, necessitava-o para sua sustentação. Além d'isso, observava com lagrimas de tristeza a bailarem-lhe nos olhos: além d'isso, era um desdouro para elle!

E partiu. Foi a Porto-de-Moz, de lá a Estremoz, onde convocou a sua gente. O rei, com a côrte, tinham seguido para a Atouguia. [2] D. João I necessariamente hesitava em levar por diante o plano de expropriação ou resgate, concebido por João das Regras; mas cedeu perante as considerações do chanceller. A expropriação applicou-se a muitos fidalgos. Um d'esses foi o filho de Diogo Lopes Pacheco, João Fernandes, que vendeu Penella e o reguengo de Campores por oito mil dobras; outro foi seu irmão Lopo, a quem resgataram Monção por mil e quinhentas; outro Martim Vasques da Cunha, o sogro de João das Regras, a quem o rei deu pelas terras do Sul e de Gulfar tresentas e trinta mil libras de moeda de dez soldos, que eram sete mil dobras. [3] Mas todos estes tres, ou venderam com a

---

[1] Lopes, *Chron.*, CLIII; *Chron. do Condestabre* LXIII.

[2] *Chron. do Condestabre* e Lopes, *Chron.*, *ibid.*

[3] «Valendo a dobra 48 libras;» diz Lopes, *ibid.* — Valendo a dobra de D. Pedro e D. Fernando (D. João I nunca poude cunhar moeda de

tenção feita de se irem para Castella, ou foram para lá por despeito de se verem espoliados; [1] e D. João I, em castigo, confiscou os bens de Martim Vasques, presenteando com elles o seu chanceller, na pessoa da esposa e da filha do traidor. [2]

Seguiria Nun'alvares o exemplo? Receiava-o o rei. Tremeu quando no Porto houve noticia do que, no Alemtejo, fizera o condestavel. Reunido o seu exercito, dissera-lhes como o rei queria agora tirar-lhe as terras que lhe dera; e como, perante essa affronta, estava decidido a abandonar rei e reino, expatriando-se. Quem quizesse, fosse com elle; e como era de prever, tinham ido todos, largando juntos para Portel, direito á fronteira, depois de repartida a ração de mantido e o dinheiro que havia. [3] Ao ouvir taes noticias, o rei, voltando-se contra a temeridade do seu chanceller, despachou logo para o Alemtejo o licenciado Ruy Lourenço, deão de Coimbra, como embaixador; atraz do qual partiu o mestre d'Aviz, Fernão Rodrigues de Siqueira; e logo apoz o bispo de Evora, D. João. A todos Nun'alvares respondeu que pensaria, e do que houvesse avisaria o rei. Com effeito, mandou ao Porto, com plenos poderes, seu tio Martim Gonsalves e Lopo Gonsalves, de Estremoz. Negociavam ambos os termos do accordo, quando vieram novas do proposito do rei de Castella que esperava, com a defecção dos fidalgos portuguezes que lá chegavam, e com

---

ouro) a rasão de 2:793 réis (Aragão, *Descr. geral*, II, 237) as 7000 dobras valeriam réis 19.551:000, ou, decuplicando, 200 contos de réis, em moeda, porém, depreciada.

[1] Cf. Sylva, *Mem.*, etc., II, 144.

[2] «... lhe fazemos livre e pura doação d'este dia para todo o sempre para elle e para todos os seus successores que depois d'elle vierem em nosso senhorio, assi moveis como raizes, porquanto se foram para nossos inimigos e o dito Martim Vasque veo á nossa terra desservindo nos com elles...» Carta, em Sousa, *Hist. geneal.; Provas*, XIII, 6.

[3] *Chron. do Condestabre*, LXIII; Lopes, *Chron.*, CLIV.

a noticia da attitude de Nun'alvares, poder iniciar o reinado, consummando a conquista em vão emprehendida por seu pae...

Bandear-se com o castelhano, nunca! Se a independencia do reino perigava, diante do perigo, cessava tudo. Transigissem os procuradores: elle, Nun'alvares, acceitaria qualquer solução. A imminencia das hostilidades precipitou assim a liquidação do conflicto. As doações de juro de herdade não seriam expropriadas: ficariam a quem o condestavel as dera; mas, nos prestamos transferidos, os detentores constituir-se-hiam vassallos directos da corôa, sem a suzerania intermediaria do condestavel. [1] João das Regras conseguia os seus fins; Nun'alvares via confirmadas as doações que fizera. Para elle, o essencial era isto: não lhe negarem o direito de dar; não o sujeitarem a uma irrisão. Para o chanceller, tudo estava no ponto constitucional da vassallagem exclusiva á Corôa. Obtida, conformava-se com o desgosto de ver malbaratada a fazenda real — a cuja custa ia arredondando, porém, a sua propria.

Mas que remedio havia senão transigir, perante uma segunda guerra? Outra vez se tornava necessaria a intervenção d'esses homens-d'armas, gente ruda e vaidosa, cheia de ambições, caprichos e ignorancia das leis: gente incapaz de perceber um texto, de manejar uma penna, de ensarilhar um argumento: gente insupportavel, sempre a cavallo em pontos de honra, e com quem o viver se tornava cada vez mais impossivel. Mas que remedio? como fugir-lhes? se o rei de Castella estava decidido a romper a tregoa ajustada!

---

[1] *Chron. do Condestabre*, LXIII; Lopes, *Chron.*, CLIV. — Cf. Sylva, *Mem. etc.*, II, 144.

* * *

Effectivamente era assim. Castella não se conformava com a idea de prescindir de Portugal. Dois annos antes, em 1394, quando Henrique III chegou á maioridade, completando quinze annos, os fidalgos recusaram-se a jurar a tregoa, conforme estava prescripto. Não romperam hostilidades; mas tambem não cumpriam o tratado, quanto á entrega dos prisioneiros e á execução das sentenças,[1] o que importava a multa de duzentas e cincoenta mil dobras, somma que só o penhor de uma terra podia garantir. Lançou-se, pois, a vista sobre Albuquerque, na fronteira de Portalegre, e encarregou-se de a *filhar* por ardil Martim Affonso de Mello, que o não conseguiu. Voltaram-se então os planos para Badajoz, e, tendo o Mello preparado as cousas, uma noite[2] Nun'alvares foi d'Elvas, entrou na praça, tomou-a, e guarneceu-a com gente sua.[3] D. João I mandou um embaixador ao rei de Castella, em Cordova, dar-lhe parte do occorrido, dizendo-lhe que não queria a guerra, mas sim apenas um penhor. Pagasse, e Badajoz lhe seria logo restituida.

A resposta do castelhano foi a ruptura immediata das hostilidades. Concentrando as suas forças em Salamanca, o rei mandou o seu condestavel Ruy Lopes Davalos entrar em Portugal por Almeida. Iam com elle Martim Vasques da Cunha e seu irmão Lopo, os transfugas do anno anterior. D. João I, em Santarem, afflicto com a demora da chegada dos contingentes para marchar em força contra os invaso-

---

[1] Lopes, *Chron.*, CLV.

[2] 12 de maio.

[3] Lopes, *Chron.*, CLV a VIII; *Chron. do Condestabre*, LXIII.

[4] Lopes, *Chron.* CLIX.

res, amargava as consequencias da politica do seu chanceller. Nem um fidalgo acudia ao apellido. [1] Vingavam-se d'este modo indecoroso... Por isso, quando viu que Nun'alvares vinha correndo de Evora, com vinte mulas, na avançada d'um corpo de mil e duzentas lanças, exultou de contentamento. Desceu á beira do rio, entre Santa-Maria-de-Palhaes e Santa Iria, e cahiu-lhe nos braços, exclamando:

— Ora posso eu dizer que este é o primeiro homem-d'armas que n'esta terra vi! [2]

Chorava quasi de alegria. A reconciliação era completa de ambos os lados. O clamor da guerra varria outra vez para longe a nevoa calculista da politica. Marcharam sobre Coimbra; mas os castelhanos e os Vasques, depois de terem assolado a comarca e incendiado Vizeu [3] pela segunda vez, fugiam: não houve alcançal-os.

Em Coimbra, entrado já o anno de 97, o rei e o condestavel foram assaltados por duas noticias, ambas graves. Uma era o espantoso desastre das galés que vinham de Genova com farinha e armas, e que no cabo de S. Vicente foram presas [4] da armada de Diego Hurtado. O almirante, que perdera o pae em Aljubarrota, esperava o momento de se vingar, e fel-o, afogando os quatrocentos prisioneiros das galés tomadas. Esse caso não tinha remedio; mas o outro, isto é, a invasão por Campo-de-Ourique dos mestres de Santiago, de Calatrava e de Alcantara, que assolavam o Alemtejo até Alcacer, reclamava providencias immediatas. Logo o rei e o condestavel, passando o Tejo em Constança, foram a Arrayolos, onde souberam como os castelhanos, vendo-se ameaçados, tinham já transposto a fronteira por Serpa. As duas *razzias* inimigas da Beira e do Alemtejo, ficavam, porém, impunes; impune o mortici-

---

[1] Lopes, *Chron.*, CLXI.
[2] *Chron. do Condestabre*, LXV.
[3] Lopes, *Chron.*, CLXI.
[4] maio.

nio horrivel dos marinheiros. E com isto, o espirito de sedição fermentava; repetiam-se os casos de rebeldia, provocados pela abstenção criminosa dos fidalgos. O prior do Hospital, Alvaro Gonsalves Camello, aquelle que mais alto gritara contra o condestavel no caso das doações, conspirava tão abertamente que, apezar da intercessão de Nun'alvares a favor do seu inimigo, o rei o mandou prender em Evora, confiando-o á guarda de Martim Affonso de Mello, e trazendo-o ao depois comsigo para Coimbra, d'onde fugiu. [1] Lisboa estava á mercê do assalto da frota inimiga que assolava a costa: tinha de se armar e defender, ameaçada pelo bloqueio. O inverno já entrara, a vida encrudecia, o commercio paralysara-se, e tornava-se indispensavel preparar tudo para a continuação da guerra. Foi por isso que o rei decretou em novembro a moratoria geral dos pagamentos até final da campanha, isentando ao mesmo tempo o pão do tributo da dizima. [2]

O inverno entrava, e, no seu quartel de Evora, Nun'alvares sentia a melancolia da estação invadil-o, perante o mallogro dos ultimos episodios da guerra de novo accesa. Notava a desordem e o desalento que tres breves annos de paz tinham trazido aos homens, em quem via medrar tristemente o germen da mesquinhez invejosa e desleal. Era necessario acordal-os d'esse torpor; era mister volver aos

---

[1] Lopes, *Chron.* c. xi; *Chron. do Condestabre*, i.xv.

[2] Carta de 28 de novembro, 1435=1397, em F. Oliveira, *Annaes*, *etc.* i, 304. «... porq. a dita cidade aq.[lle] q. tem, e posto q. mays fosse ho ha mester p.ª almazem, e armas e beestas e trões e p.ª outras cousas q. cumprem p.ª de guerra e defensom della.» A isempção da dizima é «p.ª auer a dita cidade mays auondamento de mantymentos» Depois, em 31 de outubro 1436=1398, a isempção alarga-se á importação de arnezes e armas «p.ª seus corpos, p.ª os teerem por nosso serviço e defensom da terra... e nõ p.ª uender.» Mais tarde, em 14 de agosto 1440=1401, renova o senado as disposições tomadas em 1385 «de nõ carpirem por os finados q. se morressem nẽ out.º ssy q. nõ cantassem mayas nẽ Janeiras e outras cousas q. eram contra a ley de Deus, *etc.*»

antigos tempos, e provocar audaciosamente a coragem, pagando as estocadas recebidas com golpes de montante, rijos. Invernava? que importa? O calor do coração venceria a friagem dos ares. Decidiu-se a partir. [1] Convocou para Villa-Viçosa o mestre de Aviz, Siqueira, e unidas as forças, feito o alardo no rocio da villa, marcharam sobre Elvas. Eram setecentas lanças, e tão poucos peões que o mestre d'Aviz se maravilhava. Assim, a correria caminhava mais rapida... Destacaram duas columnas de batedores para irem adiante a forragear, e seguiram assolando toda a comarca, por Ouguella a Albuquerque, d'ahi pelo Arroyo-del-Puerco até junto de Caceres, que todavia, apesar da rapidez, não poderam surprehender. Encerrados nos palanques do arrabalde, os castelhanos gritavam de dentro em surriada:

—Não vos valeu vosso madrugar, Nuno-madruga...

Chamavam-lhe assim pelo inopinado com que apparecia sempre.

No dia seguinte entraram e queimaram o arrabalde. Chegavam de regresso os batedores que tinham avançado até Garrovillas e á barca de Alcantara. Traziam um despojo enorme, de prisioneiros e gado. A empreza era uma festa; a corrida, apesar do inverno, aquecia os animos. Tornava a alegria. Uns, por mofa, tendo saqueado uma egreja, ataram uma caldeira ao rabo de um cavallo que partiu doido, levando porém atraz de si a manada que se perdeu. Era o castigo de profanarem uma casa de Deus! Punidos, alegres, voltaram directamente a Valencia-d'Alcantara, d'ahi a Marvão, onde repartiram a presa; de Marvão a Portalegre, separando-se o mestre para Aviz, e indo Nun'-alvares a Villa Viçosa, onde o esperavam a mãe e a filha.

A correria durara oito dias só. Visitara o condestavel uma zona da fronteira que ainda não tinha devastado. A sua primeira saida fora a de Valverde, no dia seguinte

---

[1] Dezembro; Lopes, *Chron.*, CLII e III; *Chron. do Condestabre*, LXVI.

a Aljubarrota, pelo valle do Guadiana até a Serena; depois, com o rei, correra todo o norte, desde Benavente até Ciudad-Rodrigo, por Villalpando e Ledesma; depois, com a tropa singular dos inglezes, tinha descido mais abaixo até Coria; agora assolara o campo de entre Tejo e Guadiana, indo até Caceres. Só lhe faltava o extremo sul da fronteira andaluza.

* * *

Trazendo sua mãe e sua filha, o condestavel recolheu de Villa-Viçosa a Evora, onde acabou o inverno. Na primavera,[1] porém, caiu enfermo de uma dôr lancinante que o assaltava de repente em paroxismos. Estava na força da edade,[2] e todavia invadia-o um tedio enorme de viver, com um fastio mortal, misantropia e irritação constante, desprendimento completo por tudo. Cartas, não as abria, nem queria vêl-as. Tinha accessos febris, e por vezes nauseas com vomitos e flatulencias. Vinha-lhe o frio, e depois suores, como nas sezões, com abrimentos de bocca insistentes. De subito, quando a dôr surda dos lombos se exacerbava, contorcia-se como louco, chorava como uma creança, e, esverdeada a face, perdendo o pulso, coberto de suores frios, ora caía n'um collapso que parecia mortal, ora se convulsionava, como epileptico, dobrando-se todo com a barba fincada sobre os joelhos. Parecia-lhe que lhe enterravam um trado no corpo, despedaçando-lhe as carnes; outras vezes que o queimavam, ou que o torciam n'um torniquete. A filha, a mãe, choravam de o vêr soffrer. De

---

[1] Abril. A enfermidade durou tres mezes; *Chron. do Condestabre*, LXVII.

[2] 38 annos.

repente, a dôr cessava, e o enfermo caía n'um abatimento extremo, consequencia da depressão nervosa.

Os phisicos da terra, desacostumados de vêr tão longa insistencia nas dôres do figado, e assustados com a qualidade do doente, insistiam porque fosse a Lisboa tratar-se. Essas dôres vinham aos homens durante a força da edade, e podiam nascer da desordem nas comidas, da vida irregular. Talvez que a ultima corrida do senhor condestavel por Castella, fosse a causa principal da doença? [1] A mãe, a filha, Gil Ayras, seu escrivão: todos os que afflictos o cercavam, trouxeram-no em andas para Lisboa; mas tiveram de suspender a jornada em Palmella, porque o doente não podia seguir adiante. Hospedaram-se na quinta de Alfarara, onde veiu de Setubal o povo inteiro a saudal-o, o que o fez entrar n'um accesso de furia epileptica. Morbidamente sobreexcitados, os seus nervos que lhe patenteavam as visões do ceu e lhe faziam ouvir as vozes divinas, quando a esperança luminosa os tocava, precipitavam-no agora em crises de furia, desvairadas. As cordas vibrantes da harpa nervosa estavam frouxas: desferiam sons desentoados e disconnexos. Vendo-o assim, acceso em colera, ardendo em febre, amarello e enfiado, as duas senhoras levaram-no em braços, pedindo-lhe chorosas que socegasse. Vamos... Na meza estava a comida. Sentaram-no meigamente. A filha trinchava-lhe um prato de codornizes; a mãe abanava-lhe o ar, refrescando-lhe a face... Vendo-o mais quieto, Gil Ayras disse timidamente:

— Que essa pobre gente de Setubal não vos queria senão bem!

O doente pulou n'outro accesso: deviam tel-os corrido

---

[1] Parece fora de duvida que a doença foi uma colica hepathica. Todos os symptomas da chronica entram no quadro indicado pelos tratadistas. Cf Harley, *Tr. on Diseases of the liver*, p. 574 segg ; Frerichs, *Tr. malad. du foie* (tr. fr.) p. 817 segg.; e Murchison, *Leç. clin.* (tr. fr.) 345, *etc.*

a pau! O pobre Gil, afflicto, tomou de um cajado, fingindo que partia a cumprir o mandado; e então Nun'alvares, olhando alternadamente a velha mãe, a filha moça, sorria-lhes, e comeu. Ellas choravam agora de contentamento, quando voltou o escrivão.

— Desgraçado que tal fizeste! Bater em homens bons! exclamava o enfermo, ao vêr Gil Ayras.

Mas elle disse-lhe como o illudira.

N'esta angustia de crises repetidas, passavam os dias. Vieram de Lisboa os phisicos do rei; e depois de tres mezes de soffrer, podia dizer-se restabelecido. Estava porém fraquissimo. E agora já isto o affligia, por saber que o rei andava em guerra pela Galliza, e elle, invalido como uma mulher. Apesar de fraco, resolveu tornar a Evora por Alcacer. Na charneca, para vêr se ainda tinha pulso, saccou de uma faca e pôz-se a cortar matto... Ainda cortava, ainda podia... Os castelhanos estavam em campo... A elles, pois!

* * *

Logo que, moderado o rigor, a estação o permittiu, os castelhanos lançaram-se sobre Traz-os-Montes, saqueando Bragança, Vinhaes, Mogadouro e Villa-Maior.[1] Era indispensavel proceder como Nun'alvares fizera em Caceres: tomar a offensiva; mas o pobre condestavel torcia-se cruelmente com dôres... Foi o rei sosinho sobre a Galliza, esperançado nas intelligencias que tinha com o arcebispo de Santiago. Renasciam idéas de trazer para Portugal toda a provincia cortada pelo Minho. Em Ponte-de-Lima, ido do Porto, fizera D. João I o *alardo*: levava quatro mil lanças com farta peonagem e besteiros, obra de dezeseis ou de-

[1] Lopes, *Chron.*, CLXIX.

zoito mil homens, quinhentos dos quaes morreram em Monção, ao passar a vau o Minho. Era nos primeiros dias de maio; [1] o rio levava muita agua, e tinham errado o porto. Galgado o Minho, tomaram Salvatierra que o *adelantado* da Galliza, Diego Perez Sarmiento, não poude defender. Descendo a margem direita, pozeram cerco a Tuy, objectivo da campanha, que ahi se demorou. Durou quasi dois mezes o cerco: entretanto Nun'alvares curtia dôres em Palmella; mas não era um cerco bravio, pois os litigantes tinham humanamente pactuado, uns não moverem os engenhos de atirar, as balistas, durante a noite; outros não usarem de settas hervadas. [2] Os assaltos porém mallogravam-se; e o conselho de Castella decidira que devia soccorrer-se Tuy. [3] Movia-se para lá o rei com todo o seu poder.

Então Nun'alvares, vendo que ainda tinha vigor no braço, apressadamente correu a Evora. Mandou cartas ao mestre de Santiago, Mem Rodrigues de Vasconcellos, ao do Hospital, Dom Lourenço Esteves de Goes, ao almirante: a todos os vassallos de entre Tejo e Guadiana, para virem reunir-se-lhe e impedirem a entrada dos castelhanos na comarca. Sabia-se que o mestre de Santiago de Castella, Lourenço Soares de Figueira, a ameaçava com duas mil lanças. [4] Rapidamente, o vigor, a actividade incessante, o humor alegre dos bons dias, voltavam ao condestavel. As forças reunidas sommavam dois mil e trezentos de cavallo, lanças e besteiros, com cinco mil peões e besteiros de pé: menos de oito mil homens. Na fronteira do norte, o rei estava com forças dobradas. A noticia dos preparativos de Nun'alvares fez com que o castelhano chamasse tambem a si os fidalgos da sua comarca: D. Pedro

---

1 4 de maio, 1436 = 1398; Lopes, *Chron.*, CLXIX.

2 *Ibid.*, CLXX.

3 *Ibid.* CLXXI.

4 *Chron. do Condestabre*, LXVIII; Lopes, *Chron.*, CLXIII.

Ponce de Leon, D. Alvaro Perez de Guzman, Martim Fernandes Portocarrero.[1] E emquanto se preparava, chegou-lhe a carta que Nun'alvares lhe enviára, prevenindo-o do ataque,[2] segundo o uso cavalheiresco da guerra. O inimigo não escreveu, mas disse ao arauto que informasse o condestavel de que fosse quando quizesse.[3] De Evora, partiu sobre Estremoz, de lá foi pernoitar ao Guadiana que passou no dia seguinte, já em ordem de combate: na vanguarda, elle Nun'alvares com o Goes; na retaguarda o almirante com o mestre de Santiago; Martim Affonso de Mello n'uma das alas, e Gonçalo Annes de Abreu na outra. Directamente seguiram contra o sueste, sobre Villalba que era do filho do mestre de Santiago de Castella. Tinham-se internado obra de quinze legoas. Acamparam. O inimigo não ousava embargar-lhes o passo. Como antes, affastava-se para os altos, acompanhando a marcha dos invasores que escaramuçavam apenas com os ceifeiros, nas cea-

---

[1] Lopes, *Chron.* CLXIV.

[2] «Sñor amigo, nuno Alves pereira, conde de Barcel[o] e de Ourem e darrayolos e condestabre por meu Sñor elrey de portugal e seu mordomo mor, me embio emcomemdar á bosa grasa. fagobos saver q. a mi fói dito que bos temdes feito juntamento de bosas gentes p[a] me bir buscar, e fager mal, e dano em esta terra de meu sñor elrey de cuja goarda eu tenho carrego. e sabe Dš. q. me prongue, e me praz serdes asi prestes como digem q. somdes, porq. dis ha q. esta mesma bomtade tinha eu de bos ir buscar hũ quer q foseis, e fuy torvado por ser doemte algũ tempo; e porq. a Dš grasas eu som ja em bom pomto de minha saude, e muito prestes para ir asi da bomtade como das gemtes, que ja comigo som juntas, e porq. otro si esta terra he ora muito quemte e por bos escuzar do trabalho bos rogo quamto poso q. bos sofrades e nom curedes de bir travalhar porq a Dš pragemdo eu entemdo de ser hũ bos fordes, tão toste, e mais cedo do que bos podeis bir; e por bos em tanto abisardes de algũas cousas se bos para esto mais comprem, bo lo fago saber. escrita em ebora desesete dias do mes de junho mil e quatro centos e tantos anos.» (1398) *Chron. do Condestabre*, LXVIII; transcr. por Lopes, *Chron.*; e Sylva, *Memor. etc.*, II, 727.

[3] *Chron. do Condestabre*, *ibid.*; Lopes, *id.*

ras de trigo maduras por onde forrageavam, caçando gado e captivos. Lembrando-se talvez do dia critico de Valverde, excitados ainda os nervos pela doença da vespera, Nun'alvares incessantemente indagava, nos horisontes, as elevações. Além, branquejavam uns pontos, no matto verde-negro dos montes:

— Que vos semelham aquellas casas brancas. no alto d'aquella serra?

— Senhor, tendas são...

— Não: são pedras...

Irritado, preoccupado, o condestavel respondeu:

— Maravilho-me de mim, como vos não mando a todos cortar as cabeças... Serem meus inimigos tão perto de mim, e não o saberdes vós para m'o dizerdes. Cuidado! não vos succeda outra... [1]

Eram os castelhanos, eram; mas não ousavam surprehendel-o. Apenas o mestre de Santiago se limitava a mandar-lhe um trombeta que chegou, estava o condestavel no campo sentado n'um almafreixe.

— Senhor, disse o mensageiro de joelhos, o mestre de Santiago, meu senhor, e o mestre de Calatrava, e D. Pero Ponce e mais senhores e cavalleiros que com elles estão além, na Feira, d'aqui legoa e meia, vos enviam dizer que vos façaes prestes para a batalha e que vos percebaes para ella, ca elles prestes são.

— Sêde bem vindo com taes novas...

Ia combater outra vez: ainda bem! Reuniu o conselho e, em ordem de batalha, partiram na segunda: o aviso fôra no sabbado. Enviou ao inimigo um escudeiro. Voltou o trombeta a dizer que o mestre de Santiago o esperava. Onde? no castello? lá no alto? Por forma alguma. Nun'alvares cometteria semelhante erro.

— Para que são estas perguntas e respostas? disse enfadado.

---

[1] Lopes, *Chron.*, CLXV

O combate, se o queriam, era alli, em campo raso, no valle de Almeda que pisavam. Descessem e combatessem! Acamparam, pois, esperando, segunda e terça-feira, sem que o inimigo bolisse. Apenas havia aqui, além, escaramuças valentes em que Martim Affonso de Mello se assignalava. Vendo que perdia o tempo, Nun'alvares avançou até á raiz do monte sobre que se erguia o castello, e intimou o desafio. O mestre respondeu-lhe que o não deshonrasse mais: estavam bem encurralados...[1] Não havendo, pois, que esperar, Nun'alvares seguiu para o sul, contra Zafra, a duas legoas. Escaramuçando sempre, devastaram os suburbios da terra que era do mestre de Santiago, arrazando e queimando os olivaes. Houve ahi um tumulto pelo muito vinho que a peonagem ingeriu. Nun'alvares teve de sair a contel-os, e na refrega perdeu o mantão, ficando em corpo. Largaram logo, na propria quarta feira, vespera de *Corpus*, indo n'esse dia acampar contra Burguillos, onde o inimigo tinha setecentas lanças. Nas barbas d'elle, Nun'alvares fez no acampamento, como se fôra em sua casa, a festa e a procissão de *Corpus*; e depois seguiu para Jerez-de-los-Caballeros, pisando pela primeira vez a extrema fronteira austral castelhana. Em Jerez estava o mestre de Santiago com toda a gente que trouxera da Feira; mas não se atreveu a embargar o caminho aos invasores. O medo que Nun'alvares infundia tomava proporções lendarias. Abarrotados de despojos, decidiram voltar a casa, e desceram por Barcarota e Villa-Nova, junto a Olivença, onde tres dias ainda esperaram o inimigo, passando a fronteira em Juromenha, direito a Villa-Viçosa. Aguardavam ahi Nun'alvares a mãe e a filha. Tinha durado duas semanas a correria. Era o segundo dia de julho. [2]

Esperava-o tambem, no regresso ao Alemtejo, a ordem do rei chamando-o a Tuy, onde todas as forças castelhanas

---

[1] Lopes, *Chron.* CI XVII; a *Chron. do Condestabre* diz *encornelhados.*

[2] *Chron. do Condestabre*, LXVIII; Lopes, *Chron.*, CI XVIII.

o ameaçavam. Antes que ellas chegassem, porém, e emquanto andava por Castella, Tuy capitulara, entregando-se a D. João I, depois dos dois assaltos da vespera e do dia de S. Thiago. [1] Victorioso, D. João I armou cavalleiro o seu bastardo Affonso, e regressou ao Porto; onde soube, como simultaneamente o soubera em Evora Nun'alvares, do bloqueio do Tejo pela frota castelhana.

Ao mesmo tempo que a esquadra de Sevilha, chegava a Lisboa a que se armara em Santander. Juntas [2] entraram a barra, subindo até em frente da cidade que saudaram com uma descarga de tiros, indo fundear abaixo, no Restello. Mas Lisboa saiu em peso para defender a margem que, dia e noite, desde Xabregas até Cascaes, era guardada por gente de pé e de cavallo, impedindo os desembarques. Vindo a bloquear, achavam-se bloqueados: sem agua, nem viveres; por isso tiveram de retirar, ao cabo de poucos dias, a assolar a costa.

Mais souberam tambem, o rei e o condestavel, ao norte e ao sul do reino, como no centro, pela Beira, entrara o infante D. Diniz, proclamando-se rei de Portugal, e trazendo comsigo os portuguezes que andavam por Castella: os Pachecos, os Vasques, os Pimenteis. O momento parecia critico; o plano fôra bem traçado. Ao mesmo tempo, o mestre de Santiago invadia o Alemtejo, o rei caía sobre Tuy, o infante entrava na Beira pelo Sabugal direito á Guarda,[3] a esquadra bloqueava o Tejo. [4] Portugal, assaltado por todos os lados, render-se-hia forçosamente. Mas Tuy capitulara, e era portugueza; o mestre de Santiago, em vez de invadir, soffrera sem combater a invasão de Nun'alvares; Lisboa repellia a frota. Só faltava lançar para alem da fronteira o infante D. Diniz.

---

[1] 24, 25 julho; Lopes, *Chron.* CLXXV. A capitulação foi a 26; *ibid.*, CLXXII.

[2] 40 naus e 15 galés; Lopes, *ibid.*, CLXXIV.

[3] *Ibid.*, CLXXIV.

[4] *Ibid.*, CLXXII.

Encarregaram-se d'isso as populações. Fecharam-se as villas ao filho de Ignez de Castro. Mas o condestavel que o não sabia ainda, ignorante da queda de Tuy, resolveu partir logo, logo, a repellir de caminho o infante, e a soccorrer o rei em apuro. Dinheiro para soldo não havia, porém, e a gente protestava contra o excesso de trabalho. Valeu-lhe n'este apuro Martim Affonso de Mello que deu a somma e decidiu os remissos. Largaram de Evora para o Crato, a galope, Nun'alvares e o Mello, com quinze ou vinte bacinetes; do Crato levaram comsigo o prior Camello que já voltara desenganado de Castella: el-rei perdoar-lhe-hia. Não havia um momento a perder. Do Crato foram a Niza, juntando gente sempre; de Niza a Castello Branco, d'onde Nun'alvares intimou ao infante, ainda na Covilhã, o mandado de despejo. [1] D. Diniz entretinha-se a escrever ás villas do reino, dizendo-lhes que D. Beatriz renunciara n'elle os seus direitos á corôa portugueza! Mas quando recebeu a intimação de Nun'alvares, impellido pelos seus proprios castelhanos, tomado de medo, fugiu. [2]

O Mello podia regressar ao Alemtejo, guardal-o de al-

---

[1] «Sñor. Nuno Alves pereira, Conde de Barcellos e de Ourem e darrayolos Comdestabre per meu sñor elrey de portugal e seu mordomo mor me encomendo em bosa grasa e merce e bos fago saver q. a mi me hee dito q. bos somdes bindo com muntas gemtes ao reyno de meu sñor. elrey e fageis em elle guerra mal e dano, e ainda ho peor hee q. por hũ bimdes, bos chamais rey de portugal do q. me munto marabilho e pareceme q. se do boso conselho soo tal nome tomastes q. ho delibereis melhor de cuydar e se bolo outrem comselhou, emtemdo q. bos nom comselhou berdadeiramente porq. pª homẽ do boso estado hee cousa fea e bergonhosa; e porem eu semtindo munto estas cousas q. som contra o serbiso de meu Sñor elrey som bimdo a esta terra por bo las comtrariar co ajuda de Ds; e oje este dia da feitura desta carta cheguei aqui a castelobranco e embiobolo a diger pª seredes dello certo e rogobos e pesobos q. nom ãjais por nojo hũ pouco bos deter porq. Ds querendo eu serei cõbosco daqui a tres dias pouco mays ou menos. &» — Lopes, *Chron.* CLXXIV; transcripta em Sylva, *Mem.*, *etc.*, II, 735.

[2] *Chron. do Condestabre*, LXIX.

guma investida do mestre de Santiago; elle, Nun'alvares, seguia com um milhar de lanças para o norte, a encontrar-se com o rei. Em Vizeu soube da tomada de Tuy. Socegado, desceu ao Porto, onde outra vez se abraçaram, victoriosos ambos, o rei e o condestavel. Como lembrança, D. João I deu-lhe Paiva, Tendaes e Lousada, reservando para a Corôa, porém, a correição e a alçada: [1] n'isso não transigia João das Regras. Chamavam Nun'alvares do Alemtejo: Moura corria perigo; Serpa fora assaltada; a comarca da esquerda do Guadiana reclamava-o. Foi com a gente que deixara em Vizeu e que se lhe reuniu em Coimbra: foi de caminho por Ourem, a Evora, d'ahi a Portel. Bastou a noticia da sua chegada para tudo se pacificar. [2]

Entretanto chegava ao Porto um genovez, *micer* Ambrosio, que o rei de Castella, afflicto por se ver sem Tuy e sem Badajoz, como resultado da ruptura de hostilidades, enviara a Portugal agenciar tregoas. D. João I não pedia outra cousa. O pensamento do seu governo, nascido de uma revolução, não era a guerra á moda antiga: era o Estado, conforme o concebiam as idéas novas. Assentaram n'uma suspensão de operações por seis semanas, [3] em quanto se escolhiam juizes arbitros para derimirem conjuntamente as questões pendentes. O rei de Castella nomeou Ruy Lopes d'Avalos, seu condestavel; Figueroa, mestre de Santiago; *micer* Ambrosio, e o dr. Pedro Sanchez; o rei de Portugal escolheu Nun'alvares, D. João Affonso d'Azambuja, bispo de Coimbra, com o dr. Ruy Lourenço, e o *escholar* Alvaro Pires. [4]

De Evora partiu Nun'alvares com o bispo e um esqua-

---

[1] Doação de 1 de setembro, 1436=1398; em Sousa, *Hist. Geneal.*; *Provas*, VI. n.º 26.

[2] Dezembro, 1398; *Chron. do Condestabre*, LXXI; Lopes, *Chron.*, CLXXVI e VII.

[3] *Chron. do Condestabre*, LXXII; Lopes, *Chron.*, CLXXVIII.—Cf. Sylva, *Mem.*, etc., II. 613.

[4] *Chron. do Condestabre*, e *Chron.*, *ibid.*

drão de quinhentas lanças para Olivença. Do lado opposto, vinha sobre Barcarota o condestavel d'Avalos com o mestre de Santiago. Estavam a seis legoas de distancia, medidas pelo rio de Valverde, que vae cair no Guadiana em Juromenha. De um e outro ponto, avançaram com uma escolta de cincoenta lanças os plenipotenciarios, encontrando-se a meio caminho dos dois arrayaes. [1] Alli parte-se a ribeira em dois braços deixando em meio uma leziria verde de relva: foi esse o ponto do encontro. De parte a parte havia desconfiança. Nun'alvares ia n'um cavallo russo-queimado, grande, com cota e braçaes, arnez de malha nas pernas, jaqueta preta sobre a cota e um cutelo á cinta. O bispo ia tambem de cotas e braçaes; a escolta de espadas e adagas. [2] Um momento, os soldados, temendo cilada, ergueram as armas: Nun'alvares apertava na cintura o cutelo. Houve um rumor, mas tudo serenou logo, a um olhar terminante do condestavel. Ajustaram a tregoa que duraria nove mezes, e cujos termos eram a restituição reciproca dos logares tomados nos dois reinos, e a dos prisioneiros, sem resgate; quitação plena dos damnos feitos e recebidos; restituição dos refens; liberdade para ficarem em Castella os portuguezes transfugas. Tudo isto era acceite, mas, para a paz, os castelhanos queriam, mais, que o herdeiro de Portugal casasse com a rainha viuva de Castella, D. Beatriz; que se desse um ducado ao infante D. Diniz; que se restituissem os bens confiscados aos transfugas: que Portugal ajudasse com dez galés, durante tres annos, a guerra contra o mouro de Granada. Estas exigencias inacceitaveis determinaram a ruptura das negociações. [3]

Nun'alvares foi d'alli a Evora entender-se com o rei que o esperava. Não se tinham obtido termos de paz; mas a tregoa ficara assente; e tão real foi que, durante qua-

---

[1] 8 de fevereiro de 1437=1399.

[2] Lopes, *Chron.* CLXXIV; *Chron. do Condestabre*, LXXII.

[3] Lopes, *Chron.* CLXXXII.

torze mezes, não houve hostilidades. Só em maio de 1400, reconhecendo que o visinho insistia em prolongar uma situação falsa, não renovando as tregoas, D. João I resolveu forçal-o á paz, invadindo a Extremadura. Juntos, o rei e o condestavel, foram do Crato pôr cerco a Alcantara, saqueando a terra, mas não podendo tomar a praça. [1] Regressaram; e D. João I, vendo que, na desordem e na penuria de uma guerra que teimava em não acabar, as reformas do seu chanceller eram inexequiveis, instituiu o Alemtejo e o Algarve em commando militar á antiga, investindo o condestavel fronteiro no cargo da justiça.[2] O tacto e a auctoridade de Nun'alvares introduziram logo por toda a parte a ordem.

Mas, emquanto D. João I cercava Alcantara, o mestre d'essa ordem ia contra Miranda, cercava-a e tomava-a. Era indispensavel acabar de vez com um estado de cousas que eternisava a guerra, sem dar a nenhum dos contendores vantagens decisivas. N'esse proposito foram plenipotenciarios a Segovia [3] D. João d'Azambuja, já transferido da mitra de Coimbra para a de Lisboa, com João Vaz d'Almada e o dr. Martim d'Ocem. Ao cabo das negociações, assignaram a tregoa de dez annos, restituindo-se reciprocamente Badajoz, Tuy, Salvatierra e San Martin, por um lado; e pelo outro, Bragança, Vinhaes, Castello-da-Piconha, Miranda, Penamacor, Penha-Garcia, Segura e Nodar, [4] com os refens e prisioneiros, sem resgate; e marcando o prazo de seis mezes para ultimar a paz, ardentemente pedida pela rainha D. Catharina, [5] irmã da portugueza. Enviuvando, investida na regencia, tratou-se finalmente a serio do reco-

---

1 *Chron. do Condestabre*, LXXIV; Lopes, *Chron.* CLXXXIV, e v.
2 Lopes, *Chron.* CCII.
3 Chegam a 1 de junho.
4 Lopes, *Chron.* CLXXXVI a VIII; cf. Sylva, *Mem.*, etc., II, 934.
5 Lopes, *Chron.* CLXXXIX.
6 Henrique III morreu a 25 de dezembro, 1407.

nhecimento da dynastia nova de Portugal, avistando-se os negociadores em Escarigo, sobre a fronteira, entre Castello Rodrigo e San Felice, e chegando-se, depois de prolongadas lentidões, [1] ao tratado de alliança e paz de 1411, [2] assignado em Medina-del-Campo. [3]

Estava finalmente reconhecida a monarchia nova em Portugal! O reinado dos juristas ia começar: o do cavalleiro terminara. Nun'alvares podia recolher-se ao tumulo.

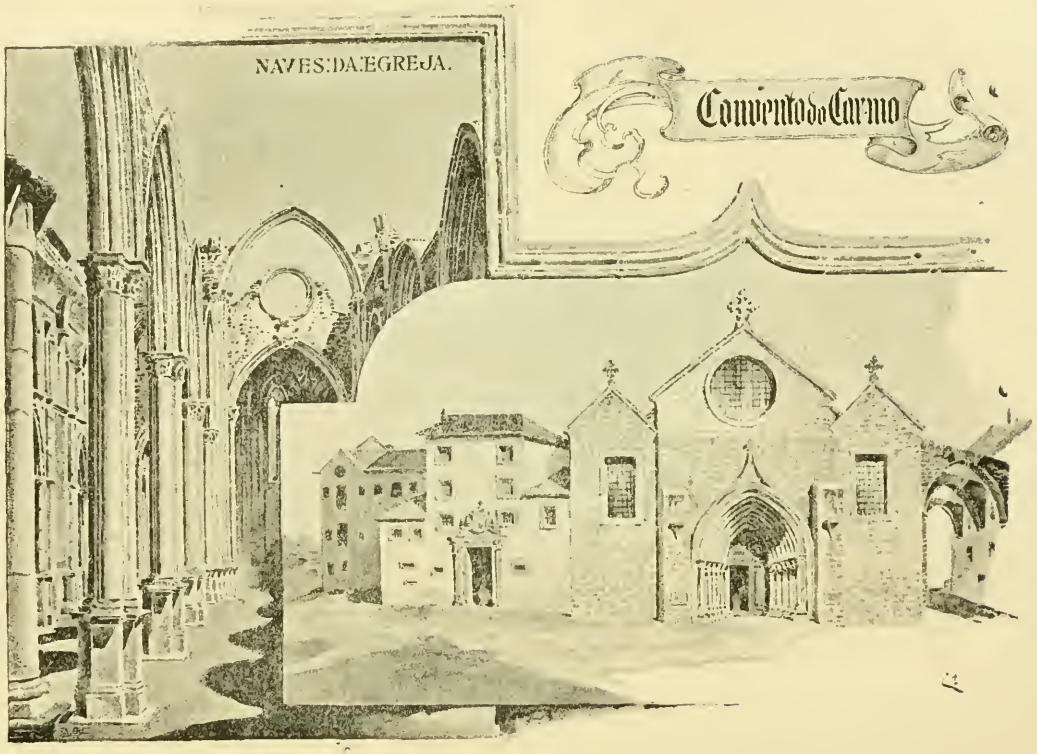
Estatua tumular, no convento de Bemfica, Lisboa.

---

[1] Lopes, *Chron.* cxc a cxcvii.

[2] 31 de outubro. V. o texto em Sylva, *Mem.*, etc., iv, doc. 36.

[3] O tratado da menoridade de João II foi por elle ratificado e jurado em Avila a 30 de abril de 1423, determinando-se-lhe a revisão para 6 de março de 1434, clausula que se aboliu, tornando-o perpetuo, em Medina a 30 de outubro de 1431. D. João I assignou-o em Almeirim a 17 de janeiro de 1432. V. Lopes, *Chron.*, cxcvi, vii.



Antes de 1755; grav. da *Chron. dos Carm.*, de Sant'Anna.

X

O santo condestavel

Com o terminar do seculo, definitivamente acabada a guerra, Nun'alvares encontrava-se perante aquelle quasi vasio, mistura de satisfação e saudade, de orgulho e tristeza, que invade o espirito humano, nos raros momentos em que lhe é dado considerar realisado um desejo. As ambições são miragens: andam comnosco, formadas aeriamente pelo devaneio da imaginação; e se alguma vez succede podermos abraçal-as, desfazem-se em fumo que eram, somem-se em sonhos que foram! Felizes, porém, os homens, quando podiam, apoz uma ambição, levantar outra; depois de uma miragem dissipada, correr atraz de outra miragem nascida dos phantasmas varridos pela viração afortunada ou melancolica, da desgraça ou da ventura, irmans gemeas n'este caso! Felizes, porque a miragem ultima os acompanhará até á cova, morrendo com elles, dissipada já depois de se lhes ter apagado o ultimo sopro d'esta vida, viagem ephemera e ignotamente desnorteada n'um mar tenebroso cortado por salceiros de lagrimas.

A primeira epocha da infancia, até aos treze annos,

quando o pae o trouxe á corte e Leonor Telles o fez seu escudeiro, fora para Nun'alvares um periodo de formação ideal, em que as sementes constitucionaes da sua alma germinaram, chegando á efflorescencia. Desabrochava n'um lyrio branco de Cavallaria, perfumado como nardo, pelo aroma capitoso da ambição. Queria ser maior que os maiores: egualar o typo inventado pela poesia na figura épica de Galaaz, o cavalleiro santo, cujas armas eram de luz, cujos pensamentos subiam como espiraes de incenso para o ceu potente nos coros triumphaes dos archanjos. Mas, dos treze aos vinte e tres, durante esses dez annos primeiros [1] da sua vida real, a alma, roçando-se pelas miserias do mundo, hesitante, formava-se-lhe, como o aço da espada que, ao sair da forja, a lima e o martello do obreiro afeiçoam, adelgaçando-lhe o gume. Sem rijeza, nem elasticidade ainda, oscillava entre a illusão e o desanimo, entre o enthusiasmo e o abandono. A tempera que lhe faltava deu-lh'a a revolução de Lisboa, revelando-lhe o destino marcado á vida. Todas as nevoas se dissiparam, todas as hesitações fugiram. Illuminou-se-lhe o pensamento: subiu alto o sol por sobre o valle profundissimo do seu espirito; e fitando-o, viu claramente qual era o segredo das suas duvidas, e o significado symbolico das crenças ingenuas da sua infancia. A cruz vermelha do escudo mystico de Galaaz era a cruz positiva de Aviz, labaro da redempção de um povo; e a espada de Merlim, famosa, era essa espada que o Alfageme lhe corregera em Santarem, na vespera da partida para a aventura. Tudo ganhava nitidez e clareza. As visões da mente adquiriam realidade patente aos olhos do corpo. A vida não era um sonho, não! E cotejando assim a traducção positiva da linguagem mystica da sua infancia, acreditava tambem no prognostico do astrologo. Nunca seria vencido; não queria, não havia de o ser! e esta fé absoluta e

---

[1] 1373-1383.

terminante no destino da sua vida dava-lhe força mais que humana.

Nunca foi vencido, com effeito, durante o longo periodo de dezesete annos, [1] em que o ardor absorvente dos perigos, e a febre de uma acção incessante, excitando-lhe instinctivamente todas as energias do temperamento, não lhe consentiam tregoas para hesitar, examinando e comparando a realidade das cousas e o alcance dos motivos. Como o animal cego amarrado ao timão de uma nora, ou como o touro açulado que investe no combate, Nun'alvares, amarrado tambem á causa a que se votara, e egualmente açulado, ora pela hostilidade dos inimigos, ora pela intriga perfida dos amigos: umas vezes com a tenacidade paciente do boi de canga, outras vezes com o impulso violento do touro, proseguira na empreza que agora via rematada, quando completava quarenta annos, e na face já tinha rugas e cans por entre os cabellos ruivos.

Mas, durante os dezesete annos dos seus trabalhos de Hercules, quando a vaga imagem poetica do Galaaz da sua infancia já se lhe dissipara quasi da idéa, e a lembrança lhe trazia sorrisos aos labios, pouco a pouco, gradualmente, fora-lhe invadindo a alma um enxame de imagens novas, celestiaes, que tomavam corpo e por seu turno lhe revelavam, inundadas de luz, a significação das praticas e das crenças piedosas da meninice, aprendidas no collo da mãe, desenvolvidas pelos frades da Flor-da-Rosa e do Bomjardim, seus educadores. Na haste dos lyrios e assucenas da Cavallaria enxertavam as flores, mysticas tambem, da theologia christan; e nas angustias crueis da vida guerreira, quando carecia da protecção e amparo ausentes no mundo, costumou-se a pedil-os ao ceu. As imagens piedosas da sua bandeira tornaram-se talismans. A invencibilidade da sua espada era um milagre de Deus, ou da Virgem. A sua fé transcendentalisava-se. A Cavallaria, sua

---

[1] 1383-1400.

alma, transformava se n'uma cavallaria-ao-divino, fazendo d'elle o precursor d'essa evolução psychologica, depois generalisada a toda a Hespanha.

Por isso, já no decurso da guerra, e mais ainda depois da guerra acabar, se vê claramente o homem novo que nascera do antigo, e a terceira face d'este espirito sempre sequioso de ideal: primeiro, ingenuamente, pozera a miragem da sua vida na realisação do typo de Galaaz; depois, tornara-a concreta na empreza da redempção de Portugal; e agora, finalmente, transferia-a para a aspiração piedosa á bemaventurança no céo.

Só dois laços o prendiam ao mundo, desde que o estabelecimento da monarchia de Aviz era um facto indestructivel: dois laços unicos, a mãe e a filha. Uma, porém, tinha cumprido na terra o seu destino, e socegadamente esperava a morte; mas a outra, quasi creança, [1] na edade em que ainda se deseja viver, reclamava do pae um logar na terra. Fructo das suas primeiras aventuras, emquanto mestre de Aviz, o rei tinha um bastardo que pouco havia armara cavalleiro em Tuy. Não podia haver melhor noivo para a filha do condestavel. Em Leiria, os paes ajustaram o casamento [2] que foi precedido pela legitimação de D. Affonso. [3] O rei dotou o filho com as terras e julgados de Neiva, de Aguiar, de Darque, do Peralhal, Faria, Rates, Vermoim, e todos os mais bens confiscados ao conde de Barcellos, D. Gonçalo Tello, «que o desservira,» mais a terra de Penafiel-de-Basto e o couto da Varzea, em doação plena, de juro e herdade, com mero e mixto imperio; dando-lhe tambem o titulo de conde de Barcellos, pois lhe dava os bens

---

[1] D Beatriz nascera em 1378, ou 9: tinha, portanto, em 1401, 21 ou 22 annos.

[2] *Chron. do Condestabre*, LXXVI; Lopes., *Chron.*, CCIV.

[3] V. a carta de legitimação de D. Affonso, 20 de outubro de 1439 =1401 (arch. da casa de Bragança) em Sousa, *Hist. Geneal.*; *Provas*, VI, n. 1; e Sylva, *Mem, etc.*, I n. 12.

do condado. [1] Nun'alvares, por seu lado, deu ao genro Chaves e Montenegro, Montalegre e Barroso, Baltar, Paços-de-Ferreira e Bustello, com todos os coutos e honras, com

Barcellos: ruinas do solar dos duques de Bragança.

todas as jurisdicções e padroados; mais as quintans da Carvalhosa e de Covas, de Canedo e Sarraçaes, de Godinhães e S. Fins, da Touga, dos casaes de Bustello, da Axoara, e da Pousada quando morresse o prestameiro João Gonsalves, a quem a doara em usofructo. Se do consorcio porém não houvessem filhos, os bens ficariam a D. Beatriz, e seriam sempre indivisiveis no filho varão primoge-

[1] V. a escriptura de doação, Lisboa, 8 de novembro de 1439=1401, em Sousa, *Hist. geneal; Provas* VI, n. 4. Ás doações anteriores junta o rei depois a de Fão, por carta de Paço-de-Sousa, 14 de outubro de 1447=1409; *ibid.*, n. 5.

nito. [1] O rei confirmou esta doação do condestavel. [2] Assignaram-se as escripturas, [3] celebraram-se regiamente as bodas. [4] Os noivos, senhores da maior casa do norte do reino, partiram para os seus dominios: estavam formados os alicerces do futuro ducado de Bragança. [5]

Nun'alvares podia, pois, voltar-se para a nova empreza da sua vida.

*

* *

No decurso da anterior, emquanto de um limite a outro, norte a sul, leste a oeste, conquistava Portugal inteiro para a monarchia nova, correndo do extremo Alemtejo ao extremo Minho, e do litoral á raia, muitas vezes transposta em álgaras fulminantes: por toda a parte ia semeando no reino as fundações piedosas que attestavam a progressiva transformação do seu pensamento. Mas aquelle primoroso recanto portuguez que se chama o Alto-Alemtejo, e que era o coração da sua fronteira e o theatro constante das suas façanhas, coalhou-o de egrejas votivas. Em Extremoz concluiu o templo de Nossa Senhora dos Martyres, começado por D. Fernando; em Villa-Viçosa levantou uma capella á Conceição; em Souzel, em Portel, em Monsaraz, em Mourão, em Evora, construiu egrejas á Virgem; construiu-lhe outra capella em Camarate, junto

---

[1] *Chron. do condestabre*, LXXVI. V. a escriptura de dote, 1 de novembro de 1439=1401, em Sousa, *ibid.*, n. 2; e Sylva, *Mem.*, *etc.*, IV, n. 12.

[2] V. a confirmação, 8 de novembro, 1439=1401, Lisboa; em Sousa, *ibid.* n.º 3.

[3] De 1 de novembro de 1439=1401, em Friellas. Sousa, *ibid.* n. 2.

[4] *Chron. do Condestabre*, LXXVI.

[5] V. *Os Filhos de D. João I*, do A., 304. Os fructos do casamento da filha de Nun'alvares foram: 1 D. Isabel, que veiu a casar com o infante D. João, filho de D. João 1; 2. D. Affonso, conde de Ourem e marquez de Valença, o que foi a Jerusalem, ao Cairo e a Damasco; 3. D. Fernando, conde de Arrayolos, segundo duque de Bragança. — *Chron. do Condestabre* LXXVI.

de Lisboa, nas terras que lhe tinham sido doadas; outra no proprio logar de S. Jorge, onde a sua bandeira esteve no dia tragico de Aljubarrota; [1] outra, finalmente, em Lisboa — a maior, a mais bella! cathedral que desde o alto da Pedreira, ou do Almirante, enfrentava com a Sé, e que havia sete annos começara, offerecendo-a á Virgem do Carmo em paga do milagre de Valverde.

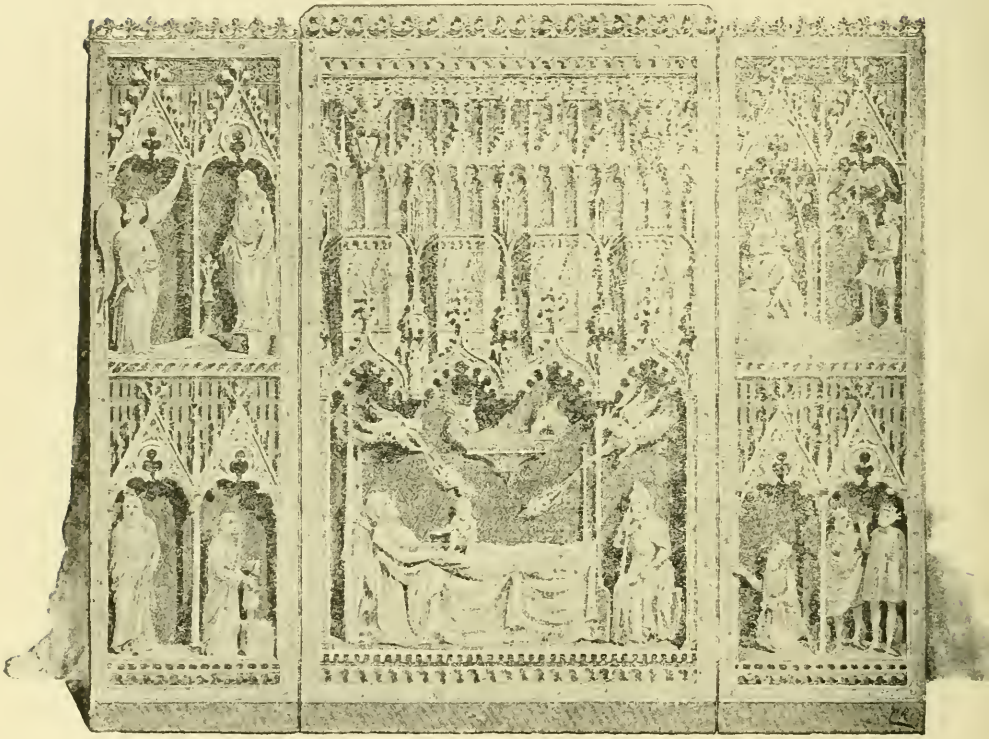
Cada batalha tinha o seu voto: as façanhas ficavam registadas em folhas de pedra, dispersas pelo livro aberto do solo portuguez. Cada crise erguia-o um degrau no throno luminoso em cujo alto, fulgurantemente, via a Virgem envolta em nuvens, cercada de anjos, com a cabeça erguida e o olhar levantado para o infinito esbatido em vagas ondulantes de azul e ouro, desmaiados, perdendo-se n'uma diffusão de luz, evaporando-se, com fragancias innominadas, no sonho ideal da sua imaginação amorosa. Transcendentalisado tambem, o instincto feminino apparecia no condestavel como devoção da Virgem, sublime concepção da Mulher; e na alma subtilisava os sentimentos, á maneira que a flor mystica da Cavallaria, murchando no coração, lh'o deixava inebriado com o seu perfume perturbador de nardo.

A empreza acabara para elle na terra; de ha muito acabara o amor, se porventura alguma vez o palpou com os beiços. Já em creança a phantasia da sua imaginação o tentava com o voto de virgindade: esse culto do feminino, subtil e paradoxal. Depois voltara o instincto organico; e a phantasia da infancia gerava o amor mystico da Virgem, cavallaria celestial em que os sentimentos genesiacos, idealisados, voavam como nuvens luminosas, aspirações aerias,

---

[1] *Chron. do Condestabre*, LX e LXXX; Lopes, *Chron.*, CCI. — Sant-Anna, *Chron. Carm.*, III, 960 transcreve a inscripção da capella de S. Jorge votada á Virgem: «Na era de 1431 (1393) N. condestabre mandou fazer esta capella á honra da Virgem Maria e do martyr S. Jorge; porque em o dia que se fez aqui a batalha que el-rei de Portugal houve com el-rei de Castella estava em este logar a bandeira do dito condestabre.» — Cf. *Ibid.*, 961.

batendo as azas no espaço azul do seu pensamento inconsciente. Entre a candura primitiva da sua alma, branca de assucena, quando queria ficar virgem, e a devoção fervente de agora, dando-lhe a beber o amor sob a fórma de um licor de sonho; entre a juventude ingenua, e esta ¿edade do



Ex-voto de D João I, na Oliveirinha, em Guimarães; ourivesaria do seculo XIV; m. 1,23 × 0,35.

declinar da vida: Nun'alvares casara, tivera filhos, conhecera e palpara as relações sexuaes. Mas isso fôra apenas o episodio de um momento. Casado contra vontade, quando os tentaculos da vida começavam talvez a prendel-o na sua quinta de Pedrassa, apagando as ambições juvenis e redu-

zindo-o á sorte vulgar da existencia fidalga, pae virtuoso de uma prole abundante: veiu a revolução de 1383 chamal-o outra vez ao ideal, soprando o fogo de sentimentos que dormitavam, e dando-lhe o verdadeiro destino de Paracleto portuguez.

Desde esse momento em que se separou da esposa, para iniciar a campanha, nunca mais dormiu com mulher. [1] Tinha agora outra consorte a que prestar homenagem: a Patria! e pela patria se lhe revelou esse outro amor mystico votado á Virgem, devoção em que inconscientemente ardiam, consumindo-se, as energias genesiacas do seu temperamento. Já o verdadeiro amor é abstinente, pois, formando na alma uma cristallisação exclusiva, rebate a carnalidade polygama, ordinaria nos homens. A devoção activa é, porém, absolutamente casta, apesar das tentações extenuantes dos extases contemplativos. E aquella porção de energia vital de que um homem dispõe, se se consome na actividade do trabalho heroico, isto é, sentido e querido, não deixa que o excitem os instinctos genesiacos acordados pela contemplação apathica. A castidade dos heroes é physiologica.

Em Nun'alvares, a devoção não era contemplativamente mystica: era ardente e activa. Durante as campanhas, a sua existencia dividia-se em duas partes: orar, combater. Combater para cumprir os mandados do ceu; orar para que Deus o ajudasse a vencer os inimigos. Alheio ás cogitações mais ou menos morbidas, como verdadeiro filho d'esta Peninsula, onde o realismo e a acção imperam, era inaccessivel ás tentações, pois tinha a fé espontanea e ingenua. O seu caracter, feito de decisão, subordinava tudo á vontade; e essa vontade obedecia ao impulso mental das revelações que lhe assaltavam o pensamento. O espirito mystico, tonificava-o com a pratica da oração quasi constante. Ouvia missas todos os dias; confessava-se meuda-

---

[1] *Chron. do Condestabre*, LXXX.

mente; commungava quatro vezes no anno: pelo Natal, pela Paschoa, pelo Espirito-Santo e pela Assumpção. A' meia noite, quando nas marchas o arrayal dormia, erguia-se elle, e resava.[1]

A communicação constante em que punha o seu espirito com Deus, quer dizer, com a substancia mais absolutamente bella, boa e certa das coisas, revelada pelo amor mystico da Virgem, no deslumbramento glorioso dos ceus entrevistos: esta piedade bordada de encanto, dava a Nun'alvares uma fé indestructivel em si proprio, e ao mesmo tempo uma caridade inexgotavel para com todos os homens: amigos, inimigos, portuguezes, castelhanos. A sua alma, forte e rija como aço para combater, desabrochava em flores de carinho, espalhando em volta de si uma ondulação de candura que enternecia os corações dos pobres, coroando-o já em vida com a auréola de santo. A piedade e o amor, a oração e a caridade, punham-lhe em movimento real e constante a imaginação religiosa, quer nas horas criticas da guerra, quer nos instantes placidos da paz; libertando-o das torturas martyrisantes em que a evocação de Deus e as tentações do Demonio, dualismo da vida, lançavam extenuantemente, com frequencia, as almas mysticas eleitas á santidade, n'um tempo em que a luz da razão era tenue, e violentos os impulsos naturaes de temperamentos quasi barbaros.

Inaccessivel ao medo, com toda a cohorte de sentimentos mesquinhos que são a antithese do heroismo, era inaccessivel á cobiça, e a toda a serie de paixões egoistas que se oppõem á santidade. Tinha a alma temperada em abnegação, do mesmo modo que tinha o braço temperado em energia. No seu espirito, em que a vontade dominava imperiosa e affirmativa como em nenhum homem, desabrochava o pensamento, candida, santamente formulado por um carinho seductor.

---

[1] *Chron. do Condestabre*, LXXX; Lopes, *Chron.*, CCI.

O condestavel era o pae dos humildes e infelizes. De tudo quanto recebia, na partilha dos despojos guerreiros, separava logo o dizimo dos pobres. Todos os annos vestia os nús, em uma das comarcas dos seus dominios. Nunca vendeu trigo: o que encelleirava, gastava-se e dava-se. As sobras das searas, juntavam-se para os annos de fome. A ninguem havia de faltar pão! Era a providencia dos necessitados. E durante as tregoas, n'um anno de crise, alargou as distribuições de trigo para alem da raia: ás bençãos e acclamações do Alemtejo inteiro, juntaram-se as da Estremadura, em Castella.[1] Para a caridade não ha amigos, nem inimigos: ha, somente, creaturas de Deus!

Ensarilhadas as armas, quando já se não pensava que a guerra houvesse de voltar (como voltou ainda) distribuira com os seus socios de campanha parte das terras havidas no decurso da lucta. Fartas amarguras lhe trouxera esse acto de generosidade! Depois, mais se despira ainda, dotando a filha para a casar. E todavia achava demasiado o que lhe restava. Queria repartil-o em vida; não porque a sentisse acabar, pois estava a metade do seu curso: quarenta e tantos annos, rijo e forte; mas sim porque, terminada uma empreza, planeava outra—mais vasta, mais larga, mais bella ainda, em que, ao inverso da anterior, o heroismo consistia em penitencia e humildade. Levantado o throno ao rei da sua eleição, e tendo subido com elle quasi até ao alto, olhava de lá e observava a nullidade das coisas terrestres... Descia, pois, a recomeçar a jornada pela escada mystica erguida desde o seu coração até o céo, d'onde a Virgem o estava chamando.

---

[1] *Chron. do Condestabre*, LXXX; Lopes, *Chron.*, CCI; cf. Sant'Anna, *Chron. Carm.*, III, 963.

O voto que fizera no dia angustioso de Valverde tinha já cumprimento quasi completo nos primeiros annos do seculo novo de 400. Tambem promettera á Virgem um templo em paga de Aljubarrota, e para isso obtivera logo licença do papa;[1] mas D. João I tomara a si o levantar a sua cathedral magnifica no logar da peleja, e o condestavel cingiu-se á obra da capella, no proprio sitio onde tivera a bandeira. A sua cathedral erguia-a em Lisboa

No alto da collina, a prumo sobre o Rocio e os campos de Valverde, fronteira aos montes da velha Lisboa oriental, já ampliada para occidente dentro dos muros d'el-rei D. Fernando, comprara o condestavel um olival aos frades da Trindade. Chamavam ao monte da Pedreira, por d'ahi se extrairem materiaes de construcção na encosta abrupta que descia em socalcos e degraus até ao esteiro da Baixa; chamavam-lhe do Almirante, por haver ahi as ruinas do palacio do Pessanha, morto em Beja na revolução, valhacouto de salteadores que ficava ao sul do olival dos frades, e pertencia á viuva do fallecido, que era a propria irmã do condestavel, D. Joanna. Tal foi o logar escolhido para a construcção do templo,[2] cuja obra começara, quando tambem, no logar da Batalha, D. João I principiava o seu.

D'além, como aguia dentro do ninho, Nun'alvares dominava a cidade; e em frente do castello dos tempos antigos, erguia o baluarte dos novos: diante de uma cidadela, uma cathedral; diante da espada, a cruz. Contrario á regra que

---

[1] Breve de Urbano VI, 8 de dezembro de 1386, de Genova; em Sant'Anna, *Chron. Carm.* III, § 1, 807.

[2] Lançou a primeira pedra em julho de 1389. Sant'Anna, *ibid.*, 180.

mandava aninhar no fundo dos valles apertados as cathedraes em que a phantasia mysteriosamente mystica das imaginações se desdobrava em sonhos de pedra, o condestavel queria que o seu templo se erguesse soberanamente no alto de um monte, imagem eterna da grandeza aeria, quasi épica, da sua devoção heroica. E nenhum monte da Lisboa d'então, ainda não arrastada para o poente pela embriaguez do mar: nenhum monte fallava mais alto que essa eminencia da Pedreira, vendo em frente desdobrar-se a cortina de cerros, em que toda a historia anterior da cidade estava escripta sobre paginas banhadas de sol.

Além, do norte, abre o horisonte o morro da Penha: Nun'alvares recordava-se dos tiros ahi trocados, havia vinte annos, [1] pela primavera, quando chegava com o irmão — Deus tenha em paz a sua alma! — a defender Lisboa cercada pelos castelhanos, no tempo d'el-reí D. Fernando. Depois, o terreno afunda-se como vaga, levantando-se no monte Olivete, cujo nome acordava á sua idéa as piedosas lembranças da Paixão do Redemptor. Depois é outra vaga, Almafalla, dos frades da Graça: por ahi combatera tambem; por ahi fugira doidamente a Pedr'alvares — Deus lhe perdôe, e o tenha em sua companhia! — para ir a Villa-Viçosa, [2] á batalha real, que se não deu... E vinham-lhe á lembrança as pazes, as bodas da infanta D. Beatriz, o banquete de Elvas, a mesa que estouvadamente derrubara, por desforra; e o nojo, o enfado, o tedio de viver, a fuga... Quem lhe diria então que similhantes fructos aos de agora estavam latentes n'essas flores de veneno?.. Depois, n'outra vaga menos alta, o Castello, a Alcaçova, levantado sobre a pinha de casaria: o Castello que tomara nos primeiros dias de esperança, ao soltar-se a revolução; [3] e em baixo, á sombra d'elle, a Sé, cujas torres foram o calvario

---

[1] 1381.

[2] Agosto, 1382,
30 de dezembro, 1383.

do bispo perdido; cujas torres, cortando o ceu e o rio, se banhavam ao mesmo tempo, no azul do ar, no azul da agua, no azul distante dos montes esfumados da Arrabida, lá para além... Detraz das torres aponta a agulha do paço d'apar S. Martinho, onde morreu o Andeiro. Ao fundo, está Palmella: que dias crueis foram os do cerco![1] E a corrida a Almada, as fogueiras que accendia no castello para que o Mestre soubesse como pairava de fora, correndo, voando, em sua defeza!.. O horisonte fecha-se n'uma curva doce, perdido em agua.

N'outro plano, inferior e mais proximo, erguendo-se a nascente do Rocio, vae seguindo a lombada de Sant'Anna, a encobrir o valle da Mouraria, Santo Antão e a Corredoura, que se insinuam para leste: a lombada mosqueada de olivaes, onde, para fóra das muralhas, a casaria da cidade, amontoada a poente, como em pinha, branqueia dispersa, perdendo-se pouco a pouco no pardo amarellento dos campos. Foi lá em baixo que acabaram de matar o bispo scismatico arrastado da Sé, deixando-o mutilado apodrecer como os cães... Aqui mesmo, na raiz do monte, de cujo cimo Nun'alvares domina os socalcos pedregosos: aqui mesmo, passa a rua de Mestre-Gonçalo[2] que vae ao Rocio, a Valverde. No angulo em que a Baixa bifurca, abrindo-se, fica o convento de S. Domingos; para além Santa Justa; ao lado, a Senhora-da-Escada, tão benigna para Lisboa. Valverde vae seguindo e subindo, ferrageaes e hortas, cortadas de lado a lado pela linha negra das novas muralhas, armadas de torres, coroadas de ameias, cujos dentes mordem o ceu, trepando empinadamente pela encosta do monte de S. Roque, sobranceiro da esquerda ao do Almirante. Entre ambos, afunda-se uma

---

[1] Agosto, 1384.

[2] Hoje a rua nova do Carmo.—V. para a Lisboa do tempo, Herculano, *Monge de Cister*, XVIII e XIX.

viella ingreme, em degraus até ao Rocio. [1] Da direita, para além da quebrada rapida do terreno, avança, apertando o esteiro da Baixa, o plan'alto de S. Francisco, ultimo degrau da escada montuosa que vem descendo desde além de S. Roque. S. Francisco trazia á idéa do condestavel a sua vinda a Lisboa, na primavera de 1382: ahi o irmão — Deus lhe falasse n'alma ao expirar! — levantara a sua bandeira dentro da cidade cercada... E, voltando-se, tinha diante de si a espessa cortina dos muros que descia de S. Roque, por alli proximo, ao lado da Trindade, com a porta de Santa Catharina em frente: a porta por onde saira no verão do mesmo anno á sua aventura de Santos, onde ia perdendo a vida... Tudo em volta lhe falava dos tempos anteriores que eram hontem; mas que á sua imaginação vibrante pareciam longamente affastados, por seculos vastos... Outras ambições, mundos novos: empreza mais bella ainda, se lhe estava construindo sobre o pinaculo dos seus velhos pensamentos, sobre o throno do monte d'onde via desenrolar-se-lhe a vida transacta...

E construia-se trigosamente. As difficuldades eram constantes e enormes. As paredes abriam fendas pelo resvaladiço do terreno, revolucionado em velhas tempestades geologicas. Os alicerces corriam. A obra parecia chimera. Levantar uma cathedral no alto de um monte, era o mesmo que erguer o templo da virtude santa sobre a montanha dos vicios humanos, tambem revolucionada pelos temporaes do desenfreamento medieval, resvaladiça e esboroante. Todavia, como teimara, vencera; como tivera fé, triumphara. Ahi estava o reino libertado pela monarchia nova, Portugal renascido, para o attestar. Por isso Nun'alvares teimava, insistia.

Quando foi do casamento da filha, já as obras duravam havia tres annos. Começara a construcção pela abside, avançando como prôa de uma nau na baixa do Rocio.

---

[1] Hoje, calçada do Carmo.

Levantava-se o templo sobre uma muralha, cuja altura vertiginosa enchia talvez ainda mais de pasmo quem a observava, do que a altura magnifica das acções do condestavel — do que, de certo, a elevação sem limites das suas aspirações grandiosas, fuste de arvore infinita a que não era dado ver a copa, fundida nas illuminações do ceu.

Começara-se pela abside, mas quanta pedra os carrejões vasavam na valla aberta dos alicerces, toda se sumia, sorvida pelos olhos do terreno, ou correndo nos lisos escorregadios pela clivagem dos stratos torturados nas sublevações geologicas. Duas vezes começaram a erguer-se os muros, duas vezes vieram a terra; mas quantas vezes não vira o condestavel desmoronar-se o edificio das suas ambições, antes de as realisar? Pois a pedra vil e bruta poderia mais do que braços de homens e corações de gente? Se as pedras alluiam, faria de bronze os alicerces:[1] de bronze era a vontade que o movia. Recusavam-se os alvaneus e os peões a trabalhar, apavoridos com os desabamentos constantes? Augmentava-lhes os salarios: os serventes chegaram a dez reaes, os officiaes a treze, os mestres a trinta.[2] Verdade é que a moeda estava depreciadissima, com as alterações successivas. Depois das duas derrocadas, principiaram terceiros alicerces, trazendo-os desde a raiz do monte, comprimido n'um muro de supporte escalonado. Oito annos durou a obra nas fundações sobre que se erguia solidamente, afinal, a abside do templo; mas quando começaram com a nave, a face do sul cedeu, contra as ruinas do palacio do Almirante. O terreno, esboroa-

---

[1] Sant'Anna, *Chron. Carm.*, III, § 1, 812; cf. para a obra do Carmo, 811, 3, 4, 5 e 6

[2] O real de dez reaes, anterior á alteração de 1422 (Cf. Aragão, *Descr. geral*, I, 22) vale theoricamente 34 rs. da moeda actual (*Ibid.* II, 240). São pois, respectivamente, 340, 442 e 1:020 rs. que se deverão talvez sextuplicar. «Os serventes, diz a chronica, ganhavam bem para dois e meio alqueires de trigo, porque valia então a cinco réis.» Sant' Anna, *ibid.*, 813.

diço tambem n'essa vertente, não tinha consistencia; o cunhal da fachada mostrava uma grande fenda; era indispensavel aguentar a fabrica por meio de gigantes ou botareus, e para isso o condestavel comprou então á irmã o terreno adjacente, arrazando as ruinas do palacio do Pessanha,[1] seu cunhado.

Em Moura travara Nun'alvares estreitas relações com os frades da ordem do Carmo, que ahi tinha o seu capitulo. Os rigores e penitencia monastica da regra que o patriarcha de Jerusalem S. Alberto deixara em testamento ao segundo geral dos latinos, S. Brocardo, captivavam o espirito arrebatado do condestavel.[2] No convento de Moura professára depois da paz, João Gonsalves, seu antigo meirinho, a quem doara a villa do Arco-de-Baulhe e varias quintas.[3] Fr. Affonso da Alfama, o vigario geral dos carmelitas portuguezes em Moura, era pessoa da sua maior estima. Escreveu-lhe, portanto, de Lisboa, a pedir-lhe em cumprimento de promessas anteriores, um destacamento de monges que viessem tomar conta do convento, embora as obras da egreja não estivessem ainda terminadas. Viessem portuguezes exclusivamente. O sustento e manutenção da communidade e do culto ficavam por conta d'elle, condestavel. Os bens que a mercê do rei lhe doara, considerava-os um

---

[1] Escriptura de 1437 = 1399, troca do terreno por umas casas no poço da Foteyta, ou Judiaria velha de Lisboa; em Sant'Anna, *ibid.*, 853.

«... hum socom de casas que eu hei em a cidade de Lisboa na Judiaria Velha, na rua da Ferraria, que partem com casas da See que trouxe aforadas Jacob Navarro, com casas minhas e com rua publica: o qual socom vos assi dou em escambo, e em escambo d'este dia para todo o sempre, como dito he, por um campo e serro em que hora estão o dus vossas casas na dita cidade com o vosso bairro a par do Mosteiro e Igreja que agora mando fazer ao dito logo .. Cidade de Lisboa vinte e oito dias de Agosto. Era de mil quatrocentos trinta e sete annos» (1437 = 1399) — doc. v., p. 803.

[2] *Ibid.*, § IV, 818.

[3] *Ibid.*, 825.

emprestimo de que por partes ia fazendo a restituição: [1]

---

[1] A communidade installou-se em Lisboa, em 1397; Sant'Anna, *ibid.* 825,6. A carta para o vigario geral é do theor seguinte: (*Ibid.*, 821):

«Ao mui honrado doitor fr. Affonso dalfama, vigario geral do mosteiro de Santa Maria de Moura salve Deus. Ante que todo beijo o vosso santo escapulario dom estremado da madre de Deus que o trouve do ceu para defendimento dos seus frayres por a muita feição que de sua vida lhes houve e desde então lhe prouve que não forades offendidos dos maos em terras do estado. Todo esto merecedes por vosso bom viver que é pela guiza que praz á bemdita madre do Carmo: Sabede que por hora vos faço o rogamento e petição que ja vos eu dito hei de grão serviço para Deus e para sua santa madre que me feito tem mui altas graças e favores; e por ellos recebidos fazendo estou este mosteiro para Santa Maria que a Deus graças abondo vai adiante com os bens que me o mesmo Senhor deu. E como quer que des o seu começo determinei que estivessem em ello fraires ou freiras a meu aprazimento, que segundo creo vol-o já contei agora peço-vos e rogo-vos por mercê que venhades a exalçar o serviço de Nosso Senhor e da sua Madre que de mui alto estarão olhando para tudo o que lhes em seu amor fizerdes; e porém mais rogo-vos que o doutor fr. Gomes que ao certo boa nomeada tem, venha por Prior dos outros fraires como assim a meu Senhor elrey he de contento e me sobre isto disse a sua vontade, por em este mosteiro por todolos modos querer convir com o que de sua ajuda he, segundo minha tenção; e poderedes trazer os fraires até ao numero que vos ante o tempo disse, e sejam bons e dos portuguezes de boa fé á patria enviados pela guiza que a vos convir que sondes o mor d'elles na jurisdição. E como pela vossa ordenação não comedes carne e tenedes jejuns mui compridos não acharedes aqui mengoa de provisão porque fica a meu carrego darvos o comer e o vestir a vosso contento, pois que do que meu é, e do que me Deus e meu Senhor elrey deu, posso fazer mercê e isto é *tornar a elle o que me antes prestou*: e por nenhum acaecimento leixedes de vir prestes apoz do meu rogamento a fazer todolos serviços de sacerdotes no tanto que aqui estiveredes n'este mosteiro com o carrego do espirito que abondo ha onde façades a vossa oração e donde estejades escondidos com o silencio de vossa ordenação que, segunda fama é, vos para Deus dá grandiosos merecimentos e al por hora não digo. Escripta em Lisboa em o primeiro de janeiro. Era de mil quatrocentos e trinta e tantos annos. — Conde Estabre.»

primeiro aos companheiros d'armas, depois ao genro, agora aos frades, isto é, á Virgem. Para prior da nova communidade destacada de Moura, indicava o dr. fr. Gomes de Santa Maria, que conhecera muito.

Installados os frades, aos tres annos depois de casada a filha, dotou a egreja com as propriedades que julgou necessarias á manutenção do culto: a quinta da Alcaidaria; Ourem com os bens de Pombal, Leiria, Thomar e tudo o mais que fôra do conde Andeiro — essa herança incommodava-o: sanctificava-a em expiação dos crimes alheios — as propriedades do judeu D. David Negro, primeira dadiva que el-rei lhe fizera; mais o moinho de Corroios em Almada e os esteiros da Algenoa, da Ancora e Arrentela. [1]

---

[1] V. em Sant'Anna, *ibid.*, doc. VII, § 832, p. 805, a escriptura de doação:

«... ordenon de dotar e fazer doação ao dito mosteiro de alguns bens e heranças que el havia para por as rendas dello o dito mosteiro ser ornamentado dos ornamentos que lhe melhor forem e para repairamento da fabrica da Igreja do dito Mosteiro, para os fraires ou outros Religiosos, ou mulheres que em ello estiverem para sempre haverem mantimento e vestir que lhes cumprir, as quaes heranças e bens são estes que se ao diante seguem. Primeiramente a sua quinta da Alcaidaria que está no termo de Ourem e com os bens do Pombal, e de Leiria e de Thomar e de Ourem com todos os outros cazaes e rendas e tributos e bens que á dita quinta pertencem, e os bens que foram de David Negro .. e as Azenhas de Corroyos que estão a par da quinta de Ayres Paes que som do termo de Almada... e dos Hesteiros de Algenoa e de Amora e de Arrentela e de Corroyos, os quaes Hesteiros e obras e chãos el dizia que ouve de seu Senhor ElRei...»

A escriptura inclue a authorisação regia para a doação, 10 julho 1442 = 1404. A doação de Almada é de 28 de julho do mesmo anno. Os frades tomaram posse dos bens em 29 de setembro (doc. n. VIII, *ibid.*), mas ao depois viu-se que a Alcaidaria pertencia, não ao filho de D. fr. Alvaro, o antigo prior do Hospital, mas sim á capella da Flor-da-Rosa, fundada pelo pae, e por isso á ordem. Por isso, em 1406, indemnisa a communidade da perda dando-lhe desde logo a renda dos bens de David Negro, cujo usofructo reservava em vida para a mãe.

Dotado, guarnecido de monges, alçado em triumpho sobre Lisboa, na sua metade nova, o templo da Virgem erguia-se como um hymno cujas estrophes eram as agulhas, as laçarias de pedra, as rendas das janellas esguias por onde a luz colorida se insinuava mysticamente no interior da nave altissima. Esse templo parecia um baluarte. A abside orientada, avançando como rostro no Rocio, erguida sobre a muralha em socalcos successivos, destacava-se dos cinco corpos semicirculares que saíam da terra como fustes de arvores cyclopeas, por entre pilares reforçados de cantaria, assentes sobre escarpas. Pelo norte ladeava o templo, descendo, a escada da Piedade com a sua antiga capella; no topo seguia a travessa da Egreja. Sobre o poente abria-se a porta ogival da fachada, com seis arcos sobre columnas de capiteis lavrados em folhagens, mais baixa do que a praça, segundo a regra, descendo-se para ella por doze degraus de pedra. Sobre a porta, a rosa envidraçada, como olho de um gigante, reflectia os raios do sol; e no azul do ceu, os dentes das ameias, coroando a fabrica inteira, cravavam-se no espaço repetidamente.

Transposto o adito, a egreja, na sua amplidão solemne,[1] abria-se em tres naves arrojadas egualmente para o alto, e os fustes dos cinco pilares, de cada lado, desabrochando em artezões, subiam ogivalmente nas abobadas, rematando e fundindo-se no ponto altissimo e indecisamente obscuro em que rutilavam, como estrellas, em escudetes de pedra, as imagens da bandeira sagrada do condestavel. Na grande abobada do cruzeiro rematava o artezoado o escudo das armas do fundador com a sua cruz floreteada; e adiante, ao centro da abside, n'uma apotheose, erguia-se

---

(doc. VIII, § 869; 9 de setembro de 1444 = 1406; *ibid.*) Por outro lado a doação dos bens de Corroios e Amora levantou questões com a corôa; chegando-se á composição da escriptura de 29 de setembro 1441 = 1403; doc. XI, § 858; *ibid.*

[1] 328 palmos compr. × 100 de largo × 112 de altura; ou m. 72,16 × 22 × 24,64. A maxima largura no cruzeiro é de 33 m.

n'um throno a estatua da Virgem com o filho ao collo, do lado esquerdo, tendo na mão direita uma vela sempre accesa, e pendente do braço o escapulario carmelita que ella dera, de mão a mão, ao prior da ordem em Inglaterra. [1] De joelhos, em frente, a communidade orava; e no meio dos frades o condestavel, indeciso ainda entre o claustro e o mundo, sentia-se apossado de um enternecimento doce, mixto de amor e orgulho da alma contente comsigo.

O templo erguera-se, a obra rematava-se; mas um dia, mais de tres seculos depois, o chão tremeu e cairam por terra as ogivas e as ameias — toda a fabrica! Tambem o maravilhoso edificio do Portugal de Aviz fora derruido por um terramoto anterior. Desabou tudo: a nação e o templo! Obras do heroismo ambas, filhas da vontade humana que tudo submette ao seu imperio, os homens varios e a terra movediça, eram por isso mesmo transitorias e morredouras, como tudo quanto é humano. Só duram eternamente as obras da natureza. Templo e nação subverteu os a terra n'um momento de tedio, espreguiçando-se. E quando as pedras das abobadas correram torrencialmente sobre os altares illuminados, no dia de Todos-os-Santos (1755), o incendio ateou-se e a chamma devorou o que o terramoto poupara. E' que no coração do templo nacional, na alma precursora do condestavel, ardia a chamma mysticamente devoradora que havia de consumir nos, reduzindo-nos a cinza, muito antes que o incendio pulverisasse as alfayas e as colgaduras do templo magnifico de Nun'alvares. D'elle e da patria resta hoje apenas o esqueleto...

Mal sabia, porem, Nun'alvares, na hora em que, de coração alegre, entoava a primeira prece no seu templo, que fatalidade cruel o esperava, ainda antes de se demittir da vida.

---

[1] Cardoso, *Agiol. lus.*, III, 215; dia 25 de maio.

* * *

Levou dez annos [1] a chegar; e esse periodo, exactamente por ser vasio de actos que a historia registe, deve considerar-se como o mais afortunado da vida do condestavel. Era a calma, succedendo ás longas tempestades da guerra; e o socego intimo, n'uma situação equilibrada, vindo apoz as commoções dos planos architectados pela imaginação creadora.

A sociedade nova, coroada pela victoria, elaborava placidamente a sua constituição; o condestavel, oscillando-lhe o espirito entre a terra e o ceu, deixava correr o tempo, dando-o aos deveres do seu cargo e ás occupações determinadas pelo feitio do seu espirito.

Mas essa propria fluctuação, e o conflicto dos seus sentimentos antigos com as exigencias novas da epocha, repetindo episodios em que se achava diminuido, ora acordava n'elle impetos de violencia que o lançavam em furia, ora o prostrava em depressões de abatimento vital que lhe exacerbavam as tentações nihilistas. Embora os annos lhe tivessem branqueado já as barbas e os cabellos, enrugando-lhe a pelle, nas veias corria-lhe um sangue juvenilmente puro e forte, e os nervos vibravam irritados com o cançaço das excitações repetidas. Tinha ás vezes accessos de furia violenta perante as reclamações dos importunos.[2] Cada vez sentia levantar-se mais alta a barreira que o se-

---

[1] 1404 a 1414, dos quarenta e quatro aos cincoenta e quatro, na edade do condestavel.

[2] «E aquel Santo Condestabre... por sobejamente se dar aos cuidados e desembargos, em tanto que por semelhante se querer forçar pera ouvir alguma pessoa d'Estado lhe vinha tal agastamento que elle confessou que já por ello estivera em ponto de cair em terra.» — D. Duarte, *Leal Conselheiro*, xx.

parava de um mundo novo, incomprehensivel nas suas doutrinas complicadas e egualmente estranhas, quer á espontaneidade simples da vida militar fidalga, quer á devoção ingenua da vida religiosa. N'esta situação quasi equivoca, dia a dia inclinava mais para as tentações claustraes, consumindo em obras pias as rendas de que se não despojara ainda.

Achava-se, pois, em Villa-Viçosa, dirigindo a construcção da egreja de Nossa Senhora, quando repentinamente o assaltou a noticia fulminante de que em Chaves lhe morrera de parto a filha, condessa de Barcellos.[1] Essa desgraça imprevista desvairou-o.[2] O povo da terra acudiu a consolal-o; os amigos contiveram-no, pois queria partir logo. Foi depois, ás exequias, trazer o cadaver da condessa, de Chaves, para o convento de Santa Clara de Villa-do-Conde. Mudo, branco, hirto como estatua de pedra, acompanhou o saimento; e quando o caixão da filha desceu á sepultura, fechando-se sobre elle a campa,[3] o condestavel sentiu partir-se o ultimo élo que o prendia á vida. A sua existencia acabara. Os annos que Deus lhe mandasse residir na terra ainda, passal-os-hia enterrado tambem n'um mosteiro. A tentação vaga que por tanto tempo o sollicitara, definia-se agora claramente. Quando a sepultura da filha se encerrou, abriu-se-lhe na alma a resolução de ir para o Carmo.

Mas, ao voltar ao Alemtejo, em Arrayollos, preparando os preliminares necessarios a este acto decisivo e ultimo,

---

[1] *Chron. do Condestabre*, LXXVII; a data da morte da condessa ignora-se (Sousa, *Hist. Geneal.* V., 94) mas, pela coordenação dos acontecimentos na chronica, precede a conquista de Ceuta, 1415.

[2] «... da qual cousa elle foy tam anojado que se ouuera de perder cõ nojo se Deos nõ guardara ..» *Chron., ibid.*

[3] A sepultura está no coro baixo da egreja. Convento e egreja assentam n'uma collina a leste da villa, á beira mar. Cf. Sant'Anna, *Chron. Carm.*, III, § V, 792.

veiu a ordem do rei chamal-o para a empreza de Ceuta. Esse ultimo episodio da sua vida militar, era, abertamente, o inicio de um Portugal diverso e inaccessivel, a cujo nascimento assistira, e cuja semente inconscientemente lançara na gleba do tempo. Sollicitado com ardor pelas tentações do claustro, como havia de comprehender o alcance imprevisto e novo das idéas tumultuosas do infante D. Henrique? Para elle, os queridos eram D. Duarte, o meigo e santo infante; e D. João, creança de quinze annos,[2] já destinado para noivo da neta que ainda lhe fazia reverdecer o amor extremoso votado á filha fallecida.

Foi a Ceuta; collaborou n'essa conquista facil; e á volta, desembarcando com o rei em Lagos, apartou-se d'elle em Evora, e recolheu-se ás suas terras.[3] As tentações anteriores assaltavam-no de novo, mais violentas e decisivas, á maneira que se via envelhecer. Por fim, resolveu-se; e deu entrada no claustro,[4] fazendo doação do convento, que era até ahi seu, á ordem do Carmo.[5]

O Carmo, sobre o Rocio

---

[1] V. *Os filhos de D. João I*, do A., cap. II, p. 27-57.—*Chron. do Condestabre*, LXXVIII.

[2] Nascera em 1400.

[3] Cf. Sylva, *Mem., etc.*, II, 740.

[4] 15 agosto 1423. Tinha 63 annos e 51 dias.

[5] V. a doação em Sant'Anna, *Chron. Carm.* doc. XIX, § 922; 28 de julho, 1423.

ESTAHE AFIGVRADOCONDE ESTABRE, AO NATVRAL, QVANDOESTAVA EMRELIGIAM, NO CARMO DELIXBOA, ONDEIAZ.

Da *Chron. do Condestabre;* ed. 1526)

XI

Fr. Nuno de Santa Maria

Professou Nun'alvares no dia da Virgem, depois de assignadas as pazes de Castella, em abril. No anniversario de Aljubarrota e de Ceuta, terceira vez se coroava de louros! Já, porém, desde o verão do anno anterior, [1] havia mais de um anno, que vivia com os frades no convento. Habitava uma cella junto da portaria. Administrava os bens da casa que lhes doára. Vigiava a conclusão das obras, pois, apesar de haver já culto no Carmo, ainda faltava ultimar varios remates. A egreja era a sua amada: tabernaculo e sepultura. Confundia a morte com o renascimento. As idéas nihilistas invadiam-no sob uma das fórmas que a tentação do suicidio tomava na imaginação do tempo: a clausura. Outra fórma era procurar a morte em combate, nas batalhas, ou nas lides singulares. Para vigiar o trabalho dos operarios na conclusão da egreja, fraternisando com os mestres, Nun'alvares escolhera o miradouro que se abria,

---

[1] Fim de julho, 1422. — Sant'Anna, *Chron. Carm.*, III, 909.

ao sul da abside, contra o logar onde tinham sido as ruinas do paço do Almirante. E do lado opposto da egreja, n'um eirado sobranceiro ao Rocio, espaço franco onde os transeuntes descançavam ao trepar as escadas ingremes da Piedade, o condestavel ficava tambem horas esquecidas contemplando Lisboa, memorando os tempos passados, digerindo no cerebro as idéas luminosamente funebres que a tentação do anniquilamento lhe excitava. Velho, mas rijo; branco, mas rosado: a sua pequena estatura dobrava-se, a cabeça pendia-lhe para o chão, e a longa barba branca, descendo até á cinta, ondulava com o vento, n'esse eirado exposto ao norte. Debaixo, quem passava no Rocio e via a veneranda imagem, descobria-se murmurando:

— É o santo condestavel!

Já se tinha despojado do restante dos seus bens, em favor dos netos a quem morrera a mãe. Só a saudade d'ella lhe fazia ainda marejar de lagrimas a vista... O neto mais velho, D. Affonso, herdava o condado de Ourem que déra ao genro: não carecia mais. O segundo, porém, nada tinha: deu, pois, ao neto D. Fernando o condado de Arrayolos; [1] e a D. Isabel, que era a menina dos seus olhos, já casada ao tempo com o infante D. João, e por isso menos necessitada, deu-lhe o castello de Loulé [2] mais as terras de Lousada, de Paiva, de Tendães, e o que

---

[1] A doação inclue o condado e villa de Arrayolos, a alcaidaria, rendas e direitos de Montemor, as rendas e direitos de Estremoz e Beja; Sousel, Alter, Villa-Formosa, Chancellaria, Assumar, Lagomel, Villa-Viçosa, Borba, Monsaraz, Portel, Vidigueira, Villa-de-Frades, Villalva, Villaruiva; o montado de Campo de Ourique e o padroado de S. Salvador de Elvas. Morrendo o donatario sem successão, passava o condado (como passou) para o irmão mais velho, em primeiro logar, e depois para a irman. — V. a escriptura de Borba, 4 de abril 1460 = 1422; bem como a confirmação posterior do rei, Santarem 9 de dezembro de 1433, em Sousa, *Hist. Geneal.*; *Provas*, VI, nn. 37 e 39. — *Chron. do Condestabre*, LXXX.

[2] Souza, *ibid.*; doc. n. 39.

lhe restava ainda em Almada,[1] depois das doações ao Carmo. Como que se sentia alliviado d'um peso, despindo-se. A propriedade é a affirmação objectiva do eu: expropriando-se, diminuia-se. O suicidio começara assim desde que principiára a despojar-se.

Acabou de o fazer, perdoando todas as dividas em dinheiro, ou em pão e sal; distribuindo todas as joias, todas as armas, todas as roupas, pelos seus cavalleiros e escudeiros, e pelos pobres, pelo amor de Deus; dando finalmente, em herdade, aos prestameiros, as terras que tinham d'elle.[2] Estava afinal despido e nú, como viera ao mundo, agora que resolvera demittir-se d'elle absolutamente. Inundava-lhe a alma a satisfação infinita, mais do que de um dever cumprido: de uma ambição realisada. Remoçára, tinha azas. Os annos já lhe não pesavam. A sua face engelhada, com a coroa de cans, sorria infantilmente. Voltára á simplicidade ingenua pela estrada da santidade. Não tinha odios, nem azedumes, nem coleras: desde que se despira totalmente, parecia-lhe que tudo nadava n'um mar de leite. Attingira a liberdade absoluta, anniquilando-se. Ao cabo de tantos trabalhos e pelejas, depois dos annos de hesitação e debate, concluira que o Nada é a synthese suprema das cousas.

Essa negação, porém, não a definia o condestavel: apparecia-lhe symbolicamente na revelação transcendente de um céo entrevisto em extase. Por isso o suicidio monastico, mais intimo e completo ainda, não carecia de se affirmar com a destruição material e tragica do corpo. Bastava-lhe negar a vida em espirito, e, quanto ao corpo, fustigal-o com penitencias e cilicios para lhe reduzir a duração, e apagar-lhe as velleidades de impulso. Destruil-o de golpe, a não ser pelo martyrio, era intervir nos designios divinos, peccando... Vira o mundo em todas as suas faces; domi-

---

[1] *Chron. do Condestabre*, LXXX.

[2] *Ibid.*

nára-o, podendo assim percebel-o melhor, e, tendo provado o sabor á vaidade, ás victorias, á riqueza, ao poder: a tudo quanto fórma a illusão gigantesca da existencia commum: por isso mesmo, como era um santo, por isso mesmo reconhecia que só a caridade e o amor valem. E quem diz caridade, e quem diz amor, formula o elogio da morte.

O grande theatro do mundo tambem se divide em actores e espectadores. O esplendor da scena, deslumbrante quasi sempre para os que assistem ávidos de desejo, é uma desolação miserrima para os actores. Só ha vida heroica e affirmativa, quando actores e espectadores são os mesmos, e na tragedia humana figura sobre a scena o côro inteiro do povo arrebatado. Era assim nas pan-hellenicas; fôra assim tambem, durante o periodo heroico da guerra que Nun'alvares combatera, apesar das notas discordantes, nunca ausentes em obra de homens. Mas, terminada a guerra, acalmado o ardor, o heroe via surgir diante de si o mundo como ordinariamente elle é, e, sem philosophia que lh'o explicasse, sentia invadil-o um tédio immenso, origem das crises de nervos em que a colera o fazia estremecer. Pois era esta a sociedade que elle vira, nas ambições santas dos seus sonhos? Podia elle, voluntariamente, tomar sobre os hombros o peso das cousas a que assistia? Não era, por fortuna, principe, nem pastor de homens: não tinha que sacrificar-se aos deveres do cargo. Farta somma de amarguras tragára, emquanto a sorte de Portugal dependia do seu braço armado! Agora, podia demittir-se da vida, ganhando a liberdade. O mundo que o cercava era outro, e sentia-se n'elle espectador, depois de ter estado no coração da scena, acclamado por um povo inteiro...

Não valeram contra a sua decisão formal de proferir os votos, nem os rogos do seu velho amigo, o rei, que já baixava muito; nem as supplicas do seu querido infante D.

Duarte, já reinante de facto. [1] Terminantemente resolvera prohibir que o tratassem por conde, nem condestavel: sómente Nuno; decidindo acabar esmolando, até que a morte libertadora viesse chamal-o ao canto obscuro onde se recolhia, fugindo ao mundo. [2]

Vestiu a çamarra de grisé ou estamenha, que lhe durou os oito annos de vida que ainda teve. Era o habito de donato: [3] uma tunica talar com escapulario [4] comprido e murça nos hombros. Entregou nas mãos do prior, o seu antigo amigo fr. Gomes de Santa Maria, bispo titular de Ebron, [5] a cota de armas de que usára, dando-lhe, como lembrança de um homem que morria, a espada quasi milagrosa que o alfageme lhe corregera em Santarem, para ficar no thesouro do convento, em memoria de tempos transactos, junto do sceptro do rei de Castella, tomado em Aljubarrota, e do relicario que trouxera ao peito e o salvára no dia milagroso de Valverde.

O condestavel morrera, e o conde de Ourem acabára: quem vivia dentro d'esse habito monastico era outro, e chamava-se fr. Nuno de Santa Maria.

---

[1] *Chron. do Condestabre* LXXX; cf. *Os filhos de D. João I*, do A., p. 182,3.

[2] *Chron. do Condestabre*; *ibid.*

[3] Sant'Anna, *Chron. Carm.*, III, 926.

[4] «O brazão do Carmo é um escudo quarteado de branco e preto, no meio, em partes eguaes, duas estrellas de ouro, sendo o escudo quasi todo branco e no fundo uma mostra preta de modo que parecem as duas partes do escudo duas azas; orladura escaqueada de branco e preto á maneira de triangulos; sobre o escudo uma corôa real grande. A divisa da religião é: Nossa Senhora Mãe de Deus sempre Virgem Maria, com os pés em uma nuvemsinha em postura que sobe, com um rotulo que diz: *Datus est ei decor Carmeli et Saron* (Isaias, 35 v. 2)» — Simão Coelho, *Pr. p. do comp. da Chron. de N. S. do Carmo* I, 2, p. 179.

[5] Sant'Anna, *Chron. Carm.*, III, 912.

* *

Lisboa commoveu-se toda com a noticia da profissão do condestavel. D. Duarte correu ao Carmo. Era verdade. O bondoso principe, com as lagrimas nos olhos, pedia-lhe que conservasse os seus titulos. Elle, sorrindo alegre, com uma illuminação de santidade na face, respondia-lhe brincando com o escapulario:

— O condestavel já está morto e amortalhado...

No silencio do seu claustro, apenas o prendia ao mundo o suave carinho pela neta que lhe escrevia com palavras de encanto; e a quem o velho, chamando-lhe a sua linda, respondia ternamente, lembrando-se da filha, cujos pedaços d'alma tinham renascido. [1] Essas cartas vinham-lhe do mundo como trinar d'aves nas manhans de primavera. Mas vinham com elles asperos rumores que ainda lhe acordavam as coleras de outr'ora, contra o genro que na

---

[1] A carta encontra-se em Sant'Anna, *Chron. Carm.* III, 931; e tambem em Sylva, *Mem. etc.*, II, 762. É a seguinte:

«A senhora D. Isabel minha netinha faça Deus santa. Ninguna razon tenedes para renhir-me porque hei gram prazer de letras vossas ler. Os dias atraz li huma vossa que me foi trazida por ventura e se non vos foi respondida non foi mingua de vontade mas de mui pouca saude que para ello tube escrever a Fernando, mas abondo vos nos faça tenerdes vos em o logo de que mas a el que a vos hei de feição, e se bem lo veredes, acharedes que quantas minutas minhas ha, tantas são só a renhil-o que bem certo son travesso é; mas vós minha linda como não havedes que vos possa emendar avido a lo que mingua ha dello e não leixo de vos querer com a vida. Agora minha linda o faço a vos só por darvos contento em que os outros o sintam non leixedes de fazer o que ata aqui porque sendo los uns e los outros pedaços da alma em vós o semelho soes de vóssa madre em lo que como ella fazeis e no digo al se não enviarvos la minha bençom e la de Deos vos cubra minha linda. Carmo XI abril 1429. *Nuno de Santa Maria.*»

sua cobiça insaciavel queria, sobre o que tinha, disputar ao convento do Carmo a herança dos bens doados pelo fundador. Queixava-se o sogro de que o martyrisasse, quando estava com os pés para a cova, e terminantemente o desenganava de que nada tinha a esperar d'ahi. «Olhae bem o que fazeis, que é um grande desserviço a Deus; e quem na terra não cumpre, não entra no ceu.» [1] O conde de Barcellos, alma agreste de fundador de casa, devia desesperar-se com a insensatez do velho, a quem estas lançadas da van cobiça mundana exacerbavam mais ainda o proposito suicida. Agora, já o Carmo, no coração de Lisboa, lhe não

---

[1] «Ao conde de Barcellos meu senhor. Senhor, antes que todo bejo as vossas mãos e me recommendo na vossa mercê como aquelle que sempre muito presei. Magoado dias ha me tem o não ver letra vossa, ca certo sou Senhor tendes saude de bondo. Não era assim antes que vos aleixedes a Vimarães e lo que de sobra entonces era de mingua ora hei, e lamento muito daquelles ante que tomasse este viver que tarde foi leixei com reparos para bem passarem os que mais vivessem. E bem vos acordaes, Senhor, que ante todo olhei bem por vós e pela vossa casa e logo por meus netos, e do que meu era bem parti, não deixando de a todos contentar. En las doaçoens que o Carmo é não são de vinculo, não, porque o doutor Pedro Esteves bem lo vido e de feição foi tudo a vosso aprazimento. E ante delRey meu senhor me fazer condestabre dos seus regnos bem havia eu já senhor dos bens do Senhor e a meu carrego estava acordar-me daquelles que muitas vezes tiveram as vidas em grãos peligos por mi e pelo serviço delRei meu senhor. Agora que son ja los pes no enterro me marteira mu ver que vos Senhor os não deixades em paz a ver o que le dei de bom grado que meu era, pesquizandole o que vosso não é, mas seu, porque se le dé é para bem porque se lo devia. E donde que finados forem não a vos nem a meus netos hade ir, senão ao mosteiro do Carmo donde heide viver mais que vos pensades. Olhae bem senhor o que fazedes que é um grande desserviço a Deos e quem na terra não cumpre, não entra no ceo. Eu non hei pés ja para ir ver vos que a havel-os, so por isto o fizera e sabei que no que posso vos sirvo que é pedir ao Senhor Deos e a sua Santa Madre olhe pela vossa casa e augmento. Amem. Carmo vi de janeiro do anno de Senhor de 1430. Beijo vos las mãos, Senhor. *Nuno de Santa Maria.*» — Em Sant'Anna, *ibid*, 932; e Sylva, 763.

parecia morte segura: queria fugir para uma thebaida longinqua, e, para o conter, foi necessaria a intervenção do infante D. Duarte, [1] seu valido. A ella se deveu tambem o convencel-o a não andar esmolando pela cidade, ás portas, e a acceitar esmola só do rei. [2] Lançado na estrada nova que traçara á sua vida, com o feitio extremo e absoluto que a sua imaginação idealista dava ás cousas, renasciam n'elle as paixões dominantes nos cerebros dos santões e derviches africanos. Cortando o cerne da alma humana, n'um individuo extreme, achava-se talvez a fibra hereditaria do sangue remotamente originario na raça.

Forçado a permanecer no Carmo, installou dentro do convento, ce'la mystica no coração da cidade, um reducto mais intimo ainda, onde nada, absolutamente nada, chegasse. Quasi com desespero se retrahia sempre, cada vez mais, até chegar o instante da morte phisica: retrahimento absoluto e total. Tinha feito para si, na cerca do convento, uma cella solitaria, onde, occulto a todas as vistas, passava horas perdidas fallando com a Virgem da Assumpção,[3] magem de alabastro que sentia descer do seu nicho, hieraticamente, para lhe roçar o manto pela nuca, sobre o corpo rojado no chão, em preces fervorosas. Alli lhe apparecia tambem Santo Elias, o propheta que viveu no tempo do rei Achab de Israel e do rei Josaphat de Judá: o terrivel propheta que trucidou os padres de Baal e por ordem de Deus sagrou rei da Syria a Hazael e a Jehu em Israel, annunciando a morte de Ochozias, o impio filho de Achab: o propheta que distribuia pela sua mão de bronze as fomes, as seccas, a chuva, as geadas e o raio: o que não morrera, mas fôra levado ao ceu n'um carro de fogo, ficando ahi reservado para futuras campanhas. [4] Ao propheta

---

[1] Sant'Anna, *Chron. Carm.*, III, 933.
[2] *Ibid.*, 934.
[3] Sant'Anna, *Chron. Carm.*, III, 935.
[4] Cf. Renan, *Hist. d'Israel*, III, 277-313.

Elias, patriarcha do Carmo, dera o condestavel a sua espada: ao guerreiro, como elle tambem invicto, que havia mais de dois mil annos esperava á frente dos exercitos do Senhor a chegada do momento de descer ao mundo para exterminar o Anti-Christo, besta immunda, monstro medonho. [1] Prostrado na sua cella, com as longas barbas varrendo o chão, fr. Nuno não descravava os olhos do Crucifixo pregado na parede nua, e, alternando a oração com a penitencia, amorosamente tomava as disciplinas colgadas no muro para se fustigar com ellas. Ao lado estava o catre grosseiro e a manta que lhe serviam de cama; sobre a pelle trazia, dia e noite, o cilicio. [2] A excitação psychologica, enlouquecendo-o, mostrava-lhe peccados a remir, crimes a expiar, na sua vida que sempre fora candida e pura, sem uma hora de fallecimento, sem um instante de fraqueza. Subtilisada a individualidade, abstraido o eu, a allucinação confundia-o com a immensa alma dos homens; e via-se a si proprio n'elles, chamava para si a culpa de todos os peccados do mundo. E o espirito, torturado por esta obsessão, consumindo a ultima reserva de energia, desentranhava, nas visões mysticas, as cordas intimas da alma do homem antigo: a Virgem, idealisação symbolica do feminismo, na sua vida casta; e o propheta Elias, transcendentalisação realista e derradeira do genio militar, no sonho de um despota thaumaturgo.

Entretanto, uma vez ou outra, visitavam-no os eccos do mundo que seguia na sua agitação vária. Um dia foi vel-o o embaixador de Castella, vindo a Lisboa no fim do anno da profissão para trocar as ratificações da paz. Fr. Nuno, depois de se recolher um instante, mandou-o entrar na sua cella e recebeu-o, amortalhado no habito.

— Nunca mais despireis essa mortalha? perguntava-lhe com espanto o castelhano.

---

[1] Sant'Anna, *Chron. Carm.* III, 1046.

[2] *Ibid*, 928.

— Só se el-rei de Castella outra vez movesse guerra a Portugal...

Ergueu-se como impellido bruscamente, as longas barbas tremeram, e passou-lhe na vista uma illuminação de batalhas:

— Em tal caso, emquanto não estiver sepultado, servirei ao mesmo tempo a religião que professo e a terra que me deu o ser.

O interlocutor olhava para elle com assombro. Era o capitão invencivel; era o terror dos inimigos. E fr. Nuno, socegadamente, levou as mãos ao peito e apartou o escapulario: por baixo tinha o arnez vestido. [1] O castelhano, curvando a cabeça, saiu.

De outra vez, aos dois annos de estar no convento, o bey de Tunis e o rei de Granada, alliados ao Marroquino, queriam de novo atacar Ceuta. Em Lisboa faziam-se grandes preparativos para a expedição de soccorro á praça de Portugal em Africa, sempre ameaçada. D. João I, apesar dos annos, ia; iam os infantes: dissera-lh'o o proprio D. Duarte. [2] Iam todos, e não iria elle? Inconsequente, revoltava-o similhante idea. Não se lembrava de que se demittira. O orgulho invadia-o. O homem antigo resuscitava. No eirado sobranceiro ao Rocio, exaltado, aos companheiros que lhe observavam a edade e a fraqueza, respondeu tomando uma lança, alçando-se nos joelhos, erecto, com o braço direito a prumo:

— Em Africa a poderei metter, se necessario for!

Sibillando, o venabulo foi cravar-se em baixo, n'uma porta, do outro lado do Rocio. [3] Elle sorria contente e orgulhoso, nas suas fartas barbas brancas. Ao outro dia a D. Duarte que veiu vel-o, disse:

— Não posso eleger morte mais gloriosa, nem sepultura

---

[1] Sant'Anna, *Chron. Carm.* III, 975,6.

[2] *Chron. do Condestabre,* LXXIX.

[3] Sant'Anna, *Chron. Carm*, III, 977.

mais honrada do que acabar n'esta empreza em beneficio da fé e honra de Portugal.

E acompanhado pelo infante desceu, do Carmo, á Ribeira, e embarcou, singular marinheiro, estranho capitão, de çamarra de donato e escapulario, a bordo da nau que elegera, dispondo e ordenando as cousas necessarias para o embarque. [1] Ninguem ousava contrarial-o, talvez até por já se saber que a expedição não necessitava partir, pois os alliados, conhecendo os preparativos portuguezes, tinham desistido do ataque.

Mas estes assomos de energia activa eram como relampagos, ou clarões, de um sol ponente. Traduziam apenas a reminiscencia de impetos e ambições passadas. A sua verdadeira natureza, nos ultimos annos da vida, era outra; e o que lhe restava do vigor antigo, porque não podia extinguil-o de golpe: o que não ardera nas allucinações da sua alma mystica, empregava-o no exercicio da caridade, exercendo o officio de esmoler dos pobres.

Involvido no habito roto e desbotado pelo tempo, com um barrete a cobrir a cabeça, abordoado a um cajado, arrastando os passos, mirrado, curvado, com o rosario pendente dos dedos, ia Fr. Nuno, ou para os actos da communidade, ou, fóra do convento, para as suas peregrinações de esmoler. Parava, dobrava-se mais ainda, beijando o escapulario do seu creado antigo, fr. João Gonsalves, quando acertava de passar por elle. [2] Seccando dia a dia, e descarnando-se, da arvore frondosa da sua vida, estava já patente o cerne: uma humildade extreme e uma caridade inextinguivel. Taes eram os ultimos lampejos da sua alma diamantina.

Elle ideara o levar a esmola aos presos; [3] era elle que mandara pôr nas cosinhas do convento uma antiga caldeira de cobre, dos ranchos da sua hoste, para n'ella se fazer

---

[1] *Chron. do Condestabre*, LXXIX,; Sant'Anna, *ibid.* 955,6.

[2] Sant'Anna, *ibid*,. 949,1039.

[3] *Ibid.*, 967; doc. p. 825.

tambem a ração quotidiana dos seus novos companheiros de armas: os pobres de toda a redondeza. Cardumes vinham diariamente. Fr. Nuno, arrastando em muletas o corpo quasi acabado, no seu habito feito em pedaços, distribuia em pessoa o caldo, e o coro dos mendigos cantava em torno:

O gram condestabre
Em o seu mosteiro
Dá-nos sua sopa
Mai-la sua ropa
Mai-lo seu dinheiro...

Fr. Nuno ria amorosamente, arrastando-se por entre a multidão dos mendigos andrajosos da portaria que, lambendo os beiços, soffregamente, continuavam a tonadilha:

Se comer quereis
Não vades além
Que mingua não tem:
Ahi lo comereis
Como lo vereis... [1]

Se comer queredes
Nom vades alem
Don menga non tem
Ahi lo comeredes
Como lo vedes

E' esta a ordenação que se lê na *Chron. dos Carmelitas*, onde se encontram as coplas transcriptas. São ellas authenticamente coevas? ou são uma das muitas fraudes, forjadas no seculo XVI. pelos frades eruditos, em quem a piedade era mais forte do que o escrupulo historico? Que a redacção com que chegaram até nós não é coeva, pode dizer-se, cotejando a sua linguagem com a da *Chron. do Condestabre*. Que ha nas trovas caracteres de poesia popular espontanea, é certo. Serão ellas posteriores? Ainda hoje se inventam cantos nos cirios e romarias. Por outro lado, porém, nas cartas do condestavel, anteriormente transcriptas, e que teem identica origem, encontra-se a mesma linguagem. Seriam tambem uma fraude? Occorre, pois, indagar o motivo d'essa falsificação. Não se encontra para as cartas, que por outro lado quadram exactamente com os ca-

Era a sua gente de agora, os seus irmãos e socios de armas, na campanha nova da conquista do céo pela humildade caridosa e pela renuncia formal do mundo.

A benção [1] de Deus
Caiu na caldeira
De Nun'alvares P'reira,
Que tanto [2] cresceo
E todo lo deo. [3]

Tudo o condestavel dera, com effeito, despira-se por completo. Só lhe ficara a estamenha podre do habito, sudario de moribundo, tão roto e tão andrajoso, como os farrapos em que se amortalhava a legião dos mendigos que, a cantar, com o estomago cheio, iam levando por todos os recantos da cidade a fama santa do heroe frade. Outr'ora eram os clarins de guerra que aos quatro rumos do espaço annunciavam o clamor das suas victorias... Agora, o sino do convento chamava-o: algum enfermo agonisava, ou algum frade se extorcia em lucta com o demonio. Quer contra a morte, quer contra o diabo, abençoando uma, repellindo o outro. fr. Nuno era a providencia da communidade. [4] Tão

---

sos da vida do condestavel; para as canções é obvio, porém: queriam canonisar Nun'alvares. A genuinidade provavel das cartas é, pois, um argumento para a das canções; e a forma da redacção de ambas pode attribuir-se a ignorancia e capricho de quem primeiro as fixou por escripto. Mais grave, todavia, é o emprego da palavra *patria* no verso

Por faison da Patria

porque, nem a idéa de patria, e menos ainda a palavra, são da primeira metade do seculo xv.

Como quer que seja, rectificando a redacção sempre que foi necessario á intelligencia do texto, damos em nota a versão da *Chron.*

[1] bençon.

[2] abondo.

[3] Sant'Anna, *Chron. Carm.* 965.

[4] *Ibid*, 968.

distantes e tão diversos ficavam os tempos, tão outra se tornara a alma agora viva, que do antigo homem até elle proprio se esquecia, desconhecendo-o: chegando a parecer-lhe impossivel que algum dia tivesse deveras sido o condestavel de D. João I.

Despojar-se de tudo quanto possuia, fôra o primeiro momento, voluntario, do suicidio. O segundo era esta perda da consciencia, a obliteração da individualidade. Que faltava para acabar de morrer?

E' uma illusão imaginativa suppôr que a morte de um homem consiste n'um acto instantaneo e total. Pelo contrario: até a morte physiologica procede gradualmente, por partes, cessando o funccionamento dos orgãos, não de um modo simultaneo, mas sim por fórma successiva e variavel. Quando o orgão morto é um dos essenciaes á vida, o individuo expira. De facto, somos uma colonia ambulante de seres physiologicos federados, ou coordenados: e como as nossas individualidades são multiplas, por isso tambem são varias, contradictorias até ás vezes, as expressões que chamamos conscientes, do espirito, ou por outra, as nossas almas. De um lado, qualquer homem observa em si proprio, quando pensa e quer, que a idéa, o sentimento, a vontade, mais ou menos combinadamente, lhe suggerem ao mesmo tempo noções, até ás vezes oppostas. E' frequente querer-se o que se não quer, amar-se o que se detesta, porque os orgãos pensantes que funccionam em nós, cerebros mais ou menos completos, nos definem, tambem mais ou menos conscientemente, o pensamento que elaboram. Por outro lado, como tudo quanto é vivo é cyclico, cada um dos individuos organicos de que somos compostos dura diversamente; e n'um sentido, a edade, elemento decisivo para o caracter das manifestações do pensamento, e infinitamente vario nos orgãos geradores d'elle, é causa permanente de discordancia. A formula de ponderação moral, isto é, a coordenação das suas almas pensantes, varia com as edades do homem, como sempre a observação popular notou, dizendo que de sete em sete annos

o homem muda. Não é só porque o conjuncto dos orgãos envelhece: é porque não envelhece parallelamente.

Se, portanto, nem a propria morte physiologica é instantanea, como havia de sel-o a morte moral? A vida, na plena expressão d'esta palavra, abrange, além da existencia organica, a existencia social. Por via de regra, quando o individuo physiologico acaba de se extinguir por velhice, já antes, muito antes ás vezes, lhe tinha acabado a existencia social, e até a moral. A's vezes, porém, uma e outra resistem, parecendo que rejuvenescem, emquanto o organismo declina: é o que succede com os avarentos, em quem o instincto da personalidade se acirra frequentemente em razão inversa dos annos.

Com Nun'alvares acontecera o contrario, porque a sua primeira morte foi a social, abdicando o logar quasi regio que tinha na côrte. A sua personalidade, porém, não entendia abdicar por esse acto; mas sim, ao contrario, affirmar-se ainda mais, confundindo-se no ether do amor divino, e como que transubstanciando-se. Almas de um quilate como o da sua, não eram susceptiveis de requintar, caindo no exagero dos instinctos grosseiramente elementares da cobiça, ou da ambição. A' medida que se embrenhava na floresta da Morte, a allucinação que vimos baptisal-o no berço com o vaticinio do astrologo, para desabrochar na infancia com o culto da Cavallaria: essa allucinação que depois lhe revela o destino do mestre de Aviz, e lhe dá energia para transformar, por um milagre da vontade, a sua visão n'um facto: é a mesma que transforma o culto, consummada a obra. Transfere para o ceu a Cavallaria terrestre, mudando em devoção mystica o heroismo pessoal, e acaba por se enterrar no claustro, extatico e penitente, de rastos perante a Virgem. A Morte e o Amor, irmãos sempre gemeos, revelavam-se-lhe ao mesmo tempo, uma no suicidio claustral; outro no culto que era a expressão inconsciente d'esse instincto basillar nos seres vivos: o instincto de conservação da especie, mola a mais forte, motivo o mais intimo, a que os homens obedecem, tantas vezes sem

o saberem, menos vezes, porém, sem terem sequer sonhado em definil-o, como sempre succedera com o casto condestavel.

A sua vida, pois, que n'este momento está a acabar de extinguir-se, tem uma perfeita unidade psychologica, e apresenta um quadro completo, harmonico e bello, de germinação, efflorescencia e fructificação; ao contrario de outras vidas que são typicas do conflicto dramatico, das crises e desordem, no seu desenvolvimento. Acabava de morrer, Nun'alvares, e saía do mundo pobre e nú, como n'elle entrara. Queria apenas uma mortalha e uma cova para o seu corpo,[1] isto é, repellia tudo quanto constitue o homem exterior. E anniquilava o interior, julgando sublimal-o, quando pelo extase e pela penitencia, buscava fundir a personalidade propria no ether das visões divinas, symbolicas do Nirvâna, essa allucinação do não-ser que desvaira as imaginações fortes nas horas angustiosas da consciencia.

Agonisava, finalmente, na sua cella, abraçado a um Crucifixo. A ultima morte chegava, fazendo expirar no peito o sopro indispensavel. Era vespera de finados.[2] Os sinos tocavam ainda pela festa de Todos-os-Santos. Na egreja a communidade orava. Em volta do catre do agonisante, um frade lia a Paixão, no Evangelho do discipulo amado. Cá fóra o povo, que já tinha sanctificado o condestavel, agglomerava-se afflicto em torno do convento, soluçando, quando se ouviam os sinos tocar. A vibração do bronze acordava cellulas dormentes, e uma aragem de effusão e pathetico innundava todos os corações. Havia uma anciedade suprema. Lá dentro, na cella, estavam já, ao lado do moribundo, D. João I e os infantes. D. Duarte visitara-o todos os dias. O rei soluçava violentamente, e, ao entrar na

[1] Sant'Anna, *Chron. Carm.*, III, 997,8.

[2] 1 de novembro de 1431. Tinha de edade 71 annos, 4 mezes e 7 dias; de religioso 8 annos, 2 mezes e 15 dias. — Sant'Anna. *Chron. Carm.*, III, 1003.

cella, precipitou-se sobre o leito, estreitando nos braços o corpo descarnado do moribundo. Ergueu-se Nun'alvares no catre: a sua face macillenta parecia de cera, e as barbas escorriam-lhe sobre o peito como flocos de neve. O abraço dos dois amigos foi longo, e do que morria, e do que ficava, era o segundo que parecia agonisar, lavado em lagrimas, contorcida a face larga e forte, arquejante o peito, desvairado o cerebro, ao acudirem-lhe em tropel as lembranças dos momentos crueis e das horas doces da longa campanha que o fizera rei... Devia-lhe a corôa, a esse pobre monge, miseravelmente agonisante no seu catre: devia-lhe tudo, e ficava! vendo-o acabar quasi mendigo, como os mendigos e beguinas que, pelos claustros e portarias do convento, e enchendo a egreja, andrajosos, cobertos de feridas, coxos, estropiados, choravam em altos gritos a perda do seu condestavel.

Elle, por quem o rei tambem chorava, elle, estranho ao mundo, na apathia olympica dos instantes predecessores da morte, nadava n'um mar de azul e ouro, cortado o silencio apenas pelos solavancos do stertor, e a placidez pelos suspiros inarticulados com que respondia á Virgem, descida dos ceus abertos para o levar comsigo. Ignorante se morrera, ou não morrera, se a terra subira ao ceu, ou o ceu descera á terra, vogava já sem consciencia no mar da allucinação, esvaindo-se-lhe a alma n'uma consumpção mystica...

E o frade, ao lado, ia lendo soturnamente a Paixão; e quando disse, no momento em que Jesus mostra á Mãe o discipulo amado:

—*Ecce filius tuus...*

a cabeça do moribundo caiu sobre o peito, que se levantou n'um ultimo soluço, expirando. Em volta do rosto pendido, as barbas formavam-lhe um collo de neve.

Assim que os sinos da egreja começaram a dobrar, annunciando a morte, uma commoção electrica estremeceu a turba nas ruas, e subiu aos ares um clamor de gemidos [1]. Era

[1] V. para as circumstancias da morte de Nun'alvares, Sant'Anna *Chron. Carm.*, III, 1001 a 7.

a voz de Lisboa, acclamando o seu heroe, o seu protector, o seu santo. Era a morte, rematando a consagração de um homem-typo. Porque o instincto collectivo, na sua espontaneidade não complicada por circumvoluções reflectidas, dispara certo o golpe, ferindo o alvo, nos momentos agudos em que a crise o sollicita. E a summa verdade é que essa libertação do homem pela santidade do anniquilamento, quer formulada de um modo poetico ou symbolico, quer concebida por um acto de razão, constitue o proprio principio da vida moral, que é a vida toda, tornando-a equivalente á morte. A cova, eis o nosso verdadeiro throno!

Nunca Nun'alvares subiu tão alto, como quando o desceram, da pompa das exequias regias que D. João I lhe fez, á sepultura rasa, em frente do altar-mór, onde tinha, ao lado, um logar vasio esperando a mãe sobrevivente. [1]

* * *

A cova é o nosso verdadeiro throno, porque só depois de mortos se sabe quem fomos, e o que valemos. E o homem é, ou vale, conforme a somma de alma immortal que em si viveu, e não conforme a maneira egoista por que existiu. Que montanhas de energia, que abysmos de astucia e engenho, consome tanta gente, a mais da gente, no dispor e arranjar commodamente a sua vida ephemera de animaes humanos! Mas ninguem sabe, nem vale a pena saber, nem se deve saber até, quem são esses innominados, porque n'elles não scintillou a menor chamma de dedicação communicativa, ou de caridade, ou de amor, pela especie,

[1] Iria Gonsalves só morreu dez annos depois, velhissima, em 1441, e foi enterrada, no Carmo, ao lado do filho. D. João I morreu dois annos depois de Nun'alvares, em 1433. Nascera tambem dois annos antes.

cujo instincto só consagra os que se lhe votam, concedendo-lhes como apotheose a immortalidade.

Esta é a formula da existencia real do mundo, e o cimento que liga no tempo as gerações, no espaço os povos. Quando se oblitera, as gerações e os povos desfazem-se pulverisados. Caem os imperios, atrophiam-se as raças. De facto, realmente, o homem é immortal, porque não importa n'elle a forma ephemera com que passa na terra, mas sim o pensamento eterno de que foi vehiculo morredouro a sua alma individual. E por isso o instincto collectivo, com a sua perspicacia inconsciente, nunca fez a apotheose das grandezas, coroando sempre a humildade e o amor. Se algum poderoso consegue entrar no reino dos ceus, não é pelo merito da expansão que poude dar á sua individualidade absorvente; mas sim por ter feito da força conquistada um uso magnanimo e dedicado. De outra forma, o instincto da especie negar-se-hia a si proprio, suicidando-se; como com effeito succede quando os povos se deixam avassallar pela influencia morbida do egoismo obscuro, para se dissolverem.

Aquillo, portanto, que para o pensamento vulgar passa por serem chimeras poeticas, é, de facto, pela analyse mais positiva, a propria essencia da realidade. Um mundo em que a caridade não reine, é um mundo condemnado. Um povo incapaz de consagrar os humildes, é um povo moribundo. Sanctificando espontaneamente o condestavel, Portugal mostrava, pelo contrario, que tinha em si a chamma d'onde nasceram, com effeito, em cinco gerações successivas, os homens que nos tornaram o nome immortal na historia dos tempos modernos da Europa. A apotheose de Nun'alvares é o nosso attestado de baptismo.

Este culto, latente na paixão do povo, começou a tomar um caracter formal, quando o infante D. Duarte mandou pôr uma lampada de prata, ardendo em permanencia sobre a campa de Nun'alvares. [1] Por saudade e como es-

[1] Sant'Anna, *Chron. Carm.*, III, 1010.

perança, o povo começou a ir á sepultura orar; depois, religiosamente, levava comsigo parcellas de terra, esgarçada com as unhas nas juntas da campa: [1] eram um talisman, a pedra bezoar do tempo. [2] O fermento de animismo primitivo, strato fundamental da religião popular, levedava. Ferido por um golpe cruel o coração do povo, com a morte do seu protector e esmoler, vinha á superficie o sedimento remoto e profundo, e o condestavel tornava-se um eponymo. Repetiam-se os antigos cultos espontaneos das cidades gregas. Principiou a fé a inventar milagres, e a devoção a crescer com a fama dos prodigios. Cada uma das reliquias de Nun'alvares, tocada, fazia maravilhas: o seu barrete, o seu baculo, o seu rosario. [3] O relicario de prata, que o salvara na batalha de Valverde, tinha virtude especial para livrar as mulheres nos partos difficeis: andava de casa em casa, deitando-se ao pescoço das mães. [4]

Os milagres repetiam-se, conforme se exaltava a fé. Nun'alvares, que fôra em vida o defensor do povo, depois de morto, era a providencia dos afflictos. Dava vista aos cegos, [5] dava falla aos mudos e ouvido aos surdos. [6] As doenças mais susceptiveis de cura pela commoção moral, ou suggestão, desappareciam ao contacto de alguma das reliquias do condestavel; fugiam diante de alguns grãos de terra da sua sepultura; acabavam nas preces ferventes resadas sobre a sua campa. Os coxos e paralyticos levantavam-se, andando; [7] e toda a especie de enfermidade nervosa cedia, perante a fé na virtude therapeutica dos restos do condestavel. As lesões organicas cediam tambem, porque os infelizes chegavam a julgar-se curados, desde que a

---

[1] Simão Coelho, *Compendio, etc.*, I, 21; p. 90

[2] Cardozo, *Agiol. lusitano*, III, 217.

[3] Sant'Anna, *Chron. Carm.*, 1038,9 e 44.

[4] *Ibid.*, 988 e 1228 a 33.

[5] V. o catalogo das curas; *ibid.* III, 1071 a 91.

[6] *Ibid.*, 1115 a 35.

[7] *Ibid.*, 1180 a 227.

fé lhes avassallava o espirito. [1] O côro de infelizes que outr'ora entrava na portaria do convento para receber o caldo do esmoler de Lisboa, voltava agora, cantando tambem hymnos espontaneamente simples, em honra do thaumaturgo:

Do Restello a Sacavem
Nem faz mingua, [2] nem ninguem
Tem semelho ao condestabre,
Que lhe prouve [3] e que lhe praze
O fazer-nos tanto bem...

E todos respondiam, unisonamente:

E bem! E bem!

O condestavel era um ser unico: ninguem se lhe assemelhava. Cada qual contava o milagre que mais lhe ferira a imaginação:

O rapaz da cobertura
Que morre e cae para traz
Já não [4] vae á sepultura:
Que outra vez vive o rapaz
E o conde lhe fez bem...
E bem! E bem!

Outro acudia:

O mal d'aquella altayata,
A grão dor de Lopo Afonso,
Não [5] lhes chega aos corações:
Que o conde santo los guarda
E tudo [6] por fazer bem...
E bem! e bem!

---

[1] V. o catalogo dos estupores, cancros, molestias do estomago e do coração, roturas, sciaticas, etc. em Sant'Anna, *Chron. Carm.*, 1062 a 114; 1136 a 79. O chronista enumera cerca de 300 casos.

[2] *Nem ningola*, i. e. nem mingúla, ou ningua.

[3] le prouge.

[4-5] nom.

[6] todo.

N'este hymno á bondade protectora, outro celebrava os mortos resuscitados:

A filha de Joane Estês
Que finou por não mamar;
Ao do moinho do Cubo
Que finou por se affogar,
Viventa o conde tambem...
E bem! e bem!

E bem, condestabre santo,
Cobri-nos com vosso manto,
Com vosso manto de Gales,
Defendimento dos males,
E faça-nos muito bem...
E bem! E bem! [1]

Os casos de morte apparente, cantados pelo coro dos pobres e enfermos, davam logar a milagres repetidos que desvairavam a imaginação infantil, piedosamente excitada pelo agradecimento. Traziam os cadaveres sobre a campa de Nun'alvares, e viam-nos muitas vezes erguerem-se do esquife. Succedera isso com a filha de Philippe Affonso, escrivão da chancellaria real; com o filho de Leonor Gomes; com varios. Outras vezes punham terra da sepultura sagrada sobre os cadaveres, e tornavam á vida; outras bastava evocar por orações o thaumaturgo, para alcançar o milagre. [2] E quem resuscitava mortos tinha sobrado poder para livrar os vivos do grande terror inimigo do tempo: o demonio. Para o afugentar, bastava invocar o condestavel, [3] que mais de uma vez appareceu aos afflictos, [4] descendo do ceu á terra, a continuar a sua missão de protector universal. Depois, davam-se outros casos, como o de Vasco

---

[1] Sant'Anna, *Chron. Carm.*, III, 1020.

[2] As ressurreições constam do *Carmello lusitano* de Jorge Cotrim, que as extraira do ms. de Gomes Eannes de Azurara, existente no arch. do Carmo. Sant'Anna reproduz; *ibid.* 1052 a 63.

[3] Sant'Anna, *ibid.*, 1068 a 70.

[4] *Ibid.*, 1064 a 7 e 96.

Fernandes, de Leiria, que falsificara duas vezes a firma d'el-rei D. Duarte, em resultado do que fora condemnado pelo rei a perder as mãos. Fugiu, e por elle intercedia o infante D. Pedro. O rei, commiserado, perdoou, sob condição porém de que o reu viesse perante elle, para o zurzir com um pau. Elle veiu, murmurando a tremer o nome do condestavel a quem promettera uma missa:

— Senhor, não me façaes mal, á honra do santo condestavel!

— Valha-te esse abençoado nome! respondeu D. Duarte, perdoando. [1]

Outro caso era o do ladrão que, vendo a egreja deserta, de uma vez se introduzira no Carmo para roubar do tumulo do condestavel a lampada de prata, dadiva de D. Duarte. Assim que poz as mãos sacrilegas n'essa arca da alliança da patria portugueza, perdeu o juizo. As portas estavam abertas, e não dava com ellas para fugir. Estonteado, deitou fóra a lampada, mas as pernas não lhe obedeciam. Assim o prenderam. [2]

A onda do milagre crescia e alargava-se em volta de Lisboa. O Carmo era um Sinai; a sepultura uma Arca. A' força de a cavarem, com o tempo, para se encontrar um grão de terra, era já mister introduzir pela junta uma vara de seis palmos. [3] A imagem do condestavel subira aos altares: tinha culto lithurgico, depois de a sua memoria ter culto no coração do povo que espontaneamente o canonisara. A provincia imitava Lisboa. O eponymo tornava-se um santo nacional: condigna retribuição do serviço que fizera construindo a patria. Na Certan levantaram-lhe a imagem, feita de cera, de tamanho natural, collocando-a na egreja do Olival. Curava febres. Os prelados toleravam esta religião espontanea. [4] Todos os annos, no primeiro de

---

[1] Sant'Anna, *Chron. Carm.*, III, 1247.

[2] *Ibid.* 1244.

[3] Coelho, *Compendio, etc.* I, 21; p. 90.

[4] Sant'Anna, *Chron. Carm.*, III, 1011 a 14.

novembro, dia da sua morte, o Carmo lhe celebrava o orago.

Mas estas festas ecclesiasticas não tinham decerto o encanto das romarias populares que vinham de um modo pagão prestar culto ao eponymo da cidade. Na primeira oitava da Paschoa, quando a terra inteira resuscita engrinaldada em flores, acudiam as mulheres de Lisboa, coroadas de rosas, invadindo a egreja. Na abside, o côro das romeiras com pandeiros e adufes acompanhava a dança que em cima da campa gyrava nas rodas, cantando:

O gram Condestabre
Nun'alvares Pereira
Defendeo Portugal
Com sua bandeira,
E com seu pendon'... [1]

O côro, batendo as mãos, respondia:

Não m'o digaes, non' [2]
Que santo é o conde!

Outra estrophe, na volta das danças, coroadas de festões e ramos:

Em Aljubarrota
Levou a vanguarda
Com braçal e cota
Os castelhãos mata
E toma o pendon'
Não m'o digaes non',
Que santo é o conde!

Depois de Aljubarrota, Badajoz:

Com sua chegança
Filhou Badalhouce [3]
Sem usar davença

---

[1] pendone.
[2] No me lo digades, none.
[3] Tomou Badajoz.

Entrou sua torre
E poz seu pendon'...
Não m'o digaes non',
Que santo é o conde!

A apotheose, reagindo, tornava, pelo caminho da santidade, commovente a ponto de a tornar thaumaturgica, ao heroismo do guerreiro, celebrando-lhe as façanhas. Era a resurreição do homem, levantando-o armado e invicto do seu tumulo fechado. Excitado pelo ardor da vida, o côro proseguia:

Dentro de Valverde
Vence os castelhãos:
Mata bons e máos
Só com sua hoste
E seu esquadron'
Não m'o digaes, non'
Que santo é o conde!

A sagração do santo confundia-se por tal fórma, no delirio da festa, com a apotheose do heroe. A morte abraçava-se á vida, a penitencia á acção, unificadas ambas na synthese da Natureza rejuvenescida pela Paschoa das flores primaveris. A egreja ficava engrinaldada como noiva, e sobre a sepultura um monte de ramos. No dia seguinte, vinham os visinhos do termo de Lisboa, [1] porque o culto quasi pagão estendia-se pelos arredores, fóra dos limites da cidade.

Pelo Espirito-Santo, quando as espigas amadurecem, acudiam os do Restello, com o seu velão de arroba. [2] Embarcava a procissão na praia, n'uma frota de bateis empavezados, subindo o rio até Santos, com trombetas e danças. O povo amontoava-se para os ver passar, acclamando-os. De Santos, subiam ao Carmo, e entrando na egreja, accendiam o cirio, rezavam e começava a festa. [3]

---

[1] Sant'Anna, *Chron. Carm.*, III, 1015 a 18.
[2] *Ibid.*, 1022.
[3] *Ibid.*, 1019.

Eram, da mesma fórma, coplas e danças com o tumulo por altar:

Santo Condestabre,
Bom [1] Portuguez
Conde de Arrayolos
Barcellos e Ourem... [2]
Santo Condestabre
Bom Portuguez!

Em campanha sois [3]
Além d'uma vez,
E mais outra vez,
E mais outra vez...
Santo Condestabre
Bom Portuguez!

Pelo prol [4] da Patria
Tudo isto fez: [5]
Mata os castelhãos
Salva a nossa grei.
E mais outra vez,
E mais outra vez!

Não me lo digaes [6]
Que demais o [7] sei:
Livra as ovelhinhas
Do Leão de Castel. [8]
E mais outra vez
E mais outra vez! [9]

E mais outra vez, e sempre, quatro vezes em cada anno, o povo vinha assim prestar o seu culto espontaneo ao heroe. Pela Paschoa os de Lisboa, pelo Espirito-Santo

---

1 Bone.
2 De Barcellos, d'Orem.
3 Na campanha somdes.
4 Por faison, i. e. *faccion.*, ou facção.
5 Todo esto lo fez.
6 No me lo digades.
7 abondo lo.
8 Librou as obelinhas — Do Leo de Castel.
9 Sant'Anna, *Chron. Carm.*, 1019 a 22.

os de Restello; depois, pelo São João, no dia em que Nun'alvares nascera, os de Sacavem, de Camarate, da Povoa, de Unhos, trazendo, piedosamente, offertas de azeite para a lampada do tumulo; depois, pela Assumpção, no dia sagrado de Aljubarrota e de Ceuta, no dia em que Nun'alvares professara, vinha de Almada a procissão do povo com velas accesas,[1] recordando a hora em que o condestavel lá surgira, inopinadamente, como um archanjo; e, batendo os castelhanos, fôra desfraldar o seu pendão com grande musica de trombetas no alto da villa, mesmo em frente do arrayal de Santos, fustigado pelo açoute da peste.

* * *

Venerado como santo, divinisado como heroe, pela imaginação de um povo inteiro, Nun'alvares, cuja fé realisou o milagre de o remir, para lhe dar um posto na historia da humanidade, marcou-lhe ao mesmo tempo o destino, quando, acabada a empreza, foi sepultar-se na cova de um mosteiro. Tambem Portugal, rematada a campanha heroica da sua expansão ultramarina pela catastrophe com que terminou o seculo XVI, se condemnou ao sepulchro frio de uma devoção extenuante e dissolvente. Só os individuos podem anniquilar-se estheticamente: os povos, finando-se, desorganisam-se.

A revolução de 1383 e a dura guerra a que assistimos, mantendo a autonomia politica do estado portuguez, deram-lhe porém uma alma nova: fizeram d'este principado uma nação consciente da sua vontade collectiva; pelo mesmo tempo em que, na Castella visinha, se ia definindo claramente o destino que a assignalava para a hegemonia, e

---

[1] Sant'Anna, *Chron. Carm.*, 1021.

afinal, para a unificação dos estados peninsulares. Até então, em toda a Hespanha, não houvera nações, na rigorosa expressão da palavra, mas sim apenas reinos, ou principados autonomos, nascidos no tumulto da reconquista, delimitados pela força das cousas, variando as fronteiras á mercê da arte, ou do valor dos soberanos. Desde a queda dos visigodos, a Hespanha ficara decapitada, e as guerras entre os estados christãos são de facto guerras civis. Em cada estado, as classes, incluindo a nobreza, eminente n'uma sociedade quasi exclusivamente militar, não se sentem estrangeiras perante as visinhas, e combatem por um ou por outro lado, instigadas por motivos varios: nunca pelo sentimento de solidariedade nacional.

Com o findar do seculo XIV mudam as cousas, e os sentimentos novos que se definem preparam o regimen posterior do dualismo, em que o antigo reino de Castella, passando mais tarde a chamar-se a Hespanha, exprime com uma palavra só o pensamento unitario da sua existencia. Na Hespanha ficava todavia Portugal, e depois do baptismo de 1385, Portugal era tambem uma nação; e tambem no espirito dos seus monarchas principiaram a florir as ambições de realisar a unidade a seu beneficio.

Ao problema propriamente geographico accresceu desde logo o problema organico, pois a idéa nova de Nação differia por completo do facto espontaneo dos estados medievaes. Eram, estes, aggregados de familias nobres e de villas burguezas; existiam, federativamente, por juxta-posição, indifferentes ás condições de proporção: a grandeza estava no explendor das façanhas heroicas! Agora, a nação surgia com os caracteres de um ser uno e vivo, tendo como cerebro o Pensamento, incarnado na pessoa symbolica do rei. Das proporções do estado dependia a sua grandeza; da sua grandeza a possibilidade de satisfazer á missão magnifica em que se sentia investido. Impossibilitado de se expandir na Peninsula, Portugal viu-se forçado a embarcar. Ceuta foi a primeira viagem: Alcacerquibir a ultima.

E' impossivel reconstruir a historia com hypotheses;

mas a imaginação pára inquieta perguntando, se, com effeito, o sonho de Campanella não poderia ter sido um facto, caso o filho de D. João II não tivesse morrido de uma queda estupida. O herdeiro do throno de Aviz, monarcha de toda a Peninsula, senhor de todo o mundo extra-europeu, poria talvez sobre a cabeça a corôa de um imperio maior e mais firme do que foi o de Carlos V. Unificando-se politicamente a Peninsula pelo sceptro de um rei portuguez, enfeixando-se todos os reinos da Hespanha no periodo ascencional da sua fortuna, é possivel que a Portugal succedesse como ao Aragão; ao passo que, depois, quando, sobre uma catastrophe, a união se fez, o povo que n'um seculo attingira a plenitude da gloria, identificou a união com a desgraça, chorando nas mesmas lagrimas a independencia perdida e a fortuna dissipada. E se o accidente fatal de 1491, quando a princeza Isabel de Castella ficou viuva, não tivesse mallogrado a ambição ingente do maior homem, talvez, que em Portugal nasceu, a corôa do herdeiro de D. João II, rutilante com as visões diamantinas de Nun'alvares, que foi o Paracleto portuguez: a corôa rutilante de Aviz não teria, é quasi certo, rolado pelos areaes de Alcacerquibir, dispersando as suas pedras desengastadas como lagrimas soltas na face adusta da afflicção cruciante de um povo.

Essa afflicção, esse doloroso martyrio com que nós, portuguezes, pagámos e ainda pagamos, um instante de fortuna incomparavel, não devem hoje surprehender-nos, pois uma das verdades sabidas é que os momentos de bem-aventurança na terra são expiados sempre por largos tempos de amargura. O homem não nasceu para a felicidade, por isso mesmo que a natureza lhe deu a imaginação com que se eleva acima do mundo: a felicidade é o estado proprio dos seres apenas vegetativos. Tempo houve, porém, em que d'esta propria amargura da vida, a imaginação humana fez a escada mystica por onde subia, das portas da morte, ás visões luminosas do ceu.

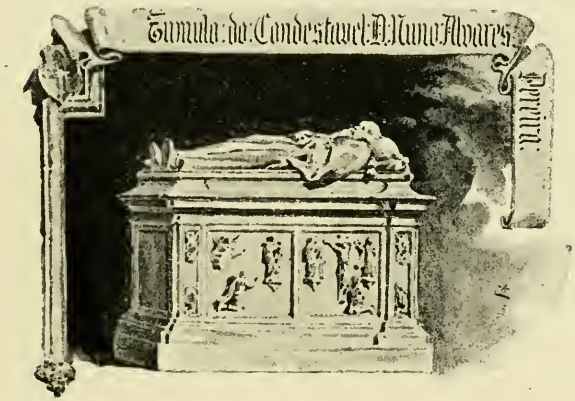
Exemplo superior da concepção christã da vida, e por

isso venerado como santo, Nun'alvares é porventura o typo culminante da energia propria d'esta nossa raça peninsular iberica, idealista na alma, e affirmativamente heroica. O heroismo encontrou objecto no sentimento historico da independencia que transformou em consciencia nacional; o idealismo vasou-se no credo religioso que havia de abrazar toda a Hespanha, produzindo um dos phenomenos mais extraordinarios de allucinação collectiva.

Historicas, ou transactas, as formas em que a sua energia e o seu pensamento se moldaram, por isso mesmo Nun'alvares se levanta no passado remoto como o representante eminente do tempo em que existiu. Herdeiros das lições do passado, filhos de um mundo envelhecido, não podemos, é certo, repetir no seu objecto a devoção quasi hysterica dos santos medievaes; mas havemos de aprender com os heroes, qual foi Nun'alvares, de quanto o homem é capaz, desde que obedece aos impulsos generosos do seu coração e aos movimentos decididos da sua vontade ennobrecida.

A allucinação medieval desfez-se logo que outra vez se ouviu, na Renascença, a voz diamantina da razão, e o encanto da belleza encheu de novo o mundo, repovoando os ares e os campos com os genios antigos da harmonia. Morrer bem: tal foi a sabedoria suprema de todos os tempos. A' euthanasia dos gregos succedeu o suicidio claustral com a esperança n'uma ultra-vida recheiada de piedosa fortuna; mas a idéa que hoje fazemos da morte parece-se mais com a mais distante. Por isso as thebaidas, os claustros, os eremiterios, cairam em ruina; nem por isso, todavia, a noção da vaidade universal das cousas é para nós menor do que era para Nun'alvares, apezar de ter descido voluntariamente do solio onde se sentava á Tavola-redonda da gloria e da grandeza, para se esconder com humildade na sombra espessa do claustro. A certeza do premio transcendente diminue o merito da abnegação; e n'este sentido o fim de Socrates vale tanto como o dos santos; e talvez a tragedia de Utica valha mais do que muitos martyrios.

Nos tempos modernos, ninguem soube a Vida melhor do que nós, os povos da Hespanha: isto é, ninguem affirmou tão superiormente a energia da vontade humana. Ninguem tampouco melhor soube morrer, do que o povo que incarnou em si, paradoxalmente, a theoria da Morte no seio do Eterno: esse pensamento agudo como a lamina de uma espada que, dobrando-se e traspassando o mundo, na sua redondeza, veiu cravar-se-nos no coração para nol-o desangrar. A Hespanha foi victima de um erro de definição; e se um dia os homens atinarem com a verdadeira theoria da Vida, ninguem, tampouco, saberá morrer por ella como o povo d'entre todos gerado para o heroismo.



APPENDICES

APPENDICES

A

CHRONOLOGIA

(1358-1441)

1358 — (abril, 15) Nascimento do filho de D. Pedro I e Theresa Lourenço, D. João, que depois foi mestre d'Aviz e rei.

1360 — (junho, 24). — *Nascimento de Nun'alvares Pereira, no Bomjardim.*

1361 — (julho, 24). — *Legitimação de Nun'alvares por el-rei D. Pedro, em Portalegre.*

1366 — Profissão de D. João na ordem de Aviz.

1367 — Morte de D. Pedro I, successão de D. Fernando no throno de Portugal.

1368 — Casamento de Leonor Telles com João Lourenço da Cunha.

1369 — Liga de Portugal ao Aragão, Navarra e Granada contra o novo rei de Castella Henrique II. Invasão da Galliza, tomada da Corunha, d'onde D. Fernando retira, trazendo comsigo, entre outros fidalgos gallegos, a João Fernandes Andeiro. Entrada dos castelhanos em Traz-os-Montes e no Minho: tomada de Bragança e de Braga, cerco de Guimarães.

1370 — Continuação da primeira guerra castelhana: cerco de Ciudad-Rodrigo pelos castelhanos, bloqueio do Guadalquivir pelos portuguezes: ambos frustrados.

1371 — (março, 31) Pazes. (1) Contracto de casamento de D. Fernando com a infanta de Castella, não cumprido pela paixão do rei por Leonor Telles. Rapto d'esta a seu marido. Revolução de Lisboa: fuga do rei (outubro).

Eleição de D. João ao mestrado de Aviz.

1372 — Declaração da segunda guerra castelhana, com a alliança do duque de Lencastre, pretendente da corôa de Castella. Captura de cinco naus biscainhas no Tejo. Invasão castelhana pela Beira: tomada de Pinhel, Celorico, Linhares e Vizeu (dezembro). Nascimento da infanta D. Beatriz.

1373 — (fevereiro). Marcha dos castelhanos, de Coimbra, sobre Torres-Novas. Encerra-se D. Fernando em Santarem, abandonando Lisboa ao invasor.

Entrada de Nun'alvares na corte, trazido por seu pae. Sae a reconhecer o exercito castelhano, na sua marcha sobre Lisboa. E' armado cavalleiro e fica na corte com sua mãe e seu tio.

(fevereiro, 23). Acampamento de Henrique II no alto de S. Francisco em Lisboa; queima dos navios e arsenaes; assolação dos arredores. (março, 7) Chegada da esquadra castelhana ao Tejo. Entrada de outro exercito inimigo pelo Minho.

Pazes de Vallada, por mediação do Papa. Promessa de casamento de D. Beatriz, infanta herdeira de Portugal, com o conde de Benavente, bastardo de Henrique II. Expulsão dos immigrados castelhanos ou gallegos de 1369; sahida do Andeiro para Inglaterra.

---

(1) V. o trat. em Santarem, *Corpo dipl. port.*, 336.

(junho) — Tratado de alliança com Duarte III de Inglaterra, celebrado a 15 por mediação do Andeiro. (1).

1375 — Conclusão das novas muralhas de Lisboa.

1376 — (agosto, 15). *Casamento de Nun'alvares com Leonor d'Alvim; bodas em Villa Nova da Rainha; lua-de-mel no Bomjardim.*

1377 — (janeiro, 8) Contrato de casamento da infanta D. Beatriz com o conde de Benavente (2).

1377-79 — *Residencia de Nun'alvares no Minho; nascimento da sua filha D. Beatriz, futura condessa de Barcellos.*

1378 — *Morte do prior D. Alvaro, pae de Nun'alvares.* (3) (maio) Morte de Henrique II de

---

(1) Figanière, no seu *Catal. dos mss. portug. exist. no Museu britannico* (1853) a p. 55,6 refere a existencia de um quarto artigo, alem dos tres que se encontram no texto de Rymer (III, 2.ª p. 202; ed de Haya) e de Dumont (*Corps Univ. Diplom.*, II, 1.ª, p. 84) como constituindo o tratado de 16 de junho de 1373 negociado pelo Andeiro. Não se encontrando o art. 4.º nos dois textos citados, talvez fosse apenas projecto que não veiu a ter effectividade. O texto ms. é este:

«Item in speciali, dictus Dominus noster Rex Angliae et Franciae dictos Regem Portugalliae et Algarvii et Dominam Alianorum Reginam et coujugem suam, dictum regnum Portugalliae et Algarvii cumplexibus amplexando agris sitientibus propriis et propria necessitate non obstante in presenti provideri mandavit in regno suo Angliae et preparavit certum numerum bellatorum ad partes sive ad regnum Portugalliae mittendorum et mandandorum videlicet sexcentos homines ad arma et quadringentos sagittarios in subsidium et defensionem dictorum Regis et Reginae Portugalliae, ad bellandum et totis viribus resistendum et impugnandum adversos hostiles impugnationes et invasiones tyrannicas Henrici Bastard se ipsum Castellae et Legionis Regem vulgariter licet minus veraciter praetendentis et dictum Regnum et Regem Portugalliae invadentis a Domino eodem nostro Rege per primum quarterium unius anni completum quod incipit currere a tempore, quo gentes praedictae versus praedictas partes Portugalliae iter arripient expensis stipendiis sumptibus praemanibus integre persolutis quo tempore transacto et completo praedictus Dominus Rex Portugalliae et successor suus quaedam gentes armorum et saggitarii praedicti steterint in servitio suo, vice et nomine...»

Appareceu traduzido em portuguez e junto ao texto do tratado, no *Quadro elementar, etc.*, XIV, p. 54 a 8.

(2) V. o contracto em Santarem, *Corpo diplom. port.*, p. 357,

(3) A ordem pela qual os acontecimentos veem relatados na *Chron. do Condestabre* e em Fernão Lopes, faz crer que a morte de D. fr. Alvaro tivesse tido logar na data indicada no texto. Já depois d'elle impresso, porém, obtive a prova de que o prior do Hospital viveu pelo menos quatro annos mais, pois em 1382 ainda existia. Talvez morresse n'esse anno; em todo o caso deve ter fallecido antes de D. Fernando. O facto é que, na era de 1420, apparece uma doação de fr. Alvaro aos ermitães da Agoa-das-Infantas de uma cova na egreja de Santa Maria de Portel: é o theor do alvará existente na bibliotheca publica de Evora, cuja copia devo ao illustre conservador d'esse estabelecimento, o sr. Antonio Francisco Barata, e que diz assim:

«Como eu fr alu° peira comendador de santa uera cruz e de | sam bras de ljxboa dou ẽ esmolla aos pobres jrmjtãaes | q̃ ora moram e depois morarem na agua das llantes pa sẽp | hũa cona ẽ q̃ sse enterrem pa senpre na jgreia de sãta Maria de | portel ante oaltar de sam p.° s. ẽ dereyto da esq̃ua aamaão | dereita contra ocroçufixo. e esta lhe faco por amor de dẽs e por | boas obras q̃ aordem e eu reçebemos delles e q̃ rogẽ a dẽs pola my | nha alma e pollas almas dos comẽdadores q̃ depojs nyherẽ | e dos fyres da ordem e em testemunho desto lhe mãdey dar este alu^a | asynaado p mjnha mãao e asellaado do meu seello. Ita naagua | das Ifantes. xxx dias de mço Era de mjl e iiy° e lbiij annos. (1420)

Ify alu°
pereyra»

Castella; successão de João I. Id. do papa Gregorio XI: reconhecimento do antipapa de Avinhão, Clemente VII, por Castella e Portugal.

1379-80 — Negociações para a revisão dos tratados de 1373. Segundo contracto de casamento de D. Beatriz com o filho do rei João I, que depois foi Henrique III (21 maio, 1380) (1)

1380 — Correspondencia de Leonor Telles com o Andeiro para trazer os inglezes á alliança portugueza com a esperança na corôa de Castella. Vinda do Andeiro incognito a Portugal; conspirações de Estremoz; principio dos amores da rainha; volta do agente a Inglaterra com procuração dos reis.

1381-2. — TERCEIRA GUERRA CASTELHANA

1381

Junho — Missão a Inglaterra para a alliança com os duques, genros de D. Pedro de Castella. Rompimento de relações: a corte em Villa Viçosa; concentração de forças para o attaque de Badajoz.

Julho — Invasão castelhana pela Beira: entrada em Almeida.

7 — Marcha das forças portuguezas de Elvas. *Nun'alvares na vanguarda.* Soccorro do infante D. João a Badajoz; mallogro da campanha portugueza; dissolução do exercito. *Regresso de Nun'alvares a Portalegre, fronteria do irmão.*

Enfermidade do rei de Castella em Almeida: paralysação da marcha invasora dos castelhanos.

11 — Partida da esquadra portugueza a bloquear o Guadalquivir.

13 — Cerco de Elvas pelos castelhanos do infante D. João (dura até o meiado de agosto) sem exito. Correrias inimigas pelo Alemtejo até Coruche. Bloqueio do Tejo pela esquadra castelhana.

17 — Destruição da esquadra portugueza em Saltes; partida da castelhana, de Lisboa, a comboyar os navios tomados.

19 — Entrada em Lisboa da esquadra ingleza com as forças do duque de Cambridge. Veem com elle seu filho Eduardo, terceiro noivo da infanta D. Beatriz, e os gallegos banidos de 1373: entre esses o Andeiro.

Vinda da corte a Santarem, receber os alliados. Bodas da infanta D. Beatriz com Eduardo. Reconhecimento do papa de Roma, Urbano VI, pelo rei D. Fernando.

Agosto — Expedição maritima do infante D. João contra Lisboa com os prisioneiros de Saltes; mallograda

Novembro — Volta da esquadra castelhana ao Tejo; restabelecimento do bloqueio. Sobem as naus inglezas da expedição o rio até Sacavem, defendendo-se.

De Portalegre, Nun'alvares desafia o filho do mestre de Santiago, fronteiro de Badajoz que acceita o repto. Prepara-se a lide.

Dezembro — Retirada do rei de Castella, de Almeida, enfermo; id. da esquadra do Tejo.

15 — Partida das naus inglezas da expedição.

25 — D. Fernando e o duque de Cambridge voltam a Santarem.

1382

Janeiro — Marcham sobre Evora. *Ida á córte de Pedr'alvares com o irmão, a quem o rei prohibe o duello com o filho do mestre de Santiago.* Residencia do Andeiro em Villa Viçosa.

Fevereiro — D. Fernando e a corte em Evora.

Março, 7 — Regresso ao Tejo da armada castelhana. Desembarques. Assolação dos suburbios. Incursões e razzias até Palmella e Villa-Nova-da-Rainha.

---

(1) Cont. em Santarem, *Corpo dipl. port.*, p. 436.

Nomeação de Pedr'alvares fronteiro de Lisboa: vae com elle Nun'alvares. Escaramuçam logo á chegada com os castelhanos que voltavam de uma razzia a Cintra.

Julho — Nomeação do Andeiro para o condado de Ourem. Escandalo e murmurios na corte em Evora. Vinda da esposa, da Corunha, para fazer calar a maledicencia. Prisão do mestre de Aviz e de Gonçalo Vasques, accusados por cartas falsas da rainha e alvarás tambem falsos, mandando-os decapitar. Desmanchado o ardil, são livres.

Concentração de forças castelhanas em Badajoz para impedir a invasão dos anglo-lusos na Estremadura, desde Elvas onde estavam.

Agosto — *Sortida de Nun alvares pela porta de Santa Catharina em Li boa, a Alcantara. Acção de Santos em que se viu perdido. Pede a Pedr'alvares que o deixe ir a Elvas, á batalha imminente, e, recusando-lh'o o irmão, foge de Lisboa para o exercito, sendo recebido benevolamente pelo rei.*

Nasce um filho a Leonor Telles e corre que o rei o estrangulara á nascença.

Nomeia o rei o primeiro condestavel da sua hoste e o primeiro marechal, Alvaro Pires de Castro e Gonçalo Vasques de Azevedo.

Aproximam-se os dois exercitos sobre o Caya e retiram sem combater, cada qual para o seu arrayal.

11 — Negociações da paz. Quarto casamento da infanta D. Beatriz, com o filho do rei de Castella, Fernando. Salvo-conducto aos inglezes para regressarem a suas terras. Restituição da armada e dos prisioneiros de Saltes. Partida dos inglezes, por mar, de Lisboa. Vinda do rei e da côrte, de Elvas, para Rio-Maior.

Setembro, 13 — Morte da rainha D. Leonor de Castella. Ida do rei de Castella para Toledo, onde sabe que enviuvara.

22 — D. Fernando e a côrte em Santarem.

Outubro-dezembro — Negociações para o quinto casamento da infanta D. Beatriz com o rei viuvo de Castella.

1383 — A QUESTÃO DA SUCCESSÃO

REVOLUÇÃO DE LISBOA

Janeiro ou fevereiro — Missão do Andeiro a Castella.

Abril, 2 — Tratados de Salvaterra para o casamento da infanta, regulando a questão da successão do reino. (1)

30 — Casamento por procuração.

Maio, 14 — Bodas de Elvas. A infanta é conduzida pela rainha á fronteira e entregue ao rei de Castella que viera de Badajoz recebel-a em casamento.

Festas e banquete, em que Nun'alvares, despeitado, derruba escandalosamente uma das mezas e parte, protestando, para o Minho.

17 — Benção d'arrhas aos conjuges em Badajoz.

21-2 — Juramentos dos fidalgos portuguezes e hespanhoes. (2)

Julho (?) — D. Fernando, enfermo em Salvaterra, trama a morte do Andeiro, que fôra a Castella com a infanta, e cuja vida é tambem ameaçada pela conspiração dos fidalgos. Regresso de D. Leonor a Almada, para onde o rei viera.

Outubro, 22 — Morte de D. Fernando em Lisboa. Fuga do Andeiro para Ourem.

Proclamação de D. João I de Castella, rei de Portugal, em Torrijos. Prisão do infante D. João no alcazar de Toledo. Acclamação da rainha D. Beatriz em Lisboa.

Novembro, 22 — Exequias de D. Fernando em Lisboa. Vinda dos fidalgos á ceremonia. O Andeiro restaurado na corte.

Nun'alvares vem com homens seus que a rainha quer desarmar, intento de que po-

---

(1) Em Santarem. *Corpo dipl. port.*, p. 517.

(2) V. ostextos, *ibid.*, p. 571, 4, 6 a 84.

rém desiste. Formula o plano da revolução: o principado do mestre d'Aviz, sobre o cadaver do Andeiro. Convidado, o Mestre hesita e recusa. Desanimado, Nun'alvares parte para Santarem ao encontro do irmão que regressava. Procura convencel-o a que se pronuncie.

Episodio do Alfageme em Santarem: prognostico do futuro.

Dezembro — Em Lisboa, o mestre d'Aviz adhere ao plano de Alvaro Paes e decide-se a matar o Andeiro.

5 — Nomeado pela rainha viuva regente fronteiro do Alemtejo, o mestre de Aviz parte de Lisboa e segue até ao Tojal onde pára.

6 — Regressa a Lisboa, vae ao paço, e assassina o Andeiro. Tumulto na cidade. Morte do bispo, e outros na Sé. Tentativa de alliança entre os revoltados e a rainha.

13—Fuga da rainha e da côrte para Alemquer. Abatimento dos animos em Lisboa, cujo castello se não pronunciou. Idéa do Mestre fugir para Inglaterra; intervenção de Alvaro Paes. Visita ao oraculo do emparedado da Barroca. Ida de Alvaro Paes a Alemquer propor á rainha o casamento com o Mestre: recusa.

15 — *Meeting* de S. Domingos, no Rocio, onde o Mestre é acclamado regedor e defensor do reino, titulos da rainha viuva.

16 — Proclamação do Mestre pelo senado da cidade.

Constituição do governo; creação da casa dos Vinte-e-quatro.

Vinda de Nun'alvares a Lisboa, ao saber da revolução. Abandono dos irmãos. Chegada. Sua entrada immediata no conselho do governo.

Vinda de Iria Gonsalves, mãe de Nun'alvares, a Lisboa convencel-o a abandonar o Mestre; parte convertida a buscar o outro filho, Fernando.

Partida de Lourenço Martins e Thomaz Daniel, enviados a Inglaterra, para alistar gente.

Pronunciamento do Porto pela revolução.

30 — *Occupação do castello de Lisboa por Nun'alvares.*

1384 — CAMPANHAS DO ALEMTEJO

O CERCO DE LISBOA

Janeiro, 2 — Partida da rainha Leonor Telles, de Alemquer, para Santarem.

(?) — Pronunciamento de Extremoz, Portalegre, Penella, Beja, pelo governo de Lisboa.

11 — Id. de Evora.

Hesitação e temor em Lisboa. Voto pela partida do Mestre a Inglaterra por soccorros. Vence Nun'alvares com o partido da acção.

Occupação de Almada.

Expedição frustrada contra Alemquer.

Fevereiro, 1 — Arribada ao Tejo de um comboyo de viveres para o exercito castelhano. Tomada dos navios.

8 — Correria de Nun'alvares a Cintra.

9 — Avançadas castelhanas no Lumiar: reconhecimento contra os muros de Lisboa.

Sortida de Nun'alvares: os castelhanos retiram.

Debate do commando militar entre os parciaes do condestavel Alvaro Pires de Castro e os de Nun'alvares. Conflicto no conselho, em Almada.

Decisões: armamento da esquadra para o Porto; nomeação de Nun'alvares

(?) — Passagem da fronteira pelos reis de Castella que entram na Guarda. Carta de Leonor Telles, de Santarem, para que venha defendel-a.

13 — Chegada dos reis junto de Santarem. Renuncia da regencia pela rainha viuva, coacta.

Fuga de Lourenço Fogaça para Lisboa.

14 — Entrada dos castelhanos em Santarem: occupação da villa e castello.

Questão da successão no rabbinado mór de Castella: ruptura de Leonor Telles com o genro. Defecções que a rainha viuva aconselha.

Expedição dos reis a Coimbra para ganhar a cidade, cujo castello tinha pela irman o conde de Neiva. Conspiração com o conde de Trastamara, denunciada ao rei de Castella. Prisão de Leonor Telles, mandada para Torde-

fronteiro do Alemtejo. Partida da embaixada para Inglaterra.

Março, 6 — Doação dos bens do judeu D. David Negro a Nun'alvares pelo Mestre.

Vinda dos castelhanos contra Portalegre.

silhas, onde vem a morrer em 1405. Fuga do conde de Trastamara para o Porto. Mallogro da expedição a Coimbra. Regresso dos reis.

10 — Chegada dos reis a Santarem.

OPERAÇÕES NO ALEMTEJO	CERCO DE LISBOA	EXPEDIÇÃO MARITIMA AO NORTE
Partida de Nun'alvares para o Alemtejo. Entrada em Setubal. Concentração de forças castelhanas no Crato; junccão dos portuguezes de Pedr'alvares.	Marcha do exercito castelhano sobre Lisboa; acampamento nas linhas de Alemquer, Obidos, Bombarral; avançadas na Arruda.	
Revista da hoste por Nun'alvares em Extremoz; partida immediata contra Fronteira para onde os luso-castelhanos do Crato tinham avançado.	31 — Partida da embaixada portugueza a Inglaterra na nau *Lincoln*.	
Abril, 6 — Bataiha dos Atoleiros. Desbarato das forças luso-castelhanas que fógem sobre o Crato.	Paralysação das operações do exercito sitiante, esperando a chegada da armada.	Invasão do Minho e assolação pelas forças do arcebispo de Santiago.
7 — Expedição frustrada de Nun'alvares ao Crato.	Obras de defeza da cidade; cartas de privilegios e doações (1,7); emprestimos forçados; liberdade de cunhagem; enfraquecimento da moeda.	Id. de Traz-os-Montes e Minho pelos de Zamora.
8 — Romaria a N. Sr.ª do Assumar. Tomada de Arronches. Id. de Alegrete. Regresso a Evora.	Noticia do desastre de Atoleiros no arrayal castelhano.	Acampamento das duas hostes inimigas contra o Porto, em Santo Thyrso e S. Romão.
	30 — Progresso da vanguarda castelhana ao Lumiar.	
	6 — Occupação do alto do Monte, contra Lisboa. Reconhecimento contra a porta da Graça.	Pronunciamento de Coimbra pelo Mestre de Aviz.
	16 — Arribada a Lisboa de um comboyo de viveres para o exercito castelhano; abandono dos navios pelas guarnições (em Oeiras) que fogem para Cintra.	14 — Saída da armada portugueza de Lisboa para o norte. Desembarque das tropas da armada no Porto: repellidos os castelhanos para alem do Leça.
	20 — Cartas do rei ás cidades de Castella pedindo reforços.	
	26 — Chegada ao Tejo da primeira divisão da esquadra castelhana.	Expedição ás costas da Galliza, sob o commando do conde de Trastamara.
	27 — Estabelecimento do cêrco de Lisboa pelo exercito: arrayal em Santos.	
	28 — Chegada da segunda divisão da esquadra: bloqueio do Tejo.	

Junho, ? — Partida de Nun'alvares, de Evora para o Porto, a reunir-se á esquadra.

15 (?) — Pára em Coimbra, sabendo como já partira do Porto.

Partida da esquadra reunida para Lisboa, antecipada pela noticia da ida de Nun'alvares.

Passagem da esquadra em Buarcos.

16, (?) — Não consegue que a esquadra o espere em Buarcos.

Regresso a Torres Novas.

17 — Chegada a Cascaes.

Marcha sobre Abrantes: assalto de um comboyo castelhano no caminho. Volta a Evora.

18 — Entrada da esquadra portugueza no Tejo: batalha naval. Desembarque das guarnições e viveres, a salvamento. Desarmam os navios e varam na Ribeira.

Tomada de Monsaraz por surpreza. Corrida a Badajoz: combate na fronteira. Volta a Elvas.

19 — Restabelecimento das linhas do bloqueio castelhano.

Expedição castelhana de Lisboa ao Crato para juntos esmagarem Nun'alvares. Tenta este em vão impedir a passagem em Ponte do Sôr. Chega tarde.

25 — Chegada ao Tejo da terceira divisão naval castelhana; reforço do bloqueio.

Tomada do castello de Almada pelos castelhanos.

Concentra forças em Evora contra os luso-castelhanos que chegam ao Divor. Separam-se sem combater, regressando a divisão castelhana a Lisboa, mallograda a expedição.

Julho, 1 — Nomeação de Nun'alvares conde de Ourem, com bens que eram do Andeiro.

11 — (Tomada do Castello de Ourem pelo mestre de Christo aos castelhanos).

Agosto

19 — Eclypse do sol.

Peste no arrayal castelhano.

20 — Partida de Nun'alvares, de Evora sobre Palmella.

27 — Assalto frustrado dos castelhanos para tomarem os navios portuguezes varados na praia.

Propostas de paz, repellidas pelo mestre de Aviz. Conspiração mallograda de D. Pedro de Castro em Lisboa.

31 — Correria de Nun'alvares sobre Almada.

Setembro

1 — Mudança do quartel real para Almada, por motivo da peste.

2 — Enferma a rainha D. Beatriz de peste.

3 — Levantamento do cerco. Incendio do arrayal.

5 — Passagem dos reis na Sapataria. Enferma o rei D. João em Torres.

Retirada sobre Santarem.

30 — Entrada de Nun'alvares em Lisboa.

Outubro

? — Volta a Evora.

2 (?) — Marcha de Santarem para a fronteira.

14 — Passagem da fronteira pelos reis e exercito castelhano. A esquadra continua bloqueando o Tejo.

OPERAÇÕES NO CENTRO

(?) — Meeting do Rocio, em Lisboa. Acclamação do mestre d'Aviz. Outorga de novos privilegios e isenções á cidade.

24 — Expedição mallograda contra Cintra.

28 — Partida da esquadra castelhana: levantamento do bloqueio do Tejo.

29 — Tomada de Almada pelo Mestre.

Novembro, ? — Tomada de Portel.

(?) — Expedição contra Alemquer que capitula.

Dezembro, ? — Ida a Elvas.

1 a 15 — Queima de navios portuguezes no mar pela divisão naval castelhana de observação á barra.

Desbarato dos portuguezes no cerco de Torres: o mestre de Christo e o novo prior do Hospital prisioneiros.

10 — Capitulação de Alemquer ao mestre de Aviz.

Cerco de Torres-Vedras.

? — Investida e cerco mallogrado a Villa-Viçosa. Volta a Elvas, d'ahi a Lisboa e a Torres Vedras.

1385

ACCLAMAÇÃO — A CAMPANHA DE ALJUBARROTA

Janeiro, 8 — Conspiração contra a vida do mestre d'Aviz, no cerco de Torres, descoberta. Execuções.

21 — Novo pronunciamento de Alemquer por Castella.

Fevereiro, 15 — Levantamento do cerco de Torres; marcha sobre Coimbra. ás cortes.

Março 3 — Entrada em Coimbra.

Reunião das côrtes; debates da successão; discursos de João das Regras.

Abril, 2 — Chegada da frota com soccorros de Inglaterra: combate no Tejo com as galés castelhanas, repellidas.

6 — Acclamação de D. João I pelas côrtes.

7 — Nomeação dos cargos de estado: Nun'alvares, condestavel.

16 — Confirmação dos privilegios de Lisboa.

CONQUISTA DO MINHO

12 (?) — Partida de Nun'alvares para o Porto; encontro com a esposa e a filha; partida para o norte.

Tomada do castello de Neiva.

14 (?) — Partida de D. João I para o Porto; visita á mulher de Nun'alvares; doação do condado de Barcellos.

(?) — Tomada de Darque e Vianna por Nun'alvares.

(?) — Id. de Cerveira e Caminha.

(?) — Id. de Monção; para diante do Minho.

25 (?) — Jornada de D. João I a Guimarães: entrada na cidade, cerco do castello.

Maio 15 (?) — Ordem a Nun'alvares para retroceder sobre Braga.

20 (?) — Tomada de Braga e seu castello por Nun'alvares.

Ida d'este a Guimarães.

EPISODIOS SIMULTANEOS

O rei de Castella, em Cordova, depois de ter enfermado desde janeiro em Sevilha, dispõe a invasão: ao norte manda que as forças do arcebispo de Toledo invadam a Beira; ao sul, de Badajoz, vae cercar Elvas.

Restabelecimento do bloqueio do Tejo.

Cerco de Elvas.

Invasão dos castelhanos pela Beira: saque e incendio de Vizeu.

Jornada de Trancoso: victoria dos portuguezes.

Levantamento do cerco d'Elvas pelo rei de Castella.

Junho

(?) — Capitulação do castello de Guimarães.
(?) — Expedição de D. João I e Nun'alvares a Ponte-do-Lima: tomada e incendio do castello.

(?) — Cerco de Mertola pelos portuguezes, forçado a levantar por auxilios vindos de Sevilha.
Aprisionamento de um comboyo portuguez entre Evora e Arronches.
Concentração das forças castellhanas em Ciudad-Rodrigo, para a invasão pelo valle do Mondego.

A INVASÃO; OPERAÇÕES:

PORTUGUEZAS	CASTELHANAS
8 — Partida de D. João I e Nun'alvares de Braga, na supposição errada de que o exercito do rei de Castella entrava pelo Alemtejo.	
14 — Partida do Porto para Coimbra.	
(?) — Marcha por Thomar sobre Torres-Novas que é tomada.	
Descida ao longo do Tejo desde a Golegan até o vau de Santarem. Passagem do Tejo para o sul. Escaramuças com os destacamentos castellhanos de Santarem.	
Conhecimento do erro em Mugem. Regresso, pelo Cartaxo, ao acampamento de Alemquer, onde o rei concentra as suas forças.	
Expedição de Nun'alvares ao Alemtejo a alliciar tropas, aprazando a junecção em Abrantes; ida a Evora e Extremoz.	
Julho	8 — Passagem da fronteira pelo rei e pelo exercito invasor.
11 — Chegada de D. João I a Abrantes. Chamada urgente de Nun'alvares a Extremoz.	Entrada por Almeida e Trancoso. Queima da egreja de S. Marcos.
13-20 — Concentração de forças em Abrantes.	Tomada de Celorico.
Partida de Nun'alvares, de Extremoz, para Abrantes.	21 — Faz o rei o seu testamento em Celorico.
Agosto	1 — Partida de Celorico.
(?) — Partida de Nun'alvares de Abrantes, para Thomar, so.	(?) — Passagem em Coimbra.
7 — Correspondencia entre Nun'alvares e o rei de Castella, de Thomar para Soure.	7-8 — Id. em Soure.
8 — Junecção de D. João I em Thomar.	9 — Id. em Pombal.
11 — Marcha do exercito reunido sobre Ourem.	11 — Chegada a Leiria.
12 — Parlamentarios entre Leiria e Ourem. Marcha sobre Porto-de-Moz.	(?) — Entrada da divisão do principe de Navarra pela Beira.
13 — Reconhecimento do campo de batalha por Nun'alvares.	
14 — Marcha de Porto-de-Moz.	14 — Batalha de Aljubarrota; fuga do rei de Castella para Santarem.
15 — Romaria de Nun'alvares a Ourem.	Embarque do rei para Lisboa.
Pronunciamento de Santarem; seguido pelo de quasi todas as terras do reino.	Evacuação do reino pelas guarnições castellhanas. Id. dos restos do exercito batido em Aljubarrota.
	17 — Saida do rei de Castella do Tejo.
18 — Ida de D. João I a Alcobaça: partilha do despojo; remessa de bandeiras a Lisboa.	
19 — Ida a Santarem.	
20 — Doações. Ampliações e confirmação das doações a Nun'alvares.	
(?) — Partida d'este para o Alemtejo.	
(?) — Partida de D. João I para o norte. Romaria a Guimarães.	

Setembro

11 (?) — Evacuação da Beira pela divisão do principe da Navarra.
14 — Saida da esquadra castelhana do Tejo: levantamento do bloqueio.

OPERAÇÕES OFFENSIVAS

AO NORTE

Outubro

Estada de D. João I no Porto.

Dezembro — Id. em Villa-Real; concentração de forças
25 — Cerco de Chaves.

AO SUL

2 — Invasão da Estremadura castelhana por Nun'alvares. Entrada por Badajoz.
3 — No Almendroal.
4 — Na Aldea de la Parra.
5 — Em Zafra, por Villa-Garcia, Magacela, Villa-Nueva-de-la-Serena.
15 ou 16 — Batalha de Valverde.
20 — Regresso ao reino por Elvas.
(?) — Vinda de Nun'alvares a Traz-os-Montes, chamado pelo rei.

1386

Janeiro, (?) — Partida da esquadra de Affonso Furtado, do Porto, a buscar a expedição do duque de Lencastre.
Fevereiro, (?) — Chegada dos reforços de Lisboa.
Abril, 20 ou 30 — Capitulação de Chaves.
Maio, 9 — Convenção anglo-portugueza, assignada em Londres.
Marcha dos exercitos do rei e do condestavel para a fronteira. Revista ou *alardo* de Vallariça. Capitulação de Bragança.
Invasão em Castella, por Ciudad-Rodrigo, que se entrega.
Junho — Cerco de Coria, mallogrado.
Junho 1 a 15 — Retirada do exercito portuguez que entra em Penamacor.
Nun'alvares parte em romaria a Santa-Maria-do-Meio (Certan) d'ahi a Ourem, e de lá para o Alemtejo.
D. João I vae em romaria a Guimarães e regressa a Lamego.
Morre na excursão o marechal Alvaro Pereira, irmão de Nun'alvares.

VINDA DO DUQUE DE LENCASTRE

25 — Chegada do duque de Lencastre á Corunha que se lhe entrega. Sabe-o D. João I em Lamego. Manda chamar Nun'alvares.
Novembro 1-2 — Vistas de D. João I e Nun'alvares com o duque de Lencastre em Ponte do Muro, entre Melgaço e Monção. Alliança e negociações do casamento de D. Philippa com o rei.
10 — Volta do duque a Galliza; de D. João I ao Porto.
Dezembro, (?) — Principio de negociações entre o duque de Lencastre e o rei de Castella para o casamento do herdeiro da corôa com D. Catharina.

1387

Fevereiro 2 — Casamento de D. João I com D. Philippa de Lencastre no Porto.
Março 26 — Juncção dos alliados anglo-lusos em Babe, junto a Bragança. Termo de cessão dos direitos sobre Portugal pelo duque de Lencastre, pretendente á corôa de Castella.
Abril 2 — Passagem da fronteira pelos alliados.
Cerco e tomada de Benavente.
Irrupção dos castelhanos do mestre de Calatrava, no Alemtejo: tomada de Campo-Maior.
Maio, (?) — Marcha dos anglo lusos por Villalpando a Castro-Verde.
15 — Passagem do Douro em Corrales acima de Zamora. Retirada, pela dissolução das tropas inglezas. Fome. Doenças.
Acção na ponte do Agueda em Aldeia-do-Bispo. Entrada em Portugal por Almeida. Arrayal em Trancoso.
Junho, (?) — Restabelecimento das negociações para o casamento de D. Catharina de Lencastre com o herdeiro de Castella. Separação dos alliados. As tropas inglezas re-

gressam atravez de Castella com salvo-conducto. Lencastre vae a Coimbra ver a rainha D. Philippa sua filha e de lá para o Porto, onde embarca para Bayona. D. João I fixa-se em Coimbra. Nun'alvares regressa ao Alemtejo.
Agosto, (?) — Doença grave de D. João I, em Coimbra. Vinda de Nun'alvares a vel-o. Regresso a Evora por Ourem.
Dezembro, 1 — Tratado de alliança com Ricardo II de Inglaterra, celebrado em Londres.
(?) — Cortes de Braga onde vão o rei e o condestavel.
9 — Carta do rei de Inglaterra authorisando o seu alliado portuguez a tratar pazes com Castella.

1388

Janeiro (?) — Enterro de D. Leonor d'Alvim, no Porto, pelo viuvo que vae a Lisboa entregar a filha á guarda de Iria Gonsalves. Volta de Nun'alvares a Braga, ás côrtes ; e depois de encerradas, regresso ao Alemtejo

CONTINUAÇÃO DAS HOSTILIDADES

AO NORTE	AO SUL
(?) — Cerco de Melgaço por D. João I, mallogrado.	
Tomada de Salvatierra.	Entrada dos castelhanos em Portugal por Campo-de-Ourique.
Fevereiro (?) — Volta sobre Melgaço.	Entrada de Nun'alvares em Castella: correria até Villa-Nueva del-Frenso.
Março, 3 — Capitulação de Melgaço. Volta, por Monção, a Lisboa.	
Agosto	Juncção do rei e do condestavel em Extremoz.
Outubro	15 — Tomada de Campo Maior.

Vinda de D. João I para Lisboa com Nun'alvares, que vae a Aljubarrota inaugurar a construcção da egreja de S. Jorge.
Tregoas de seis mezes com Castella.

1389

Março, 30 — Carta de confirmação de todas as doações regias anteriores ao Condestavel. Cortes de Lisboa.
Julho (?) — Inauguração da construcção do Convento do Carmo, em Lisboa, por Nun'alvares.

1.ª RENOVAÇÃO DAS HOSTILIDADES

Agosto, 23 — Cerco e tomada de Tuy por D. João I.
Novembro, 29 — Tregoas de Monção, por seis annos.
Volta do rei a Santarem, onde D. Philippa teve o seu primeiro filho, Affonso, que morreu em 1401.

1390

Março 2 — Côrtes em Coimbra.
Junho (?) — Ratificação das tregoas.
Outubro 9 — Morte de D. João I de Castella com 32 annos, e 11 de reinado. Successão de Henrique III. São irmans as rainhas de Portugal e Castella.

1391

Abril 13 — Sentença de D. João I, em carta a Lisboa, na questão da Camara com o condestavel sobre os reguengos de Sacavem, Camarate, Friellas e Charneca.
Dezembro 15 — Côrtes em Vizeu.

1392

(?) — Côrtes em Santarem.

1393

Maio 15 — Renovação das tregoas por onze annos.
(?) — Considerando feita a paz, Nun'alvares reparte as terras de doação com os seus companheiros de guerra.

1394

Ruptura de relações entre Portugal e Castella.
Conflicto entre D. João I e Nun'alvares sobre as doações d'este. Resgate das terras doadas pelo rei aos fidalgos. Affirmação do poder soberano da corôa. Reconciliação de Nun'alvares.
Dezembro 17 — Côrtes de Coimbra.

1395

Junho (?) — Côrtes de Coimbra.

1396

(?) — Côrtes de Coimbra.

2.ª RENOVAÇÃO DE HOSTILIDADES

Abril (?) — Jornada frustrada de Martim Affonso de Mello contra Albuquerque.
Maio, 12 — Tomada de Badajoz por Nun'alvares.
(?) — Entrada dos castelhanos na Beira. Segundo saque e incendio de Vizeu. Junção do rei e do condestavel em Santarem; marcha sobre Coimbra, não podendo alcançar já os invasores que retiram com a presa. Entrada simultanea dos castelhanos no Alemtejo.

1397

Maio (?) — Apresamento de um comboyo naval portuguez pelos castelhanos na costa: morticinio de 400 prisioneiros.
(?) — Installação dos frades do Carmo no convento feito por Nun'alvares em Lisboa.
Novembro, 28 — Moratoria a camara de Lisboa. Isempção de impostos. Crise provocada pela guerra.

NO NORTE	NO SUL
Dezembro (?)	Incursão do rei e do condestavel em Castella, por Valencia. Correria até Caceres. Regresso com o saque. Volta a Portalegre. D. João I vem por Aviz para o norte. Nun'alvares vae a Villa Viçosa ver a mãe e a filha.

1398

Fevereiro 1 — Côrtes em Coimbra. Maio 4 — Invasão da Gallisa por D. João I. Tomada de Salvatierra. Cerco de Tuy.	(abril a junho) Doença de Nun'alvares. Vem de Evora a Lisboa; regresso a Evora por Setubal. 17 — Entrada de Nun'alvares em Castella por Badajoz. Correria até Jerez-de-los Caballeros.

Bloqueio do Tejo pela armada castelhana.
Entrada dos castelhanos pela Beira com o infante D. Diniz.

Junho 26 — Capitulação de Tuy. Volta do rei ao Porto. Julho	2 — Regresso de Nun'alvares com o saque a Villa Viçosa.

Marcha immediata de Nun'alvares sobre Castello Branco contra o infante D. Diniz que retira. Vae ao Porto encontrar-se com o rei.
Setembro, 1 — Doação das terras de Paiva, Tendães e Lonzada, a Nun'alvares.
Outubro, 31 — Decreto de livre importação de armas.
Dezembro (?) — Negociação de tregoas de trez mezes, preliminares da paz, no Porto, por intermedio do genovez Ambrosio.
Fevereiro 8 — Encontro dos negociadores em Olivença. Nun'alvares plenipotenciario. Tregoas por nove mezes.
(?) Côrtes de Elvas.
(?) Renovação da alliança com o novo rei de Inglaterra, Henrique IV (1399-1413).

1400

Julho — Côrtes de Santarem.

3.ª RENOVAÇÃO DAS HOSTILIDADES

Maio, 15 — Entrada de D. João I e Nun'alvares em Castella. Cerco de Alcantara, mallogrado. Correria até Caceres. Retirada.

Entrada simultanea dos castelhanos em Portugal: tomada de Miranda-do-Douro e Penamacor.

Junho 1 — Negociações de paz em Segovia. Tregoas por dez annos. Fim da guerra da independencia.

1401

Outubro (?) *Ajuste do casamento da filha de Nun'alvares, Beatriz, com o bastardo de D. João I, Affonso, em Leiria.*

20 — *Legitimação do bastardo pelo rei.*

Novembro 1 — *Escripturas do casamento em Friellas.*

(?) Côrtes de Guimarães.

1403 — Côrtes de Santarem.

14 4 — Id. de Lisboa.

(3 de maio) Morte de João das Regras.

1405 — Morte de Leonor Telles, em Tordesillas.

1406 — Côrtes de Santarem.

1407 — (25 dezembro) Morte de Henrique III de Castella:

Successão de D. João II (22 mezes) com a regencia da rainha viuva, irman da de Portugal. Negociações da paz em Escarigo.

1408 — Côrtes de Evora.

1410 — Id. de Lisboa.

1411 — (31 de outubro) Tratado de paz e alliança perpetua com Castella.

1412 — Côrtes de Lisboa.

1413 — Id. Id.

1414 — Id. Id.

(?) — *Morte da filha de Nun'alvares, D. Beatriz, condessa de Barcellos, de parto em Chaves. O pae vae do Alemtejo lá e acompanha o saimento para Santa Clara de Villa-do-Conde onde fica jazendo a morta* (anno incerto, mas anteriormente proximo a)

1415 — Morte da rainha D. Philippa. Tomada de Ceuta. *Nun'alvares na expedição.*

1416 — Côrtes de Extremoz.

1417 — Id. Lisboa.

1418 — Id. Santarem.

1419 — Id. Vizeu.

1422 — (4 abril) *Doações de Borba por Nun'alvares; partilha dos seus bens com os netos; distribuição de todos os seus haveres pelos seus familiares. Estabelece residencia no convento do Carmo em Lisboa* (julho).

1423 — (30 de abril) Ratificação do tratado de paz por D. João II de Castella, temporariamente, até 1434.

(28 de julho) *Doação do convento, por Nun'alvares, á ordem do Carmo.*

(15 de agosto) *Profissão de Nun'alvares na ordem do Carmo.*

1425 — Projecto de expedição de soccorro a Ceuta: *decisão de Nun'alvares a ir.*

1427 — Côrtes de Lisboa.

1430 — Id. de Santarem.

1431 — (30 outubro) Assignatura do tratado de paz perpetua entre Portugal e Castella, reconhecimento da dynastia de Aviz, por D. João II em Medina del Campo.

(1 novembro) *Morte de Nun'alvares.*

1432 — (17 janeiro) Assignatura do tratado por D. João I em Almeirim.

1433 — Morte de D. João I.

1441 — *Morte de Iria Gonsalves. Apotheose de Nun'alvares.*

B

BIBLIOGRAPHIA

Chronica do Condestabre de Portugal Dom Nunalvrez Pereyra principiador da casa de Bragança, etc. Porto 1848, 8.º.

Chronica delrey D. João I de Boa Memoria, etc. composta por Fernão Lopes, I e II partes; e a III por Gomes Eannes de Azurara. Lisboa 1644.

Chronica do senhor rei D. Fernando, por Fernão Lopes, na *Coll. de livros ineditos de hist. port.* etc. publ. pela Academia Real das sciencias de Lisboa, 1816; tom. IV, n. 2.

Chronica dos Carmelitas, etc. por fr. Joseph Pereira de Sant'Anna; Lisboa, 1745.

Vida de D. Nuno Alvares Pereira, etc. por fr. Domingos Teixeira; Lisboa, 1723.

De vita et rebus gestis Nonni Alvarezii Pyrerиae, etc. auctore Antonio Rodericio Costio; Lisboa, 1723.

Historia genealogica da casa real portugueza, por D. Antonio Caetano de Sousa; Lisboa 1735-48; tom. V, 93 e segg.

El heroe portugues, etc. pelo P. fr. Antonio de Escobar, trad. port. de Bernardo José de Lemos Castello Branco; Lisboa, 1744.

Memorias para a historia de Portugal, que comprehendem o governo d'elrei D. João o I, do anno de 1383 ate ao de 1433; por Joseph Soares da Sylva; Lisboa, 1730-4; 4 vol.

Agiologio lusitano dos Santos e varões illustres, etc. por Jorge Cardoso; Lisboa 1625-66; 3 vol.; V, no tom. III, 12 de maio.

Monarchia lusitana: Parte oitava, por Fr. Manoel dos Santos; Lisboa, 1727.

O Condestabre de Portugal, D. Nuno Alvares Pereira, poema de Francisco Rodrigues Lobo; Lisboa, 1610.

Vida y hechos del gran condestable Nuno Aluarez Pereira, etc. por Rodrigo Mendes Silva; Madrid, 1640.

Primeira parte do Compendio de chronicas da ordem da muito bemaventurada sempre virgem Maria do monte do Carmo, etc. por fr. Simão Coelho; Lisboa, 1572.

Retratos e elogios dos varões e donas, etc. Lisboa, 1817; art. Nuno Alvares Pereira.

Memoria sobre a phase christan do grande condestavel D. Nuno Alvares Pereira, pelo p. José Antonio da Conceição Vieira; Lisboa, 1871.

C

CANONISAÇÃO DO CONDESTAVEL

Ventilou-se esta questão nas côrtes de 1674, as ultimas que se reuniram antes da revolução de 1820. Privado el-rei D. Affonso VI do governo em 1667, o regente seu irmão convocou côrtes que se reuniram em 20 de janeiro de 1674 na sala dos Tudescos do paço da Ribeira. O braço da nobreza reuniu separadamente, no dia 22, no mosteiro de Santo Eloy para eleger os trinta *na fórma costumada;* e eleitos os trinta, passaram a ter as suas sessões ás segundas, quartas e sextas feiras em S. Roque, na capella de N. S. do Populo. Foi na 12.ª sessão, segunda feira 22 de março, que se discutiu a questão da canonisação de Nun'alvares.

Por decreto de 17 de julho foram as côrtes dissolvidas e o braço da nobreza encerrou as suas sessões no dia 20, conforme consta do livro original ms. das actas respectivas, lavradas por D. João Mascarenhas, fol. de 153 folhas (1) (numeradas, porém, só até 60) do qual extractamos em seguida o que se refere ao assumpto d'este appendice.

Continuando o mesmo Congresso se leo hum papel do R.^{mo} P. M. Fr. Joseph de Alancastro, vigario geral da ordem de N. S. do Monte do Carmo, sobre a canonisação do Condestavel D. Nuno Alvarez Pereira que he o que se segue.

Logo que esteve por minha conta o governo d'esta provincia de N. Snra do Carmo que a este reino trouxe o Condestavel Dom Nuno Avarez Pereira, (2) me persuady que pela mesma corria procurar a sua mayor exaltassão: porque deixando duas familias este insigne varão, hũa real (3) que illustrou o mundo, foi outra religiosa que triumphando do mesmo mundo, se fez gloriosa no céo, elegendo a sy o infimo e ultimo lugar em esta mesma provincia de que foi fundador, em este mesmo convento, que com tanta sumptuosidade fabricou com que nos poz aos descendentes de sua eleição, e a estes filhos, e irmaons, que com tanta liberalidade beneficiou, e honrrou, em vida com sua companhia, e enriqueceu em morto com o thesouro de seu sancto corpo, em o mayor empenho de lhe procurar aquellas glorias a que só suas se encaminharão.

Declarou Deus quam aceitas lhe forão e nas muitas e admiraveis maravilhas que obrou por este seu servo, a cuja sepultura concorrerão muitos annos os fieis com grande frequencia vallendose da sua intercessão para com Deos em os seus mayores trabalhos e mais apertadas necessidades, e Nosso Senhor mostrou quam eficax era a de tão grande medianeiro em os prodigios com que (o) honrrou. Consta das chronicas antigas, e manuscriptos authenticos haver resuscitado onze mortos, e que conseguirão saude innumeraveis infermos de differentes infermidades sem esperança alguma de a poderem adquirir por meyos humanos, e de muytas appariçoens, com que exhortou a melhorarem de vida e apartarem-se dos precipicios a que caminhavão muitos com roina de suas almas.

Muito mayor e muito mais efficax argumento da santidade d'este esclarecido varão temos nas virtudes com que se exercitou, e que nelle resplandecerão; porque a dos sanctos

---

(1) Na livraria do A.

(2) Não é exacto: a ordem extstia já e foi da casa de Moura que Nun'alvares trouxe o pessoal para o seu convento.

(3) A canonisação era tambem um acto de cortezania.

são seus mayores milagres a doutrina e muito serta que não devemos admirarmos tanto de suas obras milagrosas que das virtuosas; porque muito mayor cousa he que resuscitar hum morto e viver hum morto ao mundo: muito mais que dar vista a cegos o conheserse a sy mesmo: e mais que pizar viboras e mandar aos demonios omilharce a todos e soffrer com paciencia as injurias.

Em o exercicio das virtudes he que o conde sancto se mostrou muito mais milagroso, he na omildade que era verdadeiro discipulo da escolla de Christo. He esta virtude fundamento das demais e tão supprema que com particularidade se chama virtude de Christo Senhor Nosso, assy porque os philosophos e sabios do mundo a ignorarão, e foi necessario que o mesmo Senhor com o seu exemplo nola viesse ensinar do ceo á terra, como tão bem porque como Mestre que he nosso nos exhorta a que aprendamos delle; Com tanta perfeição seguio esta doutrina o conde sancto, que auendo renunciado a Pompa e grandezas que logrou no mundo, não forão bastantes as instancias do Prouincial que então era desta provincia para que recebesse o abitto para o Estado de sacerdote; e athe para o de frade leigo se achou indigno, nem forão efficazes muitas e muy apertadas persuaçoens para o desuadir a que deixace receber o de donatto no qual estado viveo entre nos muitos annos neste convento, e nelle acabou sua exemplar e admiravel vida.

Ao passo de sua humildade e ispirito forão as demais virtudes, filha da humildade é a pobreza, e ambas tão parecidas que mal se podem distinguir; e o mesmo enleyo nos fica; em qualquer destas virtudes resplandeceo esse ensigne varão mais; que de sy mesmo tinha tão baixo conseito que se persuadia não merecer huma pobre prisão, em a mesma provincia que tinha fundado e em hum convento que fabricou tão generosamente e com tão larga mão dottou, rezolueu-se a mendigar pelos terseiros digo fieis o seu sustento, e para dissuadir desta rezolução Elrey Dom Duarte e os Infantes seus Irmãos lhe assinalarão esmolla com que se sustentasse.

Na orbediencia foi admiravel, e não menos na caridade com os proximos, que exercitou ainda com os rendidos, quando governava as armas, deixando só para sua pessoa a crueldade e com esta tratou a seu corpo como quem o reconhecia por seu mayor inimigo; em hum oratorio que ainda se conserva nesta nossa serca deixou os sinais dos rios de sangue que derramou com as continuas e asperas disciplinas.

A pureza foi tal que parece excedia a natureza humana, obrigado dos reis se casou e enviuvando de 22 para 23 annos (1) ficando-lhe só huma filha para succeder em seus grandes estados e propondo-lhe de novo as pessoas Reaes muito altos cazamentos não forão bastantes as mais apertadas instancias para que mudasse de estado; nunca delle se soube nem antes nem depois de cazado que conhecesse outra molher, era tão rara sua honestidade que so o vello empunha, e cauzana modestia, foi muy zelloso de euitar todas as occazioens em que Deos pudesse ser offendido nesta materia; Nas prassas que ganhaua, mayor cuidado punha na goarda da honra e honestidade das donzellas que na seguranssa das mesmas prassas. (2)

Teve muy sobrenatural deuoção ao S.mo Sacramento e á Virgem nossa Senhora e ainda na campanha lhe celebraua com grande solemnidade as suas festas; A quem tanto se exercitou todas as virtudes, não he muito que o Senhor o haja regallado e enrriquecido com diuinos doens; Entre os quais foi muy principal, e como fonte manancial dos demais a deuoção e oração, e com o continuo uso desta veyo a fazer hum habitto de achar a Deos em todas as cousas, de maneira que parece lhe seruiam de oratorio todos os lugares, e as mayores occupações de recolhimento, em materia para a mesma oração; em campanha e entre o estrondo das armas como em o logar mais retirado; em a occasião da batalha de Aljubarrota quando os nossos estauão no mayor cuidado, o foram achar de giolhos com as

---

(1) D. Leonor de Alvim morreu em dezembro de 1387: Nun'alvares tinha pois 27 annos e meio. O provincial enganava-se em cinco annos.

(2) O provincial exagera sacrificando o capitão ao frade. Não é necessario tal excesso, que diminue a figura do heroe.

mãos alevantadas e lhes asigurou que ainda não era tempo, (') e os animou a por em Deos toda a confiança com que parece que negociaua e consultaua as enprezas que o bem acreditou o serem ellas tão admiraueis, e tão gloriosos os triumfos que alcansou para este reino.

E em reconhecimento da minha obrigação todas estas razões tenho representado em a Curia de Roma donde me auizão que a primeira e mais efficax diligencia para se conseguir o fim que se pretende he a de cartas dos tres estados do Reino que acompanhem a de S. A. que Deos Guarde em que se pessa a Sua Santidade conceda as letras remensoriaes por que se cometem as informações juridicas a tres Bispos, e que este he o primeiro passo dos muy lentos que a Igreja costuma dar em as beatificações.

Da piedade e zello da Nobreza deste Reino confio que estimará a occasião de poder dar muitos em a do Conde Santo pela vantagem que resultará ao mesmo Reino de recorrer, como a gloriozo entersessor em o ceo ao que foi seu felicissimo deffensor em a terra; e com muita razão deue esperar o estado da esclarecida Nobreza ter por este obsequio o premio de muitos auxillios, para que do que seguio o exemplo em o zello da deffenção da patria, e do vallor com que offereceo por ella a uida, e derramou o sangue, conçiga a immitação nas victorias das proprias paixões que são os mais importantes e mais gloriosos triumphos.

Pello que por meyo de V. Ex.ª recorro ao esclarecido Congresso da Nobreza pedindolhe o seu amparo e protecção em huma cauza tão pia e que queirão a favor della darme carta para S. Santidade e passa a minha confiança a pedirlhe outra tambem a favor de similhante pertenção do nosso Veneravel Padre Fr. Esteuão da purificação (cujos prosessos ha annos que estão em Roma) e ainda viuirão nas Memorias de muitos as mercês que receberão de Deos snas cazas por meyo d'este sancto varão, e não he pequeno credito o que rezulta a este Reino em haver nelle muitos que estejão em predicamento da See aquella os declarar e escreuer em o catalogo dos sanctos.

E por ultimo digo a V. Ex.ª que estas cartas não são occazião de despeza proxima mas muy precizas e necessarias para em algum tempo se tratar das cauzas destes seruos de Deos, todas se goardão em o archivo da sagrada congregação *de ritibus;* e vem a importar muito a continuação e efficacia dellas, a pessoa de V. Ex.ª guarde Deos como desejo.

Carmo de Lisboa, 6 de março de 1674.

Mayor seruidor de V. Ex.ª

Fr. Joseph de Lancastro.

E voltando-se sobre o contheudo nelle foi de parecer

Ruy de Moura Telles que a proposta bastaua por canonisação, que se deuia representar a S. A. e padirlhe mandasse assestir em Roma a este Requerimento, escrevendo ao Papa, e dando-nos licensa para que por este Brasso se escreua como se pede;

O conde de Val de Reis que em todas as naçoens forão sempre de grande gloria os santos que se canonizarão, sendo de qualquer qualidade, quanto mais a de hum Principe de que descendem os gloriosos Reys deste Reino e os mais da Christandade, que se pessa a S. A. assestir a este negocio e que nos dê licença para que escreuamos a carta que se nos pede;

O conde de Villaverde que em todas as materias pias deue concorrer a nobreza particularmente que se reprezente a S. A. para escreuer ao Pontifice: e que tambem escreua este Braço como lhe pareceo no negocio dos Bispos, e que se faça todo o esforço com Roma pelo conseguir;

O marques de Gouuea que conuem nestas cartas de muito mà uontade e que se diga ao Padre Fr. Joseph que deue fazer esta proposta a S. A;

(') Referencia errada. Esse episodio refere-se á batalha de Valverde e não á de Aljubarrota.

O Bisconde de Villanoua, conde de Monsanto, e Francisco Barreto que sobre o que S. A. mandou convocar estas cortes, temos satisfeito pela nossa parte, como satisfaremos a tudo mais que nos quizer mandar, e que assy não auia inconveniente para se tratarem os negocios que se offeresessem do bem deste Reino, e gloria da nação, como he este da canonização do Conde Santo Dom Nunno Alvarez Pereira; que se pessa a S. A. para como o primeiro descendente seu empenharce neste negocio e darnos licença para escrever ao Papa, porque quantas mais forem as cartas, tanto mais se calificará a virtude deste memoravel varão, e que tambem se escreva sobre o outro sancto;

O Conde de Villar Mayor que ainda que este negocio he muito pio e a denoção livre, que pode succeder que tomemos o tempo aos Braços para a concluzão dos mais negocios se os embarassarmos com este; que ajustados e concluidos se tratara delle;

O conde de S. Vicente que se dê a carta porque lhe não parese que se encontra a direcção dos outros negocios, e que se pessa a S. A. que escreva e assista como deve e se propoem;

O marques das Minas e o conde da Castanheira que em nenhum cazo vottarião que os Brassos escrevessem ao Papa nem a outros Principes, que a canonização do Conde he muito boa, porem não convem empenhar nem divertir com estas migalharias, que ajustadas as contribuições e as mais materias ficará tempo largo para se tratar desta;

O conde de Villa Flor que se dê a carta fazendosse presente a S. A;

O conde do Sabugal que lhe parece este Congresso mais Consilio Tridentino que acto de Cortes, que teme que se tratarmos desta canonização que se hão de querer pôr no altar os vivos e os mortos, e que aos seus joelhos, como offendidos de gotta, não conveem tantas adorações;

O Monteiro Mor que se faça consulta a S. A. com este papel e se lhe pessa mande reforssar mais as diligencias em Roma para que se consiga;

P. Jacques de Magalhães que se pessa licença a S. A. e se escreva a carta;

O conde de Vimioso que lhe paresse muito digna deste congresso a lembrança que se lhe faz por parte do Padre Fr. Joseph, mas que se deixe para despois de ajustado o negocio da Inquisição porque será de grande gloria accidental para o conde Dom Nuno Alvarez que se consiga primeiro o pertence à fee;

O marques de Fontes que lhe não parece que podemos escrever a carta, mas que se pessa a S. A. mande assestir com toda a legacia para que se conciga esta canonização.

Tristão da Cunha que todos os que escrevem das Juntas, dos Parlamentos e das Cortes assentão que não só tem as jurisdiçoens de Conselheiros mas ainda a de Juizes que podem e devem conheser de todas as couzas uteis e importantes ao bem da Republica, e que sendo doutrina recebida e aprouada, devemos procurar tudo o que convenha a bem do Reino, e de S. A. e do serviço de Deus principalmente, e que se deve pedir licensa a S. A. para escrever esta carta, e as mais escreua;

Ruy Fernandes de Almada que se de a carta e que se pessa a S. A. para concorrer com as diligencias mais importantes para que se consiga a canonização do Conde D. Nuno Alvarez;

O conde de Atalaya que pessamos a S. A. mande assestir a este negocio com todo o empenho que for possivel porque não temos a vellocidade (?) para dar cartas de favor;

O duque do Cadaval que se deve agradecer ao Padre Fr. Joseph de Alancastro o zello deste negocio que he muito conforme a sua qualidade e virtude, que S. A. encommenda aos seus ministros nas suas instruçoens esta mesma canonisação e que se lhe pessa as repita escrevendo de novo ao Pontifice com a instancia que nestas cortes fazem os tres Braços dellas.

O marques de Fronteira (1) que este negocio he muy proprio do concurço de todo o Reino e muito em particular do estado da Nobreza, e que tem por hum grande misterio que quando se trata da segurança e defença da Monarchia se attenda á canonização do conde Dom Nuno Alvarez Pereira tão grande deffensor della, que convirá muito que S. A.

(1) Tinha sido eleito presidente do braço da nobreza.

mande que nestas Cortes se tratte por assento que o Reino hade concorrer para a despeza deste negocio, e que pellas rendas da Caza de Bragança se nos faça exemplo aplicando alguma concinação que renda para este effeito e que ajustado por este modo o encarregue S. A. ao Padre Me. Fr. Joseph de Alencastro para que com o titulo de seu ministro e em nome de todo o Reino vá a Roma com esta deligencia d'onde pela grande authoridade que tem com o Pontifice, pelas grandes virtudes e calidades por que he venerado naquella corte não (só) conseguirá felizmente esta pretenção, mas ainda poderá ser util para S. A. para outros negocios de seu serviço.

E sendo assim votada, se venceo por maioria de votos que se representasse a S. A. a proposta referida do Padre Me. Fr. Joseph de Alencastro e se lhe pedisse fosse servido fazer neste negocio todo o empenho para que se conseguisse, e que se dece licensa a este Brasso para que em nome da Nobreza do Reino possa escrever ao Papa na forma que se apontta na dita Proposta de que fiz este assento que todos assignarão. S. Roque em 12 de Março de 1674. — Dom João Mascarenhas.

O marquez Camareiro Mor; Ruy de Moura; o conde de Val de Reis; o Monteiro Mor; o conde do Vimiozo; o conde da Castanheira; o marquez das Minas; o visconde, general da Armada; o conde de Villa Verde; o conde de Villa Flor; Francisco Barreto; Alexandre de Sousa; o conde de Monsanto; o conde de Atalaya.

INDICE

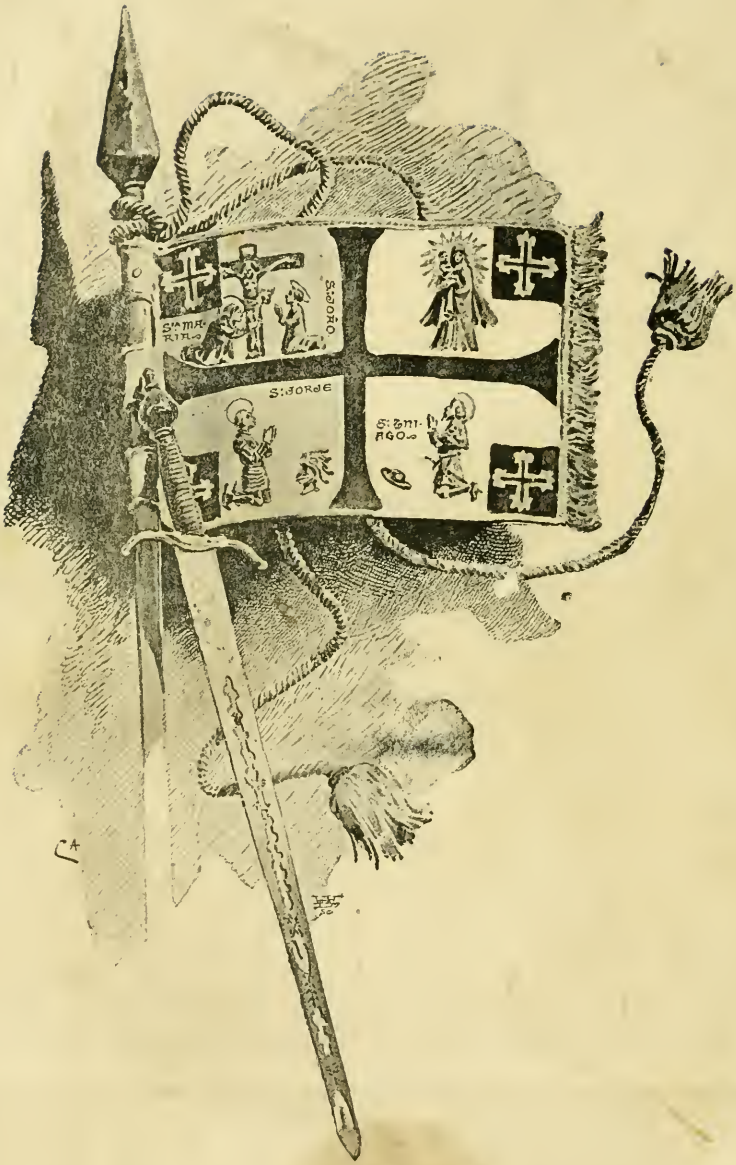
		Pag.
Advertencia		
Capitulo	I — O prior do Hospital	1
»	II — O fim da dynastia	39
»	III — O Messias de Lisboa	87
»	IV — A guerra	135
»	V — O throno de Aviz	201
»	VI — Aljubarrota	243
»	VII — Valverde	295
»	VIII — Os inglezes	313
»	IX — A sociedade nova	347
»	X — O Santo Condestavel	391
»	XI — Fr. Nuno de Santa-Maria	417
Appendices :	A. — Chronologia	451
»	B. — Bibliographia	464
»	C. — A canonisação do Condestavel	465

GRAVURAS

1	Retrato de Nun'alvares	x
2	Sello de Leonor Telles	36
3	Traçado das muralhas de Lisboa	38
4	Capacete e espada de D. João I	51
5	Vista do Assumar	70
6	O castello de Palmella	84
7	Retrato de D. João I	86
8	Pintura mural em Villa-Viçosa	93
9	Antigos paços do Castello	112
10	Torre de Beja	131
11	Cerco de Lisboa em 1384	134
12	Castello de Arrayolos	174
13	Pateo das Escolas geraes	196
14	Sello de Lisboa	198
15	Vista de Coimbra	209
16	O Arco de Almedina	240
17	A batalha de Aljubarrota	242
18	Castello de Porto-de-Moz	258
19	Ermida de S. Jorge	276

20 A pá de Aljubarrota 280
21 O caldeirão de Alcobaça 292
22 Estandarte do Condestavel 294
23 Affonso Domingues, na Batalha 310
24 Vista de Santarem 312
25 id. de Chaves 318
26 id. de Monção 327
27 id. de Guimarães 344
28 id. de Lisboa 346
29 Tumulo de João das Regras 388
30 Convento do Carmo, (fachada do poente) 390
31 Solar de Barcellos 395
32 Ex-voto de Guimarães 398
33 Convento do Carmo (fachada do nascente) 414
34 Retrato de fr. Nuno 416
35 Tumulo de Nun'alvares 447

Typographia e stereotypia moderna, Apostolos, 11. — Lisboa


S:JOÃO
S:JORJE

Oliveira Martins, Joaquim Pedro

198793

Oliveira Martins, Joaquim
Pedro
A vida de Nun'Alvares

198793

Bot. 11/6/54 Libreria de Callejon,
45.25.